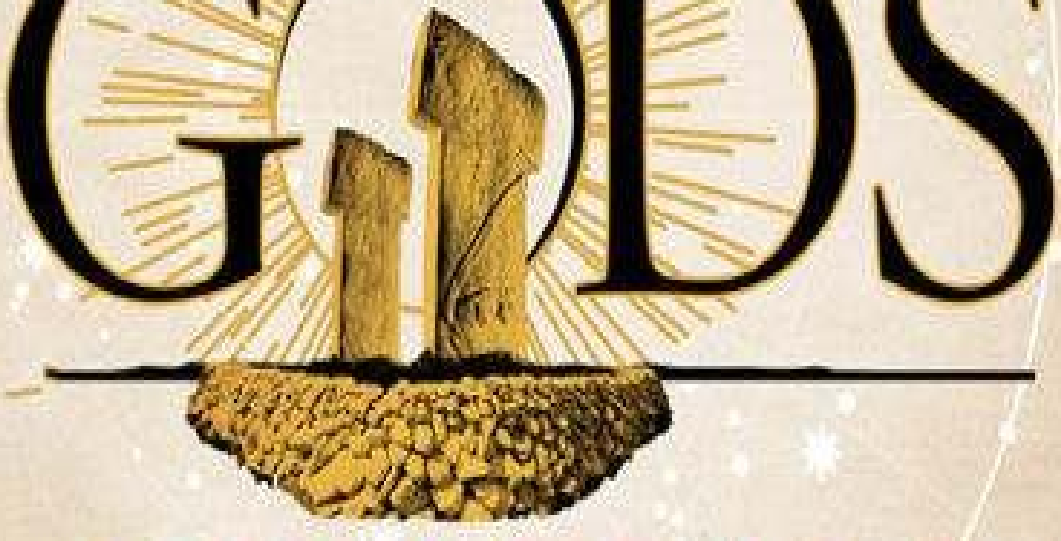
THE FORGOTTEN WISDOM OF EARTH'S LOST CIVILIZATION

MAGICIANS OF THE GODS



GRAHAM HANCOCK

BESTSELLING AUTHOR
FINGERPRINTS OF THE GODS

GRAHAM HA BCOCK

Magos dos Deuses

Os esquecidos Wisctonz da
da civilização mais antiga da Terra

Thomas Dunne Books St. Martin's Press New York

Início da leitura

Índice Sobre o autor

Fotos

Página de direitos autorais

Obrigado por comprar este
ebook da St. Martin's Press.

Para receber ofertas especiais, conteúdo bônus e informações sobre novos lançamentos e outras leituras excelentes,
inscreva-se em nossos boletins informativos.

Ou visite-nos on-line em
us.macmillan.com/newslettersignup

Para receber atualizações por e-mail sobre o autor, clique aqui.

O autor e a editora forneceram este e-book apenas para seu uso pessoal. Você não pode tornar este e-book disponível publicamente de forma alguma. **A violação de direitos autorais é contra a lei. Se você acredita que a cópia deste e-book que está lendo infringe os direitos autorais do autor, notifique a editora em: us.macmillanusa.com/piracy.**

Para Santha, minha alma gêmea.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, meu amor e minha gratidão à fotógrafa Santha Faiia, que me honrou há vinte anos tornando-se minha esposa. Ela já tinha sua própria carreira de sucesso muito antes de me conhecer, mas gentilmente concordou em trabalhar comigo. Santha tirou a maioria das fotografias deste livro, assim como de muitos de meus livros anteriores, e me acompanhou em todas as etapas da longa jornada de *Fingerprints of the Gods* a *Magicians of the Gods*. Obrigado a vocês! Agradeço também aos nossos filhos Sean, Shanti, Ravi, Leila, Luke e Gabrielle. Enquanto eu estava escrevendo *Magicians*, nossa primeira neta, Nyla, nasceu e é um prazer recebê-la em nossa grande e turbulenta família. Agradeço também à minha mãe, Muriel Hancock, e ao meu tio, James Macaulay, e guardo em meu coração boas lembranças de meu pai, Donald Hancock, que me ensinou muito e que faleceu em 2003, após anos de apoio irrestrito ao meu trabalho.

Minha brilhante agente literária, Sonia Land, fez maravilhas e é tudo o que um grande agente deve ser. Meu editor no Reino Unido, Mark Booth, e meu editor nos Estados Unidos, Peter Wolverton, desempenharam papéis extremamente positivos no desenvolvimento de *Magicians of the Gods* e na apresentação do livro ao público da maneira certa e no momento certo.

A equipe gráfica que criou os mapas, gráficos, desenhos e diagramas para este livro foi Camron Wiltshire e Afua Richardson, com o apoio de Michael Maudlin e Samuel Parker. Meu filho Luke Hancock também forneceu vários diagramas. Cada artista é reconhecido individualmente nos créditos gráficos, mas quero **agradecê-los** coletivamente aqui por sua dedicação, talento, inteligência e trabalho árduo.

O falecido professor Klaus Schmidt, do Instituto Arqueológico Alemão, foi muito além do dever quando me mostrou Gobekli Tepe, na Turquia, em 2013. Como descobridor e escavador, Klaus possuía um conhecimento único sobre esse local tão especial, que ele generosamente compartilhou comigo durante três dias de visitas e entrevistas no local. Lamento sua morte, mas acredito que seu nome será lembrado pela história.

Fiz uma visita de pesquisa ao Líbano em 2014. Meu trabalho lá foi muito facilitado pela gentileza, boa vontade e apoio logístico no local dado por meus amigos Ramzi Najjar e Samir e Sandra Jarmakani. Após a viagem, beneficiei-me enormemente da extensa correspondência sobre Baalbek com o arqueólogo e arquiteto Daniel Lohmann. Ele foi paciente e persuasivo em seus valentes esforços para me convencer dos méritos da análise convencional.

Na Indonésia, agradecemos especialmente a Danny Hilman Natawidjaja, o escavador do sítio da pirâmide extraordinariamente antiga de Gunung Padang. Agradecemos também a seus colegas Wisnu Ariestika e Bambang Widoyko Suwargadi, que se juntaram a nós em uma extensa viagem de campo em Java, Sumatra, Flores e Sulawesi.

Nos Estados Unidos, sou particularmente grato a Randa l Carlson por suas profundas percepções sobre a geologia catastrofista e pelo conhecimento que ele compartilhou comigo durante nossa viagem de carro de Portland, Oregon, a Minneapolis, Minnesota, para estudar os efeitos sobre a terra das inundações cataclísmicas que afligiram toda essa região no final da Era Glacial. Agradeço também a Bradley Young, que
nos acompanhou na viagem e dirigiu tudo - um esforço heroico!

Sou grato a Allen West, autor correspondente entre o grande grupo de cientistas que investigam o impacto do cometa Younger Dryas. Conto a história do trabalho deles detalhadamente nos Capítulos 3 a 6, e Allen foi muito útil para garantir que eu tivesse os fatos corretos e para me oferecer mais informações sobre as implicações do cataclismo.

Agradeço também a Richard Takkou e Raymond Wiley por seus excelentes esforços como meus assistentes de pesquisa em diferentes estágios do projeto.

Muito, muito obrigado aos nossos queridos amigos Chris e Cathy Foyle por sua solidariedade e conselhos sábios.

E, por último, mas não menos importante, agradeço aos meus fiéis e solidários leitores de todo o mundo que me acompanharam por mais de vinte anos em minha busca pela civilização perdida. *Magicians of the Gods* é o mais recente destino dessa jornada e, embora seja um novo trabalho, inevitavelmente, em alguns momentos, tive de revisitar o terreno que explorei pela primeira vez em *Fingerprints of the Gods* e em meus outros livros para colocar as novas evidências que apresento aqui em seu devido contexto.

Graham Hancock
Bath, Inglaterra, setembro de 2015

Introdução

Areia

Uma casa erguida sobre a areia sempre correrá o risco de desabar.

As evidências são cada vez maiores, embora a maior parte da construção posterior seja de alta qualidade, de que o edifício do nosso passado construído por historiadores e arqueólogos está sobre alicerces defeituosos e perigosamente insalubres. Um cataclismo em nível de extinção ocorreu em nosso planeta entre 12.800 e 11.600 anos atrás. Esse evento foi global em suas consequências e afetou profundamente a humanidade. Como as evidências científicas que provam que ele aconteceu só surgiram a partir de 2007, e como suas implicações ainda não foram levadas em consideração por historiadores e arqueólogos, somos obrigados a contemplar a possibilidade de que tudo o que nos foi ensinado sobre as origens da civilização possa estar errado.

Em particular, deve ser considerada uma hipótese razoável que os mitos mundiais de uma era de ouro encerrada por um dilúvio e um incêndio sejam verdadeiros e que um episódio inteiro da história humana tenha sido apagado naqueles 1.200 anos cataclísmicos entre 12.800 e 11.600 anos atrás - um episódio não de caçadores-coletores não sofisticados, mas de civilização avançada.

Será que essa civilização, se **é** que existiu, deixou algum rastro que ainda hoje possamos identificar, apesar da passagem de tanto tempo? E, em caso afirmativo, sua perda tem algum significado real para nós?

Este livro é uma tentativa de responder a essas perguntas.

Parte I

Anomalias

Figura 1: Localização de Gobekli Tepe e seu cenário regional

Capítulo 1

"Há tanto mistério aqui..."

Göbekli Tepe é a obra mais antiga de arquitetura monumental encontrada até agora em qualquer lugar do mundo ou, pelo menos, a mais antiga aceita como tal pelos arqueólogos.

E é *enorme*.

Incrível, magnífico, numinoso e avassalador são alguns dos adjetivos que não conseguem lhe fazer justiça. Nas últimas duas horas, estive passeando pelo local com seu escavador, o professor Klaus Schmidt, e minha mente está francamente perplexa.

"Qual é a sensação", perguntei a ele, "de ser o homem que descobriu o templo que está reescrevendo a história?"

Arqueólogo alemão, rubicundo, com peito de barril e barba rala, Schmidt está vestindo jeans desbotados, uma camisa de brim azul com uma mancha de lama na manga e sandálias desgastadas nos pés descalços e sujos. Estamos em setembro de 2013, três meses antes de seu aniversário de sessenta anos e, embora nenhum de nós saiba ainda, ele estará morto em menos de um ano.

Enquanto pondera sobre minha pergunta, ele limpa uma gota de suor da cúpula brilhante de sua testa. Ainda não é o meio da manhã, mas o sol está alto aqui na região sudeste da Anatólia, na Turquia, o céu está sem nuvens e o cume das montanhas Taurus, onde estamos, está muito quente. Não há brisa, nem mesmo uma sugestão ou uma lufada de ar, e não há nenhuma sombra. Em 2014, um telhado será erguido para cobrir e proteger o local, mas em 2013 apenas as fundações estão no lugar, de modo que estamos expostos em uma passarela de madeira improvisada.

Abaixo de nós, em uma série de recintos semi-subterrâneos, mais ou menos circulares e murados, estão as dezenas de pilares megalíticos gigantes em forma de T que Schmidt e sua equipe do Instituto Arqueológico Alemão trouxeram à luz aqui. Antes de iniciarem o trabalho, o local tinha a aparência de uma colina arredondada - na verdade, "Göbekli Tepe" significa "Colina do Umbigo" [1], às vezes também traduzida como "Potbelly Hi**l**"[2]-, mas as escavações removeram a maior parte desse perfil original.

"É claro que não podemos dizer que Göbekli Tepe é exatamente um templo", responde Schmidt, obviamente escolhendo suas palavras com cuidado. "Vamos chamá-lo de santuário na colina. E não afirmo que ele esteja reescrevendo a história. Em vez disso, eu diria que ele está acrescentando um capítulo importante à história existente. Pensávamos que a transição de caçadores-coletores para agricultores era um processo lento, passo a passo, mas agora percebemos que foi um período em que foram feitos monumentos interessantes que não esperávamos."[3]

"E não apenas monumentos", pergunto. "No início, os habitantes locais eram caçadores-coletores e não havia sinal de agricultura." "Não", admite Schmidt, "nenhum". Ele faz um gesto expansivo para os círculos de pilares. "Mas as pessoas que vieram para Göbekli Tepe, e que fizeram todo esse trabalho, *inventaram* a agricultura! Portanto, vemos uma conexão entre o que aconteceu aqui e o surgimento posterior de sociedades neolíticas dependentes da agricultura."

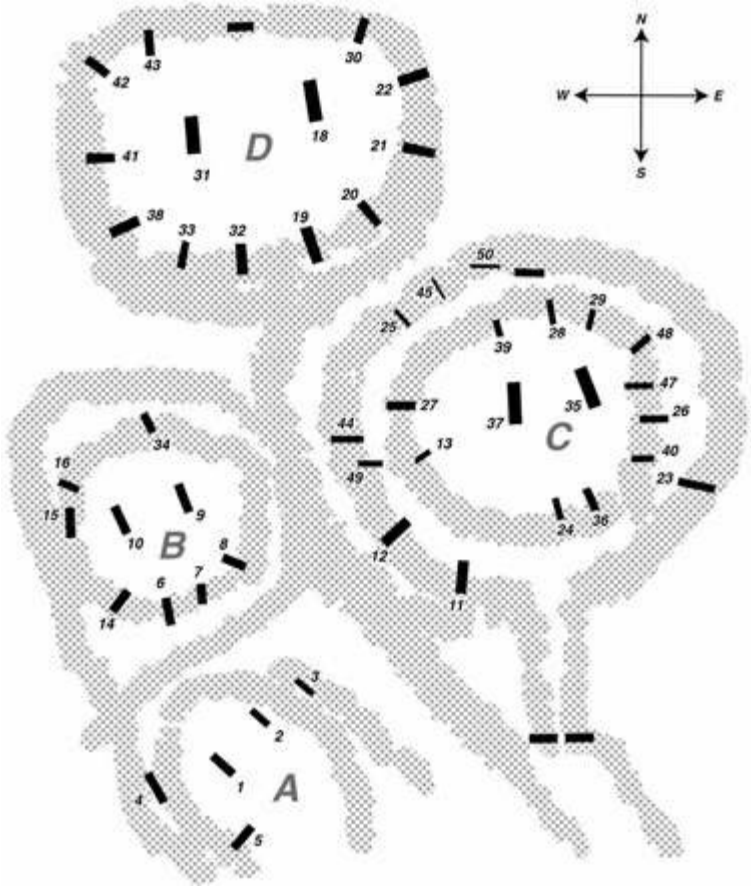


Figura 2: O grupo central de recintos escavados - A, B, C e D - em Gobekli Tepe. Todos os pilares foram numerados, para facilitar a referência, pelo Instituto Arqueológico Alemão.

Minhas orelhas se aguçam com a palavra "inventado". Quero ter certeza de que estou entendendo direito. "Então", enfatizo, "você chega ao ponto de dizer que as pessoas que fizeram Göbekli Tepe *inventaram* de fato a agricultura?"

"Sim. Sim."

"Você poderia explicar melhor isso?"

"Porque nessa região temos os primeiros animais domesticados, tanto animais quanto plantas. Isso foi feito nessa região. Portanto, são as mesmas pessoas."

"E, no que lhe diz respeito, esta é a primeira - a mais antiga - agricultura do mundo?" "A primeira
do mundo. Sim."

Sinto que Schmidt está ficando impaciente com a maneira como estou investigando esse ponto, mas tenho meus motivos. As áreas de Göbekli Tepe que foram escavadas até agora têm cerca de 12.000 anos, o que as torna (de acordo com a cronologia ortodoxa) mais de 6.000 anos mais antigas do que qualquer outro sítio megalítico em qualquer lugar - sítios como Gigantiga e Mnajdra em Malta, Stonehenge e Avebury na Inglaterra ou as Pirâmides de Gizé no Egito. No entanto, todos esses sítios pertencem àquela fase da evolução da civilização humana que os arqueólogos chamam de "Neolítico" (a "Nova Idade da Pedra"), quando a agricultura e a organização da sociedade ao longo de linhas estruturadas e hierárquicas já estavam bem avançadas, permitindo o surgimento de especialistas qualificados que não precisavam produzir seu próprio alimento, pois podiam se sustentar com os excedentes gerados pelos agricultores. Göbekli Tepe, por outro lado, pertence ao final do "Paleolítico Superior", o final da "Antiga Idade da Pedra", quando se supõe que nossos ancestrais eram caçadores-coletores nômades que viviam em pequenos bandos móveis e eram incapazes de realizar tarefas que exigiam planejamento de longo prazo, divisão complexa do trabalho e habilidades gerenciais de alto nível.

Schmidt e eu estamos em um ponto da passarela que tem vista para o Recinto C e o Recinto D, onde fiquei sabendo, por meio de minha pesquisa de base, de uma imagem intrigante esculpida em um dos pilares. Pretendo pedir permissão ao arqueólogo para descer até o Recinto D para que eu possa ver essa imagem mais de perto, mas antes quero esclarecer completamente sua opinião sobre as origens da agricultura e sua relação com a arquitetura megalítica. O recinto C, o maior dos quatro fossos principais escavados até agora, é dominado por dois enormes pilares centrais, ambos quebrados. Em seu estado original, cada um deles teria mais de 6 metros de altura e pesava cerca de 20 toneladas. Inseridos na parede ao redor deles, há uma dúzia de outros pilares. Eles são um pouco menores, mas ainda assim prodigiosos. O mesmo acontece com o Recinto D - novamente um anel de pilares menores em torno de dois pilares centrais imponentes, nesse caso, ambos intactos. Seus topos em forma de T, ligeiramente inclinados para a frente, não têm características, mas ainda assim lembram assustadoramente cabeças humanas gigantes - uma impressão que é reforçada pelos contornos tênues dos braços, tortos no cotovelo, que descem pelos flancos dos pilares e terminam em mãos humanas cuidadosamente esculpidas com dedos longos.

"Tudo isso", eu digo, "os megálitos, a iconografia, a concepção geral e o layout do local... para ser sincero, parece ser um projeto tão grande quanto um lugar como Stonehenge, na Inglaterra, embora Stonehenge seja muito mais jovem. Então, como o que foi encontrado em Göbekli Tepe se encaixa em sua noção de uma sociedade de caçadores-coletores?"

"É muito mais organizado do que esperávamos", admite Schmidt. "O que podemos ver aqui são caçadores-coletores que obviamente tinham uma divisão de trabalho porque o trabalho nos megálitos é um trabalho especializado, não é para todo mundo. Eles também eram capazes de transportar essas pedras pesadas e erguê-las, o que significa que deviam ter algum conhecimento de engenharia e, mais uma vez, não esperávamos isso de caçadores-coletores. É a primeira arquitetura de fato, e é uma arquitetura em escala monumental."

"Então, se entendi bem, professor Schmidt, o senhor está dizendo que estamos no local onde tanto a arquitetura monumental quanto a agricultura foram inventadas."

"Sim, é isso mesmo."

"E ainda assim você não vê nada de realmente revolucionário nisso? Você o vê como um processo que pode se encaixar confortavelmente no quadro existente da história?"

"Sim, na história existente. Mas esse processo é muito mais empolgante do que esperávamos. Especialmente porque o que temos aqui em Göbekli Tepe pertence mais ao mundo dos caçadores-coletores do que às sociedades agrícolas. Estamos no final do período dos caçadores-coletores, mas ainda não no início do Neolítico."

"É um momento de transição, então. Um momento de cúspide. E talvez mais do que isso? O que estou entendendo de nossa conversa e do que você me mostrou do local esta manhã é a noção de que Göbekli Tepe era uma espécie de think-tank pré-histórico ou um centro de inovação, talvez sob o controle de algum tipo de elite residente. Você concorda com isso?"

"Sim, sim. Era um lugar onde as pessoas se reuniam. As pessoas se reuniam aqui e, sem dúvida, era uma plataforma para a distribuição de conhecimento e inovação."

"Incluindo o conhecimento sobre o trabalho com pedras em grande escala e o conhecimento sobre agricultura. Você se atreveria a descrever aqueles que controlavam o local e disseminavam essas ideias como uma espécie de sacerdócio?"

"Quem quer que fossem, certamente não estavam praticando um simples xamanismo. Eles eram um pouco mais como uma instituição. Então, sim, eles estavam no caminho para se tornar um sacerdócio."

"E como o Göbekli Tepe foi usado ininterruptamente por mais de mil anos, seria essa uma cultura contínua com suas próprias instituições, com as mesmas ideias e o mesmo 'sacerdócio' que continuou a administrar o local durante todo esse período?"

"Sim, mas o mais estranho é que houve um claro colapso no esforço feito com o passar dos séculos. As estruturas verdadeiramente monumentais estão nas camadas mais antigas; nas camadas mais novas, elas ficam menores e há um declínio significativo na qualidade."

"Então a mais antiga é a melhor?" "Sim, a mais antiga é a melhor."

"E você não acha isso intrigante?"

Klaus Schmidt parece quase se desculpar. "Bem, esperamos que, eventualmente**,** descubramos camadas ainda mais antigas e que nelas vejamos os mesmos primórdios que esperamos, mas que ainda não encontramos. Então, temos essa fase monumental e, mais tarde, um declínio novamente."

Ocorre-me que "esperança" é a palavra-chave no que o professor Schmidt acabou de dizer. Estamos acostumados com o fato de as coisas começarem pequenas e simples e depois progredirem - *evoluindo* - para se tornarem cada vez mais complexas e sofisticadas, portanto, isso é naturalmente o que esperamos encontrar em sítios arqueológicos. Isso perturba nossas ideias cuidadosamente estruturadas sobre como as civilizações devem se comportar, como devem amadurecer e se desenvolver, quando nos deparamos com um caso como o de Göbekli Tepe, que começa perfeito no início e depois *se desenvolve* lentamente até se tornar apenas uma pálida sombra de seu antigo eu.

Tampouco é tanto ao processo de devolução que nos opomos. Sabemos que as civilizações podem se deteriorar. Basta olhar para o Império Romano ou para o Império Britânico.

Não, o problema em Göbekli Tepe é o aparecimento imaculado e repentino, como Atena surgindo crescida e totalmente armada da testa de Zeus, do que parece ser uma civilização já experiente e tão bem-sucedida que "inventa" tanto a agricultura *quanto* a arquitetura monumental no momento aparente de seu nascimento.

A arqueologia não pode explicar isso da mesma forma que não pode explicar por que os primeiros monumentos, arte, esculturas, hieróglifos, matemática, medicina, astronomia e arquitetura do Egito Antigo são perfeitos no início, sem nenhum traço de evolução do simples para o sofisticado. E podemos muito bem perguntar sobre Göbekli Tepe, como meu amigo John Anthony West pergunta sobre o Egito Antigo:

> Como uma civilização complexa se desenvolve completamente? Observe um automóvel de 1905 e compare-o com um moderno. Não há como confundir o processo de "desenvolvimento". Mas no Egito não há parágrafos. Tudo está bem ali, no início.
>
> A resposta para o mistério é obviamente óbvia, mas, por ser repelente à forma predominante do pensamento moderno, raramente é considerada. A civilização egípcia não foi um "desenvolvimento", foi um legado.[4]

Poderia ser esse o caso, também, em Göbekli Tepe?

Klaus Schmidt não tem tempo para ideias de uma civilização perdida que foi a progenitora de todas as civilizações conhecidas mais tarde, portanto, quando o pressiono, ele reitera seu argumento de que a maior parte de Göbekli Tepe continua sem escavação. "Como eu disse", ele rosna, de forma um tanto quanto irritada, "espero que, quando chegarmos aos níveis anteriores, encontremos evidências de evolução".

Ele pode estar certo. Uma das coisas impressionantes sobre Göbekli Tepi, que já havia sido objeto de *dezoito anos* de escavação contínua quando Klaus Schmidt me mostrou o local em 2013, é que grande parte dele ainda permanece sob o solo.

Mas quanto?

"É difícil dizer", me disse Schmidt. "Fizemos um levantamento geofísico - radar de penetração no solo - e, com base nisso, podemos ver que pelo menos mais dezesseis grandes recintos ainda precisam ser escavados."

"Grandes recintos?" Eu pergunto. Aponto para os imponentes megálitos do Recinto D. "Como este?"

"Sim, como este aqui. E dezesseis é o mínimo. Em algumas áreas, nosso mapeamento geofísico não nos deu resultados completos e não podemos realmente ver o interior, mas esperamos que haja muito mais do que dezesseis. Talvez, na realidade, seja o dobro desse número. Talvez até cinquenta".

"Cinquenta!"

"Sim - cinquenta dos grandes recintos, cada recinto com quatorze ou mais piares. Mas, você sabe, não é nosso objetivo escavar tudo. Apenas uma pequena parte, porque escavação é destruição. Queremos manter a maior parte do local intocada".

É de dilatar a imaginação refletir sobre a escala do empreendimento realizado em Göbekli Tepe pelos antigos. Não apenas os círculos de piares megalíticos já escavados aqui são pelo menos 6.000 anos *mais antigos* do que qualquer outro sítio megalítico conhecido em qualquer lugar do mundo, mas também, percebo agora, Göbekli Tepe é *enorme* - *ocupando* uma área que pode vir a ser até trinta vezes maior do que a extensão máxima de um grande sítio como Stonehenge, por exemplo.

Em outras palavras, somos confrontados com uma antiguidade vasta e inexplicável, uma escala imensa e um propósito desconhecido - e tudo isso parece surgir do nada, sem nenhum contexto ou preparação óbvios, totalmente envolto em mistério.

Cercas dos gigantes

Estou acostumado com arqueólogos que fazem o sinal do mau-olhado e me dão as costas quando apareço em suas escavações. Mas o professor Schmidt é diferente. Embora saiba muito bem quem eu sou, ele permite que eu e minha esposa, a fotógrafa Santha Faiia, desçamos até o Recinto D e o exploremos. Todos os quatro recintos principais escavados até agora em Göbekli Tepe estão estritamente fora dos limites do público e sob o olhar de guardas atentos, mas há uma imagem em um dos pilares do Recinto D que eu preciso ver mais de perto do que a passarela permite - na verdade, não consigo nem vê-la da passarela -, portanto, a generosidade de espírito de Schmidt é bem-vinda.

Entramos no recinto por uma prancha que leva a uma divisória de dois metros de altura, ainda não escavada, de entulho e terra que separa os dois principais pilares centrais, um a leste e outro a oeste. Extraídos do calcário de linha cristalina muito duro da região e polidos com um acabamento impecavelmente liso, esses pilares colossais brilham em um dourado suave ao sol. Sei pelo professor Schmidt que eles

(4) As torres de pedra têm cerca de 5,5 metros (18 pés) de altura e cada uma delas pesa mais de 15 toneladas. [5]Descendo até o chão do recinto, noto que eles estão sobre plintos de pedra, cada um com cerca de 20 centímetros de altura, que foram esculpidos diretamente na rocha viva. Em uma fileira ao longo da borda frontal do plinto sob o **pilar** oriental, agachados sobre suas caudas e sem asas evidentes, sete pássaros aparentemente que não voam foram esculpidos em alto relevo.

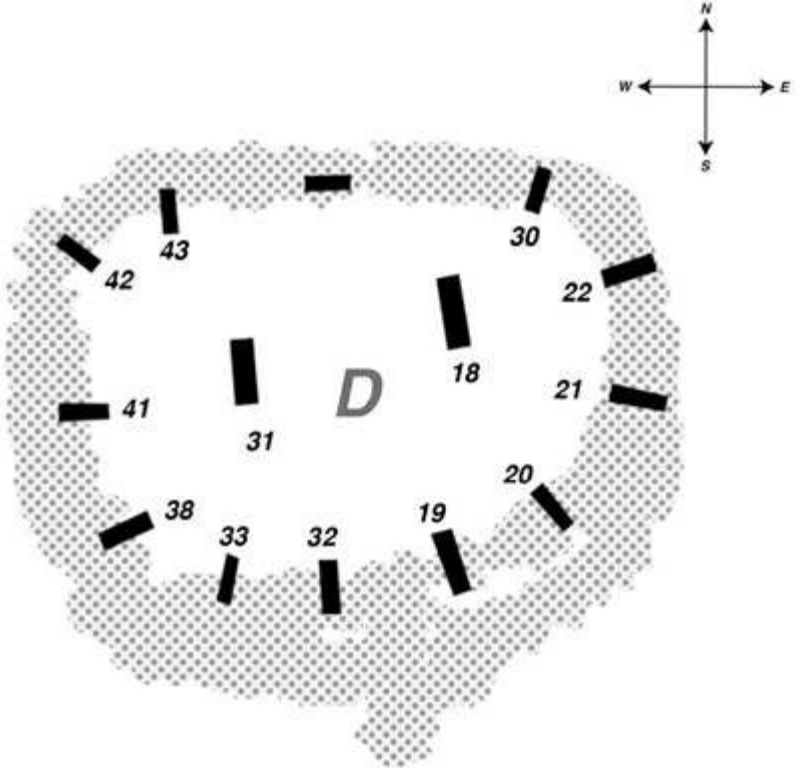


Figura 3: Disposição dos pilares no Recinto D em Gobekli Tepe. O pilar 43 é o de maior interesse.

Com sua aparência antropomórfica estilizada, realçada por suas "cabeças" angulares em forma de T, os pilares centrais pairam sobre mim como gigantes gêmeos. Embora não sejam meu alvo principal, aproveito a oportunidade para examiná-los de perto.

Suas bordas frontais, que representam o peito e a barriga, são bem finas - apenas cerca de vinte centímetros de largura - enquanto seus flancos medem um pouco mais de um metro (cerca de 4 pés) da frente para trás. Ambas as figuras, como eu havia notado da passarela, têm braços esculpidos em baixo relevo nas laterais, tortos nos cotovelos e terminando em mãos com dedos longos e finos. Esses dedos envolvem as frentes dos pilares, quase se encontrando sobre seus "be lies".

Acima das mãos, cobrindo seus "peitos", há indícios de uma vestimenta com a frente aberta. Logo abaixo das mãos, ambas as figuras também usam um cinto largo - novamente esculpido em baixo relevo - decorado com uma fivela distinta. Em ambos os casos, o que parece ser parte de uma pele de animal - que Schmidt acredita representar as patas traseiras e a cauda de uma pele de raposa [6]- é mostrado pendurado na fivela de modo a cobrir a região genital. região genital.

Ambas as figuras também usam colares. No caso da figura oriental, o colar é decorado com um motivo de disco e crescente e, no caso da figura ocidental, com uma cabeça de touro.

Além disso, ambos os pilares estão em seus pedestais exatamente da mesma maneira peculiar - não estão fixados com segurança, mas repousam precariamente em fendas de apenas 10 centímetros (4 polegadas) de profundidade. Klaus Schmidt e sua equipe os estabilizaram com suportes de madeira e eu só posso imaginar que eles também devem ter sido mantidos em pé de maneira semelhante na antiguidade - a menos, talvez, que houvesse uma estrutura sobre o recinto na qual as cabeças das figuras fossem de alguma forma fixadas. Como os construtores de Göbekli Tepe eram claramente mestres em moldar, mover e posicionar grandes megálitos, é misterioso o fato de terem optado por não cortar fendas mais profundas nas quais os piares pudessem ser montados com segurança. Deve ter havido algum propósito para isso, mas não consigo entender.

As semelhanças entre os dois pilares centrais são muitas, mas também há diferenças. Por exemplo, a figura oriental tem uma representação quase em tamanho natural de uma raposa esculpida em alto relevo em seu flanco direito, de modo que parece estar saltando para frente a partir da dobra de seu cotovelo. E enquanto o cinto do pilar ocidental não é decorado, a não ser por sua fivela, o cinto do pilar oriental tem vários adornos intrigantes, incluindo uma série de glifos como a letra romana "C" e outros como a letra romana "H". Ao estudá-los, penso que não temos como saber o que esses símbolos significavam para o povo de Göbekli Tepi, do qual estamos separados por um vasto período de mais de onze mil anos. É absurdo imaginar que eles tivessem qualquer tipo de escrita - muito menos escrita no alfabeto que usamos hoje! No entanto, há algo estranhamente moderno e proposital na maneira como esses pictogramas são usados e exibidos, e me parece que eles são mais do que meramente decorativos. Não existe nada parecido com eles em nenhum lugar do mundo da arte do Paleolítico Superior, e o mesmo se aplica às figuras de animais e pássaros. Nesse período inicial, essa combinação de megálitos e esculturas sofisticadas é totalmente única e sem precedentes.

Passo a examinar a dúzia de pilares dispostos ao redor das bordas do Recinto D, que forma mais uma elipse do que um círculo rígido, medindo aproximadamente 20 metros (65 pés) de oeste a leste e pouco mais de 14 metros (46 pés) de norte a sul. Os pilares ao redor geralmente têm cerca de metade da altura do par central e, em sua maioria, não são independentes, mas sim

embutidos na parede do recinto. A maioria, embora não todos, tem formato de T e é ricamente decorada com imagens de pássaros, insetos e animais, como se a carga da Arca de Noé tivesse sido transformada em pedra: raposas, gazelas, javalis, várias espécies de pássaros, incluindo vários grous com serpentes aos pés, muitas outras serpentes individuais e em grupos, uma aranha, um asno selvagem, gado selvagem, um leão com a cauda curvada para a frente sobre a coluna vertebral e muito mais.

Aproveitando ao máximo nosso *laissez-passer*, não tenho pressa, mas, por fim, no lado noroeste do recinto, chego ao pilar que eu particularmente queria ver. Para facilitar a referência, Schmidt e seus colegas numeraram todos os pilares em Göbekli Tepe, e este é "Pi lar nº 43". Sei, com base em minha pesquisa anterior, que ele tem uma grande representação de um escorpião esculpido em relevo em sua base; alguns sugeriram que poderia ser uma imagem da constelação zodiacal que hoje chamamos de Escorpião. [7]Entretanto, para minha grande decepção, a figura não está mais visível. Os arqueólogos a cobriram com entulho para protegê-la de danos, afirma Schmidt. Falo a ele sobre meu interesse em uma possível conexão astronômica, mas ele zomba disso - "Não há figuras astronômicas aqui; as conste lações do zodíaco não foram As constelações do zodíaco não foram reconhecidas até a época da Babilônia, nove mil anos depois de Göbekli Tepe", e ele se recusa terminantemente a me pedir para retirar o entulho amontoado.

Estou prestes a entrar em uma discussão com ele - há, de fato, excelentes evidências de que o zodíaco foi codificado muito antes de Göbekli Tepe[8]- quando noto um grupo de outras figuras no alto do mesmo pilar que não foram cobertas por escombros. Essas figuras incluem uma representação proeminente de um abutre com a asa estendida como um braço humano e com um disco sólido posicionado sobre esse braço, como se fosse um abutre. como se estivesse sendo sustentado ou embalado por ela. Outra característica humana do abutre, bastante diferente de qualquer outro exemplo dessa ave O mais impressionante que já vi na natureza é que ele é retratado com os "joelhos" dobrados para a frente e com pés chatos estranhamente alongados - um pouco como algumas das representações em desenho animado do personagem "Pinguim" nos antigos quadrinhos do Batman. Em outras palavras, é um teriantropo (do grego *therion*, que significa animal selvagem, e *anthropos*, que significa homem), uma criatura híbrida - parte humana e parte abutre.[9]

Acima dele, há mais pictogramas em forma de H dispostos em uma fileira entre uma série de formas de "V" vertical e invertido. Novamente há novamente há uma sensação de alguma mensagem, alguma comunicação aqui, que é impossível de interpretar. Por fim, no topo do pilar, há representações do que parecem ser três bolsas grandes - recipientes retangulares, de qualquer forma, com alças curvas. Separando-as, posicionadas sobre a frente das alças em cada caso, há três figuras - à esquerda, um pássaro com pernas longas e parecidas com as humanas, o que o caracteriza quase certamente como outro teriantropo, um quadrúpede com a cauda arqueada para frente sobre o corpo e uma salamandra.

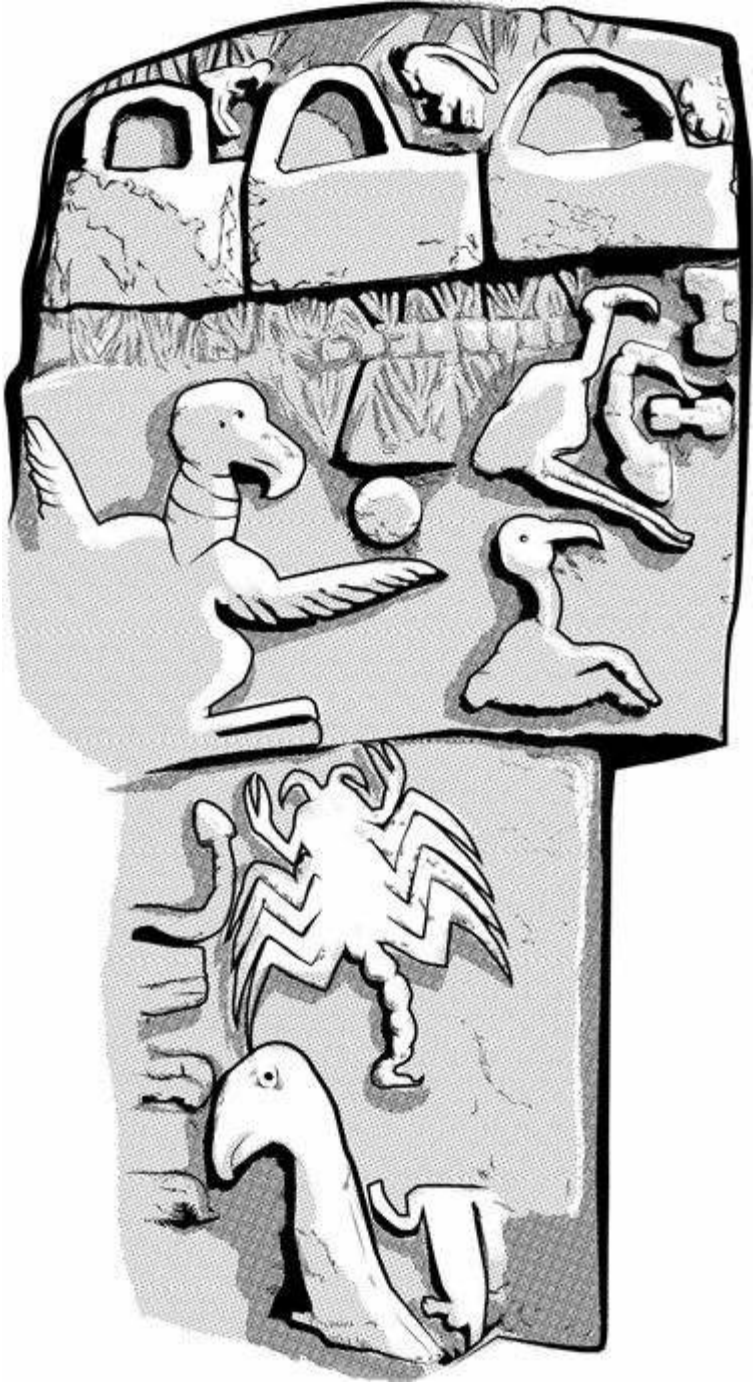


Figura 4: Pilar 43 no Recinto D. A parte inferior do pilar estava coberta por entulho no momento da minha visita, mas foi reconstruída aqui a partir de fotografias anteriores (veja a Placa 7).

Há algo de assustadoramente familiar em todo o conjunto, e tenho certeza de que já o vi - ou algo muito parecido - em algum lugar. O único problema é que não consigo me lembrar onde ou o quê! Peço a Santha que tire fotos detalhadas do pilar e, quando ela termina, Schmidt sugere que o acompanhemos a uma parte diferente do local, algumas centenas de metros a noroeste, do outro lado do cume, onde ele e sua equipe têm uma escavação ativa em andamento. Esse é apenas um dos dezenas de recintos enterrados com grandes pilares que eles identificaram com o radar de penetração no solo, e o primeiro deles está sendo investigado.

Paradigmas

Enquanto caminhávamos, perguntei ao professor como e quando ele se envolveu com Göbekli Tepe. Ironicamente, considerando suas opiniões firmes sobre a evolução da arquitetura, ele teve sua grande chance porque outros arqueólogos também tinham opiniões firmes sobre o mesmo assunto! Em 1964, uma equipe conjunta da Universidade de Chicago e da Universidade de Istambul visitou a área com o objetivo específico de procurar e descobrir sítios da Idade da Pedra. No entanto, quando viram o topo de um grande pilar em forma de T saindo do chão e os restos de outros pilares de calcário quebrados que haviam sido arados por fazendeiros locais nas proximidades, eles descartaram Göbekli Tepe como irrelevante para seus interesses e foram para outro lugar.

O motivo?

A equipe americana e turca julgou que o acabamento dos pilares era fino demais - avançado demais, sofisticado demais - para ter sido produzido por caçadores-coletores da Idade da Pedra. Na opinião deles, apesar da presença de pedras trabalhadas ao lado dos fragmentos de calcário, Göbekli Tepe não passava de um cemitério medieval abandonado e, portanto, não tinha nenhum interesse pré-histórico.

A perda deles seria o ganho de Schmidt. No final da década de 1980 e início da década de 1990, ele estava envolvido em outro projeto na Turquia - a escavação de um sítio neolítico primitivo chamado Nevali Cori, que logo seria inundado pelas águas da Represa Ataturk. Lá, ele e uma equipe de arqueólogos da Universidade de Heidelberg descobriram e resgataram das águas que avançavam, vários pilares de calcário em forma de T, finamente trabalhados, que foram conclusivamente datados entre 8.000 e 9.000 anos de idade. Alguns tinham braços e mãos esculpidos em relevo em suas laterais. "Assim, reconhecemos que essa região tinha algo diferente de outros locais conhecidos desse período. Nevali Cori foi o nosso primeiro indício da existência de esculturas de calcário em grande escala durante a transição das sociedades de caçadores-coletores para as primeiras comunidades agrícolas da vi **lagem**."

Um pouco mais tarde, em 1994, Schmidt encontrou o relatório da pesquisa turco-americana realizada trinta anos antes e se deparou com um único parágrafo que mencionava a presença de pedras trabalhadas ao lado de fragmentos de pilares de calcário na superfície de Göbekli Tepe. "Eu era um jovem arqueólogo", explica ele, "estava procurando meu próprio projeto e imediatamente percebi que poderia haver algo significativo aqui, talvez até mesmo outro local tão importante quanto Nevali Cori".

"O que seus antecessores não perceberam, porque pederneiras e pilares arquitetônicos não são normalmente associados na mente dos arqueólogos?"

Espero que ele entenda minha sugestão de que ele também pode estar deixando passar algo em Göbekli Tepe por causa do paradigma estabelecido, mas ele parece alheio e responde: "Sim, exatamente".

Dou uma olhada para frente. Nos últimos momentos, enquanto caminhávamos e conversávamos, nos aproximamos de uma cena de intensa atividade. Eu não tinha percebido essa cena dos quatro recintos principais porque ela estava escondida de nós pelo cume da crista, mas agora caminhamos para o norte sobre a linha da crista e estamos descendo pelo outro lado até a nova escavação, nomeada como Recinto H, que Schmidt foi inaugurado em Göbekli Tepe. [10]Lá, cinco ou seis arqueólogos alemães estão trabalhando intensamente, alguns raspando camadas de solo com espátulas ou despejando baldes de terra e pedras em peneiras, outros dirigindo os esforços de uma equipe de trinta trabalhadores turcos. O foco está em uma grande cavidade retangular. Talvez com a metade do tamanho de um campo de futebol, ela é subdividida internamente em uma dúzia de segmentos menores por paredes de terra na altura dos joelhos. Do piso desses segmentos, em vários pontos, sobressaem imensos pilares de calcário. A maioria tem formato de T, mas meu olhar foi atraído para um que tem um topo curvo e liso, marcado apenas por um **pequeno** segmento quebrado, e no qual está esculpida uma figura particularmente bela de um leão macho. Como os leões do Recinto D, sua longa cauda se estende para a frente sobre a coluna vertebral, mas o acabamento dessa peça é de uma ordem superior a tudo o que vi até agora.

"Esse é um pilar muito grande", digo a Schmidt. "Podemos dar uma olhada nele?"

Ele concorda e seguimos nosso caminho pelas escavações até chegarmos a apenas alguns metros do pilar do leão. Ele está inclinado em um ângulo contra um resquício de entulho de pedras do tamanho de um paralelepípedo e terra que claramente preenchia todo o recinto antes de os arqueólogos começarem a trabalhar aqui. Bem na borda desse segmento da escavação, a cabeça de outro pilar pode ser vista, enquanto no meio do segmento uma trincheira mais profunda foi cortada para expor o que eu acho que é o terço superior do pilar do leão - e essa trincheira também é revestida pelo mesmo entulho de pedras e terra.

Pergunto a Schmidt sobre os escombros. "Todos esses paralelepípedos", eu digo. "Como eles foram parar lá? Não parecem ser o resultado de sedimentação natural."

"Não são", ele responde. Acho que ele está parecendo um pouco presunçoso. "Elas foram colocadas lá deliberadamente."

"Deliberadamente?"

"Sim, pelos criadores de Göbekli Tepe. Depois que os megálitos foram colocados no lugar e usados por um período de duração desconhecida, cada um dos recintos foi deliberada e rapidamente enterrado. Por exemplo, o Recinto C é o mais antigo que encontramos até agora. Parece que ele foi fechado e preenchido de cima para baixo, de modo que todos os pilares foram completamente cobertos, antes que o "D", o próximo recinto na sequência, fosse feito. Essa prática de preenchimento deliberado foi uma grande vantagem para a arqueologia, pois selou efetivamente cada um dos recintos e impediu a intrusão de material orgânico posterior, o que nos permitiu ter certeza absoluta sobre a datação."

Estou pensando rapidamente enquanto Schmidt fala. A observação que ele faz sobre namoro é interessante, pelo menos por três motivos.

Em primeiro lugar, a implicação é que, em sítios megalíticos ao redor do mundo onde esse processo de "selagem" *não ocorreu*, as datas a que os arqueólogos chegaram podem ser falsamente jovens como resultado da intrusão de materiais orgânicos posteriores (que, a propósito, é o único tipo de material sujeito à datação por carbono, porque é claro que não se pode datar por carbono materiais inorgânicos como a pedra). Teoricamente, isso poderia significar que os famosos sítios megalíticos que não foram deliberadamente enterrados por seus construtores (os templos de Malta, por exemplo, ou as *taulas* de Menorca, ou os círculos de pedra de Avebury e Stonehenge, na Inglaterra) poderiam ser muito mais antigos do que se pensa atualmente.

Em segundo lugar, se a maior parte das datas em Göbekli Tepe for derivada de materiais orgânicos no aterro - um fato que mais tarde pude confirmar nos artigos publicados por Schmidt [11]- então isso nos diz apenas sobre a idade do aterro; os pilares megalíticos em si devem ter pelo menos essa idade, mas poderiam ser mais antigos, já que permaneceram no lugar antes de serem enterrados, por "um período de duração desconhecida".

Em terceiro lugar, e talvez o mais importante, *por que* o local foi aterrado? Qual poderia ser o motivo para ter todo esse trabalho de criar uma série de círculos megalíticos espetaculares para acabar enterrando-os deliberadamente de forma tão completa e eficiente que mais de 10.000 anos se passariam antes que fossem encontrados novamente?

O primeiro pensamento que me vem à mente é... cápsula do tempo - que Göbekli Tepe foi criado para transmitir uma mensagem de algum tipo para o futuro e enterrado para que sua mensagem pudesse ser mantida intacta e escondida por milênios. É um pensamento que voltará a me assombrar muitas vezes à medida que eu continuar minha investigação, mas mais um ano inteiro se passará antes que ele se concretize, como veremos nos próximos capítulos. Enquanto isso, quando faço a pergunta a Klaus Schmidt, ele oferece uma explicação completamente diferente para o enterro deliberado dos círculos de pilares.

"Em minha opinião, esse era o programa deles", diz ele. "Eles fizeram os recintos para serem enterrados."

"Feitos para serem enterrados?" Estou intrigado. Estou esperando que ele diga "como uma cápsula do tempo", mas, em vez disso, ele responde: "Como, por exemplo, os cemitérios megalíticos da Europa Ocidental - construções enormes e um monte em cima".

"Mas eles servem para enterrar corpos. Há alguma evidência de sepultamento de corpos aqui?"

"Ainda não temos sepultamentos. Temos alguns fragmentos de ossos humanos misturados com ossos de animais dentro do material de preenchimento, mas nenhum sepultamento no momento. Esperamos encontrar alguns em breve."

"Então você acredita que Göbekli Tepe era uma necrópole?"

"Isso ainda precisa ser provado. Mas essa é a minha hipótese, sim."

"E esses fragmentos de ossos humanos que você encontrou misturados com ossos de animais no preenchimento. O que você acha deles? Sacrifício? Canibalismo?"

"Acho que não. Meu palpite é que esses ossos são evidências de algum tratamento especial dado ao corpo humano após a morte - talvez uma excarnação deliberada. Tais ritos eram praticados em vários outros locais conhecidos nessa região, que têm aproximadamente a mesma idade. Para mim, a presença de ossos humanos no material de arquivamento fortalece a hipótese de que encontraremos sepultamentos primários em algum lugar de Göbekli Tepe, sepultamentos que foram abertos depois de algum tempo para a continuação de rituais muito específicos realizados com os mortos."[(12)] "Qual era, então, a função dos pilares?"

"Os pilares em forma de T são certamente antropomórficos, mas muitas vezes com animais retratados neles, talvez nos contando histórias relacionadas aos seres em forma de T. Não podemos ter certeza, é claro, mas acho que eles representam seres divinos. Não podemos ter certeza, é claro, mas acho que eles representam seres divinos."

"E mesmo quando não são em forma de T?" Aponto para o leão pi lar. "Como este aqui? Ele também tem um animal representado nele."

Schmidt dá de ombros. "Não podemos saber com certeza. Talvez nunca venhamos a saber. Há muito mistério aqui. Poderíamos escavar por cinquenta anos e ainda assim não encontraríamos todas as respostas. Estamos apenas no começo."

"Mas mesmo assim você tem algumas respostas. Você claramente tem algumas ideias. Esse pilar do leão, por exemplo. Você é capaz de dizer, pelo menos, qual é a idade dele?"

"Sinceramente, não sabemos. Quando escavarmos embaixo dela, esperamos encontrar algum material orgânico que possa ser datado por carbono. Mas até encontrarmos, não podemos ter certeza."

"Mas qual é a sua impressão com base no estilo?"

Schmidt encolhe os ombros novamente antes de admitir, um pouco a contragosto: "Parece semelhante a alguns dos piares do Recinto C."

"Quais são as mais antigas?"

"Sim, então algo dessa idade." "E isso seria o que exatamente?"

"Exatamente 9600 a.C., calibrado, é a data mais antiga que temos."

Os anos de radiocarbono e os anos civis se distanciam cada vez mais com o passar do tempo porque a quantidade do isótopo radioativo carbono-14 na atmosfera e em todos os seres vivos e *orgânicos* varia de época para época. Felizmente, os cientistas descobriram maneiras - muito complicadas para serem explicadas neste momento - de corrigir essas flutuações. O processo é **chamado** de calibração, portanto, quando Schmidt diz "9600 a.C. calibrado", ele está me fornecendo anos civis. O que "9600 a.C. calibrado" significa em 2013, quando estou falando com ele, é, portanto, 9600 anos mais os 2013 anos que se passaram desde a época de Cristo, ou seja, 11.613 anos atrás. Estou escrevendo esta frase em dezembro de 2014 e talvez você não a leia até 2016, quando a data mais antiga a que Schmidt está se referindo **será** de 11.616 anos antes do presente.

Você já entendeu a ideia.

Em outras palavras, de forma simples e em números redondos, as partes mais antigas de Göbekli Tepe que foram escavadas até agora têm pouco mais de 11.600 anos. E, apesar de todas as precauções e qualificações que ele expressou, o que Schmidt está me ensinando é que, em sua opinião informada, com base em critérios estilísticos, o leão-pi lar que estamos vendo provavelmente é pelo menos tão antigo quanto qualquer coisa escavada até agora em Göbekli Tepe.

De fato, embora ele não tenha dito isso - há pouquíssimas evidências de uma forma ou de outra -, é preciso considerar a possibilidade de que ela possa ser ainda *mais antiga*. Afinal de contas, ele já admitiu que o melhor trabalho em Göbekli Tepe é o mais antigo. É preocupante, portanto, apesar da esperança que ele expressou de que mais escavações revelem "os mesmos primórdios que esperamos, mas que ainda não encontramos", que esse primeiro

A escavação posterior, de fato, não revelou tais "pequenos começos". Pelo contrário, o que ela trouxe à luz foi um pilar megalítico maciço e soberbamente executado, com um leão rampante esculpido nele em alto relevo primoroso, que parece, pelo menos em termos estilísticos, ser extremamente antigo.

Será que, em vez dos esperados "pequenos começos" de Schmidt, as escavações posteriores só descobrirão mais do mesmo?

"Conhecemos o fim", o professor me diz com firmeza. "As camadas mais jovens em Göbekli Tepe datam de 8200 A.C.. É quando o local é abandonado para sempre. Mas ainda não sabemos o começo."

"Exceto aquela data de 9600 a.C., 11.600 anos atrás, que você tem do Recinto C. Esse é o início - pelo menos até onde você conseguiu estabelecer até agora?"

"O início da fase monumental, sim." Há um brilho nos olhos do professor. "E você sabe, 9600 a.C. é *uma data* data importante. Não é apenas um número. É o fim da Idade do Gelo. É um fenômeno global. Portanto, como isso ocorre em paralelo..."

A data em que Schmidt está dando tanta ênfase soa repentinamente em minha mente, relacionada a outras pesquisas que venho fazendo, e me sinto compelido a interromper.

"9600 A.C.! Esse não é apenas o fim da Era Glacial. É o fim do período de frio do Younger Dryas, que começa em, o quê, 10.800 a.C.?" "E termina em 9620 a.C.", continua Schmidt, "de acordo com os núcleos de gelo da Groenlândia. Então, qual é a probabilidade de ser um acidente que a A fase monumental em Göbekli Tepe começa em 9600 a.C., quando o clima do mundo inteiro deu uma guinada repentina para melhor e há uma explosão na natureza e nas possibilidades?"

Só posso concordar. Não me parece provável que tenha sido um acidente. Pelo contrário, tenho certeza de que deve haver uma conexão. Exploraremos essa conexão e o misterioso período cataclísmico que os geólogos chamam de Younger Dryas - e o que esses núcleos de gelo da Groenlândia nos dizem - na Parte II.

Enquanto isso, em 2013, encerro minha entrevista com Klaus Schmidt com alguns elogios. E, em dezembro de 2014, quando estou sentado em minha mesa analisando a transcrição da gravação que fiz em Göbekli Tepe, e sabendo que Klaus morreu de um ataque cardíaco maciço e inesperado em 20 de julho de 2014, fico feliz por ter feito isso. "Você é um homem muito humilde", eu digo. "Mas o fato é que você descobriu um local que fez com que todos nós repensássemos nossas ideias sobre o passado. Isso é algo extraordinário e acredito que seu nome, assim como o nome de Göbekli Tepe, entrará para a história."

Os portadores da civilização

Depois de deixar Göbekli Tepe em meados de setembro de 2013, fiz uma extensa viagem por toda a Turquia antes de finalmente voltar para casa.

O leão pi lar permanece em minha mente, mas o que mais me assombra é a cena do Pilar nº 43 no Recinto D - a cena que mostra o abutre com seus joelhos dobrados como os de um ser humano e sua asa que se assemelha a um braço, segurando um disco sólido.

Faço o download das fotografias de Santha em meu computador e chamo essa cena. Ela tem muitos elementos notáveis, assim como o disco. Agora percebo que ambas as asas do abutre são mostradas, a outra esticada atrás de seu corpo. À direita do abutre há uma serpente. Ela tem uma grande cabeça triangular, como todas as serpentes retratadas em Göbekli Tepe, e seu corpo está enrolado em uma curva com a cauda estendida para baixo em direção a um pictograma em forma de "H". A serpente está aninhada perto de outro pássaro grande - não um abutre, mas algo mais parecido com um íbis com um bico longo e em forma de foice. Entre ela e o abutre há ainda outro pássaro, novamente com um bico em forma de foice, mas menor, com a aparência de um pintinho.

Volto minha atenção para o disco. Não sei o que fazer com ele, mas a suposição óbvia a partir de seu formato é que ele representa o sol.

No entanto, há outra coisa que me interessa mais, se é que consigo identificar o que é - algo evocativo, algo assustadoramente familiar, sobre as imagens desse antigo pilar de Göbekli Tepe. Santha tirou centenas de fotos dele, de todos os ângulos possíveis, e eu continuo obsessivamente analisando-as, na esperança de encontrar alguma pista. O abutre... o disco... e no próximo registro, acima do abutre, aquela estranha fileira de bolsas, com suas alças curvas...

Bolsas.

Bolsas de

mão.

De repente, eu entendi. Vou até a prateleira da minha biblioteca onde guardo cópias de referência dos meus próprios livros, pego *Fingerprints of the Gods* e começo a folhear as seções de fotos. A primeira seção trata da América do Sul e o que estou procurando não está lá. Mas a segunda seção é dedicada ao México e, na quinta página, eu o encontro. É a imagem número 33 com a legenda: "Homem em escultura de serpente do sítio olmeca de La Venta". É a fotografia de Santha, tirada em 1992 ou 1993, de um impressionante relevo esculpido em uma placa de granito sólido medindo cerca de 1,2 metro (4 pés) de largura e 1,5 metro (5 pés) de altura. O relevo apresenta o que se acredita ser a representação mais antiga da divindade da América Central que os maias (uma civilização posterior aos olmecas) chamariam de *Kukulkan* ou *Gucumatz*, e que era conhecido pelos astecas, ainda mais tarde, como *Quetzalcoatl*.[13] **Todos os** três nomes significam "Serpente Emplumada" (às vezes traduzido como "Serpente Emplumada") e é essa serpente, decorada com uma proeminente crista emplumada na cabeça, que vemos aqui. Seu

Seu corpo poderoso se enrola sinuosamente em torno da borda externa do relevo, embalando a figura de um homem que é representado em uma posição sentada, como se estivesse alcançando os pedais com os pés. Em sua mão direita, ele está segurando o que descrevi na época como "um pequeno objeto em forma de balde" [14].

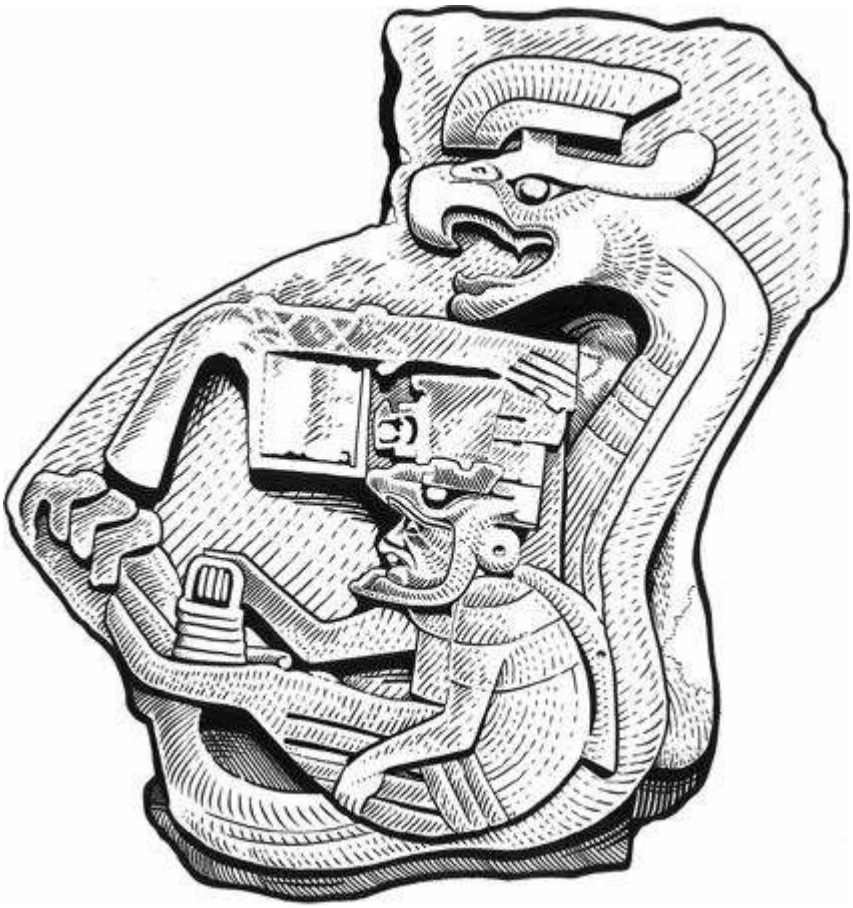


Figura 5: Escultura "Homem em Serpente" - a mais antiga representação sobrevivente da divindade centro-americana conhecida posteriormente como Quetzalcoatl.

Volto às imagens de Santha do Recinto D em Göbekli Tepe e posso confirmar imediatamente o que suspeitava. As três bolsas no pilar se assemelham muito ao objeto "em forma de balde" de La Venta, no México. A mesma alça curva está presente em ambos os casos e o perfil das "bolsas" e do "balde" - um pouco mais largo na parte inferior do que na superior - também é muito semelhante.

Se isso fosse tudo, certamente seria uma coincidência. Os arqueólogos acreditam que o relevo do "Homem em Serpente" de La Venta data do período entre os séculos X e VI a.C.[15]- cerca de nove mil anos mais novo do que as imagens de Göbekli Tepe -, portanto, como poderia haver uma conexão?

Foi então que me lembrei de uma segunda imagem curiosa que reproduzi em *Fingerprints of the Gods*. Verifico no índice o nome Oannes, abro o Capítulo Onze e encontro outra figura de um homem carregando uma bolsa ou um balde. Eu não havia notado a semelhança entre ela e "Man in Serpent" antes, mas agora ela é óbvia para mim. Embora não sejam absolutamente idênticas, as duas bolsas têm a mesma alça curva que também é retratada no pi lar de Göbekli Tepe. Rapidamente, dou uma olhada no relatório que escrevi vinte anos antes. Oannes foi um herói civilizador reverenciado por todas asculturas antigas da Mesopotâmia. Dizia-se que ele havia aparecido lá na mais remota antiguidade e que havia ensinado os habitantes:

> as **habilidades** necessárias para escrever e fazer matemática e para **todo** tipo de conhecimento: como construir cidades, fundar templos (...) fazer leis (...) determinar fronteiras e dividir terras, e também como plantar sementes e depois colher suas frutas e verduras. Em suma, [ele] ensinou aos homens todas as coisas que conduzem a uma vida civilizada.[16]

O último relato que temos de Oannes é encontrado em fragmentos remanescentes das obras de um sacerdote babilônico chamado Berossos, que escreveu no século III a.C. Felizmente, tenho uma tradução de todos os fragmentos de Berossos em um único volume na minha biblioteca, por isso, eu o desenterro junto com algumas outras fontes sobre os antigos mitos e tradições da Mesopotâmia. Não demorou muito para eu descobrir que Oannes não fazia seu trabalho sozinho, mas era supostamente o líder de um grupo de seres conhecidos como os *Sete* Apkallu - os "Sete Sábios" - que teriam vivido "antes do dilúvio" (um dilúvio global cataclísmico aparece com destaque em muitas tradições mesopotâmicas, incluindo as da Suméria, Acad, Assíria e Babilônia). Ao lado de Oannes, esses sábios são retratados como portadores da civilização que, no passado mais antigo, foram os primeiros a chegar ao mundo,

deu à humanidade um código moral, artes, artesanato e agricultura e ensinou-lhes habilidades de arquitetura, construção e engenharia.[17]

Figura 6: Oannes, um herói civilizador de antes do dilúvio, reverenciado por todas as culturas antigas da Mesopotâmia. As razões para suas roupas ou trajes estranhos - ele é frequentemente chamado de "figura com garras de peixe" - são apresentadas no Capítulo 8.

Não posso deixar de pensar que essa é uma lista que inclui **todas** as habilidades supostamente "inventadas" em Göbekli Tepe!

Posso abrir um mapa na tela do meu computador e ver que não apenas o sudeste da Turquia é geograficamente adjacente à Mesopotâmia, mas também que as duas áreas estão ligadas de uma forma ainda mais íntima e direta. Hoje ocupada em grande parte pelo moderno estado do Iraque, o antigo nome *Mesopotâmia* significa, **literalmente**, "[terra] entre rios" - os rios em questão são o Tigre e o Eufrates, que chegam ao mar no Golfo Pérsico, mas ambos têm suas cabeceiras na mesma cadeia de montanhas Taurus do sudeste da Turquia, onde Göbekli Tepe está situado.

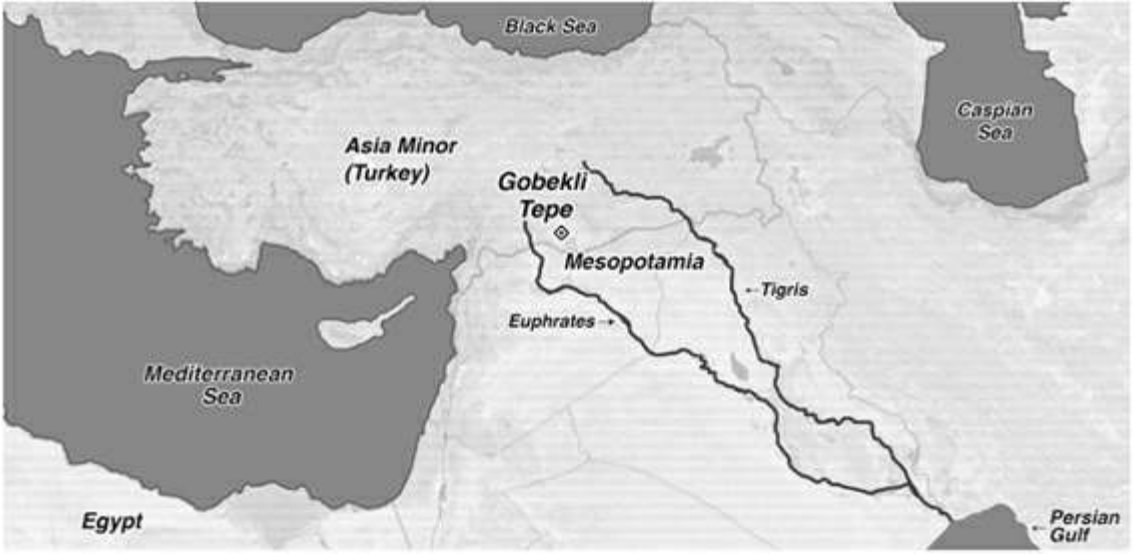


Figura 7: Localização de Gobekli Tepe em relação às cabeceiras dos rios Tigre e Eufrates da Mesopotâmia

Enquanto estou on-line, faço algumas buscas por imagens dos Sete Sábios. Não obtive muitos resultados no início, mas no momento em que mudei os termos de pesquisa para "Apkallu" e "Seven Apkallu", abri um arquivo colossal de imagens de toda a Internet, muitas delas relevos da Assíria, uma cultura que prosperou na Mesopotâmia de aproximadamente 2500 a.C. a cerca de 600 a.C. Acrescento "Assyrian Apkallu" aos parâmetros de pesquisa e ainda mais imagens inundam minha tela. Em geral, elas mostram homens barbudos segurando sacos ou baldes que se assemelham muito aos retratados no pi lar de Göbekli Tepe e ao que é segurado pela figura mexicana do "Homem com Serpente". Não se trata apenas das alças curvas desses recipientes ou de seu formato - onde a semelhança é muito maior do que no relevo original de Oannes que reproduzi em *Fingerprints of the Gods* . Ainda mais impressionante é a maneira peculiar e distinta com que as figuras da Mesopotâmia e do México seguram esses recipientes, com os dedos das mãos voltados para dentro e o polegar torto para frente sobre a alça.

Há algo mais à medida que vamos **vendo**. Boa parte das imagens mostra não um homem, mas um teriantropo - um homem-pássaro com um bico em forma de gancho exatamente igual ao bico em forma de gancho do teriantropo no pilar de Göbekli Tepe. O que torna a semelhança ainda maior é que, nos relevos da Mesopotâmia, o homem-pássaro está segurando o recipiente em uma mão e um objeto em forma de cone na outra. O formato é um pouco diferente, mas é difícil resistir a uma comparação com o disco colocado acima da asa do homem-pássaro de Göbekli Tepe.

Ainda não posso provar nada. É claro que tudo pode ser coincidência, ou posso estar imaginando ligações que não existem. Mas minha curiosidade é despertada pelos contêineres semelhantes em diferentes continentes e em diferentes épocas e, por isso, anoto uma série de perguntas que podem formar a estrutura de uma hipótese vaga para testes futuros. Por exemplo, esses contêineres (sejam eles sacos ou baldes) poderiam ser os símbolos do ofício de uma irmandade iniciática - muito viajada e profundamente antiga, com raízes que remontam à mais remota pré-história? Acredito que essa possibilidade, por mais extraordinária que possa parecer, vale a pena ser analisada e é reforçada pelas posturas distintas das mãos. Será que essas posturas não teriam servido para o mesmo tipo de função que os apertos de mão maçônicos de hoje, fornecendo um meio instantâneo de identificar quem é "de dentro" e quem não é?

Figura 8: Representações de Oannes e dos Apkallu na arte e na escultura mesopotâmicas, onde são frequentemente retratados como figuras compostas de homens-peixe ou homens-pássaro.

E qual poderia ter sido o objetivo dessa irmandade?

Curiosamente, tanto no México quanto na Mesopotâmia, onde os mitos e as tradições sobreviveram em conexão com as imagens e o simbolismo, não temos dúvidas sobre qual era o propósito. Em termos simples, era ensinar, orientar e disseminar os benefícios da civilização.

Essa, afinal, era a função explícita de Oannes e dos sábios Apka lu, que ensinaram aos habitantes da Mesopotâmia "como plantar sementes e depois colher suas frutas e legumes" - agricultura em outras palavras - e que também lhes ensinaram habilidades arquitetônicas e de engenharia, principalmente a construção de templos. Se eles precisavam aprender essas coisas, então não deviam ter conhecimento delas antes da chegada dos sábios. Em outras palavras, eles devem ter sido caçadores-coletores nômades, assim como eram os habitantes do sudeste da Turquia até a entrada repentina e surpreendente de Göbekli Tepe no cenário mundial.

Acredita-se que o mesmo tenha acontecido com os antigos habitantes do México antes da chegada de Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, que veio para ensinar a eles os benefícios da agricultura estabelecida e as habilidades necessárias para construir templos. Embora essa divindade seja frequentemente retratada como uma serpente, ela é mais frequentemente mostrada em forma humana - sendo a serpente seu símbolo e seu alter ego - e é geralmente descrito como "um homem branco alto e barbudo" [(18)] [19]. "uma pessoa misteriosa ... um homem branco com corpo robusto, testa larga, olhos grandes e uma barba rala". De fato, como Sylvanus Griswold Morley, o decano dos estudos maias, concluiu, os atributos e a história de vida de Quetzalcoatl:

> são tão humanos que não é improvável que ele possa ter sido um personagem histórico real (...) cuja memória de suas benfeitorias permaneceu após sua morte e cuja personalidade acabou sendo deificada.[20]

O mesmo poderia muito bem ser dito de Oannes - e, assim como Oannes à frente dos Apkallu (também retratado com barba proeminente), parece que Quetzalcoatl viajou com sua própria irmandade de sábios e magos. Ficamos sabendo que eles chegaram ao México "vindos do outro lado do mar em um barco que se movia sozinho, sem remos" [21]e que Quetzalcoatl era considerado "o fundador de cidades, o criador de leis e o professor do calendário". [22]O cronista espanhol do século XVI, Bernardino de Sahagun, que falava fluentemente o idioma dos astecas e teve o cuidado de registrar com precisão suas antigas tradições, nos ensina ainda que:

> Quetzalcoatl foi um grande agente civilizador que entrou no México à frente de um grupo de estrangeiros. Ele importou as artes para o país e promoveu especialmente a agricultura... Construiu casas espaçosas e elegantes e inculcou um tipo de religião que promoveu a paz.[23]

Portanto, em resumo, além de um padrão complexo de símbolos e iconografia compartilhados, Quetzalcoatl e Oannes compartilhavam a mesma missão civilizatória, que cumpriram em regiões amplamente separadas do mundo em uma época que é sempre descrita como muito distante no tempo - remota, antediluviana e envelhecida.

Poderia ter sido em uma data tão distante quanto 9600 a.C. - a época de Göbekli Tepe, onde muitos dos mesmos símbolos são encontrados e onde, embora não tenhamos lendas sobreviventes, os sinais de uma missão civilizatória na forma do súbito aparecimento da agricultura e da arquitetura monumental podem ser vistos em toda parte?

As implicações, caso eu consiga provar essa hipótese, são impressionantes. No mínimo, isso significaria que algumas pessoas ainda desconhecidas e não identificadas, em algum lugar do mundo, já dominavam **todas** as artes e atributos de uma alta civilização há mais de doze mil anos, nas profundezas da última Era Glacial, e enviaram emissários ao redor do mundo para disseminar os benefícios de seu conhecimento. Quem poderiam ser esses emissários sombrios, esses sábios, esses "Magos dos Deuses", como eu já estava começando a pensar neles? E por que havia essa conexão insistente com a data de 9600 a.C.?

Pois, como Klaus Schmidt corretamente apontou ao me mostrar Göbekli Tepe sob o sol escaldante das Montanhas Taurus, 9600 a.C. é de fato "uma data importante" - importante não apenas porque marca o fim da Era Glacial, mas também por outro motivo bastante surpreendente.

O legislador grego Sólon visitou o Egito em 600 a.C. e lá lhe foi contada uma história extraordinária pelos sacerdotes do Templo de Sais, no Delta do Nilo - uma história que acabou sendo transmitida ao seu descendente mais famoso, Platão, que, no devido tempo, a compartilhou com o mundo em seus Diálogos de Timeu e Crítias.

Trata-se, é claro, da história da grande civilização perdida chamada Atlântida, destruída por uma enchente e um terremoto em um único dia e noite terríveis, nove mil anos antes da época de Sólon.[24]

Ou, em nosso calendário, em 9600 a.C.

Capítulo 2
A montanha de luz

"Tudo o que nos foi ensinado sobre as origens da civilização pode estar errado", diz Danny Hilman Natawidjaja, PhD, geólogo sênior do Centro de Pesquisa em Geotecnologia do Instituto de Ciências da Indonésia. "Velhas histórias sobre Atlântida e outras grandes civilizações perdidas da pré-história, há muito descartadas como mitos pelos arqueólogos, parecem estar prestes a se provar verdadeiras."

Estamos em dezembro de 2013. Estamos em Cianjur Regency, a cerca de 900 metros acima do nível do mar e 70 quilômetros a oeste da cidade de Bandung, na ilha de Java, Indonésia. Estou escalando com o Dr. Natawidjaja a encosta íngreme de uma pirâmide de degraus de 110 metros de altura em meio a uma paisagem mágica de vulcões, montanhas e selvas intercaladas com arrozais e plantações de chá.

Figura 9: Impressão artística do antigo Gunung Padang. (Cortesia de Pon S. Purajatnika)

Em 1914, espalhadas entre as densas árvores e a vegetação rasteira que então cobriam o topo da pirâmide, antigas estruturas feitas pelo homem, formadas por blocos de basalto colunar, foram mostradas pela primeira vez aos arqueólogos. A população local considerava o local sagrado e o chamava de Gunung Padang, nome que ainda hoje é usado, muitas vezes traduzido erroneamente como "Campo da Montanha" por aqueles que não sabem que o idioma dessa área não é o indonésio, mas o sundanês - no qual Gunung Padang significa "Montanha da Luz" ou "Montanha da Iluminação". As estruturas foram dispostas em cinco terraços com uma área combinada de cerca de 150 metros (492 pés) de comprimento por 40 metros (131 pés) de largura. Os arqueólogos visitantes foram informados de que os terraços eram usados como local de meditação e retiro desde tempos imemoriais - e, mais uma vez, isso continua sendo verdade até hoje.

No entanto, nem os arqueólogos nem, aparentemente, os habitantes locais perceberam que a pirâmide era uma pirâmide. Acreditava-se que se tratava de um hi l natural, um pouco modificado pela atividade humana, até que Natawidjaja e sua equipe iniciaram uma pesquisa geofísica aqui em 2011, usando o solo.
radar de penetração, resistividade elétrica e tomografia sísmica. Naquela época, o cume já havia sido desmatado há muito tempo e as estruturas nos terraços foram reconhecidas como obras de arquitetura megalítica. Mas ainda não havia sido feita nenhuma datação por radiocarbono e a idade atribuída ao local

-cerca de 1000 a.C., foi baseada em suposições e não em escavações.

A primeira datação científica por radiocarbono foi feita pelo próprio Natawidjaja em materiais orgânicos nos solos subjacentes aos megálitos na superfície ou próximo a ela. As datas produzidas - em torno de 500 a 1500 a.C. - eram suficientemente próximas das suposições arqueológicas para não causar polêmica. Mas uma surpresa estava reservada quando Natawidjaja e sua equipe ampliaram a investigação usando brocas tubulares que trouxeram núcleos de terra e pedra de níveis muito mais profundos.

Primeiro, os núcleos de perfuração continham evidências - fragmentos de basalto colunar trabalhado - de que mais estruturas megalíticas feitas pelo homem estavam bem abaixo da superfície. Em segundo lugar, os materiais orgânicos trazidos à tona nos núcleos de perfuração começaram a produzir datas cada vez mais antigas - 3000 A.C. a 5.000 A.C., depois 9.600 A.C. à medida que as sondas se aprofundavam, depois cerca de 11.000 A.C., depois 15.000 A.C. e, finalmente, em profundidades de 27,5 metros (90 pés) ou mais, uma sequência surpreendente de datas de 20.000 A.C. a 22.000 A.C. e anteriores.

"Isso não era nada do que meus colegas do mundo da arqueologia esperavam ou queriam ouvir", diz Natawidjaja, um especialista de renome mundial na geologia de terremotos de megatratamento que obteve seu PhD na Cal Tech, nos Estados Unidos, e que, ao que tudo indica, considera a arqueologia uma disciplina totalmente não científica.

Um período verdadeiramente cataclísmico ...

O problema é que essas datas anteriores a 9600 a.C. nos levam às profundezas da última Idade do Gelo, quando a Indonésia não era uma série de ilhas como é hoje, mas fazia parte de um vasto continente antediluviano do sudeste asiático chamado pelos geólogos de "Sundaland".

O nível do mar estava 122 metros (400 pés) mais baixo naquela época. Enormes calotas de gelo com 3,2 quilômetros (2 milhas) de profundidade cobriam a maior parte da Europa e da América do Norte até que as calotas começaram a derreter. Então, toda a água armazenada nelas voltou para os oceanos e o nível do mar subiu, submergindo muitas partes do mundo onde os seres humanos viviam anteriormente. Assim, a Grã-Bretanha se uniu à Europa durante a Idade do Gelo (não havia o Canal da Mancha ou o Mar do Norte). Da mesma forma, não havia o Mar Vermelho, nem o Golfo Pérsico, o Sri Lanka foi unido ao sul da Índia, a Sibéria foi unida ao Alasca, a Austrália foi unida à Nova Guiné e assim por diante. Foi durante essa época de elevação do nível do mar, às vezes lenta e contínua, às vezes rápida e cataclísmica, que o continente da Idade do Gelo, Sundaland, foi submerso, sendo que apenas a Península da Malásia e as ilhas indonésias, como as conhecemos hoje, eram altas o suficiente para permanecer acima da água.

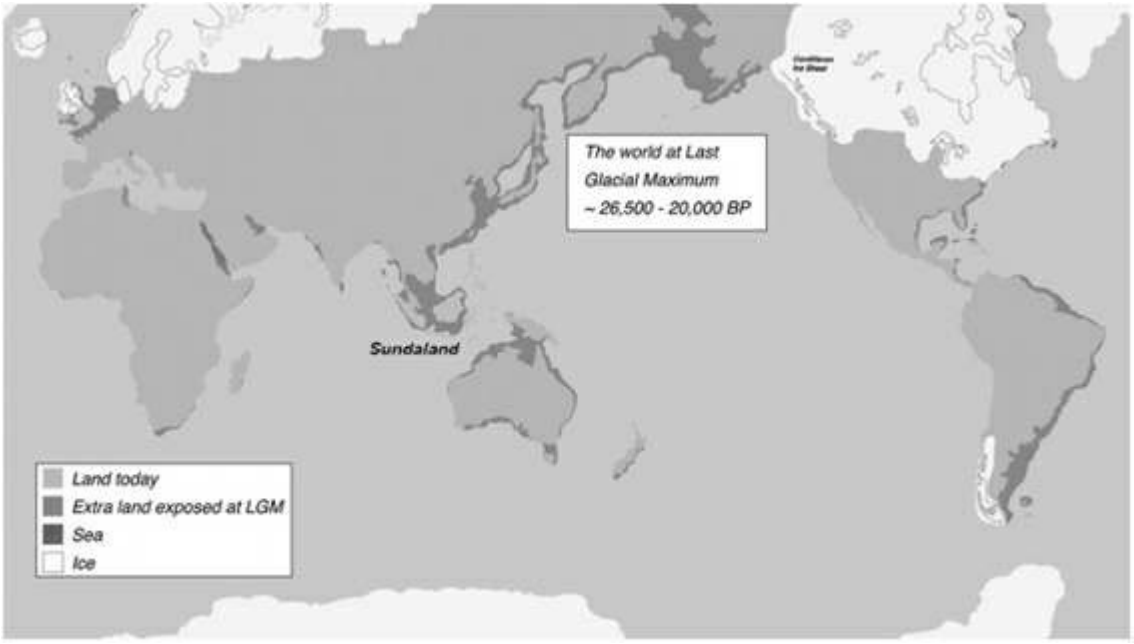


Figura 10

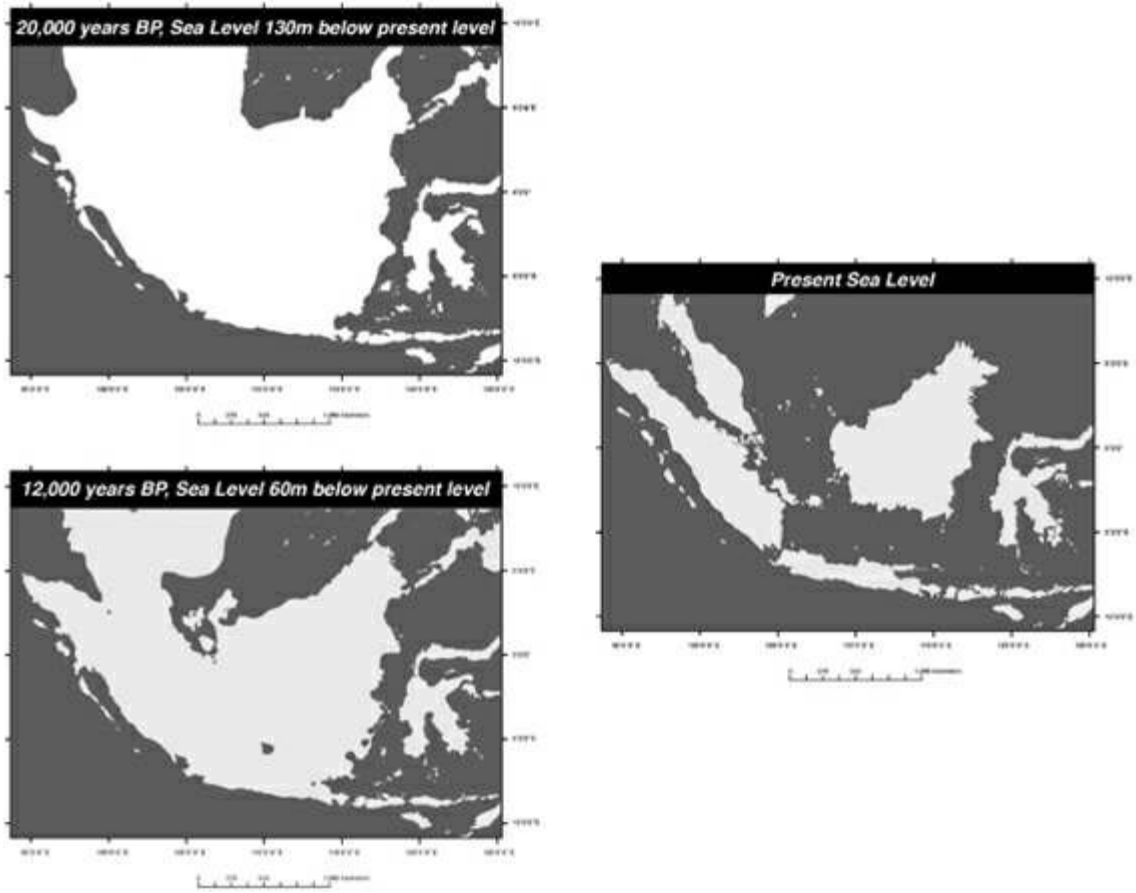


Figura 11: A inundação de Sundaland no final da última Era Glacial.

Como vimos no último capítulo, a visão arqueológica estabelecida sobre o estado da civilização humana até o final da última Era Glacial é que nossos ancestrais eram caçadores-coletores primitivos, ignorantes em relação à agricultura e incapazes de qualquer façanha arquitetônica maior do que cabanas e bivaques.

É por isso que o Göbekli Tepe, no sudeste da Turquia, é tão importante, pois quebra esse paradigma e exige uma consideração séria de uma possibilidade, antes relegada à margem lunática, de que a civilização pode ser muito mais antiga e misteriosa do que pensávamos.[1]Com a data de sua fundação atualmente fixada em 9600 a.C. ("*exatamente* 9600 a.C.", como Klaus Schmidt teve o cuidado de salientar
para mim), o Göbekli Tepe também exige que reabramos o caso frio da Atlântida, que os arqueólogos há muito tempo ridicularizam, lançando o desprezo e o escárnio
e zombaria sobre qualquer um que ousasse pronunciar a tão insultada palavra "A". Conforme observado no final do último capítulo, o filósofo grego Platão, cujos diálogos *Timeu e Crítias* contêm a mais antiga menção sobrevivente do lendário reino submerso, define a catastrófica destruição e submersão da Atlântida por enchentes e terremotos 9.000 anos antes da época de Sólon [(2), ou]seja, *exatamente* em 9600 a.C. Os gregos não poderiam saber da existência de Göbekli Tepe (muito menos que ela foi misteriosamente fundada no exato momento em que se dizia que Atlântida havia morrido). Além disso, eles não tinham acesso aos núcleos de gelo da Groenlândia que datam o fim da Idade do Gelo em 9620 a.C., apenas vinte anos antes da fundação de Göbekli Tepe, nem ao conhecimento científico moderno sobre o rápido aumento do nível do mar (muitas vezes acompanhado de terremotos cataclísmicos, pois o peso das calotas polares derretidas era removido das massas continentais) que ocorreu nesse período. Com tudo isso em mente, portanto, a data indicada por Platão é, no mínimo, uma estranha coincidência.

Na opinião de Danny Natawidjaja, entretanto, não se trata de coincidência alguma. Sua pesquisa em Gunung Padang o convenceu de que Platão estava certo sobre a existência de uma alta civilização nas profundezas da última Idade do Gelo - uma civilização que foi de fato levada a um fim cataclísmico envolvendo inundações e terremotos em uma época de grande instabilidade global entre 10.800 a.C. e 9600 a.C.

Essa época, que os geólogos chamam de "Younger Dryas", há muito tempo é reconhecida como misteriosa e tumultuada. Em 10.800 a.C., quando começou, a Terra estava saindo da Era do Gelo há cerca de 10.000 anos, as temperaturas globais estavam aumentando constantemente e as calotas polares estavam derretendo. Então, houve um retorno repentino e dramático às condições mais frias - quase tão frias quanto no auge da Era Glacial, há 21.000 anos. Esse congelamento curto e acentuado durou 1.200 anos, até 9600 a.C., quando a tendência de aquecimento foi retomada. A.C., quando a tendência de aquecimento foi retomada, as temperaturas globais voltaram a subir e as calotas polares restantes derreteram repentinamente, despejando toda a água que continham nos oceanos.

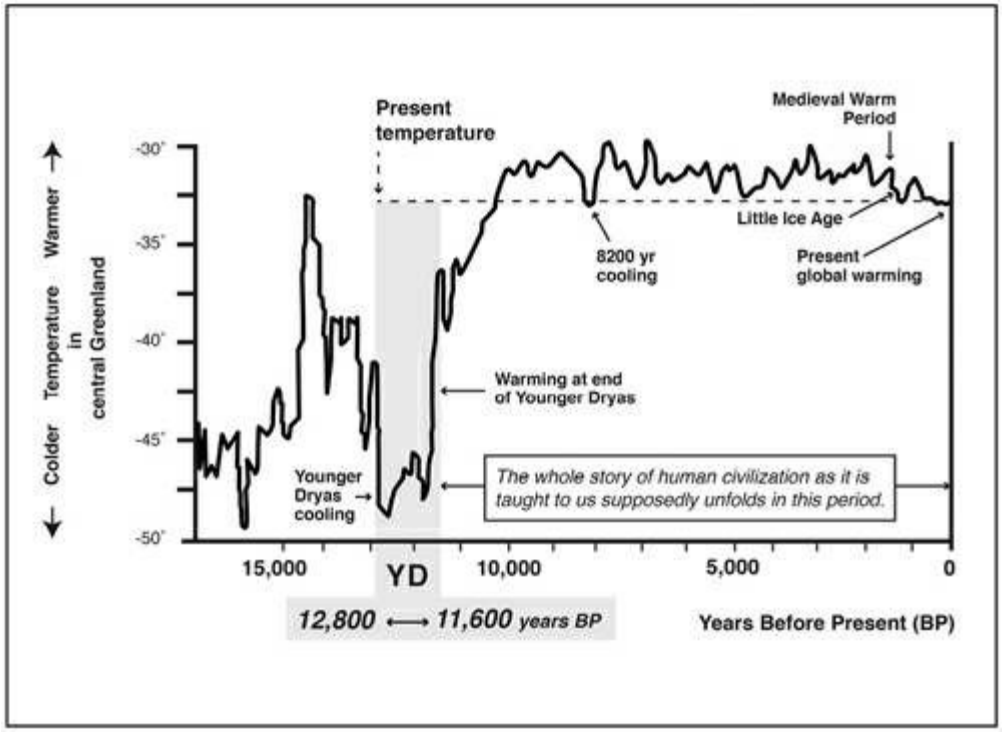


Figura 12: Toda a história humana, como nos é ensinada atualmente, segue o Younger Dryas - o misterioso período cataclísmico entre 10.800 a.C. (cerca de 12.800 anos atrás) e 9.600 a.C. (cerca de 11.600 anos atrás).

"É difícil", diz Natawidjaja, "para nós imaginar como deve ter sido a vida na Terra durante o Younger Dryas. Foi um período verdadeiramente cataclísmico de imensa instabilidade climática e condições globais terríveis, de fato aterrorizantes. Não é de surpreender que muitas espécies de animais de grande porte, como os mamutes, tenham sido extintas durante esse período exato e, é claro, isso teve efeitos enormes sobre nossos ancestrais - não apenas aqueles caçadores-coletores 'primitivos' de que os arqueólogos falam, mas também, acredito, uma alta civilização que foi apagada do registro histórico pelas convulsões do Younger Dryas."

Uma pirâmide polêmica

O que levou Natawidjaja a essa visão radical foram as evidências que ele e sua equipe descobriram em Gunung Padang. Quando os núcleos de perfuração começaram a produzir datas de carbono muito antigas a partir de materiais orgânicos incorporados em argilas que preenchiam as lacunas entre as pedras trabalhadas, eles expandiram sua investigação usando equipamentos geofísicos - radar de penetração no solo, tomografia sísmica e resistividade elétrica - para obter uma imagem do que havia sob o solo. Os resultados foram impressionantes, mostrando camadas de construção maciça usando os mesmos elementos megalíticos de basalto colunar encontrados na superfície, mas com camadas de enormes rochas basálticas abaixo delas, que se estendem até 30 metros ou mais abaixo da superfície. Nessas profundidades, as datas de carbono indicam que os megálitos foram colocados no lugar há mais de 12.000 anos e, em alguns casos, há até 24.000 anos.

O basalto colunar se forma naturalmente - a famosa Calçada dos Gigantes na Irlanda do Norte é um exemplo -, mas em Gunung Padang ele foi usado como material de construção e está disposto em uma forma nunca encontrada na natureza.

"A evidência geofísica é inequívoca", diz Natawidjaja. "Gunung Padang não é um hi l natural, mas uma pirâmide feita pelo homem e as origens da construção aqui remontam a muito antes do fim da última Era Glacial. Como o trabalho é enorme, mesmo nos níveis mais profundos, e testemunha os tipos de habilidades de construção sofisticadas que foram empregadas para construir as pirâmides do Egito ou os maiores sítios megalíticos da Europa, só posso concluir que estamos vendo o trabalho de uma civilização perdida e bastante avançada."

"Os arqueólogos não vão gostar disso", eu disse.

"Eles não gostam!" Natawidjaja concorda com um sorriso triste. "Já me meti em muita água quente com isso. Meu caso é sólido, baseado em boas evidências científicas, mas não é fácil. Estou enfrentando crenças profundamente arraigadas."

A próxima etapa será uma escavação arqueológica em grande escala. "Temos que escavar para interrogar nossos dados de sensoriamento remoto e nossas sequências de datação por carbono e confirmar ou negar o que acreditamos ter encontrado aqui", diz Natawidjaja, "mas infelizmente há muitos obstáculos em nosso caminho."

Quando pergunto o que ele quer dizer com obstáculos, ele responde que alguns arqueólogos indonésios experientes estão fazendo lobby junto ao governo de Jacarta para impedi-lo de continuar trabalhando em Gunung Padang, alegando que eles "sabem" que o local tem menos de três mil anos de idade e não veem justificativa para perturbá-lo.

"Não nego que os megálitos na superfície tenham menos de três mil anos", Natawidjaja se apressa em acrescentar, "mas sugiro

Eles foram colocados aqui porque Gunung Padang é reconhecido como um local sagrado desde tempos imemoriais. As camadas mais profundas da estrutura, com idade entre 12.000 e mais de 20.000 anos, são as mais importantes. Elas têm implicações potencialmente revolucionárias para nossa compreensão da história e acho que é vital que tenhamos permissão para investigá-las adequadamente."

Atlântida

Felizmente, houve uma intervenção presidencial decisiva em 2014 e agora posso informar que Danny (usarei seu primeiro nome daqui em diante, pois nos tornamos amigos) recebeu *carta branca* para escavar o local. Ele e sua equipe começaram a trabalhar em agosto de 2014, completando uma curta temporada no local entre agosto e outubro, mas, como mostra a experiência em Göbekli Tepe, a arqueologia meticulosa e detalhada é um processo lento e eles não esperam alcançar as camadas mais profundas até 2017 ou 2018. No entanto, quando a primeira temporada estava chegando ao fim, Danny me enviou um e-mail com uma atualização:

> O progresso da pesquisa tem sido excelente. Nas últimas duas semanas, escavamos mais três pontos bem no topo do sítio megalítico, o que fornece mais evidências e detalhes sobre as estruturas enterradas. Descobrimos muitos outros artefatos de pedra nas escavações. A existência de uma estrutura semelhante a uma pirâmide sob o sítio megalítico está agora bem clara; mesmo para os não especialistas, não é muito difícil de entender se eles vierem e virem por si mesmos. Encontramos um tipo de salão aberto enterrado em um solo de cinco a sete metros de espessura; no entanto, ainda não entramos na câmara principal. Agora, estamos perfurando até a suspeita de que a câmara principal seja a mais alta.
> localização da câmara (com base na geofísica do subsolo) no meio do sítio megalítico.[3]

Estruturas enterradas? Câmaras? Ah, sim, esqueci de mencionar isso. Entraremos em mais detalhes sobre as implicações de **tudo** isso em um capítulo posterior, mas, em resumo, o trabalho de pesquisa geofísica que Danny e sua equipe realizaram entre 2011 e 2013, implantando as mais recentes tecnologias em resistividade elétrica, tomografia sísmica, radar de penetração no solo e perfuração de núcleo, revelou não apenas construções maciças profundamente enterradas e datas de carbono muito antigas em Gunung Padang, mas também a presença de três outras câmaras ocultas e ainda não escavadas, de forma tão retilínea que é muito improvável que sejam naturais. A maior delas fica a uma profundidade entre
21,3 e 27,4 metros (70 a 90 pés) e mede aproximadamente 5,5 metros (18 pés) de altura, 13,7 metros (45 pés) de comprimento e 9,1 metros (30 pés) de largura.
(30 pés) de largura.

Poderia ser o lendário "Salão de Registros" de Atlântida? Danny colocou suas credenciais científicas impecáveis em jogo com a afirmação polêmica de que poderia ser. Ele não apenas se recusa a zombar da ideia de Atlântida, mas também escreveu um livro argumentando que a Indonésia - ou melhor, as enormes áreas da antiga "Sundaland" que foram afogadas pelo aumento do nível do mar no final da Idade do Gelo - pode
ser de fato a Atlântida.[4]

Danny e eu fizemos uma extensa viagem de pesquisa por todo o arquipélago indonésio em junho de 2014, procurando sítios megalíticos fora da trilha batida que nunca foram devidamente estudados por arqueólogos. No Capítulo Dezoito, descreverei nossas descobertas e como elas se relacionam com o mistério de Gunung Padang, mas, enquanto isso, quero relatar aqui a opinião do Dr. Robert Schoch, professor de
Geologia da Universidade de Boston, que estava comigo em dezembro de 2013 quando encontrei Danny pela primeira vez em Gunung Padang.[5]

A visão do professor Robert Schoch

Schoch é uma figura renomada, de fato notória, pelo caso que apresentou, com base em evidências geológicas rigorosas, de que a Grande Esfinge de Gizé apresenta os inconfundíveis padrões de erosão de milhares de anos de chuvas intensas. [6]Isso significa que ela deve ser muito mais antiga do que 2500 a.C. (a data ortodoxa, quando o Egito não recebia mais chuvas do que recebe hoje) e deve ter sido originalmente esculpida por volta do final do século Idade do Gelo, quando o vale do Nilo foi submetido a um longo período de intensa precipitação.

Um homem alto, corpulento e erudito, com barba cheia e cabelos rebeldes, Schoch estava em seu elemento em Gunung Padang, examinando cuidadosamente os resultados das varreduras geofísicas com Danny, coletando amostras e examinando minuciosamente o local. Depois, quando retornou aos EUA e teve tempo para analisar os dados, ele escreveu:

> A primeira observação importante é que ... Gunung Padang remonta a antes do fim da última Era Glacial, por volta de 9700 A.C. Com base nas evidências, acredito que o uso humano do local começou por volta de 14.700 a.C. Possivelmente, o uso mais antigo do local remonta a 22.000 a.C., ou até mesmo antes.
>
> Em minha avaliação, a Camada Três, cerca de 4 a 10 metros (13,1 a 32,8 pés) abaixo da superfície, inclui o período do final da última Era Glacial, por volta de 10.000 a 9500 a.C., quando ocorreram grandes mudanças climáticas, com aquecimento global dramático, aumento do nível do mar, chuvas torrenciais, aumento da atividade vulcânica e de terremotos, incêndios florestais generalizados... e outras catástrofes que ocorreram em toda a superfície da Terra... Há evidências de estruturas desmoronadas na Camada Três, possivelmente resultado dascondições tumultuadas daquela época.

Ao visitar Gunung Padang e ponderar sobre as datas e as evidências de colapso e reconstrução que podem ter ocorrido nesse local, não pude deixar de pensar em outro local importante - representando uma civilização muito antiga - que abrange o final da última Era Glacial, ou seja, Göbekli Tepe, no sudeste da Turquia... Também pensei no Egito e em meu próprio trabalho de re-datar a Grande Esfinge. O desgaste e a erosão extremos observados na proto-esfinge (a cabeça foi esculpida novamente e o monumento reutilizado durante os tempos dinásticos), causados por chuvas torrenciais, podem ter sido resultado das mudanças climáticas extremas no final da última Era Glacial.

Juntando as evidências de Gunung Padang com as derivadas de Göbekli Tepe, da Esfinge do Egito e de outros locais e linhas de dados de todo o mundo, acredito que estamos chegando mais perto de entender os tempos e eventos cataclísmicos no final da última Era Glacial. Civilizações genuínas de natureza sofisticada existiram antes de aproximadamente 9700 a.C., que foram devastadas pelos eventos que levaram ao fim da última Era Glacial.[7]

Procurando a arma fumegante ...

Seis mil anos ou mais mais antigos do que os círculos de pedra de Stonehenge, os megálitos de Göbekli Tepe, assim como os megálitos profundamente enterrados de Gunung Padang, significam que a linha do tempo da história ensinada em nossas escolas e universidades durante a maior parte dos últimos cem anos não pode mais ser mantida. Está começando a parecer que a civilização, como argumentei em meu polêmico best-seller de 1995 *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses*), seja de fato muito mais antiga e misteriosa do que pensávamos.

Em essência, o que eu propus naquele livro foi que uma civilização avançada havia sido exterminada e perdida para a história em um cataclismo global no final da última Era Glacial. Sugeri que houve sobreviventes que se estabeleceram em vários locais do mundo e tentaram transmitir seu conhecimento superior, incluindo conhecimentos de agricultura e arquitetura, a povos caçadores-coletores que também haviam sobrevivido ao cataclismo. De fato, até hoje temos populações de caçadores-coletores, no deserto de Kalahari, por exemplo, e na selva amazônica, que coexistem com nossa cultura tecnológica avançada - portanto, não devemos nos surpreender com a possibilidade de que níveis igualmente díspares de civilização tenham coexistido no passado.

O que eu não pude fazer quando escrevi *Impressões Digitais*, porque os dados não estavam disponíveis na época, foi identificar a natureza exata do cataclismo que havia exterminado minha hipotética civilização perdida. Em vez disso, especulei sobre várias causas possíveis, principalmente a teoria radical do "deslocamento da crosta terrestre" do professor Charles Hapgood, que, embora endossada por Albert Einstein,[8] desde então tem encontrado pouca aceitação entre os geólogos.

entre os geólogos. Essa ausência de uma "arma fumegante" confiável foi um dos muitos aspectos de meu argumento que foi duramente criticado por arqueólogos. No entanto, desde 2007, veio à tona uma cascata de evidências científicas que identificou a arma fumegante para mim. Isso é ainda mais intrigante porque é o trabalho de um grande grupo de cientistas convencionais com credenciais impressionantes e porque não descarta, na verdade, de certa forma reforça, o caso da instabilidade maciça da crosta que apresentei em *Fingerprints of the Gods*.

Exploraremos essas novas evidências e suas implicações impressionantes nos próximos capítulos.

Parte II

Cometa

Capítulo 3

Uma parede de água verde destruindo tudo em seu caminho ...

Será que certos mitos e tradições antigos, considerados sem valor histórico pelos estudiosos, de fato codificam lembranças precisas de uma época em que a humanidade passou por uma crise tão devastadora, tão cataclísmica e tão deslocadora que perdemos a memória de nosso verdadeiro passado? Considere este relato dos Ojibwa, um povo nativo americano:

> A estrela com a cauda longa e larga destruirá o mundo um dia, quando descer novamente. Esse é o cometa chamado Estrela Escaladora Celestial de Cauda Longa. Ele desceu aqui uma vez, há milhares de anos. Assim como o sol. Ele tinha radiação e calor ardente em sua cauda.
>
> O cometa queimou tudo até o chão. Não sobrou nada. Os povos indígenas estavam aqui antes disso acontecer, vivendo na Terra. Mas as coisas estavam erradas; muitas pessoas haviam abandonado o caminho espiritual. O Espírito Santo os avisou muito tempo antes da chegada do cometa. Os curandeiros disseram a todos que se preparassem. As coisas estavam erradas com a natureza na Terra... Então o cometa passou por aqui. Ele tinha uma cauda longa e larga e queimou tudo. Ele voou tão baixo que a cauda queimou a terra... O cometa fez um mundo diferente. Depois disso, a sobrevivência foi um trabalho árduo. O clima estava mais frio do que antes...[1]

Há outros detalhes interessantes nas várias versões desse mito contadas entre os Ojibwa e registradas pelo antropólogo Thor Conway. Por exemplo, há uma referência ao fato de o cometa ter lançado "animais gigantes... É possível encontrar seus ossos hoje na terra". Dizem que o cometa desceu e espalhou sua cauda por quilômetros e quilômetros".[2] Na época desse evento, geralmente chamado de "o primeiro incêndio de a terra", nos é dito que os ojibwa "viviam perto da borda das Terras Congeladas".[3] Também está registrado que logo após o desastre do cometa ocorreu "a primeira inundação da Terra".[4]

> Assim como a tradição ojibwa lamenta que "as coisas estavam erradas... as pessoas haviam abandonado o caminho espiritual", implicando, portanto, a existência de um sistema de controle de qualidade que não é mais possível de ser alcançado.

comportamento no desastre que se seguiu, assim também, os Brule, uma das tribos da nação Lakota, **falaram** de uma época "no mundo anterior a este", quando "as pessoas e os animais se voltaram para o mal e esqueceram sua conexão com o Criador". Em resposta, o Criador resolveu "destruir o mundo e começar de novo". Ele primeiro avisou algumas pessoas boas para fugirem para o topo das montanhas mais altas e, em seguida, enviou "ferozes pássaros-trovão para travar uma grande batalha contra os outros humanos e os animais gigantes" (novamente, como no mito Ojibwa, o relato Brule fala de animais de tamanho extraordinário).[5]

> Finalmente, no auge da batalha, os Thunderbirds repentinamente lançaram seus raios mais poderosos de uma só vez. A explosão de fogo sacudiu o mundo inteiro. Derrubando cadeias de montanhas e incendiando florestas e pradarias. As chamas saltaram para o céu em **todas as** direções, poupando apenas as poucas pessoas nos picos mais altos... Até mesmo as rochas brilharam em brasa, e os animais gigantes e as pessoas malignas queimaram onde estavam.

Agora o Criador começou a fazer o mundo de novo:

> Enquanto o Criador entoava a canção da criação, começou a chover. O Criador cantou mais alto e choveu mais forte, até que os rios transbordaram de suas margens e se espalharam pela paisagem. O Criador deu uma estocada na Terra e, com um grande terremoto, a Terra se abriu, enviando grandes torrentes por todo o mundo, até que apenas alguns picos de montanhas ficaram acima da inundação, abrigando as poucas pessoas que haviam sobrevivido... [Depois que a inundação diminuiu], quando as pessoas saíram pela terra, encontraram os ossos branqueados de os animais gigantes enterrados em rocha e lama... As pessoas ainda os encontram hoje em dia nas Badlands de Dakota.[6]

É particularmente notável, quando lembramos que uma espécie de castor gigante foi extinta na América do Norte no final da Era Glacial,[7] há um mito dos Passamaquoddy, Micmac e Malisee que fala de um ser chamado Glooscap, descrito como "um espírito, um curandeiro e um

feiticeiro", que criou os primeiros animais, entre eles o primeiro castor - uma criatura tão grande que, quando construiu uma represa, "inundou o país de horizonte a horizonte". Glooscap bateu nas costas do castor e ele encolheu até seu tamanho atual.[8]

A referência a uma inundação nessa história é uma entre centenas de mitos dos nativos americanos. Muitos deles contêm intrigantes detalhes de grande relevância para as novas informações científicas sobre eventos na América do Norte no final da Era Glacial que exploraremos nas páginas seguintes. Por exemplo, os Cowichan da Colúmbia Britânica se lembram de uma época no passado remoto em que seus videntes ficaram muito perturbados por causa de sonhos estranhos que previam destruição. Um homem disse: "Sonhei uma coisa estranha. Sonhei que caiu uma chuva tão forte que todos nós nos afogamos". Outro disse: "Sonhei que o rio subiu e inundou o lugar, e fomos **todos** destruídos". "Então Eu também", disse outro. "E eu também."[9]

Os videntes foram desacreditados por seu povo, mas mesmo assim resolveram construir uma enorme balsa com muitas canoas unidas. Pouco tempo depois de terminarem, começou a chover. As gotas eram tão grandes quanto pedras de granizo e tão pesadas que mataram os bebês. O rio subiu e todos os vales ficaram cobertos. Os videntes e os poucos amigos que acreditaram neles:

> Eles pegaram suas famílias, colocaram-nas na balsa, levaram comida e esperaram. Aos poucos, a jangada foi subindo com a água... Por fim, a chuva parou e eles sentiram as águas baixando, e a jangada repousou no topo da Montanha Cowichan... Então, viram a terra, mas que desolação se abateu sobre seus olhos! Como seus corações estavam apertados de angústia. Era indescritível.[10]

Pedras de granizo excepcionalmente grandes aparecem em um mito de cataclismo Quillayute:

> Durante dias e dias, grandes tempestades sopraram. Chuva e granizo, e depois granizo e neve caíram sobre a terra. As pedras de granizo eram tão grandes que muitas das pessoas foram levadas (...) [Os sobreviventes] ficaram magros e fracos de fome. As pedras de granizo haviam derrubado as samambaias, as camas e as bagas. O gelo bloqueou os rios, de modo que os homens não podiam pescar.[11]

Os Pima, ou "Povo do Rio", vivem atualmente no Arizona, de onde migraram na antiguidade remota, vindos de muito mais ao norte. Como no caso dos Cowichan, um vidente aparece em suas tradições de cataclismo - nesse caso, um vidente que foi avisado por uma grande águia que uma enchente estava chegando. A águia visitou o vidente quatro vezes e todas as vezes ele ignorou seus avisos. "É melhor você acreditar no que estou lhe ensinando", disse a águia. "Todo o vale será inundado. Tudo será destruído." "Você é um mentiroso", disse a vidente. "E você é um vidente que não vê nada", disse a águia:

> O pássaro voou e, mal havia saído, ouviu-se um tremendo trovão, o mais alto que já houve... O sol permaneceu escondido atrás de nuvens escuras, e havia apenas o crepúsculo, cinza e enevoado. Então a terra tremeu e houve um grande rugido de algo imenso se movendo. As pessoas viram uma parede verde avançando em sua direção, enchendo o vale de um lado a outro. A princípio, não sabiam o que era, mas depois perceberam que se tratava de uma parede de água verde. Destruindo tudo em seu caminho, ela veio como uma enorme fera, um monstro verde, avançando sobre eles, espumando, sibilando, em uma nuvem de spray. Ela engoliu a casa do vidente e a levou com o vidente, que nunca mais foi visto. Em seguida, a água caiu sobre as **vilas**, varrendo casas, pessoas, campos e árvores. A enchente varreu o vale como se fosse uma vassoura. Em seguida, correu para além do
> para causar estragos em outros lugares.[12]

Os inuítes do Alasca preservam a tradição de um terremoto, acompanhado de uma terrível inundação que varreu a terra tão rapidamente que apenas algumas pessoas conseguiram escapar em suas canoas ou se refugiar no topo das montanhas mais altas. [13]Os Luiseno da Califórnia também se lembram de uma enchente que cobriu as montanhas e destruiu a maior parte da humanidade. Somente os poucos que fugiram para os picos mais altos conseguiram escapar.
poupados quando todo o resto do mundo foi inundado. [14]Mitos semelhantes sobre inundações foram registrados entre os hurons. [15]E os Montagnais, que pertencem à família Algonquin, relatam como o deus Michabo reconstruiu o mundo após uma grande inundação:

> Um dia, Michabo estava caçando com sua matilha de lobos treinados quando teve uma visão estranha: os lobos entraram em um lago e desapareceram. Ele os seguiu até a água para buscá-los e, ao fazer isso, o mundo inteiro se inundou. Michabo, então, enviou um corvo para encontrar algum solo com o qual pudesse fazer uma nova terra, mas o pássaro voltou sem sucesso em sua busca. Em seguida, Michabo enviou uma lontra para fazer a mesma coisa, mas novamente sem sucesso. Por fim, ele enviou o rato almiscarado e ela lhe trouxe terra suficiente para iniciar a construção de uma nova terra.
> reconstrução do mundo.[16]

O livro *History of the Dakotas*, de Lynd, escrito no século XIX, preserva muitas tradições indígenas que, de outra forma, teriam se perdido. Entre elas está o mito iroquês de que "o mar e as águas haviam invadido a terra em um determinado momento, de modo que toda a vida humana foi destruída". Os Chickasaws afirmaram que o mundo havia sido destruído pela água, "mas que uma família foi salva e dois animais de

toda espécie". Os Lakota (Dakotas) também falaram de uma época em que não havia terra seca e em que todos os homens desapareceram da existência.[17]

Os mitos falando à ciência

Há anos, um debate muitas vezes acirrado está em andamento entre os estudiosos sobre o povoamento das Américas. Quem são os nativos americanos, exatamente? Quando eles chegaram ao Novo Mundo? E por qual caminho?

Sempre que uma solução começou a parecer possível, sempre que algum tipo de consenso estava prestes a surgir, novas informações foram apresentadas, por um lado ou por outro, que podem levar a uma reformulação. O que nunca foi contestado, no entanto, é que os ancestrais dos atuais nativos americanos já estavam na América do Norte há 12.800 anos, quando começou o misterioso evento de frio que os geólogos chamam de Younger Dryas, e que eles testemunharam e caçaram a megafauna que floresceu durante a Era do Gelo, incluindo o gigantesco mamute de Columbia, o mamute lanoso, um pouco menor, o castor gigante, ursos de cara curta, preguiças gigantes, duas espécies de antas, várias espécies de queixadas e o temível leão americano.

É provável, portanto, que as referências a animais muito grandes nos mitos citados acima não sejam meras fantasias, mas preservem relatos de testemunhas oculares de alguns dos muitos gêneros de megaminerais que estavam presentes na América do Norte antes do início do Younger Dryas mas que haviam entrado em extinção quando ele terminou, 1.200 anos depois. O mesmo vale para as inundações descritas pelos mitos [18],pois os geólogos concordam que a América do Norte foi de fato submetida a episódios de inundações cataclísmicas nos últimos milênios da última Era Glacial.
No entanto, o que novas pesquisas têm questionado na última década é se a escala, a extensão e, mais importante, as causas dessas inundações foram devidamente compreendidas. *causas* dessas inundações foram compreendidas adequadamente. A visão dominante é copiosamente representada e repetida incessantemente em livros e periódicos publicados desde a década de 1960, mas, para conhecer uma poderosa visão alternativa que agora representa um sério desafio às teorias estabelecidas, fiz uma extensa viagem de campo pela América do Norte em setembro e outubro de 2014 com o pesquisador catastrofista Randall Carlson[19]

Randall não pode ser uma reencarnação de J Harlen Bretz, porque J Harlen Bretz (cujo primeiro nome era J e que odiava quando os revisores tentavam tratá-lo como uma inicial) faleceu em 3 de fevereiro de 1981, quando Randall já tinha trinta anos de idade. No entanto, em sua paixão pelo trabalho de campo real, por caminhar em vez de apenas ler a literatura, e em sua obstinada defesa de uma hipótese geológica radical sobre as inundações cataclísmicas que dilaceraram a América do Norte no final da Idade do Gelo, Randa **l** é, em todos os sentidos significativos, o novo J Harlen Bretz.

Descreverei minhas viagens com Randall e as evidências convincentes que ele me apresentou nos capítulos a seguir, mas, primeiro, você deve estar se perguntando: quem era J Harlen Bretz?

Conheça J Harlen Bretz

Aqui está Bretz, escrevendo em 1928 após uma de suas viagens de campo pelo estado de Washington, no noroeste do Pacífico dos EUA:

> Ninguém que tenha um olhar atento às formas de relevo pode atravessar o leste de Washington à luz do dia sem encontrar e se impressionar com a "sarna". Como grandes cicatrizes marcando a bela face do platô, há essas extensões alongadas de rocha negra nua, ou quase nua, esculpidas em labirintos de morros e cânions. Todos no platô conhecem a sarna. Ela interrompe as terras de trigo, dividindo-as em áreas de colinas com menos de 40 acres e mais de 40 milhas quadradas de extensão. Não se pode chegar a elas nem sair delas sem atravessar alguma parte da ramificação da sarna. Além de proporcionar uma pastagem escassa, a sarna é quase sem valor. O nome popular é uma metáfora expressiva. As Scablands são feridas apenas parcialmente curadas - grandes feridas na epiderme do solo com as quais a natureza protege a rocha subjacente.
>
> Com os olhos a apenas alguns metros acima do solo, o observador de hoje precisa viajar para frente e para trás repetidamente e registrar suas observações mentalmente, fotograficamente, por meio de esboços e mapas antes que possa formar algo que se aproxime de uma imagem completa. No entanto, muito antes que o papel com estas palavras esteja amarelado, o observador comum, olhando do ar ao cruzar a região, verá quase de relance a imagem aqui desenhada, reunindo as observações no nível do solo de meses de trabalho. A região é única: deixe que o observador leve as asas da manhã para as partes mais distantes da Terra: ele não encontrará em lugar algum a mesma região.
> semelhança.[20]

Em 1928, Bretz era um geólogo de campo experiente e altamente credenciado. Nascido em 1882, ele começou sua carreira como professor de biologia no ensino médio em Seattle, mas passava a maior parte de seu tempo livre explorando a geologia de Puget Sound. Embora não tivesse um diploma de geologia na época, ele conseguiu publicar vários artigos sobre suas descobertas em revistas científicas. [21]Em 1911, ele se matriculou na Universidade de Chicago para fazer um doutorado em geologia. Ele se formou *summa cum laude* em 1913 e, logo em seguida, retornou a Seattle onde aceitou um cargo de professor assistente de geologia na Universidade de Washington. [22]Ele teve dificuldades com as atitudes de

teve dificuldades com as atitudes de outros professores de lá (mais tarde ele os descreveu como "stick-in-the-muds" [23]) e, em 1914, estava de volta à Universidade de Chicago, inicialmente como instrutor, mas logo depois como professor assistente.[24]

A primeira viagem de campo que Bretz fez às Scablands do leste de Washington foi em 1922. A essa altura, como resultado de seu trabalho anterior, ele estava totalmente informado sobre a Era do Gelo em todas as suas dimensões e mais ciente do que a maioria dos outros geólogos de que imensas camadas de gelo de até três quilômetros de profundidade haviam coberto a América do Norte por quase 100.000 anos, até que o gelo derreteu drasticamente entre 15.000 e 11.000 anos atrás. Assim, quando ele viu um grande número de erráticas - pedras gigantescas que não pertenciam naturalmente à área, mas que tinham sido claramente trazidas de outro lugar -, ficou inclinado a supor que elas poderiam ter chegado até aqui em icebergs transportados em alguma grande inundação glacial. Essa impressão foi reforçada quando ele explorou Grand Coulee e Moses Coulee - canais gigantescos escavados profundamente na terra - e visitou a Quincy Basin na extremidade sul de Grand Coulee, onde encontrou toda a depressão de 600 milhas quadradas preenchida até uma profundidade de 400 pés com pequenas partículas de detritos de basalto. Ele não pôde deixar de se perguntar: "De onde vieram todos esses detritos? e quando?"[25]Mais uma vez, a resposta que se apresentou a ele foi uma inundação.

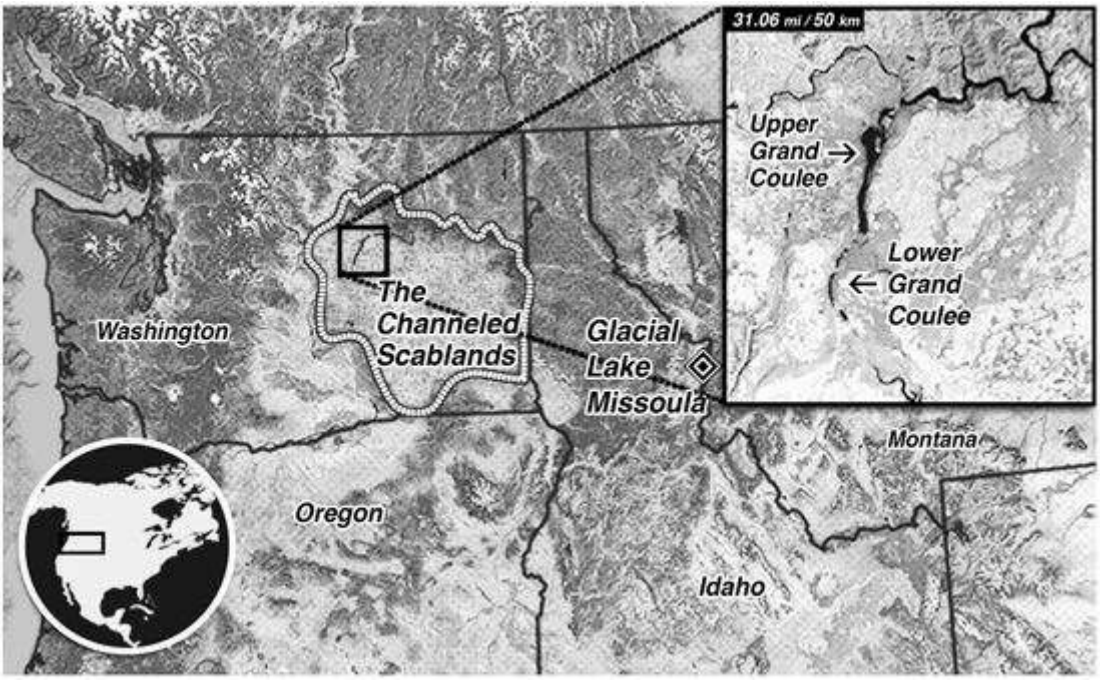


Figura 13

Bretz voltou às Scablands em 1923 para três meses de exploração e parece ter sido durante essa viagem de campo que suas visões posteriores - a saber, que "algum evento hidrológico espetacular (...) havia começado nessa região e depois parado abruptamente" - começaram realmente a tomar forma.[26]

Na edição de novembro e dezembro de 1923 do *Journal of Geology*, Bretz publicou um artigo resumindo suas descobertas. Para entender o tom um tanto defensivo do artigo, é importante ter em mente a doutrina geológica predominante da época, o princípio conhecido como "uniformitarismo". Essa é a suposição de que os processos existentes, existentes, *atuando como atualmente*, são suficientes para explicar todas as mudanças geológicas. Integrado a ele está o pressuposto para-lógico do gradualismo, ou seja, que "o presente é a chave para o passado" e que a taxa de mudança observada hoje é um guia preciso para as taxas de mudança que prevaleceram no passado.

Essas ideias, que adquiriram o status de uma verdade inquestionável na época de Bretz, surgiram danecessária - na verdade, essencial - derrubada da antiga crença religiosa no criacionismo e da noção de que Deus intervinha caprichosamente na história da Terra ordenando cataclismos como o Dilúvio bíblico. Em justa oposição a esses pensamentos de criação e destruição sobrenaturais, o uniformitarismo parecia uma resposta profundamente racional que via apenas as forças da natureza atuando sobre a Terra em períodos de milhões, ou mesmo bilhões de anos.

> As montanhas não foram construídas da noite para o dia, mas se ergueram lenta e imperceptivelmente ao longo do tempo. Da mesma forma, características geológicas fantásticas, como o Grand Canyon, foram erodidas pelo fluxo de rios ao longo de muitos milhões de anos.[27]

Bretz era um homem eminentemente racional e certamente não era um dogmático religioso, mas, como observa seu biógrafo, John Soennichsen, "enquanto caminhava pelo mundo quente, seco e irregular das Scablands, tudo o que ele tinha visto apontava não para uma mudança lenta e uniforme ao longo do tempo, mas para uma catástrofe, uma liberação repentina de quantidades colossais de água que rapidamente lavou o solo superficial e depois esculpiu profundamente a rocha basáltica abaixo".

na rocha basáltica abaixo."[28]

O problema era: de onde veio **toda** essa água? Era bem sabido que na margem das camadas de gelo da América do Norte deve ter havido algum derretimento - como de fato se vê nas bordas de todas as geleiras atualmente. Mas esse derretimento dificilmente poderia explicar a magnitude das mudanças erosivas que eram visíveis no campo. Como Bretz observou em seu artigo de 1923:

> O autor confessa que, durante dez semanas de estudo da região, cada trecho de sargaço recém-examinado despertava um sentimento de espanto pelo fato de que riachos tão grandes pudessem se originar de áreas marginais tão pequenas de uma camada de gelo, ou que uma quantidade tão grande de erosão, apesar dos altos gradientes, pudesse ter resultado no curto período de existência desses riachos. Nem o rio Warren, nem a saída de Chicago, nem o canal de Mowhawk, nem mesmo as Cataratas do Niágara e o próprio desfiladeiro se aproximam das proporções de algumas dessas áreas de sargaço e seus cânions. Somente em um desses cânions [Upper Grand Coulee], 10 milhas cúbicas de basalto foram erodido por sua corrente glacial.[29]

Concluindo o artigo e avançando em direção à ideia profundamente herética e anti-uniformitarista que logo lhe traria muitos problemas, ou seja, que *uma única inundação cataclísmica* desencadeada em um período muito curto havia sido responsável por toda a devastação que ele havia testemunhado, Bretz escreveu

> Cerca de 3.000 milhas quadradas do platô de Columbia foram varridas pela inundação glacial e a cobertura de loess e lodo foi removida. Mais de 2.000 milhas quadradas dessa área foram deixadas como pisos de canais nus, erodidos e cortados em rocha, atualmente as Scablands, e quase 1.000 milhas quadradas carregam depósitos de cascalho derivados do basalto erodido. *Foi* um desastre que varreu o platô de Columbia.[30]

Em outras palavras, como resume o biógrafo de Bretz, o geólogo agora acreditava que as características que ele havia documentado "só poderiam ter sido criadas por uma inundação de proporções inimagináveis, possivelmente a maior inundação da história do mundo".

A reação do establishment geológico foi de um silêncio atônito e constrangido. O fato de ter se afastado tanto da doutrina do uniformitarismo só poderia significar que Bretz estava louco. David Alt, professor emérito de geologia da Universidade de Montana, descreve uma das palestras que Bretz deu, na qual ele expôs as ideias de seu artigo de 1923:

> Os geólogos (...) ficaram horrorizados da mesma forma que uma sala cheia de físicos ficaria ao ouvir um colega explicar como ele havia feito uma máquina de movimento perpétuo com palitos de picolé velhos. Os físicos haviam aprendido muito cedo sobre a futilidade das máquinas de movimento perpétuo, e nenhum geólogo devidamente educado deveria traficar com catástrofes de qualquer tipo.[32]

Alt descreve um antigo professor de sua época de graduação que era um estudante sentado na plateia quando Bretz leu seu artigo de 1923. Parece que o professor fez uma imitação hilária de Bretz "batendo no pódio com os dois punhos e pisando no chão enquanto usava linguagem e gestos vívidos para transmitir sua ideia de uma inundação catastrófica para sua plateia horrorizada".

Além da encenação teatral, os geólogos ficaram chocados ao ouvir Bretz invocar:

> uma catástrofe repentina para explicar as Scablands do leste de Washington. Na opinião deles, isso era uma volta ao pensamento não científico de 125 anos antes. Até hoje, a maioria dos geólogos considera nada menos que uma heresia invocar uma explicação catastrófica para um evento geológico. Portanto, Bretz saiu de um longo limbo quando sugeriu que uma grande inundação havia erodido as Scablands ... [Isso o tornou] um pária entre os geólogos, um pária dos recintos mais polidos da sociedade.[34]

No entanto, o pária não desistiu. Pelo contrário, ele continuou obstinadamente com sua pesquisa, gerando cada vez mais controvérsias, mas acreditando que os fatos, no final, o justificariam.

A crise veio em 12 de janeiro de 1927, quando Bretz foi emboscado por um grupo de linchamento de seus colegas em uma palestra que ele havia sido convidado a dar para a Sociedade Geológica de Washington no Cosmos Club, em Washington DC. Bretz já estava chamando o "seu" dilúvio de "Dilúvio de Spokane" (em homenagem à cidade de Spokane) e gostava de se referir à camada de gelo da qual ele emergiu como "camada de gelo de Spokane" (nenhum dos termos é usado hoje, mas a camada de gelo de Spokane de Bretz era, na verdade, a parte sul da grande camada de gelo do Pleistoceno tardio, hoje conhecida como "Cordilheira"). Ele acreditava que grande parte dela deve ter derretido com extraordinária rapidez, porque "o volume de água era muito grande, quase incrivelmente grande... Apesar dos altos gradientes para extraí-la, os vales pré-existentes que entraram primeiro eram inadequados para
e o dilúvio se espalhou amplamente em um grupo complicado de rotas anastomosadas" [35].

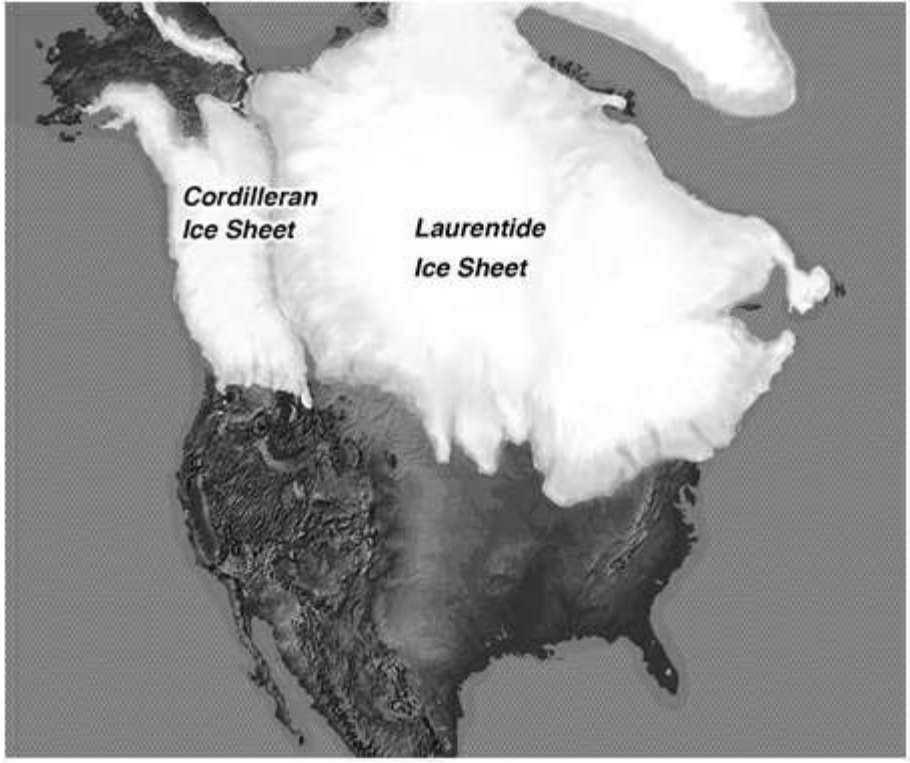


Figura 14: América do Norte durante a Era Glacial.

W.C. Alden, na época chefe de geologia do Pleistoceno do profundamente conservador Serviço Geológico dos Estados Unidos, contestou "a ideia de que todos os canais devem ter sido desenvolvidos simultaneamente em um período muito curto" e ficou muito ofendido com "a enorme quantidade de água" postulada por Bretz.(3) (6) "Parece-me impossível", protestou Alden, "que a parte dos grandes campos de gelo que teria drenado em todo o planalto de Columbia poderia, sob quaisquer condições, ter produzido tanta água quanto a necessária em tão pouco tempo". [37]Ele admitiu que nunca havia visitado as Scablands, mas tinha certeza de que uma explicação uniformizadora era o que era necessário: "O problema seria mais fácil se fosse possível atribuir um tempo maior e inundações repetidas para fazer o trabalho." [38]

James Gi **luly**, conhecido como um apóstolo do gradualismo geológico, rejeitou a noção de um único dilúvio cataclísmico com palavras como "[39]Ele não encontrou nada nas evidências de Bretz que excluísse sua própria solução preferida, a saber, que várias inundações **menores** estiveram envolvidas e que elas teriam sido "da ordem de magnitude da atual inundação de Columbia, ou no máximo algumas vezes maior".

Da mesma forma, G.R. Mansfield duvidou que "tanto trabalho pudesse ser feito no basalto em tão pouco tempo... As Scablands me parecem melhor explicados como os efeitos do persistente afundamento e transbordamento de águas glaciais marginais, que mudaram sua posição ou seus locais de escoamento de tempos em tempos durante um período um tanto prolongado" [41].

O.E. Meinzer foi obrigado a confessar que "as características de erosão da região são grandes e bizarras", mas ele também preferiu uma explicação gradualista.

gradualista: "Antes que uma teoria que requer uma quantidade aparentemente impossível de água seja futilmente aceita, todos os esforços devem ser feitos para explicar as características existentes sem empregar uma suposição tão violenta... Acredito que as características existentes podem ser explicadas assumindo o trabalho normal de fluxo do antigo rio Columbia..."[42]

Em resumo, nem uma única voz se levantou em apoio a Bretz e houve muita rejeição paternalista de sua "hipótese ultrajante" de uma única grande inundação.

de sua "hipótese ultrajante" de um único grande dilúvio. Em particular, os geólogos reunidos se concentraram no que eles claramente acreditavam ser a falha fatal no caso de um cataclismo repentino e avassalador, ou seja, que Bretz não havia conseguido identificar uma fonte convincente para suas águas de inundação.

Bretz respondeu que não via lógica nisso, já que a falta de uma fonte documentada para o dilúvio não provava que não havia ocorrido um dilúvio. "Acredito que minha interpretação de Channeled Scabland deve se sustentar ou fracassar com base nos próprios fenômenos de scabland", argumentou. [43]Ele disse que era tão sensível quanto qualquer outra pessoa a críticas adversas e que não tinha "nenhum desejo de chamar a atenção simplesmente por defender uma teoria extremamente nova".

opiniões". Além disso, ele próprio havia sido repetidamente levado a duvidar "da veracidade do Dilúvio de Spokane" [44]apenas para ser forçado "pela reconsideração das evidências de campo, a usar novamente a concepção de enorme volume... Esses registros notáveis de água corrente no planalto de Columbia e nos vales dos rios Snake e Columbia não podem ser interpretados em termos de ação fluvial comum e desenvolvimento de vales comuns.

desenvolvimento comum dos vales... Um volume enorme, existente por um período muito curto, é o único responsável por sua existência."[45]

Foi esse acúmulo de evidências de campo convincentes que Bretz pediu para ser considerado - não por emoção, não por intuição, não por referência à sabedoria recebida, mas apenas pelos "princípios estabelecidos do método científico". (46) "Ideias sem precedentes", ele escreveria mais tarde

escreveria mais tarde:

> são geralmente vistas com desdém e os homens ficam chocados quando suas concepções de um mundo ordenado são desafiadas. Uma hipótese defendida com seriedade gera uma reação emocional que pode obscurecer a visão do protagonista, mas se essas hipóteses ofenderem os modos de pensamento predominantes, a visão dos antagonistas também pode ficar obscurecida.
>
> Por outro lado, a geologia está repleta de ideias extravagantes que surgem de observações e interpretações errôneas. Elas são piores do que "hipóteses ultrajantes", pois não levam a lugar algum. A hipótese do escritor sobre o Dilúvio de Spokane pode pertencer a essa última classe, mas não pode ser colocada nela a menos que sejam demonstrados erros de observação e inferência direta.[47]

E esse foi o problema com **todas** as críticas a Bretz, tanto antes quanto depois da reunião de Washington. O establishment geológico não gostou do que ele tinha a dizer, pois isso ia de encontro à sua estrutura de referência gradualista, e eles consideraram isso uma "heresia que deve ser gentilmente mas firmemente eliminada". [48]No entanto, em última análise, eles não podiam refutar sua ciência, apenas desaprová-la, o que é uma coisa muito diferente.

O cerne da questão continuou sendo a afirmação de Bretz de que a calota de gelo havia derretido precipitadamente e sua incapacidade de propor um mecanismo que poderia ter provocado esse derretimento. Ele mesmo, conforme observado, não considerava isso um obstáculo significativo, mas seus críticos sim. Portanto, ao longo dos anos, na tentativa de apaziguá-los, ele propôs várias vezes, com relutância, duas soluções possíveis. Por um lado, elas eram algum tipo de mudança climática radical e de curta duração ou, por outro, um episódio de atividade vulcânica sob a calota polar. Ele admitiu, no entanto, que "nenhuma mudança climática desse tipo foi registrada em outro lugar, e a rapidez exigida parece impossível", enquanto que, em relação à segunda, ele observou que "nada foi encontrado na literatura que sugira vulcanismo pleistocênico na área que foi drenado pelo platô de Columbia" [49].

É interessante notar que, na época em que Bretz enfrentou seus colegas hostis em Washington, ele *já estava* ciente, mas havia descartado, a própria explicação para as inundações cataclísmicas que, muito mais tarde, seria adotada pelo establishment geológico e abriria a porta para a aceitação universal de suas evidências que prevalece hoje. Em seu esboço para a apresentação de janeiro de 1927, ele escreveu: "Tanto o Sr. Alden quanto o Sr. Pardee sugeriram que eu considerasse a drenagem repentina de um lago glacial como explicação para a inundação... O Sr. Pardee [em uma carta de 1925 para Bretz] especifica o Lago Missoula, que é o único de qualquer magnitude conhecido na região que poderia ter funcionado."[50]Eventualmente, na década de 1940, Bretz de fato aceitaria uma drenagem repentina do Lago Glacial Missoula como a fonte de sua inundação, mas a A razão pela qual ele *não* fez isso em 1927 é importante e, como veremos, da maior relevância para o debate em evolução sobre o que exatamente aconteceu na América do Norte no final da Era Glacial. Em resumo, a opinião de Bretz em 1927, como explica seu biógrafo, era de que o volume do Lago Missoula "poderia não ter sido adequado para formar as Scablands. A enchente duraria apenas duas semanas", diz um comentário escrito à mão por Bretz nesta seção de seu esboço."[51]

Em março de 1930, Bretz publicou um breve resumo no *Bulletin of the Geological Society of America* . O resumo foi intitulado "Lake Missoula and the Spokane Flood" (Lago Missoula e a inundação de Spokane). Nele, Bretz escreveu que esse lago havia sido nomeado e descrito pela primeira vez pelo geólogo J.T. Pardee (cuja carta sobre o assunto ele havia recebido em 1925), que ficava a mais de 4.000 pés acima do nível do mar e que tinha pelo menos 2.100 pés de profundidade. Sem entrar em detalhes, ele observou que o lago havia sido mantido no lugar por uma represa de gelo e que "setenta milhas a sudoeste, ao longo do braço ocidental da Purcell Trench e Spokane Va ley, estão as cabeças mais orientais dos canais de scabland. Se um [Se] ocorresse o rompimento da represa, a água só poderia escapar ao longo desse trecho de setenta milhas".

Em 1932, Bretz havia se entusiasmado ainda mais com a ideia de que o Lago Missoula poderia ser o culpado por sua inundação, embora achasse que as questões relativas à hipotética barragem de gelo e sua falha cataclísmica proposta ainda precisavam ser resolvidas. [53]A essa altura de sua vida, no entanto, ele parecia pronto para seguir em frente e dedicaria a maior parte da década seguinte a outros enigmas geológicos completamente diferentes. Então, em Em 1940, ele foi convidado a falar sobre sua teoria de Scablands em uma reunião da Associação Americana para o Avanço da Ciência. realizado em Seattle. Ele recusou o convite, dizendo que seus pontos de vista e evidências já estavam publicados, mas o evento acabou sendo seminal. J.T. Pardee estava lá e apresentou um artigo sobre seu trabalho no Lago Glacial Missoula, tornando pública pela primeira vez sua conclusão de longa data de que houve uma falha em uma represa de gelo e que "todo o lago foi drenado de forma catastrófica e, muito provavelmente, de forma bastante dramática", de forma bastante dramática"[54].

Figura 15

Curiosamente, Pardee não relacionou suas descobertas em Missoula ao caso de Bretz, conhecido e de longa data, sobre a criação dos Channeled Scablands por uma inundação catastrófica, mas, muito mais tarde, Bretz escreveria: "Ele nunca disse, pelo menos na forma impressa, nada sobre a deposição final dessa vigorosa descarga. Acredito, no entanto, que ele estava generosamente deixando isso para mim" [55].

No processo de aproveitar ao máximo o que lhe havia sido deixado, Bretz abandonou seu modelo de inundação cataclísmica única em favor de um modelo mais palatável para seus oponentes.

mais palatável para seus oponentes. "Houve várias inundações", ele acabou escrevendo (em 1959). "A teoria é elástica o suficiente para cuidar disso." [56]No mesmo ano, Bretz recebeu o Prêmio Neil Milner em homenagem às suas contribuições excepcionais às Ciências da Terra.[57]

Alguns anos depois, em 1965, a transformação de Bretz de pária em garoto-propaganda parecia completa. A União Internacional para Pesquisa Quaternary Research organizou uma viagem de campo ao planalto de Columbia para muitos ex-críticos da teoria do dilúvio catastrófico. O grupo percorreu toda a extensão de Grand Coulee, parte da Bacia de Quincy e grande parte da divisão de Palouse-Snake scabland. No final da viagem, os participantes, humildes com o que viram e satisfeitos com a origem dos danos causados pela inundação no Lago Glacial Missoula, enviaram Bretz um telegrama de saudações e cumprimentos. O telegrama foi encerrado com as palavras: "Agora somos todos catastrofistas."[58]

"Tenha certeza", escreveu Bretz, "que depois de 30 anos, 30 artigos em autodefesa e mais de 30 pessoas que negaram vigorosamente minha teoria, ela fez bem ao meu coração como um remédio".

O reconhecimento final veio em 1979, quando Bretz, então com 96 anos de idade, recebeu a Medalha Penrose, o prêmio da Geological Society of America.

maior prêmio. Depois desse prêmio, ele disse a seu filho: "Todos os meus inimigos estão mortos, então não tenho ninguém para me gabar".

Bretz partiu para sua próxima grande aventura, aos 98 anos, em 3 de fevereiro de 1981.

O gradualismo atrai os dentes do cataclismo de Bretz

A evidência de uma terra devastada por um dilúvio cataclísmico não podia ser negada. O momento havia sido definido - talvez não precisamente, mas de qualquer forma em algum lugar nos últimos milênios da Era Glacial, entre 15.000 e 11.000 anos atrás. A fonte do dilúvio havia sido rastreada até o Lago Glacial Missoula. E o ponto crucial de saber se houve apenas uma inundação gigantesca - que os instintos afiados de Bretz como geólogo de campo haviam sugerido originalmente - ou várias inundações, como preferiam seus colegas gradualistas, havia sido concedido com referência à elasticidade de sua teoria e à permissão de "várias" inundações.

Em trabalhos posteriores publicados por Bretz, fica claro que ele estava disposto a aceitar a ocorrência de até oito inundações. [61]Isso foi, sem dúvida, uma concessão ao gradualismo - oito inundações menores, educadamente distribuídas ao longo de um período de alguns milhares de anos, são mais palatáveis para aqueles de persuasão uniformitarista (ou seja, para a maioria dos geólogos, na época e agora) do que um único evento gigantesco de grande violência que ocorreu repentinamente, causou danos maciços e acabou em cerca de três meses. Mesmo assim, Bretz continuou sendo um catastrofista de coração. Victor R. Baker, do Departamento de Hidrologia e Recursos Hídricos da Universidade do Arizona, observa em seu estudo, *The Spokane Flood Debates*, que, embora Bretz tenha de fato modificado amplamente sua hipótese original

> havia uma suspeita persistente de que se estava lidando com uma exceção incomum a uma regra geral. O próprio Bretz havia afirmado que: "O conjunto único de formas (...) descrito (...) como Channeled Scabland (...) registra um episódio único na história do Pleistoceno (...) Causas especiais parecem claramente indicadas."[62]

Em outras palavras, independentemente de quaisquer concessões, o que é mencionado aqui são causas que ainda eram únicas e especiais o suficiente para serem

descrito como catastrófico e que não prejudicou a conclusão de que "foi *foi* um desastre que varreu o platô de Colúmbia". [63]É certamente significativo que, em seu último trabalho publicado, uma nota que ele escreveu para a Geological Society of America em 1979, aceitando seu maior reconhecimento, a Medalha Penrose, Bretz tenha aproveitado a oportunidade para enfatizar esse ponto. "Talvez", escreveu ele:

> Talvez eu possa ser creditado por reviver e desmistificar o catastrofismo lendário e desafiar um uniformitarismo rigoroso demais.[64]

No entanto, o que Bretz, o catastrofista e mensageiro do uniformitarismo, não poderia saber era que, depois de convidar o vampiro do gradualismo a entrar pela porta, ele não ficaria satisfeito com o compromisso que ele havia tentado alcançar, mas continuaria sugando sem piedade o sangue de qualquer noção de que o que havia acontecido nas Scablands canalizadas tinha sido algum tipo de "desastre".

Assim, com o passar dos anos e com as novas gerações de estudiosos gradualistas ocupando seus lugares em universidades de todo o mundo, os oito dilúvios que foram inicialmente autorizados a modificar o cataclismo único de Bretz aumentaram constantemente em número - para uma dúzia, depois para mais de vinte, depois para trinta e cinco, depois para "cerca de quarenta" e, finalmente, em artigos recentes, para noventa ou mais! [(65)] "A opinião mais atual

"A opinião mais atual", resume Vic Baker, "é que houve cerca de oitenta inundações que ocorreram em um período de 2.500 anos [aproximadamente entre 15.000 anos atrás e 12.000 anos atrás], possivelmente em intervalos regulares."[66]

Oitenta inundações em 2.500 anos resultam em uma inundação a cada trinta e um anos, aproximadamente - eliminando assim a necessidade de um único cataclismo excepcional e explicando a terrível bagunça das Scablands canalizadas pelos efeitos acumulados de uma série de eventos bastante regular, previsível e essencialmente gradualista. Melhor **ainda**, do ponto de vista uniformitarista, as inundações de lagos glaciais represados pelo gelo ainda ocorrem hoje. Elas acontecem regularmente na Islândia, por exemplo, onde são chamadas de *jökulhlaups*, o termo que foi adotado para elas em todo o mundo e que continuarei a usar aqui. Outros locais onde são comuns incluem o Himalaia, a Antártica, o norte da Suécia e a América do Norte. Como aponta o professor de geologia David Alt, vários lagos represados por glaciares no Alasca e no norte da Colúmbia Britânica são propensos a episódios de drenagem muito rápida. Esses eventos geralmente ocorrem "no verão, quando um rápido derretimento da neve eleva rapidamente o nível do lago". A barragem de gelo que mantinha o Lago Glacial Missoula provavelmente flutuou e se rompeu durante o

verão pelo mesmo motivo"[67].

Dessa forma, a doutrina uniformitarista de que "o presente é a chave para o passado" e de que a taxa de mudança observada hoje é um guia preciso para as taxas de mudança que prevaleceram no passado, reafirmou-se discretamente e as evidências perturbadoras de inundação de Bretz foram explicadas como nada muito preocupante, afinal. Os acadêmicos também conseguiram, de forma bastante inteligente, ter seu bolo e comê-lo: por um lado, deram uma medalha a Bretz e proclamaram que "agora são todos catastrofistas"; por outro lado, transmutaram discretamente a catástrofe de Bretz no tipo de coisa que se vê todo verão no Alasca e na Colúmbia Britânica.

Isso tudo é muito reconfortante, é claro, mas suponhamos que a percepção original de Bretz estivesse correta e que o que aconteceu na América do Norte no final da Era Glacial tenha sido realmente uma inundação repentina e cataclísmica, algo sem precedentes e sem igual desde então?

Suponhamos que tenha sido realmente um desastre?

Voltar para Bretz

Randall Carlson tem certeza de que foi de fato um desastre - que se desenrolou em uma escala quase inacreditável - e passou os últimos vinte anos caminhando de um lado para o outro nas Scablands canalizadas, fazendo perguntas difíceis aos geólogos locais que ninguém mais parece ter considerado e construindo um caso formidável.

Suspeito que o tipo de caso que Bretz estaria apresentando se ainda estivesse entre nós e no auge de seus poderes.

Conheci Randall em 2006. As inundações da Idade do Gelo na América do Norte estavam entre os assuntos que discutimos e fiquei surpreso ao descobrir que ele não aceitava a teoria das barragens de gelo e considerava o Glacial Lake Missoula uma grande diversão - uma solução fácil que atende a preconceitos uniformitaristas e afastou os geólogos da verdade. Nos anos que se seguiram, nós nos correspondíamos de tempos em tempos e ocasionalmente nos encontrávamos em conferências em que ambos estávamos palestrando. Fiquei muito impressionado com a profundidade de seu conhecimento, com sua experiência de campo e com as novas e intrigantes percepções que sua pesquisa parecia oferecer sobre os eventos misteriosos que levaram ao fim da Era Glacial. Descobri que compartilhávamos um interesse particular e crescente no Younger Dryas - aquele retorno às condições glaciais totais que começou repentinamente há 12.800 anos, exatamente quando o mundo parecia estar se aquecendo, e que terminou igualmente repentinamente 1.200 anos depois.

Durante esse episódio peculiar, alguns povos caçadores-coletores da Idade da Pedra, como a cultura "Clovis" da América do Norte, desapareceram do registro arqueológico e houve extinções em massa de espécies animais - portanto, é evidente que algo incomum estava acontecendo -, mas nenhuma explicação uniformitarista ou gradualista foi oferecida. Além disso, embora eu não tenha investigado esse fato em meu livro *Fingerprints of the Gods (Impressões Digitais dos Deuses*), de 1995, percebi posteriormente que o período do Younger Dryas, de 12.800 anos atrás a 11.600 anos atrás, coincidiu exatamente com a "janela" durante a qual eu argumentei que uma civilização avançada da antiguidade pré-histórica foi obliterada do registro arqueológico.

A Terra foi destruída e perdida da memória humana.

Assim, em meu livro *Underworld*, publicado em 2002, eu estava mais atento ao problema do Younger Dryas. "Por volta de 13.000 anos atrás", observei:

> o longo período de aquecimento ininterrupto pelo qual o mundo havia acabado de passar (e que havia se intensificado muito, de acordo com alguns estudos, entre 15.000 anos atrás e 13.000 anos atrás[68]) foi instantaneamente interrompido - de uma só vez, em todos os lugares - por um [69]De muitas maneiras misteriosas e inexplicáveis, essa foi uma reversão climática quase inacreditavelmente rápida - de condições que se calcula terem sido mais quentes e úmidas do que as atuais há 13.000 anos, [70]para condições que eram mais frias e secas do que as do último máximo glacial apenas algumas centenas de anos depois.
> depois.[71]
>
> A partir desse momento, há cerca de 12.800 anos, foi como se um encanto de gelo tivesse tomado conta da Terra. Em muitas áreas que estavam se aproximando do derretimento terminal, as condições glaciais totais foram restauradas com uma rapidez impressionante e **todos** os ganhos obtidos desde o LGM [Último Máximo Glacial - cerca de 21.000 anos atrás] foram simplesmente eliminados: "As temperaturas ...
> A temperatura do planeta recuou na ordem de 8 a 15 graus centígrados... com metade desse declínio brutal ocorrendo possivelmente dentro de décadas. A Frente Polar no Atlântico Norte desceu até o nível do Cabo Finisterra, no noroeste da Espanha, e as geleiras se reativaram nas altas cadeias de montanhas. Com relação à temperatura, o retrocesso às condições glaciais **finais** foi quase completo..."[72]
>
> Para as populações humanas da época, em muitas partes do mundo, com exceção das mais favorecidas por acidentes, o mergulho repentino e inexplicável
> inexplicável mergulho no frio intenso e na aridez deve ter sido devastador.[73]

A sensação de mistério - e de perigo mortal para a humanidade - que pairava sobre o Younger Dryas continuou a me intrigar, incentivando-me a ler sobre o assunto e a tentar entendê-lo melhor. Lembro-me de várias conversas e trocas de e-mails com Randall depois de 2006 sobre o assunto, e ficou cada vez mais óbvio para mim que o Younger Dryas havia sido um cataclismo global em todos os sentidos significativos do termo. No entanto, foi somente em 2013, quando Randall me explicou que a América do Norte e, particularmente, as Channeled Scablands, estavam no epicentro desse cataclismo, que decidi que era hora de ver as evidências em campo. Por impulso, convidei-o para me acompanhar em uma viagem de campo. Demorou mais de um ano para encontrar um horário que funcionasse para ambas as agendas, mas finalmente, em setembro de 2014, encontrei Randall em Portland, Oregon, e partimos para o leste e o norte do estado vizinho de Washington para explorar as Scablands no grande veículo vermelho com tração nas quatro rodas que havíamos alugado.

Capítulo 4
Viagem pelas Scablands

Estamos em uma viagem de 4.000 quilômetros de Portland, Oregon, até Minneapolis, Minnesota. A viagem seria mais curta se seguíssemos a rota direta. Mas estamos parando e desviando para vales e vales de rios, contornando morros, subindo pelas encostas das montanhas e atravessando os Channeled Scablands imediatamente ao sul das vastas calotas de gelo da Cordilheira e de Laurentide, que já cobriram grande parte da América do Norte. O objetivo é que eu compreenda o máximo possível o que aconteceu aqui e, no quarto dia, quando chegamos a Dry Falls no meio da extraordinária cicatriz na paisagem chamada Grand Coulee, o quadro está começando a ficar claro.

O solo sob nossos pés é basalto preto antigo coberto por uma fina camada de solo superficial. O basalto, extrudado por erupções vulcânicas entre dezessete milhões e seis milhões de anos atrás, cobre grande parte do Planalto de Columbia e, em alguns lugares, tem 2.000 metros (6.600 pés) de espessura.[1]

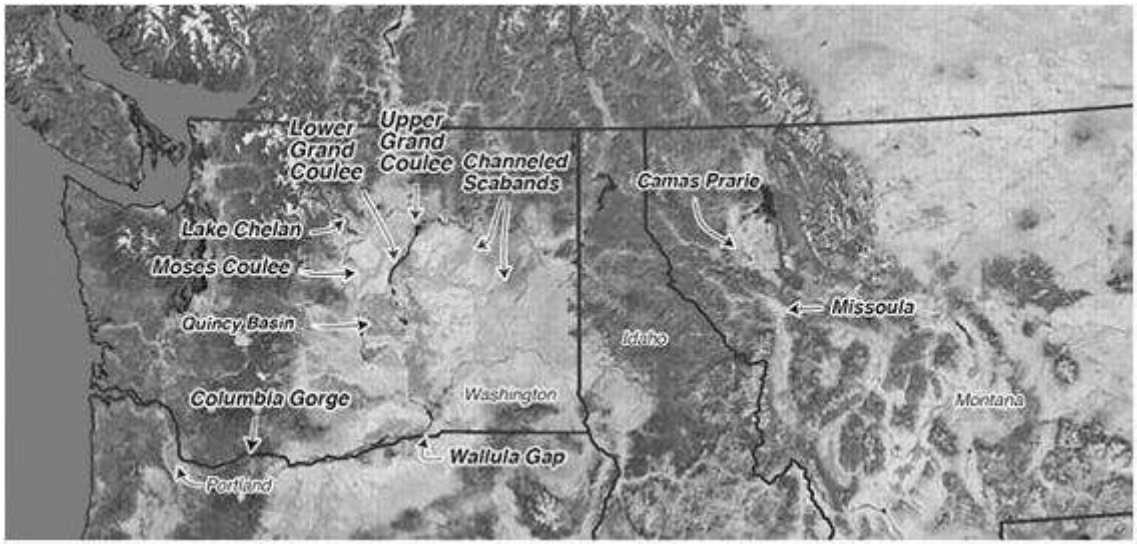


Figura 16

Mas não em Grand Coulee, porque aqui é como se alguma força caprichosa, talvez até mesmo a mão do próprio Deus, tivesse pegado um cinzel gigante com uma lâmina de quilômetros de largura, mergulhado-o violentamente na terra e aberto um corte de centenas de pés de profundidade e quase 96 quilômetros de comprimento. O "cinzel", no entanto, não era feito de aço, mas de imensas quantidades de água corrente, turbulenta e carregada de detritos que fluíram por apenas algumas semanas - a água da enchente de Bretz. "Grand Coulee", escreveu ele, oferece:

> o maior exemplo de corte de cânions por córregos glaciais, não apenas no Planalto de Columbia, mas no mundo... Um rio glacial com largura mínima de três milhas se derramou em direção ao sul sobre a divisão e desceu por um declive monoclinal íngreme... O córrego desceu cerca de 1.000 pés em um grau de aproximadamente 10 graus... Tal situação é **inédita**, mesmo nesta região de rios enormes, iniciados repentinamente e de alto gradiente.
>
> rios enormes, de início repentino e de alto gradiente... Pelo menos 16 quilômetros cúbicos de basalto foram escavados e removidos.[2]

Bretz se refere aqui apenas à parte norte ou superior de Grand Coulee. [3]Mas a mesma quantidade de basalto também foi escavada de Lower Grand Coulee à medida que "o riacho" avançava. Ao chegarmos aqui hoje, fizemos uma parada no Ephrata Erratics Fan, ao sul da extremidade sul de Lower Grand Coulee, para ver onde foi despejado **todo** o basalto escavado pelas águas. Era uma visão caótica, confusa e perturbadora - perturbadora porque, até onde a vista alcançava, em todas as direções da pradaria, havia incontáveis milhares espalhados.

mais provavelmente milhões - de pedras de basalto irregulares e quebradas, algumas do tamanho de um carro de família, outras do tamanho de uma bola de futebol e muitas maiores.

"Tudo foi reduzido a escombros", explicou-me Randall Carlson, enquanto estávamos no meio do leque, "e é isso que você está vendo. Esses escombros faziam parte do mundo anterior".

"O mundo anterior?"

"Sim. O mundo antediluviano. E o que está aqui na superfície é apenas uma fração do que a inundação levou para fora de Grand Coulee. Os escombros são profundos. Centenas de metros de profundidade."

De Ephrata Fan, dirigimos para o norte pela Washington State Route 17 até Lower Grand Coulee, com seus penhascos de basalto íngremes e proibitivos erguendo-se de cada lado de nós, as nuvens cinzentas de chuva acima refletidas sombriamente na cadeia de lagos alcalinos - Soap Lake, Lenore Lake, Blue Lake e Park Lake - que se encontram em seu leito. Agora chegamos a Dry Falls, na cabeceira do Lower Grand Coulee e, ao sairmos da caminhonete, Randall lembra minha esposa Santha de levar sua câmera. "Você verá algo cataclísmico aqui", ele anuncia com um sorriso malicioso.

Conheça Randall Carlson

Talvez você seja jovem demais para se lembrar da série de TV de 1977 chamada *The Life and Times of Grizzly Adams* , mas, se não estava aqui, sempre pode pesquisar no Google.

O herói homônimo, um lenhador durão interpretado pelo ator Dan Haggerty, era do tipo grandalhão, blefador e barbudo, e Randa **l** Carlson, em virtude de sua enorme barba, sua aparência geral e seu estilo pessoal áspero e rude, me lembra muito dele. Atualmente, Randa vive em Atlanta, Geórgia, mas passou a maior parte de sua juventude na zona rural de Minnesota e sua voz ainda carrega os tons peculiares de escandinavo e alemão que tornam o sotaque de Minnesota tão reconhecível.

Ele cresceu às margens do Schmidt Lake, um das dezenas de milhares de pequenos lagos de água derretida espalhados por Minnesota e Wisconsin, e costumava pescar lá quando era menino, empoleirado em uma enorme rocha que, mais tarde, ele entendeu ser um errático glacial - "uma rocha extraída do leito rochoso e levada por uma geleira em avanço, talvez a muitas centenas de quilômetros de sua fonte, para ser depositada em um local muito distante de sua origem".

local muito distante de sua origem"[4].

Hoje, meio século depois de sua infância, ele diz que as paisagens do meio-oeste americano de sua juventude deixaram uma marca indelével em sua psique:

> Desde essas primeiras experiências, entrei em uma espécie de diálogo com a Terra que continua inabalável até hoje. Esse diálogo envolveu milhares de horas passadas no campo, atravessando e estudando uma grande variedade de paisagens, além de milhares de horas no estudo de várias ciências relacionadas, de uma forma ou de outra, ao objetivo de entender esse planeta extraordinário no qual estamos engajados nessa experiência humana contínua... É um planeta assustadoramente dinâmico, que passou por mudanças profundas em uma escala que excede em muito qualquer coisa nos últimos tempos. Na verdade, agora percebo que o que consideramos história é apenas o registro dos eventos humanos que ocorreram desde a última grande catástrofe planetária. Também entendo que a marca dessas catástrofes pode ser encontrada ao nosso redor, em praticamente todos os ambientes, e estamos apenas começando a ser capazes de perceber e decifrar as evidências.[5]

Randall ganha a vida como arquiteto e construtor, mas sua paixão é a geologia.

Geologia catastrofista.

E, como atestarão aqueles que já assistiram a uma de suas palestras, ele sabe mais sobre o assunto do que praticamente qualquer outra pessoa que você possa conhecer. Ele adquiriu seu conhecimento a partir de uma vasta leitura da literatura científica e, como ele diz acima, de milhares de horas de trabalho de campo. Para mim, esse tipo de aprendizado aprofundado e em campo, os quilômetros percorridos na natureza, os anos de pesquisa dedicada em bibliotecas significam muito mais do que qualquer diploma universitário. Randa **l** não é geólogo e não pretende ser geólogo, mas sua compreensão do assunto vale por uma dúzia de PhDs.

Neste momento, estamos em uma espécie de píer de concreto com cerca na altura da cintura, suspenso sobre o anfiteatro em forma de ferradura de Dry Falls. Há um vento frio soprando neste dia de final de setembro e Randall está prestes a me dar uma aula de geologia...

Dry Falls

"Você já esteve nas Cataratas do Niágara?" pergunta Randall.[6] Confesso que não.

"Mas você já viu fotografias? Você tem uma noção do lugar?" "Acho que sim, então, sim..."

"OK, então é só um palpite... Qual é a maior?" Ele indica a vista que nos confronta. "Dry Falls? Ou Niagara?"

Estou achando que é uma pergunta capciosa. Randa **I**, por ser de Minnesota, é naturalmente obrigada a fazer perguntas capciosas. Olho para o anfiteatro natural. É um longo caminho para baixo. E uma longa travessia. Alguns lagos circulares de água da chuva acumulada, cobertos de juncos, decoram a base da ferradura imponente de penhascos íngremes que me confrontam - sobre os quais, é absolutamente óbvio, grandes quantidades de água devem ter fluído. Não estive nas Cataratas do Niágara, que têm 51 metros de altura, mas passei um dia maravilhado com as Cataratas Vitória, no sul da África, que têm 108 metros de altura. O clássico formato de ferradura do Niágara que você vê em todas as fotos se repete nas Cataratas Vitória. E aqui está o mesmo formato de ferradura no Estado de Washington, nos EUA, preservado no fóssil seco de uma antiga catarata.

"Dry Falls é maior que Niagara", digo, parecendo mais confiante do que me sinto. "Ok, até aqui tudo bem, mas *quanto* maior?"

"Duas vezes maior", arrisco um palpite.

"Nada mal", diz Randall. "Mas, na verdade, Dry Falls é quase três vezes mais alta que Niagara e mais de seis vezes mais larga." Ele aponta. "Está vendo como os penhascos são recortados ali?"

Eu sei. A ferradura de Dry Fa ls é, na verdade, duas ferraduras lado a lado, uma para o leste e outra para o oeste.

"Bem, Niágara caberia facilmente em apenas metade da ferradura oriental e sua borda estaria quase duzentos e cinquenta pés abaixo da borda de Dry Falls. Além disso, olhe ali..." Randall chama minha atenção para o lado leste da ferradura, onde há uma lacuna e, em seguida, uma barbatana alta e estreita de penhascos que correm para o sul. "Essa é a rocha Umatilla", diz ele, indicando a barbatana. Teria sido uma espécie de ilha no auge da inundação. Uma ilha submarina".

"Subaquática?"

"Sim. Quando a enchente passou por aqui, a água tinha mais de 150 metros de profundidade. Teria ultrapassado a rocha Umatilla e as próprias cataratas, e bem aqui onde estamos, por uns cem, talvez uns cento e cinquenta pés."

"Então, se eu tivesse conseguido ficar aqui naquela época..." "O que você não teria feito..."

"Eu sei. Eu teria sido levado pela correnteza, mas, só para fins de argumentação, se eu pudesse ficar aqui, presumo que não teria visto um lençol de água *não teria* visto uma enorme lâmina de água estourando sobre a borda da falha e caindo centenas de metros?"

"Não, porque isso estava acontecendo bem abaixo da superfície. O que você teria visto nesse ponto pareceria mais um declive turbilhonante e agitado na torrente com algum tipo de solavanco ou gradiente abrupto do que uma cachoeira de verdade, mas todo o trabalho que uma cachoeira faz na rocha ainda estava acontecendo, sob a superfície..."

"O que você quer dizer com trabalho na rocha?"

"A água está chegando aqui em quantidades enormes e terrivelmente rápido, correndo a até setenta milhas por hora, de acordo com algumas estimativas, e você tem que perceber que não é apenas água. É mais como uma lama espessa, e há florestas inteiras arrancadas por suas raízes que estão se agitando nela, e frotas de icebergs se agitando na superfície, e no fundo há um enorme entulho estrondoso de detritos rochosos, pedras como as que vimos despejadas em todo o Ephrata Fan, e toda essa bagunça está correndo, tombando e arrancando à medida que passa..."

"Depenar?"

"Sim, essa é a melhor maneira de descrever o fenômeno. Como se fossem dedos gigantes arrancando blocos do leito rochoso de basalto, arrancando-os, arrastando-os para a torrente e varrendo-os rio abaixo - é assim que o trabalho erosivo é feito." Randall gesticula novamente para os penhascos recortados em forma de ferradura. "Mas o que vemos daqui é menos da metade do quadro. Se estivéssemos em um avião, olhando para baixo, veríamos outro conjunto de ferraduras ainda maiores do que estas, a leste, que se estendem além de Umatilla Rock..."

"**Então**, levando isso em conta, qual é a extensão total de Dry Fa ls?"

"Cerca de cinco quilômetros e meio... Era o ponto em que estava quando a enchente parou. Só Deus sabe como teria ficado, ou onde estaria hoje, se a enchente tivesse continuado por mais duas semanas..."

"Não estou entendendo."

"As indicações são de que a inundação durou apenas uma questão de semanas e, durante todo esse tempo, as cataratas estavam constantemente migrando para o norte..."

"Migrando?"

"Sim, as quedas d'água migram, em taxas diferentes, dependendo da quantidade e da força da água que flui sobre elas. Elas arrancam o leito rochoso e o corroem constantemente rio acima. Veja o Niagara, por exemplo. Ele recuou sete quilômetros nos últimos doze mil anos,

mas isso é insignificante comparado ao que aconteceu aqui, onde o recuo foi de cerca de trinta milhas - toda a extensão do Lower Grand Coulee -em menos de um mês".

"Então a taxa de erosão foi incrivelmente rápida?"

"Sim! Milhares de vezes mais rápido que o Niágara, devido à incrível quantidade e força da água aqui. Dry Falls foi a maior

maior cachoeira que já existiu no planeta Terra."

"E **supõe-se** que essa água tenha saído do Lago Glacial Missoula?" "Bem", diz Randa **l**. Sua barba se projeta com teimosia. "Essa é a teoria."

Caça errática

Randall não acredita na teoria gradualista de que os vários esvaziamentos do Lago Missoula por meio de várias rupturas, refazimentos e novas rupturas de sua represa de gelo possam explicar as evidências no terreno. Ele não contesta que o lago glacial tenha existido ou que tenha havido inundações de explosão a partir dele, mas está convencido de que ele nunca foi grande o suficiente para explicar todas as características cataclísmicas dos Channeled Scablands. Como J. Harlen Bretz na década de 1920, ele acredita que uma inundação repentina, de curta duração e totalmente excepcional, de proporções realmente imensas, foi a verdadeira culpada.

Em outro dia, Randall me leva a uma "caça errática" para explicar o motivo. Saímos da Interstate 97 para o Watervi le Plateau e dirigimos por uma região acidentada e ondulada, onde ocasionalmente campos verdes e baixos se misturam com charnecas mais selvagens, pobres demais para serem cultivadas. Logo começamos a ver enormes aglomerados, bandos, matilhas, multidões de pedras gigantes, todas de basalto preto sinistro, estranhas a essa paisagem, mas agora sei o suficiente para reconhecê-las pelo que são. À medida que as calotas polares se movem e se espalham, elas capturam, encadeiam e transportam enormes rochas que permanecem presas nelas até que o gelo derreta e solte sua carga. O que aconteceu aqui - o local é chamado de "Boulder Park" e é reconhecido como um Marco Natural Nacional - foi um aspecto diferente do mesmo processo. "Quando a enchente da Idade do Gelo desceu sobre o Planalto de Waterville", explica Randall:

> estava carregando milhares de icebergs com ele - icebergs tão grandes quanto petroleiros com pedras do tamanho de casas congeladas dentro deles. Quando se chocavam contra as encostas [ele aponta para um cume distante com fileiras de rochas colossais espalhadas], os icebergs encostavam e ficavam presos ali. Por fim, depois que a enchente diminuiu, eles derreteram, deixando as **rochas** onde estão até hoje espalhadas pelo topo do platô além do cume e cobrindo a encosta por vinte quilômetros em direção ao norte.

"Mas aquele cume deve estar a uns oitocentos, talvez novecentos pés acima de nós", observo.

"Exatamente! O que nos diz que a água tinha pelo menos essa profundidade aqui. Ou melhor, não era simplesmente água, mas uma lama de lodo e, à medida que a inundação começa a diminuir, a lama fica cada vez mais espessa com sedimentos até que finalmente deixa todo o fundo do vale coberto de sedimentos com centenas de metros de espessura e cheio de pedras incrustadas. Ou seja, mais uma vez, estamos olhando para as ruínas e os destroços de um mundo anterior."

Voltamos para a Interstate 97 em direção ao sul, ao longo da margem oeste do majestoso rio Columbia, e desviamos para oeste na Alternate 97 em direção ao Lake Chelan. Com cinquenta milhas de comprimento e nunca mais do que uma milha e meia de largura, situado no fundo de um vale arborizado e íngreme, encoberto por altas montanhas, Chelan tem a aparência e a sensação de um grande lago escocês. Portanto, é apropriado que ele também tenha tradições de um monstro do lago - um dragão, de acordo com as lendas dos nativos americanos - que devorou toda a caça, deixando o povo faminto. O Grande Espírito ficou furioso e decidiu intervir. Ele desceu do céu:

> e golpeou a terra com sua enorme faca de pedra. Todo o mundo tremeu com o golpe. Uma grande nuvem apareceu sobre a planície. Quando a nuvem se dissipou, as pessoas viram que a terra havia mudado. Enormes picos montanhosos se erguiam em um dos lados. Entre as montanhas havia cânions. Estendendo-se do noroeste ao sudeste por dois dias de viagem, havia um cânion muito profundo. O Grande Espírito jogou o corpo do monstro nesse profundo e longo desfiladeiro. Em seguida, ele despejou muita água nele e assim formou o lago.
> Muito tempo depois, os índios a chamaram de Chelan.[8]

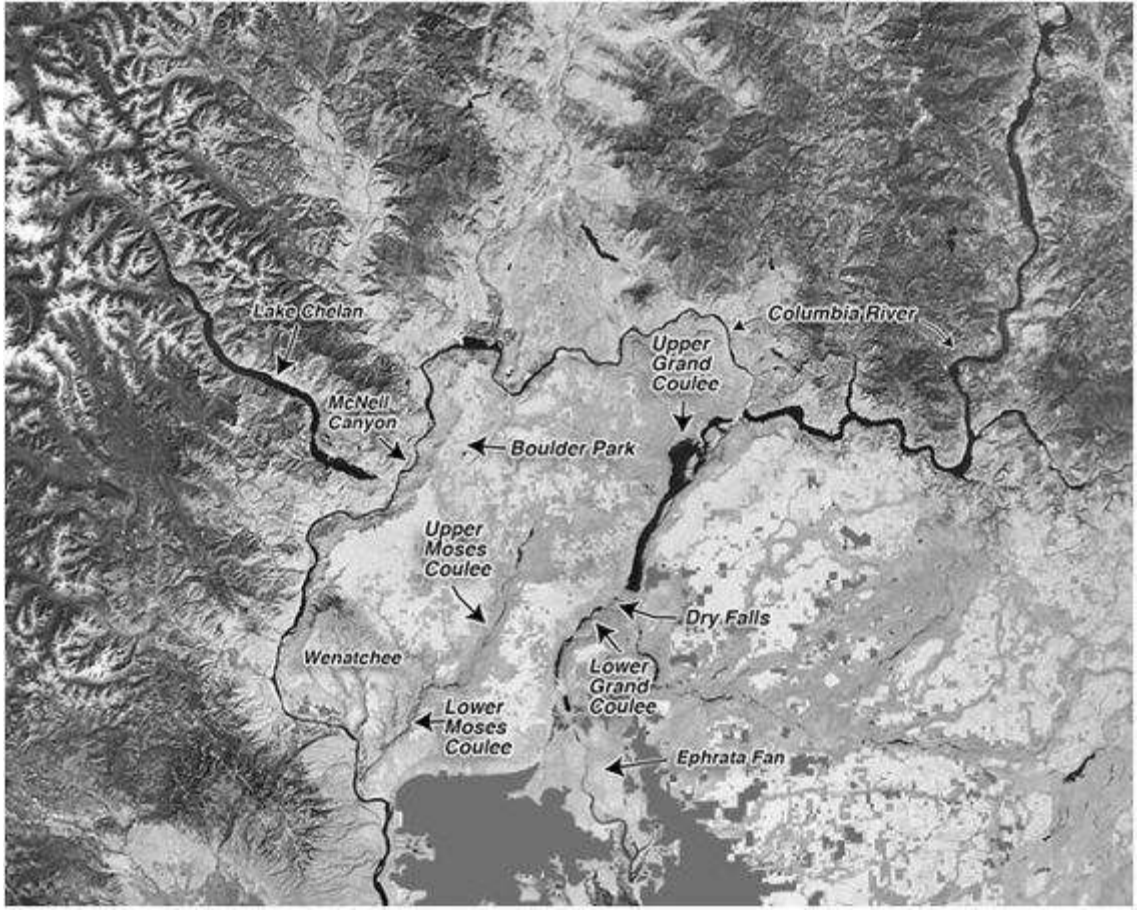


Figura 17

Chelan significa "Águas Profundas" na língua indígena Salish local, e o Lago Chelan tem de fato 453 metros de profundidade, o que o torna o terceiro lago mais profundo dos EUA e o 26º mais profundo do mundo. [9]Alguns aspectos do mito, observo de passagem, evocam as mudanças na Terra no final da Era Glacial. Montanhas que estavam escondidas sob a calota de gelo e que, portanto, ninguém havia visto
antes, de fato apareceram quando o gelo derreteu. Os cânions foram, de fato, esculpidos em todo o planalto de Columbia pela correnteza do gelo.
águas do dilúvio de Bretz. E, como veremos no próximo capítulo, também pode haver algo mais do que aparenta na enorme faca de pedra vinda do céu que atingiu o solo com tanta força que "o mundo tremeu" e naquela nuvem sinistra que apareceu sobre a terra. Da mesma forma, a presença de um imenso iceberg errático sobre a cidade de Manson, na costa norte de Chelan [10], sugere que a noção de "much
água" sendo despejada no lago, em outras palavras, de uma enchente passando por aqui, também pode estar enraizada em memórias de eventos reais.

Depois de passarmos por mais erráticas espalhadas pela extremidade sul do Lake Chelan [11], voltamos para a Interstate 97, cruzamos a margem leste do Columbia River na Beebe Bridge e seguimos para o norte até a foz do McNeil Canyon, onde mais charnecas repletas de pedras nos aguardam. Em número de milhares, as erráticas aqui são conhecidas localmente como "pedras de palheiro" devido à sua aparência distinta, mas o perfil arredondado que elas mostram à distância dá lugar, de perto, a uma massa de basalto negro irregular e fragmentado.
Acredita-se que muitos deles pesem mais de 10.000 toneladas e, enquanto Randall e eu os examinamos, fico assustado com sua grande altura e massa, e impressionado com a força e a energia das enchentes que os trouxeram até aqui.

Voltamos para a Interstate 97 e dirigimos por quarenta quilômetros ao sul até a confluência dos rios Wenatchee e Columbia, perto do sopé oriental das montanhas Cascade. Aqui, Randall tem um último errático gigante para me mostrar, este pesando, segundo ele, 18.000 toneladas. Ela fica bem no alto, ao lado de um vale longo e largo, pairando sobre um moderno conjunto habitacional, centenas de metros acima da confluência dos rios e da cidade de Wenatchee.

Subimos até o topo do errático para podermos ver os rios brilhando bem abaixo. "Obviamente", explica Randall, "as águas da enchente devem ter conduzido todo o vale de baixo para cima, de modo que, quando o iceberg flutuou, ele encalhou bem aqui e depois derreteu e deixou isso aqui no cume".

"E a inundação em si? Para onde ela foi em seguida?"

"A água que descia por aqui se encontrava com a água que saía de Grand Coulee e Moses Coulee e de muitos outros canais de scabland, e então todas juntas desciam para Pasco Basin e Wa lula Gap..."

Chuva negra

No dia seguinte, estamos no topo de um alto penhasco com vista para Wa lula Gap. "Então, a água aqui subiu para aproximadamente 1.200 pés acima do nível do mar", diz Randall.[12]Ele consulta seu GPS, "e onde estamos agora é 1.150 pés acima do nível do mar, então a inundação teria sido de cinquenta pés sobre nossas cabeças."

"E a água veio de que direção?"

Randa **I** aponta para o norte: "Ele saiu rugindo das Scablands canalizadas. Uma massa de diferentes fluxos convergiu para cá e depois passou por ela, descendo o Columbia. Portanto, esse foi o encontro das águas. Foi aqui que todos esses grandes fluxos de inundação se juntaram".

Olho para a cena abaixo, um drama de terra, céu... e água.

O céu está cinza, com trovões e cheio de chuva, como tem sido durante toda a nossa viagem. O elemento terra começa com uma camada muito espessa e pulverulenta de poeira macia de cor escura, chamada loess, que está por toda parte sob nossos pés no topo do penhasco. Mas, em seguida, o penhasco despenca em uma **queda** íngreme até o Columbia - que forma o elemento água - abaixo. Do outro lado do córrego, com mais de um quilômetro de largura, o terreno se eleva novamente em direção ao leste, não tão íngreme como no lado oeste, onde estamos, **mas** ainda coberto pela mesma camada espessa de loess pulverulento e marcado, além disso, por uma topografia distinta de scabland, com penhascos que mergulham em **vales** e uma série de afloramentos esculpidos pelas antigas enchentes - com destaque para os dois pilares de basalto isolados conhecidos como "Irmãs Gêmeas", que ficam bem à nossa frente.

"Essas irmãs gêmeas", explica Randall, "são um resquício... Observe ali, imediatamente à esquerda das irmãs, você pode ver uma plataforma. Tudo isso teria sido contínuo... Acredito que esse era o fundo do vale antes da enchente... Quando a enchente chegou, ela passou por aqui e rebaixou o fundo do vale em cerca de duzentos pés, com base na profundidade atual do rio e na altura das Twin Sisters. Se a inundação tivesse continuado por mais uma semana, as Twin Sisters também teriam sido levadas pela água... Elas estariam cerca de oitocentos pés debaixo d'água. E, na verdade, se você olhar para o outro lado - ali, bem acima do nível das Irmãs - verá aquele afloramento de basalto mais alto, mais ou menos no nosso nível. Essa teria sido a marca d'água mais alta e tudo abaixo dela estava submerso no pico da inundação - portanto, o que você está vendo ali na sarna ao redor das Sisters é a espetacular erosão do basalto pela água, que simplesmente passou por aqui a sessenta ou setenta milhas por hora porque a contrapressão teria sido muito grande."

"Fluxos temíveis e ferozes", arrisco.

"Oh, meu Deus, sim! Como um mar interior, exceto que está se movendo..."

"E é turbulento e furioso..."

"E a turbulência está aumentando enormemente à medida que chega a essa constrição em Wa lula Gap. No entanto, quando se observa a capacidade dessa barragem, seria necessário que houvesse muita água vindo do norte para que a inundação ocorresse da forma como ocorreu. O va ley do Lago Missoula não é maior do que esta e está a duzentos quilômetros ao norte daqui. Portanto, como essa água poderia ter se derramado do Lago Missoula, viajado duzentos quilômetros até aqui e não ter se atenuado a ponto de passar sem se acumular acima da fenda? Mas ela se acumulou, maciça e profundamente, como podemos ver pela marca d'água alta. E isso, para mim, é uma evidência incontestável de que havia mais água entrando aqui do que poderia estar saindo do Lago Missoula."

"Então", resumi, "temos uma água de 1.200 pés de profundidade que flui por aqui de forma turbulenta..." "Muito turbulenta..."

"E quanto tempo ela permanece nessa profundidade?"

"As estimativas são de que deve durar de uma a três semanas, e depois começa a diminuir. Porque... eles chamam isso de lagoa hidráulica. Isso foi efetivamente uma barragem hidráulica, no sentido de que a própria água, forçada por uma constrição como a Wallula Gap, torna-se uma espécie de barragem - e especialmente porque a água aqui estava cheia de icebergs enormes. Em todo o caminho da inundação, há erráticos que foram carregados por icebergs - até Eugene, Oregon... É preciso imaginar isso. Você tem um mar em movimento sufocado por milhares de icebergs..."

Estou entendendo bem a situação. "Cena selvagem", eu digo.

"Cena selvagem", concorda Randall. "**Muitos** desses icebergs estão se chocando uns contra os outros e ficando presos na fenda. E o que isso fará é aumentar ainda mais o nível da água até que a pressão aumente o suficiente para empurrar toda a massa para baixo através da fenda - então o nível da água cai até que ocorra o próximo atolamento. Portanto, acho que o que estamos vendo é um hidrograma pulsante que, toda vez que sobe, faz o refluxo mais para cima no vale e, em seguida, o nível da água cai e sobe novamente."

O próximo ponto que apresentei a Randall, intimamente ligado à visão do mundo infernal inundado que ele acabou de conjurar, está relacionado ao enigma central que desejo explorar no restante desta seção, mas que ainda não apresentei ao leitor. Ele diz respeito ao crescente conjunto de evidências de que, há 12.800 anos, um cometa gigante que viajava em uma órbita que o levava através do sistema solar interno se dividiu em vários fragmentos e que muitos desses fragmentos, alguns com mais de 2,4 quilômetros de diâmetro, atingiram a Terra. Acredita-se que a América do Norte tenha sido o epicentro do cataclismo resultante, com vários dos maiores impactos na calota de gelo da América do Norte causando inundações e maremotos e lançando uma vasta nuvem de poeira na atmosfera superior que envolveu a Terra, impedindo que os raios solares chegassem à superfície e, assim, iniciando o repentino e misterioso congelamento global que os geólogos chamam de Younger Dryas. Examinaremos as evidências de tudo isso e como elas se relacionam com o "dilúvio de Bretz" - que, afinal, pode não ter surgido do Lago Missoula - no

capítulos a seguir. Mas, por enquanto, por favor, me acompanhe enquanto eu interpreto o restante de minha conversa com Randall em Wallula Gap. "E houve um impacto de cometa", eu digo, "então esperamos que o céu fique ruim também..."

"Ah, tem que ser..."

"Escuro..." Penso sobre isso e acrescento: "Muitas *coisas* foram levadas para lá pelo impacto".

"Coisas!" Randall faz um sulco na poeira macia com a ponta de sua bota de caminhada. "É isso que eu acho que é essa camada de loess de 2,5 metros. Nas áreas de inundação, você vê essa camada de loess de seis, sete, oito pés de espessura - e claramente choveu da atmosfera."

"Como as lendas de Kon-Tiki Viracocha." Cito o nome do herói civilizador sul-americano, de pele branca e barba como Quetzalcoatl e os sábios Apkallu descritos no Capítulo Um, que teria chegado aos Andes durante um período aterrorizante, milhares de anos no passado, "quando a terra havia sido inundada por um grande dilúvio e mergulhada na escuridão pelo desaparecimento do sol". [13] (Exatamente como Quetzalcoatl no México e os sábios Apka lu na Mesopotâmia, a missão civilizadora de Viracocha nos Andes era trazer leis e um código moral para os sobreviventes do desastre e ensinar-lhes as habilidades de agricultura, arquitetura e engenharia). "Ah, sim", Randall pondera. "As lendas de Viracocha. Não havia algo lá sobre uma chuva negra?"

"Havia, com certeza. Uma chuva grossa e negra. É praticamente universal para os mitos de inundação que estudei..."

Randa **l** chuta o loess novamente. "Esse material é intrigante, você sabe. Ele tem uma espécie de estrutura vertical. A maioria das teorias sugere que ele é transportado pelo vento, mas a estrutura vertical é inconsistente com isso. Estou desenvolvendo uma ideia de que, na verdade, é tanto água quanto vento, porque acho que a chuva final depois que o cometa atingiu a calota de gelo foi essencialmente uma chuva de lama. Teria havido uma enorme injeção de água superaquecida na estratosfera - água suja e carregada de partículas - que teria se espalhado como a nuvem de detritos de uma explosão nuclear e o resultado final teria sido, sem dúvida, uma chuva muito intensa e prolongada."

Mas será que um cometa atingiu a Terra há 12.800 anos?

Como veremos no próximo capítulo, as evidências reunidas por uma equipe internacional de cientistas altamente credenciados estão tomando de assalto o confortável mundo da geologia uniformitarista e gradualista.

Capítulo 5
Os nanodiamantes são eternos

Continuando nossa viagem para o leste pelos estados do norte dos EUA, depois de sair de Washington e atravessar o panhandle de Idaho, Randall fez questão de me mostrar algumas das características espetaculares de Camas Prairie, no oeste de Montana. Lá, o que parece aos olhos não experientes ser uma série de dunas colossais marcham em fileiras serrilhadas pelo chão plano e baixo de uma bacia elíptica, com doze milhas de comprimento e dez milhas de largura, no meio das Montanhas Rochosas. Mas as "dunas", ao que parece, não são dunas de fato. Em vez disso, são gigantescas ondulações de correnteza, algumas com mais de cinquenta pés de altura e trezentos pés de comprimento, formadas no final da Idade do Gelo, quando a Camas Prairie fazia parte do

O leito do Lago Glacial Missoula e estava sob cerca de 1.400 pés de água. [1]Os geólogos concordam que as ondulações foram moldadas por correntes poderosas colocadas em movimento quando o lago foi drenado de forma catastrófica.[2]

"E eu não discuto isso", diz Randall, enquanto estamos em um ponto de observação acima da pradaria. Uma rodovia em grande parte deserta atravessa o O piso da antiga bacia é atravessado por uma rodovia em grande parte deserta, mas agora que um veículo aparece, fornecendo escala, vejo que ele é reduzido ao tamanho de uma caixa de fósforos pelas ondulações.

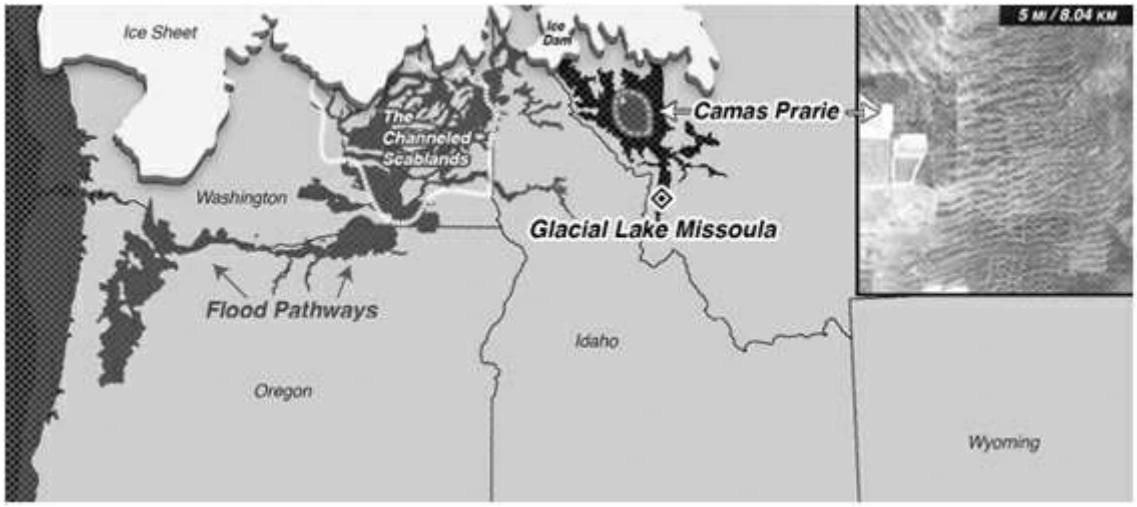


Figura 18

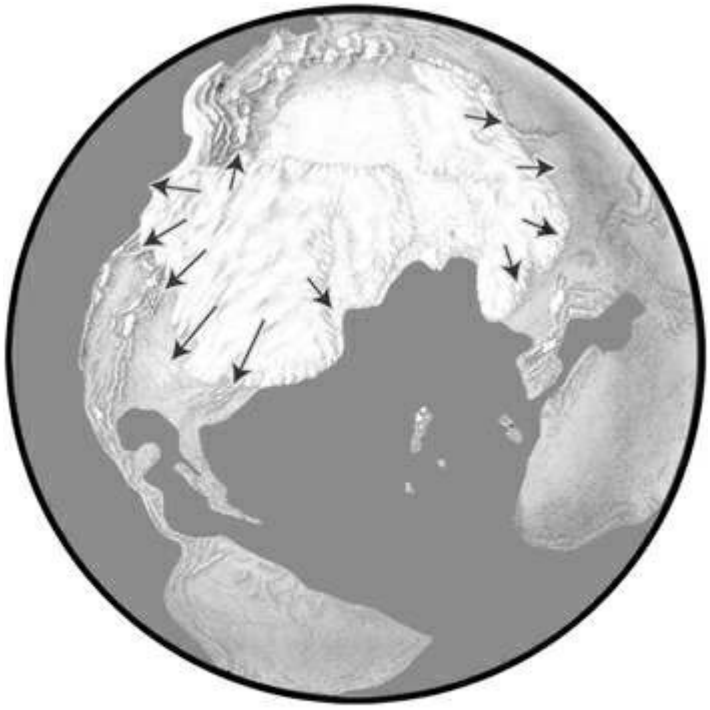
"Então", pergunto, "você não tem nada contra a existência do Lago Missoula como tal? Ou contra a noção de que ele foi drenado de forma catastrófica?" "Não, nada mesmo. Não tenho dúvidas de que houve dezenas de *jökulhlaups* no Lago Missoula. Alguns eram até bem grandes. Meu ponto de vista,

No entanto, nenhum deles foi de tamanho suficiente para causar os danos espetaculares de inundação que vimos nos Channeled Scablands. Isso foi causado por um evento de magnitude muito maior do que qualquer coisa que o Lago Missoula pudesse proporcionar. Portanto, sim, o lago foi represado pelo gelo no vale do Clark Fork, como afirmam os gradualistas, e sim, essa barragem de gelo se rompeu com frequência em um período de alguns milhares de anos, digamos, de 15.000 anos atrás até cerca de 13.000 anos atrás. Mas a quantidade de água liberada nessas inundações periódicas foi minúscula, apenas uma gota no balde em comparação com o evento final - no qual o Lago Missoula também esteve envolvido, é claro, mas definitivamente não como o principal culpado."

"E esse evento final teve a ver com o impacto do nosso cometa?" (Comecei a chamá-lo de "nosso", mas geralmente é chamado na literatura científica de "cometa Clovis" ou "cometa Younger Dryas").

"Pode apostar", responde Randall. "Mas não apenas um impacto. Vários impactos. Acho que até quatro dos fragmentos - cada um deles com talvez 800 metros de diâmetro, talvez maior - atingiram as calotas de gelo da Cordilheira e de Laurentide em uma espécie de efeito de arma de dispersão e causaram uma *enorme* quantidade de derretimento instantâneo. A água derretida estava em toda parte, em quantidades enormes. Naturalmente, parte dela caiu em cascata no Lago Missoula, enchendo-o repentinamente e fazendo com que ele rompesse sua represa de gelo, adicionando assim seu conteúdo às inundações muito maiores que já estavam ocorrendo no norte."

"Portanto, o Lago Missoula foi mais um espectador inocente do que o culpado."



Laurentide and Cordilleran Ice Sheet
Meltwater Discharge Routes
Courtesy of Randall Carlson

Figura 19

Randa **l** solta uma risada. "Sim, é isso mesmo. O lago era o espectador inocente que estava no caminho e que mais tarde foi acusado do crime. Mas o cometa foi o culpado."

Canto da conspiração

Não sou um teórico da conspiração, mas tenho uma sensação sorrateira - nada mais do que isso - de que algo parecido com uma conspiração está em ação na ciência para impedir a consideração adequada e a ampla aceitação pública das ideias catastrofistas. Dei o exemplo de J. Harlen Bretz no Capítulo Três. A recepção fria e profundamente desagradável inicialmente dada às suas descobertas, os anos que ele passou no limbo acadêmico depois disso, os esforços repetidos e persistentes feitos por uma série de estudiosos para descartar totalmente suas evidências ou, na falta disso, para explicá-las por meios gradualistas e, finalmente, anos depois, quando tudo isso falhou e a noção de inundações de explosão do Lago Glacial Missoula se ofereceu como solução, a percepção de que ele estava certo o tempotodo. Mas *não estava* certo, *não estava* certo em nenhuma circunstância, *não estava* certo em nenhum universo imaginável, na questão do único "desastre" cataclísmico ao qual seus instintos o haviam levado originalmente! Para que J. Harlen Bretz estivesse *certo*, era necessário que ele estivesse certo de uma forma politicamente correta - em outras palavras, de uma forma que pudesse ser redigida por hábeis manipuladores uniformitaristas para eliminar qualquer indício de desastre cósmico à espreita!

De fato, dentro da fantasia de tal conspiração (espero sinceramente que seja uma fantasia!), a ideia *do jökulhlaups* é excepcionalmente útil. Em **primeiro** lugar, ele fornece o que pretende ser um relato sadio, racional, sóbrio e, acima de tudo, "científico" das características geológicas torturadas testemunhadas por Bretz nas Scablands. Em segundo lugar, *os jökulhlaups* acontecem todos os anos em várias partes do mundo atualmente e, portanto, não violam o mandamento de que os processos existentes, *atuando como atualmente*, devem ser considerados suficientes para explicar todas as mudanças geológicas. Em terceiro lugar, a relevância atual pode ser atribuída. As inundações da Era do Gelo não precisam ser apenas de interesse acadêmico; como *os jökulhlaups* ainda ocorrem no século XXI, a ciência pode ser usada para antecipar e melhorar seus efeitos.

Tudo isso pode começar a parecer um desvio muito eficaz da verdade, se a verdade for que um cataclismo, um cataclismo único e prodigioso, ocorreu de fato no final da Era Glacial...

E que, além disso, pode se repetir.

Em outras palavras, e se a profecia ojibwa for verdadeira?

E se a estrela com a cauda longa e larga estiver, de fato, "destruindo o mundo algum dia, quando voltar a descer?"

Será que aqueles que sabem disso se beneficiariam ao compartilhar seu conhecimento com outras pessoas? Ou será que eles acham que é melhor para seus interesses manter silêncio sobre tudo isso?

Voltaremos a esse assunto no Capítulo dezenove. Em comparação, a pergunta que temos de fazer e responder primeiro é muito mais simples.

O evento frio do Younger Dryas, que começou tão repentina e misteriosamente há 12.800 anos, foi causado pelos efeitos de um grande cometa que atingiu a Terra?

A evidência do cometa

"A hipótese do impacto do Younger Dryas (YD)", como seus proponentes a reafirmaram em um artigo de destaque no *The Journal of Geology*, em setembro de 2014, "propõe que um grande evento de impacto cósmico tenha ocorrido na Fronteira do Younger Dryas (YDB) há 12.800 anos".[3] O artigo, como veremos, apresentou uma grande quantidade de novas evidências em apoio à hipótese - em particular, confirmando e ampliando muito confirmando e ampliando em grande parte as evidências anteriores da presença abundante de nanodiamantes em amostras da camada do limite do Younger Dryas coletadas em muitas
países diferentes. Os nanodiamantes são diamantes microscópicos que se formam sob condições raras de grande choque, pressão e calor, e são reconhecidos como uma das impressões digitais características - "proxies" na linguagem científica - de impactos poderosos de cometas ou asteroides.[4]

Em 2014, quando o artigo *do Journal of Geology* foi publicado, o debate sobre o envolvimento ou não de um impacto de cometa no início do o Younger Dryas já estava em andamento há sete anos. A primeira manchete que me chamou a atenção foi a da revista *New Scientist* de 22 de maio de 2007 e perguntava de forma provocativa:

UM COMETA EXTERMINOU OS AMERICANOS PRÉ-HISTÓRICOS?

Naquela época, 2007, eu estava dando um tempo no mistério da civilização perdida que havia absorvido minhas energias e sido o tema de tantos dos meus livros por tanto tempo. No entanto, o artigo *da New Scientist* aguçou minha curiosidade, pois se referia à época exata em que eu havia me concentrado em meus livros. O artigo não falava de uma civilização perdida, mas começava com uma referência à chamada cultura "Clovis" da América do Norte, que, como vimos no Capítulo 3, desapareceu do registro arqueológico durante o período do Younger Dryas, entre os anos de 1945 e 1945, e foi destruída por uma série de civilizações.
12.800 e 11.600 anos atrás. "O povo Clovis", observou o artigo:

> florescendo há cerca de 13.000 anos, tinha um domínio do armamento de pedra que os colocava em boa posição contra a ameaça constante de grandes carnívoros, como os leões americanos e os ursos gigantes de cara curta. É improvável, entretanto, que eles pensassem que a morte viria do céu.
>
> De acordo com os resultados apresentados por uma equipe de 25 pesquisadores esta semana na reunião da American Geophysical Union em Acapulco, México, foi daí que veio a desgraça do povo Clovis. Citando várias linhas de evidências, a equipe sugere que um cometa rebelde entrou na atmosfera da Terra por volta de 12.900 anos atrás [N.B. essa data seria mais tarde revisada para baixo em cem anos, para 12.800 anos atrás], quebrou-se em pedaços e explodiu em bolas de fogo gigantes. Os detritos parecem ter se depositado até
> como a Europa.[5]

Ao continuar lendo, fiquei sabendo que a equipe a que o artigo se referia era composta por cientistas altamente credenciados e eminentemente respeitáveis:

> Jim Kennett, oceanógrafo da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e um dos três principais pesquisadores da equipe, afirma que imensos incêndios florestais queimaram a América do Norte na sequência, matando grandes populações de mamíferos e pondo um fim abrupto à cultura Clovis. "O continente inteiro estava pegando fogo", diz ele.
>
> Richard Firestone, principal membro da equipe, químico analítico nuclear do Lawrence Berkeley National Laboratory, na Califórnia, diz que a evidência está em uma estreita camada de sedimentos ricos em carbono, com 12.900 anos de idade, encontrada em oito locais bem datados da era Clovis e em uma série de núcleos de sedimentos em toda a América do Norte, bem como em um local na Bélgica.[6]

Questionado sobre o motivo pelo qual nenhuma cratera havia sido identificada com esse impacto hipotético há 12.900 anos, um terceiro membro da equipe, o geofísico Allen West, do Arizona, sugeriu que partes **pequenas** e de baixa densidade do cometa teriam explodido na atmosfera, enquanto fragmentos maiores poderiam ter se chocado contra a calota de gelo de 3 km de profundidade que cobria a América do Norte naquela época. "Essas crateras", observou West,
"Essas crateras", observou West, "teriam paredes de gelo e derreteriam basicamente no final da última era glacial", deixando poucos rastros.[7]

O artigo continuou explicando que as amostras de sedimentos nas quais a equipe se concentrou continham vários tipos diferentes de detritos que só poderiam ter vindo de uma fonte extraterrestre, como um cometa ou um asteroide. Como os nanodiamantes, os detritos incluíam minúsculos esférulas de carbono que se formam quando gotículas derretidas esfriam rapidamente no ar e moléculas de carbono contendo o raro isótopo hélio-3, muito
muito mais abundante no cosmo do que na Terra.[8]

"Você pode encontrar alguma outra explicação para eles individualmente", diz Firestone, "mas, em conjunto, fica bastante claro que houve um impacto". A equipe diz que o agente da destruição foi provavelmente um cometa, já que a camada de sedimento principal não tem os altos níveis de níquel e irídio característicos dos impactos de asteroides.[9]

Por último, mas não menos importante, o artigo *da New Scientist* confirmou que todas as evidências apontavam para a América do Norte como o epicentro do desastre:

> Os níveis dos aparentes detritos extraterrestres, por exemplo, são mais altos no sítio arqueológico de Gainey, em Michigan, logo após o alcance sul da principal camada de gelo da América do Norte, há 12.900 anos. Além disso, os níveis diminuem à medida que você se afasta de Gainey, sugerindo que o cometa explodiu em grande parte sobre o Canadá...[10]

Em outras palavras, em grande parte sobre a calota de gelo que cobriu a metade norte da América do Norte durante a Idade do Gelo - a fonte de toda a água de derretimento que marcou e cortou as Scablands do Estado de Washington no "dilúvio de Bretz" (independentemente de essa água de derretimento ter vindo exclusivamente do Lago Missoula ou ter jorrado em quantidades muito maiores do que o Lago Missoula, sozinho, poderia conter). O próprio Bretz, como vimos, foi forçado a abandonar sua forte intuição de que houve uma única e enorme inundação de água de derretimento em favor de várias descargas de quantidades limitadas de água de derretimento do Lago Missoula repetidas vezes ao longo de milhares de anos.

A principal razão pela qual ele adotou essa teoria, no entanto, não foi o fato de ter se convertido ao gradualismo, mas porque nunca foi capaz de explicar como uma área grande o suficiente da calota de gelo para fornecer as grandes quantidades de água necessárias para o dilúvio poderia simplesmente ter derretido de uma só vez. Ele propôs duas possibilidades - aquecimento global dramático da noite para o dia, por um lado, ou atividade vulcânica sob a calota de gelo, por outro - mas, como o leitor perceberá, ele rapidamente admitiu que não havia evidência para nenhuma delas. O que Bretz não considerou, e *não pôde* considerar - porque as evidências de apoio só começaram a surgir um quarto de século após sua morte -foi a possibilidade de que a calota de gelo pudesse ter sofrido um derretimento cataclísmico como resultado de um impacto de cometa.

Se ao menos Bretz soubesse...

Alguns meses após a publicação do artigo na *New Scientist* , a equipe do "cometa Clovis" publicou um artigo detalhado sobre suas descobertas. Ele foi publicado na prestigiosa *revista Proceedings of the National Academy of Sciences* (*PNAS*) em 9 de outubro de 2007. Apesar do ambiente sóbrio, a manchete era dramática:

EVIDÊNCIA DE UM IMPACTO EXTRATERRESTRE HÁ 12.900 ANOS QUE CONTRIBUIU
PARA AS EXTINÇÕES DA MEGAFAUNA
E O RESFRIAMENTO DOS DRYAS MAIS JOVENS

Uma camada rica em carbono, resumiu a equipe:

> datada de cerca de 12.900 anos atrás, foi identificada anteriormente em sítios da era Clóvis em toda a América do Norte e parece ser contemporânea ao início abrupto do resfriamento do Younger Dryas (YD). Os ossos *in situ* da megafauna extinta do Pleistoceno, juntamente com os conjuntos de ferramentas Clovis, ocorrem abaixo dessa camada negra, mas não dentro ou acima dela. As causas das extinções, do resfriamento YD e do fim da cultura Clovis são controversas há muito tempo. Neste artigo, apresentamos evidências de um evento de impacto extraterrestre (ET) ocorrido há cerca de 12.900 anos, que, segundo nossa hipótese, causou mudanças ambientais abruptas que contribuíram para o resfriamento do YD, uma grande reorganização ecológica, extinções em larga escala e rápidas mudanças de comportamento humano no final do período Clovis. Os locais da era Clóvis na América do Norte são recobertos por uma camada fina e discreta com picos de abundância variáveis de (i) grãos magnéticos com irídio, (ii) microesferas magnéticas, (**iii**) carvão vegetal, (iv) fuligem, (v) esférulas de carbono, (vi) carbono vítreo contendo nanodiamantes e (vii) fu lerenes com hélio ET, todos eles evidências de um impacto ET e da queima de biomassa associada há cerca de 12.900 anos... Propomos que um ou mais objetos ET grandes e de baixa densidade explodiram sobre o norte da América do Norte, desestabilizando parcialmente o manto de gelo Laurentide e desencadeando o resfriamento YD. A onda de choque, o pulso térmico e os eventos relacionados
> Os efeitos ambientais (por exemplo, queima extensiva de biomassa e limitações de alimentos) contribuíram para a extinção da megafauna...[11]

Os mamutes, mastodontes, preguiças terrestres, cavalos, camelos, castores gigantes e outras megafaunas também não estavam sozinhos. No total, é particularmente impressionante que nada menos que trinta e cinco *gêneros* de mamíferos (sendo que cada gênero consiste em várias espécies) tenham sido extintos na América do Norte entre 12.900 e 11.600 anos atrás, ou seja, precisamente durante o misterioso evento frio do Younger Dryas. [12]O que estava surgindo agora,

(12) O que estava surgindo agora, portanto, era uma explicação para o início repentino do Younger Dryas e para as extinções que o acompanharam, e talvez para muitas outras coisas, inclusive para a inundação cataclísmica que deixou suas marcas nas Scablands canalizadas do Estado de Washington.

Isso me pareceu ainda mais plausível quando soube que a proposta de Firestone, Kennett e West para seu cometa era que ele fosse um

conglomeração de impactadores, incluindo um que poderia ter até 4 quilômetros (2,5 milhas) de diâmetro. [13]Além disso, esse objeto de 4 quilômetros teria sido apenas um entre vários fragmentos resultantes da desintegração anterior - enquanto ainda em órbita - de um cometa gigante de até 100 quilômetros ou mais de diâmetro. [14]Muitos dos fragmentos do cometa-mãe (incluindo alguns de grande tamanho como veremos no Capítulo dezenove) permaneceram em órbita. Os que atingiram a Terra no início do Younger Dryas sofreram uma fragmentação explosiva fragmentação explosiva (acompanhada por poderosas explosões de ar que teriam tido efeitos cataclísmicos), ao entrarem na atmosfera sobre o Canadá.

No entanto, os autores consideraram provável que vários grandes impactores, com *até 2 quilômetros de diâmetro*, tivessem permanecido intactos para colidir com a calota de gelo. [15]Nesse caso, como West havia dito anteriormente à *New Scientist*, todas as crateras teriam sido transitórias, deixando poucos rastros permanentes no solo após o derretimento do gelo. "A evidência duradoura", acrescentou o artigo *da PNAS* , "pode ter se limitado a depressões ou distúrbios enigmáticos no Escudo Canadense, por exemplo, sob os Grandes Lagos ou a Baía de Hudson."[16]Resumindo os danos, os autores previram:

> uma onda de choque devastadora e de alta temperatura com extrema sobrepressão, seguida de subpressão, resultando em ventos intensos que atravessaram a América do Norte a centenas de quilômetros por hora, acompanhados por poderosos vórtices gerados pelo impacto. Além disso, independentemente de um ou vários objetos terem colidido com a Terra, uma bola de fogo quente teria imerso a região próxima aos impactos... Em distâncias maiores, a reentrada de ejetados superaquecidos e de alta velocidade teria induzido incêndios extremos que teriam dizimado florestas e pastagens, destruindo os suprimentos de alimentos dos herbívoros e produzindo carvão, fuligem, fumaça tóxica e cinzas.
> tóxicos e cinzas.[17]

E como tudo isso pode ter causado o resfriamento dramático do Younger Dryas? Os autores propuseram vários mecanismos que operam em conjunto, entre os quais o mais proeminente é a enorme pluma de vapor de água da calota de gelo derretida que teria sido lançada na atmosfera superior, combinada com imensas quantidades de poeira e detritos "compostos pelo impactador, detritos da camada de gelo e o crosta subjacente", bem como a fumaça e a fuligem de incêndios florestais em todo o continente. [18]Em suma, é muito fácil entender como tantos detritos suspensos poderiam, como propõem os autores, "ter levado ao resfriamento pelo bloqueio da luz solar"; enquanto isso, o vapor d'água, a fumaça, a fuligem e o gelo teriam promovido o crescimento de "nebulosidade persistente e nuvens noctilucentes, levando à redução da luz solar e ao resfriamento da superfície... [reduzindo] a insolação solar em altas latitudes, aumentando o acúmulo de neve e causando mais resfriamento no ciclo de feedback loop."[19]

Por si só, esses fatores já são suficientemente graves e devastadores, mas, ainda assim, são insignificantes quando comparados às consequências dos impactos hipotéticos sobre a calota de gelo:

> O maior efeito potencial teria sido a desestabilização parcial relacionada ao impacto e/ou o derretimento da camada de gelo. Em curto prazo, isso teria liberado repentinamente água derretida e jangadas de gelo nos oceanos Atlântico Norte e Ártico, diminuindo a salinidade do oceano com o consequente resfriamento da superfície. Os efeitos de resfriamento de longo prazo teriam resultado, em grande parte, do consequente enfraquecimento da circulação termohalina no Atlântico Norte, sustentando o resfriamento do YD por [mais de] 1.000 anos até que os mecanismos de feedback restaurassem a circulação oceânica.[20]

Desestabilização parcial e/ou derretimento do manto de gelo relacionado ao impacto! E em uma escala capaz de interromper a circulação dos oceanos do mundo por mais de mil anos! Essa questão da circulação termohalina é importante e requer explicação. Voltaremos a esse assunto. Mas o que mais me chamou a atenção no parágrafo citado acima foi o fato de os autores terem considerado apenas as consequências das enormes quantidades de icebergs e água derretida despejadas nos oceanos ao norte e a leste do epicentro dos impactos propostos para o cometa.
Eles não consideraram os efeitos dessa gigantesca inundação gelada nas terras situadas imediatamente *ao sul* da calota de gelo - que certamente não teriam sido poupadas.

Mais uma vez me perguntei como J. Harlen Bretz teria reagido se as informações sobre um possível impacto de cometa estivessem à sua disposição durante sua vida. Não posso provar isso, é claro, mas acho que ele teria sido muito menos propenso a ser seduzido pelo gradualismo do Lago Missoula e muito mais propenso - agora que uma fonte de calor confiável havia sido fornecida - a manter suas armas catastrofistas. Uma única inundação cataclísmica de água de derretimento em uma escala realmente gigantesca, vinda diretamente da calota de gelo para vasculhar as Scablands, começa a parecer realmente muito viável à luz do caso apresentado por Firestone, West, Kennett e a grande equipe de cientistas que trabalha com eles.

Enquanto isso, minha própria hipótese de uma civilização avançada da antiguidade pré-histórica, obliterada da face da Terra durante a "janela" do Younger Dryas, também é fortalecida pelo trabalho deles. Pois, se os cálculos deles estiverem corretos, o poder explosivo do cometa Younger Dryas teria sido da ordem de *dez milhões de megatons*.[21]Isso o torna duas milhões de vezes maior em seus efeitos do que o cometa *A Tsar Bomba* da antiga URSS, a maior arma nuclear já testada [22], e mil vezes maior do que a estimativa de explosivos

(10.000 megatons) de todos os dispositivos nucleares armazenados no mundo atualmente. [23]Um desastre global dessa magnitude exatamente na época que sugeri em *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*) não prova a existência de uma civilização perdida da Era do Gelo, mas pelo menos nos fornece um mecanismo grande o suficiente - se é que essa civilização existiu - para eliminá-la quase que totalmente da memória humana.

As evidências continuam a se acumular

Por ter ramificações tão importantes para quase tudo o que achamos que sabemos sobre a segurança e a proteção do ambiente cósmico da Terra e sobre o nosso próprio passado, é razoável perguntar quão sólida é realmente a teoria do impacto do cometa Younger Dryas. Desde 2007, quando foi proposta pela primeira vez, como ela tem se mantido diante do escrutínio científico e que novas evidências foram apresentadas em seu apoio?

A resposta é que ele resistiu bem ao teste do tempo e se beneficiou de um acúmulo constante de novas evidências apresentadas de forma adequada na literatura científica e sujeitas a uma rigorosa revisão por pares. Não há espaço nem necessidade de explorar essa extensa literatura em profundidade, mas, para dar uma visão geral, listarei as datas e os títulos de alguns dos artigos mais importantes, com breves resumos das conclusões e referências completas nas notas de rodapé:

2008: *Wildfire and abrupt ecosystem disruption on California's Northern Channel Islands at the Allerod-Younger Dryas Boundary*. As evidências de ruptura do ecossistema entre 13.000 e 12.900 anos atrás nessas ilhas costeiras são consistentes com a hipótese de impacto cósmico no limite do Younger Dryas. [24]

2009: *Shock-synthesized hexagonal diamonds in Younger Dryas Boundary sediments (Diamantes hexagonais sintetizados por choque em sedimentos da Fronteira do Ynger Dryas)*. A presença de diamantes hexagonais sintetizados por choque e de outros diamantes de tamanho nanométrico nos sedimentos do YDB em associação com fuligem e outros indicadores de incêndios florestais é consistente com um impacto cósmico ocorrido há 12.900 anos e com a hipótese de que a Terra cruzou com um enxame de cometas ou condritos carbonáceos que produziram choques aéreos e/ou impactos na superfície que contribuíram para a interrupção abrupta do ecossistema e extinções de megafauna na América do Norte(25).

extinção de megafauna na América do Norte.[25]

2010: *Descoberta de uma camada rica em nanodiamantes na camada de gelo da Groenlândia* . A presença de nanodiamantes arredondados e lonsdaleíta no gelo da Groenlândia sugere a ocorrência de um grande impacto cósmico... A existência dessa camada... parece consistente com a ocorrência de um grande evento de impacto que se correlaciona com o YDB rico em nanodiamantes na América do Norte, há 12.900 anos.

anos atrás.[26]

2010: *Extinções paleolíticas e o Complexo Taurídeo* . A interseção com os detritos de um grande cometa de curto período (50-100 km) durante o Paleolítico Superior fornece uma explicação satisfatória para a catástrofe de origem celestial que se postulou ter ocorrido há cerca de 12.900 anos e que pressagiou um retorno às condições da Idade do Gelo com cerca de 1.300 anos de duração. O Complexo Taurídeo parece ser os destroços desse antigo cometa; ele inclui cerca de 19 dos mais brilhantes cometas próximos à Terra.

(27) [N.B. As implicações desse importante artigo do astrônomo Bill Napier, do Centro de Astrobiologia da Universidade de Cardiff, País de Gales, Reino Unido, serão analisadas com mais detalhes no Capítulo Dezenove].

2010: *Evidence for a Cosmogenic Origin of fired glaciofluvial beds in the Northwestern Andes: Correlation with Experimentally Heated Quartz and Feldspar (Evidência de uma origem cosmogênica de leitos glaciofluviais queimados nos Andes do noroeste: correlação com quartzo e feldspato aquecidos experimentalmente)*. Sedimentos queimados, considerados equivalentes ao impacto "Black Mat" de 12.900 anos atrás, foram localizados e analisados nos Andes do noroeste da Venezuela. O "Black Mat" refere-se a uma possível fa **lha** da explosão do Cometa Encke, que se presume ter ocorrido sobre o manto de gelo Laurentide, o impacto espalhando ejetados sobre grandes porções da América do Norte e da Europa, tornando-o um evento inter-hemisférico de magnitude considerável... A presença de monazita abundante nos revestimentos carbonáceos é considerada parte da ejeção recebida, pois não é um mineral indicador comum na litologia local... O crescimento entre o material carbonáceo de "tapete preto" com quartzo e feldspato fragmentados e rompidos termicamente, uma pátina "soldada" de 100 a 400 nm de espessura, só poderia ocorrer com temperaturas superiores a 900 graus centígrados,

o evento aqui interpretado como sendo de origem cosmogênica.[28]

2011: *Framboidal iron oxide: Material semelhante à condrita do tapete negro, Murray Springs, Arizona* . No final do Pleistoceno, um "tapete preto" do Younger Dryas foi depositado sobre os sedimentos do Pleistoceno em muitas partes da América do Norte. Um estudo da fração magnética da seção basal do tapete preto em Murray Springs, Arizona, revelou a presença de framboides amorfos de óxido de ferro em uma matriz vítrea de ferro-sílica. [Nossos dados sugerem que as texturas observadas são... devidas... a um evento de choque que fraturou e amorfizou em grande parte os grãos... Portanto, argumentamos que essas partículas são o produto de um evento de choque.

evento de impacto de hipervelocidade[29].

2012: *Evidências da região central do México que apóiam a hipótese do impacto extraterrestre do Younger Dryas* . Relatamos a descoberta, no Lago Cuitzeo, na região central do México, de uma camada lacustre preta, rica em carbono, contendo nanodiamantes, microesferas e outros materiais incomuns que datam do início do Younger Dryas... Nós... descobrimos que a evidência não pode ser explicada por nenhum mecanismo terrestre conhecido. Entretanto, ela é consistente com a hipótese de impacto no limite do Younger Dryas, que postula um grande impacto extraterrestre envolvendo várias explosões de ar e/ou impactos no solo há 12.900 anos.[30]

2012: *Produtos de fusão de impacto de temperatura muito alta como evidência de explosões de ar cósmicas e impactos há 12.900 anos* .

Examinamos sequências de sedimentos de 18 locais datados do limite do Younger Dryas (YDB) em três continentes... **Todos os** locais apresentam microesferas abundantes no YDB, com nenhuma ou poucas acima e abaixo. Além disso, três locais ... exibem objetos vesiculares, semelhantes a escórias siliciosas de alta temperatura, ou SLOs, que correspondem geoquimicamente às esférulas ... Nossas observações indicam que os objetos do YDB são semelhantes ao material produzido em explosões nucleares, plumas de crateras de impacto e explosões cósmicas, e apoiam fortemente a hipótese de múltiplas explosões cósmicas/impactos há 12.900 anos. Os dados apresentados aqui exigem que a radiação térmica dos choques aéreos seja suficiente para derreter os sedimentos da superfície em temperaturas até ou superiores ao ponto de ebulição do quartzo
(2.200 graus centígrados).[31]

2013: *Grande anomalia de Pt no núcleo de gelo da Groenlândia aponta para um cataclismo no início do Younger Dryas*. Uma explicação para o episódio de resfriamento abrupto conhecido como Younger Dryas (YD) é um impacto cósmico ou explosão de ar no limite do YD que desencadeou o resfriamento e resultou em outras calamidades. Testamos a hipótese do impacto da YD analisando amostras de gelo do núcleo de gelo do Greenland Ice Sheet Project 2 (GISP2) no limite Bolling-Allerod/YD em busca de elementos principais e traços. Encontramos uma grande anomalia de platina (Pt) no YDB... Evidências circunstanciais sugerem uma fonte extraterrestre... [talvez] um impactador de metal
com uma composição incomum ...[32]

2013: *Novas evidências de um local de tapete preto nos Andes do Norte que comprovam um impacto cósmico há 12.800 anos* . Os esferulitos da Venezuela são morfológica e composicionalmente idênticos aos esferulitos YDB documentados em outros lugares... em três continentes, América do Norte, Europa e Ásia, confirmando os resultados dos esferulitos magnéticos YDB de pesquisadores anteriores. Sua textura microestrutural indica que eles se formaram a partir de fusão e resfriamento rápido... Assim, a origem mais provável dos esferulitos parece ser um impacto cósmico/explosão de ar há 12.800 anos, com consequências inter-hemisféricas. O local na Venezuela, juntamente com um no Peru, são os dois locais mais ao sul atualmente conhecidos por apresentarem evidências do evento de impacto YDB, e esses locais representam a primeira evidência de que os efeitos do evento de impacto se estenderam para a América do Sul, até mesmo para o sul da América do Sul.
Hemisfério [33].

2014: *Camada rica em nanodiamantes em três continentes é consistente com um grande impacto cósmico em 12.800 cal BP* .
Um grande evento de impacto cósmico foi proposto no início do episódio de resfriamento do Younger Dryas, 12.800 anos (mais ou menos 150 anos) antes do presente, formando a Camada Limite do Younger Dryas (YDB), distribuída por até 50 milhões de quilômetros quadrados em quatro continentes. Em 24 seções estratigráficas datadas em 10 países do Hemisfério Norte, a camada YDB contém um pico de abundância claramente definido em nanodiamantes (NDs), um importante indicador de impacto cósmico... O grande conjunto de evidências agora obtido sobre os NDs da YDB é fortemente consistente com uma origem por impacto cósmico há cerca de 12.800 anos e é inconsistente
com a formação do YDB ND por processos terrestres naturais, incluindo incêndios florestais, antropogênese e/ou influxo de poeira cósmica. [34]
[NB. Esse artigo e suas importantes **implicações** serão discutidos em mais detalhes posteriormente neste capítulo].

Enfrentando os uniformitaristas dogmáticos

Seria de se esperar que, com um acúmulo tão impressionante de evidências, a teoria do impacto do Younger Dryas já tivesse sido totalmente aceita e que os pesquisadores tivessem passado a uma análise mais ampla das *implicações* de um cataclismo global tão recente e até então insuspeitado para nossa compreensão da história da Terra e de nossa própria espécie. No entanto, já vimos no exemplo de J. Harlen Bretz como os cientistas ligados à estrutura de referência uniformitarista e gradualista reagem com extrema força negativa às teorias catastrofistas.

Bretz também não foi uma exceção. Alfred Wegener, que propôs pela primeira vez a noção de deriva continental - a tectônica de placas - foi igualmente criticado, assim como, posteriormente, Luis e Walter Alvarez (o impacto de Chicxulub, "K-T"), Steven J. Gould (equilíbrio pontuado), Victor Clube e Bill Napier (catastrofismo coerente) e James Lovelock, Sherwood Rowland, Mario Molina e Lynn Margulis por suas contribuições à geofisiologia e à teoria Gaia. Portanto, não é de se surpreender que Richard Firestone, Allen West, James Kennett e outros que seguiram as evidências e se esforçaram para sugerir que o impacto de um cometa causou o

Os Dryas mais jovens também sofreram ataques contínuos e amargos.

Na verdade, a alegria triunfante dos críticos que acreditam claramente que acabaram, de uma vez por todas, com o catastrofismo herético de Firestone, West e Kennett, encheu o ar acadêmico várias vezes nos últimos anos. Em todas as ocasiões, quase se pode ouvir o suspiro coletivo de alívio, como se dissesse "graças a Deus, finalmente pegamos esses bastardos"; mas, alguns meses depois, vem a refutação devastadora e absolutamente convincente que força os críticos a voltarem à prancheta. É por isso que oito anos de ataques contínuos serviram apenas para provar - repetidas vezes - que a ciência por trás da teoria do cometa Younger Dryas é boa.

É bastante perceptível, ao analisar a literatura, que os acadêmicos se formam em gangues. Os líderes do grupo "anti-Comet-JD", cujos nomes aparecem com frequência no topo dos artigos críticos, incluem Mark Boslough, físico da equipe técnica do Sandia National Laboratories, e Nicholas Pinter, professor de geologia da Southern **I linois** University. Em 2012, eles se uniram a meio milhão de

(34) Pinter e uma dúzia de outros cientistas publicaram um artigo intitulado "Arguments and Evidence Against a Younger Dryas Impact Event" (Argumentos e Evidências Contra um Evento de Impacto do Período Mais Jovem da Era Seca). [35]E, um ano antes, Pinter e alguns dos autores do ataque de 2012 haviam unido forças para escrever um artigo hubristicamente intitulado "The Younger Dryas Impact Hypothesis: A Requiem" [36].

Parafraseando Mark Twain, os relatos da morte da teoria dos cometas foram muito exagerados.

Por exemplo, uma das principais críticas feitas por Boslough et al em seu artigo de 2012 foi que:

> Os resultados da abundância de microesferas magnéticas publicados pelos proponentes do impacto não foram reproduzidos por outros trabalhadores. As análises da mesma estratigrafia do sítio YD feitas por Surovell et al [2009] não conseguiram reproduzir as observações de dois dos marcadores de impacto publicados por Firestone et al [2007]. O estudo de Surovell et al [2009] não encontrou picos de abundância exclusivos do intervalo de tempo YD
> intervalo de tempo YD.[37]

Mas os defensores do impacto conseguiram mostrar mais tarde que Boslough e seus coautores "não citaram nove estudos independentes de esferulite em dois continentes que relataram ter encontrado abundâncias significativas de esferulite no YDB [Younger Dryas Boundary]". [38]Porém, o mais grave foi o fato de que, quando outros cientistas repetiram a análise de Surove **l** et al, suas descobertas de fato apoiaram um impacto. Os cientistas concluíram que:

> A incapacidade de Surovell et al de encontrar picos de esférulas de YDB resultou da não adesão ao protocolo de extração prescrito. Por exemplo, Surovell et al não realizaram nenhuma análise usando microscopia eletrônica de varredura, um procedimento necessário claramente especificado por Firestone et al.[39]

Um estudo independente separado, realizado por Malcolm A. Le Compte et al, observou que Surovell et al "coletaram e analisaram amostras de sete locais do YDB, supostamente usando o mesmo protocolo de Firestone et al, mas não encontraram um único esferulado nos sedimentos do YDB em dois locais relatados anteriormente". Depois de uma investigação minuciosa de todas as evidências, seus resultados confirmaram
seus resultados lançam o trabalho de Surovell et al em uma sombra ainda mais profunda:

> Realizamos uma investigação cega independente em dois locais comuns a ambos os estudos e em um terceiro local investigado apenas por Surove **l** et al. Encontramos microesferas de YDB abundantes em todos os três locais amplamente separados, de acordo com os resultados de Firestone et al. e concluímos que o protocolo analítico empregado por Surovell et al. se desviou significativamente do de Firestone et al.
> A análise morfológica e geoquímica dos esferulitos do YDB sugere que eles ... se formaram a partir do derretimento e resfriamento abruptos de materiais terrestres e ... são consistentes com ... um impacto cósmico proposto anteriormente há 12.900 anos ...[41]

Não é de surpreender que, depois de tudo isso, o "réquiem" de Pinter para a hipótese de impacto do Younger Dryas tenha se revelado prematuro:

> Pinter et al afirmaram ter coletado amostras da camada YDB em um local "idêntico ou quase idêntico" ao local relatado por Kennett et al, como parte de três estudos que relataram não ter encontrado esférulas ou nanodiamantes YDB. No entanto, as coordenadas do Universal Transverse Mercator publicadas revelam que a suposta sequência contínua é, na verdade, quatro seções descontínuas. Esses locais variam em distância do local investigado por Kennett et al em 7.000 m, 1.600 m, 165 m e 30 m, mostrando claramente que eles não coletaram amostras do local do YDB de Kennett et al. Além disso, essa estratégia de amostragem levanta dúvidas sobre se Pinter et al coletaram amostras do YDB e pode explicar por que eles não conseguiram encontrar picos em esférulas magnéticas do YDB,
> esférulas de carbono ou nanodiamantes.[42]

Em 2012-13, em um esforço para limitar o escopo para que estudos ruins ou enganosos fossem citados como se desacreditassem seu trabalho, quando na verdade não o fazem, Jim Kennett, Richard Firestone, Allen West e um grupo formidável de cientistas pró-impacto lançaram "um dos

investigações mais abrangentes de esférulas já realizadas". [43]A investigação concentrou-se em dezoito locais na América do Norte, Europa e Oriente Médio (o último representado por Abu Hureyra, na Síria) e realizou mais de 700 análises em esferulhas usando espectroscopia de raios X por dispersão de energia para análise química e microscopia eletrônica de varredura para caracterização microestrutural da superfície.

Os resultados, publicados na *PNAS* em 4 de junho de 2013, aproveitaram os recentes avanços na tecnologia de radiocarbono para refinar a data do impacto do Younger Dryas de 12.900 para 12.800 anos atrás [44]e permitiram a elaboração de um mapa muito mais detalhado do campo YDB, cobrindo cerca de 50 milhões de quilômetros quadrados das Américas do Norte, Central e do Sul, um grande segmento do Oceano Atlântico e a maior parte da Europa, o norte da África e o Oriente Médio. Os cálculos indicam que o impacto depositou cerca de *dez milhões de toneladas de esférulas* nesse vasto campo de dispersão. [45]Os pesquisadores também não tinham dúvidas de que um impacto havia sido o cerne da questão:

> As análises de 771 objetos do YDB apresentadas neste artigo apoiam fortemente um grande impacto cósmico ocorrido há 12.800 anos... Os esferulitos... (i) estão espalhados em 18 locais em quatro continentes; (ii) apresentam grandes picos de abundância somente no início do YD, por volta de 12.800 anos atrás; (iii) raramente são encontrados acima ou abaixo do YDB, indicando um evento raro; e (iv) totalizam cerca de 10 milhões de toneladas de materiais distribuídos em cerca de 50 milhões de quilômetros quadrados de vários continentes, o que exclui um evento local e de pequena dimensão.
> [46].

Apesar da irritante capacidade do cometa Younger Dryas de continuar provando a si mesmo e de seus proponentes continuarem a refutar todos os ataques, Nicholas Pinter, principal autor do artigo "Requiem" de 2011, sentiu-se motivado em uma entrevista à NBC News em setembro de 2013 a tentar novamente lançar a hipótese no limbo científico. "Meu único comentário", disse ele, "é que a literatura pró-impacto é, neste momento, ciência marginal que está sendo promovida por uma única revista."[47]

Vários observadores, sem nenhum tipo de preconceito específico, ficaram intrigados com essa observação. Em primeiro lugar, como observou o correspondente da *National Geographic*, Robert Kunzig, observou que ela cheirava um pouco a desejo, até mesmo a desespero, por parte de Pinter. "Alguns oponentes da hipótese", escreveu Kunzig, "querem tanto que ela desapareça que tentaram declará-la morta". [48]Em segundo lugar, a revista que Pinter acusou de promover a ciência marginal não era outra senão a reverenciada, totalmente convencional e amplamente revisada por pares *Proceedings of the National Academy of Sciences* (*PNAS*).[49]Em terceiro lugar, embora vários artigos de Kennett, West, Firestone e sua equipe tenham aparecido na *PNAS*, simplesmente não é verdade sugerir que *a PNAS* esteja promovendo a causa deles. Pelo contrário, na Na época em que Pinter fez seu protesto à NBC, os críticos da hipótese do cometa YD haviam publicado dez vezes na *PNAS*, enquanto os defensores da hipótese haviam publicado apenas oito vezes. Da mesma forma, a afirmação de Pinter de que a hipótese está sendo apresentada apenas em um único periódico não poderia estar mais errada. Em setembro de 2013, além de seus oito artigos na *PNAS*, os proponentes haviam publicado nada menos que quinze artigos em treze outras revistas.[50]

A luta acadêmica sobre a hipótese do impacto do período Younger Dryas está longe de terminar. No momento em que este artigo foi escrito, a mais recente salva disparada pelos críticos da hipótese foi intitulada "Anthropogenic origin of siliceous scoria droplets from Pleistocene and Holocene archaeological sites in northern Syria". De autoria de P. Thy, G. Willcox, G.H. Barfod e D.Q. Fuller, foi publicado on-line em 16 de dezembro de 2014 A essência do argumento desse artigo é que as gotículas de escória siliciosa (compostas principalmente de matriz de vidro e bolhas, juntamente com grãos minerais parcialmente derretidos) de Abu Hureyra, na Síria -citadas por cientistas pró-impacto como evidência para seu caso - não tinham nada a ver com o cometa, mas eram, em vez disso, produto de edifícios antigos destruídos por incêndios domésticos:

> Portanto, concluímos que o derretimento da terra de construção em assentamentos antigos pode ocorrer durante incêndios que atingem temperaturas modestas. Não há evidências que sugiram que as gotículas de escória siliciosa resultem do derretimento do solo a temperaturas muito altas e sejam resultado de um evento cósmico.[52]

"Para o sítio da Síria, a teoria do impacto está descartada", gabou-se o autor principal, Peter Thy, em uma entrevista à imprensa intitulada "Study Casts Doubt on Mammoth-Killing Cosmic Impact". [53]Mas, mais uma vez, parece que a fanfarronice foi prematura. A len West está listada como autora correspondente na maioria dos artigos acadêmicos publicados pela equipe de cientistas que trabalha com o impacto do Younger Dryas, então enviei um e-mail para ele em 18 de março de 2015, para perguntar se ele e seus colegas tinham alguma resposta para a crítica de Thy et al. West respondeu da seguinte forma:

> Concordamos com Thy et al que as fogueiras de cabanas podem produzir vidro, mas isso não significa, portanto, que *todo o* vidro seja proveniente de fogueiras de cabanas, como eles concluem. Analisamos vidros naturais fornecidos por um dos autores desse estudo, e o vidro de 12.800 anos da Síria é apenas superficialmente semelhante. Em vez disso, ele corresponde ao vidro de impacto cósmico conhecido, que **chamamos** de vidro de bomba atômica de alta temperatura.

Mais importante ainda, esses autores não discutiram nem procuraram as evidências de minerais abundantes de alta temperatura apresentadas em nossos artigos anteriores sobre três locais em dois continentes (Pensilvânia, Carolina do Sul e Síria), onde encontramos suessita que derrete a cerca de 2.300 graus centígrados e coríndon a cerca de 1.800 graus centígrados. Agora temos evidências ainda mais fortes do local na Síria e estamos trabalhando em um novo artigo que será publicado este ano. O vidro sírio de 12.800 anos contém uma variedade de minerais que derreteram a temperaturas extraordinariamente altas. Veja a tabela abaixo de nosso novo artigo:

Melted minerals	Formula	Est. melt T (°C)
Chromite	$(Fe)Cr_2O_4$	≈2265
Quartz	SiO_2	≈1720
Chert	impure SiO_2	≈1720
Magnetite	Fe_3O_4	≈1550
Native Fe	Fe	≈1530
Chlorapatite	$Ca_5(PO_4)_3Cl$	≈1530

Essas temperaturas são suficientes para derreter o aço. Além disso, a mesma camada rica em vidro no local da Síria contém grandes picos de nanodiamantes, níquel e platina. Nenhum incêndio de construção pode duplicar essa gama de evidências - tais incêndios não podem produzir nanodiamantes ou enriquecimentos de platina. **Todas** essas evidências refutam a hipótese de Thy et al de que esse vidro foi produzido em incêndios de baixa temperatura de incêndios em edifícios.[54]

Quando o novo artigo de West e seus colegas for publicado no final de 2015 (depois que este livro for para o prelo), não tenho dúvidas de que ele refutará, de fato, os argumentos de Thy et al - assim como todos os ataques anteriores foram refutados com sucesso. Mas também não tenho dúvidas de que outras pessoas, que, por qualquer motivo, se opõem filosoficamente à noção de um cataclismo ocorrido há 12.800 anos, publicarão ainda mais "réquiens" para a hipótese do impacto do Younger Dryas nos próximos anos, mesmo que a descoberta constante de novas evidências signifique que ela continua a prosperar e crescer. Como vimos ao longo deste livro, as ideias catastrofistas, por mais minuciosamente documentadas e persistentemente argumentadas e apresentadas que sejam, são rotineira e regularmente jogadas para debaixo do tapete pelo establishment uniformitarista. Assim, embora não lhe faltasse persistência nem a minúcia de sua documentação, J. Harlen Bretz enfrentou anos de desânimo antes que suas ideias fossem aceitas pela corrente dominante.

Jim Kennett, Richard Firestone, Allen West e seus colegas defenderam o caso catastrofista do impacto do cometa Younger Dryas com persistência igualmente louvável e com igual domínio da documentação, e eles também enfrentaram rejeição e hostilidade. Entretanto, duas coisas são diferentes no caso deles. Primeiro, estamos no século XXI e temos a Internet, que permite o compartilhamento e a proliferação muito rápidos de ideias. Esse não era o caso quando Bretz começou sua luta solitária. Em segundo lugar, Kennett, Firestone e West parecem ter uma compreensão melhor da política da ciência do que Bretz e fortaleceram muito sua própria mão ao mobilizar o apoio de muitos colegas para seu trabalho. Uma coisa é gritar e silenciar um lobo solitário como Bretz. Outra bem diferente é criticar e silenciar uma grande equipe de cientistas altamente credenciados de várias disciplinas e universidades.

E a equipe está crescendo. Ao concluir este capítulo em março de 2015, tenho em minha mesa o último artigo publicado por Firestone, Kennett e West. O artigo, intitulado "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact 12,800 Years Ago" (Camada rica em nanodiamantes em três continentes consistente com um grande impacto cósmico há 12.800 anos), foi publicado na edição de setembro de 2014 do *The Journal of Geology*. O autor principal é Carles R. Kinzie, do Departamento de Química da Universidade DePaul, em Chicago. Firestone, Kennett, West e vinte e dois outros cientistas importantes de universidades e institutos de pesquisa de prestígio em todo o mundo são coautores.[55] A gravidade do artigo, de seus autores e da revista em que foi publicado, juntamente com as refutações detalhadas adicionais que ele contém de críticas anteriores,[56] se combinam para fazer com que a afirmação de Nicholas Pinter de que a hipótese do cometa Younger Dryas é "ciência marginal" seja motivo de chacota.

De fato, o contrário é verdadeiro - o que está acontecendo claramente é que uma hipótese extraordinária atendeu repetidamente à demanda por O fato de que o conceito de "ciência" é uma evidência extraordinária para apoiá-lo começou a forçar seu caminho através das portas firmemente defendidas da corrente principal. Não será uma luta fácil; nunca é. Haverá retrocessos e também progresso. Mas o artigo de 2013 sobre esférulas e o artigo de 2014 sobre nanodiamantes contêm uma grande quantidade de evidências que até mesmo os gradualistas mais ferrenhos devem achar difícil descartar completamente. Como Wallace

Broecker, geoquímico e cientista climático do Lamont-Doherty Earth Observatory da Universidade de Columbia, admitiu recentemente, a contragosto: "A maioria das pessoas estava tentando refutar isso. Agora elas terão que perceber que há alguma verdade nisso".[57]

Mas não pode haver apenas "alguma" verdade nisso. A hipótese do cometa Younger Dryas está certa ou errada. Minha própria avaliação, Tendo analisado mais de sete anos de trabalhos de pesquisa e lido todos os ataques e refutações desde a primeira divulgação pública da hipótese em 2007, é que o argumento a favor do impacto é muito forte e se torna mais forte e convincente a cada dia. Eu poderia dar muitos outros exemplos dos esforços bem-sucedidos dos proponentes da hipótese para defender suas ideias ao longo dos anos, mas, em vez de fazer isso aqui, remeto a todos os leitores. em vez de fazê-lo aqui, remeto o leitor interessado às fontes indicadas na nota de rodapé.[58] Enquanto isso, o artigo de setembro de 2014, resumindo as evidências apresentadas, conclui:

> Um evento de impacto cósmico no início do episódio de resfriamento do Younger Dryas é a única hipótese capaz de explicar a deposição simultânea de picos de abundância de nanodiamantes, esférulas magnéticas e vítreas, vidro fundido, platina e/ou outros indicadores em pelo menos quatro continentes (cerca de 50 milhões de quilômetros quadrados). As evidências apóiam fortemente um impacto cósmico impacto cósmico há 12.800 anos.[59]

De particular importância, acrescenta James Kennett, é o fato de que os materiais vítreos e metálicos nas camadas do YDB só poderiam ter se formado a temperaturas superiores a 2.200 graus Celsius e, portanto, não poderiam ter resultado de qualquer cenário alternativo que não fosse um impacto maciço de cometa.[60]

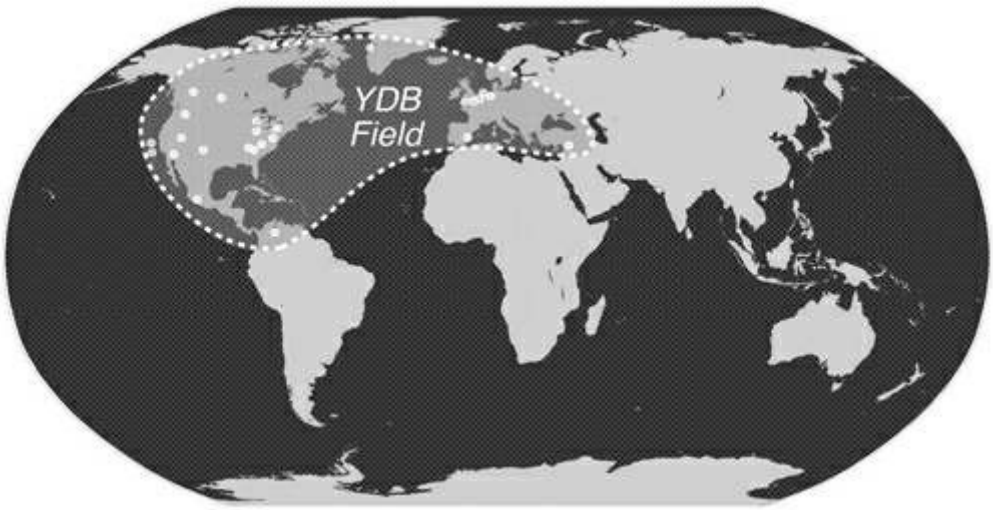


Figura 20: O Strewnfield do limite do Younger Dryas (após Wittke et al, 2013 e Kinzie, Kennett et al, 2014). A área delimitada pela linha pontilhada define os atuais limites conhecidos do campo YDB de proxies de impacto cósmico, abrangendo 50 milhões de quilômetros quadrados.

O tamanho exato desse impacto ainda precisa ser resolvido com mais pesquisas. Até lá, diz Kennett, "não há limite conhecido para o campo de dispersão do YDB, que atualmente cobre mais de 10% do planeta, indicando que o evento YDB foi um grande impacto cósmico... O dado de nanodiamante reconhecido neste estudo oferece aos cientistas uma visão instantânea de um momento no tempo chamado isócrono".

No mundo todo, até hoje, os cientistas conhecem apenas duas camadas de sedimentos "amplamente distribuídas em vários continentes que exibem picos de abundância coevos em um conjunto abrangente de marcadores de impacto cósmico, incluindo nanodiamantes, esférulas temperadas de alta temperatura, vidro fundido de alta temperatura, esférulas de carbono, irídio e carbono aciniforme".[62] Essas camadas são encontradas no limite do Younger Dryas, há 12.800 anos, e no limite do Cretáceo-Terciário, há 65 milhões de anos, quando há muito tempo se concorda que houve um gigantesco impacto cósmico. que um impacto cósmico gigantesco no Golfo do México (nesse caso, acredita-se que o impactador tenha sido um asteroide com cerca de dez quilômetros de diâmetro) causou a extinção em massa. quilômetros de diâmetro) causou a extinção em massa dos dinossauros.[63]

"As evidências que apresentamos resolvem o debate sobre a existência de nanodiamantes YDB em abundância", diz Kennett. "Nossa hipótese desafia alguns paradigmas existentes em várias disciplinas, incluindo dinâmica de impacto, arqueologia, paleontologia e paleoceanografia/paleoclimatologia, todas afetadas por esse impacto cósmico relativamente recente."[64]

A observação de Kennett tem implicações importantes para o estudo e a compreensão de nosso passado. Os arqueólogos têm estado em o hábito de considerar os impactos cósmicos, que supostamente só ocorrem em intervalos de vários milhões de anos, como amplamente irrelevantes para a história de 200.000 anos dos humanos anatomicamente modernos. Quando acreditávamos que o último grande impacto havia sido o asteroide que matou dinossauros há 65 milhões de anos, obviamente havia pouco sentido em tentar relacionar acidentes cósmicos em uma escala quase inimaginável com o período de tempo muito mais curto da "história". Mas a possibilidade muito real, confirmada pelo estudo de Kennett, de que uma enorme extinção, que abalou a Terra, tenha ocorrido há 65 milhões de anos, é uma possibilidade muito real.

Um evento de nível mundial ocorrido há apenas 12.800 anos, em nosso quintal histórico, muda tudo.

Capítulo 6
Impressões digitais de um cometa

As evidências de depósitos de nanodiamantes, microesferas, vidro derretido de alta temperatura e outros "proxies de impacto de ETs" na Fronteira do Younger Dryas apontam fortemente para um encontro cataclísmico entre a Terra e um grande cometa há cerca de 12.800 anos. O ponto de entrada teria sido em algum lugar sobre o Canadá, momento em que o cometa já poderia ter se fragmentado em vários fragmentos em sua jornada pelo espaço (como foi o caso do cometa Shoemaker-Levy 9, quando seu "trem de carga" de grandes fragmentos atingiu Júpiter com efeito espetacular em 1994). No entanto, é igualmente possível que a ruptura do cometa Younger Dryas só tenha ocorrido depois que ele entrou na atmosfera da Terra. De qualquer forma, alguns dos fragmentos logo explodiram no ar; outros, com diâmetros de até dois quilômetros, atingiram vários pontos da calota de gelo da América do Norte; outros ainda se espalharam na direção sudeste através do Oceano Atlântico, onde ocorreram outros impactos na calota de gelo da Europa, e outros ainda permaneceram no ar até chegarem ao Oriente Médio, nas proximidades da Turquia, do Líbano e da Síria, onde ocorreu a chuva final de impactos.

Como as evidências sobre o cometa são muito recentes e a hipótese do impacto ainda é contestada, quase nenhuma consideração foi feita sobre os efeitos imediatos dos vários impactos importantes que se acredita terem ocorrido na calota de gelo da América do Norte. Em todos os casos, o próprio gelo, ainda com mais de dois quilômetros de espessura há 12.800 anos, teria absorvido a maior parte do choque do impacto, deixando pouquíssimas características duradouras no solo. Mesmo assim, os pesquisadores começaram a se concentrar em várias crateras possíveis.

Um candidato é a chamada característica Charity Shoal no Lago Ontário. Composta por uma borda elevada em torno de uma pequena bacia circular de aproximadamente um quilômetro de diâmetro e 19 metros de profundidade, ela foi estudada por uma equipe de cientistas liderada por Troy Holcombe, que concluiu que provavelmente era de origem de impacto extraterrestre e que poderia ter sido criada no final do Pleistoceno, na época do início do Younger Dryas.

época do início do Younger Dryas. [1]

Da mesma forma, a estrutura de Bloody Creek, com meio quilômetro de diâmetro e 10 metros de profundidade, no sudoeste da Nova Escócia, foi identificada como uma possível cratera de impacto por Ian Spooner, George Stevens e outros em um artigo de 2009 publicado na revista *Meteoritics and Planetary Science* . Eles não puderam ter certeza de sua idade, mas observaram que "o impacto no gelo da geleira durante os estágios finais da Glaciação Wisconsin, há cerca de 12.000 anos, pode ter resultado na dissipação de muita energia de impacto no gelo, resultando na morfologia atual da Bloody Creek Structure"[2].

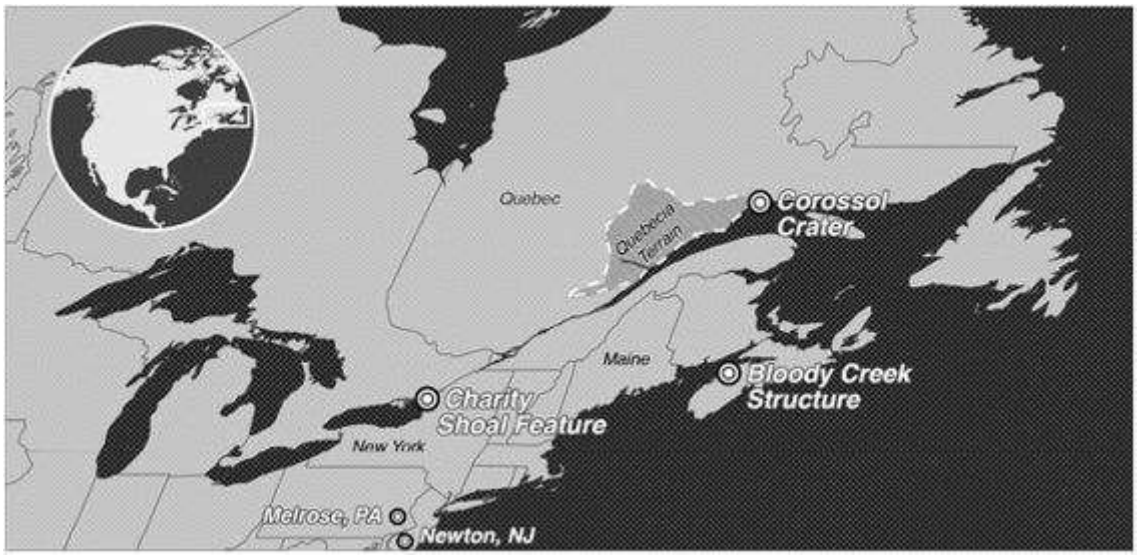


Figura 21

Um terceiro candidato é a cratera Corossol, no Golfo de São Lourenço, Canadá. Descoberta pelo Serviço Hidrográfico Canadense durante o mapeamento subaquático, a Corossol tem 4 quilômetros de diâmetro, o que implica um objeto de impacto com diâmetro de até meio quilômetro. Atualmente, a cratera se encontra entre 40 e 185 metros de água e, originalmente, acreditava-se que era muito antiga, datando de algum ponto após a metade do século XX. Ordoviciano, cerca de 470 milhões de anos atrás. [3]Pesquisas recentes, entretanto, lançam dúvidas sobre essa cronologia. Por exemplo, M.D. Higgins e seus colegas da Universidade de Quebec e do Serviço Geológico do Canadá argumentaram em um artigo apresentado na 42ª Conferência de Ciências Lunares e Planetárias em março de 2011 que:

> A escassez de sedimentos na cratera pode indicar que ela é jovem. A idade mínima foi estabelecida usando dados de um núcleo de 7 metros retirado da calha central. As idades calibradas de carbono-14 das conchas nos sedimentos podem ser extrapoladas para fornecer uma estimativa da idade da base da sequência sedimentar de cerca de 12.900 anos atrás... Essa é considerada a idade mais jovem possível do impacto.
> idade possível do impacto.[4]

Essa idade "mais jovem possível" de 12.900 anos está confortavelmente dentro da margem de erro de 12.800 anos, mais ou menos 150 anos, que é atualmente aceita para o limite do Younger Dryas. [5]Em outras palavras, se as descobertas de Higgins e sua equipe forem confirmadas, Corossol poderia muito bem ser uma das crateras de impacto até então "desaparecidas" deixadas pelo cometa Younger Dryas. A identificação definitiva de tal cratera seria
A cratera é a cereja do bolo para Firestone, Kennett, West e outros cientistas pró-impacto, mas, como eles deixaram claro várias vezes, não precisam de crateras para provar sua hipótese, já que crateras proeminentes não são esperadas nem de explosões aéreas nem de impactos em calotas polares.
precisam de crateras para provar sua hipótese, já que crateras proeminentes não são esperadas nem de explosões de ar nem de impactos em calotas polares.

No entanto, Charity Shoal, Bloody Creek e Corossol não estão sozinhos. Um quarto possível local de impacto foi identificado um pouco a oeste de Corossol, em uma área conhecida pelos geólogos como Quebecia Terrain. Altas concentrações de microesferas de YDB encontradas perto das cidades de Melrose, na Pensilvânia, e Newtonville, em Nova Jersey, foram analisadas por Wu, Sharma, LeCompte, Demitroff e Landis em um artigo publicado em setembro de 2013 na revista *Proceedings of the National Academy of Sciences*. A conclusão deles foi que um impacto na camada de gelo Laurentide penetrou no leito rochoso do terreno de Quebecia, lançando ejetados na atmosfera. A ejeção incluía esférulas de 2 a 5 milímetros de diâmetro que foram espalhadas pelos ventos e choveram a centenas de quilômetros de distância, na área de Melrose-Newtonville. A análise mostrou que os esferulitos continham significativamente:

> minerais como a suessita, que se formam em temperaturas superiores a 2.000 graus centígrados. A textura grosseira, a mineralogia e a idade dos esferulitos parecem consistentes com sua formação como ejeção de um impacto há 12.900 anos... Os padrões de elementos de terras raras e os isótopos de Sr e Nd dos esferulitos indicam que sua fonte está no Terreno de Quebecia.[6]

"Fornecemos evidências de um impacto no topo da camada de gelo", concluiu Mukul Sharma, coautor do estudo. "Pela primeira vez, delimitamos a região onde ocorreu um impacto do período Younger Dryas, embora ainda não tenhamos encontrado sua cratera." [7]

A julgar pela aparente trajetória de noroeste a sudeste do cometa Younger Dryas, [8]a característica Charity Shoal no Lago Ontário, a ejeção do Terreno de Quebecia, a cratera Corossol no Golfo de São Lourenço e a estrutura Bloody Creek na Nova Escócia podem marcar os impactos dos últimos grandes fragmentos que atingiram a América do Norte. Mas os fragmentos ainda maiores - na faixa de dois quilômetros de diâmetro que Firestone, Kennett e West preveem - inevitavelmente teriam atingido a calota de gelo *mais cedo* na trajetória e, portanto, em pontos mais ao norte e a oeste. É para esses impactos hipotéticos nas bordas ocidentais da calota de gelo Laurentide e na calota de gelo Cordilleran que devemos procurar a possível fonte de água derretida para a inundação de Bretz.

Pensamento radical

Embora a noção de inundações de explosão do Lago Glacial Missoula tenha sido aceita há muito tempo pela ciência dominante como a fonte dos espetaculares danos causados pelas inundações documentadas por Bretz, é importante reconhecer que vários cientistas experientes e altamente credenciados continuam a discordar dessa visão. Entre os dissidentes, destaca-se John Shaw, professor de Ciências da Terra da Universidade de Alberta, no Canadá. Shaw argumenta que o volume de água no Lago Missoula, estimado em cerca de 2.000 quilômetros cúbicos em seu pico, não é suficiente para explicar as evidências de campo. Sua própria teoria é que enormes quantidades de água de degelo - da ordem de 100.000 quilômetros cúbicos - foram represadas em um reservatório subglacial bem abaixo da calota de gelo da América do Norte e ele propõe que a inundação
Os danos foram causados por uma liberação única e maciça desse reservatório.[9]

Os pesquisadores japoneses Goro Komatsu, Hideyaki Miyamoto, Kazumasa Itoh e Hiroyuki Tosaka realizaram extensas simulações computadorizadas de inundações cataclísmicas de grande escala nas Scablands e concordam com Shaw que o Lago Glacial Missoula não era, por si só, nem de longe grande o suficiente para causar os danos da inundação:

> Mesmo a drenagem total do Lago Missoula não pode explicar as evidências de campo de marcas d'água altas.

A inundação subglacial do norte proposta por Shaw pode fornecer uma explicação para o aumento do volume de água necessário para explicar as evidências de marcas d'água altas no Scabland canalizado.[10]

Da mesma forma, Victor Baker, professor de Hidrologia e Recursos Hídricos da Universidade do Arizona, e Jim O'Connor, do Centro de Ciências Hídricas do Serviço Geológico dos EUA, expressaram preocupação com o "caso de jökulhlaups colossais periódicos" do Lago Glacial Missoula.

jökulhlaups" *periódicos* do Lago Glacial Missoula:

> Em nossa opinião, ainda existem **anomalias** entre alguns aspectos das evidências de campo e os modelos conceituais que foram defendidos. A posição de que a "hipótese da pontuação de inundações completa a teoria imaginativa de Bretz" (Waitt, 1985, p. 1286) pode desviar prematuramente a atenção de alguns dos problemas pendentes que permanecem na interpretação das características espetaculares da Scabland canalizado.[11]

Em 1977, o geólogo C. Warren Hunt começou a conduzir uma investigação detalhada sobre a inundação de Bretz. Ele fez isso porque, assim como os estudiosos citados acima, não se convenceu da teoria - que já havia assumido o status de fato inquestionável em meados da década de 1970 - de que todos os danos causados pela água visíveis nas Scablands haviam sido causados por inundações do Lago Missoula. A insatisfação de Hunt decorreu de seu amplo conhecimento de barragens e de como projetá-las para tirar o máximo proveito da geologia local. O resultado final, de acordo com seus cálculos, foi que a barragem de gelo proposta no rio Clark Fork, atrás da qual o lago Missoula supostamente teria se apoiado, teria sido literalmente *impossível*.

Antes de tudo, vamos considerar as estatísticas. De acordo com o Serviço Geológico dos Estados Unidos, o Lago Glacial Missoula em seu nível mais alto - o nível que se presume ter atingido antes do rompimento da barragem de gelo Clark Fork - cobria uma área de cerca de 3.000 milhas quadradas e continha cerca de 500 milhas cúbicas (2.084 quilômetros cúbicos) de água. Sua superfície estaria a 4.150 pés acima do nível do mar, mas o terreno do fundo variava em altitude de ponto a ponto, de modo que o USGS calcula que o lago teria cerca de 950 pés de profundidade na atual Missoula, 260 pés de profundidade em Darby e cerca de 1.100 pés de profundidade perto de Polson. Na barragem de gelo propriamente dita, entretanto, um gradiente no terreno subjacente significava que o lago glacial teria mais de 2.000 pés de profundidade (seu ponto mais profundo - mais do que o dobro da profundidade do lago moderno).

Lago Superior).[12]

Apesar de concordar amplamente com os números do US Geological Survey, C. Warren Hunt rejeitou enfaticamente "a sugestão de que o gelo poderia ter represado o Clark Fork de modo a reter a água a uma profundidade de 640 metros... Quando se considera", ele escreveu:

> Como a engenharia moderna emprega o rejuntamento do leito rochoso para fixar as bases de barragens de 150 m (500 pés), certamente deve parecer a qualquer leitor praticamente frívolo sugerir que a colocação casual de gelo glacial poderia ter represado o Clark Fork em uma extensão de 11 km (7 milhas) sem pilares intermediários e, em seguida, retido a água a uma pressão quatro vezes maior do que a das modernas barragens de concreto projetado.
>
> modernas barragens de concreto projetado![13]

A incredulidade de Hunt em relação à noção de uma barragem de gelo com mais de 2.000 pés de altura e 7 milhas de comprimento recebe apoio de estudos que argumentam que "em uma profundidade de lago de aproximadamente 200 metros (656 pés), a pressão hidrostática exercida sobre o gelo represado é suficiente para começar a forçar um buraco através do gelo. Uma vez formado, esse buraco **será** ampliado pelo derretimento por atrito, permitindo a drenagem da água do lago represada pelo gelo".

represado pelo gelo."[14]

Com mais de três vezes 200 metros de altura, portanto, a hipotética barragem de gelo Clark Fork começa, de fato, a parecer "impossível". No entanto, conforme observado, Hunt aceitou as estatísticas do USGS. A superfície do Lago Missoula certamente esteve, em um determinado momento, 4.150 pés acima do nível do mar e, portanto, o lago deve ter atingido, de fato, cerca de 2.100 pés de profundidade no Vale Clark Fork, entre os rios Bitteroot e Cordilheiras de Cabinet. Isso é confirmado por uma antiga linha de corrente nessa altitude, e outras linhas de corrente foram encontradas em altitudes mais baixas que mostram claramente muitos níveis de água mais baixos subsequentes ao nível mais alto. [15]A solução de Hunt, entretanto, já que ele continuava a considerar a represa Clark Fork como uma impossibilidade geológica, foi propor que *uma inundação gigantesca, com milhares de metros de profundidade* ,

deve ter inundado toda a região no final da Era Glacial, no processo de preenchimento das várias bacias do Lago Glacial Missoula até o nível de 4.150 pés, onde se encontra a linha de base mais alta, e deixando as linhas de base mais baixas à medida que recuava.

até o nível de 4.150 pés, onde se encontra a linha de costa mais alta, e deixando as linhas de costa mais baixas à medida que recuava.[16]Como fonte de sua proposta de inundação em toda a região, Hunt sugeriu que

> A inundação da maré provocada por alguma forma de atração gravitacional de uma fonte celestial, cuja natureza está além da competência do escritor, deve ter resultado em uma ... maré ... subindo a 5.000 pés (1.600 metros) acima do nível atual do mar ... As águas foram mantidas ali por várias semanas ... durante as quais houve muita ressurgência, flutuação parcial de geleiras e desenvolvimento das praias mais altas no "Lago Missoula". A vazante e a enchente das marés, com o desenvolvimento de sucessivas praias mais baixas, permitiram a varredura dos cânions, a remoção de depósitos glaciais anteriores, leques e tálus, a limpeza das "Scablands", a navegação no gelo, o polimento de rochas em pé

obstruções à onda de maré, aggradação de vales e pisos de "by-pass" e descarga de pedras em deltas e leques submarinos. Por fim, uma camada de lodo foi deixada no rastro da maré, especialmente nas águas mais calmas dos estuários sem saída.[17]

Em outras palavras, Hunt havia "voltado para Bretz" ao propor uma única inundação gigantesca como a fonte de todos os danos no Planalto de Columbia. Sua noção de 1977 de que se tratava de uma inundação de maré de água do mar subindo os estuários (e provocada pela atração gravitacional de algum corpo celeste hipotético)[18] é, no entanto, insustentável, e o próprio Hunt reconheceu isso quando revisitou o assunto alguns anos depois, em seu livro *Environment of Violence*, de 1990. Reconhecendo que "a solução do tidewater é enfraquecida pela grande distância [19], ele procurou outras possíveis fontes de água em quantidades suficientemente grandes para causar os danos à paisagem que ele havia observado no campo. Nesse processo, ele considerou brevemente a teoria de John Shaw de um reservatório subglacial de 100.000 quilômetros cúbicos de água de degelo, mas fez algumas perguntas pertinentes:

> Como esse derretimento poderia ocorrer sem uma fonte de calor, como o calor vulcânico que precipita os jökulhlaups islandeses? *jökulhlaups islandeses*? Em primeiro lugar, que regime climático permitiria esse derretimento? Por que a água não teria levantado a periferia da camada de gelo e emergido sem se acumular logo após ter sido produzida pelo derretimento? Que mecanismo de contenção permitiria o acúmulo de um grande lago sob o gelo... abaixo de 3.000 metros de gelo? E a água abaixo da espessura máxima do gelo não tenderia a escapar em direção às pressões de confinamento menores sob as áreas periféricas da camada de gelo? Existe alguma maneira possível de tal lago enorme câmara de água sob o gelo poderia se acumular?[20]

Para resumir a história, Hunt argumentou que não havia. Além disso, os 100.000 quilômetros cúbicos que a teoria de Shaw oferecia eram, em sua opinião, insuficientes. Seria necessário quase dez vezes mais água para dar conta de todas as evidências de campo. Portanto, com uma fonte de maré, o Lago Glacial Missoula e o reservatório sob o gelo de Shaw descartados, Hunt se viu com apenas uma solução possível - embora surpreendentemente catastrofista. De alguma forma, de alguma maneira, deve ter ocorrido um derretimento cataclísmico muito rápido de uma imensa área da calota de gelo da América do Norte. Depois de fazer os cálculos necessários, Hunt concluiu que 840.000 quilômetros cúbicos de gelo, ou seja, cerca de dez por cento de toda a área glacial, "teria que derreter".[21]

O leitor deve se lembrar de que Bretz originalmente imaginou algo semelhante, mas foi derrotado pela incapacidade do aquecimento global radical ou do vulcanismo subglacial (simplesmente, nenhum dos dois aconteceu) de explicar as grandes quantidades de água de derretimento que "seu" dilúvio exigia. No final, como vimos, ele se conformou com as inundações de explosão do Lago Glacial Missoula como a resposta. Em 1990, Hunt enfrentou o mesmo dilema -com a exceção de que ele já havia descartado o Lago Missoula, mas demonstrou ser um inovador extraordinariamente competente e presciente quando, sem qualquer preâmbulo, escreveu

> O calor da Terra não pode ter derretido o gelo continental para produzir águas de inundação nos volumes necessários... *Uma fonte de calor cometário poderia ter servido ao propósito*.[22] (Ênfase adicionada.)

Para derreter dez por cento da calota de gelo da América do Norte, Hunt calculou que a energia cinética de um cometa de meio quilômetro de diâmetro seria suficiente:

> Um cometa do tipo que explodiu acima do local de Tunguska em 1908 poderia ter fornecido esse calor. O grande lago que ele poderia ter criado no meio da camada de gelo teria rapidamente se infiltrado sob a geleira remanescente e emergido como inundações catastróficas em várias direções. *O derretimento cometário do gelo parece ser necessário para produzir tanta água em um período tão curto.* [23] (Ênfase acrescentada).

Antecipando a objeção de que nenhuma cratera havia sido encontrada, Hunt apontou que o evento de Tunguska - uma explosão de ar - também não deixou nenhuma cratera ou manto de ejeção. Além disso, no caso de um hipotético impacto de cometa na calota de gelo da América do Norte:

> **A** ejeção e a matéria cometária provavelmente teriam sido varridas na inundação que se seguiu, ficando amplamente dispersas na manta de deriva, longe de sua fonte. Assim, diluídas e misturadas com outros detritos, as evidências diretas do projétil explodido ou da ejeção do local poderiam ser difíceis de reconhecer, se não perdidas para a ciência permanentemente.[24]

Por último, mas não menos importante - e, mais uma vez, a presciência é quase assustadora - Hunt observou que "esférulas de vidro, se encontradas em detritos glaciais, poderiam apoiar a teoria".

Ele não poderia saber, escrevendo há um quarto de século, que a partir de 2007 uma equipe de cientistas importantes

defenderia a causa dos impactos de cometas na calota de gelo da América do Norte e, na ausência de crateras óbvias, obteria grande parte de suas evidências de microesferas, vidro fundido e nanodiamantes.

Como mudar o clima global em um instante

A sugestão de Hunt era que um único objeto relativamente pequeno de meio quilômetro de diâmetro teria acumulado energia cinética suficiente para provocar o derretimento de aproximadamente um décimo da calota de gelo da América do Norte, produzindo uma inundação cataclísmica. Vinte e cinco anos depois, os proponentes da hipótese do cometa Younger Dryas, como vimos, estão propondo que "vários objetos de dois quilômetros" podem ter impactou a calota de gelo. [26]Se eles estiverem corretos, a escala das inundações que se seguiram deve ter sido quase inimaginavelmente grande. Tampouco teriam sido confinadas apenas aos Channeled Scablands do platô de Columbia. A hipótese do cometa prevê uma chuva de impactos em toda a camada de gelo, desde o Pacífico até a costa atlântica da América do Norte, de modo que deveríamos encontrar evidências de inundações em toda parte.

Nós sabemos. O platô de Colúmbia exibe planícies devastadas por enchentes, mas o mesmo acontece com o estado de Nova Jersey, bem mais ao leste. O platô de Columbia é notável por seus campos e encostas repletos de enormes erráticos criados pelo gelo, mas o mesmo acontece com o estado de Nova York. De fato, nas superfícies rochosas nuas do Central Park, em Manhattan, há muitas rochas erráticas imponentes, incluindo diabásio do Palisades Sill ao longo do Rio Hudson e xisto de regiões ainda mais distantes. É interessante notar também que, assim como o platô de Columbia tem seus coulees, o estado de Nova York tem seus Finger Lakes. Por muito tempo, acreditou-se que esses últimos foram esculpidos por geleiras, mas sua geomorfologia é muito parecida com a dos coulees e alguns pesquisadores agora acreditam que eles foram cortados por água derretida de geleiras sob pressões extremas - um processo ligado por evidências sedimentares ao "colapso das camadas de gelo continentais"[27].

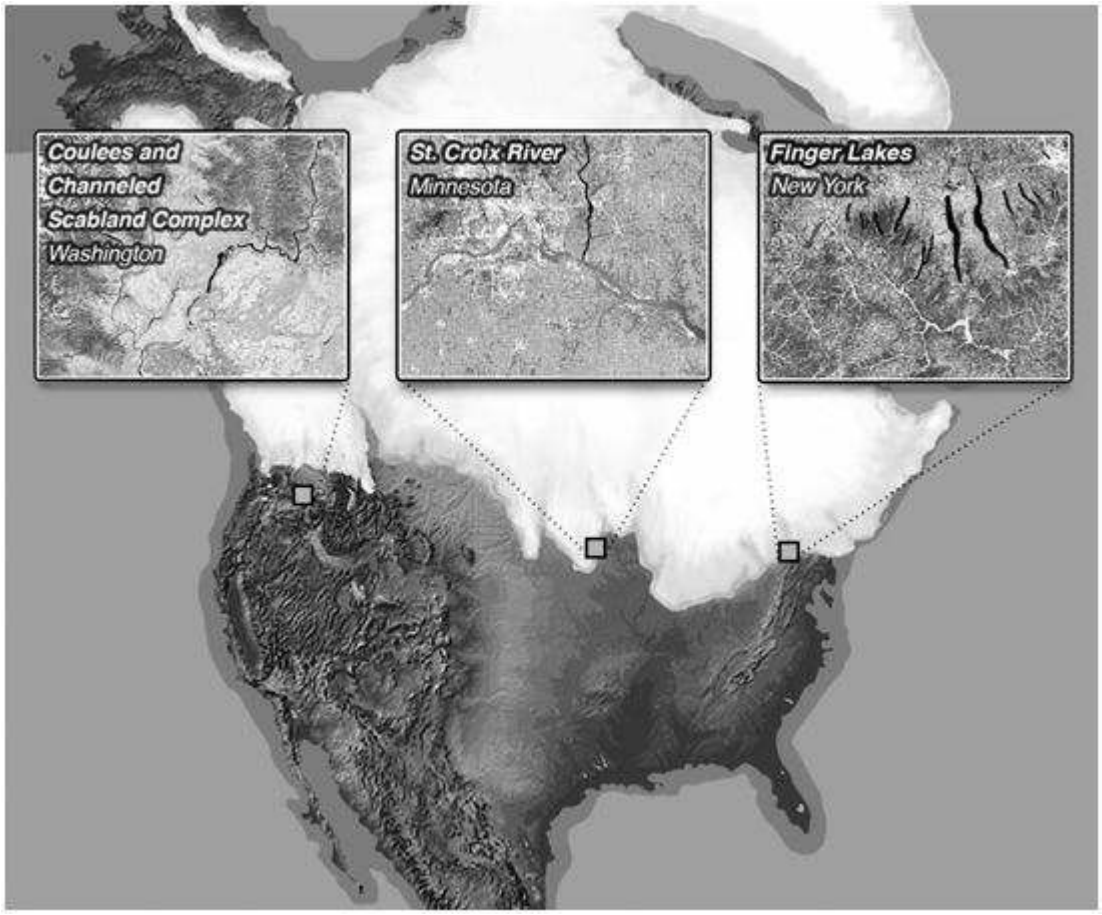


Figura 22

Da mesma forma, em Minnesota, no rio Saint Croix, onde Randall Carlson e eu terminamos nossa longa viagem de carro pela América do Norte, há uma variedade espetacular de mais de oitenta buracos glaciais gigantes. Um deles tem 3 metros de largura e 60 metros de profundidade, o que o torna o buraco explorado mais profundo do mundo. Outros, ainda não escavados, são ainda mais largos, o que sugere a probabilidade de que também sejam mais profundos. E todos eles, sem exceção, foram esculpidos por inundações turbulentas no final da Idade do Gelo - inundações que emanam, acredita Randall, do lóbulo superior da calota de gelo Laurentide.

"Você poderia passar uma vida inteira", ele me ensina, "viajando por essa terra e ainda assim não veria tudo". Os efeitos dos fluxos de inundação em grande escala foram amplamente documentados no sopé oriental das Montanhas Rochosas, tanto no Canadá quanto nos EUA, nos estados das pradarias, nas proximidades dos Grandes Lagos, na Pensilvânia e no oeste de Nova York e na Nova Inglaterra. Todas as províncias canadenses preservam grandes

evidências em escala de fluxos de água gigantescos. Todas as regiões dentro ou próximas à área da última grande glaciação mostram os efeitos de inundações intensas e em megaescala."

Mas a questão que permanece é a fonte dessas inundações.

Tendo sido arrastada aos gritos e chutes para admitir a ocorrência de inundações, a ciência gradualista, como vimos, posteriormente se envolveu em um caso de amor com o Lago Glacial Missoula, elevando-o e seus épicos *jökulhlaups* para servir como a única explicação para todas as surpreendentes características diluviais das Scablands canalizadas do platô de Columbia. Não é de surpreender, portanto, que outras inundações da Idade do Gelo, onde quer que se admita que tenham ocorrido, também sejam atribuídas a *jökulhlaups* de lagos glaciais.

Mais do que isso, são as águas de inundação desses lagos glaciais - e não algo tão vulgarmente catastrofista como um cometa - que são atualmente consideradas pela ciência dominante como a causa mais provável do evento frio do Younger Dryas. O gigantesco Lago Glacial Agassiz, que se estendia pela maior parte de Manitoba, noroeste de Ontário, norte de Minnesota, leste de Dakota do Norte e Saskatchewan, está particularmente envolvido. Há cerca de 13.000 anos, ou seja, imediatamente antes do início do Younger Dryas, acredita-se que o Lago Agassiz cobria uma área de até 440.000 quilômetros quadrados (170.000 milhas quadradas) quando uma represa de gelo se rompeu e permitiu que uma fração substancial de seu conteúdo, talvez até 9.500 quilômetros cúbicos, se espalhasse ao longo de um caminho de inundação que atravessava o Rio Mackenzie.

(27) O sistema de deriva transpolar foi criado na planície costeira do Ártico canadense e, em seguida, no Oceano Ártico. [28]Lá, a circulação anticiclônica de uma corrente conhecida como Giro de Beaufort a teria movido gradualmente para o Atlântico Norte subpolar na Deriva Transpolar:

> A liberação lenta de água de degelo para o sul através do Estreito de Fram fornece um mecanismo exclusivo do Ártico que é capaz de transformar uma descarga de água de degelo de alta magnitude e curta duração em um evento de redirecionamento de água de degelo significativamente mais longo, moderado e sustentado para o Atlântico Norte.[29]

O que piorou a situação, entretanto, foi que *ao mesmo tempo,* enormes quantidades de água gelada derretida também estavam sendo despejadas no Atlântico Norte a partir de outros lagos glaciais e diretamente da própria camada de gelo Laurentide. [30]O efeito combinado, segundo a teoria, interrompeu a circulação oceânica a tal ponto que afetou radicalmente o clima global:

> Um grande jorro de água doce fria derivada do derretimento da camada de gelo Laurentide varreu a superfície do Atlântico Norte. Isso impediu que a água quente e salgada do oceano do sul, que fluía bem abaixo da superfície (a Corrente do Golfo), subisse para a superfície. A agitação normal da água do oceano parou. Como consequência, a atmosfera sobre o oceano, que normalmente
> que normalmente teria se aquecido, permaneceu fria e, consequentemente, o mesmo aconteceu com o ar sobre a Europa e a América do Norte.[31]

Esses são assuntos altamente técnicos, com os quais não precisamos nos preocupar muito aqui. Em resumo, porém, a circulação meridional de revolvimento do Atlântico, também conhecida como circulação termohalina, é a grande correia transportadora do oceano [32]que não apenas transporta a água equatorial salgada e quente para a superfície, mas também para o norte, onde ela acaba esfriando e afundando nas costas da Groenlândia e da
Noruega, mas também transporta as águas profundas e frias do Atlântico Norte para o sul, devolvendo-as lentamente ao equador, onde se misturam com águas mais quentes, sobem novamente à superfície e, assim, continuam o ciclo: a água fria do Atlântico Norte é transportada para o sul, retornando lentamente ao equador, onde se mistura com águas mais quentes, sobe novamente à superfície e continua o ciclo.
água mais quente, sobe novamente para a superfície e, assim, continua o ciclo:

> Ele transporta grandes quantidades de água, calor, sal, carbono, nutrientes e outras substâncias ao redor do globo e conecta o oceano da superfície e a atmosfera com o enorme reservatório do mar profundo. Por isso, ele é de importância fundamental para o sistema climático global.[33]

Foi o desligamento desse ciclo delicadamente equilibrado, intrinsecamente interconectado e extremamente complexo, Os cientistas concordam que foi o desligamento desse ciclo *crítico*, *delicadamente equilibrado, intrinsecamente interconectado e extremamente complexo* que causou o drástico resfriamento global do período Younger Dryas. Os cientistas também concordam que o desligamento foi o resultado de inundações colossais de água derretida de lagos glaciais e diretamente da calota de gelo Laurentide. No entanto, um grande enigma, como aponta S.J. Fiedel em um artigo de destaque na revista *Quaternary International*, é por que isso deveria ter acontecido há 12.800 anos, em vez de, digamos, 800 ou 1.000 anos antes no auge da fase quente - conhecida como interstício Bølling-Allerød - que precedeu imediatamente o Younger Dryas. [34]
Intuitivamente, parece que as inundações de água de degelo deveriam ter atingido seu pico durante a fase de aquecimento. Na realidade, porém, foi somente no limite Bølling-Allerød/Younger Dryas que ocorreram as liberações de água de degelo.

A solução para o mistério parece óbvia para Richard Firestone, Allen West, Jim Kennett e outros defensores da hipótese do impacto do período mais jovem da era seca. Simplesmente, não há mistério! Segundo eles, as enormes inundações de água de derretimento que afetaram tão radicalmente o clima global foram causadas por vários fragmentos grandes de um cometa que atravessou a atmosfera da Terra e se chocou contra a calota de gelo - não apenas um fragmento de meio quilômetro ou mais, como previsto por C. Warren Hunt, mas até oito fragmentos, e
possivelmente mais, incluindo alguns que podem ter tido até dois quilômetros de diâmetro.[35]

O calor colossal gerado por esses impactos, com um poder explosivo combinado estimado, como vimos, em dez milhões de megatons,

fornece toda a energia necessária para desencadear um derretimento verdadeiramente cataclísmico de grandes setores da calota de gelo da América do Norte. O gigantesco dilúvio que se seguiria, depois de varrer a terra em seu caminho, teria de fato entrado nos oceanos como "um grande jorro de água doce" e provocado o choque na circulação meridional do Atlântico, que manteve o clima global selvagemente frio pelos próximos 1.200 anos. A situação teria sido agravada pela injeção de poeira e imensas quantidades de fumaça na atmosfera superior, "bloqueando a luz do sol por um longo período de tempo", o que, é claro, teria o efeito de reduzir ainda mais as temperaturas. Além disso:

> O evento de impacto, seguido por incêndios extensos e mudanças climáticas repentinas, provavelmente contribuíram juntos para a rápida extinção da megafauna e de muitos outros animais.[36]

O leitor deve se lembrar que nada menos que trinta e cinco gêneros de mamíferos norte-americanos foram extintos durante o Younger Dryas. [(37)]Portanto, estamos, por definição, procurando "um mecanismo de extinção que seja capaz de eliminar até trinta e cinco gêneros em um continente em um instante geológico".

que haviam florescido antes do Younger Dryas também foram extintas há 12.000 anos, ou seja, antes do fim do Younger Dryas. [39]Poderia ter sido uma "matança excessiva" por caçadores humanos? A pergunta toca em uma questão controversa: quando, de fato, e de onde, os seres humanos chegaram pela primeira vez às Américas? Seja qual for a resposta, não parece plausível que bandos de caçadores-coletores nômades

O homem não teria sido motivado ou impiedosamente eficiente o suficiente para exterminar tantos animais, inclusive gigantes como o mamute colombiano, em um período tão curto de tempo em dois continentes. Além disso, há muito a sugerir que os próprios seres humanos das Américas entraram em um período de profunda angústia durante o Younger Dryas, o que teria reduzido ainda mais sua motivação e eficiência.

As evidências arqueológicas da América do Sul são limitadas, mas, na América do Norte, essa foi a época em que a cultura Clovis, com sua sofisticada tecnologia de armas de pedra, desapareceu abruptamente dos registros. De fato, todos os indicadores disponíveis apontam para "um declínio significativo e/ou reorganização da população humana durante os primeiros séculos do Younger Dryas". [40]

Mais uma vez, portanto, a única explicação que faz todo o sentido para as evidências é a hipótese do impacto do cometa de Firestone, Kennett, West e seu grande grupo de colegas e coautores.

À luz de suas descobertas, que analisamos extensivamente nos capítulos anteriores, proponho o seguinte:

1. Houve de fato uma inundação cataclísmica na América do Norte no final da Era Glacial.
2. Ela não foi causada principalmente por inundações de lagos glaciais, mas sim pelo derretimento rápido, quase instantâneo, de uma grande área da calota de gelo.
3. A fonte de calor necessária para iniciar esse derretimento veio da energia cinética de uma série de impactos de fragmentos de um cometa gigante que entrou na atmosfera da Terra sobre a América do Norte há 12.800 anos e bombardeou a calota de gelo norte-americana.
4. A América do Norte, embora tenha sido o epicentro do desastre, não foi de forma alguma a única região atingida. Outros fragmentos do cometa em desintegração, incluindo alguns objetos particularmente grandes, parecem ter se chocado contra a calota de gelo europeia. Nesse contexto, pode ser relevante que as recentes varreduras de sonar de alta resolução do Canal da Mancha, cujo piso estava acima da água durante a Idade do Gelo, tenham revelado evidências de inundações cataclísmicas na forma de uma rede de 400 quilômetros de extensão de vales submersos e parcialmente preenchidos, esculpidos no leito rochoso. "Os dados mostram uma coleção de formas de relevo que, em conjunto, indicam uma origem de inundação catastrófica", afirmam os autores de um estudo publicado na *Nature*. O estudo compara especificamente essas formas de relevo, agora submersas, ao "terreno Cheney-Palouse do Channeled Scabland de Washington, EUA". Os autores afirmam que "não podem determinar o momento absoluto dos eventos de inundação". Eles concluem, no entanto, que seu estudo "fornece a primeira evidência direta de que um evento de megainundação foi responsável por esculpir a rede de vales do Canal da Mancha. Nossas observações são

   consistente com a erosão por fluxos de alta magnitude, como no Channeled Scabland".
5. No total, mais de 50 milhões de quilômetros quadrados da superfície da Terra foram afetados por impactos e explosões de fragmentos do cometa Younger Dryas, alguns grandes, outros menores, mas todos devastadores em seus efeitos, estendendo-se desde a América do Norte, passando pelo Oceano Atlântico e pela Europa, com a chuva final de fragmentos caindo tão longe quanto o Oriente Médio.
6. O efeito combinado desses múltiplos impactos, em especial as imensas inundações de água doce nos oceanos Ártico e Atlântico que se seguiram, desencadeou o evento de resfriamento do Younger Dryas, um cataclismo em escala verdadeiramente global que resultou na extinção de um grande número de espécies animais e pressionou muito a humanidade.
7. Os custos humanos do desastre podem não ter se limitado à destruição completa de culturas de caçadores-coletores, como o povo "Clovis" da América do Norte. Deve-se considerar a possibilidade de que uma civilização avançada, agora perdida na história, também tenha sido obliterada.

A primavera está chegando

O que é particularmente notável é que as mudanças climáticas muito radicais, tanto no início quanto no fim do Younger Dryas, foram globais e realizadas no período de uma geração humana. [42]Mais uma vez, a hipótese do impacto de cometas é a que melhor explica esse fato. A força explosiva combinada dos impactos, estimada em dez milhões de megatons, teria lançado ejeção suficiente na atmosfera há 12.800 anos para mergulhar a Terra em um crepúsculo longo e prolongado, semelhante a um inverno nuclear - o "tempo de escuridão" que tanto se fala.
muitos mitos antigos falam - capaz de reduzir a radiação solar por mais de 1.000 anos. O aquecimento dramático que começou há 11.600 anos seria então explicado pela dissipação final da nuvem de ejeção, juntamente com o fim da inércia de todo o sistema que havia afetado a circulação termohalina no Atlântico Norte.[43]

Outra possibilidade, não necessariamente mutuamente contraditória com qualquer um dos mecanismos acima, é que há 11.600 anos a Terra interagiu novamente com o fluxo de detritos do mesmo cometa fragmentador que causou o início do Younger Dryas há 12.800 anos. Na segunda ocasião, entretanto, as análises sugerem que os impactos primários não foram na terra ou no gelo, mas nos oceanos do mundo, lançando vastas plumas de vapor de água e criando um "efeito estufa" que causou o aquecimento global em vez do resfriamento global.[44]

De acordo com o renomado astrônomo britânico Sir Fred Hoyle:

> A diferença entre um oceano quente e um oceano frio equivale a um suprimento de luz solar de 10 anos. Assim, as condições quentes produzidas por uma forte estufa de vapor de água devem ser mantidas por pelo menos uma década para produzir a transformação necessária do oceano, e esse é exatamente o tempo durante o qual se espera que a água, lançada repentinamente na estratosfera, persista lá. A quantidade de água necessária é tão grande, 100 milhões de milhões de toneladas, que somente um tipo de evento causador parece possível, a queda de um objeto do tamanho de um cometa em um grande oceano.[45]

Certamente, mais pesquisas precisam ser feitas para estabelecer os mecanismos exatos, em toda a sua complexidade, que provocaram o fim repentino do Younger Dryas, mas os efeitos sobre o clima global já são bem compreendidos. Os núcleos de gelo da Groenlândia, essas inestimáveis janelas para o passado, nos dizem isso:

> As temperaturas subiram em menos de uma década na transição climática que marcou o fim do intervalo frio do Younger Dryas e o início da época mais quente do Holoceno, 11.600 anos antes do presente. [46]Em menos de 20 anos, o clima na região do Atlântico Norte se transformou em um regime mais ameno e menos tempestuoso, como consequência de um rápido recuo da cobertura de gelo marinho. Um aquecimento de 7 graus centígrados foi concluído em cerca de 50 anos.[47]

Exatamente no mesmo intervalo, no cinturão subalpino da Europa Ocidental, espécies de árvores que nunca haviam estado presentes antes, incluindo *Laris, Pinus cembra* e *Betula*, começaram a se proliferar repentinamente.[48]

No noroeste de Montana, nos EUA, o gelo glacial no Marias Pass havia recuado para cima da boca do cânion e o Sun River Sun River Glacier havia desaparecido completamente há 11.200 anos.[49]

Mil outros exemplos poderiam ser citados, mas a mensagem é a mesma em todos os lugares - da Tasmânia aos Andes, da Turquia ao Japão, da América do Norte à Austrália, do Peru ao Egito, o inverno havia terminado e uma grande primavera global havia começado. "Esse é o renascimento do Cosmos", como proclamam os Textos Herméticos. "É uma nova criação de todas as coisas boas, uma restauração sagrada e inspiradora de toda a natureza..."[50]U

m
renasciment
o?
Um refazer? Uma
restauração?
Mas de quê? Quem foi antes? O que exatamente deveria renascer?
Analisaremos essas questões nos próximos capítulos.

Parte III

Sábios

Capítulo 7
O fogo da próxima vez

Três singularidades ocorreram perto do final da última Era Glacial, ligadas ao início repentino e ao término igualmente repentino da misteriosa época conhecida como Younger Dryas:

- Por volta de 12.800 anos atrás, depois de mais de dois mil anos de aquecimento global ininterrupto (e com uma margem de erro de mais ou menos 150 anos, que é o mais próximo que a resolução dos dados nos permite chegar do momento real), uma inundação de água gelada derretida entrou no Atlântico Norte de forma tão repentina e em tal quantidade que interrompeu a circulação oceânica. A fonte da inundação foi a calota de gelo da América do Norte. Como os dois milênios anteriores testemunharam o aumento contínuo do nível do mar, a resolução dos dados significa que não há como saber exatamente a quantidade de terra costeira que foi inundada por esse evento singular. No entanto, com a adição abrupta de tanta água nova que antes estava presa no gelo, podemos supor que houve um aumento dramático e instantâneo do nível do mar.
o aumento do nível do mar de fato ocorreu.[1]
- No mesmo instante geológico em que o dilúvio de água de degelo foi desencadeado, as temperaturas globais despencaram e o clima do mundo sofreu uma reversão daquele "verão" ameno de dois mil anos que havia começado há cerca de 15.000 anos (há 13.000 anos, acredita-se que as condições tenham melhorado a tal ponto que estavam mais quentes e úmidas do que hoje) para um inverno global selvagem e gelado. Mais uma vez, a resolução dos dados não nos permite dizer exatamente quanto tempo depois do dilúvio de água derretida começou o congelamento profundo, mas, como vimos no capítulo anterior, há muito a sugerir que essa inversão radical das temperaturas foi alcançada no período de uma única geração humana. Nesse mesmo período, as camadas de gelo que estavam derretendo e recuando por toda parte começaram a avançar novamente e o aumento do nível do mar cessou.
- Por volta de 11.600 anos atrás, novamente com uma margem de erro de 150 anos em qualquer direção imposta pelos dados - mas, mais uma vez, aparentemente dentro de uma única geração -, o congelamento acabou repentinamente, as temperaturas globais subiram e as calotas polares remanescentes entraram em colapso, despejando sua carga de água residual nos oceanos do mundo, que subiram drasticamente até perto do nível atual.

Nossos ancestrais passaram por essas mudanças tumultuadas e é inconcebível que não tenham comentado sobre elas ou procurado falar sobre suas experiências uns com os outros. Suas histórias e relatos de testemunhas oculares, por sua vez, teriam se tornado parte de tradições orais reverenciadas e, como tal, teriam sido transmitidas de geração em geração até se tornarem antigas com a idade. Como o leitor **poderá** perceber no Capítulo Três, alguns "mitos" dos nativos americanos parecem, de fato, falar de eventos ocorridos no final da última Era Glacial. As terríveis enchentes que devastaram a terra são descritas em detalhes. Mas de interesse ainda maior são as tradições da "estrela com a cauda longa e larga" que "desceu aqui uma vez, há milhares de anos", que "queimou tudo" e que "criou um mundo diferente" no qual "o clima era mais frio do que antes".

Essas tradições parecem lembrar os efeitos devastadores do impacto do cometa que agora podemos datar de forma conclusiva, dentro das margens de erro conhecidas, há cerca de 12.800 anos. Vimos como os cientistas Richard Firestone, Allen West, Jim Kennett e outros acreditam que o cometa se dividiu em vários fragmentos, talvez oito dos quais - alguns com diâmetros próximos a dois quilômetros - atingiram a calota de gelo da América do Norte, gerando enormes quantidades de calor e transformando instantaneamente grandes massas de gelo em inundações de água derretida que interromperam a circulação oceânica e desempenharam um papel fundamental no congelamento profundo do período Younger Dryas. O leitor também se **lembrará** de que se acredita que outros fragmentos do cometa gigante atingiram a calota de gelo do norte da Europa e caíram em terras ainda mais distantes, como o Oriente Médio. Assim, embora o epicentro tenha sido na América do Norte, não é de surpreender que o cometa gigante tenha atingido a calota de gelo do norte da Europa e caído em terras ainda mais distantes, como o Oriente Médio.
O Younger Dryas foi um evento global que afetou povos e culturas em todo o mundo.

O que é surpreendente é a notável consistência com que as tradições de todas as partes do globo falam não apenas de eventos cataclísmicos, mas também de avisos muito específicos dados a determinados seres humanos "sábios", "bons" ou "puros" selecionados, antes do cataclismo iminente.

humanos "sábios", "bons" ou "puros", antes do cataclismo iminente. Vimos vários exemplos de tais avisos nas tradições dos nativos americanos analisadas no Capítulo Três, mas se viajarmos por oceanos e continentes distantes do epicentro dos impactos, encontraremos relatos semelhantes de avisos preservados no Oriente Médio, no

A maior extensão em que os efeitos do cometa foram documentados até o momento. Observe que isso não significa que o "campo de dispersão" dos detritos do cometa esteja confinado aos 50 milhões de quilômetros quadrados atualmente reconhecidos. Significa apenas que amostras de sedimentos de outras regiões ainda não foram testadas quanto a nanodiamantes, esférulas magnéticas e vítreas, vidro fundido, platina e outros indicadores de impacto.

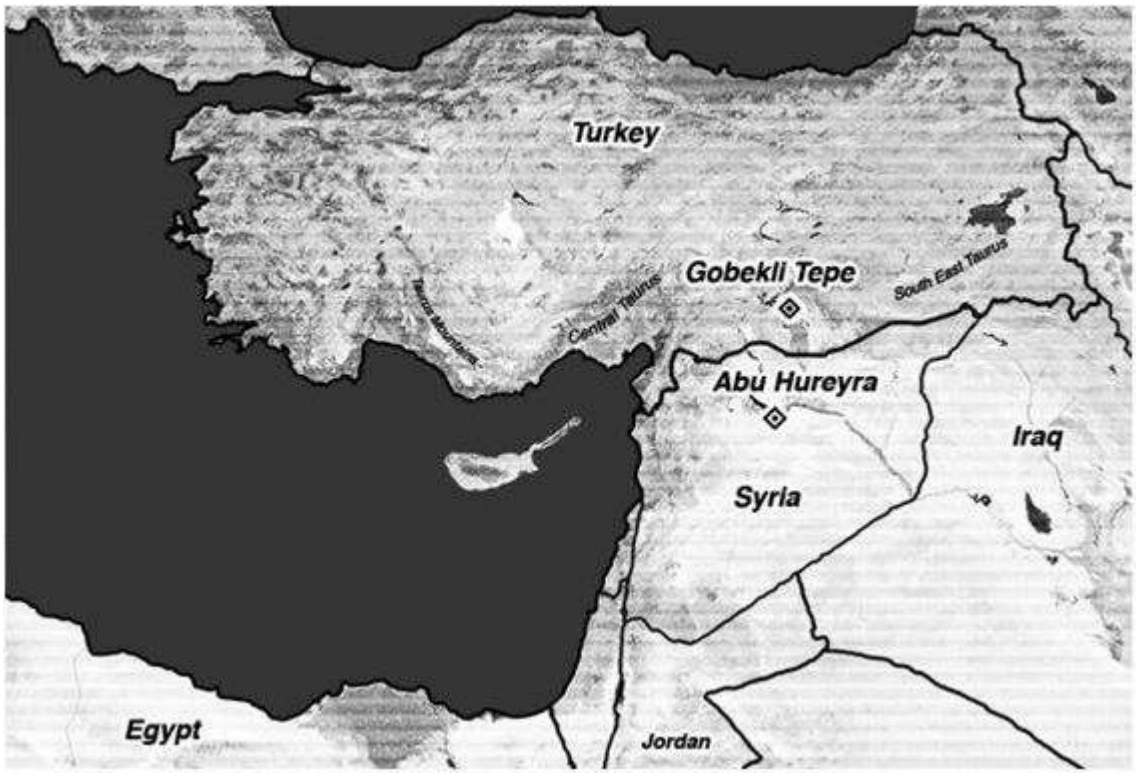


Figura 23

No entanto, até o limite das pesquisas realizadas até o momento, o local mais distante da América do Norte que produziu evidências sólidas da presença e dos efeitos do cometa Younger Dryas é um monte arqueológico, ou caixa, chamado Abu Hureyra, na Síria, que foi escavado em 1974, pouco antes da conclusão da barragem de Taqba, no rio Eufrates, que o fez desaparecer para sempre sob as águas do Lago Assad. Amostras de sedimentos da escavação arqueológica de Abu Hureyra foram removidas e preservadas antes que o local fosse inundado, e foi a camada de limite do período mais jovem do Dryas de uma dessas amostras (da trincheira E, datada de 12.800 anos atrás) que Firestone, West, Kennett e sua equipe analisaram em 2012. Como vimos no Capítulo Cinco, eles encontraram nanodiamantes, abundantes esférulas de impacto cósmico e vidro derretido que só poderiam ter se formado a temperaturas superiores a 2.200 graus Celsius, sugerindo que o local estava "perto do centro de uma explosão/impacto de ar de alta energia".[2]

Abu Hureyra não pode ser submetida a mais investigações arqueológicas diretas, pois agora está sob o Lago Assad, mas Firestone, Kennett e West acreditam que os efeitos do cometa sobre "esse assentamento e seus habitantes teriam sido severos". [3]É digno de nota o fato de que o local fica próximo tanto do sudeste da Turquia, onde está situado Göbekli Tepe, quanto do moderno estado do Irã - antiga Pérsia - onde tradições de grande antiguidade foram preservadas nas escrituras do zoroastrismo, a religião pré-islâmica da antiga Pérsia.

"Os invernos fatais vão cair..."

A idade exata do zoroastrismo ainda não foi estabelecida de forma satisfatória pelos estudiosos, já que até mesmo o tempo de vida de seu profeta Zaratustra (mais conhecido como Zoroastro) é incerto. De fato, como admite a *Encyclopedia Iranica, da Universidade de Columbia*, admite que: "A controvérsia sobre a data de Zaratustra tem sido um embaraço de longa data para os estudos zoroastrianos."[4]

Os historiadores gregos foram os primeiros a se debruçar sobre o assunto. Plutarco, por exemplo, nos diz que Zoroastro "viveu 5.000 anos antes da Guerra de Troia" [(5)] (ela própria uma questão de historicidade incerta, mas geralmente colocada em torno de 1300 a.C., portanto, 5.000 mais 1.300 = 6300 A.C.). Uma cronologia semelhante é dada por Diógenes Laércio, que relata que Zoroastro viveu "6.000 anos antes da campanha grega de Xerxes" [(6)] (ou seja, por volta de 6480 a.C.). A.C.). Estudiosos mais recentes propuseram datas tão distantes quanto 1750 a.C. e "258 anos antes de Alexandre"[(7)] (ou seja, por volta de 588 a.C.). Seja qual for a verdade, é consenso que o próprio Zoroastro tomou emprestado de tradições muito anteriores e que o zoroastrismo, portanto, como muitas outras religiões, tem raízes que se estendem até a pré-história.

Nas escrituras zoroastrianas, conhecidas como Zend Avesta, alguns versos em particular são reconhecidos como baseados nesses antigos

tradições orais.[8]Os versos falam de uma figura paterna primordial chamada Yima, o primeiro homem, o primeiro rei e o fundador da civilização, e aparecem na seção inicial do Zend Avesta, conhecida como Vendidad. Ali lemos como o deus Ahura Mazda criou a primeira terra, "Airyana Vaejo, junto ao bom rio Daitya" [9],como um paraíso na terra e como "o belo Yima, o grande pastor... foi o primeiro mortal" com quem Ahura Mazda escolheu conversar, instruindo-o a se tornar um pregador. [10]Yima se recusou, e o deus lhe deu uma tarefa diferente:

> Já que você não quer ser o pregador e o portador da minha lei, então faça meu mundo prosperar, faça meu mundo crescer; comprometa-se a nutrir, governar e zelar pelo meu mundo.[11]

Yima concordou com isso e o deus o presenteou com um anel de ouro e um poniard - uma faca longa e cônica incrustada de ouro. Significativamente, pois veremos no Capítulo Dezessete que há paralelos próximos a essa história tão distantes quanto as montanhas dos Andes na América do Sul, Yima então

> pressionou a terra com o anel de ouro e a perfurou com o poniard.[12]

Com esse ato, ficamos sabendo que ele "fez a terra crescer um terço do que era antes", uma façanha que, ao longo de milhares de anos, ele repetiu mais duas vezes - no processo, acabou dobrando a área de terra disponível para "os rebanhos e manadas com homens, cães e pássaros", que se reuniram a ele "à sua vontade e desejo, tantos quantos ele quisesse".

Humanos anatomicamente modernos como nós existem, até onde sabemos, há pouco menos de duzentos mil anos (o O mais antigo esqueleto humano anatomicamente moderno reconhecido pela ciência é da Etiópia e data de 196.000 anos atrás). [14]Dentro desse intervalo de tempo, houve apenas um período em que as partes da Terra que são úteis para os seres humanos aumentaram drasticamente de tamanho, que foi durante a última Era Glacial, entre 100.000 e 11.600 anos atrás. De fato, terras anteriormente submersas, totalizando 27 milhões de quilômetros quadrados - equivalente à área da Europa e da China somadas - foram expostas pela redução do nível do mar no último máximo glacial, há 21.000 anos. Embora seja provavelmente rebuscado supor que seja esse aumento muito real de terras úteis - das quais grande parte ainda estava acima da água no início do Younger Dryas, há 12.800 anos - a que se refere a história do Yima, ou que ele tenha nada a ver com a idade de ouro que o governo benigno de Yima supostamente alcançou em Airyana Vaejo, [15]é interessante notar o que aconteceu em seguida.

Depois de outro imenso período de tempo, lemos, Yima foi convocado para "um local de encontro perto do bom rio Daitya", onde o deus Ahura Mazda apareceu para ele com um aviso ameaçador de uma mudança climática repentina e catastrófica:

> Ó bela Yima, os **invernos** fatais estão chegando ao mundo material, e trarão a geada feroz e suja; os invernos fatais estão chegando ao **mundo** material, e farão com que os flocos de neve caiam espessos, mesmo nos topos mais altos das montanhas...
>
> Portanto, faça para você um Vara [um hipogeu, ou recinto subterrâneo] longo como um campo de equitação em cada lado da praça, e para lá traga as sementes de ovelhas e bois, de homens, de cães, de pássaros e de fogos vermelhos ardentes... Para lá você trará as sementes de homens e mulheres das maiores, melhores e mais finas espécies desta terra; para lá você trará as sementes de todo tipo de gado, das maiores, melhores e mais finas espécies desta terra. Para lá levará as sementes de toda espécie de árvore, da maior, melhor e mais fina espécie desta terra; para lá levará as sementes de toda espécie de fruta, a mais **bela** das comidas e a mais doce das fragrâncias. Todas essas sementes você levará, duas de cada espécie, para serem mantidas inesgotáveis lá, enquanto esses homens permanecerem no Vara. Lá não haja ali nenhum corcunda, nenhum protuberante; nenhum impotente, nenhum lunático... nenhum leproso.[16]

Então... você entendeu a ideia? Esse esconderijo subterrâneo serviria como refúgio de um inverno terrível que estava prestes a se apoderar de Airyana Vaejo - um inverno no início do qual, como nos informa o Bundahish, outro texto zoroastriano:

> o espírito maligno (...) saiu como uma serpente do céu para a terra (...) Ele entrou correndo ao meio-dia e, com isso, o céu foi tão despedaçado e assustado por ele quanto uma ovelha por um lobo. Ele veio para a água que estava disposta abaixo da terra e, então, o meio da terra foi perfurado e penetrado por ele... Ele se precipitou sobre toda a criação e tornou o mundo tão ferido e escuro ao meio-dia como se tivesse sido ferido e escuro ao meio-dia.
>
> ferido e escuro ao meio-dia como se fosse uma noite escura.[17]

Ao estudar esses relatos, não pude deixar de me lembrar dos dois milênios de clima quente e bom, que devem ter parecido uma era de ouro, antes do início repentino e letal do Younger Dryas, há 12.800 anos. Os textos zoroastrianos não estariam muito errados ao descrevê-lo como uma "geada feroz e suja" e como "um inverno fatal". O "espírito maligno" a quem essa aflição é atribuída é Angra Mainyu, o

O Zoroastrismo é uma religião profundamente dualista, na qual os seres humanos e as escolhas que fazemos para o bem ou para o mal são vistos como objetos de uma eterna competição, ou disputa, entre as forças opostas da escuridão e da luz.

E nessa disputa, às vezes, a escuridão vence. Assim, a Vendidad nos lembra que, embora Airyana Vaejo tenha sido "a primeira das terras e países bons" criados por Ahura Mazda, ela não conseguiu resistir ao maligno:

> Então veio Angra Mainyu, que é todo morte, e ele contra-criou com sua bruxaria a serpente no rio e o inverno, uma obra dos demônios (...) [Agora] há dez meses de inverno lá, dois meses de verão, e eles são frios para as águas, frios para a terra, frios para as árvores. O inverno cai ali, com a pior de suas pragas.[18]

Em outras traduções, a frase "a serpente no rio e o inverno" é apresentada como "uma grande serpente e o inverno" e, alternativamente, como "uma poderosa serpente e a neve".

Mais uma vez... você entendeu a ideia. A metáfora que está sendo repetidamente apresentada aqui é a da poderosa serpente que surge do rio e da neve. O homem que desce do céu até a terra, que penetra na terra e que traz um inverno prolongado sobre o mundo, tão rigoroso que ele fica "escuro" ("mais turvo, opaco", de acordo com algumas traduções [20]) ao meio-dia, e até mesmo os fugazes meses de verão são frios demais para a vida humana. Mais uma vez, todo esse cenário parece descrever com muita precisão as terríveis condições que teriam afligido o mundo depois do Younger
O cometa Dryas espalhou seu rastro de destruição por pelo menos 50 milhões **de** quilômetros quadrados, provocou "uma geada destruidora veemente" e lançou tamanha quantidade de poeira na atmosfera superior, juntamente com a fumaça dos incêndios florestais em todo o continente provocados por explosões de ar e ejetados superaquecidos, que uma escuridão turva e opaca teria de fato dominado os céus, refletindo de volta os raios solares e perpetuando algo muito parecido com um inverno nuclear por séculos.

Os textos zoroastrianos não nos deixam dúvidas de que essas condições representavam uma ameaça mortal para a sobrevivência futura da civilização. Foi por essa razão que Ahura Mazda veio a Yima com seu aviso e sua instrução para construir um abrigo subterrâneo onde algum remanescente da humanidade pudesse se refugiar, mantendo em segurança as sementes de todos os animais e plantas, até que o terrível inverno passasse e a primavera voltasse ao mundo. Além disso, o relato revela muito pouco que pareça "mítico" ou que obviamente derive de voos de fantasia religiosa. Em vez disso, a coisa toda tem uma atmosfera de planejamento prático e obstinado que acrescenta uma nota arrepiante de veracidade.

Por exemplo, a admoestação de que pessoas deformadas, impotentes, lunáticas e leprosas devem ser mantidas fora da Vara soa muito como eugenia, uma política de mau gosto, com certeza, mas que poderia ser implementada se a sobrevivência da raça humana estivesse em jogo e o espaço disponível no refúgio fosse limitado. Pelas mesmas razões, não é surpreendente que somente as sementes dos "maiores, melhores e mais finos" tipos de árvores, frutas e legumes, aqueles que são "mais cheios de comida e mais doces de odor", devam ser trazidos para a Vara. Por que desperdiçar espaço com algo que não seja o melhor?

Além disso, embora seja certo que várias pessoas cuidadosamente selecionadas seriam admitidas na Vara, talvez como zeladores e gerentes do projeto e como futuros reprodutores, a ênfase em todo o processo está nas sementes - que, no caso dos seres humanos, seriam o esperma dos machos e os óvulos das fêmeas. Portanto, quando lemos que a Vara será construída em três níveis subterrâneos, cada um menor do que o anterior, cada um com seu próprio sistema de "ruas" que se cruzam, é legítimo imaginar se algum tipo de sistema de armazenamento, talvez com fileiras de prateleiras dispostas em corredores que se cruzam, não seria realmente o que se quer dizer aqui:

> Na parte maior do lugar, farás nove ruas, seis na parte central e três na menor. Para as ruas daparte maior, levarás mil sementes de homens e mulheres; para as ruas daparte intermediária, seiscentas; para as ruas da parte menor, trezentas.[21]

Se parece fantasioso imaginar que podemos, em um sentido quase de alta tecnologia, estar olhando para as especificações de um banco de sementes aqui, então como podemos avaliar outros aspectos "tecnológicos" da Vara - por exemplo, seu sistema de iluminação? Assim como **fizemos** uma porta para o local e a fechamos com o anel de ouro que lhe foi dado por Ahura Mazda, Yima também deve criar "uma janela que brilha por dentro". [22]Quando Yima pede esclarecimentos sobre a natureza dessa janela de "brilho próprio", Ahura Mazda lhe diz de forma enigmática: "Existem luzes incriadas e luzes criadas". As primeiras são as estrelas, a lua e o sol, que não serão vistos de dentro dos limites do Vara durante o longo inverno, mas as segundas são "luzes artificiais" que "brilham de baixo" [23].

Yima fez o que lhe foi instruído e completou o Vara que, depois disso, "brilhou com sua própria luz". [24]Feito isso, ele então:

> fez com que as águas fluíssem em um leito de um quilômetro e meio de comprimento; ali ele estabeleceu pássaros, junto às margens sempre verdes que trazem alimento inesgotável. Ali estabeleceu moradias, consistindo em uma casa com varanda, um pátio e um galpão...[25]

Ali, também, somos lembrados, de acordo com os mandamentos de Deus,

> Ele trouxe as sementes de homens e mulheres (...) Lá ele trouxe as sementes de todo tipo de árvore [e] (...) todo tipo de fruta (...) Todas essas sementes ele trouxe, duas de cada tipo, para serem mantidas inesgotáveis lá, enquanto aqueles homens permanecerem na Vara (...) [26]

Finalmente, aprendemos que:

> a cada quadragésimo ano, a cada casal nascem dois, um macho e uma fêmea. E assim é para todo tipo de gado. E os homens da Vara, que Yima criou, vivem a vida mais feliz. [27]

É interessante notar que o tradutor explica, em uma nota de rodapé extraída de vários comentários eruditos antigos sobre o texto, que os habitantes humanos da Vara "vivem lá por 150 anos; alguns dizem que eles nunca morrem."[28] Além disso, e particularmente intrigante, o nascimento de filhos de cada casal não resulta da união sexual, mas "das sementes depositadas na Vara."[29]

Outros indícios de uma misteriosa tecnologia perdida ligada a Yima incluem uma xícara milagrosa na qual ele podia ver tudo o que havia que acontecia em qualquer lugar do mundo e um trono de vidro com joias (às vezes descrito como "uma carruagem de vidro") que era capaz de voar.[30]

Inundação e chuva

Além de uma catástrofe climática na forma de uma reversão noturna para o pico de frio da Era do Gelo, também sabemos que o Younger Dryas envolveu uma extensa inundação global, pois uma grande fração da calota de gelo da América do Norte derreteu e foi derramada no oceano. Portanto, é digno de nota o fato de os textos zoroastrianos falarem não apenas da "geada veemente e destruidora" de um inverno global, mas também de uma inundação associada, acompanhada de forte precipitação, na qual

> Cada gota de chuva tornou-se tão grande quanto uma tigela e a água ficou da altura de um homem sobre toda a terra.[31]

Do outro lado do mundo e muito mais próximo do epicentro norte-americano do cataclismo, o *Popol Vuh*, um documento original dos antigos maias quiches da Guatemala, baseado em fontes pré-conquista, também fala de um dilúvio e o associa a "muito granizo, chuva negra e neblina, e um frio indescritível". estava nublado e crepuscular em todo o mundo... As faces do sol e da lua estavam cobertas".[33] Outras fontes maias confirmam que esses fenômenos estranhos e terríveis foram vivenciados pela humanidade "no tempo dos antigos. A terra escureceu... Aconteceu que o sol ainda estava claro e brilhante. Depois, ao meio-dia, escurecia..."[34] A luz do sol não foi vista novamente "até o vigésimo sexto ano após o dilúvio."[35]

Voltando ao Oriente Médio, o famoso relato do patriarca hebreu Noé e da grande Arca na qual ele saiu do dilúvio chama a atenção. É óbvio que há muitos paralelos com a história de Yima e seu Vara. O Vara, afinal de contas, é um meio de sobreviver a um inverno terrível e devastador que destruirá todas as criaturas vivas, prendendo a Terra em uma armadilha congelante de gelo e neve. A Arca, da mesma forma, é um meio de sobreviver a um dilúvio terrível e devastador que destruirá todas as criaturas vivas ao afogar o mundo em água. Em ambos os casos, uma divindade - Ahura Mazda, no caso da tradição zoroastriana, e o Deus Yahweh, no caso da tradição hebraica - intervém para dar um aviso prévio a um homem bom e puro para que se prepare para o cataclismo vindouro. Em cada caso, a essência do projeto é preservar as sementes, ou os pares reprodutores, de toda a vida:

> E de todos os animais de toda a carne, dois de cada espécie trarás para a arca, para os conservares em vida contigo; macho e fêmea serão.
> Das aves segundo as suas espécies, e do gado segundo as suas espécies, e de todo réptil da terra segundo as suas espécies, dois de cada espécie virão a ti, para os conservares em vida.[36]

Facilmente esquecido, mas digno de nota, é o fato de que a Arca de Noé, como a Vara de Yima, deve ter uma "janela", deve ser fechada com uma "porta" e deve consistir em três andares:

> Uma janela farás para a Arca, e em um côvado a terminarás por cima; e a porta da Arca porás no seu lado; com andares inferiores, segundos e terceiros a farás.[37]

Por último, mas não menos importante, há indícios de uma tecnologia de iluminação perdida na Arca de Noé que se assemelham às referências às "luzes artificiais" na Vara. Em *The Legends of the Jews* (*As lendas dos judeus*), a notável e abrangente compilação de Louis Ginzberg de histórias e tradições antigas ligadas à Bíblia hebraica, lemos que toda a viagem da Arca, "durante o ano do dilúvio", foi realizada na escuridão, tanto de dia quanto de noite:

> Durante todo o tempo em que durou, o sol e a lua não emitiram nenhuma luz...[38]

No entanto, exatamente como a "janela que brilhava por si mesma" do Vara:

> A Arca era iluminada por uma pedra preciosa, cuja luz era mais brilhante à noite do que de dia, permitindo assim que Noé distinguisse entre o dia e a noite.[39]

Cidades subterrâneas

A Arca de Noé, como se sabe, teria terminado sua jornada nas encostas do Monte Ararat, o coração simbólico da antiga Armênia, mas agora, como resultado de guerras no início do século XX, localizado no moderno estado da Turquia. A Turquia, por sua vez, faz fronteira com o Irã - a antiga Pérsia - de onde os relatos do Vara de Yima chegaram até nós.

Figura 24

Portanto, é intrigante o fato de que a região da Capadócia, na Turquia, tenha um grande número de estruturas subterrâneas antigas escavadas em rocha sólida e, geralmente, como a Vara, consistindo em vários níveis empilhados uns sobre os outros. Essas "cidades" subterrâneas, como são conhecidas, incluem o local assustador e espetacular de Derinkuyu, que pude visitar em 2013. Situado sob uma cidade moderna de mesmo nome, oito de seus níveis estão atualmente abertos ao público, embora outros níveis permaneçam fechados abaixo e, surpreendentemente, um túnel subterrâneo de vários quilômetros de comprimento o conecta a outro hipogeu semelhante em Kaymakli.

Entrar em Derinkuyu foi como atravessar uma barreira invisível em um inesperado mundo subterrâneo. Em um minuto, eu estava sob a luz do sol; no outro, depois de entrar no sistema de túneis e galerias frias, úmidas e mal iluminadas (agora não há janelas que brilham sozinhas, apenas luz elétrica de baixa potência), senti que havia sido transportado para um reino esculpido por anões míticos no início dos tempos. Em alguns lugares, os túneis são baixos e estreitos, de modo que é preciso se abaixar e caminhar em fila indiana entre paredes manchadas e enegrecidas pela fumaça antiga e cobertas aqui e ali por mofo verde. Em intervalos regulares, deslizando de volta para recessos profundos, passei por portas megalíticas enormes, em forma de mós, com 1,5 a 1,8 metro de diâmetro e pesando cerca de meia tonelada. Essas portas foram claramente projetadas para serem estendidas para bloquear o acesso. Escadas e rampas íngremes desciam de nível em nível e, embora todos os níveis estivessem interconectados, as portas de pedra rolante podiam ser usadas para isolá-los uns dos outros quando necessário.

Observei um sistema notável de poços de ventilação com paredes íngremes que conectavam os níveis mais profundos com a superfície - e o faziam de forma tão eficaz que as rajadas de ar fresco eram palpáveis a 80 metros ou mais abaixo do solo. Em alguns lugares, a passagem que eu estava seguindo se transformava em uma junção onde os túneis se ramificavam em várias direções e mais escadas levavam a níveis ainda mais baixos. E aqui e ali, ora de um lado da passagem, ora do outro, às vezes acessados por meio de buracos feitos na parede, às vezes por meio de portas de tamanho normal, havia pequenas grutas com teto baixo, nas quais até mesmo algumas pessoas sentadas juntas podiam se sentar.

teria se sentido apertado. Mas, às vezes, essas portas levavam a redes interconectadas de câmaras e passagens e, às vezes, abriam-se repentinamente em salões elevados e salas espaçosas com tetos de abóbada de berço que se erguiam no alto, apoiados em colunas monolíticas escavadas na rocha viva.

Em suma, todo o lugar é um **labirinto** complexo e astuto em uma escala imensa - uma obra de surpreendente complexidade arquitetônica que seria impressionante se tivesse sido construída acima do solo, mas que é totalmente deslumbrante quando se considera que teve de ser minerada, cinzelada, martelada, cortada e escavada na rocha vulcânica. Mais tarde, estudando uma planta, percebi que esse vasto hipogeu, olhando para [40], que se estendia por uma área de mais de 4 quilômetros quadrados, estava sob os pés de qualquer pessoa na moderna cidade de Derinkuyu, ruas sob ruas, cômodos sob cômodos, uma cidade secreta antípoda de antiguidade desconhecida e de propósito desconhecido, mas certamente produto de imensa engenhosidade, determinação e habilidade.

E Derinkuyu é apenas um dos *duzentos* complexos subterrâneos desse tipo, cada um contendo um mínimo de dois níveis (com cerca de quarenta contendo três níveis ou mais) que foram identificados na Turquia, na área entre Kayseri e Nevsehir. [41] Além disso, novas descobertas estão sendo feitas constantemente. O próprio Derinkuyu foi encontrado em 1963, depois que construtores que estavam reformando o porão de uma casa moderna
uma passagem antiga abaixo. E, mais recentemente, em 2014, trabalhadores preparando o terreno para um novo projeto habitacional em Nevsehir, a uma hora de carro ao norte de Derinkuyu, deparou-se com mais um hipogeu insuspeito. Arqueólogos foram chamados e logo se percebeu que esse era maior do que qualquer outro conhecido até então. Como disse Hasan Unver, prefeito de Nevsehir, Derinkuyu e Kaymakli são pouco mais que "cozinhas" quando comparados ao local recém-explorado. "Não se trata de uma cidade subterrânea conhecida", acrescentou Mehmet Ergun Turan, chefe da Administração de Desenvolvimento Habitacional da Turquia. "Passagens de túneis de sete quilômetros estão sendo
discutido. Naturalmente, quando a descoberta foi feita, interrompemos a construção que estávamos planejando fazer na área."[42]

Vários comentaristas especularam imediatamente que o local recém-descoberto poderia ter "5.000 anos de idade" [43], mas não há base para isso - ou realmente para qualquer data. Tudo o que podemos dizer com certeza é que a mais antiga menção histórica sobrevivente das cidades subterrâneas da Turquia é encontrada no *Anabapsis* do historiador grego Xenofonte, escrito no século IV a.C.[44] - portanto, elas são mais antigas do que isso.

Mas a questão é: quanto mais antigo?

Como o leitor deve se lembrar do Capítulo 1, não há uma maneira objetiva de datar estruturas feitas inteiramente de rocha. O que os arqueólogos procuram, portanto, são materiais orgânicos que possam ser datados por carbono. Para serem úteis, no entanto, esses materiais orgânicos devem ser escavados de locais - sob um megálito que nunca foi movido, por exemplo, ou na argamassa original em uma junta entre dois blocos de pedra -que permitam fazer deduções razoáveis sobre a data em que os elementos estruturais associados foram instalados.

É por isso que a misteriosa decisão dos construtores de Göbekli Tepe de *enterrar* os recintos megalíticos tem sido tão útil para a arqueologia. Uma vez enterrados, eles permaneceram enterrados e os materiais orgânicos no preenchimento podem, portanto, ser usados para fazer inferências valiosas sobre sua idade. Em muitos outros sítios, por outro lado, existe a possibilidade de que a intrusão de materiais orgânicos posteriores forneça uma data falsamente jovem e, em alguns deles - as cidades subterrâneas da Turquia são um excelente exemplo -, nenhuma datação confiável pode ser feita. Isso ocorre porque os locais foram usados, reutilizados e, de fato, reaproveitados muitas vezes ao longo dos tempos por muitos povos diferentes, com materiais orgânicos sendo introduzidos em todas as ocasiões, o que torna impossível fazer qualquer inferência sobre a época de sua construção original.

A opinião geral dos arqueólogos é que as estruturas subterrâneas foram originalmente desenvolvidas nos séculos VII ou VIII a.C. por um povo indo-europeu chamado frígio, que vivia na Capadócia na época. a.C.
por um povo indo-europeu chamado frígio, que vivia na Capadócia naquela época. A teoria é que os frígios iniciaram o projeto ampliando e aprofundando cavernas e túneis naturais que já existiam na rocha vulcânica, usando os espaços criados para armazenamento e, possivelmente, como locais de refúgio contra atacantes.

Na época romana, com o fim dos frígios, os habitantes da área eram cristãos de língua grega que desenvolveram e expandiram as cavernas subterrâneas, rededicando alguns dos cômodos como capelas e deixando inscrições em grego, algumas das quais sobrevivem até hoje. Na era bizantina, do oitavo ao décimo segundo século d.C., o Império Romano do Oriente estava envolvido em guerras com os árabes recém-islamizados e as cidades subterrâneas tornaram-se novamente locais de refúgio - uma função que continuaram a desempenhar durante as invasões mongóis do século XIV d.C. **Posteriormente**, os cristãos gregos usaram as cidades para escapar da perseguição dos governantes muçulmanos turcos, e essa prática continuou até o século XX, quando as estruturas finalmente caíram em desuso após a trégua e a queda do Império Romano do Oriente.
intercâmbio populacional entre a Grécia e a Turquia em 1923[45].

Com uma história tão conturbada, é fácil ver por que as cidades subterrâneas não podem ser datadas usando técnicas arqueológicas objetivas. Além disso, o grande esforço despendido em sua escavação na rocha sólida e seus sofisticados sistemas de ventilação indicam poderosos motivos de longo prazo, muito além da necessidade limitada e temporária de abrigo contra atacantes. Com isso em mente, vamos considerar um cenário no qual os frígios, favorecidos por arqueólogos, sem nenhuma razão válida, como os primeiros criadores das cidades, foram eles próprios apenas uma das muitas culturas posteriores a fazer uso delas. É perfeitamente possível que esse seja o caso e, se assim for, também é possível que essas extraordinárias estruturas subterrâneas datem de uma época muito anterior aos frígios - talvez até mesmo dos "invernos fatais" do Younger Dryas, que ocorreu há cerca de 12.800 anos.

Não há provas disso, é claro. No entanto, o historiador e arqueólogo turco Omer Demir, autor de *Cappadocia: Cradle of*

History, é da opinião de que Derinkuyu de fato remonta ao Paleolítico. [46]Seu argumento baseia-se, em parte, na noção de que já existia na época frígia, [47]em parte, nas diferenças estilísticas entre os níveis superiores (mais antigos) e os níveis inferiores (mais jovens) [48]e, em parte, no fato de que as marcas dos implementos usados para cortar a rocha se desgastaram completamente nos níveis superiores, mas ainda são visíveis nos
nos níveis inferiores:

> É necessário que se passe um longo período de tempo para que as marcas de cinzel desapareçam. Isso significa que houve uma grande diferença de tempo entre os anos de construção dos primeiros andares e os últimos andares.[49]

Demir também sugere que as enormes quantidades de rocha escavadas para a construção da cidade subterrânea - que hoje não estão em evidência nas proximidades - foram despejadas em córregos locais e levadas. [50]Em um desses córregos, o Sognali, a uma distância de 26 quilômetros (16 milhas) de Derinkuyu, foram encontrados machados de mão, lascas de rocha e outros artefatos paleolíticos.[51]

As evidências são, na melhor das hipóteses, sugestivas. Eu não gostaria de apostar minha vida ou minha reputação nisso! No entanto, o cenário que vê Derinkuyu e as outras cidades subterrâneas construídas no Paleolítico Superior por volta de 12.800 anos atrás, no início do Younger Dryas, têm o grande mérito de não nos deixar mais à procura de um motivo proporcional ao enorme esforço envolvido. Somos informados sobre esse motivo de forma bastante explícita na história de Yima. Simplificando, as cidades são Varas, escavadas nas profundezas da terra como locais de refúgio dos horrores do Dryas mais jovem, que não se limitaram à "geada destruidora veemente", mas - como sabemos pelas esférulas de impacto cósmico e pelo vidro derretido encontrado em amostras de sedimentos na vizinha Abu Hureyra - também incluíram a terrível ameaça de bombardeio dos céus.

Como uma cobra do céu

É quase certo que, se o nosso planeta de fato cruzou o caminho de um cometa gigante há 12.800 anos, como Firestone, Kennett e West afirmam, o bombardeio *não* teria se limitado aos grandes fragmentos que caíram durante o primeiro evento. O fluxo de detritos do cometa teria permanecido em uma órbita que cruzava a Terra e muito provavelmente teria resultado em décadas, talvez até séculos, de bombardeios subsequentes - não na mesma escala de intensidade do encontro inicial, mas ainda assim capaz de causar danos catastróficos e espalhar medo e consternação suficientes sobre a poderosa "serpente" que permanece nos céus para justificar a construção de abrigos subterrâneos seguros.

De fato, como veremos, a Terra *ainda* pode atravessar o fluxo de detritos do cometa gigante Younger Dryas hoje e objetos grandes e mortais, mais negros que carvão, invisíveis aos nossos telescópios, ainda podem estar orbitando nesse fluxo hoje. Lembro-me novamente da profecia Ojibwa analisada no Capítulo Três:

> A estrela com a cauda longa e larga destruirá o mundo um dia, quando descer novamente. Esse é o cometa chamado Estrela Escaladora Celestial de Cauda Longa.

O cometa Younger Dryas está voltando? Será que ele não gastou toda a sua raiva e força destrutiva com os fragmentos que atingiram a Terra e causaram o inverno destruidor e veemente do Younger Dryas há 12.800 anos?

Curiosamente, as antigas tradições iranianas também contêm uma profecia, pois é dito que Yima retornará e andará novamente entre os homens quando:

> os sinais que prenunciam o último dos dias aparecerem. Desses, o pior **será** um inverno mais terrível do que qualquer outro que o mundo já viu antes, quando choverá, nevará e granizará por três longos anos.[52]

A descida ardente de mais fragmentos do cometa poderia provocar esse inverno, assim como aconteceu há 12.800 anos. E, assim como aconteceu naquela época, isso aconteceria em parte porque os céus seriam escurecidos pelos detritos e pela fumaça dos incêndios causados pelas explosões de ar e pela ejeção superaquecida dos impactos na terra. Essas são questões graves e voltaremos a elas no Capítulo Dezenove. Mas, primeiro, devemos considerar a história de Noé, a contraparte hebraica de Yima, carregado pelas águas do dilúvio - assim nos dizem - para as encostas do Monte Ararat, a apenas alguns dias de caminhada de Göbekli Tepe. A história de Noé também contém uma profecia que se manifesta no Novo Testamento, 2 Pedro 3: 3-7:

> Pela água, o mundo daquela época foi inundado e destruído. Pela mesma palavra, os céus e a terra atuais estão reservados para o fogo, sendo guardados para o dia do julgamento e da destruição dos homens ímpios.

Ou como diz a antiga canção:

Deus deu a Noé o sinal do arco-íris: não há mais água, o fogo fica para a próxima vez.

Capítulo 8
Os antediluvianos

A história bíblica do Dilúvio é muito conhecida para ser repetida aqui. Os elementos essenciais podem ser resumidos da seguinte forma:

- Um dilúvio global que destrói vidas, enviado por Deus para punir a maldade humana. [1]
- Um homem (Noé) escolhido por Deus e avisado com antecedência sobre o cataclismo que se aproximava para que pudesse construir um navio de sobrevivência (a Arca).[2]
- A preservação na Arca das sementes, ou pares reprodutores, de **todas as** formas de vida, com ênfase especial na vida humana (Noé e sua mulher, juntamente com seus filhos e suas mulheres) e a vida animal ("das aves segundo a sua espécie", como vimos no último capítulo, "e do gado segundo a sua espécie, de todo réptil da terra segundo a sua espécie, dois de cada espécie, que **eu** venha a ti, para os conservar vivos").[3]
- A Arca cavalga o dilúvio até que as águas baixem.[4]
- A Arca descansa "sobre os montes de Ararate".[5]
- Quando as águas "secaram da terra", Deus instrui Noé a deixar a Arca com sua família e a "trazer para fora toda espécie de criatura viva que está com você - os pássaros, os animais e todas as criaturas que se movem ao longo da terra - para que possam se multiplicar na terra e ser frutíferos e aumentar em número nela".
- Noé constrói um altar no qual sacrifica alguns dos animais e aves que acabou de salvar do dilúvio. O cheiro das ofertas queimadas é agradável a Deus.[7]
- Os seres humanos e animais sobreviventes saem e se multiplicam "e enchem a terra", conforme lhes foi ordenado.[8]

O Monte Ararat se eleva a 5.137 metros (16.853 pés) e os geólogos nos asseguram, com base em excelente ciência, que nenhuma parte dele jamais foi coberta por águas oceânicas desde que começou a tomar forma como uma montanha perto do final do Mioceno inicial, há cerca de dezesseis milhões de anos. A presença de seres humanos anatomicamente modernos no mundo, como vimos no último capítulo, não pode ser rastreada por mais de duzentos mil anos, e até mesmo o último ancestral comum com o chimpanzé - uma criatura que estava muito longe de ser "humana" em qualquer sentido - nos leva de volta a apenas seis milhões de anos, de modo que a noção de um barco com seres humanos a bordo ter sido arrastado para o Monte Ararat é uma impossibilidade cronológica.

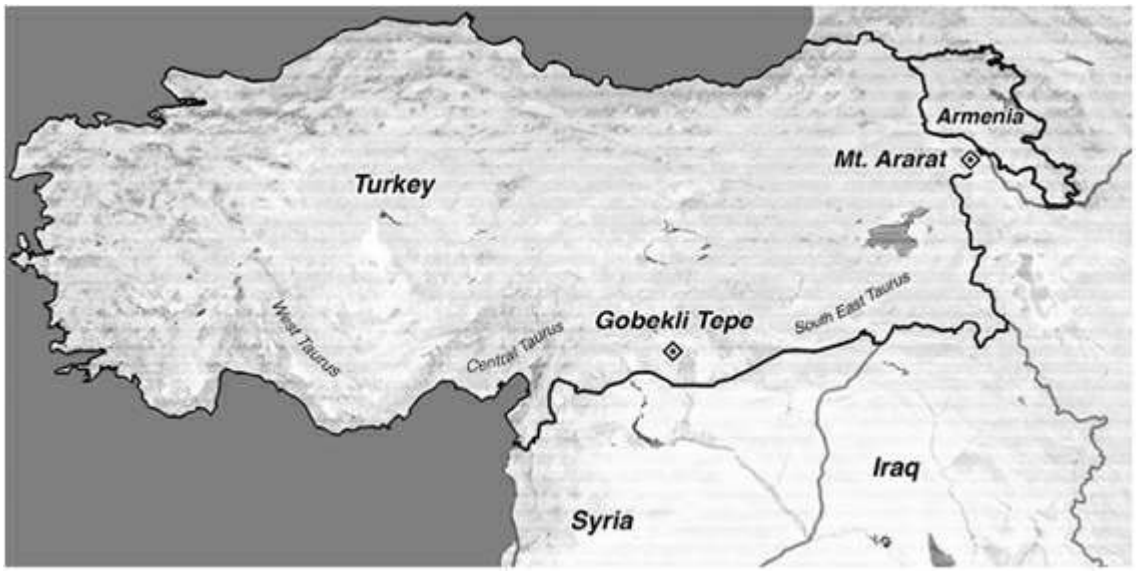


Figura 25

No entanto, é intrigante que a história do Dilúvio, conforme relatada no Antigo Testamento, faça menção específica e deliberada às "montanhas de Ararat" (o "Monte" de fato tem picos gêmeos) que, nos tempos bíblicos, eram entendidas como parte do "Reino de Ararat"[9], a terra histórica de Urartu, conquistada pelo rei assírio Salmaneser no final do segundo milênio a.C.[10].

Em relação à arqueologia limitada que foi realizada na região, os historiadores confessam que "as origens de Urartu devem permanecer obscuras" [11], mas os primeiros assentamentos conhecidos e os primórdios da agricultura na região foram rastreados até "aproximadamente 10.000 a 9000 a.C." [12], em outras palavras, até o período de Göbekli Tepe.

Além disso, toda essa área, incluindo o Monte Ararat e Göbekli Tepe, formava o coração da Armênia histórica, a região direta do descendentes do Reino Bíblico de Ararat, cujos habitantes se viam - e ainda hoje se veem - como "o Povo de Ararat". [13]

Escrita no século V d.C., a influente *História dos Armênios*, de Moisés Khorenatsi, atribuiu a fundação da nação ao patriarca Haik, que, segundo se dizia, era tataraneto do próprio Noé e, portanto, estava na linhagem próxima dos sobreviventes do dilúvio que emergiu da Arca. [14]De fato, é por causa de Haik que, mesmo no século XXI, os armênios **ainda** se referem a si mesmos como Hai e à sua terra como Haiastan. [15]Eles veem simplesmente como uma tragédia da história o fato de grande parte dessa terra, incluindo novamente Göbekli Tepe e o Monte Ararat, estar agora em posse da República da Turquia, após o genocídio armênio de 1915-23, no qual mais de Acredita-se que um milhão de armênios étnicos tenham sido mortos pelas forças turcas. [16]

Os sentimentos nacionalistas **ainda** estão em alta nas comunidades da diáspora armênia espalhadas pelo mundo e no pequeno pedaço da Armênia histórica que hoje forma a República Armênia. Essas tensões não deixaram Göbekli Tepe intocado, e muitos armênios estão indignados com o fato de a Turquia reivindicar esse local de importância ímpar como seu próprio patrimônio, como se a antiga conexão armênia nem sequer existisse. Uma pesquisa de alguns minutos na Internet usando a palavra-chave " *Portasar*", o antigo nome armênio de Göbekli Tepe, confirmará isso. **Vou** dar um único exemplo aqui, um vídeo do YouTube intitulado "Turkey Presents Armenian Portasar as Turkish Göbekli Tepe". [17]Entre os comentários, bastante típicos das observações feitas por muitos espectadores, lemos:

> É assim que vejo Portasar (Göbekli Tepe). Essas pessoas enterraram deliberadamente um templo sagrado. Fizeram isso na expectativa de que ele fosse descoberto muitos anos no futuro. Eles acreditavam em reencarnação. As pessoas que construíram Portasar (Göbekli Tepe) estão aqui entre os armênios. Seus espíritos transcenderam para o povo armênio de hoje. Quando passamos algo para a nossa família, queremos ter certeza de que isso será destinado somente àquele membro da família e a mais ninguém. Portasar e aqueles as terras serão devolvidas aos armênios de acordo com as leis da natureza...[18]

Da mesma forma, embora agora esteja totalmente dentro das fronteiras da Turquia, o Monte Ararat continua sendo um símbolo potente do nacionalismo armênio. Uma paisagem do Monte Ararat, com as águas da enchente recuando e a Arca de Noé no topo, domina o brasão de armas da República da Armênia, enquanto a própria montanha - tão próxima e, ao mesmo tempo, tão distante - paira sobre a capital armênia, Yerevan, um lembrete assombroso e sempre presente de que:

> O passado nunca está morto. Ele nem mesmo é passado.[19]

Assim, há muitas maneiras pelas quais a história de Noé e sua Arca, e de um mundo renovado após um terrível cataclismo global, ainda é uma força viva na região de Göbekli Tepe, aquele misterioso santuário nas montanhas Taurus onde os grandes círculos de pedra começaram a ser construídos em 9600 a.C. - uma data que marca o fim exato do longo "inverno fatal" do Younger Dryas. Como Klaus Schmidt me perguntou retoricamente quando o entrevistei no local (consulte o Capítulo Um):

> Qual é a probabilidade de ser um acidente o fato de a fase monumental em Göbekli Tepe começar em 9600 a.C., quando o clima do mundo inteiro deu uma guinada repentina para melhor e há uma explosão na natureza e nas possibilidades?

Há algo mais sobre essa data também. Assim como o início do Younger Dryas em 10.800 a.C. foi acompanhado por enormes inundações globais e um episódio de rápido aumento do nível do mar, pois a água gelada derretida da calota de gelo da América do Norte foi derramada repentinamente no Oceano Atlântico[20], assim também ocorreu uma segunda inundação global por volta de 9600 a.C., quando as calotas de gelo remanescentes na América do Norte e no norte da Europa entraram em colapso simultaneamente em meio ao aquecimento global mundial. O falecido Cesare Emiliani, professor do Departamento de Geologia da Universidade de São Paulo, disse Ciências da Universidade de Miami, realizou uma análise isotópica de sedimentos do fundo do mar [(21)]que produziu evidências impressionantes de uma inundação global cataclísmica "entre 12.000 e 11.000 anos atrás".

Portanto, embora as inundações no final da Era Glacial nunca pudessem ter levado Noé e sua Arca a milhares de metros acima do nível do mar atual, a Terra não foi capaz de se mover por um período de tempo tão longo.

A destruição do nível do mar até as encostas do Monte Ararat foi de fato global em sua extensão e teria tido consequências devastadoras para os seres humanos que viviam naquela época. Regiões montanhosas, como a cordilheira do Ararat, teriam sido locais naturais de refúgio - locais naturais para trazer "as sementes de toda a vida" e começar de novo. Portanto, embora a história de Noé não possa ser literalmente verdadeira em todos os detalhes, devemos considerar a possibilidade de que ela seja verdadeira em sua essência, ou seja, que ela registre a construção de uma "Arca", na qual sementes de plantas úteis e pares de animais reprodutores talvez tenham sido preservados por pessoas que já conheciam a agricultura e possuíam habilidades arquitetônicas, que sobreviveram ao Dilúvio, que migraram para as terras entre o Monte Ararat e Göbekli Tepe e que, posteriormente, disseminaram o conhecimento agrícola e arquitetônico para os caçadores-coletores indígenas daquela região.

O aparecimento repentino e, de fato, completamente sem precedentes de círculos de pedra gigantes em Göbekli Tepe, que certamente só poderiam ter sido concebidos e implementados por pessoas com vasta experiência prévia em arquitetura megalítica, e a "invenção" simultânea da agricultura exatamente no mesmo local são, a meu ver, altamente sugestivos dessa possibilidade. Além disso, há também a sensação assustadora de que o próprio Göbekli Tepe constitui uma espécie de "Arca" congelada e memorializada em pedra, pois sua iconografia não se refere apenas a animais, mas também a também - em vários relevos intrigantes que mostram mulheres com a genitália exposta [23]e homens com pênis ereto [24]- sobre a fertilidade humana. Imagens desse último tipo, incluindo uma figura que Karl Luckert, professor de História das Religiões da Universidade Estadual do Missouri, interpreta como uma clássica "Mãe Terra" [25], lembram o mandamento de Deus a Moisés e sua família para que "sejam frutíferos, multipliquem-se e encham a terra" (26). a terra".[26]

Enquanto isso, onde mais, a não ser na Arca de Noé, podemos encontrar um zoológico tão eclético quanto o retratado nos megálitos de Göbekli Tepe - um zoológico, como vimos no Capítulo 1, que inclui aranhas, escorpiões e cobras ("todos os répteis da terra"), pássaros e gado ("aves segundo a sua espécie, e gado segundo a sua espécie"), raposas, felinos, cabras, ovelhas, gazelas, javalis, ursos, etc., etc. (em suma, como diz Gênesis 6: 20, "todo tipo de animal e todo tipo de criatura")?

Um toque final. Noé sacrificou alguns dos animais e aves que acabara de salvar do Dilúvio como uma oferta a Deus. Em Göbekli Tepe, os arqueólogos encontraram os ossos esquartejados de muitas das espécies animais retratadas nos piares megalíticos.[27]

Cidades de antes do Dilúvio

Há muito tempo os estudiosos reconhecem que a narrativa bíblica do Dilúvio não é original do Antigo Testamento, mas foi emprestada de uma fonte muito anterior, na verdade, uma fonte que remonta à mais antiga civilização verdadeira até agora reconhecida pela arqueologia - a antiga Suméria na Mesopotâmia, que surgiu no quinto milênio a.C., floresceu durante o quarto e o terceiro milênios a.C. e sobreviveu até o segundo milênio a.C.

[28]As duas primeiras versões escritas sobreviventes desse "mito" do dilúvio global podem ser vistas hoje no Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade da Pensilvânia, [29]e na coleção particular Schøyen, na Noruega. [30]Ambas foram escritas em caracteres cuneiformes no idioma sumério e ambas chegaram até nós como fragmentos e não como textos completos.

Das duas, entretanto, a tábua da Universidade da Pensilvânia, encontrada durante escavações na cidade suméria de Nippur (31) (localizada no rio Eufrates, 200 quilômetros ao sul da moderna cidade de Bagdá) que é a mais completa, consistindo no terço inferior do que já foi uma tábua de seis colunas de argila cozida[32]e datada do século XVII a.C.[33]A tábua de Schøyen, embora tenha sobrevivido menos, é um pouco mais antiga (datada dos séculos XIX a XVIII a.C.[34]) , repete algumas das linhas do fragmento da Pensilvânia e acrescenta alguns novos detalhes não encontrados em outros lugares.[35]

Figura 26: Mapa da antiga Suméria mostrando as cidades antediluvianas

Que coisas raras e preciosas são essas pequenas placas quebradas de lama cozida! E que história elas têm para contar. Quando li essa história pela primeira vez, fiquei instantaneamente intrigado, pois ela contém referências explícitas à existência de cinco cidades antediluvianas que, segundo nos informaram, foram arrastadas pelas águas do Dilúvio.

As primeiras trinta e sete linhas da tábua da Universidade da Pensilvânia estão faltando, portanto não sabemos como a história começa, mas no ponto em que entramos nela o Dilúvio está ainda muito distante no futuro.

[36]Ouvimos sobre a criação dos seres humanos, animais e plantas. [37]Em seguida, ocorre outra quebra de trinta e sete linhas, após a qual descobrimos que avançamos no tempo para uma época de alta civilização. Nós aprendemos que nessa época, antes do Dilúvio, "a realeza era baixada do céu"[38].

Em seguida, vem a referência à fundação das cidades antediluvianas da Suméria por um governante não nomeado ou um deus:

> Depois que a elevada coroa e o trono da realeza foram baixados do céu, Ele aperfeiçoou os ritos e as elevadas leis divinas...
> Fundou as cinco cidades (...) em lugares puros,
> Chamou-as por seus nomes e as distribuiu como centros de culto.
>
> > A primeira dessas cidades, Eridu... A segunda, Badtibira...
> > O terceiro Larak ... O quarto Sippar ...
> > O quinto Shuruppak ...[39]

"O preservador da semente da humanidade..."

Quando retomamos a narrativa após uma terceira lacuna de trinta e sete linhas, a cena mudou de forma desconcertante. Embora o Dilúvio esteja **ainda** no futuro, a fundação das cinco cidades antediluvianas está agora em um passado distante. Pelo contexto, fica evidente que, no período intermediário, os habitantes das cidades se comportaram de tal forma que provocaram o desagrado divino e que uma convocação dos deuses foi feita para punir a humanidade com o terrível instrumento de um dilúvio destruidor da terra. No momento em que retomamos a história, alguns dos deuses estão discordando dessa decisão e expressando sua infelicidade e insatisfação com ela.[40]

Sem preâmbulos, um homem chamado Zisudra é então apresentado - o arquétipo sumério do patriarca bíblico Noé. O texto o descreve como "um rei piedoso e temente a Deus"[41]e nos leva a entender que um dos deuses teve pena dele. O nome desse deus não sobreviveu na tábua da Universidade da Pensilvânia, mas o fragmento de Schøyen nos dá uma pista ao revelar que Zisudra era não apenas um rei, mas também um sacerdote do deus Enki[42].Esse deus, de quem ouviremos falar mais tarde, diz a Zisudra

> Aceite minha palavra, dê ouvidos às minhas instruções:
> Um **dilúvio** varrerá os centros de culto. Para destruir a semente da humanidade,
> É a decisão, a palavra da assembleia de deuses.[43]

Segue-se uma quebra de texto de quarenta linhas que os estudiosos deduzem, com base nas muitas recensões posteriores do mesmo mito, que "deve ter continuado com instruções detalhadas para Zisudra construir um barco gigante e, assim, salvar-se da destruição".

Quando a história é retomada, o cataclismo já começou:

> **Todas** as tempestades de vento, extremamente poderosas, atacaram como uma só, ao mesmo tempo em que o dilúvio varreu os centros de culto.
> Durante sete dias e sete noites, o dilúvio varreu a terra,
> E o enorme barco foi sacudido pelas tempestades de vento nas grandes águas.[45]

Durante todo o cataclismo, os céus permanecem escuros. Então, no oitavo dia, o sol rompe as nuvens, e as chuvas e tempestades furiosas cessam. Abrindo a "janela" de sua nave de sobrevivência, Zisudra olha para um mundo que mudou para sempre e sacrifica um boi e uma ovelha aos deuses.[46]

Segue-se uma lacuna enfurecedora de trinta e nove linhas, presumivelmente nos informando sobre o local onde Zisudra faz **a** terra firme e os passos que

que ele toma depois disso. Quando retomamos a história, perto do final do texto, nós o encontramos na presença dos deuses supremos do panteão sumério, *Anu* e *Enlil*, que se arrependeram de sua decisão anterior de eliminar totalmente a humanidade da face da Terra e agora estão tão gratos a Zisudra por ter construído sua arca e sobrevivido ao Dilúvio que decidem torná-lo imortal:

Eles lhe deram vida como um deus;
Respiração eterna como um deus que eles trouxeram para ele,
... Zisudra, o rei,
O preservador do nome da vegetação e da semente da humanidade.[47] As trinta e

nove linhas finais estão faltando.[48]

Os sete sábios

O falecido professor Samuel Noah Kramer, uma das maiores autoridades da antiga Suméria, observou que há "obscuridades e incertezas tentadoras" nessa versão escrita mais antiga que sobreviveu da tradição mundial do Dilúvio. [49] O que não pode haver dúvida, entretanto, é que a tábua fala de uma civilização urbana que existia antes do Dilúvio e nos fornece os nomes de seus deuses sagrados.
cidades: Eridu, Badtibira, Larak, Sippar, Shuruppak. Essas cidades, segundo nos dizem especificamente, foram destruídas pelo dilúvio.
Além disso, muito tempo depois de a própria Suméria ter deixado de existir, ricas tradições sobre as cinco cidades, a época antediluviana e o Dilúvio sobreviveram na Mesopotâmia e foram repetidas pelas culturas de Acad, Assíria e Babilônia, que mais tarde ganharam destaque, quase até os tempos cristãos. [50] De fato, é justo dizer que a história tradicional dessa região, como foi contada na antiguidade, está claramente dividida em dois períodos diferentes - antes e depois do Dilúvio - e que ambos os períodos foram considerados pelos povos da região como absolutamente factuais e reais.

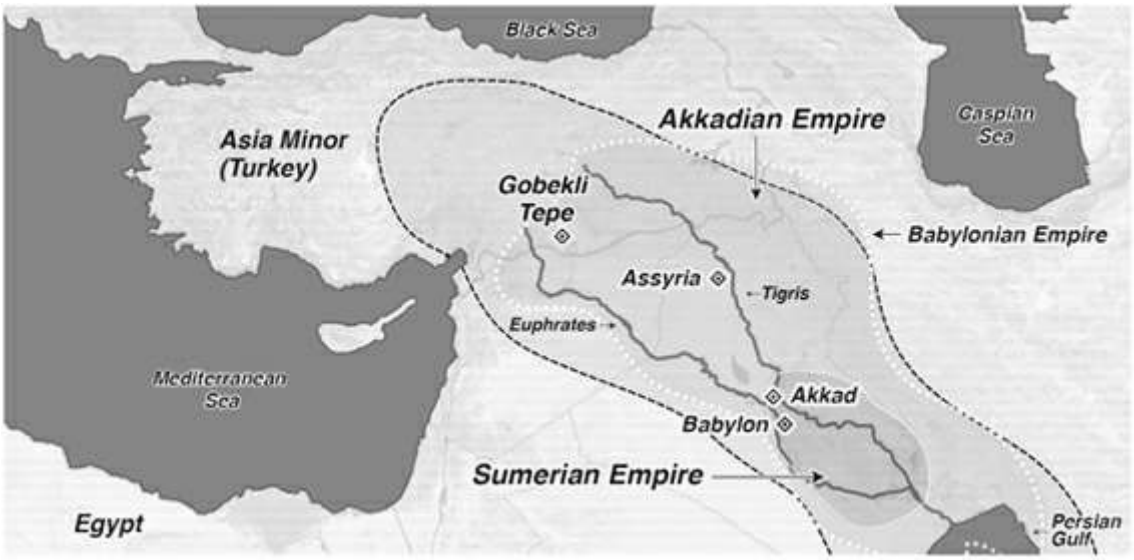


Figura 27: Os antigos impérios da Mesopotâmia ganharam destaque em diferentes períodos da história, mas todos mantiveram tradições de um dilúvio global que praticamente destruiu a humanidade na antiguidade remota.

Vimos no Capítulo Um como as tradições mesopotâmicas não só preservaram as memórias das cidades antediluvianas, mas também de um herói civilizador antediluviano chamado Oannes e da irmandade dos Sete Sábios, os "Sete Apkallu", que supostamente apoiaram sua missão civilizadora. Como o leitor deve se lembrar, esses sábios são frequentemente retratados na arte sobrevivente da região como homens barbudos segurando um tipo peculiar de bolsa ou balde, mas às vezes eles também são mostrados como teriantropos, parte pássaro e parte humano em forma. À medida que me aprofundava, voltando e relendo cuidadosamente os relatos do sacerdote babilônico Berossos, que eu havia abordado pela primeira vez quando pesquisava *Fingerprints of the Gods*, lembrei-me de que Oannes e os sábios Apka lu também eram às vezes retratados em uma forma teriantrópica diferente, nesse caso, parte peixe, parte humano. Cada um deles era emparelhado como "conselheiro" de um rei antediluviano e eram famosos por sua sabedoria em assuntos de Estado e por suas habilidades como arquitetos, construtores e engenheiros.[51]

Berossos compilou sua *história a* partir dos arquivos do templo da Babilônia (que supostamente continham "registros públicos" que foram preservados por "mais de 150.000 anos" [52]). Ele nos passou uma descrição de Oannes como um "monstro" ou uma "criatura". Entretanto, o que Berossos tem a dizer é certamente mais sugestivo de um homem usando algum tipo de fantasia de peixe - em suma, algum tipo de disfarce. O

monstro, Berossos nos ensina:

> tinha o corpo inteiro de um peixe, mas embaixo e preso à cabeça do peixe havia outra cabeça, humana, e junto à cauda do peixe, pés como os de um homem, e tinha uma voz humana... No final do dia, esse monstro, Oannes, voltou para o mar e passou a noite. Ele era anfíbio, capaz de viver tanto na terra quanto no mar... Mais tarde, outros monstros semelhantes a Oannes apareceram.[53]

Levando em conta que os curiosos contêineres carregados por Oannes e pelos sábios Apkallu também estão representados em um dos pilares megalíticos de Göbekli Tepe (e, como vimos no Capítulo 1, tão longe quanto o México **antigo**), o que devemos pensar de tudo isso?

O mistério se aprofunda quando seguimos mais a fundo as tradições mesopotâmicas. Em resumo, Oannes e a irmandade de sábios Apka lu são descritos como tutores da humanidade por muitos milhares de anos. É durante essa longa passagem de tempo que surgem as cinco cidades antediluvianas, os centros de uma grande civilização, e que a realeza é "baixada do céu". Antes da primeira aparição de Oannes, Berossos diz, o povo da Mesopotâmia "vivia sem lei, como os animais do campo" [54].

Berossos escreveu sua *história* entre 290 e 278 a.C., mas apenas fragmentos dela chegaram até nós, preservados como citações e resumos em outras obras, como Synce lus e Eusebius. a.C., mas apenas fragmentos dela chegaram até nós, preservados como citações e resumos nas obras de outros escritores, como Sínce **lo** e Eusébio. Entretanto, os estudiosos reconhecem que o que nos foi transmitido dessa forma reflete com precisão tradições mesopotâmicas muito mais antigas, inscritas em tábuas cuneiformes remontando aos tempos mais remotos. [55]Por exemplo, o nome Oannes, que talvez tenha sido distorcido pelos escritores que o transmitiram a nós, é derivado de *Uannadapa* em cuneiforme, muitas vezes abreviado simplesmente para *Adapa* ou U-Anna - *sendo que* o elemento *Adapa* é originalmente um título que significa (apropriadamente para um sábio) "Sábio". [56]Nas antigas inscrições mesopotâmicas, diz-se que U-Ana "realiza os planos do céu e da terra". [57]Outros do grupo de sábios antediluvianos incluem *U-Anne-dugga* "que é dotado de compreensão abrangente" e *An-Enlilda*, descrito como "o conjurador da cidade de Eridu".

Figura 28: Oannes e a irmandade de sábios Apkallu.

Esse último ponto - que os sete sábios antediluvianos eram "conjuradores", "feiticeiros", "magos", "mágicos" - é repetidamente enfatizado nos textos cuneiformes. [59]Mas, ao mesmo tempo, associadas às suas habilidades mágicas estão obviamente habilidades práticas, tecnológicas ou até mesmo científicas.[60]Assim, eles eram mestres das "receitas químicas",[61]eram médicos,[62]eram carpinteiros, cortadores de pedra, metalúrgicos e ourives, [63]e lançaram as fundações das cidades. [64]De fato, em épocas posteriores, todos os ofícios usados na construção real e na Os projetos de renovação foram atribuídos ao conhecimento originado pelos sábios antediluvianos. [65]Como Amar Annus, da Universidade de Tartu, Estônia, resume em um estudo detalhado:

> O período anterior ao dilúvio foi o da revelação na mitologia mesopotâmica, quando a base de todo o conhecimento posterior foi estabelecida. Os sábios antediluvianos eram heróis da cultura, que trouxeram as artes da civilização para a terra. Durante o tempo que se segue a esse período, nada de novo é inventado, a revelação original é apenas transmitida e desdobrada. Oannes e outros sábios ensinaram a **l** fundamentos da civilização para a humanidade antediluviana.[66]

As tábuas cuneiformes da antiga Mesopotâmia também lançam pelo menos alguma luz sobre os contêineres que os sábios Apkallu são tão frequentemente

retratados como se estivessem segurando. Eles são chamados de *banduddu* - "baldes"[67]- e presume-se que tenham segurado "água benta". [68]Muitas vezes, também, como o leitor se lembrará no Capítulo Um, o sábio segura em sua outra mão um objeto semelhante a um cone. Nas inscrições, esses objetos são chamados de mullilu*, que significa* "purificadores".[69]Nas mesmas cenas, os sábios aparecem com frequência em conjunto com uma árvore estilizada ou, às vezes, com
a figura de um rei, ou às vezes ambos. Nenhuma referência textual específica à árvore sobreviveu, mas a suposição geral dos estudiosos é
que ela deve ser uma "árvore sagrada", enquanto muitos acreditam que ela representa "a árvore da vida"[70]e que simboliza "tanto a ordem mundial divina quanto o rei, que funcionava como seu administrador terreno".[71]A conclusão, portanto, é que estamos diante de "um rito magicamente protetor, uma bênção, uma unção":[72]

> Ao aspergir a árvore com água benta, os sábios conferiram a ela sua própria santidade, mantiveram a harmonia cósmica e, assim, garantiram o funcionamento correto dos planos do céu e da terra.[73]

Figura 29: Enki, o deus sumério da sabedoria e da magia, cuja responsabilidade especial era o oceano subterrâneo de água doce conhecido como Abzu. Por causa dessa conexão com o Abzu, ele era frequentemente representado com correntes de água e peixes fluindo de seus ombros. Os acádios o chamavam de Ea.

Acreditava-se que os Sete Apkallus haviam sido criados por Enki (Enki é seu nome sumério; os acádios o chamavam de Ea), revelado na tábua de Schøyen como patrono de Zisudra, o grande deus do oceano subterrâneo de água doce conhecido como Abzu. [74]O particular de Enki Além de sua conexão com esse reino aquático, seus atributos eram a sabedoria, a magia e as artes e ofícios da civilização, [75]Portant o, é apropriado que os sábios estejam entre suas criaturas e que sejam frequentemente simbolizados como peixes. A forma dopeixe Apka lu, como observa um estudioso:

> está ligada aos segredos que habitam as profundezas; e seus olhos que nunca se fecham e sempre vigiam lhe conferem uma sagacidade onisciente.[76]

Graças aos conselhos e ensinamentos desses sábios extraordinários, esses magos do deus-sabedoria Enki, aprendemos com os textos cuneiformes que a civilização humana alcançou rápidos avanços tecnológicos e científicos e entrou em uma fase de "esplendor e abundância excepcionais, a idade de ouro antes do dilúvio". [77]Tudo parecia ser para o melhor, no melhor de todos os mundos possíveis. Mas com o passar dos milênios,
A humanidade **está** fora de harmonia com o universo e com as divindades - e com uma divindade em particular, o grande Enlil, descrito como "o Rei, senhor supremo, pai e criador" e (talvez dando mais noção de sua personalidade) como uma "tempestade furiosa". [78]Embora o deus do céu Anu fosse tecnicamente classificado em primeiro lugar no panteão sumério, ele geralmente era uma figura bastante remota e impotente. Enlil era seu segundo em comando, mas de fato era responsável pela maioria das "decisões executivas". Enki - nomeado em alguns textos como o irmão mais novo de Enlil - era Enki - nomeado em alguns textos como o irmão mais novo de Enlil - foi classificado em terceiro lugar.[79]

Figura 30: A poderosa divindade suméria Enlil (sentado, à direita). Muitas vezes descrito como uma "tempestade furiosa", foi ele quem ordenou o extermínio da humanidade por meio do Dilúvio.

A história do dilúvio sumério, como vimos, tem muitas lacunas, mas outras tábuas, como as que contêm a Epopeia de Gilgamesh, sem dúvida o mais famoso de todos os textos mesopotâmicos sobreviventes, preenchem os detalhes e não nos deixam dúvidas sobre o papel de Enlil:

> Naqueles dias, o mundo fervilhava, as pessoas se multiplicavam, o mundo berrava como um touro selvagem e o grande deus foi despertado pelo clamor. Enlil ouviu o clamor e disse aos deuses em conselho: "O tumulto da humanidade é intolerável e o sono não é mais possível por causa da babel". Então os deuses concordaram em exterminar a humanidade.[80]

Sabemos o que aconteceu em seguida. O deus Enki (além da tábua de Schøyen, outros textos posteriores também confirmam que era ele) interveio para avisar Zisudra que o instrumento de extermínio, um grande dilúvio destruidor de vidas, estava prestes a ser desencadeado. [81]Berossos, que chama Zisudra de "Xisouthros", nos dá o próximo capítulo da história:

> [Enki] apareceu a Xisouthros em um sonho e revelou que (...) a humanidade seria destruída por um grande dilúvio. Ele então ordenou que ele enterrasse todas as tábuas, a primeira, a do meio e a última, e as escondesse em Sippar, a cidade do sol. Em seguida, ele deveria construir um barco e embarcar nele com sua família e seus melhores amigos. Ele deveria abastecê-lo com comida e bebida e também levar a bordo animais selvagens, pássaros e todos os animais de quatro patas. Então, quando tudo estivesse preparado, ele deveria se preparar para zarpar... Ele não parou de trabalhar até que o navio fosse construído. Seu comprimento era de cinco estádios [3.000 pés ou 914 metros] e sua largura de dois estádios [1.200 pés ou 366 metros]. Ele embarcou no navio pronto, equipado para tudo como havia sido ordenado, com sua esposa, filhos e amigos mais próximos...[82]

Os fragmentos sobreviventes de Berossos não nos falam da experiência do Dilúvio, mas a Epopeia de Gilgamesh o faz, colocando as palavras na boca do próprio Zisudra/Xisouthros:[83]

> Durante seis dias e seis noites, o vento soprou, a torrente, a tempestade e o dilúvio assolaram o mundo, a tempestade e o dilúvio se enfureceram juntos como hostes guerreiras. Quando o sétimo dia amanheceu, a tempestade do sul diminuiu, o mar se acalmou e o dilúvio foi contido. Olhei para a face do mundo e houve silêncio. A superfície do mar era tão plana quanto um telhado. Toda a humanidade havia retornado ao barro... Abri uma escotilha e a luz caiu sobre meu rosto. Então me abaixei, sentei e chorei, as lágrimas escorriam pelo meu rosto, pois de todos os lados havia um desperdício de água... A quatorze léguas de distância havia uma montanha, e lá estava o barco aterrado

...[84]Berossos

novamente:

> Então Xisouthros soube que a terra havia aparecido mais uma vez... Ele desembarcou, acompanhado de sua esposa e filha, além do piloto. Ele se prostrou em adoração à terra, ergueu um altar e sacrificou aos deuses. Depois disso

ele desapareceu junto com aqueles que haviam deixado o navio com ele. Aqueles que permaneceram no navio e não saíram com Xisouthros (...) procuraram por ele e o chamaram pelo nome por toda parte. Mas Xisouthros não foi mais visto dali em diante, e então o som de uma voz que veio do ar deu instruções de que era seu dever honrar os deuses e que Xisouthros, por causa da grande honra que havia demonstrado aos deuses, havia ido para a morada dos deuses e que sua esposa, filha e o timoneiro haviam desfrutado da mesma honra. A voz, então, instruiu-os a retornar à ... cidade de Sippar, para desenterrar as tábuas

que estavam enterrados ali e para entregá-los à humanidade. O lugar onde eles descansaram foi na terra da Armênia.[85]

Portanto, em resumo, tanto os relatos bíblicos quanto os mesopotâmicos concordam que a Armênia foi o local de refúgio dos sobreviventes do Dilúvio. Berossos, entretanto, acrescenta alguns detalhes importantes que não constam na história do Antigo Testamento. Primeiro, a referência a Sippar, que, como vimos, era uma das cinco cidades antediluvianas lembradas nas tradições sumérias; segundo, a intrigante informação de que os escritos ou arquivos dos tempos antediluvianos ("todas as tábuas, a primeira, a do meio e a última") foram enterrados em Sippar antes do Dilúvio; e terceiro, que os sobreviventes deveriam retornar a Sippar quando as águas recuassem para desenterrar as tábuas enterradas e "entregá-las à humanidade".

Figura 31: O sobrevivente sumério do Dilúvio e a Arca: "A superfície do mar se estendia tão plana quanto um telhado. Toda a humanidade havia retornado ao barro... A quatorze léguas de distância, apareceu uma montanha, e ali o barco encalhou."

O que se prevê aqui, portanto, é nada menos do que uma renovação da civilização após um cataclismo global - uma renovação na qual o conhecimento antediluviano deveria ser recuperado e repromulgado. Os Sete Sábios, entretanto, não teriam mais nenhum papel a desempenhar na disseminação desse conhecimento. Os textos cuneiformes nos dizem que eles haviam sido enviados de volta às profundezas do Abzu na época do Dilúvio

[86]Outros sábios "de ascendência humana" - embora em um caso tenha sido descrito como sendo "dois terços Apkallu" [87]- tomariam seu lugar, alguma continuidade seria mantida e a civilização ressurgiria. No devido tempo, reis posteriores falariam de sua ligação com o mundo antediluviano. No final do primeiro milênio a.C., Nabucodonosor I da Babilônia descreveu a si mesmo como uma "semente preservada de

antes do dilúvio"[88], enquanto Assurbanipal, que governou o império central mesopotâmico da Assíria no século VII a.C., gabava-se: "Aprendi o ofício de Adapa, o sábio, que é o conhecimento secreto. a.C., gabava-se: "Aprendi o ofício de Adapa, o sábio, que é o conhecimento secreto... Estou bem familiarizado com os sinais do céu e da terra... Estou apreciando os escritos em pedras de antes do dilúvio".

É um mistério curioso, como veremos no próximo capítulo, o fato de que exatamente as mesmas noções dos Sete Sábios como os portadores do A história da civilização na mais remota antiguidade, e da preservação e repromulgação de "escritos em pedras de antes do dilúvio", aparece na cultura supostamente completamente distinta e não relacionada do Egito Antigo.

Parte IV

Ressurreição

Capítulo 9
Ilha do Ka

As margens do Nilo são exuberantes, repletas de palmeiras e campos verdejantes, mas são estreitas, ganhando dos desertos ao redor apenas graças à dádiva da fertilidade que o rio eterno lhes concedeu. A história é a mesma do Cairo até Assuã, onde a Represa Alta mudou permanentemente a paisagem divina dos faraós ao criar o Lago Nasser, um dos maiores corpos d'água feitos pelo homem no mundo, que segue para o sul até cruzar a fronteira com o Sudão. Com o aumento do nível do lago na década de 1960, muitos locais do Egito Antigo, como a Fortaleza de Buhen, ficaram submersos. Outros, como o mundialmente famoso Abu Simbel e o pequeno e belíssimo Templo de Ísis em Philae, foram resgatados ao serem movidos bloco por bloco e reerguidos em um terreno mais alto.

Outros ainda foram desmontados e enviados para o exterior - por exemplo, o Templo de Dendur, agora no Metropolitan Museum of Art de Nova York, o Templo de Debod, agora no Parque del Oeste em Madri, e o Templo de Taffeh, agora no Rijksmuseum Van Oudheden em Leiden, na Holanda. Dessa forma, pode-se dizer que o reino sagrado dos deuses, que continuamente se refez e se remanifestou no Egito ao longo de incontáveis milhares de anos na antiguidade, ainda hoje passa por ressurreições e renascimentos em terras distantes.

O mesmo aconteceu, de acordo com suas próprias inscrições, com o Templo de Hórus em Edfu. Conhecido como Behdet nos tempos antigos (por isso seu patrono, o deus falcão Hórus, é frequentemente chamado de Hórus, o Behdetita), Edfu fica na margem oeste do Nilo, 110 quilômetros ao norte de Assuã e, portanto, foi poupado das inundações do Lago Nasser. O templo, tal como o vemos hoje, com seus blocos de arenito dourado radiantes e graciosos sob o sol feroz do Alto Egito, é relativamente novo, tendo todo o complexo sido concluído durante o período de

No entanto, em todos os sentidos significativos, o que nos confronta aqui é apenas a mais recente encarnação de templos muito mais antigos que ocuparam esse local anteriormente, datando pelo menos do Reino Antigo (2575-2134 a.C.)[2]- e talvez muito além.

Figura 32

O mais interessante, de qualquer forma, é a *ideia que* o templo tem de si mesmo, expressa nos acres de inscrições enigmáticas que cobrem suas paredes. Essas inscrições, os chamados Textos da Construção de Edfu, nos levam a um período muito remoto chamado de "Idade Primitiva dos Deuses"[3] - e esses deuses, ao que parece, não eram originalmente egípcios, [4]mas viviam em uma ilha sagrada, a "Pátria dos Primevos", no meio de um grande oceano. [5]Então, em algum momento não especificado no passado, um terrível desastre - um verdadeiro cataclismo de inundação e fogo, como veremos - tomou essa ilha, onde "as primeiras mansões dos deuses" haviam sido fundadas, [6]destruindo-a completamente, inundando todos os seus lugares sagrados e matando a maioria de seus habitantes divinos. [7]Alguns sobreviveram, no entanto, e nos é dito que esse remanescente partiu em seus navios (pois os textos não nos deixam dúvidas de que esses deuses da era primitiva eram navegadores[8]) para "vagar" pelo mundo.[9]

Seu objetivo ao fazer isso era nada menos do que recriar e reviver a essência de sua pátria perdida,[10]para realizar, em resumo: A ressurreição do antigo mundo dos deuses...[11]A recriação de um mundo destruído.[12]

O tom geral, como confirma a egiptóloga Eve Anne Elizabeth Reymond em seu magistral estudo dos Textos de Edfu, transmite a A visão de que "um mundo antigo, tendo sido constituído, foi destruído e, como um mundo morto, passou a ser a base de um novo período de criação que, a princípio, foi a recriação e a ressurreição do que havia existido no passado".

Importante na avaliação dos textos é a percepção de que eles não foram *foram compostos* no templo histórico. Pelo contrário, como Reymond nos informa que os sacerdotes e escribas de Edfu apenas *copiaram* o que consideravam os trechos mais importantes de um vasto arquivo de documentos antigos que tinham à sua disposição. [14]No século V d.C., o peso do fanatismo romano e cristão havia provocou o colapso final da civilização egípcia antiga. [15]Depois disso (com o ódio islâmico pelo passado logo piorando ainda mais as coisas), os templos deixaram de ser cuidados e passaram a ser usados como depósitos, estábulos e casas pela população local, que não venerava mais os deuses antigos. Em 1837, o explorador inglês Howard Vyse visitou Edfu e descreveu a bagunça que encontrou em seu interior:

> O templo em si, um dos mais imponentes do Egito, oferece um contraste impressionante com os casebres miseráveis, muitos dos quais construídos sobre ele, e outros sobre grandes montes de lixo que o cercam. O interior, coberto com hieróglifos pintados, foi dividido por paredes de terra para formar um depósito de milho e, abaixo dele, há enormes subestruturas pelas quais entrei por um buraco de uma casa árabe. Elas estavam cheias de sujeira e imundície de todos os tipos, mas tinham sido construídas da maneira mais sólida...[16]

Felizmente, quando o templo de Edfu prosperou, os sacerdotes e escribas que sabiam ler os textos misteriosos da biblioteca do templo se comprometeram com o projeto de selecionar trechos e gravá-los profundamente nas paredes "sólidas" e "imponentes" do próprio templo. Ao fazer isso, seja por acidente ou intencionalmente, eles garantiram que pelo menos esses fragmentos sobrevivessem até os dias de hoje, enquanto os documentos originais - roubados, usados como gravetos, jogados no Nilo durante os séculos de negligência e maus-tratos - desapareceram há muito tempo.

Inevitavelmente, por não terem seu contexto original, os fragmentos são muitas vezes confusos e profundamente tentadores. Mesmo assim, eles nos dão um vislumbre de maravilhas e segredos de nosso passado que os documentos originais - se ao menos os tivéssemos - poderiam ter nos revelado de forma muito mais completa.

Atlântida no Egito

O famoso filósofo grego Platão, que nos transmitiu a extraordinária história da Atlântida destruída em um terrível cataclismo de inundação e fogo 9.000 anos antes da época de Sólon - ou seja, em 9600 a.C. em nosso calendário - é geralmente considerado pelos arqueólogos como tendo inventado toda a história da civilização perdida da Idade do Gelo. A posição alternativa, entre aqueles que relutantemente admitem alguma veracidade nas informações transmitidas no *Timeu* e *no Crítias*, é que Platão talvez tenha baseado seu relato em um cataclismo muito mais recente centrado no Mediterrâneo - por exemplo, a erupção de Thera (Santorini) em meados do segundo milênio A.C. A noção de um desastre global ocorrido há mais de 11.000 anos e, particularmente, a ideia herética de que ele poderia ter exterminado uma alta civilização daquela época, é fortemente combatida e, de fato, ridicularizada pelo establishment arqueológico porque, é claro, os arqueólogos afirmam "saber" que não havia, e nunca poderia ter havido, uma alta civilização naquela época.

Eles "sabem" disso não por causa de qualquer evidência concreta que exclua absolutamente a existência de uma civilização do tipo Atlântida no Paleolítico Superior, mas sim pelo princípio geral de que o resultado de menos de duzentos anos de arqueologia "científica" é uma linha do tempo acordada para a civilização que vê nossos ancestrais saindo suavemente do Paleolítico Superior para o Neolítico (ambos, por definição, culturas da Idade da Pedra) por volta de 9600 a.C., e daí para frente, por meio do desenvolvimento e aperfeiçoamento da agricultura nos milênios seguintes - um processo que também testemunhou a fundação de alguns assentamentos permanentes muito grandes, como Catalhoyuk, na Turquia, por volta de 7500 a.C.

Por volta de 4000 a.C., a crescente sofisticação das estruturas econômicas e sociais e as crescentes habilidades organizacionais possibilitaram a criação dos primeiros sítios megalíticos (como Gigantija, na ilha maltesa de Gozo, por exemplo), enquanto as primeiras cidades-estado surgiram por volta de 3500 a.C. na Mesopotâmia e no Vale do Indo e, logo depois, no Egito e no outro lado do mundo, em

[17]As pirâmides de Gizé são monumentos megalíticos, assim como a Grande Esfinge. Nas Ilhas Britânicas, Callanish, nas Hébridas Exteriores, e Avebury, no sudoeste da Inglaterra, ambas datadas de cerca de 3000 a.C., são os exemplos mais antigos de verdadeiros sítios megalíticos. Acredita-se que a fase megalítica de Stonehenge tenha começado por volta de 2400 a.C. e continuado até cerca de 1800 a.C.

Dentro dessa cronologia bem elaborada e estabelecida há muito tempo, simplesmente não há espaço para nenhuma civilização pré-histórica como a Atlântida, daí o desejo da corrente dominante de descartar a história "estranha" de Platão por todos os meios possíveis. Esses meios incluem a ridicularização da suposta base "egípcia" para a história - especificamente, da alegação, feita no *Timeu*, de que os sacerdotes de Sais, no Delta, disseram Atlântida,

e seu destino cruel foram descritos em "registros sagrados" [18]em seu Templo, remontando a milhares de anos antes do início estabelecido da civilização egípcia no final do quarto milênio a.C.[19]Para os adeptos da cronologia ortodoxa, a própria ideia de que os sacerdotes de Sais poderiam ter dado a Sólon um relato verdadeiro de tais registros "impossíveis", que no devido tempo chegaram a Platão, parece absurda - um óbvio oximoro histórico que merece apenas ser ignorado.

um óbvio oximoro histórico que merece apenas ser ignorado. Além disso, é comum a alegação de que não há referências à Atlântida em nenhum lugar dos papiros e inscrições do Egito Antigo que sobreviveram.

Apenas um egiptólogo, o falecido professor John Gwyn Griffiths, da Universidade de Gales em Swansea (falecido em 2004), teve a coragem de desafiar o consenso. O desafio que ele apresentou, no entanto, não tinha nada a ver com o ponto fundamental de saber se Atlântida existiu e foi destruída no décimo milênio a.C., mas sim com o ponto menor de saber se Atlântida existiu e foi destruída no décimo milênio a.C. a.C., mas sim com a questão menor de saber se Platão, por meio de sua

O livro de Griffiths, que conta a história de Sólon, seu ancestral, poderia de fato ter sido influenciado por tradições genuínas do Egito Antigo. [20]Estranhamente, para um homem tão erudito, Griffiths parece não saber nada sobre Edfu, com seu tentador relato de uma ilha sagrada habitada por "deuses" e destruída por inundação e fogo em tempos primitivos - um protótipo óbvio para a Atlântida de Platão, como veremos. Em vez disso, o foco do professor estava em um papiro, catalogado como P. Leningrad 1115 e agora mantido em Moscou, que contém uma intrigante história em prosa conhecida como *Tale of the Shipwrecked Sailor (Conto do Marinheiro Náufrago*). Nesse "conto de fadas", datado do Reino Médio do Egito, entre 2000 a.C. e 1700 a.C., Griffiths - corretamente, a meu ver - encontrou semelhanças convincentes com o relato de Platão sobre Atlântida.

O "marinheiro náufrago" homônimo do papiro nos conta sobre uma ocasião em que ele fez uma viagem em um grande navio oceânico que foi atingido por uma onda gigante:

> Então o navio morreu. Dos que estavam nele, nenhum permaneceu. Fui jogado em uma ilha à beira-mar. Passei três dias sozinho... Deitado no abrigo das árvores, abracei a sombra... Depois estiquei as pernas para descobrir o que poderia colocar na boca. Encontrei figos e uvas, todos os tipos de vegetais finos, figos de sicômoro (...) e pepinos que pareciam cultivados. Havia peixes e aves; há
> nada que não estivesse lá. Eu me empanturrei e coloquei um pouco no chão, porque tinha muita coisa em meus

braços.[21]O marinheiro náufrago corta um **graveto**, faz fogo e oferece uma oferenda queimada aos deuses:

> Então ouvi um barulho estrondoso... As árvores se estilhaçaram, o chão tremeu. Descobrindo meu rosto, vi que era uma serpente que se aproximava. Ela tinha trinta côvados [15 metros ou 50 pés] (...) Seu corpo era coberto de ouro; suas sobrancelhas eram de lápis-lazúli verdadeiro (...) Então ela me pegou em sua boca e me levou para o lugar onde morava, e me colocou no chão sem ferimentos (...)[22]

A serpente questiona o marinheiro sobre como ele chegou à ilha e, ao ouvir sua resposta, diz para ele não ter medo:

> Foi um deus que o deixou viver e o trouxe para esta ilha do *Ka*. Não há nada que não esteja nela; ela está cheia de coisas boas...

O nome "Ilha do *Ka*" é "curioso", observa Miriam Lichtheim, a tradutora do conto. Ela acrescenta que o renomado egiptólogo Sir Alan Gardiner "o traduziu como 'ilha fantasma'". [23]Está além do escopo deste livro apresentar um tratado detalhado sobre o conceito do *Ka* - *o* "duplo", a essência astral ou espiritual de uma pessoa ou coisa. Ele existiu com o ser humano durante sua vida mortal, mas não foi o único.
era "o poder superior nos reinos além da sepultura". De fato, o termo para a morte na língua egípcia antiga significava "ir para
[24]Acreditava-se que os deuses também tinham seus *kas*, assim como os grandes monumentos do Egito. De particular relevância aqui é o fato de que o deus supremo Osíris, senhor do reino celestial após a morte conhecido como *Duat*, sempre foi chamado de "o *Ka* das Pirâmides" de Gizé:[25]

> O *Ka* entrou na eternidade antes de seu hospedeiro humano, tendo cumprido sua função ao caminhar ao lado do humano para incentivar a bondade,

quietude, honra e compaixão. Durante toda a vida do ser humano, o *Ka* foi a consciência, o guardião, o guia. Após a morte, entretanto, o *Ka* tornou-se supremo...[26]

Com isso em mente, a sugestão de Gardiner de que uma "ilha fantasma" está implicada no *Conto do Marinheiro Náufrago* faz sentido. O marinheiro partiu em um barco do reino físico do Reino Médio do Egito, mas foi lançado à terra na "Ilha do *Ka*", um reino fantasma - um lugar que não existe mais neste mundo, exceto na forma de sua essência espiritual.

O mesmo tema continua quando a enorme cobra que governa a ilha conta ao marinheiro sua triste história:

> Eu estava aqui com meus irmãos e havia crianças com eles. No total, éramos setenta e cinco serpentes, crianças e irmãos, sem mencionar uma filhinha que eu havia conseguido por meio de oração. Então, uma estrela caiu, e eles ficaram em chamas por causa dela. Aconteceu que eu não estava com eles no fogo. Eu não estava entre eles. Eu poderia ter morrido por eles quando os encontrei em um um amontoado de cadáveres.[27]

No devido tempo, um navio passa e o marinheiro é resgatado. O rei das cobras da ilha o manda embora com ricos presentes - mirra, óleos, láudano, especiarias, "perfume, tinta para os olhos, caudas de girafa, grandes pedaços de incenso, presas de elefante, cães de caça, macacos, babuínos e todo tipo de coisas preciosas". [28]O marinheiro, cheio de gratidão, quer voltar com os presentes do Egito, mas antes de embarcar no navio, a serpente o leva para um canto e lhe diz
serpente o chama de lado e lhe diz:

> Quando você sair deste lugar, não verá mais esta ilha; ela terá se tornado água.[29]

As comparações com a história de Platão sobre Atlântida que John Gwyn Griffiths faz referem-se principalmente à rica variedade de vida vegetal e animal, incluindo os elefantes que se diz serem encontrados em ambas as ilhas. Aqui está Platão sobre Atlântida:

> Havia um grande número de elefantes na ilha; pois assim como havia provisões para todos os outros tipos de animais, tanto para os que vivem em lagos, pântanos e rios, quanto para os que vivem em montanhas e planícies, havia também para o animal que é o maior e mais voraz de todos. Além disso, todas as coisas perfumadas que existem atualmente na terra, sejam raízes, ervas, madeiras ou essências que se destilam de frutas e flores, cresceram e prosperaram naquela terra; também as frutas que podem ser cultivadas, tanto as secas, que nos são dadas como alimento, quanto as que usamos como comida - chamamos todas elas pelo nome comum de "pulso" - e as frutas com casca dura, que fornecem bebidas, carnes e unguentos... tudo isso aquela ilha sagrada, que então contemplava a luz do sol, produziu de forma bela e maravilhosa e em infinita abundância. Com essas bênçãos, a terra fornecia livremente
> eles...[30]

Além disso, há o fato de que Atlântida é uma ilha sagrada, assim como, é claro, a Ilha do *Ka*, para a qual o marinheiro naufragado foi trazido por um deus. A maior semelhança, no entanto, está no destino de Atlântida, que foi "engolida pelo mar e desapareceu",[31]assim como a Ilha do *Ka* nunca mais seria vista, pois havia "se tornado água".

Levando em conta esses elementos, Griffiths conclui que, embora a história de Platão possa "não derivar do Egito *em sua totalidade*", ela ainda assim [32]Seu argumento é bem fundamentado, mas se ele estivesse familiarizado com os Textos da Construção de Edfu, ele poderia, creio eu, ter defendido seu argumento de forma mais contundente.

Juntando alguns fios

Não temos mais acesso aos registros sagrados outrora mantidos no Templo de Sais, no Delta, que Platão nos ensina que continham a história da Atlântida. Esse templo, que Sólon visitou por volta de 600 a.C., era dedicado à deusa Neith e era extremamente antigo, datando pelo menos da Primeira Dinastia, *por volta de* 3200 a.C.[33]Infelizmente, ele foi completamente destruído por volta de 1400 d.C., deixando apenas lixo e alguns blocos espalhados no local que hoje é ocupado pela aldeia de Sa el Hagar. [34]Em Edfu, por outro lado, embora os registros sagrados originais também tenham desaparecido, os trechos preservados nos Textos de Construção parecem **contar** essencialmente a mesma história que Sólon ouviu e transmitiu a Platão e que Griffiths argumenta que também chega até nós, embora de forma mais fragmentária e literária, no *Tale of the Shipwrecked Sailor (Conto do Marinheiro Náufrago*).

Já vimos que a Pátria dos Primordiais nos textos de Edfu é descrita como uma ilha sagrada no meio de um grande oceano, portanto, uma comparação com a Ilha do *Ka* no *Conto do Marinheiro Náufrago* é óbvia no nível da configuração geográfica básica. Entretanto, a semelhança é mais profunda do que isso, pois há muitas passagens nos Textos de Edfu que deixam claro que o primeiro e original deus que presidiu a Pátria dos Primordiais foi "uma divindade morta, o *Ka*".[35]De fato, lemos que o

A ilha também era conhecida como o "Lar do *Ka*"[36]e que "o *Ka* governava nela" [(37)] -"esse *Ka* que habitava entre os juncos da ilha".[38]Em outras palavras, a Pátria dos Primordiais nos textos de Edfu não é nada mais nada menos do que a Ilha do *Ka* e, na medida em que Griffiths está correto ao ver um protótipo da Atlântida de Platão na Ilha do *Ka*, então a Pátria dos Primordiais
também é um protótipo.

O que ajuda a firmar a comparação são certos detalhes fornecidos nos Textos de Construção que não aparecem nos Textos de Construção. *não* aparecem no *Conto do Marinheiro Náufrago*. De particular interesse é uma passagem em Edfu na qual lemos sobre um "canal" circular, conduzido por água, que circunda o domínio sagrado original que ficava no coração da ilha dos Primevos - um anel de água que tinha a intenção de fortificar e proteger [39]Nisso há, é claro, um paralelo direto com a Atlântida, onde o domínio sagrado no qual se encontrava o templo e o palácio do deus, a quem Platão chama de "Poseidon", era igualmente cercado por um anel de água, ele próprio colocado no meio de outros anéis concêntricos separados por anéis de terra, novamente com o propósito de fortificação e proteção.

Outros detalhes são encontrados em **todas as** três histórias. Por exemplo, o impressionante paralelo entre a inundação da ilha de Atlântida, conforme Platão e a inundação da Ilha do *Ka* no *Conto do Marinheiro Náufrago*, é assustadoramente duplicado na inundação da Pátria dos Primordiais, conforme descrito nos textos de Edfu, onde lemos sobre um levante:

> tão violenta que destruiu a terra sagrada... [41]A água primordial... submergiu a ilha... e a ilha se tornou o túmulo dos habitantes divinos originais...[42]a Pátria terminou na escuridão sob as águas primordiais.[43]

Compare isso com Platão, que nos fala de "terremotos e inundações de extraordinária violência"[44]como resultado dos quais: em um

> único dia e noite terríveis... a ilha de Atlântida foi... engolida pelo mar e desapareceu.[45]

Curiosamente, Platão também sugere a causa imediata dos terremotos e inundações que destruíram Atlântida. No *Timeu*, como um prelúdio
Ao contar sobre a civilização perdida e seu desaparecimento, ele relata que os sacerdotes egípcios de quem Sólon recebeu a história começaram falando de um *cataclismo celestial*:

> Houve e haverá muitas calamidades diferentes para destruir a humanidade, sendo a maior delas pelo fogo e pela água, e as menores por inúmeros outros meios. Sua própria história [ou seja, a história dos gregos] de como Faetonte, filho do sol, pegou a carruagem de seu pai, mas foi incapaz de guiá-la ao longo do curso de seu pai e, assim, queimou as coisas na terra e foi destruído por um raio, é uma versão mítica da verdade de que há, em longos intervalos, uma variação no curso dos corpos celestes e uma
> consequente destruição generalizada pelo fogo das coisas na Terra.[46]

No *Conto do Marinheiro Náufrago*, também descobrimos que um cataclismo celestial desempenha um papel importante. Como o leitor deve se lembrar, o rei-serpente fala da destruição de sua raça quando "uma estrela **caiu**, e eles se incendiaram através dela". A mesma agência sinistra aparece nos Textos de Edfu, onde uma serpente é novamente invocada, mas com a diferença significativa de que aqui ela não é o triste e sábio governante da ilha mas sim o "inimigo" fatal da ilha e de seus habitantes divinos. [47]Para situar o que os textos de Edfu têm a dizer sobre isso em um contexto mais amplo, vamos primeiro revisitar a tradição zoroastriana de um "espírito maligno" que:

> Ele se precipitou como uma serpente do céu para a terra... Ele se precipitou ao meio-dia e, com isso, o céu foi tão despedaçado e assustado por ele quanto uma ovelha por um lobo. Ele veio para a água que estava disposta abaixo da terra, e então o meio dessa terra foi perfurado e penetrado por ele... Ele se precipitou sobre toda a criação e tornou o mundo tão ferido e sombrio
> ao meio-dia como se fosse noite escura.[48]

Em minha opinião, como argumentei no Capítulo 7, o que temos aqui é "uma versão mítica da verdade" - com a verdade subjacente sendo um encontro cataclísmico com um cometa. Agora vamos dar uma olhada nas passagens relevantes dos Textos da Construção de Edfu, onde uma serpente chamada *nhp-wer*, o "Grande Saltitante", é descrita como "o principal inimigo do deus". [49]É o seu "ataque" que causa a Pátria do deus.
Os primordiais serão engolidos pelo mar, mas primeiro os pés da divindade da ilha - o *Ka*, aqui explicitamente descrito como o "Deus da Terra"(50) - são "perfurados e o domínio é dividido"(51).
Terra"[50]- são "perfurados, e o domínio foi dividido"[51]:

> é uma imagem clara de um desastre (...) que destruiu a terra sagrada, resultando na morte de seus habitantes divinos. Essa interpretação está de acordo com outras partes do primeiro registro de Edfu que aludem à morte da "Companhia" [um grupo de seres divinos] e à

escuridão que cobriu a ilha primitiva.[52]

Vários fios parecem se unir aqui: A variação de Platão no curso dos corpos celestes que leva à destruição generalizada na Terra, a estrela cadente assassina no *Conto do Marinheiro Náufrago*, a serpente da tradição zoroastriana que surge do céu, perfura a Terra e torna o mundo escuro, e a Grande Serpente Saltadora dos textos de Edfu, cujo ataque perfura os pés do Deus da Terra, leva à morte a Companhia divina e encobre a ilha primordial na escuridão. Lembro-me também do "mito" Ojibwa relatado no Capítulo Três sobre a "estrela com a cauda longa e larga que desceu aqui uma vez, há milhares de anos" - uma "estrela" específica que se tornou um símbolo da Terra.
reconhecido como um cometa,[53]que causou "a primeira inundação da Terra". [54]

Os impactos de cometas e asteroides não apenas causam inundações, mas também podem impor enormes tensões na crosta terrestre, resultando em aumento da atividade vulcânica e de terremotos. Portanto, qual é a probabilidade de ser um acidente o fato de Platão, que teve o cuidado de prefaciar sua história com os "raios" de Faetonte, ter implicado terremotos e inundações no desaparecimento de Atlântida e cuidadosamente datado todo o episódio em 9.000 anos antes da época de Sólon, ou seja, 9600 a.C.? Sugiro que há uma possibilidade real de que todas essas tradições estejam apontando para a mesma época horrível da pré-história.

Essa época, como argumentei em capítulos anteriores, é o Younger Dryas, que começou de forma cataclísmica há 12.800 anos e terminou de forma igualmente cataclísmica há 11.600 anos, com inundações de grande escala - associadas ao colapso em cascata das calotas polares da América do Norte e do norte da Europa - ocorrendo em ambas as datas. Acredito que a hipótese de múltiplos impactos de um cometa grande e fragmentado que iniciou o Younger Dryas é muito forte. À luz das evidências mitológicas, também é preciso considerar a possibilidade de que foram outros encontros com a corrente de detritos em órbita do mesmo cometa gigante que levaram ao fim do Younger Dryas.

Sugiro que, nesse processo, como sustentam tantos mitos e tradições de todo o mundo, uma civilização avançada tenha se perdido para a história.

O mistério do olho sonoro

A arqueologia não está errada quando nos diz que a maior parte do mundo, na época de 12.800 a 11.600 anos atrás, era povoada por caçadores-coletores, presos na Idade da Pedra e sem sequer os primórdios da agricultura. Mas Platão, para a eterna frustração dos arqueólogos, não nos deixa dúvidas de que a Atlântida era muito diferente. Em resumo, era um grande e maravilhoso império que comandava uma grande marinha de navios oceânicos.
navios que lhe deram a capacidade de projetar seu poder na África, até o Egito, na Europa, até a Itália [55], e no continente do que Platão chama de "todo o continente oposto" - com o qual muitos acreditam que ele se referia às Américas [(56)] -"que circunda o que pode ser verdadeiramente
ca liderou o oceano."[57]Atlântida era uma cidade-estado totalmente desenvolvida, que extraía sua riqueza de uma economia agrícola madura e próspera e ostentava metalurgia avançada e obras sofisticadas de arquitetura e engenharia, o **que** era reforçado por uma imensa riqueza de recursos naturais:

> Com essas bênçãos, a terra os abastecia livremente; enquanto isso, eles continuavam a construir seus templos, palácios, portos e docas. E organizaram todo o país da seguinte maneira: Em primeiro lugar, fizeram uma ponte sobre as zonas marítimas que cercavam a antiga metrópole, criando uma estrada de ida e volta para o palácio real (...) que continuaram a ornamentar em gerações sucessivas (...) até que tornaram o edifício uma maravilha de tamanho e beleza.
>
> E, partindo do mar, abriram um canal de trezentos pés de largura e cem pés de profundidade, com cinquenta estádios de comprimento, que atravessaram até a zona mais externa, fazendo uma passagem do mar até lá, que se tornou um porto, e deixando uma abertura suficiente para permitir a entrada dos maiores navios. Além disso, eles dividiram nas pontes as zonas de terra que separavam as zonas de mar, deixando espaço para uma única trirreme passar de uma zona para outra, e cobriram os canais de modo a deixar um caminho por baixo para os navios, pois as margens foram elevadas consideravelmente acima da água.
>
> Agora, a maior das zonas em que uma passagem foi cortada do mar tinha três estádios de largura, e a zona de terra que vinha em seguida tinha a mesma largura; mas as duas zonas seguintes, uma de água e outra de terra, tinham dois estádios, e a que circundava a ilha central tinha apenas um estádio de largura. A ilha na qual o palácio estava situado tinha um diâmetro de cinco estádios. Tudo isso, incluindo as zonas e a ponte, que tinha a sexta parte de um estádio de largura, foi cercado por um muro de pedra por todos os lados, com torres e portões nas pontes por onde o mar passava.
>
> A pedra usada na obra foi extraída de debaixo da ilha central e das zonas, tanto do lado externo quanto do interno. Um tipo era branco, outro preto e um terceiro vermelho e, enquanto extraíam, ao mesmo tempo escavavam docas duplas, com telhados feitos de rocha nativa. Algumas de suas construções eram simples, mas em outras eles juntavam pedras diferentes, variando a cor para agradar aos olhos e ser uma fonte natural de prazer. Todo o circuito da muralha, que contornava a zona mais externa, era coberto com um revestimento de latão, e o circuito da **muralha** seguinte era revestido com
> estanho, e a terceira, que abrangia a cidadela, brilhava com a luz vermelha do orichalcum [58].

Atualmente, ninguém sabe exatamente que metal era o lendário orichalcum da Atlântida, já que Platão nos diz que ele sobreviveu em sua época "apenas no nome",[59]mas ele contribui para a aura de domínio tecnológico que ainda cerca a lendária civilização perdida.

A navegação marítima, a agricultura avançada e as obras arquitetônicas e de engenharia em larga escala também estão entre as notáveis características da Pátria dos Seres Primordiais descritas nos textos de Edfu. Já vimos como o sistema de canais em forma de anel é prefigurado ali, mas também o são os grandes templos da Atlântida. Lemos, por exemplo, sobre uma capela "medindo 90 por 20 cúbitos" (aproximadamente 45 por 10 metros ou 150 por 35 pés):

> Em sua frente foi erguido um grande pátio de 90 por 90 côvados... Em seguida, foi construído um salão hipostilo de 50 por 30 côvados... depois outro salão de 20 por 30 côvados e dois salões consecutivos, cada um com 45 por 20 côvados, foram acrescentados na frente do primeiro salão hipostilo.[60]

Um recinto é descrito medindo 300 côvados (150 metros ou 500 pés) de oeste a leste e 400 côvados de norte a sul. Dentro dele há um templo, a "Mansão de Deus" e, dentro dele, um Santo dos Santos medindo 90 côvados de leste a oeste.[61]

Também lemos sobre um terceiro recinto na mesma escala grandiosa de 300 por 400 côvados. Ele também contém um santuário interno medindo 90 côvados de oeste a leste e 20 côvados de norte a sul, subdividido em três cômodos, cada um com 30 côvados por 20 côvados.[62]Mas o indício mais forte de alta tecnologia na Pátria dos Primordiais é dado em um dos extratos de Edfu que descreve o
A ilha foi cataclísmica após o ataque da "serpente" celestial chamada "o Grande Saltitante" que "perfura" o Deus da Terra e "divide" o domínio. Em seguida, lemos - e isso é muito misterioso - que "o **Olho** do Som se alimenta".

"A menção do Sound Eye (...) parece um pouco estranha", admite Reymond. Mas ela explica, embora os textos sejam obscuros sobre o ponto, que parece ser:

> o nome do centro da luz que iluminava a ilha.[64]

Em suma, devemos imaginar algum sistema artificial de iluminação que ilumine a ilha primordial dos deuses. Além disso:

> **Tudo o** que pode ser dito, com a devida reserva, é que parece haver uma alusão a um desastre que causou a queda doOlho do Som, com o resultado de que a escuridão completa caiu sobre o domínio do Criador.[65]

Os deuses navegaram ...

O que aconteceu após o desastre que atingiu Atlantis? Houve sobreviventes? Se houve, o que eles fizeram com o conhecimento avançado que possuíam?

O Timeu e *o Crítias* de Platão não fornecem respostas a essas perguntas, mas os Textos da Construção de Edfu sim, deixando claro que houve sobreviventes do desastre que atingiu a Pátria dos Primevos - "companhias de deuses" que já estavam no mar quando a ilha sagrada foi inundada. Eles navegaram de volta para a antiga localização da ilha após o cataclismo, mas

> viram apenas juncos na superfície da água.[66]

Também havia muita lama ali,[67]uma cena que lembra a descrição de Platão da vizinhança de Atlântida após o dilúvio:

> O mar naquela área é intransitável para a navegação, que é dificultada pela lama logo abaixo da superfície, os restos da ilha afundada.[68]

No caso da Homeland of the Primeval Ones, parece que uma parte suficiente da ilha afundada permaneceu próxima à superfície para que os sobreviventes tentassem recuperar parte dela do mar - um esforço mencionado nos textos de Edfu como a "criação das *pãy-lands*", em que o termo "*pãy-land*" significa claramente terras recuperadas do mar. [69]Assim, lemos como "os *Shebtiw* recitaram feitiços sagrados, os a água recuou gradualmente da borda da ilha, e a terra real da pãy-land foi descoberta."[70]Os textos então descrevem:

> um processo de ... criação contínua pelo surgimento de uma série progressiva de lotes de terra ... [71]A criação desses ... domínios sagrados foi, de fato, uma ressurreição e restauração do que havia sido no passado, mas que havia desaparecido ... [72]No final, surgiram outras *terras pãy* que deram nova vida à antiga terra natal.[73]

No entanto, apesar desses esforços, o fato é que o cataclismo havia devastado a ilha primitiva de tal forma que nenhuma recuperação poderia restaurá-la à sua antiga glória. A única solução para os sobreviventes, portanto, era tentar recriá-la em outro lugar, em regiões que não tivessem sido tão afetadas pela catástrofe. O resultado foi o início de um grande projeto do qual o mundo em que vivemos hoje é o resultado. O que os textos de Edfu dizem, explica Reymond, é:

> que os deuses deixaram *as terras* originais de pãy ...[74]Eles ... navegaram para outra parte do mundo primordial ... [(75)] [e] viajaram pelas ... terras da era primordial ...[76]Em qualquer lugar em que se estabeleceram, fundaram novos domínios sagrados.[77]

Sua missão, em suma, era repromulgar a civilização perdida e a religião perdida dos dias anteriores ao dilúvio. Como diz Reymond, essa "segunda era da era primitiva" viu "o desenvolvimento dos domínios que sobreviveram nos tempos históricos".

Começar de novo como crianças

Os textos de Edfu fazem alusão ao *smd*, "errante", da "companhia de deuses" [79]que iniciou o projeto civilizatório. Seu líder era o Falcão Hórus, a quem o templo de Edfu foi dedicado muito mais tarde, mas também estava presente Thoth, o deus da sabedoria. [80]
Acompanhando Hórus e Thoth estavam os *Shebtiw*, um grupo de divindades encarregadas de uma responsabilidade específica pela "criação", [81]os "Deuses Construtores", que realizavam "o trabalho real de construção" [82]e os "Sete Sábios" [83].Essa é uma questão de interesse à luz das tradições mesopotâmicas dos Apkallus exploradas no Capítulo Oito e parece que algo mais do que coincidência está envolvido.

O leitor deve se lembrar de que os Apka lus eram frequentemente retratados como criaturas híbridas, parte ave de rapina, parte humana na aparência. Da mesma forma, os Sete Sábios dos textos de Edfu são descritos como divindades primitivas que eram capazes de assumir "a forma de falcões" e de "se assemelhar a falcões".

> Também exatamente como o Apkallus antediluviano, os Sete Sábios dos textos de Edfu (que não são mencionados em nenhum outro lugar do Egito Antigo) são descritos como divindades primordiais que eram capazes de assumir "a forma de falcões" e de "se assemelhar a falcões".

inscrições) eram os magos entre os deuses. Eles eram videntes que podiam prever o futuro, [85]e podiam *escrever* - "dotar de poder as substâncias da terra" [86]- um processo de criação "pela palavra dos criadores" [87]que, como observa Reymond, "não tem [88]Além disso, acreditava-se que eles tinham a capacidade de "ampliar as coisas" e, portanto, de fornecer proteção mágica. [89]Sobre esse ponto, o melhor sentido que Reymond consegue dar ao que ela descreve como um texto "excepcionalmente obscuro" é que "a proteção era constituída por meio de símbolos. O poder mágico de proteção era conferido por meio de nomes." [90]

Os Apkallus misturavam sua magia com habilidades práticas, como a construção das fundações de cidades e templos. Da mesma forma, os Sete
Da mesma forma, os Sete Sábios dos textos de Edfu também tinham seu lado prático, arquitetônico, e muitas passagens atestam seu envolvimento na definição e construção de edifícios e na construção de fundações. [(91)]Além disso, os egípcios acreditavam que "as plantas baixas dos templos históricos foram estabelecidas de acordo com o que os Sábios da era primitiva revelaram a Thoth".

Esse indício de uma conexão especial entre os Sábios e Thoth é, obviamente, mais um paralelo, pois, como vimos, os Apka lus eram ligados a Enki, o deus da sabedoria da Mesopotâmia. Nas inscrições da Mesopotâmia, entretanto, Enki é claramente superior aos Sábios - na verdade, ele é o criador deles. Mas nos textos de Edfu, estranhamente, parece que o conhecimento dos Sábios é considerado superior ao do deus da sabedoria Thoth. De fato, era tradição em Edfu que os registros e arquivos originais dos quais os textos foram extraídos eram nada menos do que "as palavras dos Sábios" dadas como ditado a Thoth, que então as consignou por escrito. [93]Os textos revelam ainda que se acreditava que os Sábios da era mítica eram "os únicos seres divinos que sabiam como os templos e os lugares sagrados eram criados"[94]e eram eles próprios os *criadores* do conhecimento, [95]que, a partir de então, só poderia ser transmitido, mas não inventado de novo. Isso encontra paralelo na noção mesopotâmica de que, desde a época do Apkallus antediluviano, nada de novo havia sido inventado. com a revelação original sendo simplesmente retransmitida e desdobrada em épocas posteriores.

Sem aprofundar a questão, portanto, parece-me que a ideia transmitida com tanta ênfase nas inscrições cuneiformes da antiga Mesopotâmia de um projeto para recuperar e repromulgar o conhecimento antediluviano após um cataclismo global é, exatamente, o mesmo projeto apresentado nos Textos de Edificação de Edfu, que, por sua vez, apresentam semelhanças estranhas e preocupantes com o relato de Platão sobre a civilização destruída da Idade do Gelo de Atlântida.

Mais do que isso, os textos de Edfu nos convidam a considerar a possibilidade de que os sobreviventes da civilização perdida, tidos como "deuses", mas manifestamente humanos - embora com "poderes" misteriosos - começaram a "vagar" pelo mundo após o dilúvio. Por acaso, foram apenas as populações de caçadores-coletores, os povos das montanhas e dos desertos - "os iletrados e os incultos", como Platão tão eloquentemente disse (96) Mas os civilizadores alimentavam a esperança desesperada de que, se sua missão fosse bem-sucedida, a humanidade não teria que "começar de novo como crianças, em completa ignorância do que aconteceu nos tempos primitivos". [(96)]Mas os civilizadores alimentavam a esperança desesperada de que, se sua missão fosse bem-sucedida, a humanidade não teria que "começar de novo como crianças, em completa ignorância do que aconteceu nos primeiros tempos".

As evidências das inscrições da Mesopotâmia e de Göbekli Tepe, às quais retomaremos, são de que as terras montanhosas da antiga Armênia e do leste da Turquia estavam entre as terras selvagens primitivas para as quais os civilizadores se dirigiram após o dilúvio. Mas o testemunho de Edfu é que eles também chegaram ao Nilo, que fluía em seu vale fértil pelos desertos do Egito.

Além disso, os Textos de Construção dizem muito claramente a que parte do Egito eles chegaram primeiro - e não foi a Edfu, como veremos no próximo capítulo.

Capítulo 10
Mosteiro dos Sete Sábios

Em seu *Timeu*, vimos como Platão fala de eventos, descritos em registros de templos do Egito Antigo, que ocorreram 9.000 anos antes da época de Sólon, ou seja, em 9600 a.C. O *Timeu* também não é o único lugar em que Platão faz alusão a essa vasta antiguidade. Em suas *Leis*, por exemplo, ele diz sobre os antigos egípcios:

> Se você examinar a arte deles no local, verá que, há dez mil anos (e não estou falando de forma vaga; quero dizer literalmente dez mil), foram produzidas pinturas e relevos que não são melhores nem piores do que os de hoje.[1]

É interessante como o filósofo grego faz questão desse "dez mil anos atrás", enfatizando que ele não está falando de forma vaga - que ele realmente está falando sério. Mas vivemos, supostamente, em uma era mais científica com o benefício de técnicas de datação objetivas, então o que devemos fazer com essa cronologia?

Platão nasceu por volta de 428 a.C., portanto, sua referência a "dez mil anos" atrás se traduz em cerca de 10.400 a.C. em nosso calendário, um pouco próximo da data de 10.450 a.C. que propus em *Fingerprints of the Gods* para a época remota, *Zep Tepi* - "a Primeira Vez" - quando os antigos egípcios acreditavam que os deuses andavam pela Terra e a civilização do Vale do Nilo teve seu verdadeiro início. [2]

Essa data, com base nas descobertas que surgiram da pesquisa subjacente ao *The Orion Mystery* , o livro inovador do meu amigo Robert Bauval O estudo de 1994 sobre os aspectos astronômicos das mundialmente famosas pirâmides de Gizé, no Egito [3], foi desenvolvido por nós dois em 1996 em nosso livro de coautoria *Keeper of Genesis* (intitulado *The Message of the Sphinx* nos EUA). [4]Em resumo, a data decorre da disposição extraordinariamente precisa dos principais monumentos do platô de Gizé e da relação desses monumentos com certas estrelas em o céu. Para obter detalhes completos, remeto o leitor a *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses*) e *Keeper of Genesis (Guardião do Gênesis*), onde essa questão é explorada em profundidade,

Mas o cerne da questão está no fato de que as posições das estrelas no céu não são fixas e finitas, mas mudam muito gradualmente ao longo de um grande ciclo - conhecido pelos astrônomos como ciclo de precessão - que se desdobra em um período de 25.920 anos.

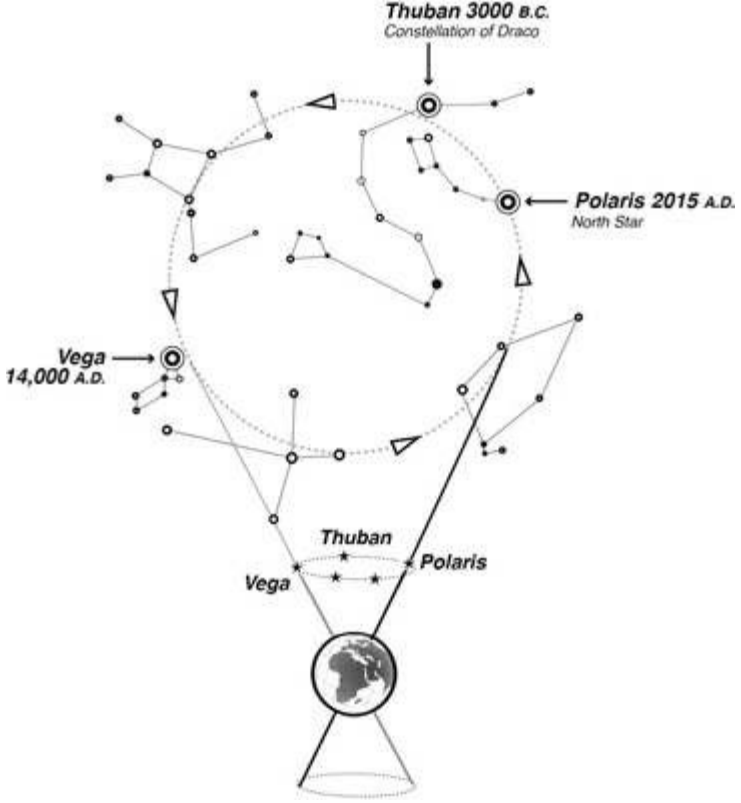


Figura 33: O efeito da precessão é mudar a Estrela Polar em períodos de tempo muito longos.

O ciclo é o resultado de um movimento da própria Terra, uma lenta oscilação circular do eixo de rotação do planeta que se desdobra a uma taxa de um grau a cada 72 anos; como a Terra é a plataforma de observação a partir da qual observamos as estrelas, essas mudanças na orientação afetam inevitavelmente as posições e os horários de surgimento de todas as estrelas vistas da Terra. Nossa Estrela Polar, por exemplo, em torno da qual o restante dos céus parece girar, é simplesmente a estrela para a qual o eixo estendido da Terra, passando pelo polo norte geográfico, aponta mais diretamente. Atualmente, ela é Polaris (Alpha Ursae Minoris, na constituição da Ursa Menor), mas o efeito da precessão é mudar a Estrela Polar em períodos muito longos de tempo. Assim, por volta de 3000 a.C., pouco antes do início da Era das Pirâmides no Egito, a estrela polar era Thuban (Alpha Draconis) na constelação de Draco. Na época dos gregos, ela era Beta Ursae Minoris. Em 14.000 d.C. ela será Vega. [5] Às vezes, nessa longa jornada cíclica, o polo norte estendido da Terra apontará para o espaço vazio e, então, não haverá uma "Estrela Polar" útil.

Os efeitos mais dramáticos e, de fato, belos e esteticamente agradáveis da precessão, no entanto, são aqueles observados no horizonte no equinócio de março, quando a noite e o dia têm a mesma duração e quando o sol nasce perfeitamente a leste contra o fundo das doze constelações do zodíaco. A taxa de mudança é a mesma que a do polo, ou seja, apenas um grau a cada 72 anos, portanto, não pode ser facilmente observada - muito menos medida - em uma única vida humana. Mas se a sua cultura mantém registros cuidadosos por períodos muito longos, será possível notar que a constelação zodiacal que "abriga" o sol naquele dia especial (marcando o início da primavera no hemisfério norte), de fato, se desloca muito lentamente ao longo do horizonte até que, eventualmente, a próxima constelação toma seu lugar.

Em termos gerais, o Sol passa 2.160 anos "em" cada casa do zodíaco (30 graus x 72 anos) e, como há doze casas zodiacais, o resultado é que "o Grande Ano" - o ciclo precessional completo - se desdobra em 12 x 2.160 anos, ou seja, 25.920 anos, momento em que o ciclo volta ao seu ponto inicial e um novo Grande Ano começa. Na trajetória anual do sol pelo zodíaco, passando aproximadamente um mês em cada signo, como todos nós que verificamos nossos horóscopos sabemos, Aquário é seguido por Peixes, que por sua vez é seguido por Áries, que é seguido por Touro, depois Gêmeos, depois Câncer, depois Leão, etc., etc., etc. Mas o lento e majestoso curso precessional do Sol ao longo do Grande Ano é um movimento *retrógrado* que se desdobra exatamente na direção oposta - assim, Leão→ Câncer→ Gêmeos→ Touro → Áries → Peixes → Aquário - com cada "mês" tendo 2.160 anos de duração.

Portanto, para dar alguns exemplos específicos, não é por acaso que os primeiros cristãos usaram o peixe como símbolo, já que a constelação de Peixes abrigava o sol no equinócio da primavera desde o início da era cristã até hoje. A famosa canção também não está errada ao afirmar que "vivemos no alvorecer da Era de Aquário", pois o início do século XXI de fato se encontra na terra de ninguém astrológica, perto do fim da "Era de Peixes" e no limiar da "Nova Era" de Aquário. Voltando um pouco antes da Era de Peixes, chegamos à Era de Áries (2330 a.C. - 170 a.C.), quando, no Egito Antigo, os carneiros eram o motivo simbólico dominante (por exemplo, as esfinges com cabeça de carneiro no templo de Karnak, em Luxor) e, antes disso, à Era de Touro (4490 a.C. - 2330 a.C.), quando o culto a Apis **Bu l** foi iniciado já na Primeira Dinastia, ou talvez antes.

Astrólogos e astrônomos diferentes podem optar por mover os limites da circunscrição alguns graus (e, portanto, um ou dois séculos)

em uma direção ou outra, mas o esquema geral é bem compreendido e as datas apresentadas acima são uma boa aproximação dos fatos. Voltando ainda mais no tempo, como é fácil fazer com os modernos programas de computador que simulam céus antigos, chegamos finalmente à Era de Leão, quando a constelação de Leão abrigava o Sol no equinócio da primavera. Essa era astrológica abrange o período entre 10.970 a.C. e 8810 a.C. - embora, mais uma vez, dependendo de onde se estabelecem os limites da constelação, as datas podem ser atrasadas ou adiantadas em alguns séculos. No entanto, o que fica claro, mesmo com um pouco de malabarismo com os limites, é que a Era de Leão abrange perfeitamente o período do Younger Dryas (10.800 a.C. a 9600 a.C.), algo que eu não sabia quando escrevi *Fingerprints of the Gods* . E, é claro, foi também a Era de Leão que indiquei em *Fingerprints* como a candidata mais provável para a época remota que os antigos egípcios chamavam de *Zep Tepi* , a "Primeira Vez".

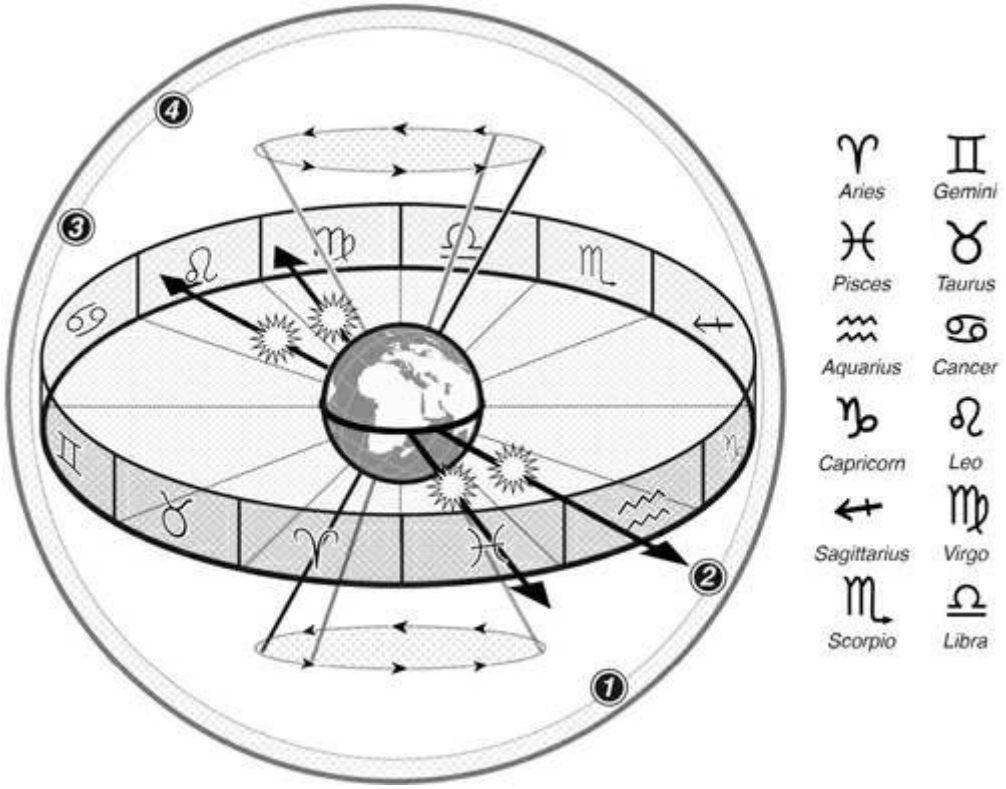


Figura 34: O Sol tem estado em Peixes (1) no equinócio da primavera nos últimos 2.000 anos, definindo a "Era de Peixes" astrológica, mas no devido tempo mudará para Aquário (2) como resultado da precessão e a "Era de Aquário" terá início. Ao mesmo tempo, as constelações que marcam o equinócio de outono mudarão de Virgem (4) para Leão (3).

Novamente, remeto os leitores a *Fingerprints (Impressões digitais)* e *Keeper of Genesis (Guardião do Gênesis)*, e ao meu livro posterior *Heaven's Mirror* ,[6]para discussões mais detalhadas sobre os fatos astronômicos e as ideias por trás deles. A essência do argumento, entretanto, é que havia uma antiga doutrina distribuída globalmente - "como em cima, assim embaixo" - que se propôs deliberadamente a criar monumentos no solo que copiavam os padrões de certas constelações importantes no céu. Além disso, como as posições de **algumas** estrelas mudam lenta mas continuamente como resultado da precessão, é possível usar configurações específicas de monumentos alinhados astronomicamente para deduzir as datas que eles representam, ou seja, as datas em que as estrelas estiveram pela última vez nas posições representadas pelos monumentos no chão.

O platô de Gizé contém o conjunto mais impressionante do mundo de monumentos alinhados astronomicamente e, para fins de clareza, gostaria de enfatizar que esses alinhamentos não têm nada a ver com as direções da bússola. O "norte" indicado por uma bússola é o norte magnético, que pode variar em 10 graus ou mais em relação ao norte verdadeiro e vagueia constantemente devido às mudanças magnéticas no núcleo da Terra. O norte verdadeiro é o polo norte geográfico da Terra, em outras palavras, o pivô do eixo de rotação do nosso planeta; dele derivam o sul verdadeiro, o leste e o oeste. Portanto, é significativo que o olhar da Grande Esfinge esteja perfeitamente direcionado para o leste verdadeiro, enquanto as três grandes pirâmides estão alinhadas com uma precisão incrível ao norte e ao sul verdadeiros - de fato, o erro no caso da Grande Pirâmide é de apenas 3/60 de um único grau.

O que isso nos diz é que todos esses monumentos foram estabelecidos com o uso da astronomia, pois não é possível obter tal precisão por nenhum outro meio. Em outras palavras, mesmo que não houvesse nenhuma característica astronômica adicional presente, teríamos que dizer, com base apenas na precisão do alinhamento, que os astrônomos estavam trabalhando aqui. Mas, na verdade, há muitas outras características astronômicas - não apenas nos monumentos em si, mas também nas escrituras do Egito Antigo, como os Textos das Pirâmides - e, para elas, já que desejo evitar repetições desnecessárias, remeto novamente o leitor aos meus livros anteriores.

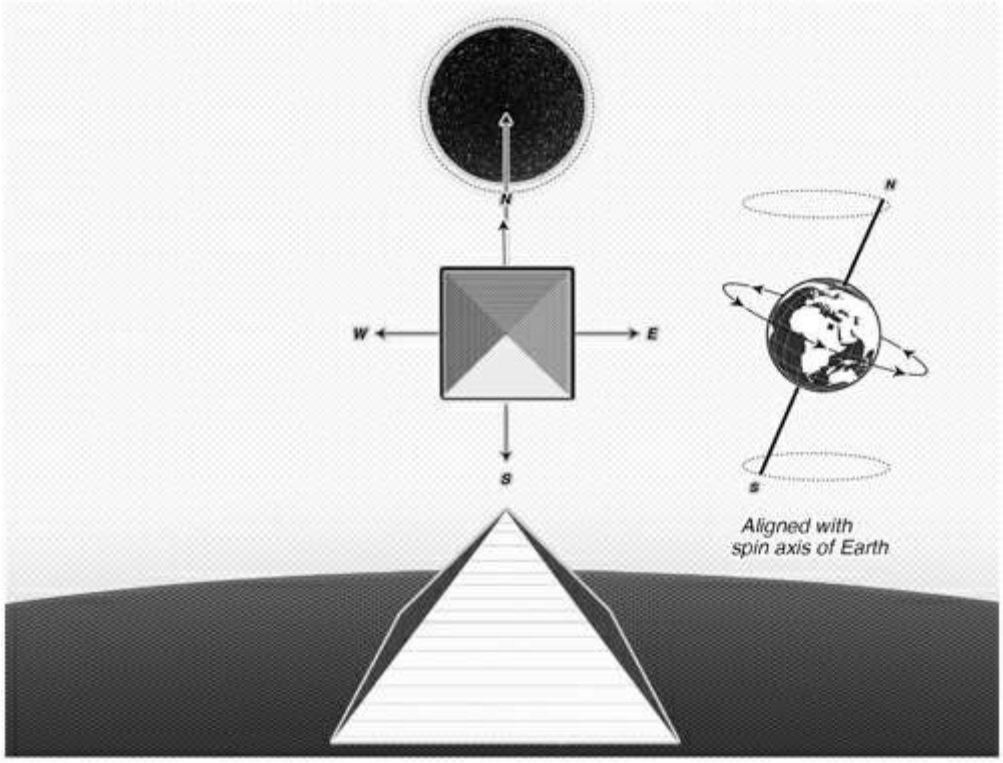


Figura 35: O alinhamento da Grande Pirâmide está a apenas 3/60 de um único grau do norte verdadeiro.

O cerne da questão, no entanto, envolve duas constelações - a constelação de Leão, que se eleva a leste acima do sol no amanhecer do equinócio da primavera na época de 10.500 a.C., e a constelação de Órion, que os antigos egípcios visualizavam como a figura celestial do deus Osíris, o deus-rei falecido que governava o reino após a morte conhecido como *Duat*. Como vimos no Capítulo 9, também se acreditava que Osíris era, de alguma forma, o *Ka - o* "duplo" ou essência espiritual - das Pirâmides de Gizé.

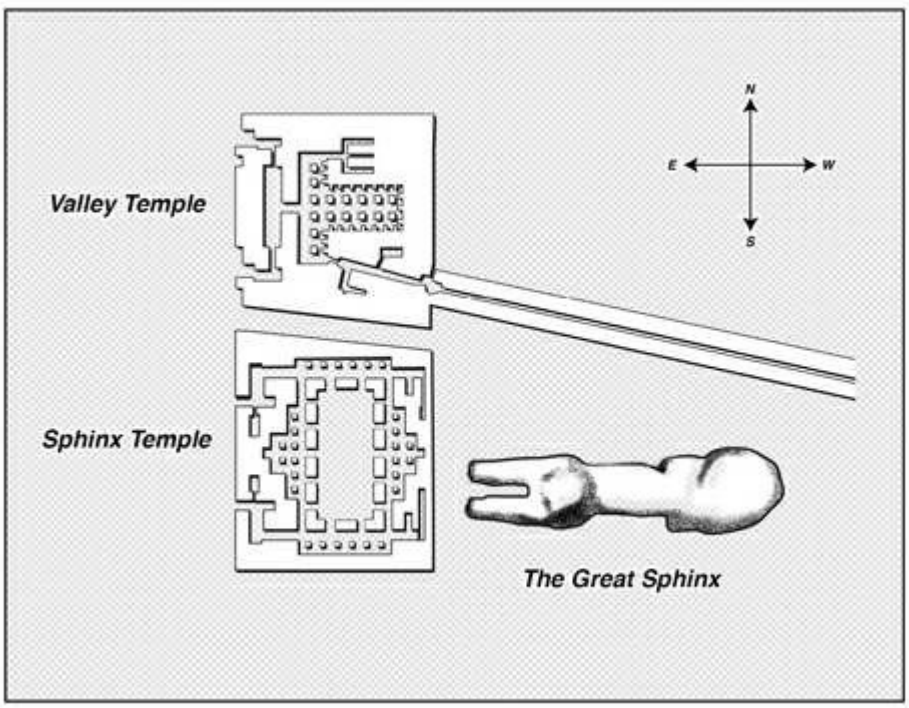


Figura 36: O olhar da Grande Esfinge está perfeitamente direcionado para o leste verdadeiro.

Não vou aborrecer o leitor com longas comprovações das afirmações a seguir, já que elas estão totalmente respaldadas, referenciadas e documentadas em meus livros anteriores, mas uma estranha "trava" entre o céu e o solo ocorre em Gizé na época de 10.500 A.C. Eu havia optado por uma data cinquenta anos depois - 10.450 a.C. - em *Fingerprints*, mas esses pequenos detalhes não são realmente significativos, pois as mudanças estelares são tão lentas, mesmo em uma única era astrológica, que a mesma configuração geral se mantém por muitos séculos. De fato, é verdade que a trava do céu-terra de Gizé permanece no lugar durante a maior parte, se não toda, a Idade Média, de 10.800 a.C. até 9600 a.C.

Portanto, de fato, a época da "Primeira Era", à qual continuarei me referindo, para facilitar a referência, como a época de 10.500 a.C., *é* a época do Younger Dryas. E, embora tenha sido uma época de temperaturas congelantes mais ao norte - particularmente na América do Norte e no norte da Europa -, as indicações são de que o clima no Egito teria sido muito mais confortável e propício, além de muito mais úmido e fértil do que é hoje. Isso não quer dizer que o Egito tenha sido totalmente poupado dos cataclismos do Younger Dryas - houve inundações poderosas e destrutivas do Nilo, como veremos -, mas, em comparação com muitas outras partes do mundo, ele teria se destacado como um refúgio convidativo.

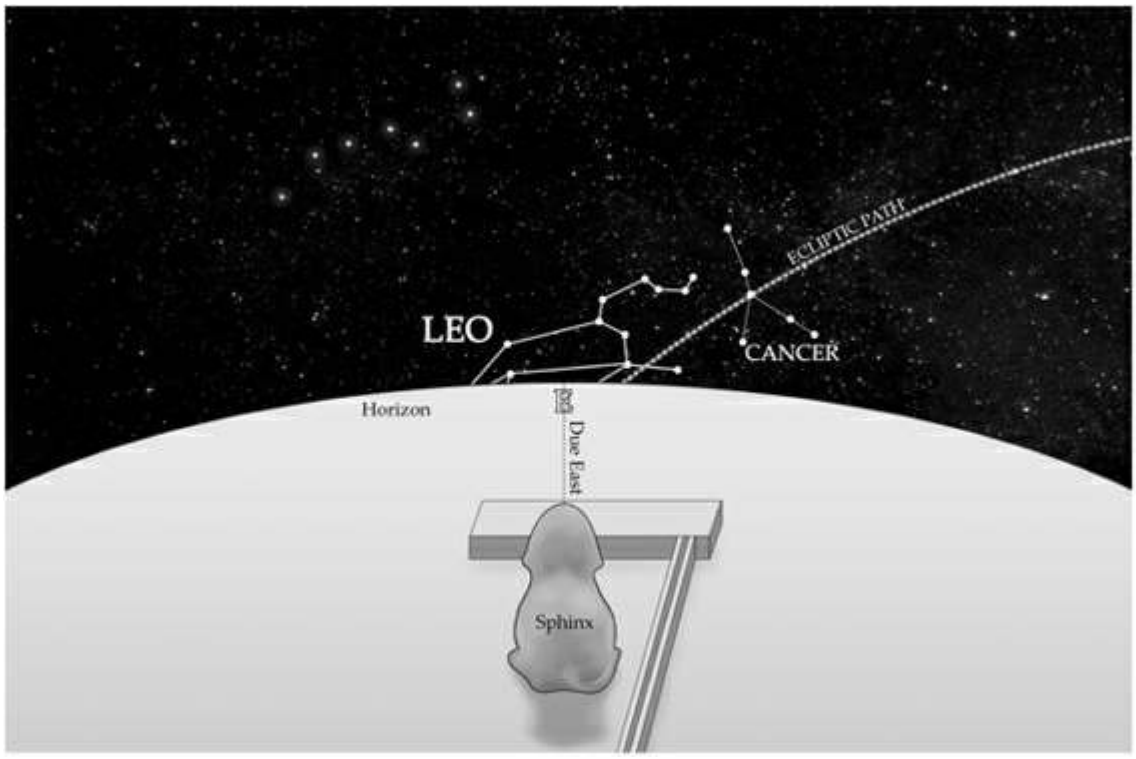


Figura 37: Olhando para o leste no amanhecer, cerca de uma hora antes do nascer do sol na manhã do equinócio da primavera na época de 10.500 a.C., vemos a constelação de Leão deitada com o ventre no horizonte, diretamente alinhada com o olhar da Esfinge.

Como em cima, assim embaixo... Voltando à questão da trava céu-terra em Gizé na época de 10.500 a.C., vamos considerar primeiro o monumento com corpo de leão (e muito provavelmente uma vez com cabeça de leão), orientado perfeitamente para o leste, que chamamos de Grande Esfinge. Ela olha não apenas para o sol nascente no equinócio da primavera, mas também para a constelação que abriga o sol no equinócio. Hoje, portanto, esse monumento olha para a cúspide entre Peixes e Aquário. Na época da construção do Templo de Karnak, ela olhava para a constelação de Áries e, no Reino Antigo, quando a Esfinge foi supostamente construída, ela olhava para a constelação de Touro, o Touro - claramente não é uma combinação perfeita entre o céu e o solo.

De fato, somente em uma época nos últimos 25.920 anos a Esfinge com corpo de leão olhou para sua própria contraparte celestial, a constelação de Leão, no pré-amanhecer do equinócio da primavera, e isso foi na época de 10.500 a.C.

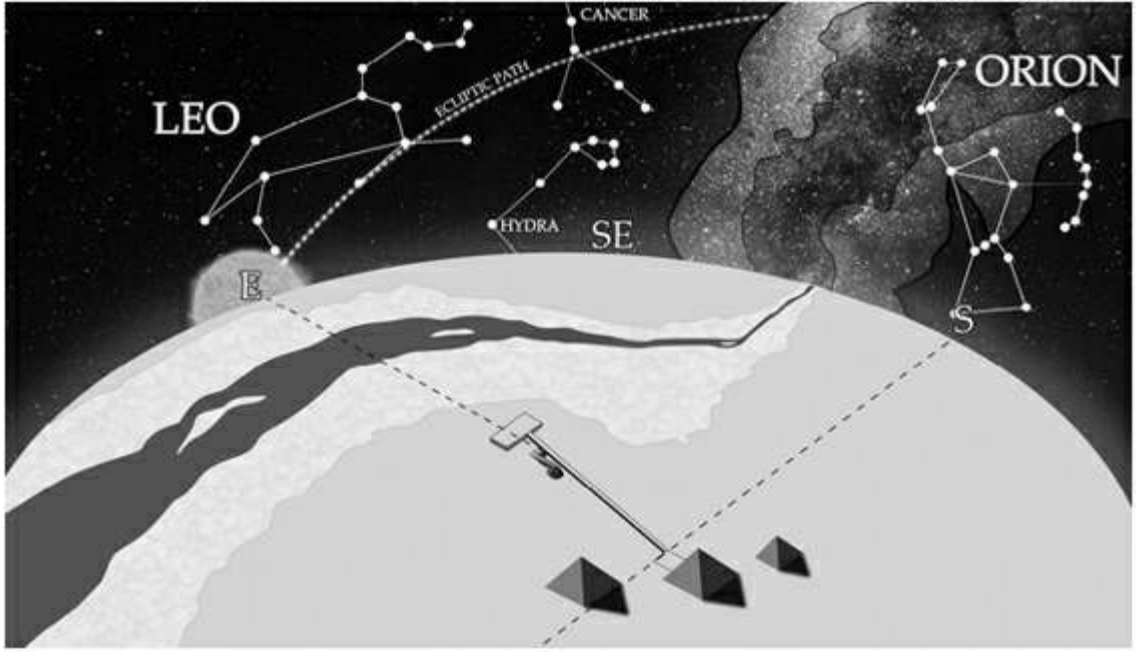


Figura 38: No equinócio da primavera na época de 10.500 a.C., no momento exato em que o sol cortou o horizonte a leste, as três estrelas do cinturão da constelação de Órion estavam ao sul no meridiano - em um padrão que corresponde com muita precisão ao padrão das três Grandes Pirâmides no solo.

Mas há mais. Naquela mesma época, no momento exato em que o sol dividia o horizonte a leste, as três estrelas do cinturão da constelação de Órion estavam ao sul no meridiano - e o faziam em um padrão que correspondia com muita precisão ao padrão das três Grandes Pirâmides no solo, dando assim um sentido sublime à imagem de Osíris/Orion como o *Ka*, ou "duplo", das pirâmides.

Depois que Robert Bauval apresentou a correlação de Órion a um público global em seu livro de 1994 *The Orion Mystery* (*O mistério de Órion*), de 1994, e após o trabalho adicional que fiz sobre o assunto em *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses*), e que Robert e eu fizemos juntos em *Keeper of Genesis (Guardião do Gênesis*), a hipótese foi alvo de muitas críticas do arqueoastrônomo Ed Krupp, do Griffiths Observatory de Los Angeles.

Krupp alegou que a correlação estava "de cabeça para baixo", um argumento de certo modo sofismático baseado na curvatura aparente do céu, o que significa que a mais alta das três estrelas do cinturão de Órion (correspondida, na correlação de Órion, pela mais ao sul das três pirâmides) é efetivamente a estrela mais ao norte. Refutando isso, conseguimos demonstrar que colocar as pirâmides no chão da maneira que satisfizesse Krupp poderia ser tecnicamente "correto" em termos das convenções astronômicas modernas, mas não produziria uma semelhança imediatamente reconhecível e visualmente agradável entre o que é visto no céu e o que é visto no chão. Se, por outro lado, nos afastarmos das convenções astronômicas do século XXI (nas quais o norte está "para cima") e simplesmente modelarmos no chão - como faria um artista ou escultor - o que teria sido visto no céu ao amanhecer no equinócio da primavera na época de 10.500 a.C., então o resultado é de fato uma correspondência muito boa, como Robert Bauval sempre afirmou, entre as três grandes pirâmides e as três estrelas do Cinturão de Órion (consulte o Apêndice, *A correlação de Órion não está de cabeça para baixo*, para obter mais detalhes).

Além disso, conforme observado acima, a característica particularmente marcante desse jogo é seu fechamento com a Esfinge/Leão. Vale a pena enfatizar novamente esse ponto. Olhando para o leste na madrugada, cerca de uma hora antes do nascer do sol na manhã do equinócio da primavera na época de 10.500 a.C., vemos a constelação de Leão deitada com sua borda no horizonte, diretamente alinhada com o olhar da Esfinge. Há uma correlação céu/solo imperdível aqui - pois a constelação de Leão, de perfil, como vista nesse momento, assemelha-se muito ao perfil da Esfinge leonina.

A Terra gira, as estrelas e o sol se erguem, a luz inunda o céu e, no devido tempo - após cerca de uma hora -, o disco solar corta o horizonte exatamente a leste, novamente alinhado com o olhar da Esfinge. No momento exato em que isso acontece, as três estrelas do cinturão de Órion se posicionam centradas ao sul sobre o meridiano. Isso é absolutamente confirmado pelo software astronômico moderno e teria sido absolutamente conhecido por qualquer pessoa com conhecimento sofisticado dos movimentos dos céus, caso essa pessoa estivesse presente em Gizé na época de 10.500 a.C. De fato, quase se pode sentir as engrenagens pesadas do céu em funcionamento, como um enorme relógio: o ponteiro das horas é a correlação Esfinge/Leo e o ponteiro dos minutos é a correlação pirâmides/cinturão de Órion, e ambos trabalham juntos para apontar inequivocamente para a época de 10.500 a.C. Essa é a época que, há muito tempo, sugeri ser a misteriosa "Primeira Vez" egípcia antiga, mas que agora entendo que também foi significativa para o cataclismo que mudou o mundo no Younger Dryas.

Namoro com estrelas

O uso de combinações de estrelas no céu e construções de grande escala no solo para apontar simbolicamente para momentos significativos da história foi uma prática amplamente adotada na antiguidade, conforme amplamente documentado em meu livro de 1998 *Heaven's Mirror* .[7]De fato, há exemplos

de tal espelhamento céu-solo, uma vez que são devidamente compreendidos, frequentemente lançam nova luz sobre as investigações arqueológicas. Por exemplo, em 2014, um antigo monte na República da Macedônia foi identificado como feito pelo homem por meio de análise arqueoacústica. As dimensões do monte são de 85 metros x 45 metros, ele é orientado com muita precisão no sentido norte-sul e, em seu cume, dentro de uma vala oval, um gigantesco trabalho de terra foi identificado por pesquisadores da Universidade de Trieste como uma representação da constelação de Cassiopeia, como teria aparecido do local no amanhecer de 21 de julho de 356 a.C., o aniversário do famoso governante macedônio Alexandre, o Grande. "Cassiopeia fica diretamente ao norte", concluem os pesquisadores:

> e fica verticalmente acima do geoglifo no zênite do céu, formando uma imagem perfeita do céu na Terra.[8]

Esses empreendimentos de céu e terra não se limitam ao mundo antigo. Um exemplo relativamente recente é a Represa Hoover, nos Estados Unidos. Lá, na base do imponente Monument of Dedication (Monumento da Dedicação), com seus pedestais de diorito negro sustentando duas figuras aladas colossais e imponentes - que lembram divindades da Mesopotâmia e do Egito Antigo -, o escultor Oscar Hansen criou um espetacular piso de mosaico com um mapa estelar embutido. Veja a seguir como o Bureau of Reclamation do Departamento do Interior dos EUA descreve a obra de arte e sua finalidade:

> O gráfico preserva para as gerações futuras a data em que o Presidente Franklin D. Roosevelt dedicou a Represa Hoover, 30 de setembro de 1935 ... Nesse mapa celestial, os corpos do sistema solar estão posicionados de forma tão exata que os versados em astronomia poderiam calcular a precessão (ocorrência progressivamente mais cedo) da Estrela Polar por aproximadamente os próximos 14.000 anos. Por outro lado, as gerações futuras poderiam olhar para esse monumento e determinar, se nenhum outro meio estivesse disponível, a data exata em que a represa Hoover Dam foi dedicada.[9]

Hansen, que explicitamente comparou a represa à Grande Pirâmide como "um monumento ao gênio coletivo exercendo esforços comunitários em torno de uma necessidade ou ideal comum",[10] também incorporou os signos do zodíaco em seu projeto.[11] Esses elementos, segundo ele, foram todos colocados lá como pistas e indicadores, de modo que "em épocas remotas futuras, pessoas inteligentes" seriam capazes de discernir "o tempo astronômico da dedicação da represa".
dedicação da represa".[12]

Acontece que a Represa Hoover e suas esculturas monumentais foram concluídas no mesmo ano, 1935, mas é claro que é possível usar a arquitetura simbólica e os alinhamentos astronômicos para fazer uma declaração permanente sobre momentos significativos do passado *a qualquer momento*. Um paralelo pode ser as grandes catedrais góticas da Europa, construídas nos séculos XII e XIII de nossa era, mas que se referem a em cada detalhe simbólico e na astronomia sagrada embutida em suas pedras e vitrais,[13] a períodos muito anteriores - notadamente à época de Cristo e à época dos patriarcas do Antigo Testamento.

De um ponto de vista puramente astronômico, o que se pode dizer sobre o enorme esforço e empenho dos monumentos de Gizé é que a planta baixa das pirâmides e da Esfinge fala claramente da época de 10.500 a.C. Mas, como os leitores de meus livros anteriores saberão, os monumentos também incluem características, como os quatro poços estreitos em ângulo que atravessam o corpo da Grande Pirâmide, que têm como alvo estrelas significativas na época de 2500 a.C., quando os egiptólogos acreditam que as pirâmides foram construídas.[14]

Em outras palavras, *ambas as* épocas são simbolizadas - 2500 a.C. pelas hastes e 10.500 a.C. pela planta baixa.

Culto de longa duração aos sábios

A hipótese que eu levanto a partir disso é que Gizé foi um dos vários locais ao redor do mundo - Göbekli Tepe foi outro - onde os sobreviventes de uma grande civilização pré-histórica que havia sido praticamente destruída no cataclismo global no início do Younger Dryas escolheram se estabelecer e onde seus sábios colocaram em ação um plano de longo prazo para realizar "a ressurreição do antigo mundo dos deuses... A re-[15] Talvez eles sentissem que sua própria civilização havia cometido algum erro terrível, algum erro medonho, que fez com que o castigo do universo recaísse sobre eles na forma do cometa Younger Dryas e que, portanto, seria ímpio ou insensato tentar remodelar o mundo destruído de **uma** vez e imediatamente. De fato, talvez fosse *impossível* para eles fazer isso. Embora seu clima fosse atraente, em uma época em que grande parte do mundo estava no meio de um congelamento repentino, o Vale do Nilo, como muitos outros lugares, sofreu eventos cataclísmicos tanto no início quanto no final do Younger Dryas. Esses eventos incluíram episódios de inundações extremas de rios, o chamado "Nilo Selvagem", que se repetiu várias vezes na época de 10.500 a.C., sendo que as condições mais calmas e previsíveis não foram restauradas até cerca de 9.000 a.C.[16]

Localizada em um terreno mais elevado, bem acima do fundo do vale, não há evidências que sugiram que a própria Gizé tenha sido devastada por essas inundações e, portanto, teria sido uma escolha óbvia no Egito para que os sobreviventes estabelecessem uma base e começassem a trabalhar em um projeto arquitetônico, talvez focado em certas características naturais do próprio planalto. Entre elas, eu chamaria a atenção especialmente para

para a colina rochosa com mais de trinta metros de altura - um excelente concorrente para o "Grande Monte Primordial" descrito nos textos de Edfu, como veremos - que muito mais tarde seria incorporado ao núcleo da Grande Pirâmide.

Sugiro que um poço foi cortado nessa colina e profundamente na rocha abaixo dela para criar a cavidade retangular que agora é nomeada como Câmara Subterrânea - que **ainda** hoje só pode ser acessada por meio desse mesmo poço de 300 pés de comprimento (agora conhecido como "Corredor Descendente") que mergulha profundamente nas entranhas da terra em um ângulo de 26 graus. Em minha opinião, esse é provavelmente apenas um dos vários recursos subterrâneos criados naquela época, com outros - muito mais extensos - ainda aguardando descoberta.

Da mesma forma, esses visitantes da Gizé primitiva da época de 10.500 a.C. também teriam encontrado uma crista ou cume de rocha (o termo técnico para essa característica é "yardang"), projetando-se para baixo, que talvez já tivesse sido esculpida pelos ventos predominantes em algo semelhante à cabeça de um leão. Ela estava voltada para o leste e tinha vista para o Vale do Nilo e, no devido tempo, seria amplamente escavada e esculpida para formar a Grande Esfinge. É provável que algum trabalho substancial tenha sido feito na época de 10.500 a.C. para liberar pelo menos os quartos dianteiros do corpo central da Esfinge de seu leito rochoso circundante. Mas minha opinião, inalterada desde que escrevi *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*), é que a maior parte do trabalho nesse projeto, assim como nas próprias pirâmides, foi feita mais tarde e finalmente concluída na época de 2.500 a.C., quando a cabeça leonina original da Esfinge, talvez fortemente erodida, foi recarregada na cabeça humana desproporcionalmente pequena que ela ainda tem hoje. Minha hipótese, na época e agora, é que o mesmo "culto" sagrado, abrigado em algo talvez parecido com um monastério, com uma pegada arqueológica muito **pequena**, até mesmo insignificante - vamos chamá-lo de Monastério dos Sete Sábios - esteve envolvido em ambas as principais fases do trabalho e em tudo o que aconteceu em Gizé nesse intervalo. Como escrevi em 1995, essa hipótese resolve a anomalia dos 8.000 anos "perdidos" entre as duas épocas:

> supondo que as hastes estelares [da Grande Pirâmide] sejam meramente o trabalho posterior do mesmo culto de longa duração que originalmente traçou a planta baixa de Gizé em 10.450 A.C. Naturalmente, a hipótese também sugere que foi esse mesmo culto, no final desses 8.000 anos desaparecidos, que forneceu a faísca inicial para o surgimento repentino e "totalmente formado" da civilização histórica letrada e e realizada civilização histórica do Egito dinástico.[17]

Datação com luz

Desde a publicação de *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*), tive muitos anos para refletir sobre os mistérios de Gizé. Continuo achando que o papel dos faraós históricos da Quarta Dinastia foi o de completar e finalmente cumprir um plano muito mais antigo, trazido pela primeira vez ao Egito na época de 10.500 a.C. Entretanto, conforme observado acima, os elementos subterrâneos do platô de Gizé e os primeiros trabalhos na Esfinge podem, na verdade, remontar à época de 10.500 a.C. A.C. Em virtude dos padrões distintos de intemperismo nos flancos desse monumento e nas seções da trincheira que o circunda - destacados na análise do professor de geologia Robert Schoch, da Universidade de Boston -, uma A proto-esfinge parece ter existido quando chuvas fortes caíram sobre o Egito no final da Era Glacial [18], talvez já no período do Nilo Selvagem.

Há muito tempo estou convencido pelas evidências geológicas de que a Esfinge de fato remonta, de alguma forma, à época de 10.500 a.C. No entanto, há uma área cinzenta relacionada a eventos entre 10.500 a.C. e 2500 a.C., que diz respeito aos templos megalíticos do platô, particularmente o Templo da Esfinge (diretamente em frente, ou seja, a leste, da própria Esfinge) e o Templo do Vale, que fica imediatamente a sudeste da Esfinge, ambos construídos, em sua maior parte, com blocos de calcário escavados ao redor do corpo central da Esfinge, embora em muitos casos os blocos de calcário sejam revestidos com uma camada de granito. A datação arqueológica ortodoxa dessas estruturas (tanto de seus elementos de calcário quanto de granito) é do Reino Antigo - especificamente da Quarta Dinastia, aproximadamente de 2613 a.C. a 2494 a.C.[(19) - ou] seja, da época de 2500 a.C.

Quando escrevi *Fingerprints of the Gods (Impressões Digitais dos Deuses*), no entanto, eu estava aberto à possibilidade de que elas pudessem remontar à época de 10.500 a.C. Continuo assim, mas, à luz das evidências recentes, é necessário fazer algumas considerações cuidadosas. Esse é o caso porque uma técnica científica avançada conhecida como datação por luminescência de superfície (que mede a energia luminosa armazenada na pedra) foi aplicada a esses templos. Essa técnica parece, à primeira vista, excluir de forma bastante conclusiva qualquer possibilidade de que os templos tenham sido criados na forma que vemos eles agora na época de 10.500 a.C.[20]

Digo "aparentemente" porque há certos problemas com a nova técnica que significam que qualquer conclusão tirada a partir dela deve ser cuidadosamente pensada. O mais importante, como os próprios pesquisadores admitem, é que a datação por luminescência de superfície se baseia na suposição de que a amostra que está sendo testada não foi exposta à luz do sol desde que foi colocada no lugar no edifício do qual faz parte.
Caso tenha havido exposição à luz do sol, mesmo que por "apenas alguns minutos" - como aconteceria, por exemplo, se qualquer retrabalho posterior da área amostrada tivesse sido realizado sem a cobertura de um telhado - então "a luminescência latente é liberada (...) colocando o sinal em zero ou próximo de zero" e, assim, produzindo uma data que reflete o retrabalho mais recente em vez da data original em que o edifício foi construído.[21]

O estudo de datação por luminescência da superfície de Gizé foi conduzido pelo professor de física nuclear Ioannis Liritzis e seu colega

Asimina Vafiadou, ambos do Laboratório de Arqueometria da Universidade do Egeu. Elas relataram seus resultados detalhadamente em 2015 no *Journal of Cultural Heritage* .[22]Indicações conclusivas de que pelo menos algumas das estruturas que elas amostraram foram de fato retrabalhadas, com sua luminescência latente zerada e o relógio funcionando novamente no momento do retrabalho, são fornecidas pela Amostra No. 4 (calcário Valley Temple) e Amostra No. 6 (granito Sphinx Temple). A primeira produziu uma luminescência de superfície muito jovem de 1050 a.C., mais ou menos 540 anos, enquanto o último produziu uma data de luminescência de superfície de 1190 a.C., mais ou menos 340 anos. [23]Essas são, na verdade, datas do Novo Reino do Egito Antigo (Décima Oitava Dinastia e posterior) e temos evidências arqueológicas e epigráficas sólidas de que tanto o Templo da Esfinge quanto o Templo do Vale já eram muito antigos na época do Novo Reino.

Sendo assim, as outras datas obtidas pelo estudo também devem ser consideradas com cautela e certamente não podem ser tomadas como evidência firme da data de construção dos templos - especialmente no caso da Amostra nº 3 (granito do Templo do Vale) e das Amostras nº 7 e 8 (ambas de granito do Templo da Esfinge). Elas produziram datas de luminescência de superfície, respectivamente, de 3060 a.C., mais ou menos 470 anos; 2740 a.C., mais ou menos 640 anos; e 3100 a.C., mais ou menos 540 anos.[24]Essas datas são *amplamente* compatíveis com o Reino Antigo, embora com algumas reservas que exploraremos a seguir.

-Embora com algumas ressalvas que exploraremos a seguir, elas não excluem, em hipótese alguma, uma data de construção muito mais antiga para a alvenaria do núcleo de calcário dos templos, já que Robert Schoch sempre sustentou que

> Esse revestimento de granito foi adicionado no Reino Antigo para consertar e restaurar os templos de calcário anteriores (muito anteriores - "Era da Esfinge")[25].

Ficamos, então, com apenas uma única amostra (Amostra nº 5) que foi retirada da alvenaria original do núcleo de calcário do Templo da Esfinge. Ela produziu uma data de luminescência de superfície de 2220 a.C., mais ou menos 220 anos [26], mas, na verdade, nada muito conclusivo pode ser dito sobre ela ou deduzido dela, uma vez que sua localização não exclui a possibilidade, como observou Schoch quando lhe pedi que comentasse sobre essas descobertas, que "também podem ter sido expostas ou retrabalhadas durante reparos na estrutura durante o Reino Antigo"[27].

Em resumo, o novo estudo não fornece nenhuma evidência que confirme, sem sombra de dúvida, que os elementos megalíticos de calcário originais dos Templos da Esfinge e do Vale foram construídos pelo Faraó Khafre, da Quarta Dinastia, como afirmam os arqueólogos. Pelo contrário, a única coisa que o estudo parece demonstrar com certeza é que esses templos foram reformulados durante o Novo Reino. Mais alarmante para a cronologia dominante, a datação por luminescência de superfície levanta a possibilidade de que o revestimento de granito nos templos (com exceção da Amostra nº 6, com sua data do Novo Reino) não tenha sido adicionado na Quarta **Dinastia**, mas muitos séculos antes - de fato, já em 3380 a.C., no extremo da faixa de datação da Amostra nº 7, em 3530 a.C. para a Amostra nº 3 e já em 3640 a.C. para a amostra nº 8[28].

Isso potencialmente empurra o que Robert Schoch sempre considerou como trabalho de restauração no Templo da Esfinge (a adição de um revestimento de granito sobre blocos de calcário megalíticos muito mais antigos e extensivamente erodidos) para o período pré-dinástico, ou seja, muito antes de qualquer construção em grande escala supostamente ter sido realizada no Egito. E não é preciso dizer que, se esses templos precisavam de uma restauração tão radical no período pré-dinástico, é provável que sua alvenaria central seja realmente muito antiga, talvez até mesmo da época de 10.500 a.C.

Então, o que dizer do Templo da Esfinge e do Templo do Vale, mas o que dizer das enigmáticas pirâmides que se erguem sobre eles?

Os pesquisadores não puderam estudar a segunda pirâmide de Gizé, convencionalmente atribuída (como a Esfinge e seus templos) a Khafre. Tampouco investigaram a Grande Pirâmide, atribuída a Khufu. Mas eles testaram uma única amostra da menor das três pirâmides, que a egiptologia atribui a Menkaure, o faraó que sucedeu Khafre no trono. Retirada das pedras de revestimento de granito da pirâmide, e não de sua alvenaria central, essa amostra produziu outra data surpreendentemente anômala - 3450 a.C., mais ou menos 950 anos - quando avaliada a luminescência da superfície. [29]Somente na extremidade mais jovem do intervalo (3450 menos 950= 2500 a.C.) essa data se aproxima do reinado de Menkaure, embora muitas autoridades não vejam esse faraó assumindo o trono até 2490 a.C.[30]e, portanto, *depois que* "sua" pirâmide foi concluída, mesmo na data mais recente oferecida pelo espectro de luminescência de superfície. Mas o que é
Mais preocupantes são as outras possibilidades levantadas pela datação, ou seja, que as pedras de revestimento da chamada "Pirâmide de Menkaure" poderiam poderiam ter sido colocadas no lugar já em 3450 a.C. ou até, talvez, 950 anos antes disso, ou seja, em 4400 a.C. e, portanto, bem no período pré-dinástico, quase dois mil anos antes do Reino Antigo.

Mais trabalho precisa ser feito para resolver tudo isso. Como já disse, continuo disposto, por enquanto, a aceitar a visão dominante ainda predominante que data as pirâmides do Reino Antigo. Mas o que está em processo de surgimento, creio eu, é o reconhecimento da necessidade de uma visão mais matizada de todo o local, com fortes indicações da geologia, da astronomia e, agora, da datação por luminescência de superfície como
que não pode mais ser atribuído exclusivamente à época de 2500 a.**C**., mas parece ser o resultado de uma série de desenvolvimentos em um período imensamente longo que remonta a mais de 12.000 anos. a.C., mas parece ser o resultado de uma série de desenvolvimentos em um período de tempo imensamente longo, que remonta a mais de 12.000 anos. Como conclui o professor Ioannis Liritzis, da Universidade do Egeu, principal autor do estudo de luminescência de superfície, partes do local parecem ter sido reutilizadas e..:

é razoável supor que algumas das estruturas já estavam presentes em Gizé quando começaram as obras de grande escala da Quarta Dinastia.[31]

A questão da *idade* do site também não é a única em aberto. Sua *função* também está em aberto. Os egiptólogos gostam de definir as pirâmides como "tumbas e apenas tumbas", mas como observa o professor Liritzis:

> A falta de vestígios funerários humanos contemporâneos de qualquer pirâmide egípcia e a óbvia natureza astronômica e geométrica do local, que provam que sua orientação não foi por acaso, mas sim por conhecimento e padrões de configuração estelar no período da construção, implicam que a teoria das "pirâmides como tumbas" não é mais suficiente e que é necessária uma determinação mais ampla da idade, função e reutilização das pirâmides e de Gizé é necessária...[32]

"Este livro que desceu do céu..."

Vimos que há muitas passagens nos Textos da Construção de Edfu que nos dizem que aqueles entre os "deuses" da Idade Primitiva que sobreviveram ao dilúvio que destruiu sua antiga pátria começaram a "vagar" pelo mundo com o objetivo de estabelecer novos domínios sagrados em locais adequados. Uma passagem cita um local específico para onde alguns desses "deuses" foram, sendo o primeiro lugar em que se estabeleceram o Egito. Acontece que esse local não foi Edfu, no Alto Egito (sul), mas sim a cidade que os gregos vieram a visitar mais tarde conhecida como Heracleópolis, [33]localizada no Baixo Egito (norte) e que os próprios egípcios chamaram de *Henen-nesut*, que significa "a casa da criança real". Os arqueólogos não sabem quando *Os arqueólogos não sabem quando Henen-nesut* foi estabelecida, mas uma referência a ela na Pedra de Palermo (assim chamada porque agora está guardada no Museu Arqueológico da cidade de Palermo, na Itália) lança alguma luz sobre o assunto. Um antigo fragmento de diorito inscrito, a Pedra de Palermo fornece informações (consideradas "mitológicas" pelos egiptólogos) sobre cerca de 120 reis pré-dinásticos que teriam governado o Egito antes de 3000 a.C. Mas ela também fornece detalhes do início do período dinástico que os egiptólogos aceitam como "histórico". Uma entrada sobre a Pedra que data do reinado de Den, o segundo rei da Primeira Dinastia, sugere que as origens de *Heracleópolis/Henen-nesut* remontam ao período pré-dinástico[34].

Mas *Henen-nesut* é apenas o ponto de partida da trilha, pois, ao que parece, estava intimamente associado ao antigo centro religioso de Mênfis, *Inbu-Hedj* (mais tarde *Mn-nfr*), que fica cerca de 60 milhas (100 quilômetros) mais ao norte e foi, segundo a lenda, estabelecido por Menes, o primeiro rei da Primeira Dinastia - embora, mais uma vez, suas origens provavelmente sejam muito anteriores. Portanto, é interessante, como observa Eve Reymond, a tradutora dos Textos da Construção de Edfu, que:

> É impossível ler os principais registros de Edfu e não ficar impressionado com o fundo e o tom mênfitos muito pronunciados que ainda estão preservados neles.[35]

Em sua opinião, os textos de Edfu "preservam a memória de um centro religioso pré-dinástico que existiu perto de Mênfis" - um centro que "os egípcios consideravam como a terra natal do templo egípcio". [36]Observe que ela não está dizendo "que já existiu *em* Henen-nesut", nem mesmo "*em* Mênfis", mas sim "*perto de* Mênfis". Em resumo, a localização é um pouco misteriosa; Reymond supõe que a arqueologia [37]Mas, onde quer que fosse, acreditava-se que era um lugar cuidadosamente selecionado pelos deuses para a fundação do primeiro da nova geração de templos dedicados ao deus Hórus - a jogada de abertura essencial no projeto de longo prazo para recriar o antigo mundo destruído.[38]Um texto na face interna do muro de Edfu foi reconhecido como uma pista importante por Reymond em sua Reymond em sua própria busca pelo local misterioso, já que ele nos ensina que o Templo de Hórus primordial era:

> construída segundo os ditames dos ancestrais, de acordo com o que estava escrito nesse livro que desceu do céu ao norte de Mênfis.[39]

Um extenso cemitério para os antigos reis de Mênfis, conhecido pelos egiptólogos como a "Necrópole Memphita", ganhou destaque especial durante a Quarta Dinastia, de 2613 a.C. a 2492 a.C., quando, de acordo com a cronologia ortodoxa, a Grande Pirâmide e a Grande Esfinge teriam sido construídas. Os campos das pirâmides de Dhashur, Saqqara e Gizé eram partes integrantes da Quarta Dinastia. Necrópole - portanto, em teoria, todos poderiam ser candidatos. [40]Mas, em Gizé, como vimos, a Esfinge modela a constelação de Leão em 10.500 a.C., as três pirâmides modelam o Cinturão de Órion na mesma época e as quatro hastes da Grande Pirâmide se prendem a estrelas específicas na época posterior de 2500 A.C. Muito mais obviamente do que Dhashur e Saqqara, portanto, parece-me que Gizé merece absolutamente ser descrita como "livro que desceu do céu" - um livro escrito com a "caneta" da arquitetura megalítica no "roteiro" da precessão.

Há algo mais. O deus Hórus, para o qual o templo primordial foi construído, é uma figura complexa que se manifesta em muitas formas.

De fato, uma imponente estátua de granito de Hórus, o Falcão, permanece no pátio do Templo de Edfu até hoje. Da mesma forma, Hórus era frequentemente representado como um homem com a cabeça de um falcão - em outras palavras, um teriantropo clássico, como os sábios Apkallu da Mesopotâmia. Mas Hórus tinha outro avatar proeminente, que era como um leão.[41]Além disso, esse leão de Hórus era
Hórus de Edfu se transformou em um leão com rosto de homem:

> Hórus de Edfu transformou-se em um leão que tinha o rosto de um homem...[42]

O mistério da Esfinge

Dada a conexão que os textos de Edfu estabelecem com a área de Gizé e com aquele misterioso "livro descido do céu", é impossível ignorar o fato de que os antigos egípcios identificavam Hórus com a Grande Esfinge de Gizé. Por isso, é impossível ignorar o fato de que os antigos egípcios identificavam Hórus intimamente com a Grande Esfinge de Gizé. *Hor-em-Akhet* - "Hórus no Horizonte" - e também como *Horakhti* que, com uma sutil diferença de ênfase, significa "Hórus *do* Horizonte".

No entanto, há uma coisa muito estranha sobre a Esfinge. Com exceção do Dr. Rainer Stadelmann, que acredita que ela foi obra do faraó Khufu, da Quarta Dinastia, todos os outros egiptólogos modernos estão unidos na opinião de que a Esfinge foi feita pelo filho de Khufu, Khafre.
com um "fato" empírico estabelecido sobre a Esfinge, mas sim com um conjunto de conjecturas egiptológicas que se desenvolveram gradualmente, por falta de oposição, começou a ser tratada como se fosse um fato comprovado. "Como acontece com frequência em nossa disciplina, afirmações antigas e aparentemente certas permanecem para sempre sem maiores verificações", comenta o Dr. Stadelmann, [45]que deve saber do que está falando, pois foi diretor do Instituto Arqueológico Alemão no Cairo de 1989 a 1998.

Quando nos limitamos aos fatos sobre a Esfinge e não às opiniões dos egiptólogos, a primeira coisa que descobrimos é que
Nenhuma inscrição do Reino Antigo sobreviveu e se refere a esse monumento estupendo e imponente. Até mesmo o grande egiptólogo Selim Hassan, que realizou extensas escavações em Gizé na década de 1930, foi obrigado a admitir:

> Quanto à idade exata da Esfinge e a quem devemos atribuir sua construção, não se conhecem fatos definitivos, e não temos uma única inscrição contemporânea que nos esclareça sobre esse ponto.[46]

Tampouco há inscrições do Primeiro Período Intermediário, ou do Reino Médio, ou do Segundo Período Intermediário. De fato, somente quando chegamos ao Novo Reino, aproximadamente a partir de 1550 a.C., supostamente cerca de mil anos *depois de* ter sido esculpida no leito rochoso do planalto de Gizé, é que os faraós do Egito Antigo começaram a falar sobre a Esfinge.

O que Selim Hassan descreve corretamente como "a opinião autêntica mais antiga" é dada por Amenhotep II (1427-1401 a.C.), que construiu um pequeno templo que ainda pode ser visto hoje no lado norte do recinto da Esfinge. [47]Em uma estela de calcário, esse faraó do Novo Reino refere-se à Esfinge sob os nomes *Hor-em-Akhet* e *Horakhti*,[48]e também faz uma referência direta às pirâmides de Gizé, as quais - para irritação dos egiptólogos - ele não atribui aos seus predecessores da Quarta Dinastia, Khufu, Khafre e Menkaure, mas sim
[49]A implicação clara é que na época de Amenhotep - muito mais próxima da Quarta Dinastia do que a nossa - não havia arquivos históricos, nem mesmo qualquer tradição, que ligasse as pirâmides aos três faraós que os egiptólogos modernos agora insistem que foram seus construtores. Pelo contrário, como explica Selim Hassan, o uso do epíteto "Pirâmides de *Hor-em-Akhet*" sugere (já que *Hor-em-Akhet* era um dos nomes pelos quais a Esfinge era conhecida) que Amenhotep:

> considerava a Esfinge mais antiga que as pirâmides.[50]

Cronologicamente, a próxima inscrição referente à Esfinge ocorre na famosa "Estela dos Sonhos" de Tutmósis IV. A história conta que, antes de subir ao trono, o futuro faraó estava caçando um dia nos arredores de Gizé, onde a Esfinge estava esquecida, enterrada na areia até o pescoço. Nesse momento, Thutmosis tirou uma soneca à sombra da cabeça gigante:

> Uma visão de sono o tomou na hora em que o sol estava no zênite, e ele viu a majestade desse deus reverenciado falando com sua própria boca, como um pai fala com seu filho, dizendo: "Olhai para mim! Veja-me, meu filho Tutmósis! Eu sou... Hor-em-Akhet... que te dará meu reino na Terra"...[51]

No entanto, havia uma condição, pois a Esfinge disse: "a areia deste deserto em que estou me atingiu... Meu comportamento é como se eu estivesse com os membros doentes... Você será meu protetor..."[52]

Para encurtar a história, Tutmósis entendeu que se ele limpasse a Esfinge da areia e a devolvesse à sua antiga glória, ele se tornaria faraó.

se tornaria faraó. Assim, ele fez o que lhe foi instruído e, quando a restauração foi concluída e o trono era dele, conforme profetizado, ele ergueu a Estela do Sonho em comemoração.

Se você visitar o local hoje em dia, ainda poderá ver a enorme estela - com quase 12 pés de altura e mais de 7 pés de largura - entre as patas da Esfinge, diretamente em frente ao peito do monumento, mas grande parte da inscrição original, da décima terceira linha em diante, foi removida. Na década de 1830, no entanto, foi feito um molde do monumento, ocasião em que parte - embora infelizmente não toda - da décima terceira linha ainda estava intacta. Ali, o único símbolo Khaf (não mais presente hoje) foi observado e, a partir disso, como comenta o egiptólogo americano James Henry Breasted em sua tradução autorizada da estela, muitos se inclinaram a concluir que a Esfinge foi obra de Khafre. Tal conclusão, acrescenta Breasted secamente, "não procede". Ele ressalta que não há, de fato, "nenhum vestígio de um cartucho" (o sinal oval que normalmente continha nomes reais) nas cópias e moldes da estela que foram feitos no século XIX - o que sugere

A conclusão mais forte é que a sílaba Khaf não se referia de forma alguma ao faraó Khafre, da Quarta Dinastia.[53]

Além disso, como Selim Hassan acrescentou mais tarde, mesmo que o cartucho estivesse lá, não temos liberdade para concluir, com base na linha danificada, que Khafre fez a Esfinge. No máximo, isso nos diria que "Tutmósis, de alguma forma, conectou a Esfinge a Khafre". [54]Até mesmo Gaston Maspero, que foi diretor do Departamento de Antiguidades do Museu do Cairo no final do século XIX, e que

acreditavam que o cartucho já esteve presente, não viam razão para deduzir, com base em evidências tão frágeis, que a Esfinge era obra de Khafre.

obra de Khafre. Pelo contrário, sua interpretação preferida era que o objetivo de Tutmósis nessa parte da inscrição era reconhecer uma antiga reforma e limpeza da Esfinge realizada por Khafre. "Consequentemente", escreveu Maspero, "temos aqui uma prova quase certa de que a Esfinge já estava enterrada na areia na época de Khufu [pai de Khafre] e seus predecessores". [55]

Mais tarde, Maspero mudaria seu ponto de vista, afirmando com relutância que a Esfinge "provavelmente representa o próprio Khafre" [56]e, assim, alinhando-se com o crescente consenso entre os egiptólogos do século XX. Sua opinião inicial de que o monumento era mais antigo que Khafre e que, na verdade, havia sido enterrado na areia na época de Khufu, baseou-se em parte nas informações contidas em outra estela, a chamada Estela de Inventário, descoberta em Gizé na década de 1850 pelo arqueólogo francês Auguste Mariette. A essência da Estela do Inventário,

[57], era que a Grande Esfinge e o Templo do Vale, bem como várias outras estruturas no platô, já existiam muito antes de Khufu subir ao trono.[58]

No entanto, o que aparentemente "desmascarou" isso, e sem dúvida contribuiu para a mudança de opinião de Maspero, foi a evidência firme de que a O sistema de escrita hieroglífica usado na inscrição não era consistente com o estilo da Quarta Dinastia, mas pertencia a um período muito mais recente - Selim Hassan sugere a Vigésima Sexta Dinastia. [59]Essa pequena estela interessante passou, portanto, a ser considerada posteriormente como uma obra de ficção, provavelmente fabricada por um grupo de sacerdotes que desejavam engrandecer o nome da deusa Ísis (que

era popular na Vigésima Sexta Dinastia, 664-525 a.C.) e, portanto, sem valor em nossas tentativas de determinar o que aconteceu em Gizé quase 2000 anos antes, na Quarta Dinastia - ou talvez muito antes.

Certamente, é assim que as coisas parecem quando vistas pelo prisma da "egiptologia", ou seja, aquela forma especial de raciocínio, com um duplo padrão embutido, utilizada apenas por egiptólogos. De acordo com a egiptologia, se as evidências apoiarem as teorias estabelecidas, elas **serão** aceitas. Mas se as evidências prejudicarem as teorias estabelecidas, elas devem ser rejeitadas. Assim, a egiptologia usa dados *inteiramente* circunstanciais e não contemporâneos para apoiar sua atual alegação de que a Esfinge e seus templos megalíticos foram obra do faraó Khafre da Quarta Dinastia (como vimos, Selim Hassan admite que "não temos uma única inscrição contemporânea" para nos esclarecer sobre a idade exata da Esfinge). Portanto, a datação do monumento para a Quarta Dinastia - algo que os egiptólogos apregoam como um "fato", que é ensinado como tal nas universidades e que é amplamente divulgado pela mídia - baseia-se inteiramente em seu "contexto" (as pirâmides e os templos megalíticos próximos) e naquela única sílaba Khaf, que já esteve presente na Estela dos Sonhos da Décima Oitava Dinastia.

O caso frágil da egiptologia

Quanto ao contexto, mesmo que as pirâmides fossem obra exclusiva da Quarta Dinastia - o que é questionável, como vimos, pela datação por **luminescência** da superfície da pirâmide atribuída a Menkaure - ainda assim não poderíamos deduzir com segurança que a Esfinge também é obra da Quarta Dinastia. De fato, pode ser que as pirâmides tenham sido construídas onde estão exatamente *porque* a Esfinge já estava lá, conferindo um ar de santidade antiga ao local.

Os templos megalíticos também não provam de fato nada sobre a Esfinge, pois não há evidências que datem inequivocamente sua própria construção da Quarta Dinastia. O máximo que se pode dizer é que uma estátua de diorito negro de Khafre (agora no Museu do Cairo) foi encontrada jogada de cabeça para baixo em um poço profundo no Templo de Va ley. No entanto, isso nos diz apenas que Khafre, em algum momento, exigiu que sua estátua fosse colocada no templo e que, portanto, ele se identificou com o templo de alguma forma, não que ele o tenha construído.

Superficialmente mais persuasiva é a alegação feita por alguns egiptólogos de que o nome de Khafre foi encontrado inscrito no Templo do Vale. Em seu site "Guardians", o explorador residente da National Geographic, Dr. Zahi Hawass, ex-diretor do Planalto de Gizé e secretário-geral do Conselho Supremo de Antiguidades do Egito, diz o seguinte sobre o Templo do Vale

As inscrições no edifício estão ao redor das portas de entrada; elas listam os nomes e títulos do rei, os da deusa Bastet (porta norte) e os de Hathor (porta sul).[60]

A Wikipedia, que é influente na formação das percepções do público sobre Gizé e que rotineiramente rotula abordagens não convencionais como "pseudociência", vai ainda mais longe do que Hawass quando diz sobre o Templo do Vale que:

Foram encontrados blocos que mostram os restos parciais de uma inscrição com o nome Hórus de Khafre (*Weser-ib*).[61]

Em um exame mais detalhado, no entanto, a Wikipédia se mostra mal informada. Stephen Quirke, professor de Arqueologia Egípcia na University College London, teve a gentileza de investigar o assunto quando levantei a questão para ele e, no devido tempo, relatou os resultados de sua investigação. A inscrição parcial com o nome Hórus de Khafre não aparece, de fato, em blocos do Templo do Vale, mas
e sim em blocos de um edifício totalmente diferente em Gizé.[62]

O que dizer, então, da declaração do Dr. Hawass sobre "os nomes e títulos do rei"? De qualquer forma, está claro qual é a fonte dele, pois na primeira edição (1947) de seu estudo clássico *As Pirâmides do Egito*, I.E.S. Edwards, antigo Guardião de Antiguidades Egípcias do Museu Britânico, escreveu várias páginas sobre o Templo do Vale, que, juntamente com o restante da profissão egiptológica da época, ele identificou como sendo obra de Khafre.
identificou como sendo obra de Khafre.(63) "Ao redor de cada porta", afirmou ele:

é uma faixa de inscrição hieroglífica que apresenta o nome e os títulos do rei; não há outras inscrições ou relevos em nenhum outro lugar do edifício.[64]

Isso pareceria resolver a questão, não fosse o fato de que muitos anos depois, quando Edwards produziu a edição final definitiva de seu livro, ele revisou a passagem acima com informações importantes que não apresentou em 1947. "Ao redor de cada porta", lemos agora:

foi esculpida uma faixa de inscrições hieroglíficas com o nome e os títulos do rei, *mas apenas as últimas palavras "Beloved [of the goddess] Bastet" e "Beloved [of the goddess] Hathor" foram preservadas*. Nenhuma outra inscrição ocorre em qualquer outro lugar do edifício.[65]

Não é preciso dizer que as palavras "Amado de Bastet" e "Amado de Hathor" não provam, isoladamente, que Khafre era o rei mencionado como sendo o "amado" dessas divindades. Elas poderiam se aplicar a qualquer pessoa e, portanto, não podem ser legitimamente usadas para apoiar a alegação de que o Templo do Vale foi obra de Khafre.

Há mais alguma coisa que apóie essa afirmação? A obscura e caríssima *Encyclopedia of the Archaeology of Ancient Egypt* contém um verbete sobre o "complexo da pirâmide de Khafre". Escrito novamente por Zahi Hawass, o verbete nos informa que o Templo do Vale:

é identificado com Khafre a partir de inscrições em blocos de granito da extremidade oeste do Templo do Vale. Os relevos desse complexo foram descobertos em el-Lisht, onde foram usados como **base** para a pirâmide de Amenemhat I (Décima Segunda Dinastia). [66]

Isso é realmente uma questão de agarrar-se a palhas! Como eles estão a quilômetros de distância, em el-Lisht, canibalizados como material de preenchimento para a pirâmide de um monarca posterior, a realidade é que esses blocos não nos **dizem** nada confiável sobre o Templo do Vale. Talvez tenham sido retirados de lá, mas, por outro lado, talvez tenham vindo de outro lugar completamente diferente.

Além disso, ninguém está afirmando que qualquer uma das inscrições foi feita na alvenaria do núcleo de calcário do Templo do Vale. Todas elas aparecem em "blocos de revestimento de granito" e, como vimos, os blocos de revestimento de granito do Templo do Vale parecem ser um revestimento que foi aplicado muito tempo depois de os blocos de calcário do núcleo terem sido colocados no lugar - em alguns casos, talvez já em 3640 a.C. e, em outros, talvez em 1190 a.C. É bem possível que Khafre tenha sido um dos vários faraós que realizaram trabalhos de restauração no Templo do Vale durante esse longo período, e que ele tenha comemorado suas boas ações com uma inscrição oficial e algumas estátuas de si mesmo
-talvez ao mesmo tempo em que ele também parece ter realizado um projeto de restauração na Esfinge - não significa que ele tenha sido o construtor original da Esfinge ou do Templo.

Portanto, ficamos com aquela única sílaba Khaf na Estela dos Sonhos da Décima Oitava Dinastia, que os egiptólogos modernos (diferentemente de seus predecessores do século XIX) agarraram avidamente como "prova" de que Khafre construiu a Esfinge. Não é preciso dizer que a Décima Oitava Dinastia e a Quarta Dinastia não são contemporâneas uma da outra. Além disso, há um forte argumento de que até mesmo a atribuição da estela à Décima Oitava Dinastia é questionável. Breasted, por exemplo, aponta para "erros e irregularidades marcantes na ortografia" e para

uma série de outras "peculiaridades suspeitas" que o levaram a concluir que a inscrição não era, de fato, obra de Tutmósis IV, mas uma "restauração tardia" datada entre a Vigésima Primeira Dinastia e a Vigésima Sexta Dinastia (Saitic). [67]

> Em outras palavras, é bem possível que a Estela dos Sonhos seja tão nova quanto a Estela do Inventário. No entanto, o termo "egiptológico" requer a instável

A evidência da tabela **de** Khaf sobre a primeira deve ser aceita como prova de que Khafre fez a Esfinge, enquanto as várias declarações claras sobre a segunda que contradizem absolutamente a atribuição a Khafre são rejeitadas como "ficções absurdas".

Revelações dinâmicas

Aqui estão alguns trechos do texto da Estela de Inventário. Antes de ler, observe que todos os faraós do Egito eram considerados encarnações do deus Hórus[68] e, portanto, o nome Hórus era rotineiramente incluído em seus títulos. Cada rei também tinha um "nome de Hórus", que no caso de Khufu era Mezer:[69]

> Hórus vivo, o Mezer, o rei do Alto e Baixo Egito, Khufu, ganhou vida. Ele encontrou a Casa de Ísis, Senhora da Pirâmide, ao lado da cavidade da Esfinge, a noroeste da Casa de Osíris, Senhor de Rostau... Os planos da Imagem de Hor-em-akhet foram trazidos para revisar os dizeres sobre a disposição da Imagem... Ele restaurou a **estátua** e a cobriu com pintura... Ele fez com que a parte traseira do cocar do nemes, que estava faltando, fosse extraída de pedra dourada e tivesse um comprimento de cerca de 7 ells (3,7 metros ou 12 pés).7 metros ou 12 pés). Ele veio para fazer um passeio, a fim de ver o raio, que fica no Lugar do Plátano, assim chamado por causa de um grande plátano, cujos galhos foram atingidos quando o Senhor dos Céus desceu sobre o lugar de Hor-em-akhet... A figura desse Deus, sendo cortada em pedra, é sólida e existirá para a eternidade, tendo
> sempre sua face voltada para o Oriente[70].

A linguagem da Estela de Inventário é obscura, mas a análise de Selim Hassan traz alguma clareza. "Se pudéssemos acreditar em suas inscrições", ele escreve:

> devemos dar crédito a Khufu por ter consertado a Esfinge, aparentemente após ela ter sido danificada por um raio. De fato, pode haver um pouco de verdade nessa história, pois a cauda do cocar do *nemes* da Esfinge certamente está faltando, e não é uma parte que, devido à sua forma e posição, poderia ser facilmente quebrada, exceto por um golpe direto de algum objeto pesado, desferido com uma força terrível. Atualmente, é possível ver na parte de trás da Esfinge a cicatriz dessa quebra e os vestígios da argamassa antiga com a qual foi reparada. Essa cicatriz mede cerca de 4 metros, o que está de acordo com as medidas registradas na estela... Portanto, talvez seja provável que a Esfinge tenha sido atingida por um raio, mas não há uma partícula de evidência que demonstre isso.
> que esse acidente aconteceu no reinado de Khufu.[71]

Entretanto, também não há nenhuma evidência que prove que o "acidente" com a Esfinge *não* aconteceu no reinado de Khufu. Tudo o que temos é o preconceito egiptológico de que não poderia ter acontecido naquela época, porque a Esfinge é supostamente uma obra de Khafre, realizada após a morte de Khufu e, portanto, obviamente, não deveria ter existido na época de Khufu.

Figura 39: A estela de inventário. A essência das inscrições, que os egiptólogos rejeitam, é que a Grande Esfinge e o Templo do Vale, bem como várias outras estruturas no platô de Gizé, já existiam muito antes de Khufu subir ao trono.

O mesmo vale para a segunda revelação dinamitadora da Estela do Inventário, a saber, a menção da "Casa de Osíris, Senhor de Rostau".[72]Podemos deduzir a localização dessa estrutura porque se diz que "a cavidade da Esfinge" fica a "noroeste" [73]- o que significa, em outras palavras, que "a Casa de Osíris, Senhor de Rostau" está localizada imediatamente a sudeste da Esfinge. A
A única estrutura que se encaixa nessas coordenadas é o Templo do Vale, que de fato fica imediatamente a sudeste da Esfinge. Assim como as referências à própria Esfinge, portanto, o testemunho da Estela de Inventário é que o Templo do Vale não foi feito por Khafre, pois já existia na época de seu antecessor Khufu.

Essas, então, são as verdadeiras razões pelas quais a Estela de Inventário foi rejeitada pelos egiptólogos como uma ficção absurda - em vez de, digamos, uma inscrição que preserva e transmite para uma época posterior, usando linguagem e terminologia adequadas a essa época, uma tradição muito mais antiga, mas genuína. Certamente, a rejeição não pode ser porque a Estela de Inventário não é contemporânea do reinado de Khufu, ou por causa de sua "ortografia" da 26ª Dinastia - já que esses fatores não impedem os egiptólogos de aceitar a Estela dos Sonhos, que sofre da mesma não-contemporaneidade e das mesmas "irregularidades marcantes na ortografia". Em suma, não é óbvio que a Estela do Inventário foi rejeitada e ignorada, enquanto a Estela dos Sonhos foi aceita e abraçada, porque a primeira destrói completamente a teoria estabelecida da história egípcia, enquanto a segunda pode ser convenientemente "girada" para apoiar a teoria estabelecida?

Um raio vindo do céu e um arquivo antigo

Além de suas implicações de uma Esfinge muito mais antiga, há dois outros aspectos da Estela de Inventário que merecem uma investigação mais aprofundada.

A primeira é a informação de que a Esfinge havia sido danificada por um "raio". Selim Hassan está disposto a aceitar que pode haver alguma verdade nisso, mas não podemos ter certeza de que um raio significa um relâmpago, como ele supõe. A inscrição diz que o raio em questão ainda estava presente para Khufu "ver" quando ele fez sua "turnê". Esse não seria o caso de um raio, que deixaria danos, mas não um objeto físico que pudesse ser visto. Por outro lado, um meteorito, depois de atingir e danificar a Esfinge, estaria lá, no local, para ser inspecionado pelo rei - e descendo em fogo do céu em meio a um barulho impressionante, queimando uma grande e velha árvore em sua passagem, um meteorito poderia facilmente ser descrito como um raio (de fato, em várias culturas, isso era
exatamente como os meteoritos eram descritos).[74]

Igualmente intrigante é a declaração da Estela de Inventário de que "os planos da Imagem de Hor-em-akhet" - ou seja, da Esfinge - foram trazidos para o local por Khufu, presumivelmente para fins de referência enquanto o reparo do monumento era realizado. Isso obviamente implica a existência de um antigo "arquivo" pertencente a Gizé, talvez um "Salão de Registros" que lembra os registros perdidos na biblioteca do templo de Edfu, dos quais sabemos que o arquivo de Gizé era o mais antigo.

em Edfu, de onde sabemos que os Textos de Construção foram extraídos.

Como vimos, dizia-se que essas eram as palavras dos Sete Sábios, registradas por escrito por um personagem não menos importante do que o próprio deus da sabedoria Thoth. Reymond chega a sugerir que pode ter existido um *Livro Sagrado da Era Primitiva dos Deuses*, no qual todo o plano "divino" no Egito foi estabelecido.[75]E as indicações são, diz ela, de que esse livro estava ligado a um segundo livro antigo,
The Specifications of the Mounds of the Early Primeval Age (*As especificações dos montes do início da Era Primeva*) , que se acreditava conter registros não apenas dos **"montes"** menores e dos templos que seriam construídos sobre eles como parte do projeto de renascimento do mundo destruído dos "deuses", mas também do próprio Grande Monte *Primevo*.
"montes" menores e dos templos que seriam construídos sobre eles como parte do projeto de renascimento do mundo destruído dos "deuses", mas também do próprio Grande Monte Primordial [76].

Infelizmente, não se sabe mais nada sobre nenhum desses "livros" perdidos além das poucas referências breves e tentadoras a eles em Edfu. No entanto, como sugeri anteriormente, existe toda a possibilidade de que esse Grande Monte Primordial, onde supostamente começou o tempo da idade atual da Terra, tenha sido a colina rochosa em Gizé em torno da qual a Grande Pirâmide seria construída no devido tempo. Há também um texto extraordinário, preservado em papiro do Reino Médio do Egito, que fala de uma busca pelas "câmaras secretas do santuário de Thoth" - câmaras secretas que Khufu desejava "copiar" para seu templo.

Um mistério profundo e antigo que exploraremos no próximo capítulo está oculto nessas estranhas referências.

Capítulo 11
Os livros de Toth

Um breve resumo.

Os Textos de Edfu falam da "Pátria dos Primevos" - uma ilha, cuja localização nunca é especificada - que foi destruída por um "inimigo", descrito como uma "serpente", "o Grande Saltitante". O ataque da "serpente" causou um dilúvio que inundou esse "mundo primordial dos deuses", matando a maioria de seus habitantes "divinos". Alguns deles, entretanto, escaparam do desastre e fugiram do local em barcos para vagar pela Terra. Seu objetivo ao fazer isso era identificar locais adequados onde pudessem colocar em ação um projeto sagrado para realizar

> a ressurreição do antigo mundo dos deuses... A recriação de um mundo destruído.

E todos esses eventos ocorreram no "início da era primitiva" - há muito, muito tempo, tanto que teriam passado da memória humana se não tivessem sido feitos grandes esforços para preservá-los. "Em nossos templos", os sacerdotes egípcios de Sais teriam dito a Sólon:

> preservamos desde os tempos mais remotos um registro escrito de qualquer grande ou esplêndida conquista ou evento notável que tenha chegado aos nossos ouvidos.[1]

Esse também foi o caso de Edfu, onde o estudo detalhado de Reymond revela que existia um vasto e extenso arquivo, do qual foram extraídos os extratos que os sacerdotes gravaram nas paredes do templo e que, portanto, ainda sobrevivem. Foi seguindo a trilha de pistas nesses extratos, como fizemos no último capítulo, que chegamos à Grande Esfinge, talvez o próprio "leão com rosto de homem" em que Hórus teria se transformado nos textos de Edfu.

Nesse contexto, a referência na Estela de Inventário ao fato de Khufu ter acesso aos planos da Esfinge, aos quais ele se refere quando "restaura a estátua", sugere a existência de um antigo arquivo de Gizé - talvez um arquivo que remonta à época remota em que o local foi fundado pelos "deuses" com características astronômicas distintas que, mais tarde, fariam com que todo o complexo fosse descrito como um "livro que desceu do céu". Será que esse "livro" se refere à constelação de Leão como aparecia no amanhecer do equinócio da primavera na época de 10.500 a.C. - uma constelação que "desceu do céu" em Gizé na forma da Grande Esfinge? E as três estrelas do cinturão da constelação de Órion, conforme apareciam naquela época distante, "desceram do céu" em Gizé na forma das plantas baixas das três grandes pirâmides?

Vimos que a Esfinge, ou pelo menos grande parte dela, poderia muito bem ter sido esculpida na época de 10.500 A.C. As pirâmides certamente *foram concluídas* muito mais tarde, mas acredito que foram construídas sobre estruturas preexistentes que datam da época dos deuses - deuses que os textos de Edfu nos ensinam explicitamente que eram "capazes de se unir ao céu".[2] Essas estruturas preexistentes[3] entre elas a colina natural original que ancora todo o plano e que foi posteriormente incorporada à estrutura da Grande Pirâmide.

Como os textos de Edfu preveem o trabalho dos deuses como a recriação em outras terras de seu mundo perdido, e como a principal característica dessa terra natal perdida era "um templo primitivo erguido em um monte baixo"[4], torna-se ainda mais provável que eles tenham procurado reproduzir essas características em Gizé. De qualquer forma, nenhuma autoridade menor do que o professor I.E.S. Edwards, antigo guardião do patrimônio egípcio, pode ter se perguntado se o templo de Gizé era o mais antigo de todos.

Antiguidades do Museu Britânico, era da opinião de que o monte natural, agora incorporado à Grande Pirâmide, era de fato o Grande Grande Monte Primordial que é mencionado com tanta frequência nos textos do Egito Antigo[5] - um monte, como agora entendemos, que extraía sua santidade de seu antecessor, que um dia esteve no mundo perdido dos deuses. Esse monte, diz-nos Reymond, formou "o núcleo original do mundo dos deuses na era primitiva"[6], portanto, conclui-se que o monte rochoso no coração da Grande Pirâmide e, mais tarde, a própria Grande Pirâmide, cumpriram a mesma função no projeto de ressuscitar aquele mundo perdido no Egito.

A Estela de Inventário não é, de forma alguma, o único testemunho da existência de planos antigos relacionados a esse projeto. Vimos nos textos de Edfu como esses planos faziam parte de um arquivo que se acreditava ter sido registrado por escrito pelo deus da sabedoria Thoth "de acordo com as palavras dos Sábios"[7], portanto, não é de surpreender que os antigos egípcios de épocas posteriores tenham ficado obcecados com "os livros de Thoth". ao qual eles parecem ter perdido o acesso e que passou a ser considerado como a fonte de todo o conhecimento. Vários papiros sobreviveram sobreviveram documentando buscas pelos livros de Thoth e, não surpreendentemente, sempre se diz que essas buscas ocorreram nas proximidades de Gizé e da necrópole Memphite.

Há, por exemplo, a história de Setnau-Khaem-Uast, um filho de Ramsés II, um dos grandes faraós do século XIII a.C. Ele foi informado de que um "livro escrito pelo próprio Thoth" estava escondido em uma antiga tumba perto de Gizé:

> Setnau foi até lá com seu irmão e passou três dias e três noites procurando a tumba (...) e no terceiro dia eles a encontraram [e] (...) desceram até o local onde estava o livro. Quando os dois irmãos entraram na tumba, descobriram que ela estava iluminada de forma brilhante pela luz que saía do livro.[8]

Parece haver aqui um indício de uma tecnologia antiga, que lembra a Vara subterrânea de Yima, que "brilhava com sua própria luz", ou a misteriosa iluminação da Arca de Noé, descrita no Capítulo Sete. O que parece ser os artifícios de uma tecnologia perdida também é mencionado nas tradições árabes sobre Gizé. O historiador egípcio Ibn Abd El Hakem acreditava que as pirâmides foram construídas como locais de guarda para o conhecimento antediluviano, incluindo arquivos de livros que continham:

> As ciências profundas, e os nomes das drogas e seus usos e malefícios, e a ciência da astrologia, e a aritmética e a geometria e a medicina... [e] tudo o que existe e existirá desde o início até o fim dos tempos...[9]

Hakem, que viveu no século IX d.C., não poderia saber nada sobre meta lurgy avançado ou plásticos, mas afirmou que entre os tesouros da época anterior ao dilúvio que estavam escondidos nas entranhas das pirâmides estavam

> armas que não enferrujavam e vidros que podiam ser dobrados, mas não quebrados.[10]

Ele também descreveu máquinas que guardavam esses remanescentes antediluvianos, incluindo

> um ídolo de ágata negra sentado em um trono com uma lança. Seus olhos estavam abertos e brilhavam. Quando alguém olhava para ele, ouvia de um lado uma voz que lhe tirava o sentido, de modo que ele caía prostrado sobre o rosto, e não cessava até morrer.[11]

Uma segunda máquina também tinha a forma de uma estátua:

> Aquele que olhava para ela era atraído pela estátua até ficar preso a ela, e não podia se separar dela até o momento em que morresse.[12]

Voltando às tradições dos próprios egípcios antigos, temos um texto do Papiro de Westcar, que data do Reino Médio, por volta de 1650 a.C., mas foi copiado de um documento mais antigo, agora perdido. [13]O texto faz referência a um "edifício chamado 'Inventário'", localizado na cidade sagrada que os antigos egípcios conheciam como *Innu*, que a Bíblia chama de *On* e que os gregos mais tarde tornaram famosa sob o nome de *Heliópolis.*
famosos sob o nome de Heliópolis - a "Cidade do Sol" - a onze quilômetros a nordeste de Gizé. De acordo com o papiro, "um baú de pedra" foi armazenado em Heliópolis contendo um documento misterioso que o próprio faraó Khufu teria "passado muito tempo procurando" - um documento que registrava "o número das câmaras secretas do santuário de Thoth" que Khufu desejava "copiar para seu templo".

Com o que estamos lidando aqui?

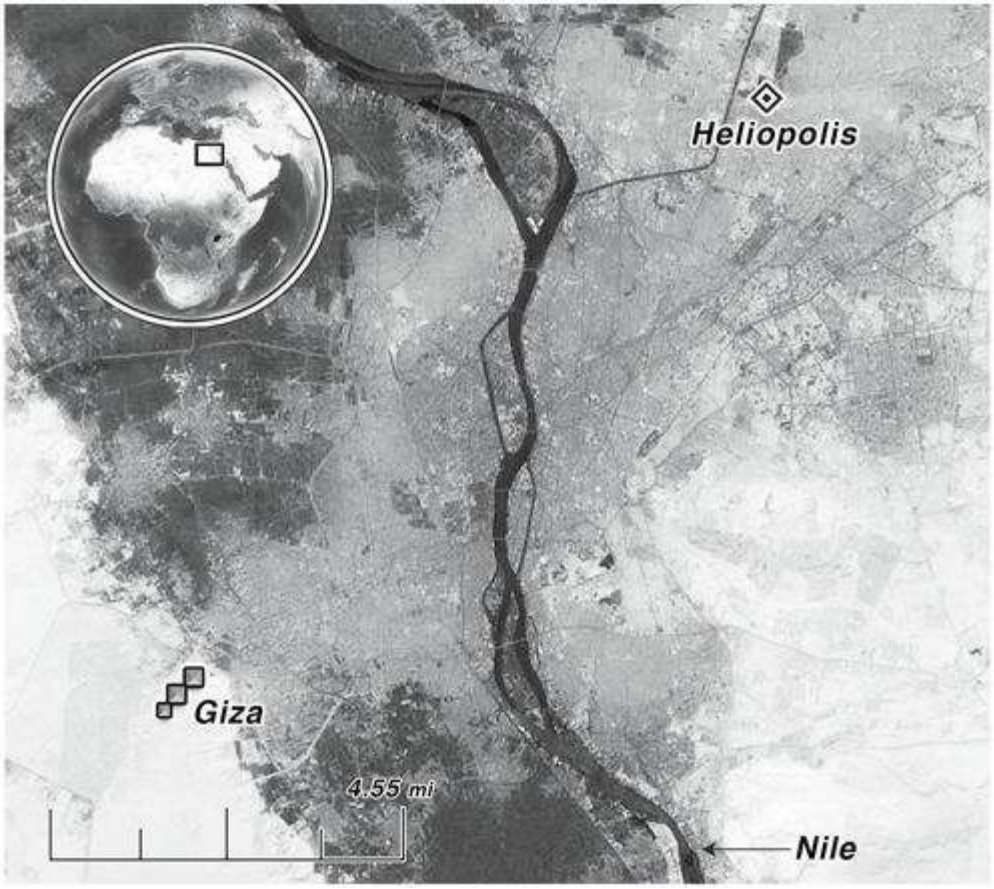


Figura 40: Heliópolis fica a cerca de onze milhas a nordeste das pirâmides de Gizé. Além de um obelisco no que hoje é o subúrbio de El Matariya, no Cairo, quase nada resta hoje da antiga "Cidade do Sol"

I.E.S. Edwards aponta que Heliópolis, o local do "Edifício de Inventário", foi um centro de ciência astronômica intimamente ligado a Gizé desde tempos imemoriais, e que o título do sumo sacerdote daquela cidade era "Chefe dos Astrônomos". [1][5] O egiptólogo F.W. Green acrescenta que o "Edifício do Inventário" parece ter sido uma "sala de gráficos" em Heliópolis "ou talvez um 'desenho sala' onde os planos eram feitos e armazenados". [16] Da mesma forma, Sir Alan H. Gardiner argumenta que "a sala em questão deve ter sido um arquivo" e que Khufu "estava procurando detalhes sobre as câmaras secretas do santuário primordial de Thoth".

Portanto, mais uma vez nos deparamos com um relato de que Khufu procurou e consultou documentos antigos para orientar seus trabalhos em Gizé. seja para restaurar a Esfinge à sua aparência original, como nos é dito na Estela de Inventário, ou para construir seu "templo" da maneira correta, incorporando um projeto antigo, como sugere o Papiro de Westcar. Essas tradições, a meu ver, fortalecem ainda mais a noção de que o que quer que Khufu e os outros faraós da Quarta Dinastia estivessem fazendo em Gizé era mais da ordem do cumprimento e da conclusão de planos que eles haviam herdado da época dos deuses - planos antediluvianos, em outras palavras - do que a implementação de algum esquema novo próprio. Em suma, eles estavam desempenhando seu papel na ressurreição do antigo mundo dos deuses. Além disso, os resultados da datação por luminescência de superfície relatados no Capítulo Dez, quando considerados em conjunto com os argumentos geológicos sobre a idade da Esfinge e de seus templos, nos convidam a considerar que esse processo se originou na época do dilúvio, em 10.500 a.C., e depois ficou praticamente adormecido. a.C., permaneceu praticamente adormecido por muitos milênios, durante os quais o conhecimento e os arquivos antigos foram mantidos por iniciados em algo parecido com um monastério, e depois foi retomado, talvez já no quarto milênio a.C., com um aumento gradual até sua conclusão e realização na época de 2500 a.C.

A existência desse colégio de iniciados é claramente sinalizada nos textos de Edfu, que falam da missão de longo prazo dos

> os Deuses Construtores, que formaram, no tempo primordial, os Senhores da Luz... os Fantasmas, os Ancestrais... que plantaram a semente dos deuses e dos homens... os Sêniores que surgiram no início, que iluminaram esta terra quando surgiram unidos.[18]

Os textos de Edfu não afirmam que esses seres eram imortais. Depois de suas mortes, dizem-nos, a geração seguinte "vinha a seus túmulos para realizar os direitos funerários em seu nome" [19] e então tomava seus lugares. Dessa forma, por meio de uma cadeia ininterrupta de iniciação e transmissão de conhecimento, os "Deuses Construtores", os "Sábios", os "Fantasmas", os "Senhores da Luz", os "Seres Brilhantes" descritos no Os textos de Edfu eram capazes de se renovar constantemente, como a fênix mítica, passando assim para o futuro tradições e sabedorias

e sabedoria provenientes de uma época anterior da Terra.

Outro nome para esses iniciados, e um nome apropriado dada a importância de Hórus em Edfu, era *Shemsu Hor* , os "Seguidores de Hórus". [20]Sob esse nome, eles estavam particularmente associados a Heliópolis/ *Innu*, a cidade sagrada onde eram mantidos os registros das câmaras secretas do santuário de Thoth. O leitor se lembrará de que, em Edfu, foram os Sete Sábios que especificaram os planos e projetos que deveriam ser usados em todos os templos futuros em toda a extensão do Egito, por isso é interessante que em Dendera, um pouco ao norte de Edfu, as inscrições nos dizem que o "grande plano" usado por seus arquitetos foi "registrado em escritos antigos transmitidos pelos seguidores de Hórus". [21]Idênticos em todos os aspectos aos "Sábios" e aos "Deuses Construtores", esses seguidores de Hórus teriam levado consigo um "conhecimento das origens divinas" do Egito [(22)]e do propósito divino dessa terra, "que uma vez foi sagrada e na qual, como recompensa por sua devoção, os deuses se dignaram a permanecer na Terra".

Pedras caídas do céu

O nexo entre os Sábios dos textos de Edfu e Gizé, Heliópolis e os Seguidores de Hórus oferece várias pistas que nos permitirão levar adiante essa investigação. Entre elas, de suma importância, está o fato de que Heliópolis, hoje um subúrbio desinteressante do Cairo, já foi o local do Templo da Fênix - conhecido no Egito Antigo como o pássaro *Bennu* -, esse famoso símbolo da ressurreição

Nesse templo, muitas vezes chamado de "Mansão da Fênix", estava guardado um objeto misterioso, há muito tempo perdido na história, uma "pedra" chamada *Benben* (uma palavra intimamente ligada etimologicamente a *Bennu*[25]), que se diz ter caído do céu e representado como a semente, o esperma, de Ra-Atum, o Pai dos Deuses. Na língua egípcia antiga, o determinante da palavra Benben, como explica um especialista explica:

> mostra uma forma afilada e um tanto cônica para a pedra Benben, que se tornou estilizada para uso na arquitetura como uma **pequena** pirâmide, o pyramidion; coberta com folha de ouro, ela era mantida no alto pela longa haste do obelisco e brilhava sob os raios do sol, a quem os obeliscos glorificavam [26].

Da mesma forma, a pedra de cobertura de cada pirâmide também era chamada de Benben [27]- um exemplo em excelente estado sobreviveu da pirâmide do faraó Amenemhat III, da Décima Segunda Dinastia, e pode ser visto no Museu do Cairo.

Inúmeras teorias foram apresentadas sobre a origem do conceito de Benben, mas a mais convincente, em minha opinião, é o trabalho de meu amigo e colega Robert Bauval, publicado pela primeira vez na revista acadêmica *Discussions in Egyptology*, em 1989, com o título "Investigation on the Origins of the Benben Stone: Seria ela um meteorito de ferro?" Semelhante a muitos outros casos de adoração de meteoritos por povos antigos, Robert argumentou:

> é provável que a pedra Benben, outrora adorada na Mansão da Fênix, fosse um meteorito. Sua forma cônica... sugere muito um meteorito de ferro orientado, possivelmente com uma massa entre 1 e 15 toneladas. Esses objetos fa len do céu eram geralmente representativos de "estrelas caídas" e provavelmente forneciam ao clero egípcio um objeto estelar tangível, uma "semente" de Ra-Atum[28].

Uma possibilidade relacionada foi considerada pelo egiptólogo R.T. Rundle Clark em 1949, em um artigo intitulado "The Origin of the Phoenix" (A origem da fênix) para o *Historical Journal da Universidade de Birmingham*. Ele chamou a atenção para a mais antiga menção sobrevivente do pássaro Bennu, que se encontra nos *Textos da Pirâmide* (Reino Antigo, Quinta e Sexta Dinastias) e diz o seguinte

> Tu [o deus Ra-Atum é mencionado] brilhaste sobre a Pedra *Benben* na Casa do pássaro *Bennu* em Heliópolis.[29]

Mas, curiosamente, a pedra de Benben, sempre mostrada em textos posteriores como um piramidion geométrico [30], é retratada nos Textos da Pirâmide como uma pedra bruta com lados ligeiramente curvos. "Esse é um fato importante", observou Rundle Clark, "pois mostra que as pirâmides não eram cópias exatas da pedra de Benben original em Heliópolis... Pode-se supor que a pedra de Benben se tornou um piramidion durante a Antiguidade. Império, mas não é possível determinar se foi influenciado pelo contorno realmente desenvolvido das pirâmides da Quarta Dinastia.[31]Ele continuou observando outra coisa que chamou minha atenção:

> A forma da pedra Benben nos [Textos das Pirâmides] é a de um omphalos ou *bétilo*, a pedra umbilical que é tão difundida na religião primitiva da Ásia... É uma lição desse texto... que a pedra Benben é um objeto *semelhante* ao *bétilo* e que foi modificada em um piramidion pela Quarta Dinastia.[32]

O que Rundle Clark parece não ter percebido em seu artigo de 1949, e que reforça fortemente o argumento posterior de Robert Bauval, é que *os bétilos*, onde quer que fossem adorados, eram nada mais nada menos que *meteoritos* - embora muitas vezes fossem meteoritos de pedra em vez de ferro. Tive a oportunidade de investigar essa questão com certa profundidade na década de 1980, quando estava pesquisando meu livro *The Sign and The Seal* com referência específica às duas tábuas dos Dez Mandamentos que se diz estarem contidas na Arca da Aliança. [33]

O erudito bíblico Menahem Haran, autor do livro autorizado *Temples and Temple Service in Ancient Israel* , argumenta de forma persuasiva que "a Arca não continha duas tábuas da lei, mas (...) um meteorito do Monte Sinai". [34]Dessa forma, a antiga adoração da Arca e de seu conteúdo se encaixa em uma tradição mais ampla, distribuída por todo o Oriente Próximo e Médio, de veneração de "pedras que caíram do céu".

céu" [35].

Um exemplo que sobreviveu ao mundo moderno é a reverência especial concedida pelos muçulmanos à sagrada Pedra Negra construída em um canto da parede da *Ka'aba* em Meca. Tocada por todos os peregrinos que fazem o *Haj* para o local sagrado, essa pedra foi declarada pelo Profeta Muhammad como tendo caído do céu para a terra, onde foi primeiramente dada a Adão para absorver seus pecados após sua expulsão do Jardim do Éden; mais tarde, foi apresentada pelo anjo Gabriel a Abraão, o patriarca hebreu; finalmente, tornou-se a pedra angular da

a *Ka'aba* - *o* "coração pulsante" do mundo islâmico.[36]

Os geólogos atribuem uma origem meteórica à Pedra Negra. [37]Da mesma forma, os *betyls* - pedras sagradas - que algumas tribos árabes pré-islâmicas carregavam em suas andanças pelo deserto eram meteoritos, e uma linha direta de transmissão cultural é reconhecida ligando esses betyls (que eram frequentemente colocados em santuários portáteis) à Pedra Negra. A linha direta de transmissão cultural é reconhecida, ligando esses *betis* (que eram frequentemente colocados em santuários portáteis) à Pedra Negra da *Ka'aba* e às "tábuas da lei" de pedra contidas na Arca. Na Europa, *os bétilos* também eram conhecidos e eram chamados de *lapis betilis*, um nome:

> de origem semítica e adotado tardiamente pelos gregos e romanos como pedras sagradas que se supunha possuírem vida divina, pedras com alma [que eram usadas] para diversas superstições, para magia e para **adivinhação**. Eram pedras meteóricas caídas do céu.[38]

Com tudo isso em mente, o interesse especial de Khufu pelo "raio" mencionado na Estela do Inventário assume um novo significado. Como o leitor deve se lembrar, a inscrição fala do "Senhor do Céu" - um epíteto para Ra-Atum - "descendo" sobre a Esfinge e infligindo o dano que Khufu repararia mais tarde, de acordo com os antigos "planos" aos quais ele tinha acesso. O fato de esse raio ser apenas um relâmpago, como sugere Selim Hassan, não faz sentido, pois a Estela de Inventário nos diz claramente que Khufu visitou o local "para *ver* o raio".

Em suma, um objeto que tenha caído do céu e que possa ser razoavelmente descrito como o resultado da "descida" do Senhor dos Céus sobre a Esfinge deve ter estado fisicamente presente ali. Um meteorito satisfaz esse contexto, mas não poderia, é claro, ter sido *o* Benben mantido em Heliópolis - pois a Mansão da Fênix e o Benben já existiam na época de Khufu. [39]A ânsia do

A ânsia do faraó em "ver o raio", no entanto, atesta a reverência especial que era concedida a essa classe de objetos,
E é natural que se pergunte a que evento específico essa reverência se refere - e até onde ela se refere.

Poderia, por exemplo, remontar à época memorializada nos textos de Edfu - a época em que a ilha dos deuses foi destruída no dilúvio cataclísmico causado pelo ataque da"serpente inimiga", tão evocativamente descrita como o "Grande Saltitante"?

Antes de tentar responder a essa pergunta, vamos examinar um pouco mais de perto a pedra Benben e o pássaro Bennu ao qual ela está associada.

O voo da Fênix

R.T. Rundle Clark, que fez um estudo aprofundado do Bennu-Phoenix, relata que os antigos egípcios acreditavam em uma "essência vital" - Hike - que havia sido trazida para sua terra:

> de uma fonte distante e mágica. A última era "a Ilha do Fogo" - o lugar de luz eterna além dos limites do mundo, onde os deuses nasciam ou reviviam e de onde eram enviados ao mundo. A Fênix é a principal mensageira dessa terra inacessível da divindade. Um Texto do Caixão faz com que a alma vitoriosa diga: "Eu vim da Ilha do Fogo, tendo preenchido meu corpo com
> *Caminhe*, como aquele pássaro que [veio e] encheu o mundo com o que ele não conhecia."[40]

Assim, a Fênix veio de muito longe, conclui Rundle Clark, "trazendo a mensagem de luz e vida para um mundo envolto no desamparo da noite primitiva. Seu voo tem a largura do mundo, 'sobre oceanos, mares e rios', para finalmente aterrissar em Heliópolis, o centro simbólico da Terra, onde anunciará uma nova era."[41]

Há muito nesse resumo que evoca os textos de Edfu - a ilha distante de onde os deuses são enviados, o retorno da luz após um episódio de escuridão primordial e a chegada a Heliópolis, onde uma nova era é iniciada.

a luz após um episódio de escuridão primordial e a chegada a Heliópolis, onde uma nova era é iniciada. De fato, a Fênix pode

quase se pode dizer que simboliza a missão daqueles "deuses" que fugiram de sua terra natal afogada com um plano de longo prazo para provocar o renascimento e a renovação do mundo anterior.

Mas os cruzamentos simbólicos são mais profundos do que isso e se tornam mais complexos. A Fênix, lembre-se, está intimamente associada não apenas à luz, mas também ao fogo. Assim, Lactâncio, escrevendo no século IV d.C., nos ensina que a Fênix:

> banha-se em águas sagradas e se alimenta de spray vivo. Depois de mil anos... ele constrói um ninho como um sepulcro, abastecido com vários sucos e odores ricos. Ao sentar-se no ninho, seu corpo fica quente o suficiente para produzir chamas que, por sua vez, queimam o corpo até as cinzas destinado a produzir um verme branco leitoso; este último adormece e então se transforma em um ovo, que eventualmente brotará como um pássaro da casca quebrada. Depois de se alimentar, ele enrola as cinzas em uma bola envolta em mirra e incenso, que o pássaro recém-nascido transporta para um altar na cidade de Heliópolis.[42]

Esse tema do fogo, da regeneração e da nova vida que emerge de uma morte ardente também aparece no antigo Irã, onde Yima construiu sua Vara e onde a Fênix era chamada de *Simorgh*. Como explica o folclorista E.V.A. Kenealy, os relatos sobre o *Simorgh* estabelecem de forma decisiva:

> que a morte e o renascimento da Fênix demonstram a sucessiva destruição e reprodução do mundo, que muitos acreditavam ser efetuada pela ação de um dilúvio de fogo.[43]

Diferentes períodos longos - 1000 anos, 500 anos, 540 anos, 7006 anos - são dados para a vida da Fênix antes que ela morra no fogo e depois se renove.[44]Há, no entanto, uma tradição forte e muito específica, transmitida, por exemplo, por Solinus no início do século III d.C., que estabelece o período da Fênix no que parece ser um número completamente arbitrário e bizarro - 12.954 anos. [45]Mas, além disso
A investigação revela que "acreditava-se que o período de retorno da Fênix correspondia ao Grande Ano" [46]e o "Grande Ano", já sabemos, é um conceito antigo ligado à Precessão dos Equinócios com seus doze "Grandes Meses" (um para a passagem do sol por cada casa do zodíaco) de 2.160 anos cada - portanto, 12 x 2.160= 25.920 anos. Esse número de 25.920 anos é, por sua vez, obviamente, muito próximo de duas vezes 12.954 anos (2 x 12.954= 25.908 anos) - muito próximo para ser uma coincidência, em minha opinião, especialmente quando
lembramos que Cícero, em seu *Hortensius,* vinculou especificamente o Ano Grande ao número 12.954. [47]

O número de 540 anos dado em outras fontes para o período da Fênix também é derivado do Ano Grande, como Giorgo de Santillana e Hertha von Dechend demonstraram em *Hamlet's Mill* , seu estudo magistral sobre o conhecimento precessional transmitido por meio de mitos. Como vimos no Capítulo Dez, o batimento cardíaco do ciclo de precessão é o número 72 - o número de anos necessários para um grau de precessão. Em seguida, adicionamos 36 (metade de 72) ao número 72 para obter 108; depois, dividimos 108 pela metade para obter 54 e, finalmente, multiplicamos 54 por 10 para obter 540. Entrei em detalhes sobre isso no livro *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses*) há vinte anos e remeto o leitor a esse livro
(48), que são encontrados em mitos e tradições antigas de todo o mundo e que Santillana e von Dechend demonstraram há muito tempo serem prova de conhecimento astronômico avançado na mais profunda antiguidade - conhecimento que eles atribuíram a uma civilização ancestral ainda não identificada e "quase inacreditável".

> O que é particularmente intrigante é a frequência com que as autoridades antigas relacionam a passagem do Ano Grande, que agora vemos estar vinculada a uma civilização ancestral ainda não identificada.

para o período da Fênix, para uma "conflagração mundial" e um "dilúvio mundial" - não necessariamente como a causa desses cataclismos, mas como um cronômetro que os registra e prevê. [50]Confrontado com esse material, apesar de todas as esquisitices e contradições com as quais ele foi sobrecarregado durante a passagem de vários **mi lênios**, sou forçosamente lembrado do cometa Younger Dryas e da conflagração e do dilúvio global que ele trouxe em seu rastro - o
global que ele trouxe em seu rastro - este último causado pelo colapso catastrófico de grandes segmentos da América do Norte e do norte da Europa. As calotas polares europeias foram atingidas por vários fragmentos grandes, sendo que o primeiro foi causado por ejetados superaquecidos que provocaram incêndios florestais nos 50 milhões de quilômetros quadrados (19,3 milhões **de** milhas quadradas) da superfície da Terra que foram diretamente afetados.

O que vai, volta

Suponha que você desejasse passar uma mensagem para o futuro, e não apenas para o futuro próximo, mas para o futuro muito distante. Seria imprudente confiar a mensagem à escrita, pois não teria certeza de que qualquer civilização daqui a 12.000 anos seria capaz de decifrar sua escrita. Além disso, mesmo que a escrita pudesse ser decifrada, o documento escrito no qual você colocou sua mensagem poderia não sobreviver à devastação do tempo. Se você estivesse realmente determinado a ser compreendido por alguma geração futura distante, talvez fosse melhor elaborar sua mensagem usando monumentos arquitetônicos gigantescos que "o próprio tempo temeria" - monumentos como as pirâmides e a Grande Esfinge de Gizé - e associar esses monumentos a uma linguagem universal, como as lentas mudanças de precessão no céu, que qualquer cultura alfabetizada em astronomia seria capaz de ler.

Idea ly, além disso, sua mensagem deve ser simples.

Vimos no Capítulo Dez como a área de Gizé-Heliópolis-Mênfis se encaixa perfeitamente como um dos novos domínios sagrados que os textos de Edfu nos dizem que foram estabelecidos em vários locais pelas "companhias" errantes de deuses que buscavam trazer a ressurreição do antigo mundo destruído no dilúvio. É, além disso, um domínio que justifica plenamente a descrição de "um livro descido do céu". E quando "lemos" esse livro, escrito na "escrita" da precessão com a "caneta" da arquitetura megalítica, ele nos obriga a olhar para a *época* de 10.500 a.C. - não uma data exata, porque o "relógio" de precessão dá indicações que são muito gerais para nos permitir especificar "segundos" ou até mesmo "minutos", mas definitivamente para a época de 10.500 a.C., ou seja, cerca de 12.500 anos atrás. As mesmas configurações astronômicas gerais simbolizadas no solo pelos grandes monumentos de Gizé teriam se mantido durante a maior parte de 500 anos antes de 10.500 a.C. e por cerca de 1.000 anos depois.

Em outras palavras, como vimos, a "mensagem" dos monumentos resume exatamente o episódio cataclísmico do Younger Dryas, que começou de forma repentina e chocante com o impacto de vários fragmentos de um cometa gigante por volta de 10.800 a.C., ou seja, há cerca de 12.800 anos, e que terminou de forma igualmente repentina - ainda não sabemos o motivo - por volta de 9600 a.C., ou seja, há cerca de 11.600 anos. A explicação mais provável é que a Terra interagiu novamente em 9600 a.C. com o fluxo de detritos do mesmo cometa fragmentador que causou o início do Younger Dryas em 10.800 a.C. A.C. Na segunda ocasião, entretanto, os efeitos dos impactos foram o aquecimento global e não o resfriamento global.

Com os cometas, assim como com a mítica Fênix, o que vai, volta.

Como estão em órbita, eles retornam aos nossos céus em intervalos cíclicos - alguns tão curtos quanto 3,3 anos (como o Cometa Encke, por exemplo), alguns mais longos que 4.000 anos (como o Cometa Hale-Bopp), alguns até mesmo com dezenas de milhares de anos.

Assim como a mítica Fênix, os cometas também passam literalmente por um processo de "renovação" - na verdade, "renascimento" - a cada aparição em nossos céus. Isso se deve ao fato de que os núcleos dos cometas são geralmente inertes e totalmente escuros enquanto viajam pelo espaço profundo, não produzindo nenhum "coma" brilhante característico e uma "cauda" cintilante. No entanto, quando um cometa se aproxima do Sol (e, portanto, também da Terra), os raios solares fazem com que os materiais voláteis enterrados em seu interior entrem em ebulição, produzindo jatos de gás - os cientistas chamam o processo de "desgaseificação" - e lançando milhões de toneladas de poeira e detritos excepcionalmente finos para formar a coma e a cauda.

Por último, mas não menos importante, os cometas emissores de gases, como o Phoenix, têm a aparência de serem consumidos em chamas. Além disso, a colisão de grandes fragmentos de cometas com a própria Terra, como os cientistas que estudam o evento de impacto Younger Dryas de 12.800 anos atrás indicaram de forma tão gráfica, pode resultar em conflagrações em escala continental, seguidas, se os impactos ocorrerem em camadas de gelo, de inundações globais.

É possível, de fato altamente provável, que ainda não tenhamos terminado com o cometa que mudou a face da Terra entre 10.800 a.C. e 9600 a.C. Para ser bem claro, como veremos no Capítulo Dezenove, alguns suspeitam que o "retorno da Fênix" ocorrerá em nosso próprio tempo - de fato, antes ou até o ano de 2040 - e há o perigo de que um dos objetos em sua corrente de detritos possa ter até 30 quilômetros (18,6 milhas) de diâmetro. Uma colisão com um fragmento de cometa tão grande significaria, no mínimo, o fim da civilização como a conhecemos e, talvez, até mesmo o fim de toda a vida humana neste planeta. Suas consequências seriam ordens de magnitude mais devastadoras do que os impactos do Younger Dryas há 12.800 anos, que nos deixaram como espécie com amnésia, obrigados a recomeçar como crianças sem memória do que aconteceu antes.

Ou melhor, com *quase* nenhuma memória.

Porque em nosso início, novamente, parece que tivemos a orientação, a liderança, os ensinamentos e a alta sabedoria dos "Sábios", "os Brilhantes" - aqueles "Magos dos Deuses" - que sobreviveram desde os tempos antediluvianos e cuja missão era garantir que nem tudo estivesse perdido. Não faz sentido que eles tenham se esforçado tanto para escrever a época de 10.500 a.C. em Gizé apenas para dizer que estavam lá. Sugiro que a ciência de sua civilização era alta o suficiente para que eles entendessem exatamente o que havia acontecido com o mundo e para prever quando isso aconteceria novamente.

Em resumo, acho que o objetivo deles pode ter sido nos enviar uma mensagem.

Analisaremos mais profundamente essa mensagem e suas implicações em capítulos posteriores, mas primeiro há outra trilha de pistas a seguir, uma trilha que pode nos levar mais perto dos "Magos" e de sua "magia".

Parte V

Pedras

Capítulo 12
Baalbek

Aterrissamos no Aeroporto Internacional de Beirute no final da noite de 9 de julho de 2014. O nome do aeroporto é uma homenagem ao ex-primeiro-ministro Rafic Hariri, que foi assassinado em 14 de fevereiro de 2005 quando sua comitiva passou por uma van Mitsubishi estacionada do lado de fora do Saint George Hotel, na elegante orla marítima mediterrânea da cidade, conhecida como Corniche. A van continha um jovem homem-bomba (ou assim sugerem as evidências fragmentárias de DNA) e cerca de 1.800 quilos de TNT. Vinte e três pessoas, entre elas Hariri, vários de seus guarda-costas e seu amigo íntimo e ex-ministro da Economia Bassel Fleihan, foram mortos.

Entre os suspeitos de organizar o massacre estão membros do alto escalão do Hezbollah, o grupo político e militante xiita que controla a cidade de Baalbek, no Vale do Bekaa, onde há algumas ruínas antigas intrigantes que estou determinado a ver nessa visita de pesquisa ao Líbano. O próprio Hezbollah culpa Israel. Além disso, alguns suspeitam que o presidente Bashar al-Assad da Síria esteja diretamente envolvido.[1]

A fronteira síria corre ao longo da borda leste do Vale de Bekaa e muito perto da própria Baalbek, que foi atingida por mísseis em junho de 2013 e onde há repetidos incidentes violentos.

2013 e onde há repetidos incidentes violentos. [2]Com a terrível guerra civil síria ainda em andamento e o grande número de refugiados aumentando o estado geral de caos e instabilidade, fomos aconselhados a nos manter afastados. Mas há anos eu queria conhecer Baalbek e me sinto ainda mais atraído pelas ruínas de lá depois do que aprendi pesquisando sobre o Egito Antigo.

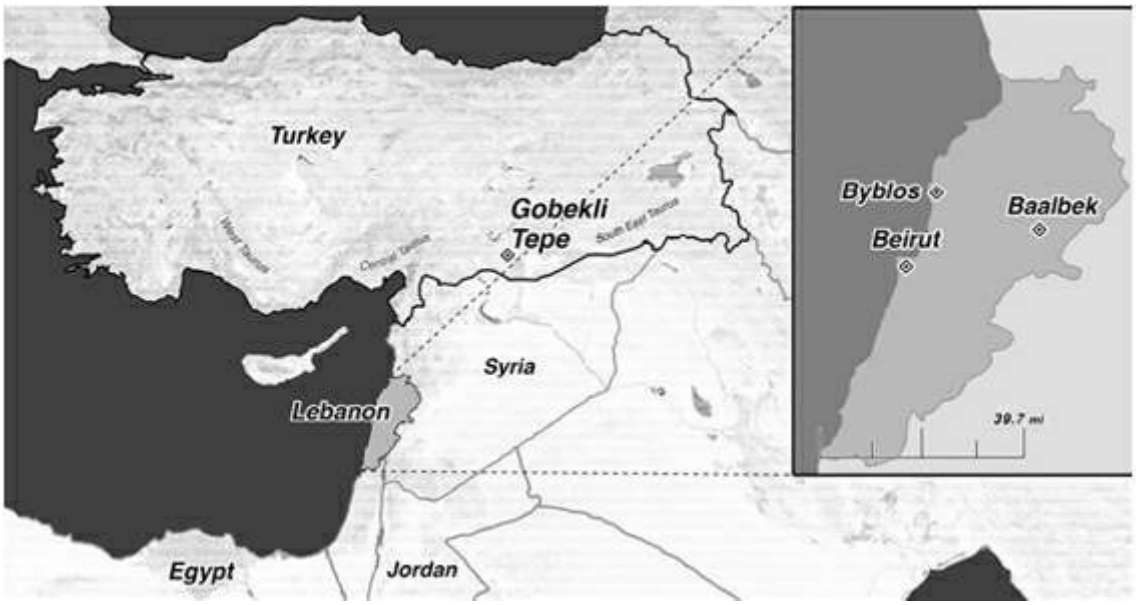


Figura 41: O Líbano em seu contexto regional.

Há, como você pode ver, várias conexões intrigantes e eu as tenho muito em mente, tendo relido minhas anotações durante o voo, enquanto Santha e eu descemos do avião para a pista e entramos no terminal. O ar noturno é quente, mas uma brisa refrescante sopra do Mediterrâneo, e eu me vejo ansioso pelas aventuras que estão por vir.

Nosso primeiro encontro é com a burocracia na forma de um oficial de imigração vestindo um uniforme cinza com uma camisa de gola aberta. Ele é jovem, mas tem uma aparência pálida e pouco saudável e um olhar desconfiado e sem barba. Na verdade, ele é *extremamente* desconfiado, como deixa claro cada vez que olha para o meu passaporte e me encara antes de voltar ao seu exame forense das páginas. Meu passaporte contém 41 páginas com espaço para vistos e eu viajo com frequência, portanto, há carimbos de todo o mundo - Malásia, Indonésia, Austrália, África do Sul, Índia, Estados Unidos, Brasil, Bolívia, Peru, Egito, Emirados Árabes Unidos, Canadá, Turquia... O jovem policial estuda cada carimbo minuciosamente, folheando lentamente as páginas da frente para trás, olhando para mim, voltando ao

investigação, olhando para mim novamente. Depois de chegar à última página, ele repete o procedimento, dessa vez folheando de trás para frente.

Eu sei o que ele está procurando - um carimbo de visto para Israel, cuja presença o impedirá de entrar. Ele não encontrará nenhum. Embora minha pesquisa tenha me levado a Israel várias vezes, sempre tomo o cuidado de obter os carimbos de entrada e saída em uma folha de papel solta colocada dentro do meu passaporte, e não no próprio passaporte. Além disso, minha última visita foi em 1999 e, desde então, troquei meu passaporte duas vezes, portanto, não há motivo para preocupação. Mesmo assim, tenho que admitir que me sinto desconfortável com esse escrutínio intenso e contínuo.

Depois de examinar o passaporte pela terceira vez, o policial me lança outro olhar hostil e pergunta: "Por que você veio ao nosso país?" "Turista", respondo.

Sei, por longa experiência, que dizer qualquer coisa sobre a pesquisa de um livro pode levar a todos os tipos de problemas e suspeitas adicionais que é melhor evitar.

Ele levanta uma sobrancelha cética. "Turista?"

"Sim. Turista."

"E você vê o quê, em nosso país?"

Estou pronto para a pergunta. "Beirute. A bela Corniche. Ouvi dizer que há ótimos restaurantes. Depois, vamos para Byblos e, claro, para Baalbek."

A sobrancelha se ergueu novamente. "Baalbek?"

"Sim, é claro! Não perderia isso por nada". Pelo menos isso é verdade. "Os templos. As grandes pedras. Ouvi dizer que é uma das maravilhas do mundo."

De repente, um sorriso. "Maravilhoso, sim! Eu sou de Baalbek. Minha cidade natal." Ele carimba meu passaporte com um floreio e escreve algo à mão sobre o visto. "Bem-vindo ao Líbano", diz ele.

Agora é a vez de Santha, mas com o gelo quebrado, o funcionário só folheia as páginas de seu passaporte uma vez antes de carimbá-lo e nos encaminhar para o depósito de **bagagens**.

Poço das Almas

No trajeto do aeroporto até o hotel, passamos pelo local onde Rafic Hariri foi assassinado. Os estragos foram removidos há muito tempo, é claro, tudo parece muito chique e, apesar da hora tardia, ainda há muitas pessoas, a maioria jovens, a maioria vestida de forma elegante, passeando ao longo da Corniche com vista para as águas cintilantes do Mediterrâneo, nas quais as luzes da rua e as estrelas se refletem de forma agradável. Em meio a essa cena, é difícil imaginar a violência que essa cidade testemunhou nos últimos quarenta anos, e meus pensamentos se voltam novamente para os motivos pelos quais viemos para cá.

Enquanto pesquisava o Egito e os indícios de uma antiga missão civilizatória após um cataclismo global descrito nos textos de Edfu, encontrei algo estranho que parece sugerir uma possível ligação entre os monumentos megalíticos do planalto de Gizé e o Líbano.

Há alguns milhares de anos, o Líbano formava o setor norte da terra a que a Bíblia se refere como Canaã, que também incluía a região abrangida, grosso modo, pelo moderno Israel, os Territórios Palestinos, o oeste da Jordânia e o sudoeste da Síria. O que me interessa é que tanto em Israel quanto no Líbano há misteriosas estruturas megalíticas em uma escala que não apenas rivaliza com as de Gizé, mas parece expressar o mesmo propósito subjacente de criar algo que duraria - montes sagrados, lugares santos, que resistiriam ao teste do tempo e que continuariam a ser venerados ao longo dos tempos, mesmo que as religiões e culturas associadas a eles mudassem.

O Monte do Templo em Jerusalém é um desses lugares. Tanto a arqueologia ortodoxa quanto o testemunho bíblico colocam a construção dos primeiros grandes edifícios no local na época quase mítica do Rei Salomão - aquele renomado mágico entre os monarcas, que supostamente governou no século X A.C. A estrutura conhecida como Templo de Salomão, o "Primeiro Templo" dos judeus, foi destruída pelos romanos. Babilônios em 587 a.C. e reconstruído por Zorobabel na década de 520 a.C.[3]Outra restauração ambiciosa foi empreendida pelo monarca judeu romanizado Herodes, o Grande, no século I a.C. e concluída por volta de 20 a.C.[4]Cerca de noventa anos após sua morte, o Templo de Herodes, por sua vez, foi destruído pelos romanos, juntamente com grande parte da cidade de Jerusalém, em 70 d.C.[5]

O que sobreviveu foi a imensa plataforma trapezoidal, conhecida hoje como *Haram esh-Sharif*, onde se encontra a Mesquita de Al Aqsa e o Domo da Rocha, o terceiro e o quarto lugares mais sagrados do Islã.[6]Não precisamos nos preocupar aqui com a história recente desse lugar ou como ele chegou às mãos dos muçulmanos, mas a Cúpula da Rocha é assim chamada porque em seu interior se encontra um enorme megálito, conhecido pelos judeus como a *Shetiyah* (literalmente a "Fundação"). Quando o Templo de Salomão foi erguido nesse exato local, no século X a.C., o *Shetiyah* formava o piso do Santo dos Santos e da Arca da Aliança, esse objeto enigmático que investiguei extensivamente em outro livro, estava sobre ele.[7]

O *Shetiyah* não é o único megálito em Jerusalém que data, potencialmente, do que os textos de Edfu chamariam de "o tempo dos deuses". É claro que essa enorme rocha natural esteve nesse lugar, no topo de um monte primitivo, bastante semelhante à colina natural que hoje se encontra dentro da Grande Pirâmide de Gizé, por um período incalculável. Mas em algum momento, talvez na data do século X a.C. que

Os arqueólogos aceitam que o Templo de Salomão, talvez mais tarde, talvez muito mais cedo, tenha sido modificado por seres humanos e agora há um buraco cortado nele que lança um feixe de luz para a caverna natural, também modificada por mãos humanas e evocativamente conhecida como o "Poço das Almas", que fica diretamente abaixo dele.

Já estive no Poço das Almas várias vezes. Se ele não tem o poder atmosférico bruto da Câmara Subterrânea sob a Grande Pirâmide, é apenas porque o mau gosto local permitiu que o Poço das **Almas** fosse revestido de azulejos, carpetes, mobiliado e iluminado como uma sala de oração. Mas a maneira como a grande rocha que a cobre foi cortada e modelada lembra muito os padrões encontrados nas superfícies talhadas na rocha em Gizé. Em resumo, minha suposição, como em Gizé, com sua câmara subterrânea sob uma colina natural, é que a rocha e o We **l** formaram o santuário sagrado original em torno do qual tudo o mais no Monte do Templo de Jerusalém foi construído.

O que veio em seguida foi uma plataforma, solidamente fundada, de pedras gigantescas, para criar a superfície nivelada e elevada sobre a qual todos os templos (e mesquitas) posteriores seriam construídos. Não é minha intenção explorar os mistérios de Jerusalém aqui, mas antes de passar para Baalbek, o foco principal do presente capítulo, vou simplesmente registrar a surpresa com o fato de que os enormes blocos megalíticos que foram descobertos no chamado Túnel Hasmoneano, situado ao norte e diretamente estendendo o famoso Muro das Lamentações - blocos que pesam, em alguns casos, mais de mais de 500 toneladas[8]- foram tão prontamente assumidos como obra de Herodes.

Da mesma forma, supõe-se que os gigantescos blocos megalíticos de Baalbek, muito semelhantes, sejam de data relativamente recente - entre o final do século I a.C. e a segunda metade do século I d.C. - e que sejam obra dos romanos, talvez com alguma contribuição inicial do próprio Herodes. [9]Mas, assim como a história do platô de Gizé foi forçada a ficar entre limites estreitos e restritivos, o mesmo ocorreu com Baalbek. Partes dela podem ser muito mais antigas do que se acredita atualmente.

O que me levou a considerar essa possibilidade - na verdade, a razão pela qual estou em Beirute em julho de 2014 e prestes a dar uma volta pelo Vale do Bekaa, pelo Hezbollah e pela fronteira com a Síria - é a estranha conexão que encontrei ligando Gizé à antiga Canaã e ao antigo povo semita conhecido na Bíblia como cananeus.

O mágico entre os deuses

Selim Hassan (1887-1961) era o que um verdadeiro egiptólogo deveria ser: apaixonado, erudito, profundamente versado em seu assunto e com a mente aberta. Ele também era um escavador prático e, na década de 1930, realizou a investigação mais minuciosa e detalhada de praticamente todas as principais estruturas do Planalto de Gizé. No processo, enquanto escavava o recinto da Esfinge, ele encontrou evidências da presença cananeia em Gizé - na verdade, um assentamento cananeu de longo prazo - que, por algum motivo, tinha sido particularmente focado na Esfinge e em seus templos megalíticos. "Como essas pessoas se estabeleceram no Egito, e por que e quando saíram, ainda não temos inscrição escrita para nos dizer", admite Hassan. [10]O fato de que eles estavam lá pelo menos desde a Décima Oitava Dinastia (1543 a.C. a 1292 a.C.) está bem comprovado, mas não se pode descartar a possibilidade de que sua permanência no Egito tenha sido muito anterior a essa época.

De qualquer forma, foram encontradas inúmeras estelas votivas e outras marcas de respeito à Grande Esfinge de Gizé, inscritas e oferecidas por membros dessa comunidade cananeia. Já vimos que a Esfinge foi identificada com o deus egípcio Hórus, que podia aparecer em várias formas, mas na maioria das vezes como um falcão. Interessante, então, é o fato de que a Esfinge nas inscrições cananeias é chamada de *Hurna* e, às vezes, *Hauron*. Essas palavras não são de **fato** egípcias, mas sim nomes de uma divindade falcão cananeia. [11]O leitor também se lembrará do Capítulo Dez que os antigos egípcios frequentemente chamavam a Esfinge de *Hor-em-Akhet* ("Hórus no Horizonte"). Acontece que esse nome está diretamente ligado a *Hurna* em várias inscrições, não apenas deixadas por membros da comunidade cananeia que se estabeleceram perto de Gizé, mas também pelos próprios egípcios antigos - por exemplo, uma placa de Amenhotep II em que o faraó é chamado de "amado de *Hurna-Hor-em-Akhet*".[12]

Selim Hassan comenta sobre "a assimilação dos nomes *Hurna* e *Hor-em-Akhet*" na placa de Amenhotep, o que confirma de forma sucinta o uso do "nome do deus *Hurna* no Egito e sua associação com *Hor-em-Akhet* e sua aplicação à Esfinge". [13]Da mesma forma, uma estela encontrada em Gizé diz: "Adoração a *Hor-em-Akhet* em seu nome de *Hurna*... Tu és o único que existirá**.** [14]E uma segunda estela de Gizé representa *Hurna* na forma de um falcão ao lado de uma inscrição que diz: "[15]Christiane Zivie-Coche, diretora de estudos religiosos da *Ecole pratique des hautes études* em Paris, acrescenta que a variante *Hauron* também era usada com frequência da mesma forma:

> Hauron estava tão intimamente associado a *Hor-em-Akhet*, nome da Grande Esfinge de Gizé (...) que as pessoas se dirigiam a ele indiferentemente como *Hor-em-Akhet*, *Hauron* ou *Hauron-Hor-em-Akhet*.[16]

O que realmente chamou minha atenção, no entanto, e me colocou no avião para Beirute, foi uma observação adicional de Zivie-Coche. "Um epíteto em uma estatueta da Esfinge", relatou ela:

indica que *Hauron* é originário do Líbano.[17]

Intrigante, também, à luz do trabalho civilizatório dos "Sábios" e "Magos", dos quais há tantos traços nos textos de Edfu e nas inscrições da Mesopotâmia, é uma tábua de argila cozida da antiga cidade de Ugarit, na costa mediterrânea do que hoje é a Síria, um pouco ao norte de Byblos, no Líbano. *Hauron* é o tema da tábua e, exatamente como os sábios Apka lu da Mesopotâmia, ele é retratado como um "conjurador"[18]- de fato, observa o egiptólogo Jacobus van Dijk, como:

> o mágico entre os deuses...[19]

Com mais ecos dos Apkallu, a "magia" *de Hauron* consiste no que soa aos ouvidos modernos como conhecimento científico avançado, nesse caso fornecendo antiveneno, extraído "de entre os arbustos da árvore da morte" [20]que curou a vítima de uma mordida mortal de cobra. Lemos que o veneno foi neutralizado, de modo que "enfraqueceu" e "fluiu como um riacho" [21].

E há algo mais - algo que aponta diretamente para Baalbek com seus megalíticos misteriosos - pois não apenas a *Hauron/Hurna* era adorado em Gizé e assimilado à Esfinge e ao falcão Hórus, mas Baal, a divindade cananeia que deu nome a Baalbek,[22]também tinha um culto no Egito, onde era associado a Set, o deus dos desertos e das tempestades.[23]

Por último, mas não menos importante, há o fato de que Baalbek foi rebatizada de "Heliópolis" - grego para "Cidade do Sol" - depois de Alexandre, o Grande conquistou o Levante e a Síria em 332 a.C.[24]O leitor se lembrará do Capítulo Onze que *Innu*, a cidade sagrada dos antigos egípcios, onde ficava o Templo da Fênix, frequentado pelo sacerdócio de Gizé, também era chamada de "Heliópolis" pelos gregos. Eles se referiam a ela como tal pelo menos desde a época de Heródoto, no século V a.C.(25) a.C.[25]e os romanos seguiram o exemplo. Da mesma forma, Baalbek continuou a ser chamada de "Heliópolis" durante toda a época romana.

Seguindo os passos de Alexandre, Pompeu anexou o Levante e a Síria em 64 a.C. e o poder romano aqui atingiu seu apogeu nos séculos I e II d.C., quando uma estátua de "Júpiter, o Altíssimo e o Grandíssimo de Heliópolis" estava no pátio do grande templo que os romanos construíram em Baalbek em homenagem a esse deus. [26]Além de seus atributos romanos usuais, a estátua, que pode ser visto hoje no Museu do Louvre em Paris, exibe um disco solar alado em seu peito - uma possível referência, argumenta Friedrich Ragette, ex-professor de arquitetura da Universidade Americana de Beirute, "ao deus da Heliópolis egípcia".[27]

Não foi até as conquistas árabes no século VII d.C. que o nome cananeu original d.C. que o nome cananeu original "Baalbek" começou a reaparecer nos anais levantinos, e foi só então que a designação greco-romana da cidade como "Heliópolis" **caiu** totalmente em desuso. [28]

Faixas entre o Líbano e o Anti-Líbano

Na manhã seguinte à nossa chegada tardia em Beirute, amigos libaneses gentilmente se juntaram a nós no hotel para nos levar a Baalbek. Durante o café, antes de partirmos, eles nos falam de nossa boa sorte: há uma calmaria nos combates na Síria, tudo está calmo ao longo da fronteira e eles não esperam problemas.

Vista à luz do dia, a capital libanesa é quase tão charmosa e bela quanto era à meia-noite. Cento e vinte mil pessoas foram mortas nesse país durante a terrível e prolongada guerra civil entre 1975 e 1990, mas a cidade, que foi o foco de grande parte dos combates, parece ter deixado esse episódio horrível para trás. A maioria dos buracos de bala, estilhaços e ferimentos de explosão nos prédios foi consertada, há muitas construções novas em andamento e a atmosfera é de otimismo e empreendimento vigoroso. Sim, há tristeza no ar - é inevitável depois de tantos assassinatos e caos -, mas a sensação que tenho é de uma nação que está se recuperando de seu trauma, não se afundando nele, cheia de jovens brilhantes e inteligentes que estão determinados a seguir em frente.

Figura 42

O tráfego é intenso à medida que subimos os íngremes contrafortes das montanhas do Líbano, a leste da capital. São apenas 86 quilômetros (cerca de 53 milhas) até Baalbek, mas há frequentes postos de controle militar, onde somos filtrados por chicanas e inspecionados por soldados atentos e fortemente armados. Inevitavelmente, isso nos deixa mais lentos. As vistas, no entanto, ficam cada vez mais espetaculares, com o Mediterrâneo brilhando atrás de nós e as grandes cordilheiras verdes e arborizadas da cordilheira do Líbano surgindo à nossa frente. A estrada se enrola em várias curvas fechadas acima de quedas vertiginosas, o ar se torna notavelmente mais frio e a paisagem mais árida. Em seguida, passamos por cima da passagem de Dahar el Baydar, a uma altitude de 1.556 metros (5.100 pés), e descemos pelo outro lado, com a ampla extensão intensamente cultivada do Vale de Bekaa se abrindo abaixo de nós. Passamos pela borda da expansão urbana de Zahle, famosa por sua vinícola Ksara, e logo estamos percorrendo o Bekaa propriamente dito, embora seja realmente um platô e não um vale.

va ley, pois sua elevação média é de mais de 1.000 metros (3.280 pés) acima do nível do mar.

Limitada a oeste pelas montanhas do Líbano, por onde acabamos de passar, e a leste pela cordilheira do Anti-Líbano, a Bekaa é banhada por dois rios históricos: o Litani e o Orontes. Quando os romanos colonizaram a região há dois mil anos, esse platô fértil era um de seus celeiros, exportando grãos para alimentar o império. Atualmente, a cannabis é uma cultura mais lucrativa, embora esteja praticamente oculta. No interesse de manter os agricultores locais satisfeitos, as autoridades geralmente fazem vista grossa.

Depois de mais trinta ou quarenta minutos dirigindo em um trecho longo e reto da estrada, com campos cultivados em ambos os lados, entramos nos arredores de Baalbek, na borda dos **pés** do Anti-Líbano. É uma cidade decadente com lojas, escritórios e prédios de apartamentos baixos em ruínas, muitos deles enfeitados com a bandeira do Hezbollah, com um braço erguido na extremidade do qual há uma mão cerrada em um punho com um fuzil de assalto AK-47. A mão, o braço e o Kalashnikov emergem de uma linha de caligrafia que soletra o nome do Hezbollah - "Partido de Deus". Outras letras dizem: "Então, certamente o partido de Alá será o triunfante" e, separadamente, "a resistência islâmica no Líbano". A cor de fundo das bandeiras é um amarelo estridente, enquanto o logotipo e a caligrafia são destacados em verde.

As modas e as preferências em relação aos deuses vêm e vão, mas a paisagem sagrada perdura. Em uma eminência acima da cidade, podemos ver claramente os restos espetaculares, as colunas altas e os frontões elevados do grupo de três templos romanos que deram tanto renome a Baalbek no mundo antigo. Dedicados, supostamente, a Júpiter, Baco e Vênus, eles foram construídos em uma escala maior e mais imponente do que quase todas as outras estruturas romanas, inclusive as da própria Roma. No entanto, o que realmente me interessa é a parede megalítica que circunda o Templo de Júpiter em três lados e, em particular, os três blocos gigantescos, conhecidos como Trilithon, que estão embutidos nela. Muito do que aprendi sobre o Trilithon em minha pesquisa anterior me levou a suspeitar que ele pode ser mais antigo - muito mais antigo - e dedicado a um propósito muito mais enigmático do que qualquer coisa que os romanos construíram aqui.

Agora é a minha chance de descobrir.

Séculos de escuridão

O sol do meio da manhã está batendo em um céu azul claro e absolutamente sem nuvens e estou sentado em um grande bloco de calcário, mais ou menos no meio do que já foi o Templo de Júpiter. Digo "outrora" porque há muito pouco desse edifício imponente de pé agora, a não ser as seis imensas colunas que se erguem para o céu com a largura de um campo de futebol atrás de mim - as últimas seis de um total de cinquenta e quatro que originalmente demarcavam o exterior da vasta estrutura retangular. Esse local é tão grande, o complexo de templos é tão colossal e, ao mesmo tempo, tão arruinado que estou achando difícil me orientar. Além disso, tenho que confessar que os longos ecos da artilharia distante, pontuados por tosses rápidas e gaguejantes de metralhadoras pesadas e uma explosão ocasional muito alta, são um pouco desconcertantes.

OK, penso eu, deliberadamente fechando meus ouvidos para os sons que, quase certamente, são apenas os militares libaneses praticando alguns disparos, vamos descobrir o que temos aqui. Olho por cima do ombro e, quando o faço, estou olhando mais ou menos para o sudeste, através das seis grandes colunas que ficam na borda da enorme plataforma em que estou, através de uma praça afundada, para a fileira de uma dúzia de colunas que alinham o perímetro norte do menor, porém mais intacto e ainda muito bonito Templo de Baco, o deus romano do vinho.

Não estou aqui para pesquisar ou escrever sobre a arquitetura romana, **mas** ainda assim estou impressionado. Os romanos não apenas tiveram o senso de diversão de dedicar um templo ao vinho e a todos os seus prazeres - atos alegres de licenciosidade sexual aconteciam regularmente em seu interior -, mas também, não vamos fazer rodeios, essas pessoas realmente sabiam como *construir*! As colunas em si são feitos extraordinários da arquitetura megalítica, e os romanos parecem não ter tido dificuldade em transportar os blocos pesados do frontão, cada um pesando dezenas de toneladas -e, em alguns casos, centenas de toneladas - até o topo delas.

Portanto, vamos esclarecer isso desde o início, porque há muita besteira ignorante falada sobre o assunto: os romanos eram construtores *incrivelmente* talentosos e eram absolutamente capazes de mover e colocar blocos de pedra monstruosamente enormes e pesados. Se há um argumento a ser feito em favor de uma civilização perdida em Baalbek, ele não pode ser baseado no peso dos blocos ou em noções ingênuas e mal informadas sobre o que os romanos podiam ou não fazer, porque no campo da construção, as evidências ao meu redor confirmam que eles podiam fazer praticamente qualquer coisa que quisessem.

Uma das coisas que eles faziam com frequência era construir seus templos em locais sagrados pré-existentes. Seu objetivo não era obliterar os deuses e as religiões indígenas (como os espanhóis tentaram fazer no México, por exemplo, quando instalaram igrejas no local dos templos astecas), mas sim associar os deuses e a religião de Roma de forma positiva com o que havia antes. Em geral, os cultos pré-romanos continuaram a florescer e as divindades pré-romanas foram honradas e absorvidas em um sincretismo rico, criativo e infinitamente proliferante. No entanto, para aqueles que fazem o trabalho arqueológico forense para tentar estabelecer exatamente quem foi responsável pelo quê e quando, essa prática de construção excessiva inevitavelmente apresenta alguns desafios - especialmente, como no caso de Baalbek, quando outras culturas posteriores e a devastação do tempo também modificaram continuamente o local.

No final da era romana, coisas ruins começaram a acontecer aqui. O ponto de virada foi a conversão de Roma, sob o comando do imperador Constantino (306-37 d.C.), à nova religião fanática e exclusivista do cristianismo. Os militantes dessa fé concentraram seus olhares primeiramente no Templo de Vênus, descrito pelo cronista cristão Eusébio como "uma escola para aprender práticas sensuais", onde os iniciados se entregavam a "[29] Constantino deu ordens para que o templo fosse completamente destruído (o que não aconteceu). [30] Juliano, o Apóstata (361-3 d.C.), detestou o cristianismo e restabeleceu os antigos deuses. Em seguida, Teodósio (379-95 d.C.) assumiu o trono e os cristãos voltaram ao poder com uma vingança. "Constantino, o Grande, contentou-se em fechar os templos", relata o *Chronicon Paschale*:

> mas Teodósio os destruiu. Ele transformou em uma igreja cristã o templo de Heliópolis, o de Baal-Helios, o Grande Sol-Baal, o célebre Trilithon.[31]

Algumas centenas de anos depois, teve início a era islâmica. Por volta de 664 d.C., Baalbek foi sitiada e capturada por um exército muçulmano que converteu o Templo de Júpiter e o Templo de Baco, imediatamente ao sul, em uma única grande fortaleza. Várias facções mantiveram Baalbek e continuaram a fortificá-la (de fato, até hoje, ela **é** frequentemente chamada em árabe de *Kala'a*, que significa "fortaleza"[32]). Nesse processo, é claro, os templos antigos sofreram mais destruição. Em 902 d.C., os Karmates, uma seita xiita dissidente, sitiaram e destruíram os templos antigos.
capturaram Baalbek, massacrando os defensores. Os fatimitas a tomaram em 969 D.C. Quatro anos mais tarde, um general muçulmano chamado Zamithes chegou com um enorme exército e seguiu-se outro cerco e massacre devastadores.[33]

Um exército greco-cristão incendiou Baalbek em 996; em 1100, a cidade estava nas mãos do seljúcida Tadj Eddolat Toutoush. Em 1134 Em 1134, foi sitiada por Zinki, que "durante três meses lançou uma tempestade de projéteis sobre suas muralhas" usando "quatorze catapultas que funcionavam dia e noite".

Em 1158, Baalbek foi atingida por um terremoto de "violência sem igual" que "destruiu a fortaleza e os templos". Noureddin, filho de Zinki, "apressou-se em ir a Baalbek para reparar os danos que o terremoto havia causado às muralhas".

Em 1171, uma força de cruzados europeus capturados que estavam sendo mantidos prisioneiros na fortaleza organizou um levante, no qual massacraram a guarnição e tomaram posse da cidadela, mas logo foram massacrados por um exército muçulmano que invadiu o local

por uma passagem subterrânea. Em 1176, os cruzados estavam de volta. Eles atacaram e saquearam Baalbek. Logo depois, em 1203, houve outro grande terremoto que causou mais danos extensos.[36]

Em 1260, o sultão tártaro, Holako, sitiou Baalbek, capturou-a e a destruiu. "Nem mesmo as fortificações foram poupadas" - um
Essa foi uma loucura da qual os tártaros se arrependeram quando o rei Daher Bibars os atacou e os expulsou. Ele ordenou que a fortaleza de Baalbek - que, não nos esqueçamos, era o local dos antigos templos - fosse imediatamente reconstruída e suas muralhas reerguidas. Em 1318, no entanto, a natureza voltou a agir e uma terrível inundação minou as muralhas, abrindo várias brechas largas. "A água
A água entrou com tanta força que levantou uma torre de 12 metros quadrados a uma distância de 400 metros."[37]

Em seguida, veio o conquistador turco-mongol, Timur. Em 1491, após capturar a cidadela e subjugar toda a resistência no local, ele a entregou "à rapacidade de seus soldados, que a saquearam impiedosamente". Em 1516, quando Baalbek passou a fazer parte do Império Otomano, a fortaleza e seus templos estavam "completamente arruinados".

Nesse estado, eles foram vistos pelo arquiteto inglês Robert Wood em 1751, cujos desenhos detalhados do local mostram nove dos
As cinquenta e quatro colunas originais do Templo de Júpiter ainda estavam intactas. Então, em 1759, outro terrível terremoto atingiu o local, deixando apenas as seis colunas em pé, diante das quais agora me sento enquanto **relembro** a tumultuada história desse antigo local sagrado.[39]

A pergunta que me faço é a seguinte: depois de tantos ciclos de construção, destruição e reconstrução, o quanto a arqueologia pode
pode realmente afirmar que *sabe* sobre o local? Como confirma Michael Alouf, o antigo curador de Baalbek:

> Infelizmente, esse templo sofreu muito com a devastação do tempo e o vandalismo dos ignorantes; suas paredes foram demolidas, suas colunas derrubadas e seus alicerces minados. Restam apenas as seis colunas do peristilo sul, quatro colunas quebradas em suas bases no peristilo norte, dentro das fortificações árabes, e os socos [plintos] do peristilo da fachada. Os imperadores bizantinos foram os primeiros a começar a destruir o templo, usando o material de construção assim obtido para a construção de [uma] basílica. Os árabes seguiram seu exemplo, extraindo das paredes e das fundações do templo
> quaisquer blocos de pedra que possam ser úteis para fortificar os pontos fracos das muralhas.[40]

Sem dúvida, o Instituto Arqueológico Alemão, que tem a concessão para esse local (como também tem para Göbekli Tepe, na Turquia), está fazendo o melhor que pode. No entanto, nesse processo, eles revelaram camadas de complexidade ainda mais confusas e foram obrigados a derrubar o que foi, por muito tempo, o consenso dominante de que os primeiros construtores de Baalbek foram os romanos. [41]Longe de
isso! De fato, sob o local onde estou sentado agora, que ficava no meio da área que formava a *cela* - *a* câmara interna - do Templo de Júpiter, estão os restos de um monte sagrado muito mais antigo.
do Templo de Júpiter, estão os restos de um monte sagrado muito mais antigo. Esses montes são conhecidos como "Tells" nessa região, e os arqueólogos agora admitem que o "Tell Baalbek" remonta a *pelo menos* 10.000 anos[(42)] - ou seja, 8.000 anos ou mais *antes da* chegada dos romanos
aqui! "Uma longa sequência de camadas de assentamentos neolíticos (...) muito provavelmente do Neolítico Pré-Potássico" [43]foi escavada, levando as origens de Baalbek para muito perto da época em que Göbekli Tepe floresceu na vizinha Turquia.

Muro megalítico ao norte

O fogo de artifício ainda está acontecendo ao fundo, mas é um daqueles ruídos que você não percebe depois de um tempo. Levanto-me do bloco quente e confortável em que estava sentado e sigo algumas dezenas de passos para o norte, atravessando o que teria sido o piso do Templo de Júpiter, até chegar à sua extremidade norte (marcada por algumas colunas quebradas, ainda eretas em seus plintos como tocos de dentes podres), inserida em uma muralha de fortificação árabe posterior - muito improvisada e cheia de detalhes. Na **muralha**, em intervalos, foram construídas canhoneiras com buracos através dos quais os defensores disparavam flechas contra seus atacantes. Olhando para o norte através de uma dessas brechas, consigo ver o topo de uma fileira verdadeiramente maciça de megálitos, talvez (suponho) 6 ou 7 metros abaixo de mim. Conto nove deles e noto que estão separados da base da parede em que a canhoneira está instalada por uma distância horizontal de - mais uma estimativa aproximada - 3,5 metros. No vão, que está coberto de grama e arbustos, há muitos blocos de pedra quebrados.

Para ter uma visão melhor dessa estranha parede megalítica, continuo caminhando em direção ao oeste, ao longo da margem norte do Templo de Júpiter, até chegar a outra parte das fortificações árabes que foram posteriormente acrescentadas a ele, a chamada "Torre Noroeste". Posso subir nela - há um terraço conveniente com uma vista imponente - e olhar para trás, na direção leste, ao longo dos enormes megálitos, dispostos em uma fileira abaixo de mim, e para baixo, para o espaço coberto de grama que os separa da parede da plataforma do templo.

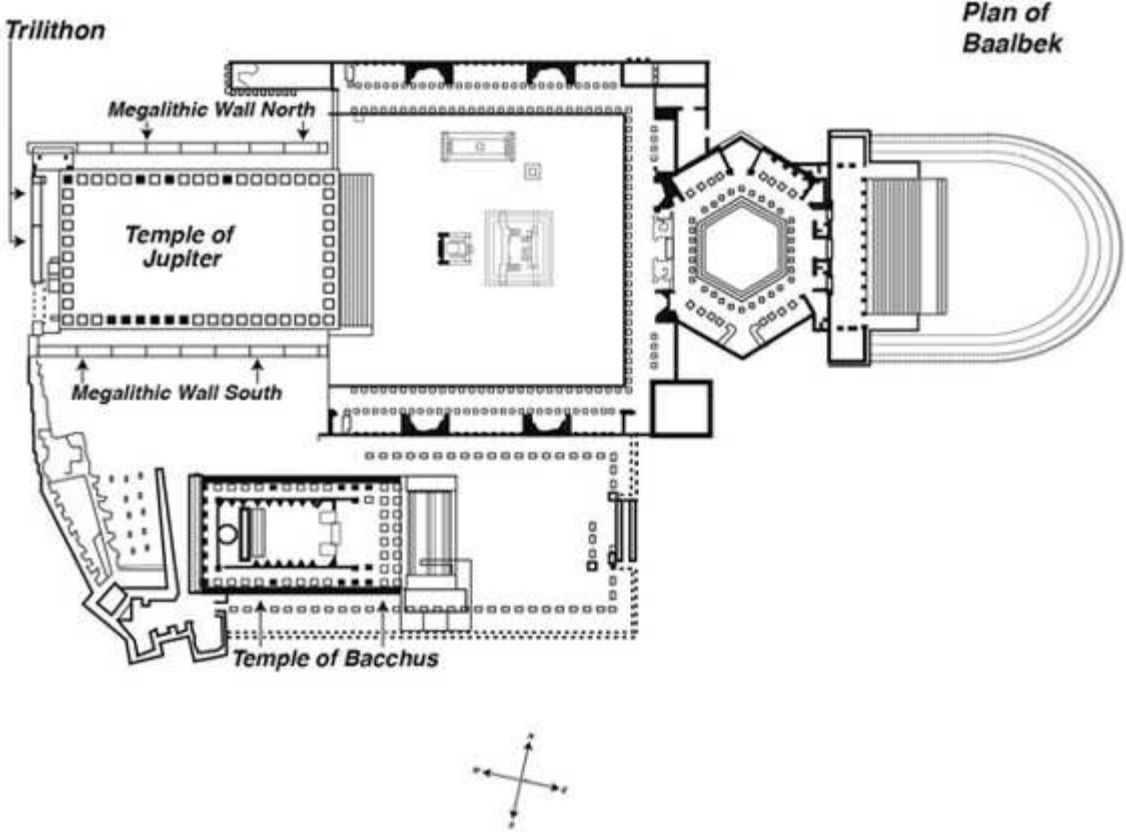


Figura 43

Não tentarei explicar ainda o que são esses megálitos. Já existem fatores de confusão suficientes! Mas voltaremos a eles em breve, quando, com sorte, tudo ficará mais claro. Enquanto isso, saio da torre árabe, volto para o enorme espaço retangular de onde ela sai, onde ficava o Templo de Júpiter, e atravesso-o em direção ao leste até chegar aos degraus que levavam à entrada do templo. Desço os degraus e, em seguida, viro novamente para o oeste, em direção à praça afundada, delimitada pela plataforma do Templo de Júpiter ao norte e pelo Templo de Baco ao sul.

A transmissão do conhecimento

Natura ly Eu dou uma olhada no santuário do deus do vinho. É lindo, com uma forte energia própria, e tenho certeza de que muita alegria foi celebrada aqui na antiguidade. Mas há um lado mais sério também, sugerindo que os romanos eram os receptores de um fluxo de conhecimento e simbolismo antigos com suas origens na mais remota antiguidade - um fluxo, embora dividido em muitos canais, que continua a fluir até hoje.

Os maçons que estudaram o Templo de Baco apontam para vários relevos e desenhos que são significativos para eles. Por exemplo, na parte inferior de um enorme bloco de pedra do teto, ainda equilibrado sobre as colunas do templo, aparece o dispositivo conhecido como "Selo de Salomão" - uma estrela de seis pontas inscrita em um círculo. De acordo com o importante maçom norte-americano Timothy Hogan, Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Templários, a figura no centro da estrela é representada "dando um sinal que seria familiar aos aprendizes".

Outro relevo mostra duas figuras "sentadas lado a lado e fazendo gestos que teriam significado para um Fe lowcraft na Maçonaria".[44]Também é digno de nota no Templo de Baco e, de fato, em toda Baalbek, a quantidade de evidências da veneração do deus da sabedoria que os romanos chamavam de Mercúrio - o grego Hermes - que os antigos egípcios conheciam como Thoth e que estava ligado, como vimos no Capítulo 9, às tradições dos Sete Sábios. [45]Outra ligação curiosa é que o culto a Mercúrio em suas formas mais antigas envolveu o uso de *béteis*,[46]discutidos no Capítulo Onze, que eram originalmente "pedras caídas do céu" - em outras palavras, meteoritos e, portanto, muitas vezes parte do fluxo de detritos de cometas que se fragmentavam. Quando lembramos que a Pedra Negra da *Ka'aba*, em Meca, é considerada um meteorito, é interessante que Baalbek, na antiguidade, tenha sido o local de um oráculo famoso (o imperador romano Trajano supostamente o tinha em grande estima) e que Baalbek tenha sido o local de um oráculo de grande valor.

grande estima), e que era "uma pedra negra que respondia a perguntas" [47].

Alguns estudiosos acreditam que o Templo de Baco foi dedicado conjuntamente a Mercúrio [48], mas como não estou em Baalbek para explorar a arquitetura romana, não vou descrevê-lo mais. O que realmente me interessa é o Templo de Júpiter e seu emaranhado passado pré-histórico - especialmente sua relação, por meio da plataforma em que se encontra, com as construções anteriores que remontam à época de Göbekli Tepe.

Mais uma vez, classificar as diferentes fases é difícil e estou determinado a não me deixar levar pela armadilha em que tantos historiadores "alternativos" caíram, ou seja, concluir, quando vemos megálitos enormes, que tecnologias superavançadas, até mesmo "alienígenas", devem ter estado envolvidas em sua movimentação e elevação. Como já disse, não discuto o fato de que os romanos podiam e de fato moveram enormes blocos de

pedra quando quiseram. De fato, a evidência disso está ao meu redor, no espaço entre o Templo de Baco e o Templo de Júpiter, onde montes de blocos esculpidos e gravados dos frontões de ambas as estruturas estão espalhados. Eles são, sem dúvida, romanos, alguns deles pesam cerca de 100 toneladas ou mais, um deles pesa 360 toneladas [49]e todos eles foram erguidos quase 70
pés (21 metros) acima do solo - a altura das colunas nas quais eles estavam empoleirados.[50]

Caminho para o norte através dessas ruínas, de volta ao Templo de Júpiter, olhando agora para suas seis colunas gigantes remanescentes, cada uma delas composta de três blocos enormes e cada uma delas sobre um plinto de pedra monolítico de quase 2,7 metros de altura. [51]Seria preciso ser um tolo para argumentar que os romanos não fizeram e ergueram essas colunas, ou os frontões acima delas, porque isso é completamente óbvio por motivos estilísticos e por razões de estilo.
óbvio, por motivos estilísticos e com base em pesquisas arqueológicas abrangentes, que foram eles.

No entanto, conforme observado anteriormente, os romanos eram herdeiros e transmissores de tradições às vezes extremamente arcaicas, e pode não ter sido por acaso que o Templo de Júpiter originalmente ostentava cinquenta e quatro colunas. O leitor se lembrará do fenômeno da precessão discutido nos capítulos dez e onze e do mistério dos "números de precessão", codificados em antigos mitos e tradições de todo o mundo, que os professores Giorgio de Santi lana e Hertha von Dechend consideram como prova de conhecimento astronômico avançado transmitido por alguma civilização ancestral ainda não identificada e "quase inacreditável". Acontece que 54 é um dos números da sequência de precessão. Ele deriva de 72, o número de anos necessários para um grau de movimento de precessão. Em seguida, adicionamos 36 (metade de 72) ao próprio 72 para obter 108 e dividimos 108 por dois para obter 54. Em seu estudo inovador *Hamlet's Mill*, Santillana e von Dechend apontam para as avenidas de estátuas em Angkor, no Camboja, "108 por avenida, 54 de cada lado", como exemplos de simbolismo precessional deliberado[52]- então por que não as cinquenta e quatro colunas do Templo de Júpiter em Baalbek também?

Muro megalítico ao sul

Meu olhar desce do topo das seis colunas restantes, passando por seus enormes plintos, até a parede de blocos moderados de um quarto de tonelada que elas superam (formando a borda sul do Templo de Júpiter) e desce novamente até a base dessa parede que, por sua vez, é ladeada por uma fileira de nove megálitos colossais, cada um com cerca de 32 pés de comprimento, 13 pés de altura e 10 pés de largura (9,5 metros por 4 metros por 3 metros). [53] Esses blocos monstruosos pesam algo em torno de 400 toneladas cada. Alguns deles, os mais afastados em direção ao oeste, têm uma aparência bem acabada, com
aparência bem acabada, com a pedra alisada e polida e a metade superior aparada para ficar mais estreita do que a base. Mas outras são ásperas, ainda mostrando a "saliência", a camada protetora que os pedreiros deixam na superfície para proteger o silhar de danos enquanto está sendo transportado para o local.[54]

A pedreira de onde esses blocos foram trazidos foi identificada. Ela fica a cerca de 800 metros (meia milha) ao sul. Não tenho dúvidas de que Cortá-los e movê-los estaria dentro da capacidade técnica dos romanos, os maiores e mais engenhosos construtores da antiguidade histórica. **Portanto**, a pergunta deve ser feita: esses blocos são obra deles? Ou de outra pessoa? A pergunta deve ser feita, porque os nove blocos que estou vendo agora fazem parte do mesmo **mundo** megalítico estupendo ao qual pertencem os nove blocos igualmente gigantescos que vi anteriormente no lado norte do complexo. Essa fileira norte de megálitos e essa fileira sul de megálitos formam os "braços" norte e sul de uma única e gigantesca parede em forma de "U" que circunda o Templo de Júpiter ao norte, ao sul e a oeste, com a base do "U" - na qual está situado o lendário Trilithon que vim ver aqui - orientada para o oeste.

Como de costume em Baalbek, como se isso não fosse complicado o suficiente, há outras complicações! Essas complicações foram exploradas por Daniel Lohmann, um arquiteto e arqueólogo alemão extremamente minucioso e realmente muito brilhante, que passou anos escavando e examinando de perto esse local e que, em fevereiro de 2015, teve a gentileza de se corresponder comigo e me dar o benefício de seu amplo conhecimento. Na opinião dele, que abordarei com mais profundidade no próximo capítulo, a imponente parede megalítica em forma de U que circunda o Templo de Júpiter é cem por cento romana.

Seu argumento é que fazia parte do que se pretendia tornar um imenso pódio - vamos seguir a lógica de seu argumento e chamá-lo de "Pódio 2" - com o qual quem encomendou o templo (e, como *não* há registros contemporâneos, não sabemos quem foi[55]) desejava cercar sua obra-prima "megalomaníaca".[56]O resultado da investigação de Lohmann é que, dentro da parede em forma de U do
O Podium 2 são os restos do que ele vê como uma fase anterior de construção, à qual ele se refere como "Podium 1". [57]Suas investigações mostram que as dimensões do Podium 1 são de 12 metros (39 pés) de altura, 48 metros (157 pés) de norte a sul e 95 metros (312 pés) de leste a oeste, mas ele admite que "a única pista certa" de sua idade "é que ele é anterior ao templo de Julio Claudian" [(58)](ou seja, o Templo de Júpiter que foi
construído principalmente pela dinastia Julio-Claudiana, abrangendo os reinados dos imperadores Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero, 27 A.C. A 68 D.C.). Para resumir a história, Lohmann argumenta que o Podium 1 foi obra de Herodes, o Grande, o rei cliente romano que governou a Judeia nas últimas décadas do século I a.C. Mas não há inscrições ou outras evidências documentais que possam resolver a questão, portanto, "a única fonte de informação é a própria estrutura bem preservada" [59],principalmente suas características estilísticas:

como o uso de fileiras alternadas de cabeceiras e extensões, alvenaria de margem desenhada e a reconstrução do plano dessa

estrutura inicial. Esses elementos revelam paralelos surpreendentemente próximos aos santuários herodianos e, em particular, ao Templo de Jerusalém, não apenas na aparência geral, mas em suas proporções e medidas precisas. Essas correspondências entre os dois projetos de construção sugerem fortemente o envolvimento herodiano... embora sua natureza precisa ainda não tenha sido determinada.[60]

Como vimos, o Templo de Jerusalém foi destruído pelos romanos em 70 d.C., portanto Lohmann é obrigado a basear seu argumento na "única parte sobrevivente do Templo, a gigantesca plataforma trapezoidal do Haram-esh-Sharif". *Haram-esh-Sharif*".[61]No entanto, as comparações detalhadas que ele oferece, de fato, são um excelente argumento para o "envolvimento herodiano" no Podium 1 de Baalbek. O que ainda precisa ser resolvido, entretanto, é
o quão *extenso* foi esse envolvimento. Para ser específico, embora Lohmann conceda que "Tell Baalbek ... foi continuamente habitada
desde o período neolítico pré-potâmico" (62) - ouseja, desde a época de Göbekli Tepe - e, embora todo o seu argumento seja que os imperadores Julio-Claudiano trabalharam em torno do Podium 1 em Baalbek quando começaram a construir a enorme e imponente parede em forma de U para o Podium 2, ele não considera a possibilidade de que possa ter havido um "Podium 0", que Herodes, por sua vez, construiu em excesso.

Não posso culpá-lo por isso, já que nenhum arqueólogo convencional que eu conheça está disposto a considerar a mesma possibilidade para a restauração do Templo de Jerusualém por Herodes - especialmente com referência aos enormes blocos megalíticos, discutidos anteriormente, que agora estão expostos pelo Túnel Hasmoneano. No entanto, essa é uma possibilidade que não deve ser ignorada em Baalbek, especialmente à luz
o que o próprio Lohmann descreve como a "grande antiguidade" do local.[63]

E há também outra possibilidade, que pretendo considerar. Ela diz respeito à parede **megalítica** em forma de U que forma a base e o limite do elemento que Lohmann chama **de** Podium 2. Suponhamos que essa parede em forma de U não seja romana. Suponha que ela já estivesse no lugar *antes, e não depois*, *de* Herodes construir o Podium 1? Suponha, ainda, que o Tell, que antecedeu o Podium 1 em milhares de anos, estivesse situado onde está por causa da existência anterior da parede megalítica em forma de U? Em outras palavras, suponha que a parede em forma de U, com seus imensos megálitos, tenha sido a *primeira* obra arquitetônica a ser construída nesse local, talvez consagrando alguma característica central, algum monte primordial, diante do qual o Te **l** evoluiu mais tarde, ao longo de milhares de anos, até que o Templo de Herodes foi construído sobre ele e, um pouco mais tarde, sobrepujado pelo Templo de Júpiter?

Trilithon

Depois de subir uma escada encostada na lateral de um quarteirão monstruosamente grande - a escala de tudo aqui é realmente épica -, sigo meu caminho ao longo do topo da fileira de megálitos de 13 pés de altura e 400 toneladas que formam a elevação sul da parede megalítica em forma de U que Lohmann vê como parte do - nunca concluído - Pódio 2. Estou indo para o oeste agora e passo por baixo das seis colunas em pé, que parecem mais voar sobre mim do que se erguer, de tão leves e graciosas que são, apesar de seu tamanho gigantesco. A parede em que elas estão empoleiradas se eleva a cerca de duas vezes a minha altura; sua borda superior - onde as colunas estão - marca o nível do piso do Templo de Júpiter, onde eu estava sentado antes. O espaço entre a parede e a borda dos megálitos de três metros de largura sobre os quais estou caminhando é uma pista de obstáculos com fragmentos quebrados de colunas e pedaços ornamentados de várias toneladas do frontão que um dia sustentaram.

No final da longa fileira de megálitos, deparo-me com um labirinto de torres, arcos e fortificações árabes medievais em ruínas. Subo um lance de escadas e viro à direita em um beco estreito na extremidade oeste de todo o complexo. Estou indo para o norte agora e o beco, que não é largo o suficiente para que duas pessoas passem lado a lado, passa entre a parede externa da **fortificação** à minha esquerda - parte romana, parte reconstrução árabe - e uma fileira de blocos megalíticos toscos à minha direita. Não sei o que fazer com esses blocos, mas alguns meses depois, em uma correspondência que acabamos trocando, Lohmann me **dirá** que eles são:

> parte de uma camada de preenchimento (...) destinada a preencher o espaço entre o muro herodiano e os megálitos posteriores que compõem o revestimento externo do segundo pódio Julio-Claudiano. A intenção era que ficassem invisíveis por trás da parede, de modo que permanecessem despidos e com uma superfície áspera.[64]

Sejam eles quais forem, esses blocos maciços estão separados por pouco mais do que a largura de meus ombros da muralha romana híbrida estendida por fortificações árabes à minha esquerda. A sensação é de constrição, quase claustrofobia. Depois de uns vinte passos, no entanto, o beco se alarga quando o muro da **fortificação** externa, que antes tinha várias camadas de espessura, de repente se reduz a uma única camada que, logo à frente, tem uma grande abertura pela qual vejo uma borda gramada, cerca de 35 ou 40 pés abaixo, cercada pela cerca moderna que circunda todo o complexo de Baalbek.

Foi quando percebi com certeza - eu já estava meio que esperando, mas não tinha certeza até aquele momento - que estava sobre o que vim ver em Baalbek. Ela tem pouco mais de 6 metros de comprimento, mais de 3 metros de altura, quase 3 metros de largura e pesa mais de 800 toneladas.[65]

É o mais ao sul dos três famosos megálitos do Trilithon.

Capítulo 13
E Então Veio o Dilúvio ...

Eu esperava, esperava, tinha quase certeza de que o curso que tracei pelas ruínas me levaria ao Trilithon, mas ainda sinto uma pequena sensação de triunfo pelo fato de minhas andanças pelo labirinto terem me levado a esse lugar tão especial!

É um bom momento para fazer um balanço. Aquela única camada de alvenaria da fortificação externa a oeste mal cobre um quarto da imensa largura do Trilithon. Há parte do tambor de uma coluna caída ao lado da abertura nas fortificações que dá vista para a borda gramada dentro da cerca do perímetro que cerca as ruínas. Pressionada contra a parede da fortificação, essa coluna cobre aproximadamente metade da largura do enorme megálito sobre o qual ela repousa, o mais ao sul dos três no Trilithon. Em suma, esse é um local protegido, um espaço tranquilo, quase um pequeno pátio. Convenientemente, há um bloco solto da altura de um banquinho para eu me apoiar e, além disso, como agora é tarde, há um pedaço de sombra.

Com um suspiro de alívio, sento-me, pego meu caderno e componho meus pensamentos. Ao fazer isso, percebo que meus pés estão colocados não apenas sobre o bloco do Trilithon, mas também sobre algo inscrito nele que efetivamente prova que ele é mais antigo que o Templo de Júpiter, embora não *muito* mais antigo. A sombra está trabalhando contra mim, os cinquenta anos desde que foi trazido à luz pela primeira vez não foram gentis com ele e, honestamente, não consigo vê-lo. No entanto, o professor Haroutune Kalayan, o engenheiro encarregado das restaurações de Baalbek pelo Departamento de Antiguidades do Líbano, explica que, em meados da década de 1960, "em vista do interesse científico, o emir Maurice Chehab, diretor geral do Departamento de Antiguidades, decidiu limpar o topo do Trilithon...". Quando isso foi feito:

> O bloco sul ... expôs um desenho ortográfico em escala real do frontão do Templo de Júpiter. O desenho se estende, em parte, sob a construção romana e, em parte, está oculto sob uma construção árabe do período inicial... Essa... descoberta sugere que o Trilithon já estava no local para servir como um cavalete para o dimensionamento e a ordenação dos blocos do frontão, ou seja, no início da segunda metade do século I d.C. Além disso, pode-se concluir que, após a construção do frontão, depois de o desenho ter servido a seu propósito, o esquema de construção acima do nível do Trilithon [foi] executado;
>
> É por isso que parte dos desenhos se estende sob as construções romanas.[1]

Portanto, bem aqui, aos meus pés, infelizmente invisível agora sem iluminação especial, está uma prova convincente de que um mistério real, e não apenas um mistério inventado por historiadores alternativos, envolve o Trilithon. Obviamente, uma vez que ele foi usado para um desenho arquitetônico de parte do Templo de Júpiter, como Kalayan admite, e especialmente porque depois foi parcialmente coberto pela construção romana, a única dedução lógica é que ele deve ser mais antigo que o templo.

Analisaremos mais detalhadamente as implicações disso, mas é preciso observar logo de início que Daniel Lohmann não concorda.
Ao apresentar um artigo para os Anais do Terceiro Congresso Internacional de História da Construção, realizado na cidade alemã de Cottbus, em maio de 2009, ele argumentou

> Kalayan sugeriu que esse desenho prova que o Trilithon era mais antigo e já estava no local quando o templo foi construído. Hoje, novas indicações mostram que essa suposição está desatualizada e que o Trilithon e o templo foram construídos em sincronia. A superfície superior desse bloco [o bloco do Trilithon mais ao sul, com o desenho nele] foi praticamente usada para uma construção simultânea, depois
> simplesmente para ser coberta pela próxima camada de pedra.[2]

E em um artigo posterior, em 2010, Lohmann expandiu seu raciocínio:

> A construção inacabada do santuário pré-romano [Podium 1] foi incorporada em um plano mestre de monumentalização. Aparentemente desafiado pela já enorme construção pré-romana, o antigo santuário imperial de Júpiter mostra tanto um projeto arquitetônico megalomaníaco quanto uma técnica de construção na primeira metade do século I d.C. D.C. O exemplo mais famoso

> pode ser o Trilithon formando a camada intermediária do pódio do templo ocidental... O pódio pode ser considerado uma tentativa de esconder o terraço do templo mais antigo e de formato inconveniente atrás de um pódio, à moda romana...[3]

Entendo a lógica de Lohmann, mas tenho vários problemas com ela. O primeiro e mais importante é o próprio conceito de "pódio" que está sendo usado aqui. O dicionário define "pódio" como:

> a alvenaria que sustenta um templo clássico.[4]Ou,

alternativamente:

> um estereobate para um templo clássico, especialmente um com lados

perpendiculares.[5] Um"estereobate", por sua vez, é definido como:

> a fundação ou base sobre a qual um edifício ou algo semelhante é erguido.[6]Ou,

alternativamente:

> a fundação sólida que forma o piso e a subestrutura de um templo clássico; crepidoma; pódio.[7]

Um "crepidoma", da mesma forma, é "a plataforma sobre a qual a superestrutura do edifício é erguida".[8]

O que todas essas definições têm em comum é a noção de que um pódio é uma estrutura sobre a qual um templo é construído. Mas esse não é o caso do Podium 2 de Lohmann. Ele não é a "fundação ou base" sobre a qual o Templo de Júpiter é erguido, não é a "fundação sólida que forma o piso" do Templo de Júpiter e não é "a alvenaria que sustenta" o Templo de Júpiter. O que de fato sustenta o Templo de Júpiter e é "apoiado" por ele, como o próprio Lohmann deixa claro, é o Pódio 1 herodiano. O Pódio 2 de Lohmann, ao que parece, não "apóia" nenhuma parte do Templo de Júpiter. Ele *circunda* o Pódio 1 em três lados, mas não o apóia. Em outras palavras, como descrevi várias vezes no Capítulo 12, ele é uma parede megalítica em forma de U, mas não é um pódio. Se os romanos o construíram, como Lohmann acredita, então eles não o construíram para servir a qualquer propósito estrutural, de suporte de carga, semelhante a um pódio, mas puramente por razões cosméticas - "como uma tentativa", repetindo suas próprias palavras, "de esconder o terraço do templo mais antigo e de formato inconveniente atrás de um pódio à moda romana".

Em resposta, só posso repetir que "pódio" continua sendo um termo enganoso, que não descreve o que realmente vemos no chão. Se a análise de Lohmann sobre as obras herodianas pré-existentes estiver correta, então não vemos evidências de que os romanos esconderam "o terraço do templo mais antigo e de formato inconveniente" atrás de um "pódio" romano da moda. Quaisquer que tenham sido os planos de extensão e desenvolvimento, que não podemos conhecer e dos quais não há registros, as evidências no terreno se limitam a esse enorme muro em forma de U **que** circunda o Podium 1 em três lados, mas não o sustenta - um muro profundamente megalítico, maior em todas as dimensões do que qualquer outro que os romanos tenham construído em qualquer lugar do mundo.

Uma muralha que nem *parece* romana, incorporando blocos que pesam mais de 800 toneladas - o Trilithon - que teria exigido esforços realmente espetaculares para ser movida e colocada no lugar.

Não estou dizendo que os romanos não estavam à altura de tais esforços, ou que blocos de 800 toneladas estavam além dos limites de sua tecnologia de construção. Não conheço, nem pretendo conhecer, os limites de sua tecnologia. O que estou dizendo é que ela é bem diferente da prática,
A mente fleumática dos romanos, que Lohmann reconhece, [9]para chegar a tais extremos para fins puramente cosméticos. Certamente, portanto, há espaço para considerar uma possibilidade alternativa, ou seja, que a parede megalítica em forma de U já estava no lugar muito antes, *talvez até milhares de anos* antes *da* construção do *Pódio* 1.

Mas, no mesmo artigo em que Kalayan afirma que o Trilithon é anterior ao Templo de Júpiter, ele fornece outra informação crucial que parece jogar água fria em especulações desse tipo. Sim, o Trilithon é mais antigo do que a superestrutura do Templo de Júpiter, mas não muito mais antigo, porque:

> Uma parte de um tambor de uma coluna de dimensões semelhantes às das colunas do Templo de Júpiter é usada como bloco na fundação sob o Trilithon. Na ausência (que seja de nosso conhecimento) de um segundo monumento com colunas de dimensões semelhantes em Baalbek, pode-se concluir que o tambor foi descartado e que as colunas já haviam sido cortadas ou estavam em processo de modelagem quando as fundações do Trilithon começaram.
> quando as fundações do Trilithon foram iniciadas.[10]

Esse é o "pequeno fato feio que destrói uma bela teoria"? Minha busca por uma civilização perdida em Baalbek está fatalmente comprometida pelo tambor da coluna de Kalayan? Será que é melhor eu fazer as malas e voltar para casa? É o que se poderia pensar a partir da literatura cética sobre esse assunto, que regurgita incessantemente o parágrafo citado acima como se ele resolvesse a questão de uma vez por todas, como se ele provasse, sem sombra de dúvida, que o Trilithon é obra dos romanos - como se qualquer pensamento e questionamento adicional sobre o assunto fosse uma bobagem espúria e pseudocientífica.

O autor cético e autodenominado "desmascarador da ciência marginal e da história revisionista" Jason Colavito, por exemplo, afirma que "a arqueologia e a engenharia podem explicar **todos** os aspectos individuais do Trilithon" e que, portanto, não há necessidade de uma perspectiva alternativa.[11] Em vez de fazer o trabalho de comprovar essa afirmação, no entanto, ele nos remete aos "maravilhosos" escritos de outro cético", o físico Aaron Adair. [12] Adair, por sua vez, simplesmente repete os argumentos de Kalayan, confiando fortemente no tambor da coluna nas fundações e no desenho arquitetônico no topo do bloco do Trilithon mais ao sul, para concluir:

> podemos estar razoavelmente certos de que as pedras do Trilithon foram colocadas no lugar contemporaneamente à construção do Templo de Júpiter. Portanto, o fato de as pedras do Trilithon serem contemporâneas ao templo já estabeleceu a origem romana da estrutura.[13]

Tudo isso parece razoável, saudável e convincente. Mas, na verdade, assim como muitas outras coisas na literatura cética que são passadas como fatos, elas se revelam, após um exame minucioso, como especulação, opinião e preconceito disfarçados de objetividade. O tambor da coluna, que Kalayan mencionou de passagem e no qual muitos outros se basearam para reforçar as ideias estabelecidas sobre a cronologia do local, é muito -*muito* menos do que parece.

Ironicamente, o problema central ao qual estou chegando aqui é ilustrado pelo próprio Adair em uma fotografia em preto e branco da parede oeste do santuário (aparentemente tirada de um cartão postal *muito* antigo) que ele reproduz com seu artigo para apoiar seu argumento - a saber, que há blocos abaixo do Trilithon e que abaixo desses blocos, fora de vista na foto, está o tambor de coluna de Kalayan. Mas o que a fotografia mostra na parede *acima* do Trilithon é uma seção de um tambor de coluna romano diferente que foi reutilizado pelos árabes durante uma das muitas ocasiões em que sabemos que eles repararam a fortaleza de Baalbek, depois que ela foi atacada e golpeada pelo inimigo catapultas.[14] Além disso, como que para enfatizar a impermanência de cada recurso reutilizável nas muralhas de Baalbek, até mesmo esse pedaço de tambor de coluna (que também pode ser visto em uma fotografia "tirada antes da Primeira Guerra Mundial" e reproduzida em 1980 por Friedrich Ragette[15]) foi removido em restaurações mais recentes - como mostram as imagens de Santha Fa ia de 2014 na seção de placas.

De fato, os árabes canibalizavam, reutilizavam e reaproveitavam regularmente os tambores de colunas romanas e partes de tambores de colunas. [16] Além disso, como vimos no Capítulo 12, e como Michael Alouf, um homem que conheceu as ruínas intimamente por mais de cinquenta anos, confirma, as fundações de Baalbek foram repetidamente *minadas* durante os inúmeros cercos que o santuário sofreu enquanto serviu como fortaleza.[17] Após os cercos, as fundações foram naturalmente reparadas (caso contrário, seções inteiras da parede teriam desmoronado) e, em minha opinião, essa é a explicação mais plausível para o tambor de coluna encontrado na fundações sob o Trilithon. Por que, afinal, se os romanos fizeram essas fundações, como a teoria ortodoxa exige que aceitemos, eles teriam usado repentinamente um tambor de coluna nesse ponto, quando certamente teriam muitos blocos regulares, especificamente cortados e revestidos para esse fim, à sua disposição?

Isso simplesmente não faz sentido. Mas os pedreiros árabes que consertavam uma fundação minada teriam usado o que estivesse à mão e os séculos de guerras, terremotos e outros desastres que Baalbek sofreu fizeram com que houvesse enormes quantidades de colunas quebradas espalhadas por aí, como **ainda** há até hoje. Há também outra possibilidade, que é a de que os romanos tenham, de fato, colocado o tambor da coluna na parede - mas, novamente, como um reparo, e não como um ato de construção original. Se a muralha megalítica já era muito antiga quando os romanos entraram em cena, e se a intenção deles era usá-la como base para outras construções, eles sem dúvida teriam inspecionado as fundações e reparado todos os setores que os anos não tinham sido gentis.

Eu rabisco "SAIBA MAIS SOBRE ESSE TUBO DE COLUNA" em uma página do meu caderno. O assunto ainda não está encerrado - de um jeito ou de outro -, mas a hipótese de que os romanos *não* foram os construtores originais da parede megalítica em forma de U da qual o Trilithon é parte integrante continua me parecendo viável e digna de mais investigações.

É hora de ver o Trilithon por fora. Deixo minha bem-vinda área de sombra, fico mais um pouco no topo dos blocos gigantes e, em seguida, refaço meus passos em direção ao leste pelo complexo do Templo de Júpiter. Por fim - é uma longa caminhada - volto à entrada principal do local, passo pela propileia e desço as escadas principais, viro à direita e sigo o caminho paralelo à parede externa sul da fortaleza que os árabes fizeram desse lugar. O Templo de Vênus pode ser visto a algumas centenas de metros a sudeste das ruínas principais. É lindo, mas irrelevante para meus propósitos, então eu o ignoro e sigo em direção ao sudoeste, passando por mais duas torres árabes construídas nas paredes da fortificação e, por fim, chegando a um portal na cerca pelo qual posso ver o Trilithon à distância.

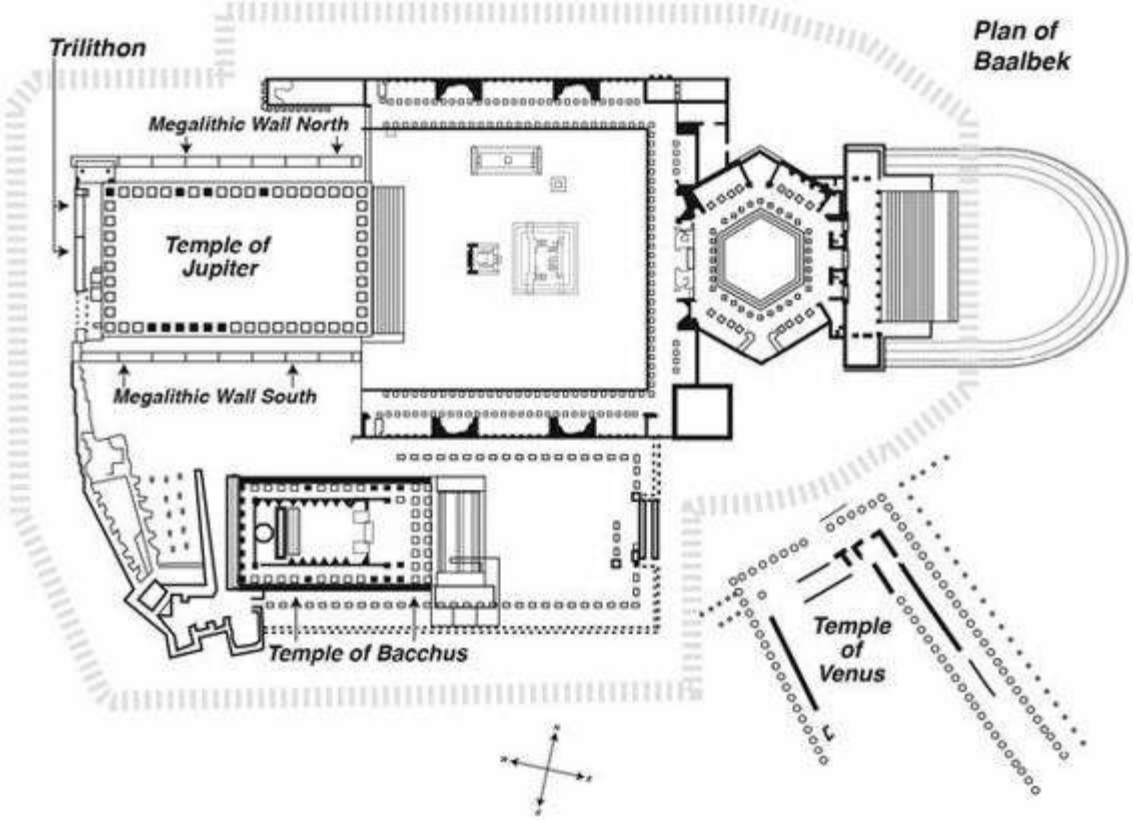


Figura 44

Um guarda está lá. Ele faz uma grande demonstração de que está me impedindo de entrar, mas o dinheiro muda de mãos, o portão é aberto com um floreio e eu sigo meu caminho por um pomar de árvores murchas para ver melhor os três maiores blocos já usados em qualquer construção em qualquer lugar do mundo...

"O mais alto pináculo do poder e da ciência..."

No século XIX, David Urquhart, um escocês erudito, viajou muito pelo Líbano e acabou publicando sua *História e Diário* em 1860. Ele nunca explicou de onde tirou a dica, mas acreditava que Baalbek havia desempenhado um papel importante no secreto império marítimo dos fenícios, cujas façanhas começaram a ser comentadas por outras culturas no segundo milênio a.C. e que eram descendentes do povo cananeu original dessa região. De fato, os fenícios geralmente se referiam a si mesmos como

Cananeus.[18]Famosos por suas habilidades marítimas e, especialmente, por suas **habilidades** de navegação extraordinárias - ou talvez devêssemos dizer, precisas e científicas -, eles estabeleceram portos em toda a costa do Mediterrâneo, em lugares tão distantes quanto Tunísia, Marrocos, Espanha, Itália, Turquia, Chipre e Malta. No entanto, seu coração estava no Líbano, e sua primeira cidade foi Byblos, ao norte da moderna Beirute, com outros centros importantes em Tiro e Sidon.

Há muito mistério sobre os fenícios, e eles têm sido frequentemente censurados por pesquisadores frustrados "por terem sido tão persistentemente silenciosos sobre si mesmos e por não terem deixado nenhuma história escrita própria. Tudo o que sabemos sobre eles vem dos anais de outras raças; eles têm apenas defensores estrangeiros para defender sua causa para a posteridade".

Um desses defensores estrangeiros foi o estudioso grego Filo, que viveu em Byblos nos séculos I e II d.C. - por isso ele é chamado de "o homem da história". d.C. - por isso ele é conhecido como Filo de Byblos. Sua *História Fenícia* pretendia ser uma tradução de um livro escrito por Sanchuniathon, um sábio fenício que supostamente havia vivido mais de mil anos antes. [20]Os escritos de Sanchuniathon não chegaram até nós em nenhuma outra fonte. Além disso, assim como as obras do sacerdote babilônico Berossos, que o leitor lembrará dos capítulos anteriores, a própria *história fenícia de Filo* também se perdeu. Tudo o que resta dela são fragmentos preservados como citações e resumos por outros autores. notadamente o Padre da Igreja do século IV, Eusébio.[21]

Nesses fragmentos, lemos sobre as façanhas de um "deus" identificado com a divindade grega Ouranos, cujo nome significa "céu" ou "paraíso" e que

> inventou *os bétilos* ao conceber pedras dotadas de vida.[22]

Há alguns pontos de interesse aqui. Em primeiro lugar, obviamente, estamos de volta ao reino dos *betyls*, aquelas "pedras caídas" de meteoritos

do céu", que muitas vezes fazem parte do fluxo de detritos de cometas que se fragmentam e que eram tratados como objetos de culto em todo o antigo Oriente Próximo. Se examinarmos a etimologia da palavra *betyl*, descobriremos que ela significa "lar do deus"[23] e o lar de Ouranos é, obviamente, o céu, o lugar certo para objetos de origem meteorítica. Em segundo lugar, há essa curiosa referência a "pedras dotadas de life" (vida), que, significativamente, é dado em algumas traduções como "pedras que *se moviam* como se tivessem vida".[24] Com isso, não pude deixar de me lembrar das tradições do Egito Antigo que falavam de pedras enormes que eram movidas sem esforço por "mágicos" usando "palavras de poder". Por exemplo, há um relato preservado no Papiro nº 604 do Museu Britânico sobre os feitos do mago Hórus, o Núbio, que:

> fez uma abóbada de pedra de 200 côvados de comprimento e 50 côvados de largura que se erguia acima da cabeça de Faraó e de seus nobres... Quando Faraó olhou para o céu, abriu a boca em um grande grito, junto com o povo que estava na corte.[25]

Como 200 côvados por 50 côvados equivalem a aproximadamente 100 metros por 25 metros (328 pés por 82 pés), é óbvio que qualquer mago que conseguisse erguer um bloco tão grande não teria dificuldade em erguer os megálitos do Trilithon, que têm menos de um quarto desse tamanho. De qualquer forma, esse pensamento sobre os magos dos deuses nos leva de volta, por um caminho tortuoso, a David Urquhart, que nos conta em sua *História e Diário* o que o levou a Baalbek em meados do século XIX:

> Fui atraído para lá pelos *Betylia* [ou seja, *betyls*], aquele mistério dos escritores antigos... que eu [acredito] terem sido ímãs usados nas embarcações fenícias envolvidas em tráfego distante e que, no retorno de suas frotas, eram transportados em procissão religiosa para o templo de Baalbek, para permanecerem lá até que as frotas fossem novamente enviadas...[26]

Infelizmente, Urquhart não encontrou nenhuma pista da tecnologia perdida, "as pedras mágicas e magnéticas" [27] que ele estava procurando em Baalbek. "Onde está o templo que abrigava a Betylia?", perguntou ele. "Ele desapareceu." Ele deduziu que "deve ter ficado sobre a plataforma e provavelmente foi derrubado" para dar lugar aos templos romanos. [28] Portanto, ele se contentou com uma investigação sobre os mistérios da Trilithon e de um bloco de pedra ainda maior que seus informantes locais lhe mostraram estar abandonado na pedreira a 800 metros ao sul das ruínas. das ruínas. Ele observou que essas ruínas, quando imaginadas sem os templos posteriores "agora presos no topo", eram "nada além de um recinto quadrangular":[29]

> É possível conceber o corte de enormes blocos para a estátua de um rei, o ornamento de um palácio ou a pompa de um templo, mas aqui não há tal objeto; não há nenhum objeto concebível pelo qual tal esforço possa ser explicado.[30]

Essa foi uma de uma série de perguntas para as quais Urquhart não conseguiu propor nenhuma resposta própria: primeiro, por que construir com blocos tão grandes (ao lado dos quais "Stonehenge é um brinquedo de criança"); segundo, por que construir *aqui*, já que Baalbek não era uma grande capital ou um grande porto, mas ficava bem no interior; terceiro, por que o trabalho foi subitamente interrompido, como evidenciado pelo bloco na pedreira e pelo estado inacabado do U- e quarto, por que Baalbek era única?[31]

> Essa estrutura é única; não há nada na Terra que se assemelhe a ela no mais remoto grau.[32]

Naquela noite, Urquhart jantou com o emir de Baalbek e lhe perguntou por quem o enorme recinto em forma de U havia sido construído. O emir respondeu, em um tom bastante prático, que havia três fases de construção. O trabalho megalítico havia sido feito sob o comando de dois governantes diferentes no período primitivo, antes do Dilúvio:

> E então veio o Dilúvio. Depois disso, foi consertado por Salomão.[33]

Quando estava voltando para Beirute, Urquhart refletiu sobre o que o emir havia lhe contado, concluindo que isso tocava em uma verdade fundamental e que "as pedras de Baalbek tinham que ser consideradas como alguns daqueles companheiros robustos que o Dilúvio não conseguiu varrer". [34]

Mais do que isso, pareceu-lhe que:

> Antes do Dilúvio, todo o curso da sociedade humana já havia sido percorrido... Os construtores de Baalbek devem ter sido um povo que alcançou o mais alto pináculo do poder e da ciência; e essa região deve ter sido o centro de seu domínio.[35]

Noé, afinal, dominava a ciência para construir a Arca:

> Uma embarcação com 450 pés de comprimento, 75 de largura e 45 de profundidade... Ele, portanto, compartilhava do conhecimento desses homens de renome, e a navegação deve ter atingido um grau extraordinário de perfeição nesses tempos antediluvianos. Para a construção da Arca, temos apenas a autoridade da Bíblia (...) O cético, por outro lado, que visitar Baalbek, deixará de duvidar que os homens que puderam embutir em suas paredes pedras do peso de um navio de três andares com seus canhões a bordo, pudessem construir uma embarcação de [tão imensas] dimensões. Presumo que a origem antediluviana de um não pode ser contestada pelo crítico, assim como a do outro não pode ser contestada pelo crítico.
>
> crente. [36]

Hoje em dia, e com razão, os céticos questionam tudo o que cheira a superstição crédula e crença fácil. As tradições que tanto entusiasmaram Urqhuart, entretanto, são generalizadas. Diz-se que o próprio Noé está enterrado na área, tendo voltado para lá após o Dilúvio para viver o restante de seus dias.[37]E, de acordo com Estfan El Douaihy, patriarca maronita do Líbano de 1670 a 1704:

> Baalbek é o edifício mais antigo do mundo... Foi... povoado por gigantes que foram punidos por suas iniquidades pelo Dilúvio.[38]

Outras tradições implicam demônios na colocação dos megálitos, [39]e um manuscrito árabe ecoa a história contada a Urquhart sobre uma tentativa de reconstruir Baalbek após o Dilúvio. Nesse relato, não foi Salomão, mas Ninrode, o bisneto de Noé, que enviou gigantes para reparar as paredes danificadas.[40]

Demônios, gigantes, rolos, cabrestantes, guindastes... ou alienígenas?

Olhando para os três blocos maciços do Trilithon, com suas bases a mais de 6 metros (20 pés) acima do nível do solo na muralha ocidental de Baalbek, posso entender por que se acreditava que eles eram obra de demônios ou gigantes. Há, de fato, algo sobrenatural - algo aparentemente *impossível* - nelas. Seus comprimentos são, respectivamente, 19,60 metros (64 pés e 3 polegadas), 19,30 metros (63 pés e 3 polegadas) e 19,30 metros (63 pés e 3 polegadas). polegadas) e 19,10 metros (62 pés e 8 polegadas) e todos têm 4,34 metros (14 pés e 3 polegadas) de altura e 3,65 metros (pouco menos de 12 pés) de largura.[41]Eles são encaixados no lugar com tanta precisão que é impossível inserir até mesmo a borda de uma lâmina de barbear nas juntas.

"Que coisa" é tudo o que posso dizer!

Mas se você quiser a visão ortodoxa sobre o assunto, leia o artigo de Jean-Pierre Adam de 1977, *A propos du trilithon de Baalbek: Le transport et la mise en oeuvre des megaliths*.[42]Ele **ainda** é a obra de referência padrão citada por todos os céticos como se provasse seu caso, e apresenta uma proposta que utiliza rolos de madeira de cedro, sobre os quais devemos imaginar os blocos sendo colocados. [43]Para puxar os blocos sobre os rolos, Adam primeiro considera, e depois (por razões logísticas) rejeita, o uso de uma manada de 800 bois.[44]

Por fim, pensando que a fraqueza da força muscular humana pode ser superada pela engenhosidade técnica, ele opta por várias matrizes de polias equipadas com seis cabrestantes, cada um operado por uma equipe de 24 homens, perfazendo um total de apenas 144 homens para transportar os blocos do Trilithon, um a um, da pedreira a 800 metros de distância até o local da construção. [45]No final da jornada, ele calcula que 16 cabrestantes maiores, cada um trabalhado por uma equipe de 32 homens (ou seja, 512 homens no total), teriam sido necessários para manobrar os blocos até o local da construção.
sua posição final. [46]A razão para o aumento do número de cabrestantes e homens no final da operação é que os rolos de madeira teriam de ser removidos, já que obviamente não poderiam ser deixados no lugar na parede. Isso aumentaria muito o atrito entre o bloco e a superfície sobre a qual ele teria de ser arrastado, mas a aplicação de algum tipo de lubrificante teoricamente reduziria o atrito o suficiente para evitar qualquer necessidade de levantar os blocos - um problema que Adam acredita que os romanos teriam preferido não enfrentar
com blocos desse tamanho.[47]

Friedrich Ragette tem uma solução ortodoxa ligeiramente diferente para o desafio de mover e colocar os megálitos do Trilithon. [48]No caso dele, isso envolve o levantamento dos blocos no final do procedimento, o que ele sugere que teria sido feito usando vários dispositivos "Lewis" (peças de metal encaixadas em orifícios especialmente cortados nas pedras acima de seu centro de massa, presas a correntes ou cordas e levantadas por guindastes ou guinchos):

> O bloco de 800 toneladas do Trilithon deve ter sido movido para a posição por roletes. Em seguida, teve de ser levantado ligeiramente para permitir a remoção dos roletes antes que a enorme carga fosse baixada centímetro a centímetro. Se considerarmos a capacidade de elevação de cinco toneladas por buraco de Lewis, precisaríamos de 160 acessórios para a pedra.[49]

Não é minha intenção fazer uma crítica detalhada aqui. Apenas observo de passagem que há algumas dificuldades com as propostas de Adam e Ragette. Ambas, por exemplo, dependem de rolos de madeira, mas os cálculos indicam que a tensão de suportar os enormes blocos teria rapidamente esmagado esses rolos, mesmo que fossem cortados do mais forte cedro do Líbano. [50]Da mesma forma, os cabrestantes são muito bons e

(51) Por fim, todo pedreiro entende o princípio dos dispositivos de Lewis e como eles funcionam, mas não há nenhum sinal nos blocos do Trilithon de um único furo de Lewis, muito menos de 160 em cada um dos blocos. [51]Por fim, todo pedreiro entende o princípio dos dispositivos de Lewis e como eles funcionam, mas não há sinal nos blocos do Trilithon nem mesmo de um único furo de Lewis, muito menos de 160 em cada um deles.
[52].

Tanto Adam quanto Ragette, e outros que querem nos tranquilizar quanto o feito do Trilithon não é notável nem misterioso, gostam de prefaciar seus relatos com referências a grandes megálitos que foram movidos usando tecnologias conhecidas em tempos históricos. Por exemplo, um obelisco egípcio de 25 metros de altura, pesando 320 toneladas, foi levado a Roma no século I d.C. pelo imperador Calígula. Transportá-lo do Egito e atravessar o Mediterrâneo em um navio especialmente construído foi, por si só, um feito incrível de engenharia, logística e levantamento de peso. Então, muito mais tarde - no século XVI - o mesmo obelisco foi transferido do local onde estava desde então.

[53]Da mesma forma, na Rússia, no final do século XVIII, a "Pedra do Trovão", um bloco de granito de 1.250 toneladas, a base para uma estátua equestre de Pedro, o Grande, que **ainda** se encontra na cidade de São Petersburgo, foi transportada por terra por sete quilômetros (4,3 milhas) em um trilho móvel especial de esferas de bronze.[54]

Veja bem, uma coisa é arrastar um megálito superdimensionado em linha reta sobre rolamentos de bronze ou colocá-lo no meio de uma enorme praça vazia.
uma enorme praça vazia, mas outra bem diferente é construir uma série desses megálitos em uma parede que parece um projeto de Lego de um titã.

Ainda assim... vamos aceitar que isso pode ser feito, que coisas semelhantes foram feitas e, é claro - pois a evidência está diante de nossos olhos - que isso *foi* feito em Baalbek. A única questão que importa, portanto, é se foram os romanos que fizeram isso ou se eles, e as culturas que os precederam aqui há 10.000 anos ou mais, encontraram a parede megalítica em forma de U já instalada e encaixaram suas próprias estruturas em seu interior.

É isso que me parece.

A sólida fundação que se eleva acima da planície em Baalbek, identificada por Daniel Lohmann como pré-romana e chamada de Podium 1, *e sobre a qual o Templo de Júpiter foi construído*, fica bem dentro da parede em forma de U que a envolve em seus lados sul, oeste e norte. Em nenhum momento a parede *sustenta* o Templo de Júpiter. Ele é uma estrutura externa totalmente separada.

Caminhei várias vezes ao longo da muralha ocidental, olhando com estupefação para os impressionantes megálitos do Trilithon, tentando entender o que eles significam. Independentemente de terem sido os romanos ou alguma cultura antediluviana desconhecida que os colocou aqui, o que eu gostaria de saber é *por que* eles os colocaram a seis metros de altura? Por que eles os empilharam em cima de camadas de blocos menores, quando certamente a lógica teria sido colocar os blocos maiores e mais pesados no nível do solo e adicionar os blocos menores e mais leves acima deles. Por que criar o enorme desafio adicional de engenharia e elevação ao fazer o contrário?

Eu ando ao longo da parede. Estou contando os blocos e as camadas. Em primeiro lugar, subindo a partir do nível do solo, há três camadas de blocos bem pequenos, digamos, com 1,5 metro de altura e um quarto de tonelada. No topo desses blocos estão seis blocos muito maiores, muito bem acabados (embora também muito erodidos) com a metade superior aparada para ser mais estreita do que a base. Esses seis blocos, que são mais ou menos idênticos aos blocos da parede sul que descrevi anteriormente (consulte o Capítulo 12), pesam cerca de 400 toneladas cada. Finalmente, em cima deles, vêm os três blocos monstruosos do Trilithon, com 800 toneladas.

Agora caminho para o norte, até a esquina das muralhas oeste e norte. O bloco mais ao norte do Trilithon não se estende até o final da **muralha** oeste. Há uma lacuna, preenchida por uma torre defensiva árabe que se estende do Podium 1 e foi construída sobre o canto. Mas se eu remover essa torre da minha mente, poderei ver o que está acontecendo, porque do outro lado dela há outra enorme fileira de megálitos formando o braço norte da parede em forma de "U" - a fileira que eu tinha visto anteriormente de cima (veja o Capítulo 12); na verdade, a torre defensiva árabe foi a mesma em que eu pisei para ter uma visão adequada dessa parte da parede megalítica, que é separada por um espaço gramado de 9 metros de largura da parede norte do Pódio 1.

Sei que os arqueólogos consideram a parede em forma de U como a base do grandioso, porém inacabado, Podium 2 do Templo de Júpiter. Lohmann defende muito bem que seja exatamente isso. Mas ainda estou incomodado com sua função puramente cosmética, que não suporta carga, se for esse o caso, e não consigo me livrar da sensação de que foi uma característica que os romanos herdaram de uma época muito anterior.

O que concordo com os arqueólogos, no entanto, é que os megálitos ainda maiores que eu sei que ainda estão na pedreira a 800 metros de distância, e que vou dar uma olhada assim que terminar aqui, foram definitivamente planejados para ficar no topo dos braços norte e sul da parede em forma de U, elevando-os assim à altura que a parede ocidental alcançou com a colocação do Trilithon. É verdade que eles são um pouco mais compridos e mais largos do que os blocos do Trilithon, mas depois de aparar a "saliência" deixada para protegê-los em sua jornada da pedreira, eles combinariam exatamente, encaixando-se como as peças de um quebra-cabeça. Esse continua sendo o caso, quer os romanos tenham feito a parede em forma de U como parte do Podium 2, quer tenha sido o trabalho dos arquitetos e pedreiros de uma civilização perdida da antiguidade pré-histórica.

E há outra coisa em que concordo com os arqueólogos.

As ideias postas em circulação décadas atrás por entusiastas de "astronautas antigos", notadamente Zecharia Sitchin em seu livro *Stairway to Heaven*, publicado pela primeira vez em 1980 (e em outros volumes posteriores de sua série *Earth Chronicles*), não podem estar certas. O que quer que Baalbek seja, e por qualquer razão, megálitos de 800 toneladas ou mais foram usados aqui, e quem quer que tenha colocado esses megálitos no lugar, eles definitivamente não o fez para criar "um local de pouso para a aeronave dos deuses". [55]A afirmação de Sitchin de que a plataforma elevada de

Baalbek era "destinada a suportar algum peso extremamente pesado" e que o peso pesado em questão era uma "câmara voadora semelhante a um foguete",[56]só poderia ter sido feita por um homem que não tinha a menor ideia da aparência e do layout reais de Baalbek e só poderia ser acreditada por outras pessoas sem conhecimento direto do local.

Os blocos megalíticos gigantes do Trilithon, que parecem ter convencido Sitchin de que toda a plataforma de Baalbek era megalítica**, também foram** usados.

são partes da parede em forma de U que abraça o Podium 1 (de tamanho modesto). E, embora um alienígena pudesse pousar sua espaçonave em um pódio tão modesto (se não houvesse nenhuma outra estrutura no local), ele certamente não gostaria de pousá-la no topo de uma parede. Portanto, usar o caráter megalítico da parede em forma de U para alegar que um pódio - ao qual ele nem mesmo está conectado e não suporta - era uma "plataforma de pouso" alienígena, projetada para suportar pesos extremamente pesados, onde "todos os pousos e decolagens de

o Shuttlecraft teve que ser conduzido"[57]é ignorante, dissimulado ou ambos.

Além disso, mesmo que todo o complexo de Baalbek fosse **megalítico** - o que não é o caso -, devemos nos perguntar por que alienígenas tecnologicamente avançados, capazes de atravessar o sistema solar em suas naves espaciais, precisariam de uma plataforma como essa para aterrissar? Se eles pudessem pular de planeta em planeta, como Sitchin nos pede para acreditar, a ciência deles não seria capaz de construir algo um pouco mais sofisticado e adequado ao propósito? Em suma, não é óbvio que Sitchin simplesmente tomou como modelo a tecnologia espacial da NASA da década de 1970 e a projetou em seus antigos astronautas imaginados?

Conheci Zecharia Sitchin pessoalmente, jantei com ele em Nova York e uma vez o levei de carro de Stonehenge a Londres quando ele estava visitando a Inglaterra. Eu gostava bastante dele e acho que ele fez uma boa pesquisa, mas, pelo menos em relação a Baalbek, não tenho dúvidas agora - depois de explorar o local pessoalmente - de que toda a sua tese da "plataforma de pouso" é fundamentalmente falha. Isso não quer dizer, entretanto, que todas as ideias apresentadas em seus livros estejam igualmente comprometidas. Os textos cuneiformes da Mesopotâmia, que ele não conseguia ler e traduzir como afirmava (suas "traduções" foram adaptadas e, até certo ponto, "ficcionalizadas" a partir do trabalho de estudiosos tradicionais), de fato contêm material de grande interesse, e acho que ele estava certo ao perceber indícios de alta tecnologia neles.

Mas essas tecnologias eram "alienígenas" ou humanas? Voltaremos a essa questão no capítulo dezesseis, quando analisaremos o que se sabe sobre certos seres poderosos mencionados nos textos bíblicos e em outros textos antigos como "os nefilins" e "os vigilantes".

O maior bloco de pedra cortada do mundo

"Descobri que os arqueólogos raramente são receptivos à noção de astronautas antigos", escreveu Elif Batuman em um artigo sobre Baalbek na *New Yorker* em 18 de dezembro de 2014, "embora se possa argumentar que, quando os arqueólogos foram procurar respostas, tudo o que conseguiram encontrar foi um bloco ainda maior e mais misterioso".

De fato é assim! Em junho de 2014, apenas um mês antes de eu chegar a Baalbek, o Instituto Arqueológico Alemão fez uma descoberta impressionante em

as pedreiras a 800 metros ao sul do Templo de Júpiter. Há muito tempo se sabe que ali se encontram dois megálitos gigantes que são mais pesados, por uma margem significativa, do que qualquer uma das pedras do Trilithon. O que ninguém suspeitava, no entanto, apesar de um século de investigações bastante intensas em torno de Baalbek, era que um terceiro bloco imenso estava enterrado e oculto sob os sedimentos que se acumularam na pedreira durante os últimos **milênios**. Os arqueólogos optaram por não anunciar sua descoberta ao mundo até o final de novembro de 2014, mas, como haviam escavado o bloco em junho, ele estava lá à vista de todos quando visitei a pedreira pela primeira vez, em 10 de julho, e um comerciante local - que afirmou que a descoberta era de fato sua e que os alemães haviam apenas se apropriado dela - fez questão de chamar minha atenção para o fato.

A pedreira está dividida em duas partes, divididas por uma estrada, e na primeira área que você encontra ao se aproximar da direção dos templos está a famosa "Pedra da Mulher Grávida", também conhecida como "Pedra do Sul", que vem decorando cartões postais de Baalbek há cem anos e era conhecida por viajantes como David Urquhart muito antes disso. Ela mede 21,5 metros (quase 71 pés)

de comprimento, 4,2 metros (pouco menos de 14 pés) de altura e 4,3 metros (pouco mais de 14 pés) de largura. Ele pesa 970 toneladas. [59]Do outro lado da estrada, um segundo megálito ainda maior, que não havia sido descoberto desde tempos imemoriais, foi desenterrado na década de 1990. Ele mede 20,5 metros (pouco mais de 67 pés) de comprimento, 4,56 metros de largura (quase 15 pés) e 4,5 metros (14 pés e 9 polegadas) de altura; seu peso foi calculado em

[60]Mas o megálito que foi descoberto em junho de 2014 tem uma massa maior do que qualquer um desses, medindo 19,6 metros (64 pés e 4 polegadas) de comprimento, 6 metros (19 pés e 9 polegadas) de largura e 5,5 metros (18 pés) de altura, com um peso estimado de 1.650 toneladas.[61]

Foi esse megálito recém-escavado, o maior bloco de pedra já extraído no mundo antigo, que o empolgado lojista

orgulhosamente apontada para mim durante minha visita. Sua superfície superior está a menos de dois metros abaixo da borda inferior da Pedra da Mulher Grávida, que fica imediatamente ao lado e paralela a ela. E, assim como a Pedra da Mulher Grávida, ela é lindamente cortada e modelada, pronta, após a remoção da "saliência", para entrar diretamente na parede em forma de U para a qual os três blocos gigantes foram, sem dúvida, destinados.

Passei algumas horas escalando esses blocos estranhos e de outro mundo. Sinto-me como se estivesse fazendo alpinismo. A escala é tão imensa e, de certa forma, tão "alienígena", que um curioso distanciamento da realidade cotidiana se instala e perco a noção do tempo. Observo que a Pedra da Mulher Grávida parece ter sido cortada na base, onde emerge do leito rochoso, com um corte reto e limpo. Como isso foi feito? E não importa onde eu esteja - acima, abaixo, ao lado -, sou diminuído por esse monstruoso produto da antiguidade.

e mentes desconhecidas. A simples ideia de que alguém, em alguma época distante, poderia conceber isso, poderia recortá-lo e moldá-lo por inteiro e, no final, simplesmente deixá-lo aqui, abandoná-lo, esquecê-lo, é incompreensível para mim. Quanto mais de perto eu a examino, quanto mais detalhes observo da precisão do trabalho, da escala do empreendimento e da vontade e imaginação que foram empregadas em sua criação, mais certo fico de que ela e suas semelhantes aqui nas pedreiras, o Trilithon e os outros megálitos gigantes de Baalbek não foram obra dos romanos.

Eu sei o quanto Daniel Lohmann discorda profundamente! Alguns meses depois, em fevereiro de 2015, ele e eu nos corresponderemos longamente durante vários dias. Ele gentilmente responderá a muitas perguntas e me ajudará a entender algumas das complexidades de Baalbek que me escaparam quando estive lá. Ele **apresentará** um excelente argumento a favor da origem romana de todo o vasto esquema. Ele até me enviará uma fotografia do tambor de coluna **embutido** nas fundações do Trilithon e escreverá:

> Em meu trabalho recente, localizei esse fragmento de tambor de coluna, escavei-o novamente e medi-o com precisão milimétrica para determinar o diâmetro do tambor. Observei a estrutura da superfície e o revestimento dos pedreiros em comparação com as colunas do templo de Júpiter e a litologia. **Algumas** indicações são exatamente as mesmas dos tambores das colunas do templo romano de Júpiter. O fragmento foi cuidadosamente revestido nas bordas para que fosse feito um silhar de alvenaria e recebeu as belas bordas cortadas com nitidez que os silhares do templo romano de **Júpiter** têm.
> A fase do Templo de Júpiter tem (incluindo os megálitos)[62].

Minha resposta:

> Em primeiro lugar, para ser absolutamente claro, *não* discuto o fato de esse fragmento ser de um tambor de coluna do Templo Romano de Júpiter. É claro que é. E *não d i s c u t o* a datação geralmente aceita das colunas do Templo Romano de Júpiter. Mas esse fragmento é uma parte muito importante do (formidável!) edifício da lógica que o senhor e seus colegas usam para estabelecer a cronologia do Trilithon, e na qual muitos outros se basearam ao relatar essa cronologia. O que eu gostaria de questionar um pouco mais, portanto, é o seu nível de certeza de que esse fragmento de tambor de coluna foi colocado lá ao mesmo tempo em que a construção original da parede ocidental.
> Concordo que o corte e o formato são bonitos, mas ainda assim ele se destaca como um polegar dolorido (especialmente agora que o vi limpo na foto que você gentilmente me enviou). Ele parece intrusivo, estranho e desajeitado - muito diferente do restante dos blocos desse curso. Em resumo, acho que se pode argumentar que é mais provável que seja um **reparo** posterior da parede do que uma parte integrante da parede original.
> Para dar algum apoio a esse argumento, sabemos que os árabes estavam constantemente reparando as paredes ao redor de todo o local e, às vezes, usando tambores de coluna para fazê-lo. Então, por que esse não seria apenas mais um desses reparos? *Qual é a evidência arqueológica absolutamente convincente que descarta essa possibilidade de forma completa, efetiva e definitiva?* Eu ficaria muito
> Ficaria muito grato se pudesse abordar esse ponto específico em sua resposta.[63]

Lohmann me responde diretamente sobre isso:

> O fragmento é apenas um dos indícios que mostram a sincronia entre o pódio do megálito e o templo, que não foi resultado de nossa pesquisa, mas conhecido pela ciência há mais de cem anos - e, no máximo, desde as escavações da equipe alemã de 1900-1904. Sim, ele se destaca. Mas não - não diferente dos outros. Os construtores do templo eram bastante pragmáticos: uma vez que a estrutura deveria ser escondida sob o solo ou atrás de qualquer outra coisa, eles não se preocupavam em aplainar as superfícies ou deixá-las bonitas... O que era importante, em primeiro lugar, ao construir, é que o silhar fosse perfeitamente aplainado na parte superior e inferior, e depois nos dois lados, para criar uma forma sólida e estável - **e** isso foi feito no tambor da coluna exatamente da mesma maneira romana que foi feito nos blocos ao redor. Se você observar o comprimento do fragmento e, em vez disso, imaginar um buraco na parede, os dois silhares menores no curso acima cairiam, causando mais instabilidade para as estruturas acima. Aqui, a conexão friccional/fechamento de força (traduções de *kraftschluss* do meu dicionário - barreiras linguísticas!) é necessária, não se pode simplesmente substituir um silhar em uma fileira de "macas". Em segundo lugar, os reparos árabes das paredes romanas são muito diferentes: eles usavam blocos menores e nunca conseguiriam apertar um bloco com tanta força... Os reparos medievais nunca têm juntas tão apertadas. É uma comparação de precisão que faz com que um
> engenheiro como eu 100% certo[64].

Depois de examinar nossas próprias fotografias da parede do Trilithon - Santana tirou muitas delas enquanto estávamos lá -, não me sinto convencido pelo argumento de Lohmann. Em **primeiro** lugar (veja a Placa 40), esse tambor de coluna não está "escondido sob o solo ou atrás de outra coisa". Ele está bem à vista, na camada mais baixa e visível da parede, e realmente se destaca como um polegar dolorido. É feito de uma pedra distintamente diferente, muito mais escura, e tem uma "aparência" muito diferente de qualquer bloco vizinho. De fato, é bastante singular. Em segundo lugar, quanto à precisão, não concordo com Lohmann quando diz que o tambor da coluna não pode ser um reparo árabe. Nas Placas 42 e 43**,** o leitor **encontrará** um exemplo de outro tambor de coluna que certamente faz parte de um reparo árabe nas paredes de Baalbek e sua precisão é tão boa quanto a da coluna

tambor nas fundações. Outra possibilidade que considerei - a de que poderia ser um reparo romano em uma parede pré-romana - também continua em jogo. Se o bloco inferior que esse bloco improvisado substituiu estivesse muito danificado e tivesse sido tomada a decisão de removê-lo, os dois pequenos blocos retangulares acima dele (os que Lohmann disse que "**falhariam**, causando mais instabilidade para as estruturas acima") teriam que ser removidos ao mesmo tempo.

No entanto, a próxima camada é tão bem definida que nenhum dos outros blocos teria caído, nem teria sido causada qualquer instabilidade ao enorme megálito na camada acima, que é apoiado em nada menos que cinco grandes blocos horizontais, três dos quais não seriam afetados pela remoção dos dois blocos menores abaixo, enquanto os outros dois teriam sido mantidos no lugar por "conexão friccional". Uma vez que o tambor da coluna tivesse sido cortado e colocado no lugar no nível do solo, os dois blocos menores poderiam ter sido deslizados de volta para a parede acima dele, completando um reparo muito limpo e eficaz.

Há outra coisa, uma área fundamental de discordância, com relação ao que eu vejo como uma parede megalítica em forma de U ao redor do Podium 1, mas que Lohmann vê como as primeiras camadas do Podium 2. Ele me diz que "além do tamanho dos silhares", o que eu chamo de parede megalítica em forma de U é "a parte inferior de uma forma padrão de um pódio de templo romano depois da época de Augusto". Ele me pede para dar uma olhada no pódio da *Maison Carée* em Nimes,[65] e sugere que o Templo de Baco em Baalbek também tem um pódio semelhante. [66] Ele me envia links para fotografias. "Se você aumentar o zoom", escreve ele, "poderá ver as pedras da segunda camada acima da camada inferior, correspondente ao Trilithon".

Minha resposta:

> Você escreveu que o pódio megalítico do Templo de Júpiter, embora obviamente em uma escala muito diferente, é o "formato padrão de um pódio de templo romano", mas não tenho certeza de que isso seja verdade nas imagens que você linkou. Anexo aqui uma das nossas do Templo de Baco... (mesmo ângulo que a que você enviou [67]). Ela mostra um pódio com um único lado reto (com exceção da borda na parte superior e da parte inferior).
> inferior), enquanto o pódio do Templo de Júpiter dá um efeito mais escalonado com a fileira de enormes blocos megalíticos, que de acordo com nossa correspondência, fazem parte da camada mais baixa do pódio do Templo de Julio-Claudiano, afastando-se muito do muro acima deles, no topo do qual ficava a peristasia. Suponho que a semelhança seria melhor se a camada megalítica tivesse sido concluída e se estendesse até o topo da parede, mas a peristasis ainda estaria recuada a alguns metros do topo, em vez de praticamente nivelada com o topo, como no Templo de Baco. Resumindo, quando aproximo o zoom do pódio do Templo de Baco, não vejo blocos, independentemente da escala, que correspondam aos blocos do Trilithon. Será que estou perdendo?
> algo óbvio aqui?[68]

Também pergunto: "Você encontrou materiais orgânicos com boa procedência em algum lugar do 'Podium 2' e fez datação por carbono neles?"[69]

Sobre a datação por carbono, Lohmann responde que "infelizmente" não foi feita nenhuma:

> O histórico de mudanças constantes no edifício, bem como os níveis profundos de escavação dos últimos 100 anos, não deixaram nenhum material arqueológico ou orgânico que pudesse nos ajudar com isso.[70]

De certa forma, isso é uma grande revelação para mim, pois significa - para usar uma metáfora apropriada - que todo o edifício da cronologia arqueológica para o chamado "pódio Julio-Claudiano" - Pódio 2 - do Templo de Júpiter, repousa em alicerces nos quais não há nenhuma evidência científica de datação. Isso não quer dizer que as datas de radiocarbono para sítios arqueológicos não sejam problemáticas! Como vimos nos capítulos anteriores, elas são, de fato, muito problemáticas, a menos que se possa demonstrar, como no caso de Göbekli Tepe, que os restos orgânicos datados foram "selados" em um determinado momento e que não há possibilidade de intrusão subsequente de materiais posteriores que possam fornecer uma data falsamente jovem.

Mas simplesmente não há datas de carbono, problemáticas ou não, para o Podium 2. Conclui-se, portanto, que a cronologia ortodoxa dessa estrutura incrivelmente interessante e peculiar baseia-se inteiramente em fatores estilísticos - que certos estilos de construção podem ser associados a culturas específicas e períodos específicos e que o "estilo" visto no Podium 2 é totalmente apropriado para a época "Julio-Claudiana" da construção romana.

Na minha opinião, o argumento estilístico em Baalbek não é nem de longe tão claro quanto deveria ser, já que grande parte de nossa compreensão do local depende dele. E, em resposta à minha pergunta sobre o posicionamento da peristasia (ou seja, do pórtico de quatro lados ou do conjunto de colunas que cercam a *cela* - *o* edifício interno do templo), Lohmann admite que há uma anomalia estilística:

> Sim, normalmente a peristasis ficaria na borda do pódio, como no templo de Baco. Isso seria seguir os exemplos romanos. (O Mars-Ultor no Fórum Romano foi um edifício marcante para isso[71]) . Essa é uma das peculiaridades de Júpiter[72].

Por outro lado, aponta Lohmann, existem templos em que a peristasia é recuada da maneira que ele imagina que teria sido em Baalbek se o Podium 2 tivesse sido concluído - por exemplo, o templo de Bel em Palmira, o templo de Zeus em Aizanoi, Turquia, e o templo colossal em Tarsos, Turquia. "Em minha opinião", ele escreve:

> Isso se deve ao fato de que tanto o templo de Bel quanto o de Júpiter em Baalbek foram construídos sobre pódio mais antigo (herodiano em Baalbek, helenístico em Palmyra) e tiveram que encontrar uma solução para espremer um pódio romano do século I, de última geração, sob o edifício do templo (mesmo que apenas ligeiramente) mais antigo. O terraço de Baalbek era imensamente alto, de modo que o pódio precisava ser colossal e, em Palmira, o
> peristasis já estava de pé, então o pódio foi erguido à distância.[73]

Além disso, Lohmann mantém sua posição sobre a questão do formato do Pódio 2 que, apesar de incompleto, ele considera bastante normal:

> um pódio padrão consiste em um perfil inferior (**lábio**, como se pode **dizer**), o "eixo" ou a parte vertical (que é a camada de trilithon em Baalbek...) e uma camada de lábio superior...[74]

Ele anexa um diagrama arquitetônico do pódio de Hosn Niha, outro templo romano no Líbano, para mostrar seu argumento. [75]Para mim, no entanto, parece surpreendentemente *diferente do* Podium 2 em Baalbek e a camada nele que ele quer que eu compare com o Trilithon tem apenas 1,58 metros (5 pés e 3 polegadas) de altura, enquanto o Trilithon, como vimos, tem 4,34 metros (14 pés e 3 polegadas) de altura.

Como já observei, acho que Daniel Lohmann apresenta um caso forte, mas nada em nossa correspondência me prova que a parede megalítica em forma de U (que circunda, mas não sustenta, o Podium 1, no qual o Templo de Júpiter de fato se encontra) seja obra dos romanos. Ele pode estar certo. Mas ele também pode estar errado e, no contexto de todos os outros indícios de uma civilização perdida em todo o mundo, acho prudente manter a mente aberta com relação a Baalbek.

Finalmente, no entanto, é o que vejo na pedreira que me convence disso, porque temos que nos perguntar por que três blocos enormes, na faixa de 1.000 a 1.650 toneladas, foram deixados lá.

A resposta convencional é que os romanos, depois de extrair esses blocos excepcionalmente grandes, descobriram que não podiam movê-los e simplesmente os abandonaram. Mas essa explicação faz muito pouco sentido. Se o argumento de que os romanos foram responsáveis pela parede megalítica em forma de U estiver correto, então sabemos que eles construíram um extenso complexo de templos dedicado a Júpiter usando blocos de pedra menores. Certamente sua primeira fonte para os vários blocos menores de que precisavam teria sido os enormes megálitos que, de acordo com o argumento da arqueologia convencional, eles descobriram que não poderiam mover da pedreira. Os romanos eram pessoas práticas, que não permitiriam que o trabalho que já haviam feito com tanto esmero fosse desperdiçado. Em vez de abrir novas faces de pedreira, eles não teriam usado aqueles blocos maciços de mais de 1.000 toneladas, já quase completamente extraídos, e simplesmente os cortado em megálitos menores e mais móveis para a construção do restante do templo?

É realmente intrigante que eles não tenham feito isso e, portanto, o fato de que esses blocos gigantescos, quase acabados, permanecem na pedreira e nunca foram cortados em blocos menores e usados na construção geral do Templo de Júpiter, sugere fortemente que os romanos nem sabiam que eles estavam lá - assim como o Instituto Arqueológico Alemão, apesar de cem anos de escavações, não sabia até 2014 que um terceiro bloco maciço estava lá. No devido tempo, segundo me disseram, "boas novas informações sobre a datação e a
(76) Aguardo-o com interesse, mas também com alguma dúvida se ele resolverá alguma coisa ou simplesmente levantará mais questões. [76]Aguardo com interesse, mas também com alguma dúvida se ela resolverá alguma coisa ou simplesmente levantará mais questões.

Somos uma espécie com amnésia. Os impactos devastadores dos cometas que desencadearam o Younger Dryas há 12.800 anos e que causaram dois episódios de inundação global, um no início e outro no final do Younger Dryas, nos fizeram esquecer muita coisa. A recuperação da memória a partir dos fragmentos que restaram é logisticamente difícil e psicologicamente dolorosa - como demonstram as complexidades e as décadas de disputas em torno de Baalbek. Mas as mensagens do passado profundo e distante ainda chegam até nós nas palavras dos Sábios, nos feitos dos magos e nos poderosos memoriais que eles deixaram para nos despertar na época do Grande Retorno.

Parte VI

Estrelas

Capítulo 14
Os portões do sol

Baalbek continua muito presente em minha mente no dia seguinte, enquanto percorremos o magnífico litoral ao redor da Baía de Jounieh em direção a 38 quilômetros (23,6 milhas) ao norte de Byblos, o antigo porto fenício que afirma, com alguma justificativa, ser a cidade continuamente habitada mais antiga do mundo. Os arqueólogos estabeleceram que ela foi ocupada já em 8800 a.C.,[1] enquanto Göbekli Tepe ainda funcionava. [2] Em 5000 A.C., Byblos era um assentamento próspero e estável que, desde então, nunca mais deixou de ter população humana.[3] Por volta de 3000 A.C., quando era conhecida como Gubla ou Gebel, ela havia crescido e se tornado o principal porto e cidade da antiga costa cananeia. [4] Foram os gregos que mais tarde a lideraram Byblos, quando servia como centro de um lucrativo comércio de papiro com o Egito (*bublos* é a palavra grega para papiro). [5] Da mesma forma, o leitor se lembrará do capítulo treze que "fenício" era o nome grego para os cananeus e que os fenícios se referiam a si mesmos como cananeus. Para simplificar, continuarei a usar os termos "fenício" e "cananeu" de forma intercambiável aqui e continuarei a me referir à antiga Gubla/Gebel como Byblos.

Ao chegarmos a Byblos, com seus cafés de rua e palmeiras, e o Mediterrâneo brilhante batendo em seu belo porto em forma de meia-lua, o que me vem à mente sobre Baalbek é uma pergunta. Por que os romanos não escolheram construir o maior e mais espetacular templo de todo o seu império na própria Roma? Ou então, se por algum motivo eles se sentiram compelidos a construir o Templo de Júpiter no Líbano, por que não o construíram em um entreposto importante e de prestígio como Byblos? E se não foi em Byblos, por que não foi em outro dos renomados portos fenícios ao longo da mesma costa, como Tiro ou Sidon?

Por que Baalbek para o Templo de Júpiter? Essa é a pergunta. Mas não há uma resposta fácil, pois os arqueólogos e historiadores admitem que não existe uma única evidência "que nos **diga** quem encomendou, pagou ou projetou qualquer parte do complexo". [6] Portanto, só podemos especular sobre seus motivos. É realmente surpreendente, quando se considera a escala do empreendimento, que nenhum imperador, nenhum general e nenhum arquiteto jamais tenha reivindicado o crédito por ele, mas o fato é que o templo permaneceu peculiarmente ausente dos anais dos romanos e de todos os outros povos por muitos séculos após sua construção.[7]

Somente em Macróbio, que escreveu no século V d.C. (época em que Baalbek já havia sido cristianizada há muito tempo), temos sequer uma referência ao deus que era adorado ali. [8] É quase como se uma **esfera** de silêncio tivesse sido lançada sobre o local pelos mágicos de uma época anterior e os romanos tivessem caído sob seu glamour, deixando-se prender por ela, mesmo quando ergueram as enormes colunas e frontões de seus próprios templos. Em consequência, como observa o historiador arquitetônico Dell Upton, "a antiga Baalbek é uma invenção de nossa imaginação". [9] Até mesmo o local em si, como o vemos agora, é, de certa forma, uma obra de fantasia, já que grande parte dele foi reconstruído por uma missão arqueológica alemã no início do século XX e por arqueólogos franceses e libaneses nas décadas de 1930, 1950 e 1960. O restante conhecemos por desenhos de reconstrução do complexo em um estado mítico de conclusão.[10]

Acredito que é uma continuação dessa "criação de mitos" arqueológicos que leva Daniel Lohmann à sua especulação paradoxal de que os construtores da Baalbek romana eram "megalomaníacos", embora fossem, de fato, tão modestos que nunca procuraram se associar pelo nome a nenhum dos "passos gigantescos em direção à monumentalidade" que deram ali. [11] O mais gigantesco de todos esses "A tentativa inacabada de dar ao Templo de Júpiter um pódio puramente cosmético, que não suportava carga, subindo - caso tivesse sido concluído - a cerca de 15 metros de altura (diminuindo qualquer outro pódio de templo romano) e composto de blocos que pesavam centenas de toneladas e, no caso do Trilhão, de blocos que pesavam mais de 1.000 toneladas.
pódio de suporte de carga, que se elevava - caso tivesse sido concluído - a cerca de 15 metros de altura (superando qualquer outro pódio de templo romano) e era composto de blocos que pesavam centenas de toneladas e, no caso do Trilithon, quase mil toneladas. No quadro de referência de Lohmann, e no quadro de referência de todos os arqueólogos do século passado, somente megalomaníacos contemplariam tal tarefa.

No entanto, **já** que estamos especulando, ofereço a especulação alternativa de que os romanos escolheram Baalbek para o Templo de Júpiter - que era um lugar tão especial para eles - exatamente *precisamente porque* a forma de U que Lohmann acredita ser a base de seu pódio "megalomaníaco" já estava lá, vindo da época dos próprios deuses e digna de veneração em épocas posteriores

puramente para honrar esses deuses antigos, e não para exaltar os nomes e alimentar os egos daqueles que os honravam.

Adoradores de estrelas

Com vista para as ruínas de templos fenícios e romanos, um castelo do período das Cruzadas (século XII d.C.) é o ponto de referência dominante em Byblos atualmente. E, curiosamente, esse castelo dos cruzados, reconstruído e reparado várias vezes, tem pelo menos uma dúzia de tambores de colunas romanas reutilizados como blocos de alvenaria em suas paredes - um lembrete de que, nessa região, nunca se pode levar qualquer peça de arquitetura totalmente pelo valor de face.

Mas o castelo é um local maravilhoso para se ter uma noção da antiga cidade de Byblos, de fato a mais antiga, de onde os marinheiros fenícios navegaram para todos os pontos do mundo conhecido e além - pois a sugestão de que os fenícios chegaram às Américas milhares de anos antes de Colombo continua a ser apoiada por evidências intrigantes, embora fragmentárias. [12]Há também uma conexão misteriosa com o Egito Antigo que vai muito além do comércio de papiros entre esses dois povos antigos.

Essa conexão diz respeito ao deus Osíris, cuja imagem celestial os antigos egípcios viam na constelação de Órion. Pai de Hórus e marido de Ísis, a deusa da magia, Osíris foi, segundo a tradição, um grande rei dos tempos primordiais, que ofereceu as dádivas da civilização àqueles que estavam dispostos a recebê-las:

> Ele os ensinou a cultivar a terra, a semear e a colher, formulou um código de leis para eles e os fez adorar os deuses e prestar-lhes serviços. Em seguida, deixou o Egito e viajou pelo resto do mundo ensinando as várias nações a fazer o que seus próprios súditos estavam fazendo. Ele não obrigou ninguém a seguir suas instruções, mas, por meio de persuasão gentil e apelo à razão, conseguiu induzi-los a praticar o que ele pregava. pregava.[14]

Os feitos desse grande mestre civilizador, conforme registrados nos anais do Egito Antigo, lembram, é claro, a missão daqueles grupos de deuses, mágicos e sábios que os Textos da Construção de Edfu nos dizem que "vagaram pela Terra" em seus grandes navios após o dilúvio que destruiu sua terra natal, buscando trazer a ressurreição do mundo antediluviano. E o antagonista, Set, que aparece na tradição de Edfu e acaba sendo derrotado e subjugado por Hórus, também desempenha um papel fundamental no ciclo de mitos de Osíris. Ele conspira contra o deus-rei enquanto ele está ausente em sua missão civilizatória e, ao retornar, planeja assassiná-lo com a ajuda, significativamente, de setenta e dois co-conspiradores. [15]Há um código aqui, pois, como o leitor deve se lembrar, o número 72 é o batimento cardíaco do ciclo de precessão - o número de anos necessários para um grau de movimento de precessão.

O corpo de Osíris, como nos é dito, é colocado em um sarcófago por Set e os outros conspiradores e jogado no Nilo, de onde a correnteza o leva para o norte e para o mar Mediterrâneo. As ondas levaram a caixa até a costa do Líbano:

> Assim que ela pousou no chão, uma grande árvore brotou e, crescendo ao redor da caixa, cercou-a por todos os lados. O rei de Byblos ficou maravilhado com o tamanho da árvore, mandou cortá-la e mandou fazer um pilar para seu palácio com a parte do tronco que continha a caixa.[16]

Ao descobrir o paradeiro dos restos mortais de seu marido, Ísis embarca para Byblos, vai até o palácio e consegue ser nomeada babá dos filhos do rei. Quando não é observada, ela se transforma em uma andorinha e voa ao redor do pilar, lamentando-se. Por fim, ela revela sua verdadeira identidade e convence o monarca a lhe dar o pilar, do qual ela retira o sarcófago contendo o corpo morto de Osíris e retorna com ele ao Egito.[17]

O que acontece em seguida é uma longa história, que não precisamos contar aqui, mas o resultado é a ressurreição de Osíris nos céus como a constelação de Órion, onde, como um deus das estrelas, ele reina sobre o reino após a morte, com sua consorte Ísis ao seu lado na forma da estrela brilhante Sirius (chamada Sopdu ou Sept na língua egípcia antiga, muitas vezes traduzida em grego como Sothis). [18]Em um texto, que faz essas Em um discurso de identificação estelar particularmente claro, Ísis fala de Osíris da seguinte forma:

> Tua imagem sagrada, Órion no céu, nasce e se põe todos os dias; eu sou Sothis, seguindo-o, e não o abandonarei.[19]

E nos Textos das Pirâmides lemos, entre muitas declarações semelhantes, que "Osíris veio como Órion". [20]Várias outras referências também identificam faraós falecidos do Egito com Osíris e com as estrelas de Órion e Sirius, por exemplo:

> Ó carne do Rei, não decaia... Você alcançará o céu como Órion, sua alma será tão eficaz quanto Sothis... [21]

Da mesma forma:

> Ó Rei, o céu o concebe com Órion, a luz da aurora o carrega com Órion. Aquele que vive, vive por ordem dos deuses, e você vive. Você subirá regularmente com Órion da região oriental do céu, e descerá regularmente com Órion para a região ocidental do céu.[22]

A partir desses textos, observa o egiptólogo Selim Hassan:

> Acho que não se pode negar que, em um determinado período de sua história, os egípcios acreditavam que as almas de seus reis se misturavam com as estrelas ou se tornavam uma estrela... e essa tradição nunca desapareceu completamente. Além disso, a associação das pirâmides de Gizé com o culto estelar foi mantida por muito tempo pela tradição e as de Khufu e Khafre mantiveram a reputação de serem ligados à adoração de estrelas ainda no período árabe.[23]

Na mesma passagem, Hassan faz uma observação da maior relevância para minha pesquisa. "No Dicionário Geográfico, *Mo'gam-el-Buldan,* de Yakut el-Hamawi", ele escreve, "Vol. VIII, p. 457 (Edição do Cairo)":

> é dito, depois de dar as dimensões das duas maiores pirâmides de Gizé: "A ambas os sabiás faziam sua peregrinação". Agora, é claro, esses sabiás eram adoradores de estrelas e, se bem entendi, seu nome deriva da palavra egípcia *sba,* "estrela". Os sabiás eram seguidores de uma religião antiga... adoradores das hostes do céu, dos corpos celestes... Qualquer que tenha sido a origem de seu nome, o fato é que eles reconheciam plenamente as pirâmides de Khufu e Khafre como sendo monumentos ligados ao culto estelar, e os reverenciavam como locais de peregrinação.[24]

A conexão que Hassan faz aqui é notável, porque a cidade natal dos sabianos, desde tempos imemoriais, era Harran, no sudeste da Turquia [25], a poucos quilômetros de Göbekli Tepe. Além disso, como nós **sabemos** que eram "adoradores das estrelas", esses sabianos de Harran eram seguidores dos "Livros de Toth" - veja o Capítulo Onze - nos quais o antigo deus da sabedoria egípcio havia registrado as "palavras de os Sábios". De fato, nos tempos islâmicos (por centenas de anos após a revelação do Alcorão ao Profeta Muhammad, no sétimo ano da Era Cristã), os sábios eram os mais importantes.
(25) Quando os sabianos foram convidados a mostrar seu "livro", eles produziram uma cópia dos textos herméticos - os escritos gregos e latinos que se propunham a ser diálogos entre Toth e os judeus - e apresentaram uma cópia do livro de Toth. [26]Quando lhes foi pedido que mostrassem seu "livro", eles apresentaram uma cópia dos textos herméticos - os escritos gregos e latinos que alegavam ser diálogos entre Thoth (o Hermes dos gregos, o Mercúrio dos romanos) e vários de seus pupilos.[27]É digno de nota que Toth, além de ser o deus da sabedoria, também era o "Senhor da Lua"[28]e que o principal templo de Harran era dedicado ao deus da lua de seu próprio panteão, cujo nome era Sin.[29]Por último, mas não menos importante, Filo de Byblos nos diz que Sanchuniathon, a fonte de sua *História Fenícia*:

> pesquisou cuidadosamente as obras de Tautos. Ele fez isso porque percebeu que Tautos foi a primeira pessoa sob o sol que pensou na invenção da escrita e que começou a compor registros, lançando assim o alicerce, por assim dizer, do aprendizado. Os egípcios o chamam de Thouth e os alexandrinos de Thoth, e os gregos traduziram seu nome como Hermes.[30]

Ficamos mais algumas horas em Byblos. As escavações da antiga cidade ficam ao redor do castelo dos cruzados. Há uma colunata romana, um pequeno teatro, muralhas fenícias, os restos, pouco mais do que fundações, do Templo de Baalat-Gebel, por volta de 2800 a.C. e dedicado à deusa fenícia padroeira de Byblos, e o chamado templo em forma de L, por volta de 2600 a.C. - um lago sagrado separava os dois templos. a.C. - um lago sagrado separava os dois edifícios. No topo de um pódio, ainda há vários **obeliscos** pequenos e rudes - o "Templo dos Obeliscos", entre 1900 e 1600 a.C.. Há os restos da necrópole real dos reis de Byblos, do século XVIII a.C. até o século X a.C., mas misturado a tudo isso, muito próximo a ele, está o bairro neolítico, que remonta a 5000 a.C. e além, onde os habitantes de Byblos começaram a fabricar pisos de calcário triturado por volta de 4500 a.C.[31]

Todas essas ruínas e restos mortais estão misturados de forma promíscua, uns sobre os outros, uns ao redor dos outros, século após século, milênio após milênio, retrocedendo à pré-história, muito bem limpos pelos arqueólogos e deixados em exposição como atrações turísticas. O local não toca meu coração e, na ausência do texto original de Sanchuniathon, na ausência até mesmo da *História* de Filo, a não ser nos fragmentos que sobreviveram, sinto que não há mais nada de útil que eu possa fazer aqui.

É hora de seguir em frente.

Colina de pilares

É um voo curto de Beirute para Istambul e, de Istambul, é apenas mais um salto curto para a cidade de Şanl Iurfa, que Santha e eu usaremos como base para visitar Harran, a cidade dos misteriosos sabiás "adoradores de estrelas", e para uma visita de retorno a Göbekli Tepe. Nosso primeiro objetivo, no entanto, não é nenhum desses lugares. Em vez disso, procuramos um local ainda não escavado que mostra todas as indicações de ser tão antigo quanto Göbekli Tepe e que parece ter sido dedicado ao mesmo propósito misterioso. O nome desse local, segundo minha pesquisa de base, é Karahan Tepe, mas saber o nome é uma coisa; encontrá-lo é outra bem diferente.

É muito quente no sudeste da Turquia em julho. Nosso motorista fala inglês, portanto, não há problema em se comunicar com ele, e ele, por sua vez, pode se comunicar com outras pessoas em nosso nome, mas ninguém por quem passamos enquanto dirigimos por uma paisagem de campos irrigados e **montanhas** estéreis parece ter a menor ideia de onde fica Karahan Tepe. É apenas mais uma **trilha** e, ao que tudo indica, está em um local bastante deserto. No entanto, acabamos encontrando-a, cerca de 15 quilômetros ao sul da rodovia principal E90 e 65 quilômetros a leste de ŞanlIurfa. É lá que avistamos uma pequena fazenda cercada por **valas** baixas e campos pobres no final de uma pista de terra esburacada. O fazendeiro aponta para uma colina que se ergue a algumas centenas de metros ao norte. Ele diz que fica em suas terras, mas que somos bem-vindos para dar uma olhada. Ele designa seu filho adolescente para nos mostrar como dirigir nosso carro o mais próximo possível do local, depois saímos e percorremos o resto do caminho a pé.

O *tepe* é um cume de calcário que corre aproximadamente de norte a sul, com encostas íngremes, coberto de solo solto e quebradiço, coberto de e grama baixa em seus flancos leste e oeste. O topo do cume está a cerca de 705 metros acima do nível do mar, mas a subida de onde estacionamos é de apenas mais 50 metros e quase imediatamente começamos a ver os formatos de T característicos dos pilares que conhecemos de Göbekli Tepe. Eles estão por toda parte ao redor das laterais do cume, dezenas deles, alguns organizados em círculos, outros no que parecem ser fileiras paralelas, mas **muitos** deles estão profundamente enterrados, com apenas os topos característicos do "T" projetando-se acima do solo.

Figura 45

Extraordinariamente, além de confirmar que o Karahan Tepe tem a mesma idade do Göbekli Tepe, ou seja, entre 11.000 e 12.000 anos, e que foi abandonado mais ou menos na mesma época, ou seja, há cerca de 10.200 anos, após o que nunca foi reassentado, [32]quase nenhuma arqueologia foi feita no local. A população local, por outro lado, tem se ocupado com a busca de tesouros e seus esforços expuseram e quebraram vários pilares, dois deles com serpentes esculpidas exatamente da mesma forma que as serpentes estão representadas nos pilares de Göbekli Tepe.
nos pilares de Göbekli Tepe.

Ao longo do topo da crista, encontramos várias depressões semiesféricas, como pequenas crateras, cortadas na rocha. Algumas têm bordas muito limpas e bem definidas, geralmente com cerca de 30 centímetros de diâmetro e até 15 centímetros de profundidade, embora também haja cúpulas menores e maiores. Na maioria dos casos, elas são agrupadas em conjuntos de uma dúzia ou mais, às vezes em fileiras, às vezes em padrões circulares ou espirais - mas de forma tão aleatória que é difícil ver a lógica por trás delas.

Como em Göbekli Tepe, está claro que a extração dos pilares foi feita no local e encontramos vários lugares onde sulcos paralelos, marcando a forma de um **pilar**, foram cortados no leito rochoso do cume. Há um pilar em forma de T quase completo ainda in situ na pedreira, que mede 4,5 metros (14 pés e 10 polegadas) de altura, 1,5 metro (5 pés) de largura e 80 centímetros (2 pés e 7 polegadas)

[33]Olhando para a floresta de pilares com apenas suas cabeças projetando-se acima dos flancos da colina, não posso deixar de imaginar o que seria encontrado aqui se uma escavação adequada fosse feita. Göbekli Tepe já reescreveu a história da humanidade e aqui está outro Göbekli Tepe, intocado, praticamente intocado, e ninguém parece nem um pouco interessado. De fato, há até mesmo um L-

fragmento em forma de um bloco cuidadosamente cortado que formava uma "janela" ou "vigia" quadrada completa - peças semelhantes foram encontradas intactas em Göbekli Tepe - que foi usada aqui como parte da lareira para a fogueira de algum pastor e agora está enegrecida pela fumaça em um canto protegido próximo ao topo do cume.

É incompreensível para mim que um lugar tão importante como Karahan Tepe, com tanto a nos ensinar, possa ser tão ignorado e desconsiderado. Eu sempre disse, como fiz no final do último capítulo, que somos uma espécie com amnésia. Atribuo nosso grande esquecimento de nosso próprio passado, as páginas em branco em nossa memória, aos terríveis cataclismos pelos quais a Terra passou no final da Idade do Gelo, mas aqui em Karahan Tepe sou lembrado de que nosso estupor coletivo também é muitas vezes autoinfligido voluntariamente - como se não nos importássemos mais em saber de onde viemos ou quem realmente somos.

Controle do passado

No dia seguinte, Santha e eu voltamos para Göbekli Tepe. Klaus Schmidt ainda está vivo neste momento, em julho de 2014, mas ele está na Alemanha durante o verão e, em poucos dias, morrerá de um ataque cardíaco.

Na sua ausência, quero dar outra olhada no local. Em especial, espero conseguir chegar lá à noite, para que eu possa vê-lo sob o céu aberto e ter uma noção de sua relação com as estrelas acima e com a terra abaixo. Em vez disso, o que recebo é outro lembrete vigoroso de como nós, seres humanos, profanamos as preciosas dádivas que nos foram legadas por nossos ancestrais.

Mesmo em 2013, a vandalização e o desfiguramento arqueológico do local já estavam bem avançados, com uma horrível passarela elevada no local, mas o que aconteceu desde nossa última visita é quase impossível de descrever. Um telhado de madeira extremamente feio agora paira sobre os recintos megalíticos, cobrindo-os completamente, e plataformas enormes carregadas com toneladas de pedras foram suspensas sob ele para evitar que o telhado se desprenda com ventos fortes. Essas plataformas, juntamente com os suportes que sustentam o telhado e as proeminentes placas de "proibido entrar" espalhadas pelo local, tornam quase impossível ver os pilares megalíticos ou apreciar sua profunda beleza original e seu poder espiritual.

O que os arqueólogos fizeram - é claro, eles alegam que fizeram isso para "proteger" o local - é uma farsa, uma abominação, uma obra-prima de feiura, e nós, o público global, cujo patrimônio é Göbekli Tepe, ficamos enganados e desamparados. Eu simplesmente não consigo entender as mentes que poderiam ter encaixotado, enjaulado e aprisionado o Göbekli Tepe dessa maneira. Não consigo imaginar o que eles estavam pensando. E mesmo que o teto seja "temporário", como está sendo alegado atualmente - até que, sem dúvida, um teto maior seja colocado no lugar - isso não é desculpa. É melhor não ter nenhum telhado (o local passou muito bem sem ele por quase dezenove anos desde o início das primeiras escavações) do que cinco minutos desse vil horror "temporário".

Além disso, tenho sérias dúvidas sobre o quão "temporário" ele será. O Instituto Arqueológico Alemão levou quase um ano para colocar o telhado (eles já estavam trabalhando nele durante nossa visita anterior, em setembro de 2013), muito dinheiro foi gasto nele e temo que não o veremos ser removido e substituído por algo esteticamente mais adequado à majestade e ao mistério de Göbekli Tepe por muito tempo.

Quanto a uma visita noturna e meu plano de ver as estrelas com os megálitos ao meu redor... Que piada! O telhado isolou Göbekli Tepe totalmente do cosmos. Parece quase como um ato deliberado e calculado de privação de poder - como se alguém entre os poderes constituídos de repente acordasse e percebesse o quanto esse lugar antigo se tornou perigoso para a ordem estabelecida das coisas e o quanto ele é potencialmente subversivo para o sistema de controle da mente, incluindo o controle do passado, que mantém a sociedade moderna em ordem.

Astrônomos antigos

Naquela noite, em nosso hotel, estou trabalhando em meu laptop, examinando uma pilha de artigos de pesquisa sobre Göbekli Tepe que baixei e trouxe comigo. A maioria deles é de revistas acadêmicas, mas um é do meu próprio site. Escrito pelo engenheiro registrado e geólogo ambiental Paul Burley, eu o publiquei em março de 2013 e não o li desde então. Lembro-me de que, na época, achei que era importante, mas não consigo me lembrar imediatamente do motivo. Na época, Göbekli Tepe não era tão central para minhas preocupações como é hoje. Agora, quando leio o artigo de Burley à luz de tudo o que aprendi desde março de 2013, sua mensagem central e exatamente por que ela é importante me atinge como uma injeção de adrenalina.

A oposição de Klaus Schmidt a qualquer forma de conexão astronômica em Göbekli Tepe, que relatei brevemente no Capítulo 1, baseava-se mais em sua profunda ignorância em astronomia e aversão ao assunto do que em qualquer outra coisa. No entanto, apesar da hostilidade do arqueólogo-chefe, vários cientistas estudaram Göbekli Tepe para ver se algum dos recintos ou os grupos de pilares dentro deles revelam algum alinhamento astronômico óbvio. O testemunho unânime de todos esses estudos é que Göbekli Tepe é

u

m local profundamente astronômico, que seus construtores observavam as estrelas com atenção e que conseguiram manifestar essas observações com muito sucesso nos alinhamentos das estruturas no solo.

Vou dar alguns exemplos aqui.

O Dr. Giulio Magli, professor de Física Matemática no Politécnico de Milão, é um importante astrofísico italiano que

realizou estudos arqueoastronômicos de vários locais e monumentos antigos em todo o mundo. Em 2013, ele publicou um artigo de pesquisa sobre Göbekli Tepe com base em simulações computadorizadas precisas de mudanças no céu provocadas por longos períodos de precessão[34]- um fenômeno que já exploramos. Magli argumenta que Sirius, a estrela que os antigos egípcios identificaram com a deusa Ísis, era um objeto de interesse especial para os construtores de Göbekli Tepe:

> Simulando o céu no décimo milênio a.C., é possível ver que um fenômeno bastante espetacular ocorreu em Göbekli Tepe naquele período: o "nascimento" de uma "nova" estrela, e certamente não de uma estrela comum, já que ela é a estrela mais brilhante e o quarto objeto mais **brilhante** do céu: Sirius. De fato, a precessão, na latitude de Göbekli Tepe, trouxe Sirius para baixo do horizonte por volta de 15.000 a.C. Depois de atingir o mínimo, Sirius começou a se aproximar do horizonte e se tornou visível novamente, muito baixo e com um brilho muito forte. perto do sul, por volta de 9300 a.C.[35]

Depois disso, Magli continua demonstrando que os pontos de ascensão de Sirius ao longo do horizonte, que também mudam muito lentamente como resultado da precessão, parecem ter sido "rastreados" em Göbekli Tepe pelo Recinto D, Recinto C e Recinto B. Os azimutes médios extrapolados desses recintos, considerados como as linhas médias entre os dois monólitos centrais em cada caso, alinham-se com o azimute de ascensão de Sirius (36) "As estruturas de Göbekli Tepe", conclui Magli, "foram concebidas para celebrar, e depois seguir, no decorrer dos séculos, o aparecimento de uma estrela 'convidada' no céu: Sirius."[37]

O professor Robert Schoch, da Universidade de Boston, embora não seja astrônomo, também detectou alinhamentos astronômicos em Göbekli Tepe, e na mesma região do céu destacada por Magli. No entanto, Schoch chegou a uma conclusão diferente sobre quais objetos estelares poderiam ter interessado os construtores. "Essa é uma pergunta difícil de responder", escreveu ele, antes de oferecer a seguinte hipótese:

> Na manhã do Equinócio Vernal de aproximadamente 10.000 a.C., antes de o sol nascer a leste em Göbekli Tepe, as Plêiades, Touro e o topo de Órion estavam à vista na direção indicada pelas pedras centrais do Recinto D, com o cinturão de Órion não muito acima do horizonte ao amanhecer (conforme visto dos melhores pontos de observação na área). Um cenário semelhante ocorreu com a orientação das pedras centrais do Recinto C por volta de 9500 a.C. e do Recinto B por volta de 9000 a.C. O Recinto A está orientado para as Plêiades, Touro e Órion na manhã do Equinócio Vernal, por volta de 8500 a.C., mas, devido a mudanças na precessão, o cinturão inteiro de Órion não se elevava mais acima do horizonte antes do amanhecer. Por volta de 8150 a.C., o cinturão de Órion permanecia abaixo do horizonte ao amanhecer na manhã do Equinócio Vernal. Essas datas se encaixam no cronograma estabelecido para Göbekli Tepe na seção com base na datação por radiocarbono.[38]

Outros não astrônomos, o autor Andrew Collins e o engenheiro Rodney Hale, olharam na direção oposta à de Schoch e Magli, ou seja, para o norte em vez de para o sul, e encontraram fortes alinhamentos com o pôr do sol de Deneb, a estrela mais brilhante da constelação de Cygnus. Mais uma vez, os alinhamentos acabaram por acompanhar as mudanças na posição da estrela causadas pela precessão. [39]A impressão crescente de que o Os construtores de Göbekli Tepe prestavam muita atenção às estrelas e estavam bem cientes dos efeitos do movimento de precessão sobre o céu.
A conclusão de que os pilares centrais dos recintos estudados estavam corretos e que, no lado norte de suas orientações, "os pilares centrais dos *recintos estudados estão de fato virados para trás"*, foi confirmada em janeiro de 2015 em um artigo publicado na revista *Archaeological Discovery* , por Alessandro De Lorenzis e Vincenzo Orofino, ambos do Departamento de Matemática e Física da Universidade de Salento, na Itália. Eles concluíram que Collins e Hale estavam corretos e que, no lado norte de suas orientações, "os pilares centrais dos recintos estudados estão de fato virados para enfrentar o cenário de Deneb". [40]Lorentis e Orofino refinaram as datas fornecidas por Collins e Hale, atrasando-as em cerca de 200 anos, mas concordaram que mudanças sutis na orientação dos recintos eram evidências do rastreamento da pré-cessão.[41]

O astrofísico Juan Antonio Belmonte também analisou as características astronômicas de Göbekli Tepe. Ele observou que entre os

[42]Não é preciso dizer que tais alinhamentos exatos, como na Grande Pirâmide de Gizé, no Egito, não podem ter sido alcançados sem o uso de observações astronômicas igualmente exatas.

Belmonte também prestou atenção à "decoração profusa" dos T-pi lars em Göbekli Tepe, concluindo que eles podem representar:

> ainda outras observações astronômicas, como o crescente e a estrela, tão comuns em culturas posteriores do Oriente Médio... Depois, há o que poderia ser interpretado como representações totêmicas de animais, que, se pudermos continuar a especular, poderiam simbolizar constelações como Leão, Touro e Escorpião.

Este é o momento certo para tratar do argumento de Klaus Schmidt (veja o Capítulo Um) de que não poderia haver nenhuma "figura astronômica" em Göbekli Tepi, porque "as constelações do zodíaco não foram reconhecidas até a época babilônica, nove mil anos depois de Göbekli Tepe". Eu não o questionei sobre esse ponto quando o entrevistei, porque estava mais interessado em ouvir suas próprias opiniões sobre

Göbekli Tepe, em vez de envolvê-lo em um debate possivelmente acrimonioso. Claramente, porém, Belmonte, que conhece seu trabalho, não concorda com a posição adotada por Schmidt.

Nem o astrônomo e historiador da ciência russo Alexander Gurshtein, que atribui o primeiro reconhecimento e nomeação de constelações - notadamente a Ursa Maior - a 20.000 a.C.[43]e o conhecimento mais detalhado do zodíaco à época de 5.600 a.C.[44].

No entanto, o arqueoastrônomo alemão Michael Rappengluck leva as origens do zodíaco ainda mais longe do que isso. Ele identificou identificou uma representação precisa da constelação zodiacal de Touro pintada há mais de 17.000 anos no Hall of Bu ls na caverna de Lascaux, na França.[45]

Rappengluck ressalta que há quatro momentos-chave do ano: o equinócio da primavera, o equinócio do outono, o solstício de inverno e o solstício de verão. o solstício de verão. Já vimos como o "caráter" de uma era mundial há muito tempo é considerado governado pela constelação zodiacal que "abriga" o sol no equinócio de primavera, mas outras constelações também "abrigam" as outras três "estações do sol" proeminentes no equinócio de outono e nos solstícios de verão e inverno, e quando ocorre uma mudança de era com uma constelação dando lugar a outra no equinócio de primavera, as constelações que governam as outras três "estações" também mudam.

Não há espaço para entrar em detalhes sobre as evidências aqui, mas a essência do argumento de Rappengluck sobre Lascaux é que ali está representada toda a constelação de Touro (em uma das figuras de auroques ou "touros" no Salão dos Touros) e também acima de seu ombro, em um padrão distinto de seis pontos, as seis estrelas visíveis das Plêiades, que formam um elemento altamente reconhecível de Touro. Além disso, é possível atribuir uma data a essa representação:

> As Plêiades em 15.300 a.C. estavam muito próximas do ponto do equinócio de outono... As seis estrelas no "Sa le des Taureaux" representam, portanto, um marcador celestial impressionante e excelente para o início do outono... A época calculada astronomicamente está extraordinariamente próxima da datação por carbono-14 [para atividade humana nessa parte da caverna] correspondente a 15.300 a.C.[46]

Em outro trabalho, Rappengluck fornece mais evidências convincentes de que nossos ancestrais, pelo menos na época entre 16.000 A.C . e 10.000 a.C:

> reconheceu padrões estelares únicos e muito complexos, incluindo a Via Láctea, a Coroa do Norte na caverna de El Castillo (Espanha), as Plêiades na caverna de Lascaux (França) e as principais constelações do céu no mesmo local.[47]

Ele também documenta um painel de rocha na caverna de La Tete du Lion (França) que:

> mostra a combinação de um padrão estelar - Aldebaran no Touro e as Plêiades - com um desenho do ciclo da lua acima. Essa imagem é da época de Solutrean [cerca de 19.000 a 20.000 A.C.]. Ela mostra não apenas uma notável semelhança com a representação na caverna de Lascaux, mas também conecta claramente o padrão estelar com parte do ciclo lunar.[48]

A conclusão de Rappengluck, e mais uma vez preciso resumir uma longa história, é que:

> caçadores-coletores da época paleolítica olharam para o céu estrelado e viram o aglomerado aberto das Plêiades com a lua e o sol errantes perto ou entre a Golden Gate da eclíptica, há 21.000 anos.[49]

O "Portão Dourado da eclíptica" a que Rappengluck se refere aqui era tradicionalmente concebido como a área dos céus delimitada pelas Híades e pelas Plêiades (ambas grupos de estrelas dentro da constelação de Touro), entre as quais, como se fosse através de um grande "portão" celestial, a eclíptica passa.[50]A "eclíptica" é o termo técnico para o "caminho" percebido do Sol através dos céus. A

A implicação, portanto, é que a trajetória do sol (e da lua [51]) contra o pano de fundo das constelações do zodíaco foi observado, representado e compreendido no Paleolítico, talvez até 10.000 anos *antes da* construção de Göbekli Tepe. Por esse motivo, Belmonte faz questão de citar o trabalho de Rappengluck e, de fato, de mostrar uma foto fornecida por Rappengluck da constelação de Touro [52], quando ele faz sua observação aparentemente improvisada de que as constelações zodiacais "como Leão, Touro e Escorpião" podem ser a inspiração para os animais "totêmicos" retratados em Göbekli Tepe.

Para Belmonte, em resumo, Göbekli Tepe oferece evidências de que:

> Uma sociedade de caçadores-coletores completamente desconhecida, há mais de 11.000 anos, procurou criar estruturas monumentais ligadas aos céus. Essa série de santuários, construídos presumivelmente um após o outro e até mesmo um sobre o outro, pode ter sido usada por

séculos, talvez **mi lênios**, para mapear os céus. Entretanto, por razões desconhecidas, os construtores deliberadamente enterraram as estruturas, criando condições que contribuíram para seu excelente estado de preservação, apesar de sua grande antiguidade.[53]

Certamente, os habitantes indígenas da área de Göbekli Tepe eram caçadores-coletores - e caçadores-coletores completamente desconhecidos! Mas minha tese ao longo deste livro é que sua súbita aventura na espetacular arquitetura monumental, seguida de perto pela igualmente espetacular "invenção" da agricultura, é muito estranha. De fato, isso equivale a um "grande salto" quase inexplicável que clama por uma explicação coerente que a arqueologia ainda não forneceu. A hipótese que estamos explorando aqui, e que eu acredito que possa explicar essas anomalias, é que os sobreviventes de uma civilização perdida, que já dominavam a agricultura e sabiam tudo o que havia para saber sobre a construção com megálitos, se estabeleceram entre os caçadores-coletores de Göbekli Tepe após o cataclismo do Younger Dryas e transferiram algumas de suas habilidades para eles.

Agora, além da arquitetura megalítica e da agricultura, devemos levar em conta as evidências da astronomia. À primeira vista, embora o trabalho de Belmonte, Collins, Hale, Schoch, Magli e outros confirme que astrônomos competentes devem ter trabalhado em Göbekli Tepe, não podemos dizer que o nível de conhecimento manifestado nos alinhamentos dos pilares e dos recintos era necessariamente o de uma "civilização" sofisticada. Vimos na pesquisa feita por Gurshtein e Rappengluck que as observações cuidadosas do céu e a identificação de constelações que ainda podemos reconhecer hoje podem ser rastreadas até o Neolítico e, além disso, até a arte das cavernas pintadas do Paleolítico há 20.000 anos ou mais. Portanto, as expressões de tal conhecimento em Göbekli Tepe não precisam nos surpreender indevidamente.

Mas suponhamos que houvesse algo mais - algo que não se poderia esperar que os caçadores-coletores, por mais experientes que fossem, soubessem em nenhuma circunstância?

Foi esse "algo mais" elusivo que o trabalho de Paul Burley me trouxe, como uma injeção de adrenalina, quando reli seu artigo em meu quarto de hotel em Şanlıurfa, em julho de 2014.

Quebra-cabeça neolítico

O artigo de Burley é intitulado "Göbekli Tepe: Templos que Comunicam uma Geografia Cósmica Antiga". Ele o escreveu originalmente em junho de 2011, eu o conheci na Conferência de Precessão e Conhecimento Antigo em Sedona, Arizona, em setembro daquele ano, trocamos alguns e-mails durante 2012 e, em fevereiro de 2013, ele me pediu para ler seu artigo, que, segundo ele, dizia respeito a "evidências de um zodíaco em um dos pilares de Göbekli Tepe". Eu o li, respondi que o achei "muito persuasivo e interessante, com implicações significativas" e disse a ele Gostaria de publicá-lo na página Artigos do meu site. Paul concordou e o artigo foi ao ar em 8 de março de 2013.[54] Ele ainda está lá, acessível pelo URL fornecido na nota.

"Implicações significativas", percebo agora ao ler o artigo novamente em meu quarto de hotel em Şanlıurfa, foi um grande eufemismo. Mas eu não fiz minha primeira visita a Göbekli Tepe até setembro de 2013 e, até então, é claro que já havia esquecido a essência do argumento de Burley, que se concentra quase que exclusivamente no Recinto D e no próprio pilar, o Pilar 43, no qual eu estava mais interessado quando estive lá. Meu interesse por ele foi despertado pela sugestão de Belmonte de que a escultura em relevo de um escorpião perto de sua base (que, como o leitor deve se lembrar, estava escondida por escombros que Schmidt se recusou a permitir que eu movesse) poderia ser uma representação da constelação zodiacal de Escorpião. Portanto, foi um lapso de minha parte não ter relido o artigo de Burley que documentava "um zodíaco" no mesmo pilar antes de ir ao local. Mas somos humanos, todos cometemos erros, todos nos esquecemos das coisas e, apesar de reconhecer suas "implicações significativas" em nossa correspondência seis meses antes, o que Burley havia descoberto me passou totalmente despercebido em minha visita em setembro de 2013.

É aqui que ele chega ao seu ponto:

> Um dos pilares de calcário [no Anexo D] inclui uma cena em baixo relevo na parte superior de um de seus lados. Há um pássaro com asas estendidas, dois pássaros menores, um escorpião, uma cobra, um círculo e várias linhas onduladas e características semelhantes a cordas. À primeira vista, essa coleção de animais litificados parece ser simplesmente uma mistura de animais e desenhos geométricos colocados aleatoriamente para preencher o lado largo do pilar.
>
> A chave para desvendar esse quebra-cabeça do início do Neolítico é o círculo situado no centro da cena. Sou imediatamente lembrado do Pai cósmico - o Sol. As próximas pistas são o escorpião voltado para cima, na direção do sol, e o grande pássaro que parece segurar o sol em sua asa estendida. De fato, a figura do sol parece estar localizada com precisão na eclíptica em relação à constelação familiar de Escorpião, embora o escorpião no pilar ocupe apenas a parte esquerda, ou cabeça, de nossa concepção moderna dessa constelação. Dessa forma, o símbolo do sol está localizado o mais próximo possível do centro galáctico na eclíptica, quando ela cruza o plano galáctico.

Tenha paciência e eu explicarei tudo isso. Enquanto isso, vamos continuar com o artigo de Burley, pois é sua próxima declaração que realmente me faz

me fez sentar e prestar atenção:

> O que é importante aqui é que *por alguma razão desconhecida, os construtores de G*öbekli *Tepe construíram um templo aparentemente destacando um tempo 11.600 anos no futuro.* No entanto, essa cena é intencional. O simbolismo é claro e está de acordo com muitas mitologias que descrevem esse mesmo evento - que ocorre exatamente na época em que vivemos hoje!

Em seguida, Burley apresenta um gráfico que "ilustra o cruzamento do plano galáctico da Via Láctea próximo ao centro da galáxia, com várias constelações familiares próximas". Um segundo gráfico mostra a mesma visão com a adição das constelações antigas representadas no pilar:

> Observe que as asas estendidas, o sol, as pernas do pássaro e a serpente parecem estar todos orientados para enfatizar o caminho do sol ao longo da eclíptica... A semelhança do baixo-relevo com o cruzamento da eclíptica e do equador galáctico no centro da Via Láctea é difícil de rejeitar, apoiando a possibilidade de que os seres humanos reconheceram e documentaram a precessão dos equinócios milhares de anos antes do que é geralmente aceito pelos estudiosos... Göbekli Tepe foi construído como uma esfera simbólica que comunicava uma compreensão muito antiga da geografia mundial e cósmica. O motivo pelo qual esse conhecimento foi intencionalmente enterrado logo depois continua sendo um mistério.

Não entendo imediatamente tudo o que Burley está dizendo em tudo isso, mas entendo o suficiente para começar a trabalhar nisso e, felizmente, tenho um software de astronomia - o Stellarium - em meu computador que pode simular os céus antigos levando em conta a precessão. Mais importante ainda, o programa pode me mostrar o céu de nossa época e me permite percorrê-lo dia a dia, mês a mês, avançando ou retrocedendo conforme desejar, ampliando e inspecionando quaisquer elementos específicos que me interessem. Na maioria das vezes, estudo céus antigos, não modernos, mas hoje é o nosso próprio tempo que preciso examinar.

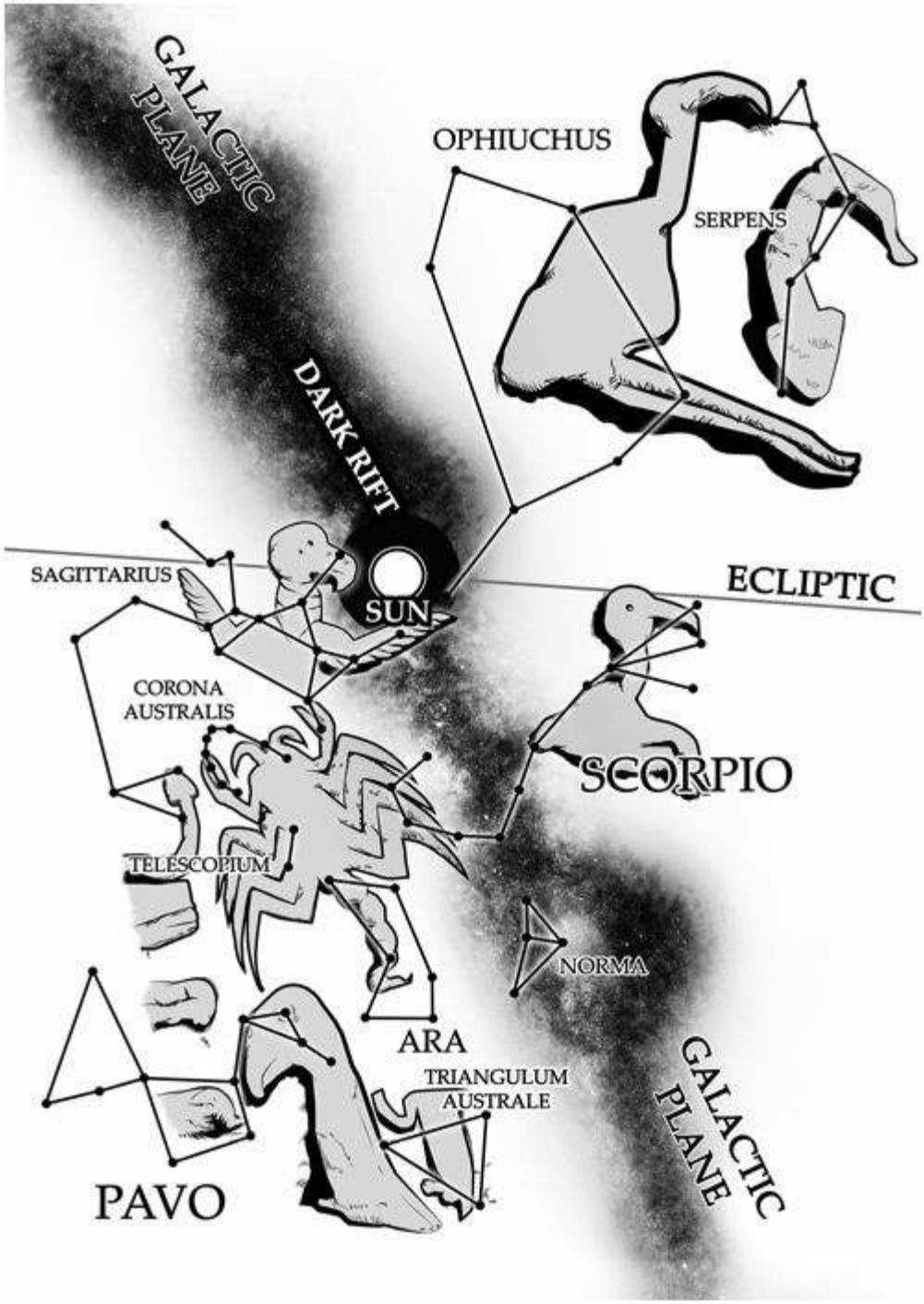


Figura 46: As imagens celestiais do Pilar 43.

Ou melhor, não exatamente em nosso tempo, julho de 2014, enquanto estou sentado em frente ao meu computador em Şanl Iurfa, mas um ano e meio antes, o solstício de inverno, 21 de dezembro de 2012 - a tão alardeada "data final" (que não passou nem com um gemido, muito menos com um estrondo) do famoso calendário maia.

Mensagem em um pilar?

Aqui está o que eu já percebi quando abri o Stellarium em meu computador. Quando Paul Burley fala que o sol representado no pilar de Göbekli Tepe está localizado "o mais próximo possível do centro galáctico na eclíptica", e quando ele também faz questão de me dizer que Escorpião está envolvido, sei que ele só pode estar se referindo a uma época - a época do ano 2000, com um máximo de 40 anos de diferença (ou seja, de 1960 a 2040). A grande faixa de estrelas e nuvens de poeira interestelar que se arqueia pelo céu, que chamamos de Via Láctea e que é, de fato, nossa galáxia natal vista de ponta a ponta, é atravessada pela eclíptica - ou seja, o caminho aparente do Sol pelos céus - duas vezes por ano. Um desses gigantescos intercâmbios fica ao norte, entre as constelações de Gêmeos e Touro; em nossa época, o sol está aqui no solstício de verão do hemisfério norte, ou seja, por volta de 21 de junho. O segundo intercâmbio é no sul, entre as constelações de Sagitário e Escorpião; em nossa época, o sol está aqui no solstício de inverno do hemisfério norte, ou seja, por volta de 21 de dezembro.

O leitor se lembrará de que a precessão tem o efeito visual, visto da Terra, de fazer com que as **constelações** que "abrigam" o Sol nos quatro momentos-chave do ano - os dois equinócios e os dois solstícios - se desloquem muito lentamente ao redor do cinturão do zodíaco, com o Sol passando 2.160 anos "em" cada constelação zodiacal em cada momento-chave, antes que todo o sistema deslize o suficiente para que o Sol passe completamente de uma constelação para outra. Quando isso acontece no equinócio, acontece também nas outras três "estações". De fato, é um bom exercício mental imaginar um círculo - que representa a eclíptica, ou seja, o caminho anual do sol
-e marcar em intervalos iguais ao redor da circunferência desse círculo as doze constelações do zodíaco. Agora coloque quatro raios dispostos em forma de cruz dentro do círculo. Onde cada uma das quatro extremidades da cruz toca a borda do círculo, você tem uma das principais estações do sol - o equinócio de primavera do hemisfério norte (21 de março), o solstício de verão (21 de junho), o equinócio de outono (21 de setembro) e o solstício de inverno (21 de dezembro). Em nossa época, as constelações zodiacais que abrigam o Sol nessas quatro estações são Peixes no equinócio de março, Gêmeos no solstício de junho, Virgem no equinócio de setembro e Sagitário no solstício de dezembro.

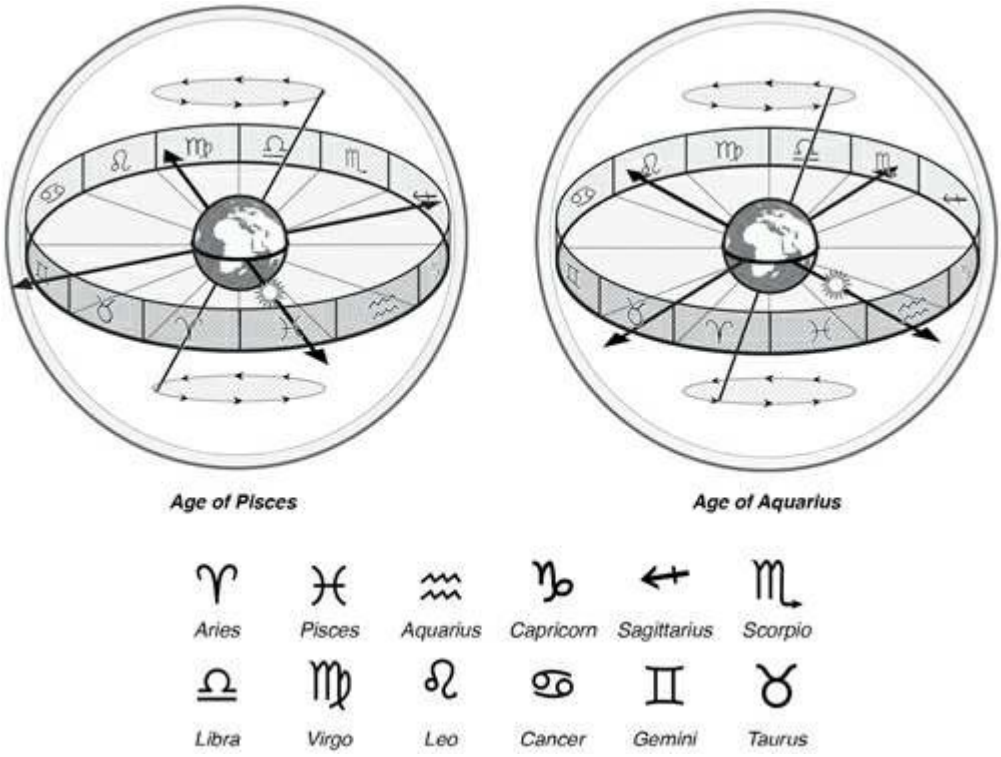


Figura 47: A mudança precessional da Era de Peixes para a Era de Aquário. Como a posição do Sol em relação às constelações zodiacais no equinócio de primavera muda de Peixes para Aquário, o solstício de verão mudará de Gêmeos para Touro, o equinócio de outono de Virgem para Leão e o solstício de inverno de Sagitário para Escorpião.

Entretanto, a precessão tem o efeito de girar muito lentamente os raios da cruz. Estamos nos aproximando do fim da "Era de Peixes" (ou seja, dos 2.160 anos em que Peixes abriga o Sol no equinócio de março) e a extremidade do raio que estava em Peixes logo girará para Aquário (daí a música "this is the dawning of the Age of Aquarius"). Mas, como a cruz é, por assim dizer, soldada para formar uma única unidade fixa, todos os seus raios devem se mover juntos, o que faz com que, à medida que o equinócio de março se desloca de Peixes para Aquário, o solstício de junho se desloca de Gêmeos para Touro, o equinócio de setembro de Virgem para Leão e o solstício de dezembro de Sagitário para Escorpião.

Quero evitar complicações indevidas na medida do possível, mas vamos voltar à Via Láctea que, como vimos, é atravessada pelo caminho do sol duas vezes por ano. Lembre-se de que, em cada ponto de cruzamento, um par de constelações zodiacais fica em cada lado da Via Láctea, formando efetivamente os pilares de dois portões celestes pelos quais a "estrada" da Via Láctea passa - Gêmeos e Touro no Norte (com o sol atualmente abrigado por Gêmeos no solstício de junho) e Sagitário e Escorpião no Sul (com o sol atualmente abrigado por Sagitário no solstício de dezembro). *A relação desses dois pares de constelações zodiacais com a Via Láctea não é afetada pela precessão e NUNCA MUDA.* Gêmeos e Touro sempre marcarão o "portão" norte da Via Láctea e Sagitário e Escorpião sempre marcarão o "portão" sul da Via Láctea.

No entanto, dos dois, o portal Sagitário-Escorpião é o mais importante, porque acontece que a parte da Via Láctea vista através desse portal quando olhamos para o céu noturno forma o centro e o coração da nossa galáxia. Não só isso, mas também porque é o centro galáctico, no meio do qual, segundo os astrônomos acreditam agora, há um imenso buraco negro - "um objeto hiperdenso do qual até mesmo
A luz não pode escapar"[55]- há uma protuberância notável exatamente nessa área. Por último, mas não menos importante, no meio desse chamado "bojo nuclear" há outra característica absolutamente distinta que os astrônomos chamam de "fenda escura", que aparece com destaque em muitas mitologias antigas [56]e

que é criada por uma série de nuvens de poeira molecular não luminosas que se sobrepõem.

Como resultado da precessão, o sol do solstício de dezembro está atualmente abrigado por Sagitário e, portanto, visto da Terra, "mira" o centro galáctico como a mira no cano de um rifle. A última vez que esse grande alinhamento celestial da Terra, do sol do solstício de dezembro e do centro galáctico ocorreu foi em um ciclo precessional completo de 25.920 anos atrás e a próxima vez que isso ocorrerá será em um ciclo precessional completo de 25.920 anos no futuro. Em outras palavras, vivemos em um momento muito especial, na verdade, único, em termos de simbolismo cósmico e astronômico. No próximo capítulo, **falarei** mais detalhadamente sobre o aspecto simbólico e por que o solstício de dezembro é particularmente importante, mas antes disso é importante deixar algo mais claro.

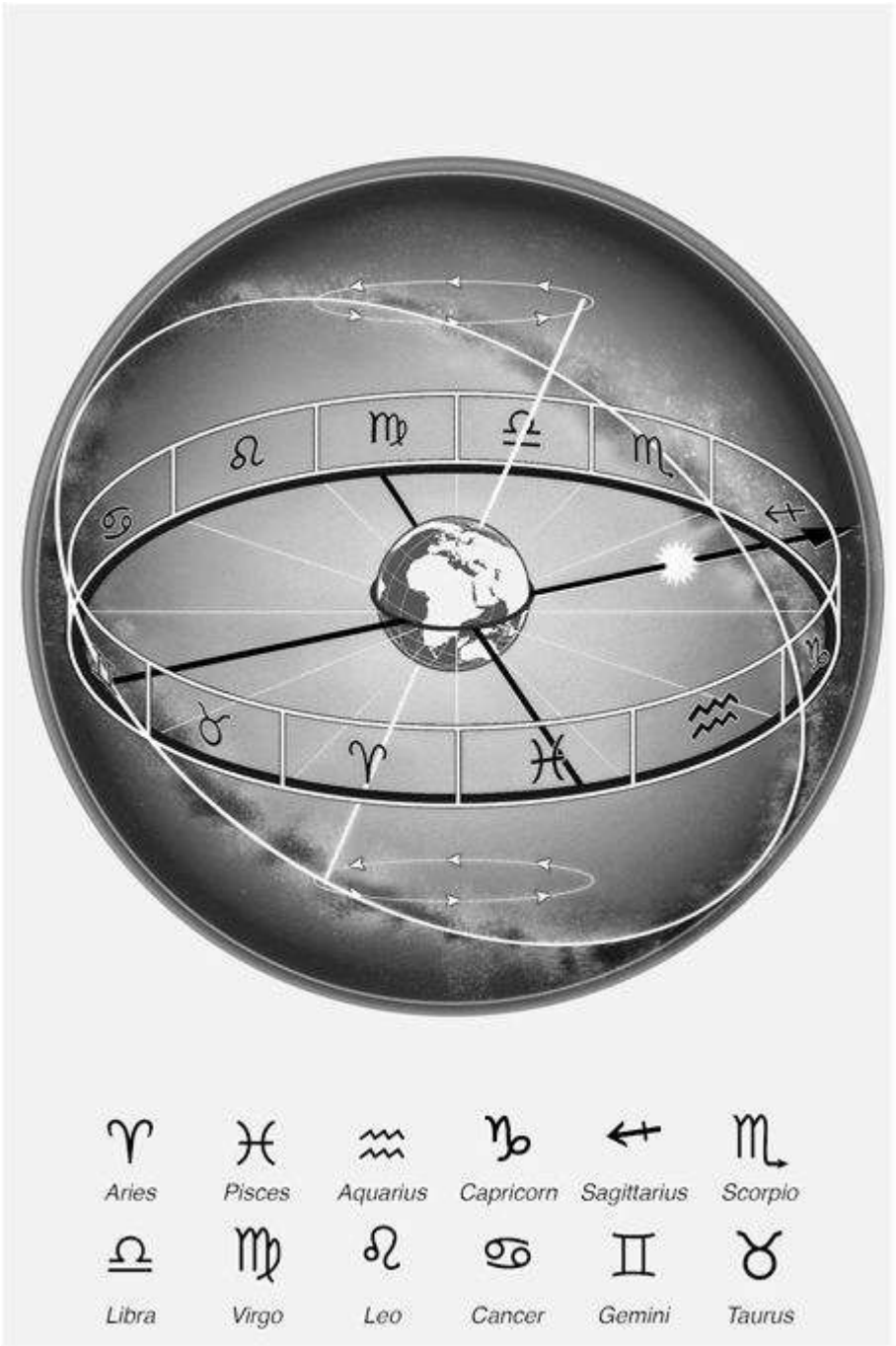


Figura 48: Os portais celestes: Sagitário/Escorpião à direita, com o sol atualmente abrigado por Sagitário no solstício de inverno; e Gêmeos/Touro à esquerda, com o sol atualmente abrigado por Gêmeos no solstício de verão.

Se, hipoteticamente, alguma civilização antiga desejasse empregar seu conhecimento dos movimentos e mudanças regulares nos céus para chamar a atenção para um momento específico no fluxo do tempo, uma possibilidade que consideramos com os monumentos de Gizé, então as eras mundiais de precessão, embora úteis, não são realmente precisas o suficiente para indicar uma data exata. Afinal, as configurações gerais de cada idade de precessão são válidas por 2.160 anos. Se quisermos ser mais específicos do que isso, precisaremos encontrar um evento celeste no período para o qual queremos chamar a atenção que seja (a) um artefato de precessão e (b) ocorra em uma janela muito mais estreita do que a de uma idade mundial de precessão completa de 2.160 anos.

Esse evento ocorre em nosso tempo. É a chegada do sol no solstício de dezembro no portão sul da Via Láctea, entre Sagitário e Escorpião, onde ele mira o centro galáctico. Há certas imprecisões, principalmente relacionadas à largura do disco solar e ao período em que podemos dizer que ele se alinha exatamente com o centro da Via Láctea quando visto da Terra, mas, mesmo assim, não estamos falando de 2.160 anos. O alinhamento exato do centro galáctico ocorre em uma janela que não tem mais de 80 anos de largura e continuaremos nessa janela por aproximadamente mais 25 anos.

Isso cria uma situação interessante com relação à mensagem do Pilar 43 em Göbekli Tepe, pois, se Paul Burley estiver certo, os relevos desse pilar usam uma linguagem simbólica para representar o sol do solstício de dezembro no portão sul da Via Láctea, entre Sagitário e Escorpião.

Em outras palavras, esses relevos estão se referindo ao nosso tempo. Eles estão falando conosco.

Capítulo 15
O local da criação

Enquanto estou sentado em meu quarto de hotel em Şanl Iurfa, em julho de 2014, girando os céus na tela do meu computador, chego cada vez mais à conclusão de que Paul Burley teve uma visão genial sobre a cena em Pi lar 43 em Göbekli Tepe. A linguagem de Burley em seu artigo é cuidadosa - quase tímida. Como vimos no Capítulo 14, ele diz que "a figura do sol parece estar localizada com precisão na eclíptica em relação à constelação familiar de Escorpião". Ele fala de outras "constelações familiares" próximas. E ele chama nossa atenção para o grande pássaro - o abutre - "aparentemente segurando o sol em uma asa estendida". Ele não diz qual constelação acredita que o abutre representa, mas os gráficos que ele inclui para reforçar seu argumento não deixam margem para dúvidas de que ele a considera uma constelação antiga.

representação da constituição de Sagitário.[1]

Já vimos que há evidências para a identificação de constelações que remontam à Idade do Gelo, algumas das quais foram retratadas naqueles tempos remotos em formas que são reconhecíveis para nós hoje. No último capítulo, o leitor deve se lembrar do trabalho de Michael Rappengluck sobre a constelação zodiacal de Touro, retratada em Lascaux há cerca de 17.000 anos como um auroque (espécie antiga de gado selvagem) com as seis estrelas visíveis das Plêiades em seu ombro.

Reconhecer essas surpreendentes continuidades nas formas como algumas constelações são representadas não significa que todas as constelações com as quais estamos familiarizados agora sempre foram representadas da mesma forma por todas as culturas em todos os períodos da história. Isso está muito longe de ser verdade. As constelações estão sujeitas a mudanças, às vezes radicais, dependendo das figuras imaginárias que as diferentes culturas decidem projetar no céu. Por exemplo, a constelação mesopotâmica do Touro do Céu e a constelação moderna de Touro compartilham o mesmo significado.

O aglomerado das Híades é a cabeça, mas em outros aspectos são muito diferentes. [2]Da mesma forma, a constelação mesopotâmica do Arco e Flecha foi construída a partir de estrelas das constelações que chamamos de Argo e Canis Major, com a estrela Sirius como a ponta da flecha. Os chineses também têm uma constelação de Arco e Flecha construída com praticamente as mesmas estrelas, mas a flecha é mais curta, com Sirius formando não a ponta

mas o alvo.[3]

Mesmo quando os limites das constelações permanecem os mesmos de uma cultura para outra, as maneiras pelas quais essas constelações são vistas podem ser muito diferentes. Assim, os antigos egípcios conheciam a constelação que chamamos de Ursa Maior, mas a representavam como a perna dianteira de um touro. Eles viam a Ursa Menor como um chacal. Eles retratavam a constelação zodiacal de Câncer como um escaravelho. A constelação de Draco, que vemos como um dragão, foi representada pelos antigos egípcios como um hipopótamo com um crocodilo em seu corpo.
[4].

Portanto, em princípio, não há nenhuma objeção à sugestão de que a constelação que chamamos **de** Sagitário, "o Arqueiro" - e que retratamos como um híbrido de homem-cavalo centauro segurando um arco com uma flecha puxada - poderia ter sido vista pelos construtores de Göbekli Tepe como um abutre com asas estendidas.

Passei horas no Stellarium alternando entre o céu de 9600 a.C. e o céu de nossa própria época. a.C. e o céu de nossa própria época, concentrando-me na região entre Sagitário e Escorpião - a região que Burley acredita estar representada em Pi lar 43 - e observando a relação do sol com essas conste **lações** de fundo.

A primeira coisa que fica clara para mim é que um abutre com asas estendidas representa *muito bem* Sagitário; na verdade, é uma forma muito melhor, mais intuitiva e mais óbvia de representar a parte central dessa constelação do que o centauro/arqueiro que herdamos dos mesopotâmicos e dos gregos. Essa parte central de Sagitário (menos as pernas e a cauda do centauro) contém suas estrelas mais brilhantes e forma um asterismo facilmente reconhecido, muitas vezes chamado de "bule" pelos astrônomos de hoje, porque se assemelha a um bule moderno com uma alça, uma tampa pontiaguda e um bico. Os elementos da alça e do bico, entretanto, poderiam ser desenhados com a mesma eficácia como as asas estendidas de um abutre, enquanto a "tampa" pontiaguda se torna o pescoço e a cabeça do abutre. É a asa estendida na frente do abutre - o bico do bule - que Burley vê como "segurando o sol", representado pelo disco proeminente no meio da cena no Pilar 43.

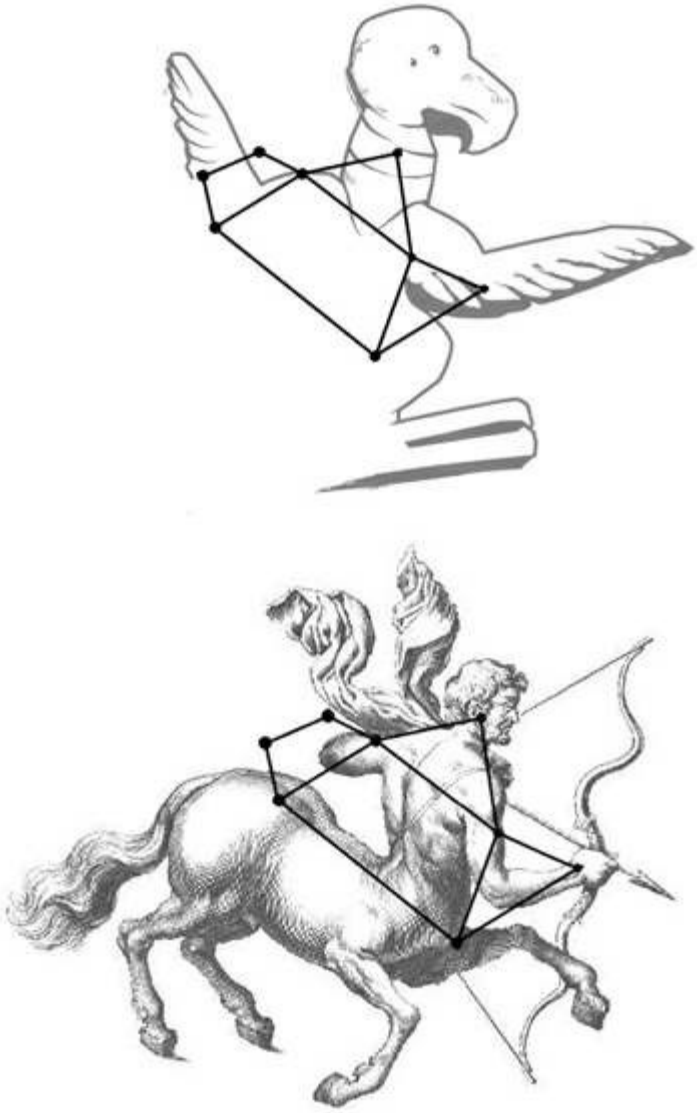


Figura 49: Um abutre com asas estendidas é uma forma muito melhor, mais intuitiva e mais óbvia do que um arqueiro para representar o asterismo central e brilhante do "Bule" n a constelação de Sagitário.

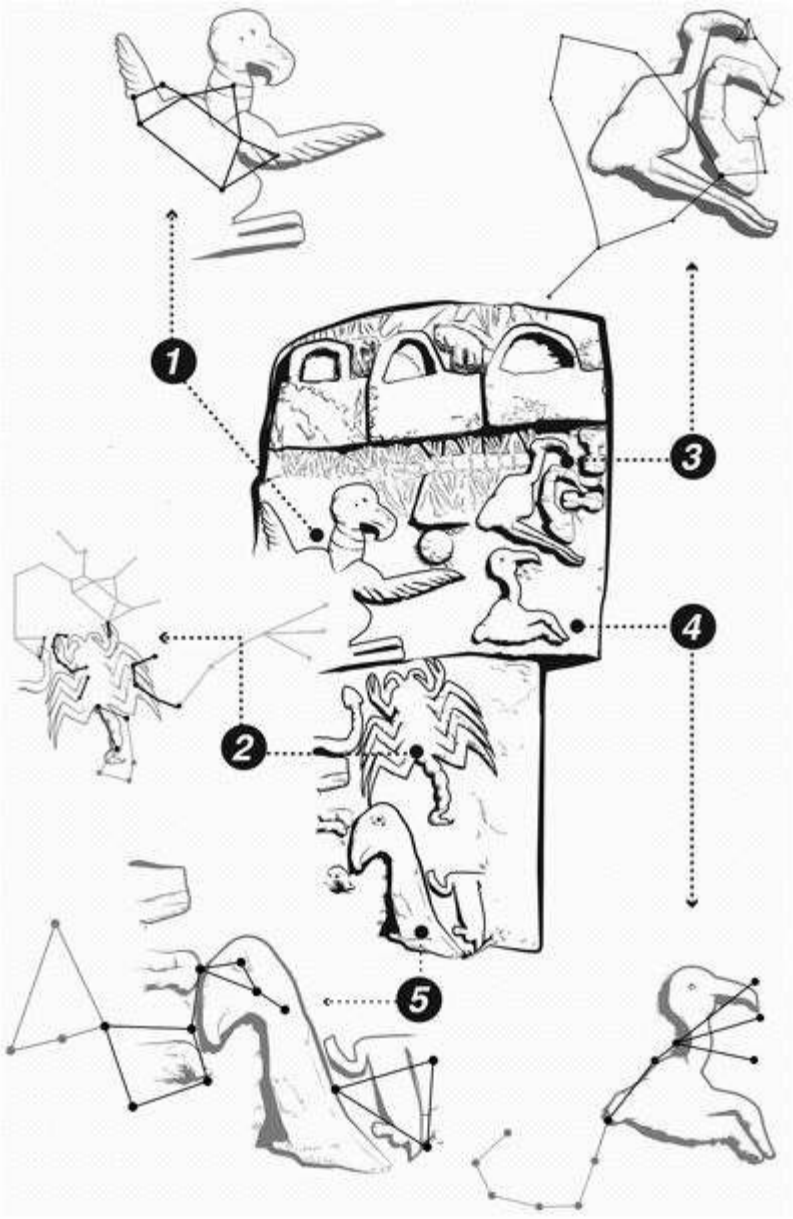


Figura 50: Sagitário e constelações vizinhas conforme interpretado no Pilar 43.

Mas o abutre e o sol são apenas dois aspectos da complexa imagem do pilar. Abaixo e um pouco à direita do abutre há um escorpião. Acima e à direita do abutre há um segundo pássaro grande com um longo bico em forma de foice e, aninhado próximo a esse pássaro, há uma serpente com uma grande cabeça triangular e seu corpo enrolado em uma curva. Um terceiro pássaro, novamente com um bico em forma de gancho, mas **menor**, com a aparência de um pintinho, é colocado abaixo dessas duas figuras - novamente à direita do abutre, na verdade, imediatamente à direita de sua asa dianteira estendida. Abaixo do escorpião está a cabeça e o longo pescoço de um quarto pássaro. Ao lado do escorpião, erguendo-se, há outra serpente.

Parte do motivo de minha crescente confiança na conclusão de Burley, embora ele faça pouco caso disso em seu artigo, é que esses números, com apenas pequenos ajustes, se comparam de forma intrigante com outras constelações ao redor da suposta figura de Sagitário/abutre.

Em primeiro lugar, há o escorpião abaixo e um pouco à direita do abutre, que já vimos ter uma semelhança óbvia com Escorpião, a constelação seguinte de Sagitário no zodíaco. Sua postura e posicionamento estão errados - examinaremos mais de perto as implicações disso daqui a pouco - mas ele está lá e é sobreposto pela extremidade da cauda da constelação que hoje reconhecemos como Escorpião.

Em segundo lugar, há o grande pássaro acima e à direita do abutre com o corpo curvo de uma serpente aninhado próximo a ele. Essas duas figuras estão na posição correta e na relação correta uma com a outra para corresponder à constelação que chamamos **de** Ophiuchus, o portador da serpente, e à constelação da serpente, Serpens, que Ophiuchus segura.

Em terceiro lugar, imediatamente à direita da asa dianteira estendida do abutre, há outra ave, menor, como um pintinho, com um bico em forma de gancho. Envio um e-mail a Burley sobre isso e sobre a posição e a orientação diferentes do escorpião no pilar e na constelação moderna de Escorpião, e chegamos, depois de algumas idas e vindas, a uma solução. Os limites das constelações, como o leitor deve se lembrar, não são necessariamente traçados no mesmo lugar por todas as culturas em um **mesmo** período, e está claro que houve uma mudança ao longo do tempo nos limites da **constelação** aqui. O pintinho em Pi lar 43 parece ter formado uma **pequena** constelação própria na mente dos astrônomos de Göbekli Tepe - uma constelação que utilizava algumas das estrelas importantes que hoje são consideradas parte de Escorpião. O bico em forma de gancho do pintinho

está corretamente posicionado e seu corpo tem a forma correta, para combinar com a cabeça e as garras de Escorpião.[5]

Em quarto lugar, ao lado do escorpião no Pilar 43 há uma serpente e, abaixo do escorpião, a cabeça e o longo pescoço de mais um pássaro, com uma figura antropomórfica sem cabeça posicionada à sua direita. A serpente corresponde à cauda de Sagitário (como vimos, o abutre parece ser composto apenas da parte central de Sagitário - o bule -, o que deixa o restante da constelação à disposição dos antigos para outros usos). Os melhores candidatos para a ave e para a pequena figura antropomórfica peculiar à sua direita são partes das constelações que conhecemos hoje como Pavo e Triangulum Australe. O restante de Pavo pode estar envolvido com outras figuras presentes no pilar à esquerda do pássaro.

Como no caso de Sagitário, os elementos da constelação moderna de Escorpião foram reimplantados nas constelações antigas representadas no Pilar 43. Apenas a cauda do nosso Escorpião está no local correto para coincidir com o escorpião no Pilar 43 e sua cabeça está voltada para a direita, enquanto a cabeça do escorpião no pilar está voltada para a esquerda. O escorpião no pilar também está abaixo do abutre, enquanto o Escorpião moderno é uma constelação muito grande que fica paralela e à direita de Sagitário. Sugiro que a solução para esse problema seja que o escorpião no Pilar 43 seja conjurado a partir de uma combinação da cauda da constelação moderna de Escorpião (pernas direitas do escorpião do Pilar 43), uma parte não utilizada do asterismo "Bule" de Sagitário (garra direita do escorpião do Pilar 43) e as constelações que conhecemos como Ara, Telescopium e Corona Australis (respectivamente a cauda, as pernas esquerdas e a garra esquerda do escorpião do Pilar 43). Enquanto isso, conforme observado acima, as garras e a cabeça da constelação moderna de Escorpião foram cooptadas para formar o pintinho com o bico em forma de gancho no Pilar 43.

Toda essa questão da relação entre as constelações modernas de Escorpião e Sagitário e as figuras do escorpião e do abutre representadas no Pilar 43 adquire um novo nível de significado quando lembramos que, em algumas figuras astronômicas antigas, Sagitário é representado não apenas como um centauro - um homem-cavalo - mas também como um híbrido de homem-cavalo com a cauda de um escorpião e, às vezes, simplesmente como um [6]Nas pedras *Kudurru* babilônicas (muitas vezes chamadas de pedras de contorno, embora seja provável que sua função tenha sido mal compreendida [7]), aparece com frequência a figura de um homem-escorpião armando um arco, que "é universalmente identificado com o arqueiro Sagitário".[8]O que reforça ainda mais a identificação de Sagitário com o abutre no Pilar 43 é que essas figuras de homem-escorpião das pedras *Kudurru* babilônicas são frequentemente representadas com pernas e pés de pássaros. [9]Além disso, em algumas representações, um segundo
O escorpião aparece sob o corpo - ou seja, sob o asterismo Teapot - de Sagitário [10],lembrando a posição do escorpião no Pilar 43 (veja as Figuras 50 e 51).

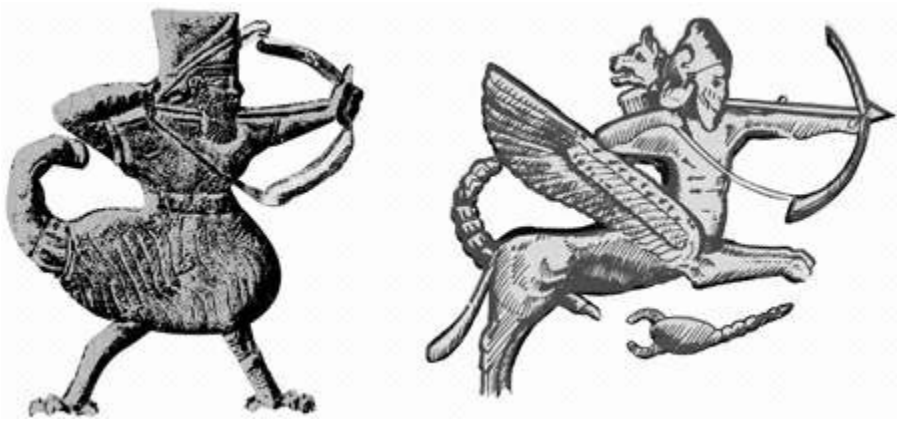


Figura 51: As figuras homem-escorpião de Sagitário das pedras Kudurru da Babilônia (à esquerda) são freqüentemente representadas com pernas e pés de pássaros, reforçando ainda mais a identificação da figura do abutre no Pilar 43 com Sagitário. Em outras representações da Mesopotâmia (à direita), vemos um segundo escorpião sob o corpo de Sagitário, ocupando uma posição semelhante à do escorpião no Pilar 43.

Quando **tudo** isso é considerado em conjunto, na minha opinião, vai muito além de qualquer coisa que possa ser explicada como mera "coincidência". A implicação é que as ideias de como certas constelações deveriam ser representadas, que foram expressas em Göbekli Tepe há quase 12.000 anos, incluindo a noção de que deveria haver um escorpião nessa região dos céus, foram transmitidas, sofrendo algumas mudanças no processo, mas, ainda assim, sobrevivendo de forma reconhecível por milênios para encontrar expressão relacionada na iconografia astronômica babilônica muito posterior. No entanto, dadas as estreitas conexões com a antiga Mesopotâmia, suas cidades antediluvianas, seus Sete Sábios e seus sobreviventes do dilúvio que foram arrastados em sua Arca perto de Göbekli Tepe, talvez não devêssemos ficar muito surpresos.

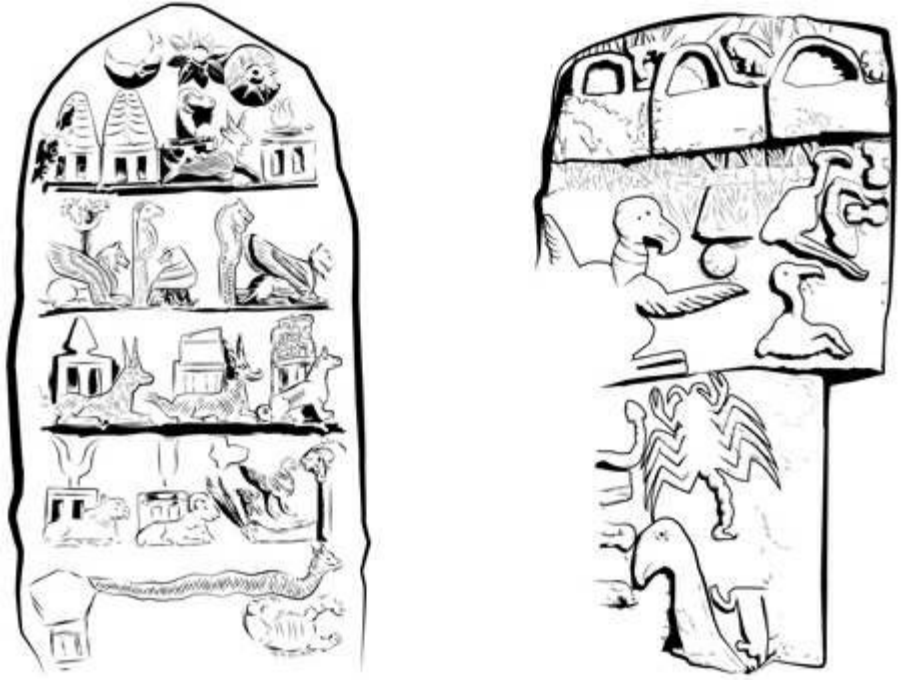


Figura 52: O astrônomo Giulio Magli observa sobre o Pilar 43 em Göbekli Tepe (à direita) que os "sacos" no registro superior são semelhantes às "casas no céu" que ocorrem em pilares babilônicos muito posteriores (à esquerda).

Por último, mas não menos importante, há o mistério dos três "sacos" ou "baldes" no registro superior de Pi lar 43, que me chamaram a atenção na minha primeira visita a Göbekli Tepe e que são discutidos no Capítulo Um. Como observou o astrônomo Giulio Magli, esses:

As três "bolsas" são bastante semelhantes às três "casas no céu" que ocorrem no muito (muito!) posterior livro babilônico *Kudurru* babilônicas(11).

O que Magli chama de "casas no céu" (mais uma vez, veja **as ilustrações** que acompanham) são os símbolos das divindades mesopotâmicas, especialmente Enlil, que enviou o Dilúvio para destruir a humanidade, e Enki, o deus da sabedoria que interveio para nos salvar.[12] O leitor se lembrará do Capítulo Oito que foi Enki quem avisou o patriarca Zisudra sobre o cataclismo que se aproximava e o incentivou a construir a grande Arca que nos salvaria. acabou levando os sobreviventes da enchente para a região de Ararat, tão perto de Göbekli Tepe. É difícil evitar a conclusão de que todos esses Os temas compartilhados na iconografia da Mesopotâmia, no final do primeiro milênio a.C., e de Göbekli Tepe, no início do décimo milênio a.C., têm origens antediluvianas muito mais antigas, em uma civilização perdida que foi a progenitora de ambas - e talvez de muitas outras culturas ao redor do mundo - e que se esforçou, por meio de mitos e tradições de sabedoria deliberadamente projetados e por meio de ensinamentos cuidadosamente estruturados, transmitidos de geração em geração por sábios iniciados, para garantir que sua memória não se perdesse para sempre da Terra.

Os maias

Até tarde da noite, enquanto analiso todo o cenário em meu quarto de hotel em Şanl Iurfa, minha confiança no caso de Burley continua a crescer. Quando **todo** o contexto ao redor é levado em consideração, o abutre "segurando o sol" em sua asa dianteira realmente se parece com a figura de uma constelação antiga que representa o asterismo Teapot da constelação de Sagitário.

Isso levanta a próxima parte do quebra-cabeça: *quando* o abutre/Sagitário "segura o sol"? Burley deixa claro que acredita que o momento representado em Pi lar 43 ainda está muito distante no futuro, quando Göbekli Tepe foi construído - ou seja, 11.600 anos no futuro, ou seja, em nosso próprio tempo, a época de 2012. E ele chega a essa conclusão porque é apenas em nossa época, especificamente na janela de 80 anos entre 1960 e 2040, que o sol em 21 de dezembro, o solstício de inverno, não apenas se senta sobre a asa dianteira estendida do pássaro (ou seja, sobre o bico do "bule" na concepção moderna desse asterismo), mas também mira o "bojo nuclear" e a fenda escura no centro da galáxia Via Láctea. Portanto, sem dúvida, esse é um momento astronômico muito significativo que está simbolizado no Pilar 43.

De fato, é muito significativo, pois também é exatamente essa mesma janela de 80 anos (em que o ano de 2012 ocorre um pouco depois do ponto médio) que é sinalizada no famoso - ou talvez agora seja melhor dizer infame - calendário maia. Muitas bobagens foram ditas sobre esse calendário e, particularmente, sobre a data de 21 de dezembro de 2012, que muitos erroneamente consideraram como algo absoluto e preciso, quando na realidade sempre foi uma "data indicativa" e nada mais.

Para entender esse mistério, o que conta é apenas a astronomia - e a astronomia a olho nu. Não estamos falando aqui de radiotelescópios ou astrofísica. Com relação à astronomia a olho nu dos antigos maias, os verdadeiros estudiosos desse assunto, entre os quais não há ninguém mais proeminente do que John Major Jenkins, fizeram esforços valiosos - por muito tempo antes de 2012 - para nos ensinar

que a data final do calendário maia se baseava, de fato, na conjunção do sol do solstício de inverno, que ocorre uma vez a cada 26.000 anos, com o centro da galáxia, ou seja, com a fenda escura e o bojo nuclear da Via Láctea. Devido ao diâmetro do sol e às limitações da astronomia a olho nu, essa conjunção não pode ser fixada em um ano exato, mas é melhor considerada, como indiquei aqui, como uma janela de 80 anos que abrange o período de 1960 a 2040.

Como um artefato de precessão, o sol do solstício de inverno estava se movendo lenta e firmemente em direção à sua conjunção com o centro da galáxia por milhares de anos antes de 2012 - e em seus livros, pelo menos até o *Maya Cosmogenesis*, que ele publicou em 1998, John Major Jenkins deixou isso bem claro. Os diagramas que ele ofereceu aos leitores mostravam a jornada do sol do solstício de inverno desde 3000 a.C., quando estava a 70 graus de distância do ponto de cruzamento da fenda escura em Sagitário, passando pela época de Cristo, quando havia reduzido pela metade a distância que ainda lhe restava percorrer, até a época de 2012 (aquela janela de 80 anos entre 1960 e 2040), quando mais
e até o ano 5000 d.C., quando ele terá se movido 70 graus além da fenda escura.[13]

Mais do que isso, Jenkins documentou meticulosamente *por que* a conjunção do sol do solstício de inverno com a fenda escura no bojo central da Via Láctea era importante na cosmologia maia - porque essa era a região dos céus que os maias consideravam "o lugar da criação", com o bojo central visto como "o útero ou local de nascimento do céu":

> Os maias entendiam essa protuberância densa e brilhante como um Centro Cósmico e um Local de Criação, uma conclusão baseada apenas na observação a olho nu que é, de fato, muito verdadeira: o centro de nossa galáxia em forma de pires está dentro dessa parte brilhante e ampla da Via Láctea... essa região hiperdensa da qual a Via Láctea e tudo o que há nela, inclusive nós, foi derramado. [14]

Não é meu objetivo aqui aprofundar todo o enigma do calendário maia, até porque escrevi sobre esse assunto com certa profundidade em *Fingerprints of the Gods* (*Impressões Digitais dos Deuses*).[15]No entanto, meu entendimento desde a publicação de *Impressões Digitais* em 1995 evoluiu, e é importante deixar claro que, ao sinalizar as décadas em torno de 2012 como o fim de um grande ciclo, os maias não estavam falando do fim de
o mundo como tal, mas sim o fim de uma era - "um tempo de grande transformação e renascimento mundial" [16]- que seria seguido pelo início de um novo grande ciclo ou era mundial. Esse, no esquema maia, é o período turbulento e perigoso de transição em que vivemos hoje. Portanto, é estranho, e até um pouco assustador, encontrar as coordenadas solares e astronômicas do mesmo
Janela de 80 anos entre 1960 e 2040 profetizada pelos maias para marcar um ponto de virada na história da humanidade, esculpida em alto relevo em um pilar de 12.000 anos em Göbekli Tepe, na longínqua Turquia.

Eliminando o impossível

Quero ter certeza de que posso estar certo ao ler algum tipo de previsão ou profecia para nossa época, algum tipo de notificação, algum tipo de mensagem enviada especificamente para nós, nos relevos do Pilar 43. Antes mesmo de começar a considerar do que essa mensagem poderia falar, o primeiro passo é confirmar que a descoberta de Paul Burley é sólida.

Já estou convencido por sua identificação de Sagitário com o abutre e do disco sustentado por sua asa com o sol. O contexto geral das constelações ao redor também é uma excelente combinação. Será, no entanto, que os relevos no pilar de fato retratam a conjunção do sol com Sagitário e o centro da Via Láctea, mas em algum momento diferente do solstício de inverno nos anos entre 1960 e 2040?

É claro que o alinhamento do solstício de inverno ocorre uma vez a cada 26.000 anos, portanto, em 24.000 a.C., o sol teria sido visto em Sagitário, apontando para o centro da galáxia exatamente como faz hoje, e esse raro alinhamento acontecerá novamente daqui a26.000 anos,
ou seja, em 28.000 d.C. Não é impossível que qualquer mensagem hipotética possa estar relacionada a essas datas remotas.

É intrigante, no entanto, que haja outra "mensagem", de uma cultura completamente diferente - a antiga Maia - que usa o mesmo sistema de coordenadas e que está de fato focada, muito exatamente, nos anos entre 1960 e 2040.

Enquanto isso, em Göbekli Tepe, há também os outros três momentos-chave do ano a serem considerados - o solstício de verão e os dois equinócios. Houve algum alinhamento através de Sagitário com o centro da galáxia em qualquer uma dessas três outras "estações do sol" na época de 9600 a.C., quando Göbekli Tepe foi construído?

Sei, pelo meu trabalho sobre o Egito Antigo, que o sol estava em Leão no equinócio da primavera em 10.800 A.C. Agora, alguns instantes no computador confirmam que esse continuou sendo o caso 1.200 anos depois; em 9600 a.C., o sol do equinócio **ainda** estava em Leão e, portanto, em um ponto de sua trajetória eclíptica que estava muito longe de qualquer alinhamento com o centro da galáxia. Portanto, sinto-me bastante seguro ao descartar o equinócio da primavera, pelo menos naquela época.

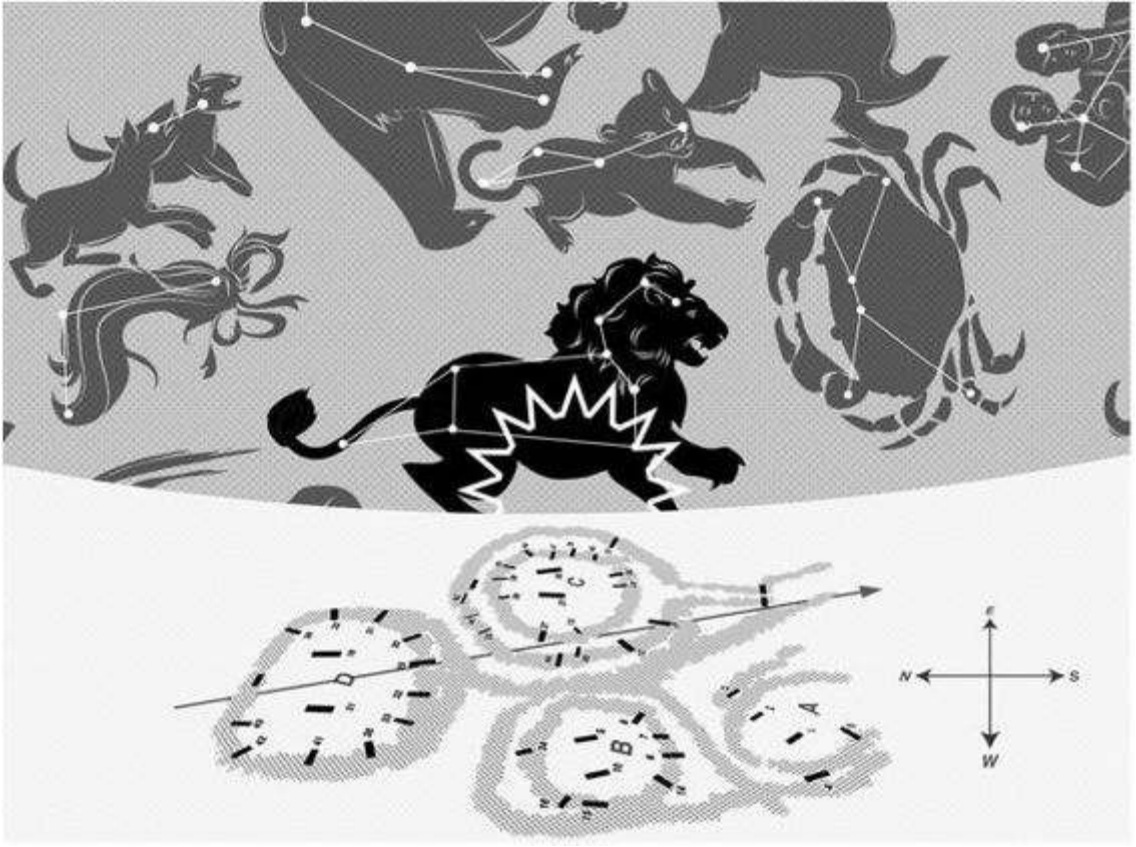


Figura 53: Nascer do sol do equinócio da primavera em Göbekli Tepe, 9600 a.C.

O mesmo ocorre com o equinócio de outono em 9600 a.C. Como o sol estava na constelação de Aquário e, mais uma vez, muito longe do alinhamento com o centro da galáxia, também descarto essa possibilidade.

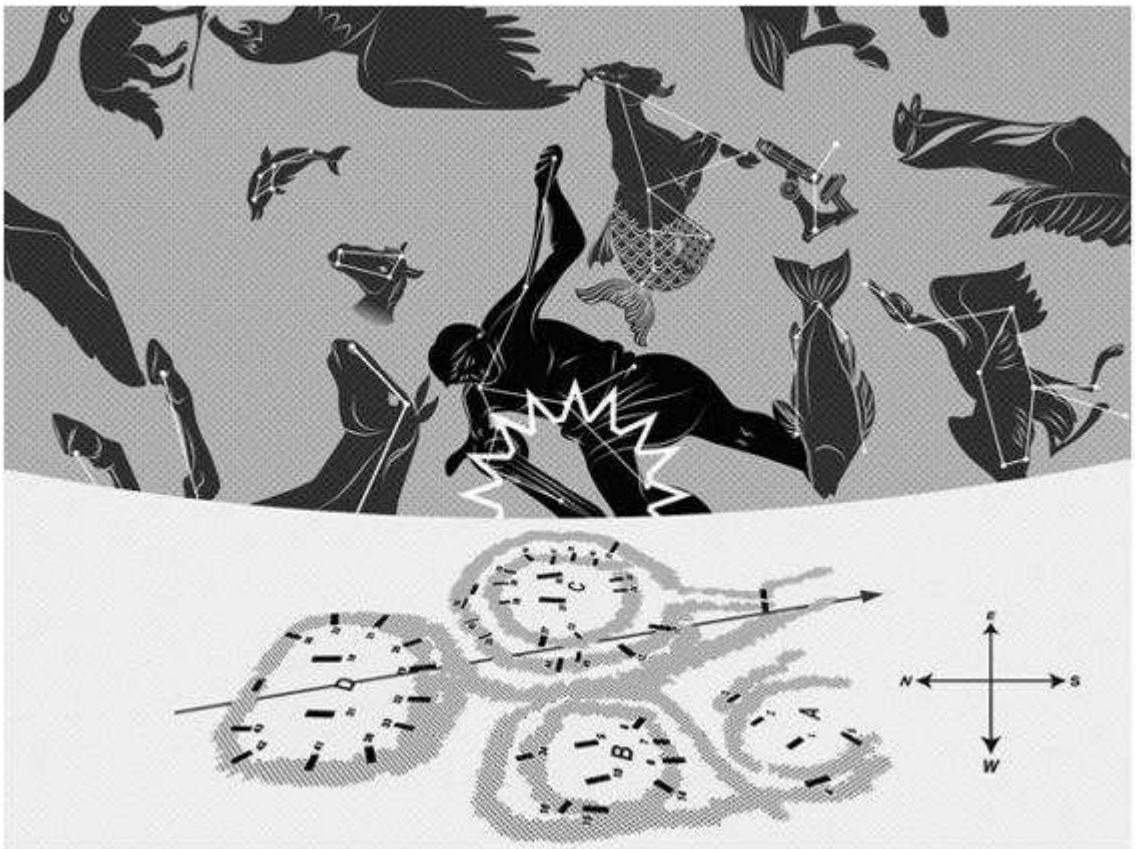


Figura 54: Nascer do sol do equinócio de outono em Göbekli Tepe, 9600 a.C.

Além disso, depois de me lembrar da orientação de todos **os** recintos em Göbekli Tepe, fica claro que os equinócios podem ser descartados em *todos os* períodos. Esse é o caso porque todos os quatro recintos principais, A, B, C e D - lembre-se de que o Pi lar 43 está no Recinto D

-(17)Nenhum deles se aproxima do leste, onde o sol do equinócio nasce, ou do oeste, onde o sol do equinócio se põe. Se os construtores de Göbekli Tepe quisessem direcionar nossa atenção para qualquer um dos equinócios em uma peça de arte simbólica como o Pilar 43, seu primeiro passo teria sido fornecer uma pista óbvia alinhando o local de leste a oeste. Como isso não foi feito, é seguro presumir que os eventos nos equinócios não eram o que eles tinham em mente.

Isso nos deixa com os solstícios. O sol nasce ao sul do leste e se põe ao sul do oeste no solstício de inverno. No solstício de verão, ele nasce ao norte do leste e se põe ao norte do oeste. Em teoria, portanto, os alinhamentos do nascer do sol (sul do leste) no solstício de inverno e os alinhamentos do pôr do sol (norte do oeste) no solstício de verão podem ser considerados relevantes para a orientação noroeste-sudeste de Göbekli Tepe.

Como vimos, um alinhamento do solstício de inverno envolvendo o Sol, Sagitário e o centro da galáxia pode ser descartado para 9600 a.C., já que esse alinhamento só ocorre em nossa própria época, ou em 24.000 a.C. ou em 28.000 d.C. No solstício de inverno de 9600 a.C., o Sol estava em Touro e muito longe do alinhamento com o centro da galáxia. Um alinhamento do nascer do sol no solstício de verão ao norte do leste também pode ser descartado, não apenas em 9600 a.C., mas em **outras** épocas, dada a orientação distinta do local de sudeste para noroeste.

Figura 55: Nascer do sol do solstício de inverno em Göbekli Tepe, 9600 a.C.

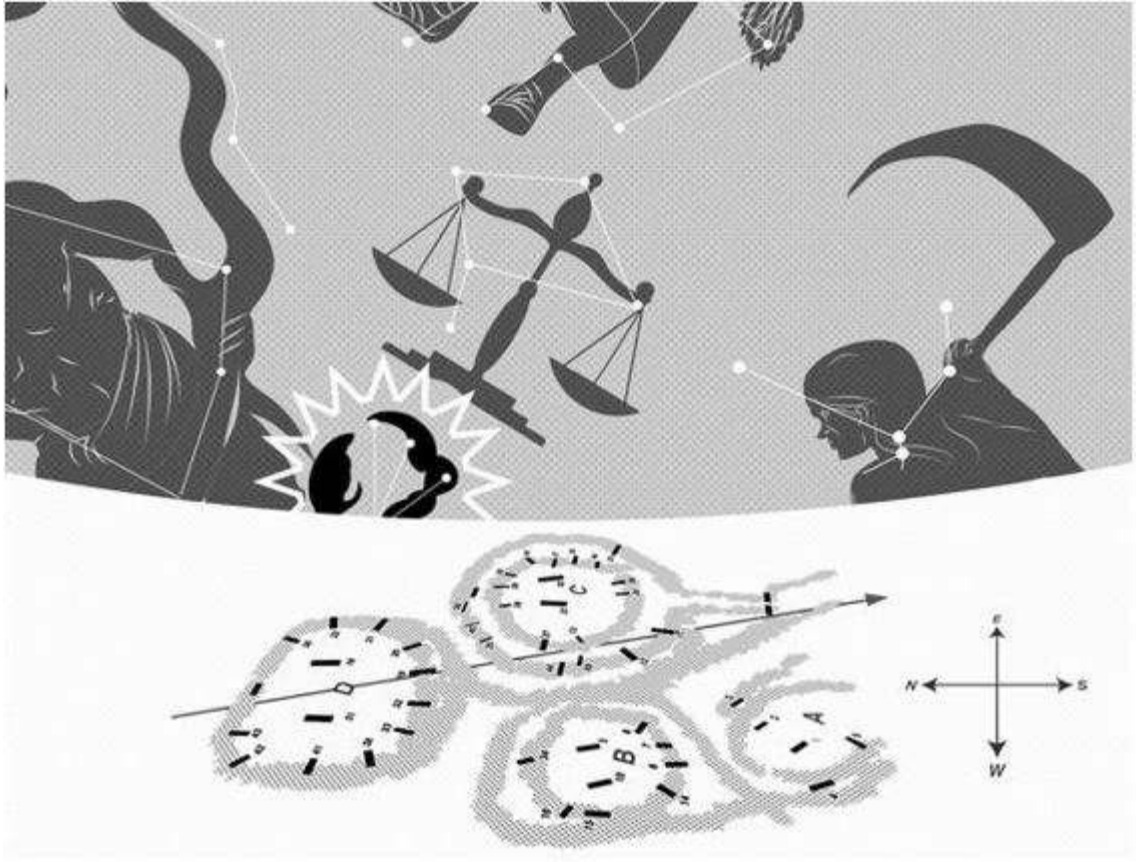


Figura 56: Nascer do sol do solstício de verão em Göbekli Tepe, 9600 a.C.

Portanto, por um processo de dedução, ficamos com apenas um alinhamento possível que poderia funcionar em 9600 a.C., que é o *pôr do sol* do *solstício* de verão, ao norte do oeste, que não apresenta conflito com a orientação geral de sudeste a noroeste de Göbekli Tepe. Além disso, simulações de computador mostram que no solstício de verão na época de 9600 a.C. o sol estava na constelação de Escorpião e, embora não estivesse alinhado com o centro da galáxia (tendo passado pela fenda escura e pelo bojo nuclear), ainda estava razoavelmente próximo desse alvo. Como o leitor **deve estar** ciente, Sagitário e Escorpião se encontram sobre a fenda escura e o bojo nuclear, mas é em Sagitário, e não em Escorpião, que ocorre o alinhamento exato com o centro da galáxia. Apesar disso, parece razoável aceitar o pôr do sol do solstício de verão, ao norte do oeste, na época de 9600 a.C. como candidato à cena retratada no Pilar 43. Um erro relativamente pequeno de desenho por parte do escultor que esculpiu as figuras seria, em teoria, suficiente para explicar a discrepância.

Há, no entanto, uma dificuldade que Andrew Collins, seu colega Rodney Hale e os matemáticos Alessandro de Lorenzis e Vincenzo Orofino parecem não ter percebido ao se concentrarem em possíveis alinhamentos em direção ao noroeste, especificamente para a configuração da estrela Deneb na constelação de Cygnus, analisada no último capítulo. Deneb de fato se pôs ao norte do oeste na época de 9600 a.C., alinhado com a orientação do Recinto D, mas esse alinhamento, embora suficientemente preciso, era puramente teórico e nunca poderia ter sido observado de fato a partir do Recinto D, pela simples razão de que o Recinto D foi construído na lateral do cume íngreme do Tepe que se eleva ao norte do grupo principal de recintos. Nenhuma observação do pôr do sol de Deneb teria sido possível a partir do Recinto D e, pelo mesmo motivo, nenhuma observação do pôr do sol do solstício de verão teria sido possível. O sol teria desaparecido de vista atrás do cume por aproximadamente vinte minutos antes de realmente se pôr e, para observar seu pôr do sol, teria sido necessário sair do Recinto D e subir o cume.

Por essa razão, portanto, combinada com o fato de que o sol em Escorpião, embora próximo, não aponta para o centro da galáxia, um alinhamento do pôr do sol no solstício de verão também deve ser descartado.

"Quando você tiver eliminado o impossível", disse o famoso personagem de Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes, "o que restar, *por mais improvável* que seja, deve ser a verdade". Por meio de um processo de eliminação, vimos que o Göbekli Tepe não pode estar nos convidando a considerar os equinócios, nem a considerar o solstício de verão, mesmo no momento favorável do pôr do sol. Isso nos deixa apenas com o solstício de inverno, com o sol em Sagitário apontando para o centro da galáxia Via Láctea, a assinatura astronômica definitiva dos anos entre 1960 e 2040 em nossa própria época - uma assinatura que se repete apenas em intervalos de 26.000 anos. Portanto, por mais improvável que possa parecer, somos obrigados a considerar a possibilidade de que em 9600 a.C., os construtores de Göbekli Tepe já estavam tão avançados em seus conhecimentos sobre o recondito fenômeno da precessão que foram capazes de calcular seus efeitos por milhares de anos para trás e para frente no tempo a fim de produzir uma imagem simbólica precisa da conjunção Sagitário/solstício de inverno.

Se essa especulação estiver correta, então é apropriado lembrar que duas conquistas científicas comparáveis da antiguidade pré-histórica também sobreviveram às eras e chegaram até nós no mesmo grau de completude.

Um deles é o calendário maia que previa que um grande ciclo na vida do mundo chegaria ao fim exatamente no mesmo período de 80 anos entre 1960 e 2040. Além disso, ele usava exatamente a mesma medida - o progresso do sol do solstício de inverno em direção ao alinhamento com o centro de nossa galáxia - para prever quando a fatídica conjunção ocorreria e para definir o limite entre o fim da era antiga e o início da nova.

O outro é o grande geoglifo astronômico do planalto de Gizé, no Egito, inscrito na margem oeste do Nilo nas formas das Grandes Pirâmides e da Grande Esfinge. O leitor se lembrará de que essas obras-primas da arquitetura megalítica empregam um profundo conhecimento da precessão para nos oferecer uma imagem do céu no equinócio da primavera em 10.800 a.C. Aqui também, como veremos no Capítulo Dezenove, há as características distintas de uma mensagem, uma mensagem enviada através dos tempos e dirigida, muito especificamente, ao nosso tempo e a nós.

Em nossa busca para descobrir o que essas mensagens podem significar, talvez os sabiás de Harran, aqueles "adoradores de estrelas" cuja cidade fica a apenas 25 milhas de Göbekli Tepe, aqueles seguidores do deus da sabedoria com suas misteriosas peregrinações às Pirâmides de Gizé, possam nos dar uma pista.

Capítulo 16
Escrito nas estrelas

Nos capítulos oito a onze, exploramos a tradição secreta dos sábios, mantida no Egito por milhares de anos, perpetuando-se por meio de recrutamento e iniciação ao longo dos tempos. E consideramos a possibilidade de que esses "professores misteriosos do céu", esses "Seguidores de Hórus" - esses "Magos dos Deuses" - desempenharam um papel fundamental, não uma, mas muitas vezes, em momentos cruciais da história egípcia, fazendo avançar essa cultura notável.

No Capítulo 12, analisamos a conexão entre o incrível sítio megalítico de Baalbek e um enigmático grupo de colonos da antiga Canaã que se estabeleceu perto do planalto de Gizé, no Egito, onde faziam oferendas regulares de devoção à Grande Esfinge, chamada por eles de Hauron ou Hurna, em homenagem a uma divindade falcão cananeia.

No Capítulo Quatorze, vimos que outro grupo, conhecido como os sabiás e renomado como "adoradores das estrelas", veio de lugares ainda mais distantes como peregrinos para as Pirâmides de Gizé. Sua cidade natal era Harran, localizada perto de Göbekli Tepe, no que hoje é o sudeste da Turquia. Não há registro de quando essas peregrinações começaram, mas Harran já havia sido colonizada há milhares de anos [1]quando os A referência escrita mais antiga que sobreviveu a ela aparece em uma inscrição datada de cerca de 2000 a.C.(2) a.C.[2]O que é notável é que as peregrinações sabianas a Gizé ainda estavam ocorrendo até 1228 d.C., quando o geógrafo árabe Yakut el-Hamawi as mencionou em seu *Mo'gam-el-Buldan* ("Dicionário de Países"). Como o egiptólogo Selim Hassan observa na passagem citada no Capítulo 14, o relato de Hamawi mostra que os sabiás "reconheciam plenamente que as pirâmides de Khufu e Khafre eram monumentos ligados ao culto estelar". culto estelar"[3].

Figura 57

Esse pode parecer um ponto pequeno, e os "especialistas" nos sabiás o ignoraram, mas ele prova a continuação de uma tradição oculta.
A religião egípcia antiga e a cultura egípcia antiga deixaram de existir centenas de anos antes de 1228 d.C. (a última inscrição conhecida em hieróglifos sagrados data de 394 d.C.), enquanto os egiptólogos só redescobriram as evidências da natureza estelar do "culto" da pirâmide no início do século XX. pirâmides estavam conectadas às estrelas ou poderiam ter sido motivados a torná-las objetos de peregrinação.

Ah, mas Harã... Harã - a lendária cidade dos sabiás. Que bagunça humilde ela é hoje. Feita de tijolos de barro, algumas das tradicionais casas em forma de colmeia ainda sobrevivem, agrupadas em um centro que vende bugigangas para a diversão dos turistas. As

A cidade moderna e desorganizada está localizada no meio de uma planície vasta e desolada, com os cumes das montanhas Taurus, azuis e nebulosos, surgindo a 40 quilômetros ao norte. Göbekli Tepe fica em um desses cumes e, de fato, os dois locais são teoricamente intervisíveis[5]- em outras palavras, se seus olhos fossem bons o suficiente, você poderia ver Göbekli Tepe de Harran e vice-versa.

O que teria facilitado esse avistamento, na antiguidade, seria uma torre alta anexada ao templo que existia aqui

-um templo dedicado a *Su-En* (geralmente contraído como *Sin*), o Deus da Lua dos Sabiás. [6]Depois de nos dizer que havia "imagens poderosas nesse templo", o filósofo grego Libânio (314 a 394 d.C.) descreve a torre, observando que "de seu topo era possível observar toda a planície de Harran".

O Templo do Deus da Lua já era remotamente antigo no primeiro milênio de a.C., quando sabemos, por meio de inscrições, que vários foram necessárias restaurações. Por exemplo, o rei assírio Shalamensar III (859-824 a.C.) e Assurbanipal (685-627 a.C.) fizeram reparos no templo. Mais tarde, Nabonido, que governou o Império Neobabilônico de 556 a 539 a.C., reconstruiu o templo. [8]Assim como Tutmósis IV do Egito, que restaurou a Grande Esfinge de Gizé (consulte o Capítulo Dez), Nabonido foi inspirado por um sonho a realizar essa obra.
esse trabalho.[9]

É notável que a religião "pagã" de Harran tenha sobrevivido por várias centenas de anos até a era islâmica. Isso se deveu muito à aceitação dos sabianos como um "povo do livro" (o leitor se **lembrará** do Capítulo 14 que eles reivindicaram Hermes como seu profeta e ofereceram uma compilação dos textos herméticos como suas Escrituras). Assim, quando o general árabe Ibn Ghanam conquistou Harran no século VII d.C., ele cooptou o local onde ficava o Templo do Deus da Lua, com sua fabulosa torre, para a construção de uma Grande Mesquita. Parece que o templo foi destruído para dar lugar à mesquita, mas Ghanam ofereceu
Os sabiás receberam permissão para construir um novo templo em um local alternativo na cidade. [10]Eles continuaram a praticar sua "adoração às estrelas" ali, sem interrupções significativas, até o século XI d.C., quando em 1032 ou em 1081 - os relatos são conflitantes - uma nova geração de governantes muçulmanos se voltou contra eles, suprimiu sua fé e destruiu seu último templo.[11]

Dois séculos depois, começaram as invasões mongóis e Harran era frequentemente palco de conflitos ferozes. Em uma sucessão de episódios
em 1259, 1262 e 1271, os locais de culto islâmico da cidade foram destruídos. [12]A Grande Mesquita **ainda** hoje está em ruínas, mas quando nos lembramos de que o Templo do Deus da Lua já esteve aqui sob uma torre elevada, é curioso que o único remanescente arquitetônico quase intacto, com uma base quadrada medindo apenas 4 metros de cada lado, tenha mais de 50 metros de altura e vista para a planície de Harran, assim como seu antecessor sabiano. Sem dúvida, trata-se apenas de um minarete remanescente da Grande Mesquita de Ibn Ghanam - a arquitetura é definitivamente islâmica. É, no mínimo, instigante que a população local se refira a ela até hoje como a "Torre Astronômica", como se estivesse preservando uma memória antiga da época em que seus ancestrais sabianos escalaram o pináculo há muito desaparecido do Templo do Deus da Lua para observar os céus.

As poucas expedições arqueológicas realizadas em Harran a partir da década de 1950, embora tenham encontrado várias inscrições relacionadas ao Deus da Lua, ainda não revelaram nenhum vestígio físico dos templos pré-islâmicos. [13]Uma equipe do Instituto Oriental de Chicago estava prestes a iniciar uma grande escavação em torno das ruínas da Grande Mesquita em 1986, mas parece que as autoridades turcas insistiram em restringir o acesso aos templos pré-islâmicos.
que o projeto teve de ser abandonado. [14]As escavações atuais da Universidade de Harran e da Diretoria do Museu Şanl Iurfa mostram pouco interesse na recuperação de vestígios substanciais do período pré-islâmico da cidade.[15]

Até o momento, com base na arqueologia mínima realizada, os artefatos datáveis da própria Harran remontam a cerca de 5.000 a.C.,[(16)]embora haja toda a possibilidade de que restos mais antigos sejam encontrados em escavações futuras. Em um monte de assentamento chamado Asagi Yarimca, a poucos quilômetros a noroeste da cidade, foram coletadas peças monocromáticas Halaf características que datam de 6000 a.C. [17]E seis quilômetros ao sul de Harran, escavações realizadas desde 2006 pelo arqueólogo turco Nurettin Yardimci estabeleceram a existência de um assentamento permanente ainda mais antigo
ainda mais antigo, datado de 8000 a.C.[18]

Como 8000 a.C. - 10.000 anos atrás - marca a época aproximada em que Göbekli Tepe foi abandonado e o último de seus círculos de pedra foi deliberadamente enterrado, fiquei intrigado ao saber que o local das escavações de Yardimci é conhecido desde tempos imemoriais como *Tell Idris* - ou seja, "o monte de assentamento de Idris". Isso é interessante, pois Idris, no Alcorão, é o nome do profeta bíblico Enoque, o
Enoque é o sétimo dos dez patriarcas que viveram nos tempos anteriores ao Dilúvio. [19]Para ser mais específico, Enoque é filho de Jarede, pai de Matusalém, avô de Lameque e bisavô do próprio Noé. [20]Além disso, as tradições muçulmanas associam Idris/Enoque a Hermes.[21]O filósofo islâmico persa Abu Mashar (787-886 d.C.) expressa a questão da seguinte forma:

> O nome Hermes é um título. Seu primeiro portador, que viveu antes do Dilúvio, foi... aquele que os hebreus chamam **de** Enoque, cujo nome em árabe é Idris. Os harranianos declaram sua profecia.[22]

Esse Enoque/Idris/Hermes antediluviano era um mestre das ciências, "especialmente da astronomia". Além disso:

Ele escreveu muitos livros, cuja sabedoria preservou nas paredes dos templos egípcios para que não se perdesse. Foi ele quem construiu as pirâmides.[23]

Os comentários de Abu Mashar contêm fortes ecos dos Textos de Construção de Edfu, também supostamente derivados de livros antediluvianos perdidos e inscritos nas paredes do Templo de Hórus para garantir que sua mensagem não se perdesse. E a sensação aqui de que as pirâmides são remotamente antigas e foram construídas por Hermes - aquele "mestre da astronomia", o egípcio Thoth, como o leitor perceberá - encontra ressonância na tradição do "número das câmaras secretas do santuário de Thoth", relatado no Capítulo Onze, que, em tempos históricos, o faraó Khufu desejava consultar e copiar em suas próprias obras de construção em Gizé.

Mais uma vez, confrontados com esse material, não parece descabido supor que podemos ter tropeçado nos vestígios de um projeto, colocado em ação pelos sobreviventes de um cataclismo de inundação global, para realizar "a ressurreição do antigo mundo dos deuses". Onde quer que esse projeto tenha se enraizado, parece-me que sua essência era uma *tradição,* transmitida de geração em geração por mestres iniciados e, portanto, teoricamente capaz de ser implementada em qualquer lugar e em qualquer época, quando fosse o momento certo.

Com sua capacidade de se misturar e sobreviver às mudanças de circunstâncias, com seu conhecimento das qualidades astronômicas das pirâmides preservado até pelo menos o século XIII d.C. e com seu próprio nome, como Selim Hassan corretamente reconheceu, derivado de *Sba,* a palavra egípcia antiga para "estrela"[24], os sabiás de Harran têm todas as características de portadores da tradição secreta.

O mistério dos Vigilantes

Além de sua genealogia na linha dos patriarcas antes de Noé e das declarações enigmáticas de que ele "andou com Deus" e foi misteriosamente "levado" por Deus sem experimentar a morte,[25]a Bíblia canônica não tem mais nada a nos dizer sobre Enoque. Felizmente, há muito mais informações disponíveis em várias obras antigas não canônicas - ou seja, obras que os redatores bíblicos, por uma razão ou outra, escolheram
não incluir nas escrituras oficialmente sancionadas. Dessas, a mais famosa é, de longe, o Livro de Enoque. Antes do século XVIII
No século XX, os estudiosos acreditavam que ele estava irremediavelmente perdido. Composto muito antes do nascimento de Cristo, [26]e considerado uma das peças mais importantes da literatura mística judaica, ele era conhecido apenas por fragmentos e por referências a ele em outros textos. Tudo isso mudou, entretanto, depois que o aventureiro polímata James Bruce de Kinnaird visitou a Etiópia nos anos de 1770-72. Entre outros notáveis
Em suas realizações lá [27], ele obteve e trouxe de volta para a Grã-Bretanha várias cópias do Livro de Enoque que, na antiguidade, havia sido traduzido para o *Ge'ez*, a língua sagrada etíope. Essas foram as primeiras cópias completas já vistas na Europa.[28]

Observo, de passagem, que o Livro de Enoque sempre foi de grande importância para a Maçonaria. De fato, certos rituais maçônicos - em curiosa ressonância com as tradições islâmicas - identificam Enoque com o deus da sabedoria do Egito Antigo, Thoth, e também com seu avatar grego, Hermes.[29]Uma entrada na *The Royal Masonic Cyclopedia*, publicada pela primeira vez em 1877, nos diz que Enoque foi o inventor da escrita, que "ele ensinou aos homens a arte da construção" e que, antes do Dilúvio, ele "temia que os verdadeiros segredos fossem perdidos - para evitar isso, ele escondeu o Grande Segredo, gravado em uma pedra branca de pórfiro oriental, nas entranhas da terra". [(30)]*A Cyclopedia* contém sua própria sugestão de uma tradição secreta transmitida ao longo dos tempos, quando sugere que Enoque era ele próprio um maçom e que, no final de seus dias na Terra, "entregou o cargo de Grande Mestre a Lameque".

O Livro de Enoque é um documento muito estranho, que se propõe, entre muitos outros elementos, a ser uma visão do futuro cataclismo da Terra. Enoque recebe um aviso prévio de que Deus avisará seu descendente Noé de que "um dilúvio está prestes a vir sobre toda a Terra e destruir tudo o que nela existe". Em uma série de sonhos, [32]Enoque é avisado com antecedência do aviso que Deus dará a seu descendente Noé de que "um dilúvio está prestes a vir sobre toda a Terra e destruir tudo o que nela existe". [33]Esse, é claro, é um terreno familiar - apenas um resumo, ou reafirmação, do que podemos ler em Gênesis. O mesmo acontece com a passagem que se segue, na qual Enoque é
é dado a entender que serão feitos arranjos para que Noé escape para que "sua semente seja preservada para **todas** as gerações do mundo"(34).
mundo" [34].

O que vem a seguir é intrigante. Independentemente do fato de que o propósito expresso do Dilúvio de Deus é eliminar a maior parte da humanidade - exceto, é claro, Noé e seus descendentes -, fala-se da necessidade de se fazer isso:

> curar a Terra que os anjos corromperam (...) para que todos os filhos dos homens não pereçam por causa de todas as coisas secretas que os Vigilantes revelaram e ensinaram a seus filhos. [35]

Essa é apenas a segunda menção a esses misteriosos "Vigilantes" no Livro de Enoque. A primeira, algumas páginas antes, não nos diz nada sobre eles, exceto que eles "tremerão" com a perspectiva dos eventos vindouros. [36]Até o momento, não temos nenhuma pista real sobre quem ou o que eles são, exceto o fato de que transgrediram alguma lei divina ao ensinar "coisas secretas" - aparentemente coisas *perigosas* para a humanidade, e que eles (e a maior parte da raça humana por meio da ação do Dilúvio) serão punidos severamente por causa disso.

Alguns nomes dos Vigilantes, ou pelo menos a liderança dos Vigilantes, são dados - Azazel, Semjaza, Armen, Rumjal, Turel,

Armaros, Danjal, Kokabel e cerca de uma dúzia de outros. [37]Mais **especificamente**, somos informados sobre a natureza das "coisas secretas" que eles ensinaram à humanidade:

> E Azazel ensinou os homens a fabricar espadas e facas e escudos e couraças e deu-lhes a conhecer os metais da terra e a arte de trabalhá-los e braceletes e ornamentos e o uso de antimônio e o embelezamento das pálpebras **e vários** tipos de pedras caras e **várias** tinturas. E houve muita impiedade, e eles cometeram fornicação, e se desviaram, e se corromperam em todos os seus caminhos. Semjaza ensinou encantamentos e arrancamentos de raízes; Armaros, a resolução de encantamentos; Baraquijal ensinou astrologia; Kokabel, as constelações; Ezequeel, o conhecimento das nuvens; Araquiel, os sinais
> da terra, Shamsiel, os sinais do sol, e Sariel, o curso da lua...[38]

Em seguida, começamos a entender que os Vigilantes estão divididos em dois grupos mutuamente opostos, porque lemos que os líderes de um grupo convocam Enoque - lembre-se de que tudo isso está acontecendo com ele enquanto ele está em um estado de sonho e visão - para entregar uma mensagem aos líderes do outro grupo, chamado de "os Vigilantes do céu".

[40]) "contaminaram-se com mulheres e fizeram como os filhos da terra e tomaram para si esposas".[41]Eles também "causaram grande destruição na terra".[42]Por isso, serão punidos de várias maneiras profundamente desagradáveis e aterrorizantes.[43]

Obediente e obediente, Enoque parte, levando sua pesada mensagem de assassinato e caos dos Vigias para... os Vigias.

Então, o que está acontecendo aqui?

Um exame mais cuidadoso das páginas revela a história de fundo:

> E aconteceu que, tendo-se multiplicado os filhos dos homens, naqueles dias lhes nasceram filhas formosas e formosas. E os anjos, os filhos do céu, viram-nas e cobiçaram-nas, e disseram uns aos outros: "Vinde, escolhamos esposas dentre os filhos dos homens e geremos filhos". E Semjaza, que era o líder deles, disse-lhes: "Temo que não concordareis em realizar esse ato, e somente eu terei de pagar a pena de um grande pecado." E todos eles lhe responderam e disseram: "Façamos todos um juramento e nos obriguemos, por meio de imprecações mútuas, a não abandonar este plano, mas a realizar esta ação." Então juraram todos juntos e se comprometeram com imprecações mútuas. E eles eram, ao todo, duzentos, que desceram no
> dias de Jared no cume do Monte Hermon ...[44]

Agora as coisas estão ficando mais claras. "Vigilantes" é um termo geral que se refere aos anjos. Entre eles estão os anjos maus. Eles querem fazer sexo e gerar bebês com belas mulheres humanas e, enquanto fazem isso, como podemos deduzir das passagens citadas anteriormente, eles vão ensinar à humanidade uma ou duas coisas sobre metais, constelações e o curso do sol e da lua (ou a eclíptica, como esse "curso" - esse "caminho" - é conhecido pelos astrônomos hoje). Como primeiro passo na implementação de seu plano, esses maus Vigilantes descem ao Monte Hermon, que fica na antiga Canaã, atual Líbano, e a apenas 73 quilômetros de Baalbek.

Enquanto isso, há anjos bons, "os Santos Anjos que vigiam"[45]- entre eles Uriel, Rafael, Raguel, Miguel, Saraquel, Gabriel e Remiel.[46]E são esses anjos vigilantes bons que aparecem para Enoque em um sonho e lhe dão a mensagem de morte e destruição para levar aos anjos vigilantes maus no Monte Hermon. Ele nos diz especificamente onde recebeu esse sonho:

> (...) Fui e sentei-me às águas de Dã, ao sul do oeste de Hermom (...) Adormeci e eis que me veio um sonho e visões caíram sobre mim e tive visões de castigo e uma voz me ordenou que contasse isso aos filhos do céu e os repreendesse. E quando acordei, fui ter com eles...[47]

Ao ler essas passagens, que se passam antes do Dilúvio, quando os povos do Líbano e da antiga Turquia ainda estavam no estágio de desenvolvimento de caçadores-coletores, parece-me cada vez mais óbvio que Enoque é uma figura xamânica. E, como todos os xamãs, em todos os lugares, em todos os tempos e lugares, ele dá grande importância às visões - que, no caso dele, vêm na forma de sonhos recebidos "durante o sono". O que é interessante, no entanto, é que quando ele acorda desse estado visionário, é capaz de ir a um lugar físico real no Monte Hermon, onde estão os maus Vigilantes, e falar com eles cara a cara:

> E contei a eles todas as visões que tivera durante o sono e comecei a falar palavras de retidão e a repreender os Vigilantes celestiais. [48]

Isso não sugere, de forma bastante contundente, que os maus Vigilantes são seres físicos? Não sei o que são os Vigilantes bons,

porque eles só aparecem para Enoque em seus sonhos. É bem possível que elas sejam reais em algum nível. Os leitores do meu livro *Supernatural*, que trata de xamanismo, saberão da minha opinião de que em estados alterados de consciência (incluindo estados de sonho) o "comprimento de onda do receptor" do cérebro pode ser sintonizado, permitindo que façamos contato com outras dimensões da realidade. [49]Mas na história de Enoque, os maus Sentinelas devem ser
real - real no plano terreno da existência física - porque, quando ele acorda, é capaz de subir o Monte Hermon e repreendê-los.
e repreendê-los.

Também devemos considerar a possibilidade de que os maus Vigilantes - sejam eles quem forem ou o que forem - podem não ser de fato maus. **Tudo o que** podemos dizer é que eles são julgados como maus e retratados como maus nas visões oníricas de Enoque. Uma possibilidade que devemos ter em mente, juntamente com a possibilidade alternativa de que o "Livro de Enoque" seja apenas uma antiga obra de ficção fantasiosa, é que os encontros de Enoque com os "maus" Vigilantes realmente aconteceram e que ele os odiava e se ressentia por causa das mudanças que eles estavam tentando introduzir no modo de vida caçador-coletor de seu povo. Nesse caso, as repreensões que ele faz a eles, mediadas por seu subconsciente como se viessem dos bons Sentinelas, podem simplesmente expressar seus próprios pontos de vista profundamente arraigados, os pontos de vista de um velho xamã intolerante que se sente ameaçado pela mudança - mesmo que ele próprio venha a ser transformado posteriormente por seus contatos com os Sentinelas.

Não há espaço aqui para analisar o texto completo, bizarro, impenetrável e extremamente sugestivo do Livro de Enoque. O que me interessa é a possibilidade muito mais específica de que os duzentos Vigilantes que "desceram" no Monte Hermon eram de fato seres reais, não fantasmas. Gostaria de entender mais sobre que tipo de seres eles poderiam ter sido. E quero ver o quadro que Enoque pinta deles, embora carregado de ódio e ressentimento, como se trouxessem habilidades e ciências para nossos antepassados - **habilidades** e ciências que, em última análise, também lhe serão reveladas pelos bons Vigilantes e com as quais seu próprio nome será associado em lendas e
tradição[50].

O mistério dos nefilins

Os Vigias iniciam seu projeto de desenvolvimento de forma bastante simples, ensinando "encantos e encantamentos, e o corte de raízes" aos humanos e tornando-os "familiarizados com as plantas". [51]Isso parece bastante inofensivo; além de um pouco de "encantamento", não está realmente acima e além das habilidades básicas de caçador-coletor. Mas logo, como vimos anteriormente, nossos ancestrais estão sendo iniciados nos segredos
de metais, como fazer espadas e facas, como estudar os céus e também como se embelezar com maquiagem para os olhos e joias.
e joias.

Em troca (um pouco como os soldados que supostamente compravam favores das mulheres britânicas com presentes de meias de náilon, cigarros e chicletes durante a Segunda Guerra Mundial), [52]os Vigilantes estão recebendo sexo - muito sexo! Ele fala com reprovação, repetidamente, da "fornicação" dos Vigilantes, [53]de sua "luxúria" por mulheres humanas "belas e formosas" [54]com quem eles "dormem",[(55)] "entram"[56]e "se contaminam",[(57)]e a quem revelam "**todo** tipo de pecados".

A partir dessas admoestações, podemos deduzir razoavelmente uma série de coisas sobre os Vigilantes, principalmente que eles devem ser
com o tamanho e a forma corretos e equipados, além disso, com os órgãos e impulsos necessários para desejar, ter e desfrutar do sexo com mulheres humanas. Para mim, a conclusão óbvia disso é que os Sentinelas são, de fato, humanos ou, de qualquer forma, extremamente próximos, em nível genético, dos seres humanos modernos anatômicos - próximos o suficiente, de fato, para engravidar mulheres humanas e ter "filhos de
fornicação"[59]com eles. Essa prole não é doentia, como se poderia esperar de uma composição genética levemente incompatível. Pelo contrário, eles se desenvolvem tão vigorosamente que Enoque, ou os anjos "bons" que falam por meio dele, querem não apenas destruir os Vigilantes, mas também "destruir os filhos dos Vigilantes"[60].

Mas há algo muito estranho com relação à prole híbrida, pelo menos se acreditarmos na palavra de Enoque, porque ele nos diz que quando as mulheres humanas "engravidaram" dos Vigias, elas deram à luz
mulheres humanas "engravidaram" dos Vigias, elas deram à luz

> grandes gigantes, cuja altura era de três mil elmos, que consumiam **todas** as aquisições dos homens. E quando os homens não puderam mais sustentá-los, os gigantes se voltaram contra eles e devoraram a humanidade.[61]

Três mil ells equivalem a 4.500 pés ou 1.371 metros. Qualquer que seja a verdade por trás desse relato, portanto, é óbvio que o velho xamã furioso o está embelezando de forma fantástica em sua tentativa de desacreditar os Observadores. A perspectiva de mulheres humanas darem à luz bebês que cresceriam até mais de um quilômetro de altura é claramente absurda. No entanto, isso nos leva novamente a um território bíblico familiar - na verdade, a uma das passagens mais notórias do Livro de Gênesis, que diz

> E aconteceu que, quando os homens começaram a se multiplicar sobre a face da Terra e lhes nasceram filhas, os filhos de Deus viram que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si esposas de todas as que escolheram. E o Senhor disse: "O meu espírito não contenderá para sempre com o homem, porque ele também é carne; contudo, os seus dias serão cento e vinte anos". *Havia gigantes na terra naqueles dias; e também depois disso, quando os filhos de Deus chegaram às filhas dos homens, e elas*

e lhes deram filhos, os quais se tornaram homens poderosos da antiguidade, homens de renome. [62]

Essa é a versão King James (acrescentei a ênfase nas linhas finais), mas outras traduções apresentam a palavra original *Nephilim*, que a KJV traduz como "gigantes", e lemos:

> Os nefilins estavam na terra naqueles dias - e também depois - quando os filhos de Deus foram para as filhas dos humanos e tiveram filhos com elas. Eles eram os heróis da antiguidade, homens de renome.[63]

Agora, mais clareza começa a surgir. Um grupo de anjos maus, "Vigilantes do céu", veio à Terra - "desceu", especificamente, no Monte Hermon, no Líbano - transferiu alguma tecnologia, acasalou-se com fêmeas humanas e produziu descendentes que, de alguma forma, são gigantescos e são chamados de nefilins. Eis o que nos é dito nos versículos seguintes:

> O Senhor viu quão grande havia se tornado a iniquidade da raça humana na Terra, e que toda inclinação dos pensamentos do coração humano era apenas má o tempo **todo**. O Senhor lamentou ter criado os seres humanos na Terra, e seu coração ficou profundamente perturbado. Então, o Senhor disse: "Apagarei da face da Terra a raça humana que criei, e com ela os animais, as aves e as criaturas que se movem pelo chão, pois me arrependo de tê-los feito". Mas Noé encontrou graça no olhos do Senhor[64].

Uma quantidade incrível de absurdos crédulos proliferou em torno desses versículos nos últimos anos na Internet, muitos deles derivados dos romances de ficção científica do falecido Zecharia Sitchin, notadamente a série *Crônicas da Terra*, que ele conseguiu passar para o público como estudos factuais sérios. Já falei no Capítulo Treze sobre a deturpação de Baalbek feita por Sitchin e, embora não esteja dizendo que tudo o que ele escreveu seja ficção - ele incluiu alguns fatos bastante valiosos e interessantes -, sua obra é marcada por fabricações e fantasias flagrantes o suficiente para exigir cautela, em vez de aceitação imediata e confiante, por parte de seus leitores.

Seu tratamento do assunto dos nefilins (ele escreve a palavra Nefilim, mas isso não é importante) é um exemplo disso. Alegando ser um especialista em línguas bíblicas, ele pergunta:

> O que *significa* então o termo *Nefilim*? Derivado da raiz semítica *NFL* ("ser derrubado"), ele significa exatamente o que diz. Significa *aqueles que foram lançados na terra*![65]

O problema, no entanto, como Michael S. Heiser, um verdadeiro erudito bíblico e especialista em línguas semíticas antigas, demonstrou de forma conclusiva, é que:

> Sitchin supõe que "nefilim" vem da palavra hebraica "naphal", que geralmente significa "cair". Ele então força o significado de "descer" para a palavra, criando sua tradução "descer de cima". Da forma como a encontramos na Bíblia hebraica, se a palavra *nefilim* viesse do hebraico *naphal*, ela não seria escrita da forma como a encontramos. A forma *nefilim* não pode significar "os caídos" (a grafia seria *nephulim*). Da mesma forma, nefilim não significa "aqueles que caem" ou "aqueles que se afastam" (isso seria *nophelim*). A única maneira em hebraico de obter *nefilim* a partir de *naphal* pelas regras da morfologia hebraica (formação de palavras) seria presumir que um substantivo spe levou *naphil* e depois pluralizá-lo. Digo "presumir" porque esse substantivo não existe no hebraico bíblico - a menos que se conte Gênesis 6:4 e Números 13:33, as duas ocorrências de *nefilim* - mas isso seria presumir o que se está tentando provar! Entretanto, em aramaico, o substantivo *naphil(a)* existe de fato. Ele significa "gigante", o que torna fácil ver por que a Septuaginta (a antiga tradução grega da Bíblia hebraica) traduziu *nefilim* como *gigantes* ("gigante")[66].

Heiser está claramente certo sobre isso porque, como ele aponta, há uma passagem posterior no Antigo Testamento, em Números 13, onde a palavra nefilim aparece novamente. Isso ocorre milhares de anos após o Dilúvio, de fato no período histórico, certamente não depois de 1200 a.C., quando os israelitas entraram em Canaã pela primeira vez após o êxodo do Egito. Batedores avançados relatam a Moisés:

> **Todas as** pessoas que vimos lá são de grande porte. Vimos os nefilins lá... Parecíamos gafanhotos aos nossos próprios olhos, e parecíamos iguais a eles.[67]

O contexto não deixa margem para dúvidas de que os nefilins são pessoas de "grande porte", as referências a eles como "gigantes" na versão King James e em outras versões da Bíblia fazem, portanto, todo o sentido, e a "tradução" que Sitchin faz é obviamente falsa. Ele sabia?

era falsa, mesmo quando ele a divulgava em seus livros? Não pode haver certeza porque, como Heiser continua a provar, o conhecimento de Sitchin sobre as línguas bíblicas era tão fraco que ele era incapaz de distinguir o aramaico do hebraico. [68]A noção de que os nefilins eram seres que foram "lançados do céu" ou que "desceram do céu" foi utilizada por Sitchin, acredita Heiser, simplesmente porque simplesmente porque servia ao seu argumento e lhe permitia "fazer com que os *nefilins* parecessem astronautas antigos" [69].

Mais uma vez, a crítica é justificada porque Sitchin vai além do que poderia ser um erro inocente para dar outras "traduções" da palavra Nefilim que são ainda mais egoístas e falsas. Por exemplo, ele os transforma em "Deuses do Céu sobre a Terra" [70]e, pior ainda, "o Povo dos Foguetes" [71]- uma interpretação para a qual não há justificativa possível em nenhum texto antigo, mas que lhe permite falar, entre outras ficções flagrantes e enganosas, da "Administração Aeronáutica e Espacial dos Nefilins" [72].

Também é importante, ao revisar esse material que teve tanto impacto sobre as percepções públicas do passado, deixar claro que o Os Vigilantes, que nunca são mencionados na Bíblia, mas que mas que, segundo o Livro de Enoque, desceram do céu, são bem diferentes dos nefilins. Não há nada no Livro de Enoque que diga que os nefilins caíram, foram expulsos ou desceram do céu de alguma forma. O máximo que podemos deduzir do Livro de Enoque é que os nefilins são a progênie do acasalamento de Sentinelas e mulheres humanas, mas até isso é complicado.

Uma tradução autorizada em inglês do texto etíope trazido por Bruce foi feita pelo Reverendo R.H. Charles e publicada pela primeira vez em 1917.[73]Ela não contém nenhuma menção aos nefilins e descreve a prole humana do Vigia simplesmente como "gigantes". [74]Da mesma forma, a palavra nefilim não aparece na tradução de 1979 do professor Michael A. Knibb, que, assim como o texto etíope, considera por conta de fragmentos aramaicos recém-descobertos dos Manuscritos do Mar Morto.[75]Entretanto, uma tradução mais recente, de George W. Nickelsburg e James C. VanderKam, publicada em 2012, baseia-se em outros fragmentos não considerados por Knibb e aqui, no Capítulo 7, Versículo 2, a palavra Nefilim aparece duas vezes, como segue:

> E elas [as mulheres humanas] conceberam deles [os Vigilantes] e lhes deram à luz grandes gigantes. E os gigantes geraram nefilins, e aos nefilins nasceu Eliú. E eles estavam crescendo de acordo com sua grandeza.[76]

Os nefilins não aparecem novamente na tradução de Nickelsburg e VanderKam. No entanto, o versículo citado acima não deixa margem para dúvidas: eles não devem ser considerados como "caídos" ou "derrubados" ou qualquer coisa do gênero, mas como a progênie do acasalamento entre o Vigia e o ser humano. Tampouco é a primeira geração, os "grandes gigantes", que são chamados de nefilins. É a segunda geração, ou seja, os descendentes dos gigantes, que são os nefilins, e eles, por sua vez, produzirão seus próprios descendentes - os "Eliúdes".

Esses "Elioud", sobre os quais se sabe muito pouco fora das tradições místicas judaicas, são mais uma evidência da estreita relação genética entre os Watchers e os seres humanos - tão estreita que eles devem ser classificados como a mesma espécie. Geralmente, quando duas espécies diferentes se reproduzem, mesmo quando são próximas o suficiente para produzir descendentes - como cavalos e burros, por exemplo -, esses descendentes são estéreis. Mas, ao contrário das mulas estéreis que resultam de acasalamentos entre cavalos e burros, os nefilins claramente não são estéreis, já que eles próprios são capazes de gerar descendentes, ou seja, os Elioud.

A única conclusão razoável, como já indiquei, é que os Sentinelas devem ter sido seres humanos - sem dúvida, envoltos em alguma aura ou glamour relacionado ao seu domínio da tecnologia e das ciências, mas nem mais nem menos humanos do que as mulheres com quem se acasalavam - e que, portanto, seus descendentes também eram humanos. É bem possível que eles fossem de grande estatura. É bem possível que o epíteto de "gigantes" atribuído a eles também tenha tido algo a ver com suas habilidades intelectuais, que podem ter sido consideradas superiores. Mas, mesmo assim, eles eram humanos e não vejo nenhuma boa razão para concluir o contrário.

Entretanto, como esse é um assunto que gera muita confusão, é necessário reiterar que não há nenhuma sugestão em Gênesis ou em Números - os únicos lugares em que são mencionados na Bíblia - de que os nefilins tenham "caído", mesmo no sentido metafórico de terem pecado. Pelo contrário, longe de serem censurados, eles são descritos como "homens poderosos da antiguidade", "heróis", "homens de renome". Gênesis é inequívoco, como o leitor pode confirmar nas passagens citadas anteriormente, que é a maldade humana e a maldade nos corações humanos que faz com que Deus envie o Dilúvio - um cataclismo ao qual sobrevivem não apenas os descendentes de Noé, mas os próprios nefilins que **ainda** estavam em Canaã e ainda eram de grande estatura, como atesta o Livro dos Números, quando os israelitas tomaram posse da Terra Prometida.

Emissários

Após essa breve excursão pelos fundamentos do culto aos nefilins de Sitchin, voltemos aos Vigias e a quem e o que eles podem ser.

A condenação de Enoque a eles por "fornicarem" com mulheres humanas encontra sua contrapartida em Gênesis, onde, embora não sejam nomeados, eles são claramente "os filhos de Deus" que "viram que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram". Depois disso, a história do que aconteceu exatamente só é preservada em Enoque, onde somos levados a entender que os Vigias:

ensinou **toda a** iniquidade na terra e revelou os segredos eternos que estavam preservados no céu e que os homens estavam se esforçando para aprender.[77]

Passando agora para outra das escrituras não canônicas, o Livro dos Jubileus, que pretende ser uma revelação dada por Deus a Moisés, lemos sobre os Vigilantes novamente e em um contexto que nos leva de volta aos sabianos e a Harran. De acordo com o historiador islâmico Al-Masudi e com o cronista cristão Gregory Bar Hebraeus, Harran foi originalmente fundada por Cainan, [78]o bisneto de Noé.[79]Por definição, portanto, embora antiga, Harran é uma cidade pós-diluviana. Cainan (às vezes o nome é grafado como Kainam) era filho de Arpachsad:

> E o filho cresceu, e seu pai lhe ensinou a escrever, e ele foi procurar um lugar onde pudesse tomar para si uma cidade. E encontrou uma escrita que as gerações anteriores haviam esculpido na rocha, leu o que estava escrito, transcreveu-o e pecou por causa disso, pois continha os ensinamentos dos Vigilantes, de acordo com os quais eles costumavam observar os presságios do sol, da lua e das estrelas em um sinal do céu.
> do sol, da lua e das estrelas em todos **os** sinais do céu.[80]

Aqui está, então, a origem da adoração das estrelas pelos sabiás, rastreada até os misteriosos Observadores - quem quer que fossem, o que quer que fossem - que se estabeleceram no Oriente Próximo em tempos antediluvianos, ensinaram aos nossos ancestrais conhecimentos proibidos, quebraram algum mandamento fundamental ao se acasalarem com mulheres humanas e, como resultado, foram lembrados como responsáveis pelo grande cataclismo global do Dilúvio.

Seriam esses Observadores os emissários de uma civilização perdida da Idade do Gelo? Talvez uma civilização tão avançada em relação aos caçadores-coletores do Paleolítico Superior, que constituíam a maioria da população do mundo naquela época, quanto a nossa civilização está avançada em relação às tribos isoladas da floresta amazônica hoje? Quando digo "à frente", é claro que não estou falando de valores morais ou espirituais, mas simplesmente de tecnologia, habilidades e conhecimento. Como essas discrepâncias ainda existem no século XXI, não vejo nenhuma razão, em princípio, para que elas não tenham existido na época remota, antes do início dos grandes cataclismos do Younger Dryas, entre 10.800 a.C. e 9600 a.C.

Para continuar com essa linha de especulação, será que houve algum tipo de divulgação *antes* desses cataclismos?

Um programa de divulgação muito cuidadoso, ponderado e estruturado, para observar, estudar - em outras palavras, para *observar, estudar - em outras palavras, vigiar* - populações *de* caçadores-coletores, mas não se misturar com elas, não entrar nos complicados emaranhados de relacionamentos sexuais e familiares com elas e, acima de tudo, não transferir nenhuma tecnologia para elas?

É possível imaginar que um grupo de antropólogos e cientistas enviados para estudar uma tribo amazônica que ainda não foi contatada hoje esteja sujeito a restrições semelhantes. Mas suponha que alguns deles discordassem? Suponhamos que alguns deles "se tornassem nativos" - como se dizia dos colonialistas na época do Império Britânico que se permitiam chegar muito perto das populações indígenas com as quais interagiam.

Será que foi isso que aconteceu com o grupo de duzentos "Sentinelas" no Monte Hermon? Em algum lugar por volta de 10.900 a.C., eles quebraram os mandamentos de sua própria cultura e "se tornaram nativos" entre os caçadores-coletores do Oriente Próximo? E será que os primeiros encontros casuais com os fragmentos de um cometa gigante, um século depois, em 10.800 a.C. - encontros que devastaram o mundo - foram, de alguma forma, atribuídos ao lapso moral deles?

E algumas considerações finais. Será que a civilização deles sobreviveu, embora de forma truncada, danificada e reduzida, durante os rigores do Dryas mais jovem, até o segundo encontro fatídico com a corrente de detritos do cometa em 9600 a.C., que pôs fim ao "longo inverno fatal", mas também levou ao afundamento final e à destruição da "Pátria dos Primevos"?

Esse reino "insular", distante no oceano, que tem semelhanças tão marcantes com a descrição de Atlântida feita por Platão.

Foi então que os últimos sobreviventes da outrora avançada e próspera civilização saíram para vagar pelo mundo em navios para dar início ao seu grande projeto destinado, em última instância, talvez depois de milhares de anos, a trazer a ressurreição do antigo mundo dos deuses?

E será que o Egito, Baalbek e Göbekli Tepe estavam entre os lugares que esses "Magos dos Deuses" escolheram para se estabelecer a fim de colocar seu plano em ação - talvez precisamente porque já havia sido feito um trabalho de divulgação nessas áreas antes dos cataclismos e, portanto, seu potencial e o caráter de seus habitantes eram conhecidos?

Harran fazia parte do segundo estágio desse plano, quando o trabalho dos últimos iniciados em Göbekli Tepe foi concluído e a cápsula do tempo que eles haviam criado foi enterrada para ser redescoberta em uma era futura?

Enterrada nas entranhas da terra, como aquela "pedra de pórfiro branco" mencionada na tradição maçônica citada anteriormente?

Ou como a "escrita esculpida na rocha" contendo os ensinamentos dos Vigilantes que Cainan encontrou e transcreveu na época em que fundou Harran, trazendo para sua cidade o conhecimento dos presságios do sol, da lua e das estrelas e "**todos os** sinais do céu"?

O conhecimento do tipo exato que seria fundamental para a misteriosa religião estelar dos sabianos nos milênios vindouros ...

Astronomia e medição da Terra

O arqueoastrônomo James Q. Jacobs notou algo bastante estranho em Harran. A latitude da cidade, 36,87 graus ao norte do equador, parece não ser aleatória, pois o número é o mesmo que o do ângulo agudo de um triângulo retângulo 3:4:5 (81) - ou seja, um triângulo que contém um ângulo reto de 90 graus e cujos comprimentos laterais estão na proporção 3:4:5. Em todos esses triângulos - que formam a base da trigonometria e, portanto, são fundamentais para a astronomia e a geodésia - os outros dois ângulos são, com arredondamento, 53,13 graus e 36,87 graus.

É uma coincidência que um triângulo retângulo 3:4:5 com os mesmos ângulos internos exista dentro da Câmara do Rei da Grande Pirâmide do Egito? O piso dessa sala de granito vermelho austera e sem inscrições, na qual nenhum faraó foi encontrado sepultado, forma um retângulo 2:1, com exatamente 20 cúbitos reais egípcios de comprimento e 10 cúbitos reais de largura (10,46 x 5,23 metros). The right triangle is formed with its shortest dimension (15 cubits) represented by the diagonal across the west wa **l** from the lower southwest corner to the upper northwest corner; its median dimension (20 cubits) is drawn along the entire length of the floor on the south side of the chamber; its long (25 côvados) é traçada a partir do canto noroeste superior da câmara até o canto sudeste inferior.[82]

Esses comprimentos laterais de 15 côvados, 20 côvados e 25 côvados podem ser expressos como a proporção 3:4:5, pois se atribuirmos o valor "3" ao comprimento de 15 côvados, então 20 côvados devem naturalmente ter um valor de "4" e 25 côvados devem ter um valor de "5". Todos os triângulos retângulos com comprimentos laterais nessa proporção especial de 3:4:5 são chamados de "pitagóricos" - em homenagem a Pitágoras, o filósofo e matemático grego do século VI a.C., que supostamente foi o primeiro a descobrir que eles compartilham uma característica única. Essa característica é que o quadrado do lado menor (3 unidades x 3 unidades= 9 unidades), somado ao quadrado do lado mediano (4 unidades x 4 unidades= 16 unidades), resulta em um número igual ao quadrado do lado maior (5 unidades x 5 unidades= 25 unidades, ou seja, a soma de 9 mais 16). [83]A verdadeira "mágica secreta" do triângulo, entretanto, como apontou o matemático islandês Einar Palsson, só é revelada quando os números são colocados ao cubo.[84]Então obtemos:

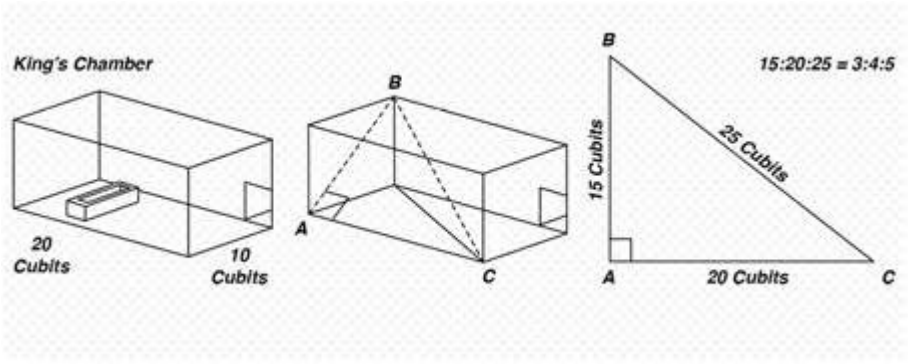


Figura 58: O triângulo retângulo 3:4:5 escondido na Câmara do Rei da Grande Pirâmide.

3 x 3 x 3 = 27
4 x 4 x 4 = 64
5 x 5 x 5 = 125

O total de 27 mais 64 mais 125 é 216 e, como o leitor deve se lembrar dos capítulos anteriores, 216 é uma das sequências de números identificadas pelos historiadores da ciência Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend como sendo derivadas de observações precisas da precessão dos equinócios, aquelas mudanças de longo prazo no céu que se desdobram à taxa de um grau a cada 72 anos. Os números derivados dessa sequência de precessão acabam sendo codificados em mitos e monumentos antigos em todo o mundo, remontando suas origens ao que Santillana e von Dechend só podem concluir que foi uma civilização ancestral "quase inacreditável" da antiguidade pré-histórica que "primeiro ousou entender o mundo como criado de acordo com o número, a medida e o peso."[85]

O batimento cardíaco do ciclo, como vimos, é 72 - o número de anos necessários para o desdobramento de um grau de mudança precessional. Em termos de observação, uma mudança de um grau ao longo de 72 anos - efetivamente uma vida humana inteira - é pouco perceptível, sendo aproximadamente equivalente à largura de um dedo indicador erguido em direção ao horizonte. Uma mudança de 30 graus - ao longo de toda uma **constelação** zodiacal, exigindo 30 x 72= 2.160 anos para ser concluída - é impossível de não ser percebida, mas sua progressão só poderia ser registrada e anotada com precisão por muitas gerações de observadores conscienciosos e precisos. Uma mudança de 60 graus, ou seja, através de duas constelações zodiacais, leva 4.320 anos (2.160 x 2= 4.320), razão pela qual uma mudança de 360 graus (todas as 12 constelações zodiacais - "o Grande Ano") requer um total de 25.920 anos.

Dentro do "código de precessão", como Santi lana e von Dechend mostraram de forma conclusiva, é permitido dividir e multiplicar o "número de batimentos cardíacos" de 72 (o número de anos necessários para um grau de mudança de precessão). Isso é feito em mitos e monumentos em todo o mundo (por exemplo, em Angkor, no Camboja, como vimos no Capítulo Doze, e em Borobudur, na Indonésia, como veremos no Capítulo Dezoito). Assim, 216 é 3 x 72 (ou 2.160 dividido por 10). Sua derivação do triângulo 3:4:5 dentro da Câmara do Rei

A relação de tudo isso com a astronomia e a geodésia - medição da terra - é clara. Isso é confirmado ainda mais pelas dimensões externas da Grande Pirâmide que, como mostrei em *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*), codificam as dimensões de nosso planeta na escala precessional de 1:43.200.[86]

Essencialmente, se você medir a altura da Grande Pirâmide e multiplicá-la por 43.200, obterá o raio polar da Terra e, se Se medirmos o perímetro da base da Grande Pirâmide e multiplicarmos por 43.200, obteremos a circunferência equatorial da Terra. O fato de 43.200 ser uma das sequências de números de precessão identificadas por Santillana e von Dechend reduz ainda mais a probabilidade de coincidência e exige que levemos a sério a proposição de que estamos, de fato, olhando para parte do legado intelectual de alguma civilização ancestral "quase inacreditável" que mediu a Terra e observou as mudanças nas estrelas com precisão científica, muito antes do início do que entendemos como "história".

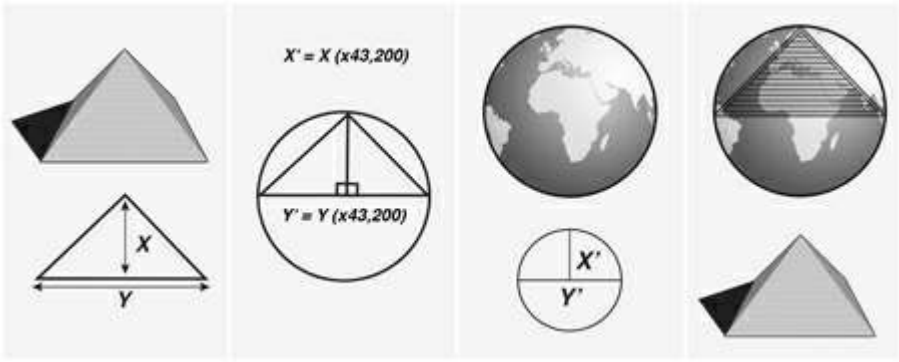


Figura 59: A Grande Pirâmide codifica as dimensões do nosso planeta na escala precessional de 1:43.200. A altura da Grande Pirâmide multiplicada por 43.200 nos dá o raio polar da Terra e o perímetro da base da Grande Pirâmide multiplicado por 43.200 nos dá a circunferência equatorial da Terra, com apenas pequenos erros em ambos os casos.

Portanto, voltando a Harran, a descoberta de James Q. Jacobs certamente sugere que os fundadores dessa cidade fizeram uma escolha geodésica deliberada quando a colocaram na latitude 36,87 graus norte. O que contribui para essa impressão é que Jacobs também encontrou uma relação geodésica entre Harran e a lendária cidade mesopotâmica de Ur, com a qual se sabia que ela tinha uma relação próxima na antiguidade:[87]

> A história/mito da Mesopotâmia afirma que Ur e Harran são dois centros sumérios importantes e relacionados, ambos associados à lua. Verifiquei a [latitude do] zigurate de Ur, em 30,963 graus. Em um primeiro momento, não percebi que a colatitude é igual a 5/3 da arctangente (atan). Colatitude é a distância até o polo mais próximo, um ponto de referência geodésico. A latitude faz referência ao equador, o plano médio dos polos perpendicular ao eixo de rotação. O plano de nível local em Harran intercepta o eixo de rotação em um ângulo de 4/3 atan, formando um triângulo retângulo 3:4:5, assim como a latitude em relação ao equador e ao centro geodésico. Resumindo, a colatitude em Harran é igual a 4/3 atan e em Ur é 5/3 atan. Assim, a latitude em Harran é igual a 3/4 atan e em Ur 3/5 atan. Talvez esses "idólatras" estivessem fazendo astronomia?[88]

Eu iria mais longe e diria que, *sem dúvida,* os "adoradores de estrelas" sabianos de Harran estavam fazendo astronomia. E considerando as evidências que analisamos nos Capítulos 14 e 15 sobre os cálculos precisos de precessão feitos pelos criadores de Göbekli Tepe - tão precisos que foram capazes de criar uma imagem simbólica do céu do solstício de inverno em nossa própria época, 11.600 anos no futuro - não me surpreende a existência de outras evidências nessa região de astronomia e geodésia científicas extremamente antigas e precisas. Essas evidências vão muito além das capacidades normalmente atribuídas à civilização histórica da Mesopotâmia e, pelo fato de retirarem o véu, exigindo que olhemos profundamente para a pré-história, elas novamente levantam o espectro de uma civilização perdida.

Jacobs notou esse fato e admite ter ficado intrigado com ele. Sua última descoberta de relevância aqui diz respeito à relação geodésica entre Göbekli Tepe e Harran:

> Os locais são aparentemente intervisíveis, com pouco mais de 40 km de distância. A diferença de latitude de Harran para Göbekli Tepe é exatamente igual a 1/1.000 da circunferência da Terra. É aqui que entramos em uma zona de penumbra na astronomia antiga. É claro que a metáfora oposta - "o amanhecer" da astronomia antiga - é a mais adequada em relação à implicação. Göbekli Tepe apresenta o mais antigo cômodo conhecido alinhado no sentido norte-sul, evidência de astronomia na prática.
>
> Mesmo os não-arqueólogos entendem os princípios básicos de estratificação e deposição - mais profundo é mais antigo. Göbekli Tepe tem 12.000 anos de idade. Harran é equiparada... a Ur da Suméria, a "Terra Civilizada" e um "berço da civilização". Esse berço e a astronomia são

e a astronomia têm, supostamente, de 4.000 a 5.000 anos de idade, não 12.000. Harran está localizada a 3/4 de latitude atan, um parâmetro fixo, e Göbekli Tepe está em uma diferença de latitude específica ao norte. Como o parâmetro fixo deve vir primeiro, o enigma, é claro, é que essa diferença precisa de 1/1.000 de latitude de circunferência é uma coincidência ou a astronomia antiga simplesmente deu um salto de volta para 12.000 anos atrás.

anos atrás[89].

Pelo que sei, Jacobs não é fã de história alternativa e comentou abertamente sobre a quantidade de "pseudociência totalmente inacreditável" que está atualmente em circulação na Internet e na mídia sobre Göbekli Tepe. [90]Parabéns a ele, portanto, por ir aonde a ciência genuína o leva e manter a mente aberta para a possibilidade de que a astronomia antiga e a medição precisa da Terra possam, de fato, remontar muito mais longe no tempo.
e a medição precisa da Terra possam, de fato, remontar a uma "zona de penumbra" muito maior do que a arqueologia convencional supõe até agora.

Os magos de Harran

Assim como Harran era em seu início - um centro de "ciências exatas", como propõe Jacobs [91]-, ela continuou a ser ao longo dos milênios, quando os sabianos praticavam sua "adoração às estrelas" aqui. No final do século IX d.C., al-Battani, mais conhecido no Ocidente como Albategnius, provavelmente o astrônomo e matemático mais ilustre da Idade Média, nasceu em Harran e teve uma vida longa e distinta(92) .
uma vida longa e distinta[92]para registrar muitas realizações científicas notáveis.

Particularmente notável, combinando astronomia exata e geodésia exata, foi seu cálculo da maior distância da Lua em relação à Terra (como a órbita da Lua é elíptica, ela tem um perigeu, o ponto em que está mais próxima da Terra, e um apogeu, o ponto em que está mais distante). A estimativa de Al-Battani da distância da Lua no apogeu estava dentro de 0,6% do valor moderno. [93]Ele é também conhecido por seu cálculo da duração do ano solar em 365 dias, 5 horas, 46 minutos e 24 segundos [94]- um erro de apenas 2 minutos e 22 segundos quando comparado com o valor produzido pelos astrônomos modernos com o benefício da tecnologia avançada. [95]Al- Battani catalogou 489 estrelas, [96]produziu medições mais precisas da trajetória do sol do que Copérnico conseguiria 600 anos depois.
mais tarde,[97]e forneceu importantes fórmulas trigonométricas para triângulos retângulos,[98]um fato da história da ciência que talvez seja digno de nota em vista da relação da latitude de Harran com os triângulos retângulos 3:4:5 discutidos acima.

O nome de batismo de Al-Battani, que inclui vários epítetos reveladores, era Abu Abdallah al-Battani Ibn Jabir Ibn Sinan al-Raqqi al- Harrani al-Sabi. A origem do epíteto "al-Battani" em si é desconhecida, mas supõe-se que se refira a uma rua ou distrito de Harran, sua cidade natal - de onde "al-Harrani" também deriva, é claro. "Al-Raqqi" refere-se à cidade de al-Raqqa, no rio Eufrates, na Síria, onde al-Battani passou grande parte de sua vida profissional. O mais interessante, no entanto, é o epíteto "al-Sabi" que, de acordo com o *Dicionário de Biografia Científica*, indica que os ancestrais de al-Battani, se não ele próprio:

> O primeiro rei da Mesopotâmia, al-Battani, professava a religião dos sabianos harranianos, na qual uma quantidade considerável da antiga teologia astral mesopotâmica e do conhecimento das estrelas parece ter sido preservada e que, tolerada pelos governantes muçulmanos, sobreviveu até meados do século XI. O fato de o contemporâneo mais velho de al-Battani, o grande matemático e astrônomo Thabit ibn Qurra, ter vindo da mesma região e **ainda** ter aderido à religião sabiana, parece ser um indicativo do grande interesse pela astronomia que caracterizou até mesmo esse última fase da idolatria das estrelas na Mesopotâmia[99].

Thabit ibn Qurra (836-901 d.C., também nascido em Harran) não teria tido muita paciência com termos carregados como "idolatria das estrelas", que buscam colocar o "paganismo" dos sabianos em um nível inferior ao monoteísmo clerical mortal, muitas vezes intolerante, tacanho e anticientífico de religiões como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo. Thabit estava ciente de que, por trás das antigas práticas sabianas, mal compreendidas por essas jovens religiões como "idolatria das estrelas", havia de fato ciências exatas de grande benefício para a humanidade, e assim ele escreveu:

> Quem mais civilizou o mundo e construiu as cidades, se não os nobres e reis do paganismo? Quem mais colocou em ordem os portos e rios? E quem mais ensinou a sabedoria oculta? A quem mais a Deidade se revelou, deu oráculos e falou sobre o futuro, senão aos homens famosos entre os pagãos? Os pagãos tornaram tudo isso conhecido. Eles descobriram a arte de curar a alma; eles também tornaram conhecida a arte de curar o corpo. Eles encheram a terra com formas estabelecidas de
> e com sabedoria, que é o bem mais elevado. Sem o paganismo, o mundo seria vazio e miserável.[100]

Deve-se acrescentar ao exposto acima que mesmo essa tradução não faz justiça ao que Thabit estava tentando transmitir aqui. A palavra siríaca *hanputho* que ele usou em seu texto original, e que foi traduzida acima como "paganismo", na verdade significa "a religião pura". [101]Seu cognato em árabe é a palavra *hanif*, que aparece no Alcorão fazendo referência a antigas fés pré-islâmicas que eram consideradas puras e portanto, não deveriam ser perseguidos. [102]De fato, os sabians foram reconhecidos por muitos pensadores importantes nos primeiros séculos do Islã como

[103]e isso, juntamente com sua famosa reivindicação de ser um "povo do livro", foi uma das razões pelas quais eles foram deixados livres por tanto tempo para praticar os antigos costumes.

Já vimos como os sabiás tiveram permissão para construir um novo Templo do Deus da Lua e continuar seus rituais religiosos depois que o general árabe Ibn Ghanam conquistou Harran no século VII d.C. D.C. Isso, por si só, é um sinal de favorecimento incomum, já que os exércitos islâmicos normalmente ofereciam aos "pagãos" a opção de conversão ou morte. Ainda mais interessante, no entanto, é o encontro dos sabianos com o califa abássida Abu Jafar Abdu lah al-Ma'mun, que passou por sua cidade em 830 d.C. e supostamente questionou

eles intensamente em sua religião.[104]

Lembrando as peregrinações sabianas a Gizé, é razoável imaginar se há alguma conexão com o fato de que, em 820 d.C., uma década antes de visitar Harã, foi Ma'mun quem abriu um túnel na Grande Pirâmide e abriu suas passagens e câmaras antes ocultas. De fato, é pelo "Buraco de Ma'mun" que os visitantes **ainda** hoje entram no monumento. [105]Descrito por Gibbon como "um príncipe

de raro aprendizado"[106], parece que a investigação de Ma'mun foi motivada por informações que ele havia recebido sobre a Grande Pirâmide, especificamente que ela continha

> uma câmara secreta com mapas e tabelas das esferas celeste e terrestre. Embora se dissesse que haviam sido feitos em um passado remoto, supunha-se que fossem de grande precisão.[107]

Assim como seu pai, Harun al-Rashid, famoso pelas noites árabes, Ma'mun pertencia a uma linhagem de califas eruditos e de mente aberta. No entanto, no século XI, quando o último Templo do Deus da Lua em Harran foi finalmente destruído, uma nova facção, mais fundamentalista e muito menos tolerante, tomou as rédeas do Islã e a supressão da "religião pura" dos sabiás começou a sério. Sabemos que eles continuaram a fazer suas peregrinações a Gizé até o século XIII, mas depois disso eles desapareceram da história e, embora alguns

Os estudiosos acreditam que elementos de sua fé sobrevivem em seitas como os mandeanos e os yazidis do Iraque [108](que, por sua vez, foram submetidos a intensa perseguição islâmica nos tempos modernos), parece não haver nenhum vestígio dos sabiás atualmente.

Exceto por um pensamento tentador e intrigante.

O livro sagrado dos sabianos era a compilação de textos hoje conhecidos como *Hermética*[109], cuja cópia chegou misteriosamente às mãos de Leonardo de Pistoia, um agente de Cosimo de Medici, fundador da dinastia política Medici de Florença. Era 1460 e Pistoia estava viajando pela Macedônia na época, mas voltou imediatamente para Florença com o tesouro de sabedoria antiga que havia adquirido. Com a mesma rapidez, Cosimo ordenou que seu filho adotivo Marsilio Ficino atrasasse a tradução da obra completa de Pistoia.

[(110)]Foi, como observou a falecida Dame Frances Yates, uma das maiores especialistas do mundo em Renascimento, "uma situação extraordinária".

De fato, especialmente porque há muito a sugerir que foi essa introdução de ideias herméticas na Europa do século XV que

que impulsionou a Renascença e deu origem ao mundo moderno.[112]

Ou, talvez, não tenha sido tanto o nascimento de um novo mundo quanto o renascimento - a "ressurreição" na linguagem dos textos de Edfu - do antigo mundo dos deuses?

Sinais das mãos

Como vimos, ostextos de Edfu falam dos Sete Sábios, portadores de sabedoria para a humanidade, professores de ciência e magia. Os textos da Mesopotâmia também falam de sete sábios - os Apka **lus - cujas** funções são idênticas às de seus equivalentes egípcios. Já exploramos tudo isso em capítulos anteriores e não precisamos nos repetir aqui. O que eu não sabia, no entanto, até começar a investigar as tradições dos Vigilantes no Livro de Enoque, no Livro dos Jubileus e em outros lugares, é que os estudiosos descobriram ligações estreitas entre os Vigilantes e os Apkallus.

Por exemplo, "figuras de Apkallus eram enterradas em caixas nos depósitos de fundação dos edifícios mesopotâmicos para evitar o mal...

O termo *massare*, Vigilantes, é usado para esses conjuntos". [113]Da mesma forma, diz-se que os Apkallus ensinaram ciências antediluvianas à humanidade, assim como os Vigilantes. [114]Entretanto, como conclui um estudioso: "Os autores judeus frequentemente invertiam as tradições intelectuais mesopotâmicas com a intenção de mostrar a superioridade de seus próprios fundamentos culturais. Assim, [...] ... o

Os sábios antediluvianos, os Apkallus da Mesopotâmia, foram demonizados como os 'filhos de Deus' e (...) aparecem como os Sentinelas (...) legítimos professores legítimos da humanidade antes do dilúvio" [115].

Em suma, o que esse conjunto de pesquisas revela é uma série de vínculos entre os Vigilantes e os Apkallus tão próximos que se pode razoavelmente supor que sejam dois nomes, ou títulos, diferentes para os mesmos seres. [116]Não há espaço nem necessidade de explorar mais detalhadamente esse material com todas as suas múltiplas interconexões, mas acho tentador imaginar que possam ser esses mesmos seres...

esses Vigilantes, esses Sábios - que estão representados nos altos pilares megalíticos de Göbekli Tepe.

Apesar de sua semelhança com os símbolos das divindades mesopotâmicas (consulte o Capítulo 15), a presença de objetos semelhantes a bolsas no registro superior do Pilar 43 no Anexo D, para os quais chamei a atenção pela primeira vez no Capítulo 1, continua a me intrigar, pois esses objetos também são muito semelhantes às bolsas seguradas nas mãos das figuras Apkallu em muitas representações antigas. E essa semelhança, como o leitor deve se lembrar, não se limita ao Oriente Próximo. Em uma escultura do sítio olmeca de La Venta, com vista para o Golfo do México, um relevo de Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, o lendário portador da civilização para os povos da América Central, carrega uma bolsa idêntica.

Antes de deixar a Turquia em julho de 2014, fizemos mais uma viagem de volta a Göbekli Tepe. Mal posso suportar vê-lo sob seu horrível e pesado telhado de madeira, que mergulha todos os quatro recintos principais em uma iminente escuridão sepulcral. Mas há uma razão especial pela qual quero dar uma última olhada no Recinto D, não desta vez no Pilar 43, mas nos dois pilares centrais com seus braços tortos e suas mãos com dedos longos que quase se encontram sobre suas barrigas de pedra.

Quando estou satisfeito por já ter visto o suficiente, pedimos ao nosso motorista para nos levar de volta a Şanl Iurfa, ao museu principal, onde vários artefatos de Göbekli Tepe, considerados preciosos demais para serem deixados no local, estão em exposição. Também já estive aqui antes, mas há uma série de detalhes que quero relembrar.

Passei um longo tempo em frente a uma escultura hipnotizante de uma figura humana. Ela não foi encontrada em Göbekli Tepe, mas foi uma descoberta acidental feita na década de 1980 na própria ŞanlIurfa, no coração da cidade velha, onde fundações profundas estavam sendo escavadas para um estacionamento. Ele foi datado do período Göbekli Tepe - ou seja, por volta de 9000 a.C. - e está "a caminho", escreveu Klaus Schmidt, "de se tornar mundialmente

mundialmente famosa como a mais antiga estátua da humanidade em tamanho natural completamente preservada".

Ao contrário dos piares megalíticos de Göbekli Tepe, onde as "cabeças" são estilizadas - lembrando a barra transversal superior da letra "T" -, essa figura tem cabeça e rosto humanos totalmente formados, com olhos brilhantes de obsidiana preta, um queixo pronunciado que dá toda a impressão de ser barbudo, um peitoral na forma de um grande "V" duplo esculpido em alto relevo no peito e os braços tortos, como nas figuras de Göbekli Tepe, com os dedos quase se encontrando na frente do **corpo**.

Passo para a segunda peça que quero examinar, a chamada "Totem Pole". Ela é ainda mais estranha que a primeira. Mais uma vez, tem altura humana normal, mas não é de forma alguma totalmente humana. Em vez disso, é um híbrido complexo com várias características diferentes. A cabeça está muito danificada, mas as orelhas e os olhos foram preservados e sugerem algum tipo de predador, talvez um urso, ou talvez um leão ou leopardo. Portanto, trata-se de um teriantropo. Em seguida, grandes serpentes se enrolam na parte externa de suas pernas. Elas têm cabeças grandes que se projetam para a frente, mais ou menos na altura da virilha da figura.

Há dois conjuntos de braços e mãos que parecem pertencer à própria figura. No caso do par superior, os braços estão tortos da maneira usual de Göbekli Tepe e as mãos estão juntas, com os dedos quase se tocando no peito. Em seguida, há um segundo par do que parecem ser apenas antebraços e mãos, com os dedos novamente unidos e quase se tocando na barriga, mais ou menos na altura do umbigo.

Descendo, mais **ou** menos no nível dos órgãos genitais, uma cabeça pequena e mais dois braços se projetam para fora da linha média da figura. Novamente, há aquelas mãos de dedos longos quase se encontrando, mas, desta vez, elas parecem estar tocando um tambor. Ao lado delas, mas logo abaixo, há a sugestão, muito danificada, de mais um par de braços e mãos.

Muito de tudo isso me é familiar. Muito

familiar.

Mas não de Göbekli Tepe, como veremos no próximo capítulo, e sim do outro lado do mundo.

Parte VII

Distância

Capítulo 17
A montanha

É outubro de 2013 e estou nas encostas acima da cidade de Cuzco, nos altos Andes do Peru, explorando o incrível sítio megalítico de Sacsayhuaman com Jesus Gamarra, um descendente dos incas. Gamarra tem setenta e poucos anos, é mais de dez anos mais velho do que eu, mas não dá para adivinhar isso só de olhar para ele. Ele é ágil como uma cabra da montanha, totalmente aclimatado à altitude de 3.701 metros (12.142 pés) e em forma como um atleta olímpico após anos de escalada pelos passos e trilhas de sua terra natal durante uma vida inteira de pesquisa sobre as origens da cultura inca.

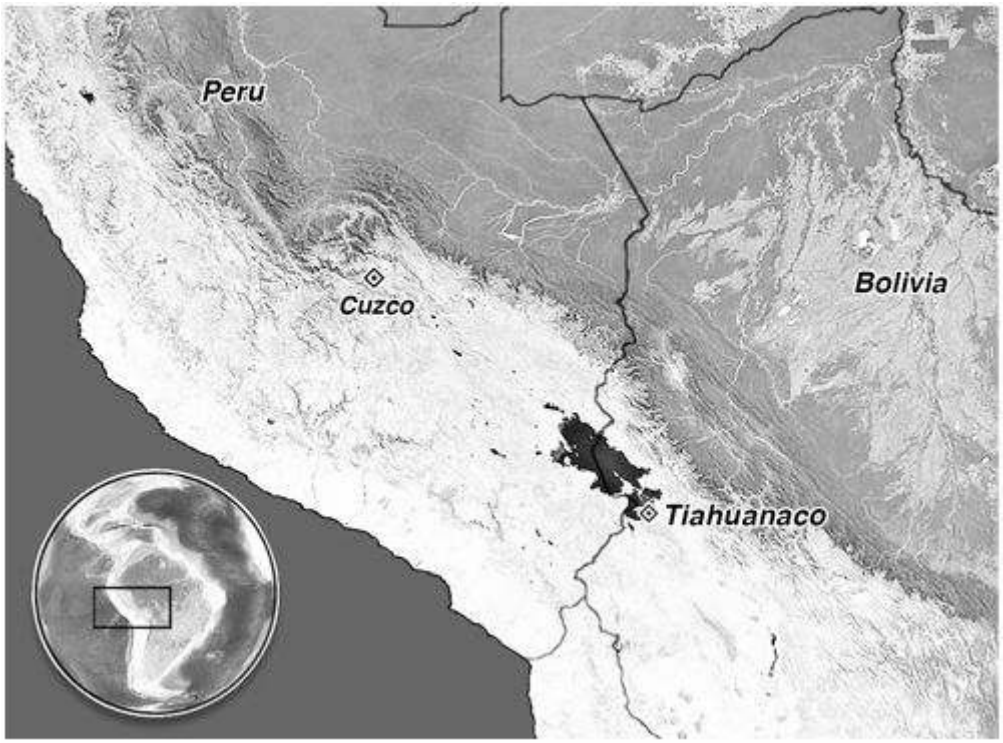


Figura 60

Minha primeira visita a Sacsayhuaman foi em 1992 e, desde então, voltei várias vezes, sempre aprendendo algo novo. Em *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*), publicado em 1995, expressei meu ceticismo em relação à teoria ortodoxa de que praticamente todos os grandes monumentos dos Andes são obra dos incas, cujo império tinha pouco mais de um século de existência no início da conquista espanhola do Peru em 1531. "Como era sabido que os incas faziam uso extensivo de Sacsayhuaman", escrevi em *Fingerprints (Impressões digitais)*, "eu poderia facilmente entender por que se supôs que eles o haviam construído. Mas não havia nenhuma conexão óbvia ou necessária entre essas duas proposições. A
Os incas poderiam muito bem ter encontrado as estruturas já existentes e se mudado para elas".[1] Em *Heaven's Mirror* (1998), desenvolvi ainda mais o argumento de que as gigantescas construções megalíticas e escavadas na rocha dos Andes, que não se limitam de forma alguma a Sacsayhuaman, mas são encontradas em toda a região, *não* foram obra dos incas, mas de uma civilização predecessora muito mais antiga, há muito perdida na história:

> Nesse caso, não é necessário imaginar uma ruptura completa na continuidade entre a suposta "cultura mais antiga" e os incas; pelo contrário, os incas poderiam ter herdado algumas das tradições e conhecimentos da primeira e tentado, em uma escala menor, imitar seu mundo ciclópico.[2]

Eu não conhecia Gamarra ou seu trabalho quando escrevi as passagens citadas acima. Agora, enquanto ele me mostra Sacsayhuaman, explicando cuidadosa e meticulosamente tudo o que quer que eu veja, levando-me a cantos e recantos escondidos do local que eu desconhecia completamente antes, ele abre meus olhos para todos os tipos de detalhes que apoiam e reforçam minhas intuições anteriores. Mais do que isso, ele apresenta um caso arqueológico sólido, originalmente elaborado por seu pai, Alfredo Gamarra, e muito refinado e ampliado por ele mesmo, que, em minha opinião, seria digno de séria consideração por parte dos principais estudiosos - se, isto é, se os principais não estivessem tão presos à rígida preconceito de que todos esses monumentos têm apenas algumas centenas de anos e são inteiramente obra dos incas.[3]

É notoriamente difícil saber, com qualquer nível útil de certeza, a idade de monumentos de pedra anônimos e sem inscrições. A datação por carbono de materiais orgânicos associados só é útil quando podemos ter certeza absoluta de que os materiais que estão sendo datados foram depositados ao mesmo tempo que o corte e a colocação da pedra na qual estamos interessados. No caso de muitas estruturas megalíticas, isso é impossível.
A datação por luminescência de superfície, que vimos no Capítulo Dez, já produziu alguns resultados anômalos na Pirâmide de Menkaure e nos Templos da Esfinge e de Va ley de Gizé, ainda não foi amplamente adotada pelo estabelecimento arqueológico e nunca foi aplicada aos monumentos dos Andes. Na ausência de testes objetivos úteis, portanto, a próxima estratégia de rotina é observar o estilo e os métodos arquitetônicos. Assim como os diferentes estilos de cerâmica podem fornecer indicações confiáveis sobre qual cultura e em qual período produziu uma determinada peça, o mesmo ocorre com a arquitetura. A regra geral é que estilos e abordagens muito diferentes para a construção ou criação de monumentos de pedra, mesmo que estejam lado a lado, são indicativos do envolvimento de diferentes culturas trabalhando em diferentes períodos do passado.

Infelizmente, essa técnica lógica e razoável de datação estilística não é muito popular entre os arqueólogos que estudam os monumentos dos Andes - talvez porque, se eles a empregassem aqui, como fazem em outros lugares, seriam forçados a questionar a teoria estabelecida de que os incas fizeram tudo. A arqueologia é uma disciplina profundamente conservadora e descobri que os arqueólogos, não importa onde estejam trabalhando, têm horror de questionar qualquer coisa que seus antecessores e colegas já tenham anunciado como verdade. Eles correm um risco muito real de prejudicar suas carreiras se o fizerem. Consequentemente, eles se concentram - talvez em grande parte inconscientemente - em evidências e argumentos que não perturbem o jogo. Pode haver espaço para alguns ajustes nas bordas, algum refinamento das ideias ortodoxas, mas Deus nos livre de descobrir algo que possa minar seriamente o paradigma estabelecido.

O que Gamarra está me mostrando enquanto caminhamos por Sacsayhuaman é que há três estilos distintos de arquitetura aqui -tão diferentes, de fato, que é extremamente difícil entender por que os arqueólogos insistem que eles **são** obra da mesma cultura inca e foram todos feitos durante o século anterior à chegada dos espanhóis. Não é necessário repetir as descrições detalhadas desse local que apresentei em meus livros anteriores. Em resumo, porém, Sacsayhuaman fica em uma encosta acima e com vista para a cidade de Cuzco e consiste em uma série de três fileiras paralelas de muros, com cerca de 6 metros de altura, construídos inteiramente com megálitos gigantescos, alguns pesando mais de 360 toneladas, [4]cada parede apresenta um perfil recortado, quase em ziguezague, construído na lateral de uma encosta e disposto em degraus, um acima do outro. Após a parede mais alta, a encosta continua a subir em direção ao sul e está repleta de ruínas de vários edifícios muito menores; um deles, bem no topo, que consiste em três círculos concêntricos de blocos bem cortados, preservados apenas no nível da fundação, deve ter sido impressionante quando estava intacto. Além dele, um vale coberto de árvores e arbustos densos desce abruptamente para o sul, com Cuzco aninhada em seu solo.

Voltando-se para o norte, um platô gramado com talvez 100 metros de largura se estende da base da mais baixa das três paredes megalíticas ao longo de toda a sua extensão de cerca de 400 metros. No lado norte do platô, ergue-se uma colina rochosa natural de diorito vulcânico, mas que foi cortada e moldada em intrincadas formações de terraços e degraus. É nesse ponto que Gamarra e eu estamos agora e ele começa a explicar.

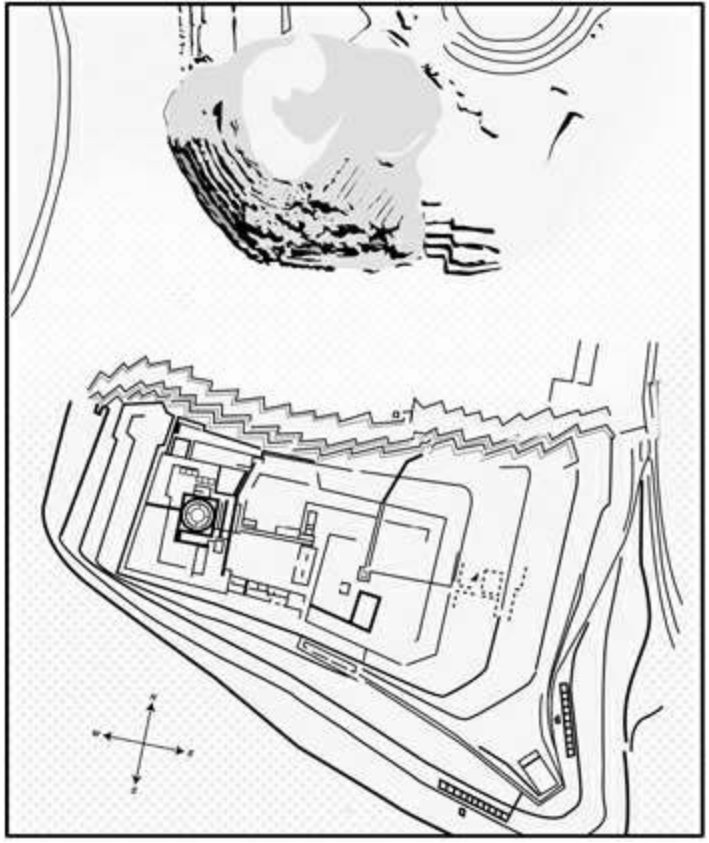


Figura 61: Planta de Sacsayhuaman, paredes megalíticas em ziguezague ao sul, colina rochosa em forma ao norte.

"Este é o trabalho de 'Hanan Pacha'", diz ele, indicando os terraços de diorito lindamente cortados a nossos pés. "O primeiro mundo. Foi feito milhares de anos antes da época dos Incas. Eles sabiam como moldar a pedra naquela época." Um sorriso malicioso. "Eles podiam fazer o que quisessem com ela. Talvez tenha sido fácil para eles". Ele se inclina e me chama para olhar de perto a superfície da rocha. "Está vendo?"

Dou de ombros. Estou intrigado. Não tenho certeza do que ele quer que eu veja.

"Não há marcas de ferramentas", diz ele. Ele gesticula com orgulho para todo o artefato entalhado e esculpido, toda a gigantesca obra de arte em que a colina foi transformada. "Não há marcas de ferramentas em lugar algum."

"Então, o que eles fizeram? Tiraram as marcas de ferramentas depois de cortarem a pedra?"

"Não", diz Gamarra. "Eles não precisavam de ferramentas. Eles tinham outra maneira. O mesmo acontecia no segundo mundo, que eu chamo de 'Uran Pacha'." Ele aponta para as imponentes paredes megalíticas em frente. Há alguma discordância entre os especialistas sobre o tipo exato de pedra de que são feitas e onde foram extraídas. O consenso, embora alguns pórfiros de diorito verde e alguns andesitos também estejam presentes, é que uma forma muito dura e densa de calcário local foi usada para os próprios megálitos. Pedreiras a 15 quilômetros de distância

e a 3 quilômetros de distância foram identificadas como fontes do calcário.[5]

Descemos pela lateral da colina e atravessamos a praça gramada até ficarmos sob as fileiras de enormes megálitos que se tornaram a imagem definitiva que Sacsayhuaman agora projeta para o mundo. Como sempre acontece quando estou aqui, minha primeira sensação é de admiração. Sinto-me pequeno, diminuído, do tamanho de uma criança. Não é só o fato de as paredes e os blocos de que são feitas serem grandes. Elas parecem ter - ouso dizer? -uma personalidade própria, e é a personalidade de um gigante adormecido.

O que é espetacular nessas paredes, além de seu tamanho, além do fato de que há pelo menos mil blocos individuais, é o feito virtuoso de tirar o fôlego que foi realizado para uni-los. Quero dizer, vamos falar sério aqui. Quando se constrói um muro em que o menor bloco que se planeja usar pesa uma tonelada, enquanto a maioria pesa mais de 20 toneladas, muitos pesam 100 toneladas, alguns pesam 200 toneladas e alguns pesam mais de 300 toneladas, você já se propôs um desafio logístico formidável.

Mas então suponha que, só por diversão, você decida aumentar um pouco mais a aposta e insista que essas **paredes** devem ser construídas na forma de enormes quebra-cabeças tridimensionais. Cada bloco deve ser um polígono com seis a uma dúzia de lados, cada polígono deve ser diferente - não há dois iguais - e todos devem se encaixar tão bem uns nos outros que você não conseguirá passar uma lâmina de barbear entre as juntas.

Não posso falar sobre a parte *de trás* dos blocos, onde eles se encaixam em outros blocos atrás deles - mais uma vez, presumivelmente, de forma multidimensional -, mas os padrões feitos ao longo de suas estranhas fachadas ciclópicas já são complicados o suficiente sem considerar o que está acontecendo fora da vista. É óbvio, olhando com admiração estupefata para a escala e a complexidade do projeto, que isso deve ter sido algo incrivelmente difícil de fazer! Quem quer que tenha sido responsável pela fase megalítica de Sacsayhuaman só pode ter sido um profissional de primeira classe, com anos de experiência e uma longa tradição de conhecimento destilado. Não é possível conceber, planejar e construir

algo assim com apenas um ou dois séculos de tentativas e erros, como se supõe ser o caso dos incas. Esses megálitos de Sacsayhuaman são o trabalho maduro de grandes mestres da pedra.

Além disso, em toda a Cordilheira dos Andes, não há evidências de aprendizes aprendendo a fazer isso, nenhum protótipo inicial que seja bom, mas que não seja bem-sucedido. Outras estruturas podem não estar na escala de Sacsayhuaman (embora muitas cheguem perto), mas todas elas, seja em Pisac, Ollantaytambo ou Machu Picchu, ou em uma série de outros locais, compartilham o mesmo nível de complexidade e, ao mesmo tempo, enfrentam desafios diferentes - como localizações extremamente difíceis, muito longe das pedreiras - que Sacsayhuaman não precisa superar. Todos eles são obras-primas desde o início. Todos eles são perfeitos. É quase como se, como diz Gamarra, "fosse fácil para eles".

Sei que ele tem uma teoria para explicar isso. A teoria é que a gravidade era menor durante seus dois primeiros "mundos" - o estágio de *Hanan Pacha* e o estágio de *Uran Pacha* - e que isso tornava a pedra mais leve e mais fácil de manipular. Em sua mente, a gravidade mais baixa está ligada à noção de que a Terra já fez órbitas muito mais próximas ao redor do sol - uma órbita de 225 dias e uma órbita de 260 dias - antes de se estabelecer em uma órbita de 260 dias.

sua trajetória atual de 365 dias. [6]Ele poderia estar certo; a nova ciência sugere que as órbitas dos planetas não são fixas e estáveis, mas podem estar sujeitas a mudanças radicais que, entre outras coisas, são capazes de aumentar o fluxo de cometas para o sistema solar interno.[7]

Entretanto, essa não é a parte de sua teoria que me interessa. O ponto em que acho que ele é solidamente persuasivo é em suas observações do
O caráter anômalo dos monumentos dos Andes - observações que se baseiam em cinquenta anos de seu próprio trabalho de campo e sessenta anos de trabalho de campo de seu pai. Os Gamarras fizeram o caminho e conquistaram o direito de falar sobre esse assunto e, quando falam, embora eles próprios sejam descendentes de incas, sua mensagem é absolutamente clara: muitas das grandes obras arquitetônicas atribuídas aos incas não foram feitas por eles. Há vestígios de uma civilização perdida aqui. De fato, não apenas uma civilização perdida, mas - se o período de tempo de Gamarra estiver correto - duas.

"Todos os grandes blocos de Sacsayhuaman são do período de *Uran Pacha*", diz ele. Estamos em um canto, em uma junção de cerca de uma dúzia desses blocos incríveis. Gamarra destaca novamente a precisão de suas articulações, que parecem ter sido feitas por uma máquina-ferramenta moderna, e a complexidade assustadora dos padrões que eles formam. Em seguida, ele chama minha atenção para outra coisa. Vários dos blocos têm estranhas cavidades circulares e formas baixas com bordas elevadas recortadas em suas faces, além de outros padrões peculiares, aparentemente aleatórios. "Não há marcas de ferramentas", ele reitera. "Nenhum cinzel. Nenhum martelo."

"Então, como eles fizeram isso?"

"Não parece", pergunta Gamarra, "que eles trabalharam com a pedra quando ela estava mole?" Ele passa a mão pelas curvas e ângulos de uma junta poligonal. "Como manteiga? Para que pudessem moldar tudo junto?"

De repente, uma **coisa** ficou clara. As formas estranhas que estou vendo na rocha seriam fáceis, na verdade sem esforço, de criar se esses blocos fossem feitos de algo com a consistência de manteiga em temperatura ambiente em vez de calcário frio e duro. Então, além de moldá-los juntos para criar esse efeito de quebra-cabeça maciço, a ponta de uma faca de mesa poderia ser usada para fazer as vieiras baixas e a parte de trás de uma colher serviria para fazer as cavidades.

É uma ideia atraente e não preciso acreditar nas teorias de Gamarra sobre órbitas e gravidade para explorá-la mais a fundo. Há outras maneiras de explicar os padrões. Por exemplo, a tecnologia de uma civilização perdida poderia estar à altura do desafio de amolecer a rocha para que ela pudesse ser trabalhada como manteiga. Talvez o calor estivesse envolvido? Um estudo intrigante realizado pelo Instituto de Tectônica e Geofísica da Academia Russa de Ciências, trabalhando em cooperação com o Ministério da Cultura do Peru, produziu evidências de que o calcário dos megálitos de Sacsayhuaman foi, em algum momento, submetido a temperaturas superiores a 900 graus centígrados e, possivelmente, a 1100 graus centígrados.

Quando os pesquisadores russos foram às pedreiras onde se acredita que os blocos foram cortados, eles encontraram o calcário natural repleto de minúsculos fósseis orgânicos. Isso é o que se espera, já que o calcário é uma rocha sedimentar que se forma sob mares antigos e consiste em grande parte de restos de conchas minúsculas e microesqueletos de outros organismos marinhos. Estranhamente, quando amostras dos megálitos de
megalitos de Sacsayhuaman foram analisadas pelos pesquisadores, eles confirmaram que a rocha era de fato calcário de "alta densidade". [8]
No entanto, havia:

> não havia fósseis e restos orgânicos evidentes, mas apenas uma estrutura de granulação fina claramente visível.[9]

Sua conclusão foi que os blocos foram submetidos a um calor intenso entre o momento em que foram extraídos e o momento em que foram colocados na parede e que esse calor foi suficiente para reduzir os fósseis a uma estrutura indeterminada de granulação fina:

> É claro que precisamos de pesquisas e análises mais detalhadas para estimar o motivo real dos efeitos térmicos no calcário estudado... Mas o fato continua sendo o fato - a cristalização do calcário silicioso biogênico em calcário silicioso microcristalino. O resultado desse processo pode ser visto no material que forma os blocos poligonais da parede de Sacsayhuaman. Em condições normais
> condições normais da natureza, esse processo é absolutamente impossível.[10]

"Alguma magia presidiu sua construção..."

Jesus Gamarra e eu continuamos nossa exploração subindo as escadas através das linhas das paredes megalíticas até chegarmos à encosta acima e podermos nos aproximar das ruínas dilapidadas que cobrem o topo da colina. "Estes", diz Gamarra, indicando as ruínas, "são exemplos do que foi feito no período de *Ukun Pacha* - o trabalho dos incas". Ele deixa claro que algumas delas, por exemplo, a estrutura de três círculos concêntricos de paredes, foram muito bem feitas. Os incas a chamavam de Muyuc Marca, ele me ensina. Era uma torre que chegou a ter mais de 30 metros de altura e foi construída como residência imperial para o imperador, cujo título era "o Inca". Somente mais tarde, e por extensão, toda a nação se tornou "os Incas".

O argumento de Gamarra é que, em construções como Muyuc Marca, estamos vendo os melhores resultados de que os incas eram capazes. No entanto, esses resultados são tão claramente inferiores aos dos megálitos - e tão diferentes - que obviamente devem ser aceitos como obra de outra cultura.

Curiosamente, embora essas ideias sejam consideradas heresia pelos arqueólogos de hoje, esse não era o caso quando os Andes começaram a ser examinados seriamente pela ciência no final do século XIX e início do século XX. Por exemplo, o grande geógrafo Sir Clements Markham, que viajou muito pelo Peru e escreveu o estudo clássico *The Incas of Peru*, afirma que "os incas não sabiam nada" sobre as origens de Sacsayhuaman:

> Garcilaso se refere a torres, muros e portões construídos pelos incas, e até mesmo dá os nomes dos arquitetos; mas essas foram defesas posteriores construídas dentro da grande fortaleza ciclópica. As linhas externas devem ser atribuídas à era megalítica. Não há nada do gênero que possa ser comparado a elas em qualquer outra parte do mundo.[11]

O "Garcilaso" mencionado por Markham é o cronista Garcilaso Inca de la Vega, filho de um conquistador espanhol e de uma princesa inca, uma herança que lhe deu acesso único às genuínas tradições incas, especialmente porque ele nasceu e cresceu em Cuzco e falava quíchua, a língua dos incas, como sua língua materna. Se os elementos megalíticos de Sacsayhuaman tivessem sido um trabalho recente, feito no século anterior ao nascimento de Garcilaso, deveria haver lembranças frescas e claras, até mesmo relatos de testemunhas oculares, de uma conquista tão magnífica. Mas Garcilaso não relata nada disso e, em vez disso, só pode oferecer magia como uma explicação para o que ele descreve como "um enigma ainda maior do que as sete maravilhas do mundo". Aqui está o que ele escreveu sobre Sacsayhuaman em seus *Comentários Reais*:

> Suas proporções são inconcebíveis quando não se tem uma visão real; e quando se olha de perto e se examina com atenção, elas parecem tão extraordinárias que parece que alguma mágica presidiu sua construção; que deve ser obra de demônios, em vez de seres humanos... Se pensarmos também que essa obra incrível foi realizada sem a ajuda de uma única máquina, será exagero dizer que ela representa um enigma ainda maior do que as sete maravilhas do mundo? Como podemos explicar o fato de que esses índios peruanos foram capazes de dividir, esculpir, levantar, carregar, içar e abaixar blocos de pedra tão enormes, que mais parecem pedaços de uma montanha do que pedras de construção, e que eles fizeram isso, como eu disse antes, sem a ajuda de uma única máquina ou instrumento? Um enigma como esse não pode ser facilmente resolvido sem a ajuda da magia.[12]

Será que estamos vendo, mais uma vez, a obra dos Magos dos Deuses? Lembrando que o grande templo de Edfu, no Alto Egito, era dedicado ao deus Hórus, que às vezes era representado como um falcão e às vezes como um leão, é intrigante descobrir que o próprio nome "Sacsayhuaman" significa Falcão (especificamente "Falcão Satisfeito"). Além disso, há muito tempo se reconhece que Sacsayhuaman faz parte de um grande geoglifo, outrora visível dos picos das montanhas circundantes, no qual se combina com os bairros mais antigos de Cuzco para formar a forma de um imenso felino - um puma, a criatura mais próxima de um leão do velho mundo nas Américas. O rio Tullumayo (agora desviado para o subsolo onde passa pela cidade) costumava servir como a coluna vertebral desse antigo leão. O tronco era o pedaço de terra entre o Tu lamayo, a leste, e o rio Huatnay (agora também subterrâneo), a oeste. Sacsayhuaman ainda é reconhecível como a cabeça do leão. As paredes em zigue-zague, que Jesus Gamarra atribui ao segundo episódio (*Uran Pacha*) da civilização nos Andes, contornam a parte superior de seu focinho e focinho, com o focinho voltado para o oeste, a direção do pôr do sol do equinócio, assim como a Grande Esfinge de Gizé está voltada para o leste, a direção do nascer do sol no equinócio.[13]

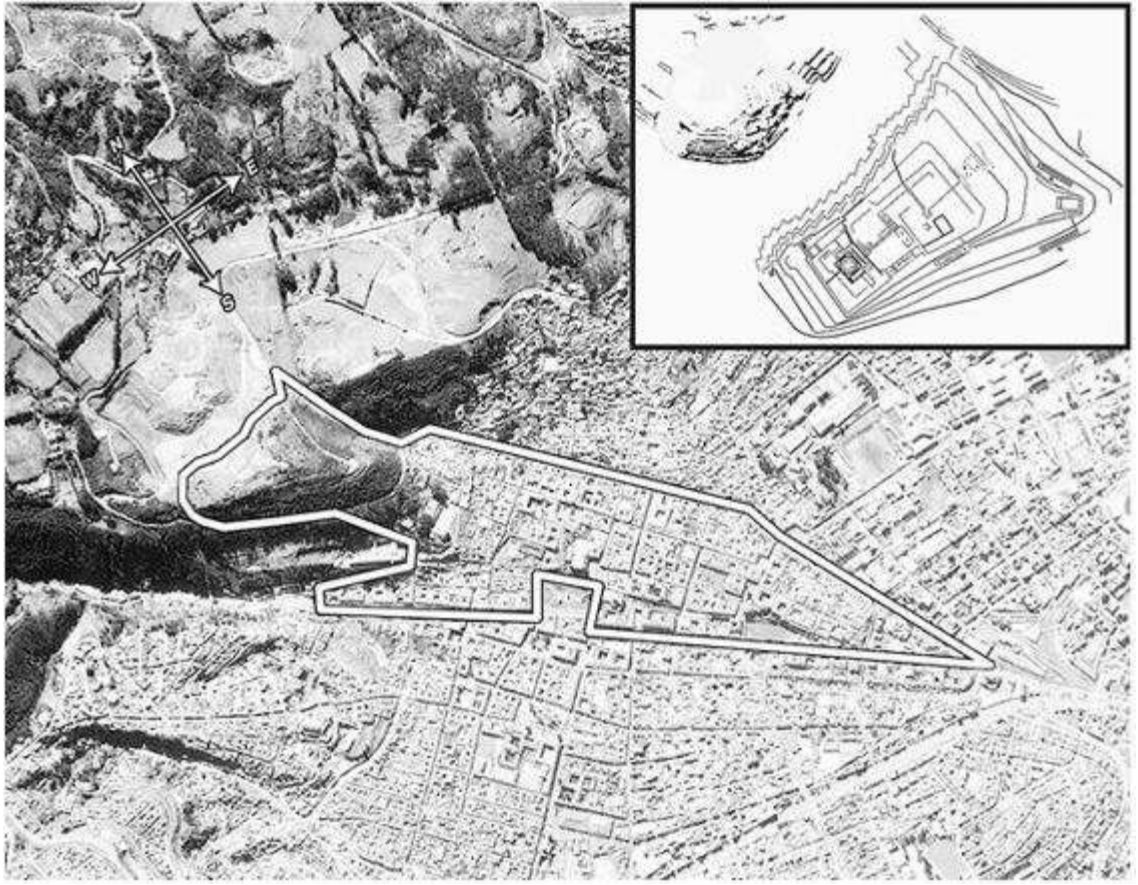


Figura 62: O "puma" de Cuzco-Sacsayhuaman.

Há tradições, apoiadas por algumas escavações modernas, de uma rede de túneis sob a Esfinge, onde tesouros misteriosos estão escondidos. [14]Há tradições praticamente idênticas - novamente apoiadas por escavações recentes - de um labirinto de túneis imensamente longos sob a cabeça do leão de Sacsayhuaman "no qual as pessoas descem para se perderem para sempre ou para saírem, tagarelando, loucas, agarradas a itens de tesouro". objetos de tesouro"[15].

Antes de sairmos de Sacsayhuaman, Jesus Gamarra me leva a um lugar muito estranho, a algumas centenas de metros a nordeste das paredes megalíticas, onde uma escada estreita com uma dúzia de degraus parece ter sido moldada - não cortada - no meio de uma rocha maciça de 6 metros de altura e outros tantos de largura. A escada só poderia ser vista de cima quando foi feita, mas a rocha foi dividida em duas partes - por um terremoto, segundo Gamarra - com um lado na vertical e o outro inclinado para fora em um ângulo de cerca de 40 graus, expondo assim os degraus dos quais nos aproximamos do nível do solo. No ponto em que o degrau mais baixo teria originalmente tocado a terra, Gamarra me mostra a entrada do que parece ser um buraco profundo e escuro, agora fechado com placas de rocha. "É um túnel", ele me ensina. "Ele passa por baixo do solo até Cuzco, mas o governo bloqueou a entrada para impedir que as pessoas o explorem."

Missão civilizadora

Nos dias seguintes, Jesus Gamarra me mostra mais evidências por trás de sua teoria. De fato, agora que entendi seu raciocínio, posso ver exemplos em toda parte.

No centro de Cuzco - o nome da cidade significa "o umbigo da terra" no idioma quíchua dos incas [16]- ele me leva ao antigo templo conhecido como Coricancha, que foi convertido em uma catedral após a conquista espanhola. O templo era usado pelos incas e, de fato, era o centro de sua vida sagrada, mas Gamarra não acredita que os incas o tenham construído. Em sua opinião, embora eles tenham feito alguns reparos e acrescentado algumas construções menores, a maior parte do trabalho em pedra de granito cinza polido, preciso e com ângulos agudos é do período *Uran Pacha* ("segundo mundo") e, portanto, é anterior aos incas em milhares de anos. Ele reluta em se comprometer com uma escala de tempo, mas sugere que o Coricancha foi originalmente erguido "há mais de 20.000 anos" para venerar um deus. ainda mais antigo, o sítio monolítico *Hanan Pacha* ("primeiro mundo") - a "pedra do umbigo descoberto" original, da qual a cidade deriva seu nome.[17]Os incas preservaram uma tradição, transmitida a nós por Garcilaso Inca de la Vega, sobre a fundação de Cuzco. Parece que algum tipo de cataclismo havia afetado o mundo, algum tipo de desastre, e os habitantes dos Andes haviam caído em um estado muito baixo. Garcilaso foi informado por seu próprio tio, um nobre inca, que as pessoas daquela época longínqua "viviam como animais selvagens, sem ordem nem religião, sem aldeias nem casas, sem campos nem roupas... Viviam em grutas e cavernas e, como caça selvagem, alimentavam-se de grama

Vendo a condição em que se encontravam, nosso pai, o Sol, ficou envergonhado por eles e decidiu enviar um de seus filhos e uma de suas filhas do céu para a terra" para levar-lhes as dádivas da civilização e ensiná-los "a obedecer às suas leis e preceitos (...) a construir casas e a se reunir em aldeias".

Esse casal real - pois, como Ísis e Osíris no Egito, eles eram irmão e irmã, além de marido e mulher - viajou pela terra carregando uma vara de ouro dada a eles pelo Deus Sol, que os instruiu a mergulhá-la na terra em vários pontos até que encontrassem um lugar onde ela desapareceria em um só impulso e onde eles deveriam estabelecer sua corte. Finalmente, "o Inca e sua noiva entraram no vale de Cuzco. Lá [em um local chamado *Cuzco Cara Urumi*, a Pedra do Umbigo Descoberto] eles testaram sua vara e ela não apenas afundou na terra, mas também foi enterrada. a terra, mas desapareceu completamente... Assim surgiu nossa cidade imperial".

Há um paralelo exato aqui com a história do patriarca zoroastriano Yima, contada no Capítulo Sete, que recebeu um poniard dourado de um deus e que, da mesma forma, mergulhou-o na terra como ato de fundação de uma civilização.

E que civilização foi essa que floresceu nos Andes! Certamente, a extraordinária realização dos gigantescos edifícios de Coricancha parece sugerir a aplicação de habilidades e capacidades mais do que comuns. Os enormes blocos de granito são tão finamente cortados - Gamarra insiste que eles foram moldados - que as imponentes câmaras internas parecem mais peças de uma máquina gigantesca e sofisticada do que de um templo. Além dessa impressão, há uma série complicada de ranhuras, canais, orifícios e nichos recortados em vários dos blocos, dando a eles a aparência de placas de circuito impresso das quais os circuitos foram removidos, deixando apenas trilhas vazias.

Depois de passar algumas horas dentro do Coricancha, Gamarra me leva para fora, para a vizinha Rua Loreto, que ele promete que proporcionará uma demonstração particularmente gráfica de seus argumentos. É um beco estreito delimitado por muros altos e, nesses muros, encimados por seções de gesso moderno, são visíveis quatro estilos diferentes de alvenaria de pedra. Desses, diz Gamarra, dois são incas, *Ukun Pacha,* um é do período colonial, por volta do século XVII ou XVIII, e um data do período Uran *Pacha.*

perío

do *Uran Pacha*.

Ao longo de grande parte de um dos lados da rua, há blocos de granito tão finos e bem ajustados quanto os do interior da Coricancha. Na verdade, essa seção da parede é a elevação externa de uma das grandes câmaras do Coricancha e, portanto, de acordo com Gamarra, é do período de *Uran Pacha*. As juntas entre os blocos são tão finas e, ainda assim, tão complexas, com elementos interligados, que de fato parecem moldados juntos. Além disso - e ele já havia me mostrado exemplos disso em Sacsayhuaman -, há um curioso brilho vítreo ao redor das juntas, que ele acredita ser evidência de "vitrificação causada pela exposição ao calor intenso". Ele argumenta de forma convincente que o que estamos vendo é diferente do brilho normal que os transeuntes podem dar à pedra esfregando-a e tocando-a ao longo dos séculos. De fato, os elementos "vitrificados" - e eu não afirmo que é isso que eles são - formam uma pele clara sobre os blocos subjacentes que é particularmente evidente onde as áreas foram danificadas ou quebradas.

Ao lado das camadas de blocos *de Uran Pacha*, embora não atinjam a mesma altura, há outros que parecem superficialmente semelhantes, mas que, em um exame mais minucioso, provam ser feitos de forma muito mais rudimentar, com marcas óbvias de ferramentas, sem brilho vítreo e com lacunas entre algumas das juntas. "Bom trabalho de *Ukun Pacha*", comenta Gamarra. "Feito pelos incas. Eles estavam fazendo o melhor que podiam para imitar o estilo de *Uran Pacha*, mas não conseguiram e seus esforços ficaram cada vez mais pobres."

Ele indica quatro camadas de paralelepípedos irregulares mais acima, com espaços amplos entre as juntas preenchidos por adobe. "Período colonial", diz ele.

Por fim, ele me leva para o outro lado da rua para me mostrar uma longa seção de uma **parede** de pedra seca. Os paralelepípedos foram submetidos a um certo grau de modelagem, mas estão desajeitada e desigualmente encaixados. Não há adobe nas juntas abertas. "Feito pelos Incas", diz Gamarra.

"E qual é a opinião dos arqueólogos?" pergunto.

Um sorriso. "Eles reconhecem o trabalho colonial, mas se enganaram acreditando que todo o resto foi feito pelos incas. Eles estão tão convencidos de que não houve uma civilização anterior e mais avançada aqui, que estão cegos para as enormes diferenças entre os blocos de blocos *de Uran Pacha* e a mão de obra inca".

"Suponho que o fato de que os próprios incas às vezes tentavam imitar o estilo estilo *Uran Pacha* - pelo menos naquela seção ali - torna as coisas mais complicadas?"

"Mais complicado, sim. Mas **ainda** assim eles devem ser capazes de ver. Mudanças tão profundas na qualidade do acabamento, especialmente quando exemplos como esse são encontrados em toda a região, devem dar a dica de que diferentes culturas estavam envolvidas."

Vale Sagrado

Se o foco em torno do Coricancha é o belo trabalho megalítico que Gamarra associa ao período período *Uran Pacha*, há muitas outras estruturas na área que ele considera como puro *Hanan* Pacha - *a* fase mais antiga da civilização andina, em que o trabalho em pedra é totalmente monolítico. Diversos grandes afloramentos de rocha foram completamente remodelados em complexos bizarros de degraus, terraços e

alcovas. Em Qenko, um desses afloramentos um pouco além de Sacsayhuaman, há várias ranhuras e canais em forma de serpente que serpenteiam pelas laterais de um domo místico repleto de cavernas, saliências, passagens e nichos ocultos. No topo, novamente esculpido - ou moldado - napedra bruta, há uma protuberância oval encimada por um pino duplo e atarracado. Há também os contornos de vários animais
-um puma, um condor, uma lhama - e ainda mais terraços e degraus que não levam a lugar algum.

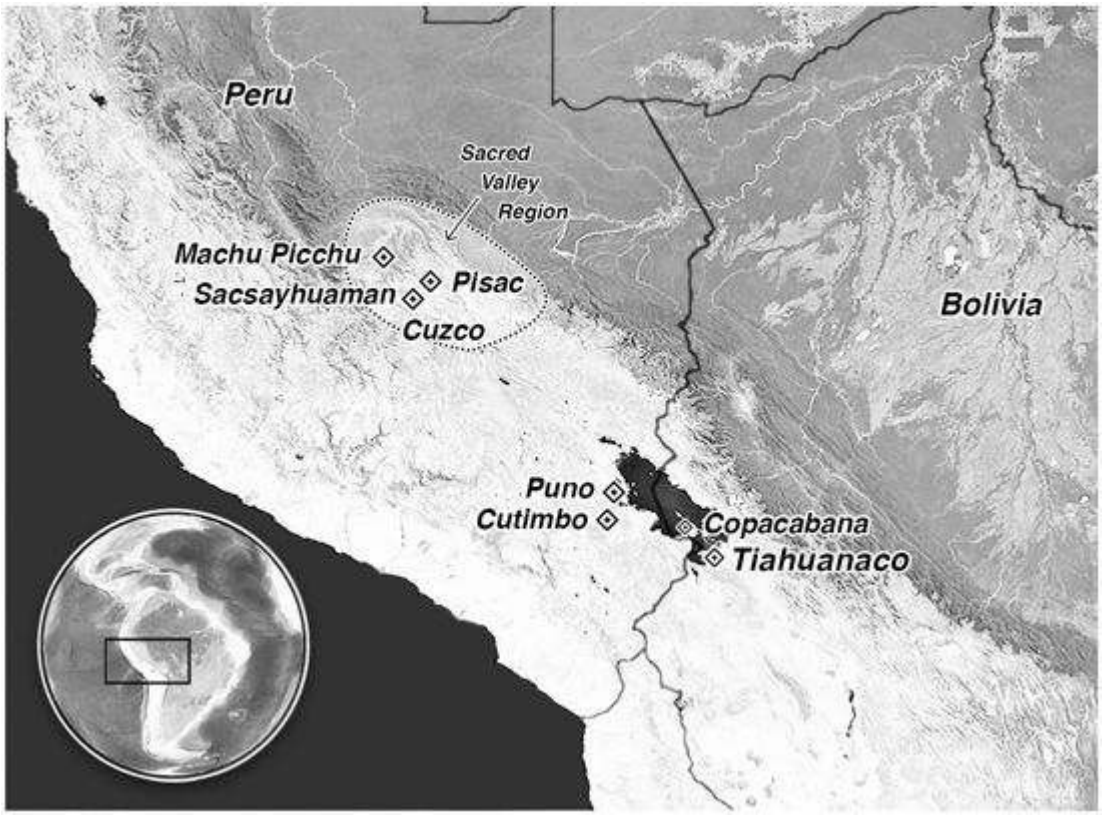


Figura 63

Seguimos para outro afloramento esculpido a cem metros de distância, conhecido localmente como o Templo da Lua. Na base do monte há uma fenda escura, misteriosa e dobrada que leva para dentro, ao longo da borda da qual, mais ou menos na altura dos ombros, emerge a forma sinuosa esculpida de uma serpente com uma estranha cabeça bulbosa. À direita da entrada, a rocha assume a forma distinta da cabeça de um elefante, com tromba, olhos e orelhas. Sobre a serpente não há dúvidas, mas será que o elefante é um exemplo do que os psicólogos chamam de pareidolia - *a* tendência humana de ver formas e padrões significativos que não existem de fato? Ou será que algum artista astuto dos tempos antigos deliberadamente se propôs a esculpir a aparência de um elefante emergindo da rocha? Se for a segunda hipótese, então temos um problema com a história, já que a última espécie relacionada aos elefantes que poderia ser retratada aqui - Cuvieronius - *foi* extinta na América do Sul há pelo menos seis mil anos, enquanto os incas que supostamente fizeram o Templo da Lua datam de menos de mil anos.

Terei mais a dizer sobre a serpente e o "elefante" mais tarde. Enquanto isso, ao me abaixar pela fenda na rocha para entrar no templo, noto outro animal esculpido em pedra - dessa vez um puma, e um pouco danificado - aos meus pés.

Agora estou dentro do que parece ser o útero da montanha, e uma suave e aveludada escuridão me envolve. A caverna tem cinco metros de largura, com uma sensação orgânica e sinuosa, mas, à minha esquerda, algumas alcovas profundas foram cortadas na parede, enquanto vinte metros à frente um feixe de luz dourada e brilhante entra por alguma abertura no monte rochoso acima e ilumina um plinto de pedra com cerca de um metro e meio de altura e dois grandes degraus. Subo no pedestal e me sento lá, com as costas apoiadas na rocha viva, pensando profundamente.

Gamarra diz que esse lugar é da época mais antiga de *Hanan Pacha*, que não tem nada a ver com os incas e que é muito anterior ao período *Uran Pacha*, responsável pelos megálitos de Sacsayhuaman e pela impressionante arquitetura de alta precisão de Coricancha. Olhando em volta, absorvendo a atmosfera, estou cada vez mais inclinado a concordar com ele. As pessoas que construíram esse templo de caverna não eram as mesmas que construíram o Coricancha. Não são apenas estilos de construção diferentes que estão envolvidos em cada um dos diferentes períodos. É uma ética diferente e uma pulsação espiritual diferente.

Do Templo da Lua, seguimos direto para Pisac, uma viagem de 18 quilômetros ao longo da borda do Vale Sagrado do Rio Vilcanota. Suas águas cintilam bem abaixo de nós, enquanto ao redor a espetacular região montanhosa brilha como esmeralda, graças aos inúmeros terraços férteis que os incas, sem dúvida, criaram e que proporcionaram ao seu império uma vasta riqueza agrícola. A grande magnitude da tarefa de organizar e construir os milhares e milhares de paredes de pedra seca que cercam esses terraços - que são encontrados em

todos os pontos viáveis em toda a extensão dos Andes - quase não dá para acreditar. É uma conquista comparável às maravilhas arquitetônicas. Assim como muitos outros aspectos da civilização inca - que não pretendo diminuir de forma alguma com a sugestão de que pode ter havido culturas anteriores. Muito pelo contrário, suspeito que parte da razão pela qual os incas eram tão notáveis é o fato de terem herdado um incrível legado de sabedoria e conhecimento do passado.

Portanto, é em um cenário de grande beleza natural, com vista para o ley do Vale Sagrado, que exploramos Pisac, um local menos famoso, mas, em muitos aspectos, mais espetacular do que Machu Picchu, que fica a outros setenta quilômetros a noroeste.

Assim como em Machu Picchu, o ponto central de Pisac, em torno do qual tudo o mais parece se concentrar, é um *Intihuatana* (a palavra significa "posto de carona do sol") - um enorme afloramento de rocha, moldado por mãos humanas no que Gamarra chama de estilo estilo *Hanan Pacha*, com um gnômon saindo de seu topo. Ao redor dele e, em alguns casos, moldado em sua superfície, há blocos poligonais de belas formas no estilo posterior *de Uran Pacha*, que parecem ter sido projetados para abrigar e proteger o *Intihuatana*. E, ao redor delas, há *Ukun Pacha-Inca,* estruturas de pedra mais simples e rudimentares.

"Cada uma dessas culturas", explica Gamarra, "venerava e respeitava a cultura que a precedeu. Elas expressaram seus sentimentos de respeito construindo sobre e ao redor do trabalho de seus antecessores e tentando copiar o que eles fizeram. Como mostrei a você na Rua Loreto, os incas tentaram imitar o estilo de *Uran Pacha*, mas não tinham o conhecimento ou as condições certas para fazer um trabalho tão bom".

Com "as condições certas", Gamarra se refere à gravidade reduzida e à maior maleabilidade da pedra que ele supõe em épocas passadas, mas não preciso aceitar isso para aceitar que suas observações sobre os diferentes estilos de construção e sua provável origem em diferentes culturas fazem todo o sentido do que estamos vendo.

Vejo muitos outros exemplos desses três estilos distintos, às vezes com Gamarra para me guiar, às vezes não. A própria Machu Picchu, sobre a qual escrevi longamente em livros anteriores, é, obviamente, o arquétipo do local Hanan Pacha adotado e superconstruído por culturas posteriores. O local de *Hanan Pacha* foi adotado e superconstruído por culturas posteriores. Depois, há uma pequena caverna misteriosa com vista para um vale remoto, por cujo chão passa o trilho do trem
que liga Cuzco a Machu Picchu. [20]É uma subida e tanto, trezentos metros ao longo de uma trilha estreita, mas o resultado final vale o esforço. Na frente da caverna (veja a Placa 60), uma pedra preta de andesito foi esculpida - ou moldada? - em um santuário de aparência curiosa com um motivo de pirâmide em degraus gravado nela.

Caçadores de tesouros estiveram aqui e dinamitaram o santuário, mas uma parte suficiente sobreviveu à explosão para que se tenha uma noção de como ele deve ter sido bonito antes de ser atacado. No mesmo estilo de *Hanan Pacha*, uma das paredes da caverna parece ter sido aplainada e uma alcova com bordas retas absolutamente precisas, como se tivesse sido cortada por uma máquina-ferramenta. Mas, do outro lado, à minha direita, quando olho para fora da caverna, foi construída uma parede inca de pedra bruta argamassada com adobe e, nessa parede - feita de forma grosseira -, seis alcovas foram feitas em uma tentativa óbvia de imitar a alcova de alta precisão cortada na rocha à esquerda. As qualidades e os estilos de trabalho são tão completamente diferentes que não faz sentido, como é o caso atualmente, insistir que tanto o trabalho cortado na rocha quanto a parede bruta foram produzidos pela mesma cultura. A teoria de Gamarra de que um monumento muito mais antigo foi homenageado e imitado pelos incas se encaixa melhor nas evidências que tenho diante de meus olhos.

Déjà vu

Saindo do Peru a caminho da Bolívia, paramos na cidade de Puno, às margens do Lago Titicaca, a 3.812 metros (12.507 pés) acima do nível do mar e, de lá, no dia seguinte, dirigimos 22 quilômetros para o sul até uma mesa dramática a uma altitude de 4.023 metros (13.198 pés), no topo da qual está empoleirado o sítio arqueológico de Cutimbo. As principais características do local - várias torres altas, algumas circulares, outras quadradas, conhecidas coletivamente como chullapas - *são* visíveis da estrada. Acredita-se que elas tenham sido construídas como tumbas para os
nobreza de uma cultura indígena local, os Lupakas, que se tornaram vassalos dos Incas no período entre 1470 d.C. e 1532 d.C. [21]Sem dúvida, houve sepultamentos dentro das *chullapas* nesse período, [22]mas deve-se considerar a possibilidade de que tenham sido intrusivos e que as torres, feitas de finos blocos poligonais que têm todas as marcas do estilo *Uran Pacha* de Jesus Gamarra, sejam muito mais antigas do que seu uso mais recente.
do que seu uso mais recente.

Já estou me acostumando com o ar rarefeito dos Andes, mas é uma longa caminhada pela grama amarela dos pampas até a lateral da mesa sob o sol escaldante da manhã. Quando chegamos ao topo, no entanto, meu cansaço desaparece quando começo a encontrar, e Santha começa a fotografar, imagens realmente interessantes esculpidas em alto relevo nas laterais de várias torres e em blocos espalhados aleatoriamente aqui e ali, resultado de mais esforços de demolição por caçadores de tesouros.

É esse imaginário, no outro lado do mundo, incluindo aquela serpente de pedra no Templo da Lua, que um ano depois **me** veio à mente no Museu de ŞanlIurfa, enquanto eu estudava a coleção de relevos de Göbekli Tepe. Deixo que os leitores formem seus próprios pontos de vista a partir das Placas 61-72, mas os paralelos óbvios incluem o seguinte:

Em Göbekli Tepe há uma criatura esculpida em alto-relevo, identificada por Klaus Schmidt como uma fera de rapina com garras abertas e

ombros poderosos, com a cauda dobrada para a esquerda sobre o corpo. Um animal muito semelhante é visto em Cutimbo, com as mesmas garras abertas e os mesmos ombros poderosos, enquanto a cauda, em vez de ser dobrada para a esquerda, é dobrada para a direita.

Tanto em Göbekli Tepe quanto em Cutimbo, são encontrados relevos de salamandras e serpentes. O estilo de execução em **todos os** casos é muito semelhante.

Mais ou menos no nível dos órgãos genitais do "Totem Pole" de Göbekli Tepe, uma pequena cabeça e dois braços se projetam. A cabeça tem uma aparência determinada, com sobrancelhas proeminentes. Os longos dedos das mãos quase se encontram. A postura é a de um homem inclinado para baixo através da pedra e tocando um tambor. Essa também é a postura de duas figuras em Cutimbo, que emergem de um grande bloco convexo em uma das torres circulares. Elas têm os mesmos traços determinados e as mesmas sobrancelhas proeminentes que a figura no "Totem Pole".

As duas serpentes na lateral do "Totem Pole" têm cabeças peculiarmente grandes, fazendo com que pareçam quase espermatozoides. O mesmo acontece com a serpente que emerge da entrada estreita e escura do Templo da Lua, acima de Cuzco.

Os leões aparecem nos relevos de Göbekli Tepe, os pumas aparecem nos relevos de Cutimbo e, mais uma vez, a forma de representação é semelhante.

Não sei o que fazer com essas semelhanças. Apenas coincidências? É bem provável. Mesmo assim, eles continuam.

Cidade de Viracocha

É uma experiência e tanto cruzar a fronteira terrestre do Peru com a Bolívia, passando por uma série de obstáculos burocráticos e longas filas, mas nas proximidades fica a cidade de Copacabana, de nome charmoso, e um hotel confortável com vista para o Lago Titicaca. Se tivéssemos mais tempo, visitaríamos as Ilhas do Sol e da Lua de barco a partir daqui; mas já estivemos nelas muitas vezes e não são nosso objetivo nessa viagem. Estamos ansiosos para voltar a Tiahuanaco, no Altiplano, a 12.800 pés, perto da margem sudeste do lago gigante.

Os arqueólogos ortodoxos datam Tiahuanaco do período entre 1580 a.C. e 724 d.C., mas tanto em *Fingerprints of the Gods* quanto em *Heaven's Mirror* argumentei que, no final das contas, ela poderia ser muitos milhares de anos mais antiga do que isso. Até o momento, menos de 2% do local foi escavado e acho provável que novas escavações forcem uma mudança no paradigma arqueológico. Talvez seja um sinal do que está por vir o fato de que, em 27 de março de 2015, o Centro de Pesquisas Arqueológicas de Tiahuanaco, na Bolívia, informou que uma pesquisa com radar de penetração no solo havia revelado a existência de uma "pirâmide enterrada" completa em uma área do local que não havia sido escavada anteriormente, juntamente com "várias anomalias subterrâneas" que se acredita serem monólitos. Um plano de escavação de cinco anos para saber mais sobre essas estruturas misteriosas já foi lançado.[23]

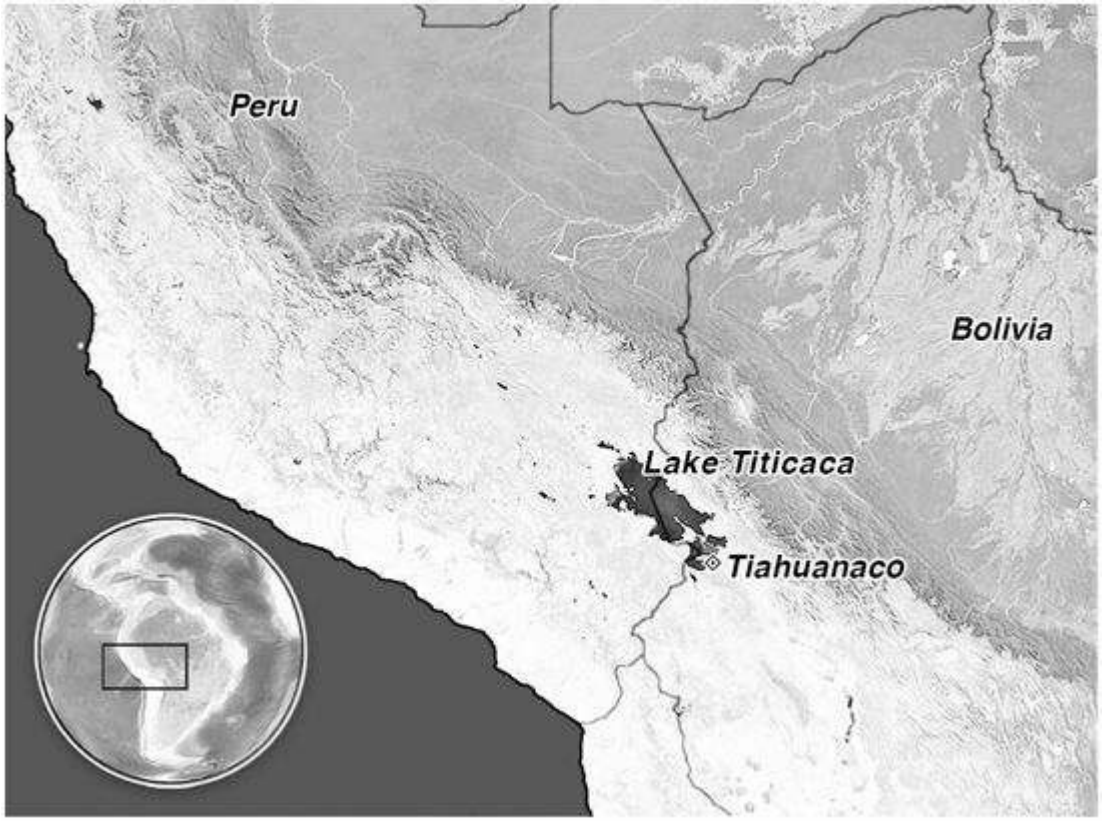


Figura 64

Como já descrevi Tiahuanaco detalhadamente em meus livros anteriores, parece supérfluo repetir essas descrições aqui. O que há de novo para mim em minha visita de outubro de 2013 é um olhar muito mais atento à precisão da era das máquinas dos megálitos espalhados pela imensa plataforma do Puma Punku e a maneira realmente intrincada com que grande parte da pedra foi cortada - moldada, acho que Jesus Gamarra diria. Assim como em Coricancha, encontrei vários megálitos que se assemelham a placas de circuito sem seus circuitos. Há outras com entalhes em forma de cruz que parecem fazer parte de alguma engenhoca - como se talvez fossem receber as extremidades de eixos de metal ou peças de conexão que há muito tempo oxidaram ou foram levadas por saqueadores.

Particularmente notável, porque não os vi em todas as visitas anteriores, são algumas fileiras de blocos maciços de andesito idênticos, como se tivessem sido estampados em algum molde, e todos com o formato da letra "H". A comparação com o motivo "H" em Göbekli Tepe, nos cinturões dos piares, por exemplo, é irresistível, mesmo que seja apenas mais uma coincidência (consulte as Placas 75 e 76).

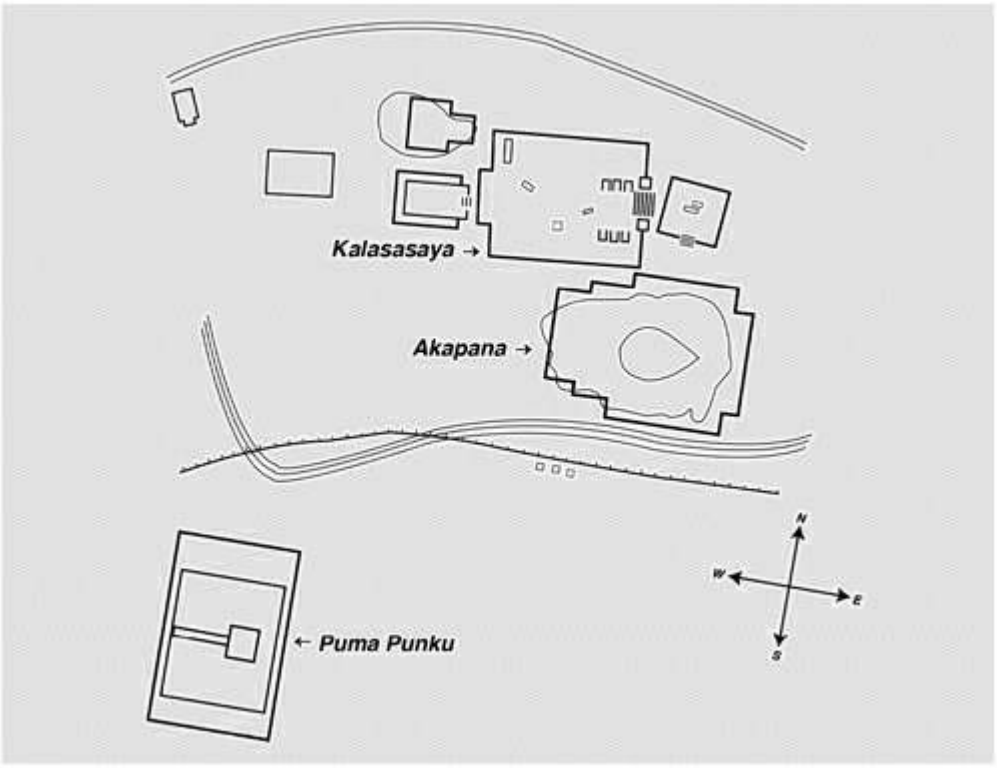


Figura 65: As principais estruturas de Tiahuanaco.

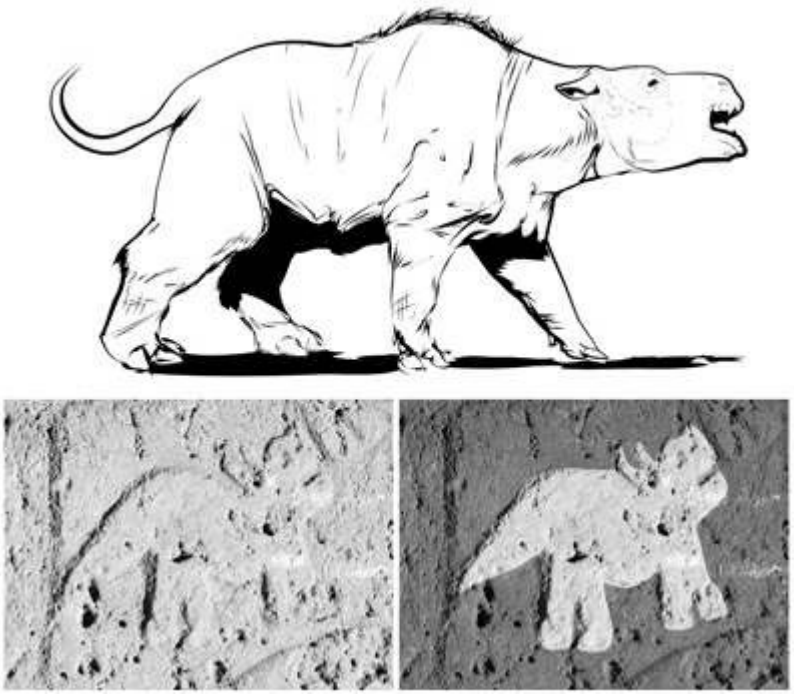


Figura 66: Acima, impressão artística do Toxodon. Abaixo, a imagem no pilar do templo semissubterrâneo de Tiahuanaco (à esquerda, fotografia; à direita, destaque).

Há também a estátua pi lar no templo semissubterrâneo de Tiahuanaco. Assim como o Totem Pole de Göbekli Tepe, ela é antropomórfica. Como o Totem de Göbekli Tepe, tem serpentes se contorcendo em sua lateral. Assim como o Totem de Göbekli Tepe, os dedos longos de suas mãos quase se encontram na frente do corpo. No entanto, o rosto é humano, não animal, e tem muita barba. No entanto, a figura de um animal está esculpida na lateral de sua cabeça e esse animal não se assemelha mais a nenhuma espécie conhecida do que o Toxodon (veja a ilustração acima), uma espécie de rinoceronte do Novo Mundo que foi extinto durante os cataclismos no final da Idade do Gelo, há cerca de 12.000 anos. Isso não é pareidolia - a figura está definitivamente lá. Portanto, há apenas uma pergunta - e é difícil de responder: essa é uma representação do Toxodon ou é uma criatura da imaginação do artista?

Segui para o Kalasasaya, o enorme retângulo aberto, delimitado por paredes megalíticas, que parece ter sido a área cerimonial central da antiga Tiahuanaco. No portal monolítico do Sol está esculpida a imagem de outro elefante com presas e tromba, como o elefante esculpido na rocha viva do Templo da Lua perto de Sacsayhuaman. Esse "elefante" de Tiahuanaco foi descartado pelos críticos como sendo apenas as cabeças de dois condores lado a lado, mas, se esse for o caso, a imagem no lado espelhado correspondente do Portal é intrigante (veja a ilustração abaixo), pois mostra definitivamente dois condores lado a lado, mas é diferente do relevo do elefante.

Se ele foi modelado a partir da natureza, não precisa ser *tão* antigo - o *Cuvieronius*, conforme observado anteriormente, sobreviveu na América do Sul até 6.000 anos atrás. Por outro lado, a maioria das espécies de mastodontes relacionadas foi extinta durante o Younger Dryas, entre 12.800 e 11.600 anos atrás.

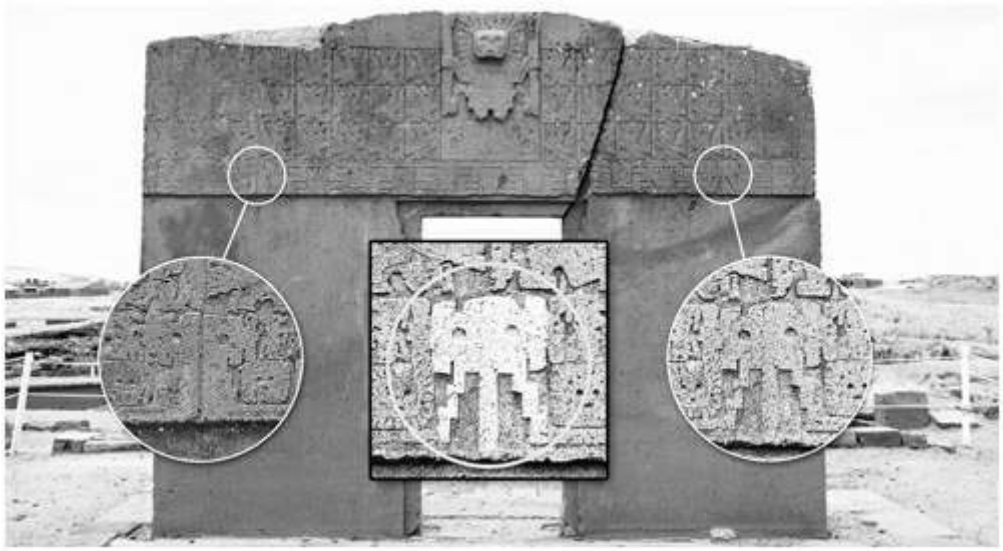


Figura 67: Um elefante no Portal do Sol? Ou apenas dois condores lado a lado?

O Kalaysasaya é um espaço aberto enorme e praticamente vazio. Mas há duas estátuas aqui que quero dar outra olhada: o Monólito de Ponce, nomeado em homenagem a Carlos Ponce Sanginés, o "padrinho" da arqueologia boliviana, e *El Fraile* ("O Frade"), uma versão menor e ligeiramente diferente, feita no mesmo estilo geral.

O que chama a atenção em ambas as figuras são as posições das mãos, com os dedos quase se encontrando na barriga - praticamente idênticas às posições das mãos nos pilares de Göbekli Tepi ou no Totem Pole. Entretanto, as figuras de Tiahuanaco, como os Apkallus da Mesopotâmia, carregam objetos nas mãos - não um cone e um balde, mas, como demonstrou o arqueólogo e etnobotânico Constantino Manuel Torres demonstrou, bandejas de rapé para o consumo de pós alucinógenos de DMT da Amazônia.[24]

É um lembrete, mesmo aqui nos planaltos frios e austeros do Altiplano, de que a Amazônia, com sua vida exuberante e agitada, não está longe. Quando procuramos os vestígios de uma civilização perdida que talvez tenha se estendido por todo o globo, talvez não seja o primeiro lugar em que pensaríamos, mas suas densas selvas escondem muito e as recentes limpezas revelaram os vestígios de cidades antigas, megálitos, gigantescos terraplenagem e solos enriquecidos por algum processo misterioso que os mantém férteis por milhares de anos.[25]

O que também está claro é que um legado de habilidades científicas de alto nível, herdado de *algum lugar*, foi transmitido através de geração após geração de xamãs. A fabricação de uma bebida psicodélica contendo DMT - a Ayahuasca - a partir de duas plantas da selva, sendo que nenhuma delas é um psicodélico oralmente ativo por si só, é uma conquista farmacológica surpreendente quando lembramos que existem 150.000 espécies diferentes de plantas e árvores na Amazônia. Da mesma forma, um veneno para os nervos como o Curare, que tem onze ingredientes diferentes e produz vapores letais durante a preparação, não é algo que possa ser inventado da noite para o dia, mas requer a aplicação de uma ciência minuciosamente elaborada.

Outro ponto de interesse sobre os monólitos de Tiahuanaco é que suas vestimentas, da cintura para baixo, são estampadas na forma de peixes

escamas. Aqui também há um paralelo com os Apkallus - os barbudos, "figuras com garras de peixe" que trouxeram a alta civilização para a Mesopotâmia e cujos mistérios exploramos em capítulos anteriores. Também não é como se as figuras barbadas estivessem ausentes do repertório de Tiahuanaco. Duas sobreviveram, e uma delas no pi lar do templo semissubterrâneo foi identificada desde tempos imemoriais com a grande divindade civilizadora Kon-Tiki Viracocha, sobre a qual escrevi longamente em meus livros anteriores e que é descrita em vários mitos e tradições como sendo de pele branca e barbada. Garcilaso Inca de La Vega, que viveu durante os últimos anos da conquista e cresceu em Cuzco, escreveu que Viracocha:

> usava uma barba espessa - enquanto os índios têm a barba feita - e seu manto descia até o chão, enquanto o dos incas chegava apenas até os joelhos; é por isso que o povo peruano chamou os espanhóis de "Viracochas" assim que os viu... Os índios não tiveram dificuldade em acreditar que os espanhóis eram todos filhos de Deus...[26]

Em outras palavras, com suas peles e barbas brancas, os espanhóis se encaixavam em uma antiga memória tribal, transmitida de geração em geração, de heróis civilizadores que chegaram aos Andes na pré-história remota e ensinaram aos povos de lá os esquiadores da agricultura, arquitetura e engenharia.

E o que dizer do próprio Kon-Tiki Viracocha? O que aconteceu com ele? Parece
que depois de uma missão civilizatória pelas Américas:

> Suas viagens o levaram a Manta (Equador), de onde atravessou o Oceano Pacífico, caminhando sobre as águas.[27]

Não vou repetir aqui as histórias e tradições de Viracocha que relatei em meus livros anteriores, mas ele é o Osíris e o Quetzalcoatl dos Andes que chega em uma época de escuridão, após um grande dilúvio, trazendo as dádivas da civilização.

É intrigante o fato de que ele deve partir eventualmente, e que deve fazê-lo por meios de alta tecnologia, "caminhando sobre a água" através do Oceano Pacífico.

Vamos segui-lo e ver para onde ele pode ter ido...

Capítulo 18
Oceano

De acordo com as tradições mais antigas da Mesopotâmia, a humanidade foi criada no "umbigo da terra", em *uzu* (carne), *sar* (vínculo), *ki* (lugar, terra). [1]No *Rig Veda*, a escritura mais antiga da Índia, o universo nasceu e se desenvolveu "a partir de um núcleo, um ponto central".[2]Com marcas que Jesus Gamarra indicaria imediatamente como pertencentes aos mais antigos, *Hanan Pacha*, estilo dos Andes, a Shetiyah - Pedra *Fundamental* - do Monte do Templo em Jerusalém, agora a "rocha" do Domo da Rocha (consulte o Capítulo Doze), é considerado "o centro da Terra". [3]De fato, essa noção de que existem certos centros primordiais de criação a partir dos quais tudo o mais cresce é um tema global da religião e da mitologia antigas:

> O Santo dos Santos criou o mundo como um embrião. Assim como o embrião cresce a partir do umbigo, Deus começou a criar o mundo pelo umbigo e, a partir daí, ele se espalhou em todas as direções.[4]

No mito grego do Dilúvio universal, enviado por Zeus para punir a humanidade pela maldade, os únicos sobreviventes são Deucalião e Pirra. A Arca deles repousa no Monte Parnaso, bem acima de Delfos, um local considerado em toda a antiguidade clássica como o "umbigo da terra".[5]Assim como Heliópolis, no Egito, possuía o Benben sagrado, uma pedra *de bétilo* fa len do céu (consulte o Capítulo Onze), Delfos também possuía o Benben sagrado.
possuía um *bétilo*, nomeado como seu omphalos, ou "pedra do umbigo". Ele foi especificamente identificado na mitologia grega como a pedra que tinha foi dado como alimento ao monstruoso deus do tempo Cronos - que devorou seus próprios filhos - no lugar do bebê Zeus. Quando Zeus se tornou adulto, ele se vingou de Cronos, "expulsando-o do céu para as profundezas do universo" depois de primeiro - em uma imagem que lembra o fluxo de detritos de um cometa - forçá-lo a vomitar a pedra. [(6)] "Ela aterrissou no centro exato do mundo, no santuário de Delfos."[7]

Vimos no último capítulo que o nome de Cuzco, a cidade megalítica nos Andes peruanos, significa "o umbigo da Terra". A mais de 4.000 quilômetros (2.500 milhas) a sudoeste, do outro lado do Oceano Pacífico, o antigo nome da Ilha de Páscoa, *Te-Pito-O-Te-Henua*, também significa "o umbigo da terra"[8]- que, por sua vez, tem afinidades com o antigo nome de Tiahuanaco, *Taypicala* , "a pedra no umbigo da terra".[9]De fato, na borda da Baía de La Perouse, na Ilha de Páscoa, há uma misteriosa pedra esférica, cuidadosamente trabalhada, chamada Te-Pito-Kura - *a* "pedra do umbigo dourado" - que é considerada o umbigo da própria ilha.[10]

As tradições afirmam que houve uma época em que "grandes mágicos" usavam essa pedra para concentrar seu poder *de mana* - literalmente "feitiçaria" -.
para fazer com que os *moais*, as famosas estátuas megalíticas da ilha, "caminhassem" da pedreira até os locais onde seriam montados. [11]Uma noção quase idêntica é preservada entre os indígenas aimarás da Bolívia, que vivem nas proximidades de Tiahuanaco desde tempos imemoriais. Eles afirmam que a misteriosa cidade, com suas extraordinárias estátuas megalíticas, foi construída por magia em uma única noite e que "as pedras desceram por conta própria, ou ao som de uma trombeta, das pedreiras da montanha e assumiram suas devidas posições".
no local."[12]

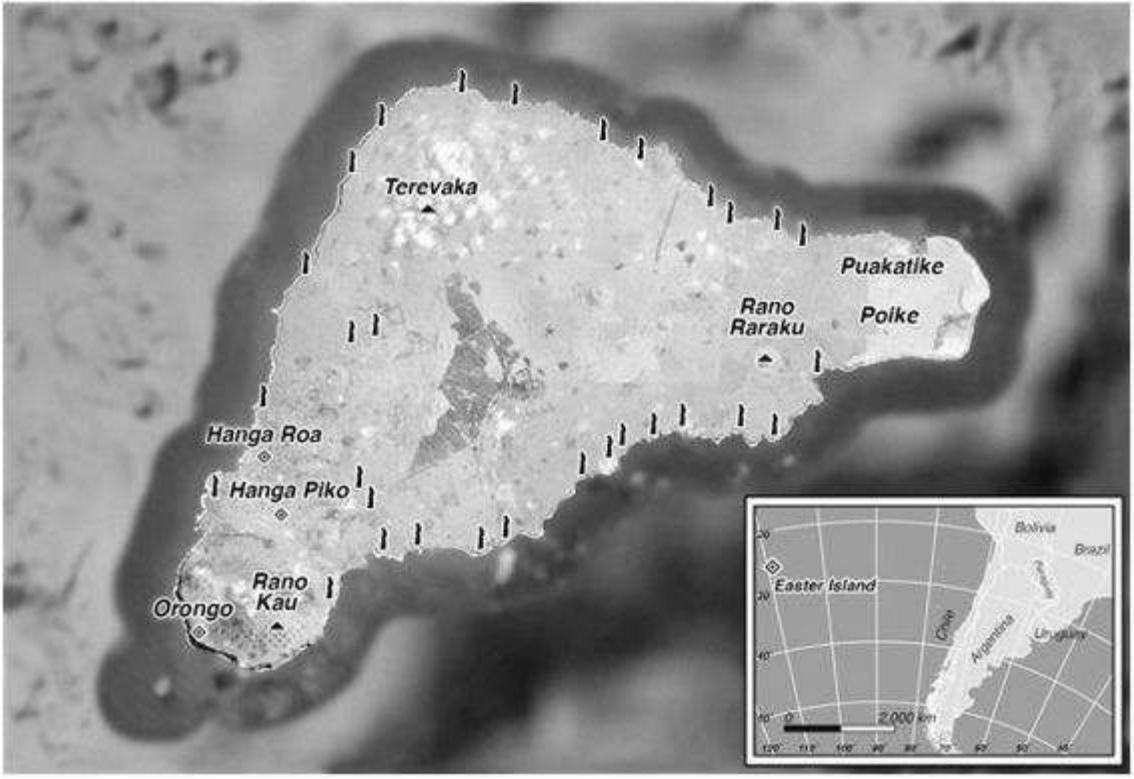


Figura 68: Ilha de Páscoa e sua região. (Depois de Eric Gaba, Wikimedia Commons).

E os paralelos não param por aí. Desde o final da década de 1940, quando Thor Heyerdahl empreendeu sua expedição Kon-Tiki (nomeada em homenagem a Kon-Tiki Viracocha, a divindade civilizadora de Tiahuanaco, que conhecemos no final do último capítulo), notou-se que há semelhanças entre as estátuas de Tiahuanaco e os Moais da Ilha de Páscoa. Por exemplo, como vimos, as figuras de Viracocha em Tiahuanaco exibem barbas proeminentes e pronunciadas (um forte contraste com os habitantes indígenas dos Andes, que não conseguem cultivar barbas fortes) e não há dúvida de que os queixos proeminentes das figuras da Ilha de Páscoa também representam barbas (Placas 78 e 79). Como Heyerdahl comentou:

> As estátuas da Ilha de Páscoa (...) tinham seus queixos esculpidos pontiagudos e salientes, porque os próprios escultores deixavam crescer a barba.[13]

O aventureiro norueguês também ficou impressionado com a maneira como as figuras da Ilha de Páscoa e as figuras de Tiahuanaco têm "suas mãos [14]Ambas também usam cintos largos característicos. "A única decoração das figuras da Ilha de Páscoa", escreveu ele:

> é um cinto que sempre foi esculpido ao redor do estômago da figura. O mesmo cinto simbólico pode ser encontrado em todas as estátuas das antigas ruínas de Kon-Tiki no Lago Titicaca. [15]

Heyerdahl, que tive o privilégio de conhecer e que era um forte defensor da hipótese da civilização perdida, [16]não teve a oportunidade de visitar Göbekli Tepe antes de falecer em 2002. No entanto, se ele tivesse feito isso, acho que teria ficado impressionado com a semelhança entre as posições das mãos retratadas na figura do "Totem Pole" de Göbekli Tepe e as posições das mãos na estátua do pilar Viracocha e nos monólitos Ponce e *El Fraile* em Tiahuanaco. Apontei essas semelhanças no último capítulo, mas há mais.

Por exemplo, os pilares antropomórficos maiores de Göbekli Tepe apresentam cinturões grossos esculpidos muito semelhantes aos vistos nas figuras de Tiahuanaco e da Ilha de Páscoa. Também dignas de nota são as posições das mãos vistas nos pilares maiores de Göbekli Tepe, com dedos longos colocados para frente e quase se encontrando na barriga. Posições idênticas das mãos são vistas nos Moais da Ilha de Páscoa. Por último, mas não menos importante, assim como a Ilha de Páscoa, Tiahuanaco e Cuzco compartilham o estranho conceito de serem "umbigos da terra", o mesmo acontece com Göbekli Tepe.

expresso em turco ou no idioma armênio como *Portasar*, seu próprio nome significa "a colina do umbigo".[17]

Se tudo isso for coincidência, então sua profusão é extraordinária - a menos, é claro, que os mesmos Magos dos Deuses que criaram e depois enterraram a cápsula do tempo de Göbekli Tepe no final do Younger Dryas, há cerca de 11.600 anos, também estivessem trabalhando na Ilha de Páscoa.

A menos que, em outras palavras, os Moais da Ilha de Páscoa sejam mais antigos - muito mais antigos - do que os arqueólogos pensam que são...

Um resquício de terras antediluvianas?

Os arqueólogos acreditam que o Moai mais antigo da Ilha de Páscoa foi feito por volta de 690 d.C. e o mais novo cerca de mil anos depois, em 1650 d.C. Essa cronologia é baseada na datação por radiocarbono, que também coloca o primeiro assentamento humano na ilha em 318 D.C.

318 d.C.[18]Entretanto, como vimos, o radiocarbono não pode datar monumentos de pedra diretamente. É preciso fazer inferências sobre a relação entre os materiais orgânicos que foram datados e a pedra e, às vezes, essas inferências podem ser extremamente enganosas.

Por exemplo, seria um erro concluir que o Ahu (plataforma) em Ahu Nau Nau, na Baía de Anakena, tem a mesma idade dos sete Moai montados nele. A plataforma é obviamente o trabalho de uma cultura posterior que deve ter reerguido as estátuas porque, incorporada à alvenaria da própria plataforma, uma cabeça de Moai antiga e muito desgastada foi reutilizada como bloco de construção.

Da mesma forma, se, por exemplo, os seres humanos tivessem se estabelecido aqui durante o Younger Dryas, quando o nível do mar era muito mais baixo do que é hoje, e a Ilha de Páscoa fizesse parte de uma cadeia de ilhas antediluvianas íngremes e estreitas, tão longas quanto a cordilheira dos Andes, então quanto em termos de materiais orgânicos eles teriam deixado para os arqueólogos fazerem a datação por carbono? Talvez o pico da elevação do Pacífico Leste que hoje conhecemos como Ilha de Páscoa não tenha sido usado para fins residenciais, mas mantido exclusivamente para cerimônias religiosas nas quais as grandes estátuas monolíticas desempenhavam um papel? Talvez as pessoas viessem de outras partes do arquipélago para participar dessas cerimônias e depois voltassem para suas ilhas de origem - ilhas que agora estão todas submersas?

Essa é uma conjectura, é claro, pura especulação, mas é tentadoramente sugerida por uma lenda dos próprios habitantes da Ilha de Páscoa a respeito de um ser sobrenatural chamado Uoke que, em tempos remotos, era o responsável por essa lenda:

> viajou pelo Pacífico com uma alavanca gigantesca com a qual arrancava ilhas inteiras e as jogava no mar, onde elas desapareciam para sempre sob as ondas. Depois de destruir muitas ilhas, ele finalmente chegou à costa de *Te-Pito-O-Te-Henua*, na época uma terra muito maior do que a atual. Ele começou a levantar partes da ilha e lançá-las ao mar. Eventualmente, chegou a um lugar chamado Puko Pihipuhi... nas proximidades de Hanga Hoonu [Baía de La Perouse, local da "pedra do umbigo de ouro"]. Nesse local, as rochas da ilha eram muito resistentes para a alavanca de Uoke, e ela se quebrou contra elas. Ele não conseguiu se livrar do último fragmento, e a ilha permaneceu como a que conhecemos hoje. Assim, *Te-Pito-O-Te-Henua* continua a existir apenas por causa do acidente da alavanca quebrada de Uoke
> alavanca.[19]

As lendas também falam de uma terra natal primitiva do Pacífico chamada "Hiva", de onde vieram os primeiros habitantes da Ilha de Páscoa - uma terra natal que também foi vítima da "maldade da alavanca de Uoke" e foi "submersa no mar". O que é particularmente intrigante em tudo isso, por causa de sua ressonância com os Sete Sábios - os Apka lu - mencionados nas tradições antediluvianas da Mesopotâmia e com os Sete Sábios dos Textos de Construção de Edfu, que buscavam novas terras para recriar o mundo afogado e devastado dos deuses, é que

Também se diz que sete sábios - "filhos de reis, todos homens iniciados" - foram fundamentais para o assentamento original da Ilha de Páscoa.[20] Exatamente como aconteceu com os Apka lu, que lançaram os alicerces de todos os futuros templos da Mesopotâmia, e com os Sábios de Edfu, que viajaram por todo o Egito estabelecendo os montes sagrados sobre os quais todas as pirâmides e templos futuros seriam construídos, a primeira tarefa dos Sete Sábios de Hiva após sua chegada à Ilha de Páscoa foi "a construção de montes de pedra".

Será que isso tem alguma razão de ser? É possível que as estátuas Moai da Ilha de Páscoa sejam obra dos sobreviventes de uma civilização perdida que remonta à Idade do Gelo, há 12.000 anos ou mais?

Uma possível dica vem de uma descoberta feita pelo Dr. Robert J. Menzies, Diretor de Pesquisa Oceânica do Laboratório Marinho da Duke University, em Beaufort, Carolina do Norte. Em 1966, Menzies liderou uma investigação oceanográfica de seis semanas no Pacífico, ao largo da costa do Peru e do Equador, nas águas do Milne-Edwards Deep, uma trincheira que desce, em alguns lugares, a quase 5.791 metros (19.000 pés). O navio de pesquisa do Dr. Menzies, o *Anton Bruun*, instalou câmeras subaquáticas de última geração na época e a cerca de 55 milhas a oeste de Ca lao (o porto de Lima, capital do Peru), a uma profundidade de 6.000 pés em uma área propensa à subsidência marinha, "estranhas rochas esculpidas colunas" foram fotografadas no fundo do mar:[22]

> Duas colunas verticais, com cerca de dois pés ou mais de diâmetro, foram vistas se estendendo por cinco pés para fora da lama. Outras duas haviam caído e estavam parcialmente enterradas, e outro bloco angular quadrado foi visto.[23]

"Não encontramos estruturas como essas em nenhum outro lugar", comentou o Dr. Menzies em uma entrevista à *Science News*. "[24]O relatório oficial posterior do cruzeiro do navio de pesquisa acrescentou que uma das colunas apresentava marcas que pareciam ser "inscrições".

Até onde pude constatar, a descoberta do Dr. Menzies, que sugere uma base real para a terra submersa de Hiva, nunca foi seguido. Enquanto isso, o que dizer da própria Ilha de Páscoa, onde se diz que os sobreviventes se estabeleceram para reconstituir seu mundo perdido?

A ciência da geologia tem algumas pistas para considerarmos.

O que há embaixo ...

O professor Robert Schoch, da Universidade de Boston, famoso por sua reatualização geológica da Grande Esfinge de Gizé, não atribui com facilidade ou rapidez uma antiguidade maior aos monumentos do que a permitida pela arqueologia convencional. Na maioria das vezes, ele segue a cronologia ortodoxa, mas quando diverge, como aconteceu com a Grande Esfinge e com Gunung Padang, na Indonésia (consulte o Capítulo 2), é apenas porque foi persuadido por fortes evidências geológicas que a arqueologia ignorou.

Esse é o caso de sua análise das estátuas Moai da Ilha de Páscoa. Aqui está sua opinião ponderada após uma visita de pesquisa:

> Fiquei particularmente impressionado com os diferentes graus de intemperismo e erosão observados nos diferentes moais, que podem ser sinais reveladores de grandes discrepâncias em suas idades. Os níveis de sedimentação ao redor de certos moais também me impressionaram. Alguns moais foram enterrados em até seis metros de sedimentos, ou mais, de modo que, embora estejam eretos, apenas o queixo e a cabeça estão acima do nível atual do solo. Níveis tão altos de sedimentação poderiam ocorrer rapidamente, por exemplo, se houvesse deslizamentos de terra catastróficos, fluxos de lama ou, possivelmente, tsunamis que atingissem a ilha, mas não consegui encontrar nenhuma evidência disso (e deslizamentos de terra ou tsunamis tenderiam a deslocar e derrubar as estátuas altas). Em vez disso, a meu ver, a sedimentação em torno de certos moais sugere uma antiguidade muito mais extrema do que a maioria dos arqueólogos e historiadores convencionais acredita ser o caso - ou acreditam ser possível.[26]

Schoch acrescenta que começou a coletar evidências sobre as taxas típicas de intemperismo, erosão e sedimentação na Ilha de Páscoa durante o período moderno, desde que os registros começaram a ser mantidos. "Até o momento, parece que a sedimentação no século passado foi, em geral, relativamente modesta."[27]

Como de costume, Schoch subestima seu caso, que é mais bem ilustrado na cratera Rano Raraku, uma caldeira vulcânica extinta que serviu de base para a construção de uma nova ilha.
principal pedreira de onde foram extraídos os moais da Ilha de Páscoa. As encostas internas da caldeira, que levam a um **pequeno** lago cercado de juncos, estão repletas de cerca de 270 estátuas em vários estágios de acabamento. Algumas estão deitadas de costas ou de lado, muitas estão perfeitamente eretas, outras se projetam em vários ângulos malucos para fora do chão e a impressão geral é a de um extraordinário show surrealista interrompido no meio da preparação e abandonado para sempre pelo artista.

Sobre o que se **tratava**, para que servia ninguém pode dizer honestamente, embora existam muitas teorias. No entanto, o cenário é inconfundivelmente geológico e as estátuas são, em primeiro lugar, artefatos geológicos separados do leito rochoso natural, mas ainda assim suficientemente no lugar para terem permanecido como parte de seu cenário original. A maior parte do que se vê, ao passear entre elas com uma admiração confusa, são seus rostos barbudos serenos e contemplativos, suas cabeças de orelhas compridas, seus ombros e partes da parte superior de seus torsos.

Você poderia ser perdoado se imaginasse que isso é tudo o que há neles - que eles foram colocados a apenas um metro ou mais no solo, o suficiente para ancorá-los e nada mais. Mas Thor Heyerdahl, aquele infatigável aventureiro e explorador, provou que esse não era o caso quando escavou alguns dos Moai de Rano Raraku em 1956 e novamente em 1987, descobrindo que, assim como os icebergs, a maior parte de sua massa está abaixo da superfície. As fotografias dessas escavações mostram estátuas que descem mais de 9 metros (30 pés) abaixo da superfície.
[28]Estudando essas imagens, fica imediatamente evidente que o argumento de Schoch tem mérito e que não há como, em apenas algumas centenas de anos (conforme observado anteriormente, os arqueólogos afirmam que a produção dos moais parou em 1650), uma quantidade tão grande de sedimentação ter se acumulado.

Esse seria o caso mesmo que a Ilha de Páscoa fizesse parte de uma massa de terra grande e contínua, onde houvesse potencial para que o vento e a água transportassem solos de uma área e os depositassem em outra. Mas a Ilha de Páscoa como a conhecemos hoje, embora seja um enigma de proporções gigantescas, é apenas um pequeno ponto no mapa no meio do maior e mais profundo oceano do mundo. Além de estar situada a mais de 2.000 (28) A Ilha de Páscoa fica a apenas 1,5 km da costa da América do Sul, mas também está a mais de 3.000 km do Taiti, o próximo grupo substancial de ilhas. [29]Com uma área total de apenas 163,6 quilômetros quadrados, é ainda mais inconcebível que a própria Ilha de Páscoa tenha contribuído com a carga de sedimentos de 30 pés de profundidade vista ao redor do Moai na cratera Rano Raraku. No entanto, esse volume de sedimentação pode ter sido possível há mais de 12.000 anos, quando o nível do mar era mais baixo e, como vimos, a Ilha de Páscoa fazia parte de um extenso arquipélago.

Aqui também pode estar a resposta para outro mistério identificado por Schoch, que é a existência de um pequeno número de Moais esculpidos em basalto. O problema é que não há depósitos de basalto na própria Ilha de Páscoa. Schoch especula que:

> As "pedreiras de basalto perdidas" podem estar abaixo do nível do mar agora porque são extremamente antigas e, portanto, os moais de basalto esculpidos nelas são extremamente antigos. O nível do mar aumentou drasticamente desde o fim da última Era Glacial, há cerca de dez mil anos ou mais, e se os moais de basalto foram extraídos ao longo da costa da Ilha de Páscoa de áreas que foram inundadas pelo mar, isso poderia

ajuda a datar os moais de basalto e sugere imediatamente que eles são milhares de anos mais antigos do que se acredita convencionalmente.[30]

A mesma solução - de que a Ilha de Páscoa já foi parte de uma massa de terra muito maior - também explicaria outro quebra-cabeça muito diferente, ou seja, a escrita Rongo Rongo, tão conhecida. [31]É inédito na história da humanidade que um sistema de escrita sofisticado e totalmente desenvolvido tenha sido inventado e colocado em uso por uma comunidade insular pequena e isolada. No entanto, a Ilha de Páscoa tem sua própria escrita, da qual temos exemplos,
A maioria das obras de arte, incisas em tábuas de madeira, cópias de cópias de cópias de originais perdidos muito mais antigos, foram coletadas no século XIX e
e foram parar em vários museus ao redor do mundo. Nenhum deles permanece na própria Ilha de Páscoa e, mesmo no período em que foram coletados, nenhum nativo da Ilha de Páscoa era capaz de lê-los. Até hoje, a escrita permanece indecifrada - mais um dos muitos enigmas dessa ilha misteriosa.

O Sábio do Vale de Bada

É 28 de maio de 2014 e estou a milhares de quilômetros da Ilha de Páscoa, no meio do Vale de Bada, na região central de Sulawesi, na Indonésia, em frente a uma enorme figura semelhante a um Moai, esculpida em basalto sólido e profundamente embutida em um campo gramado. O que chama a atenção na estátua, além de seu tamanho - a parte visível, que se inclina abruptamente para a esquerda, se estende por mais de quatro metros (13 pés) do chão - é a postura de seus braços e mãos. Eles estão dispostos exatamente da mesma forma que os Moais da Ilha de Páscoa e também das figuras de Göbekli Tepe, com os braços tortos nas laterais e as mãos unidas na frente da barriga com os dedos
quase se encontram. A grande diferença é que essa figura, conhecida localmente como *Watu Palindo* , "O Homem Sábio",[32]exibe um pênis ereto e um par de testículos entre os dedos estendidos.

Qual é a idade do "Homem Sábio"?

"Ninguém sabe", admite Iksam Kailey, curador do Museu da Província de Sulawesi Central, que gentilmente me acompanhou nesse setor de uma longa jornada de pesquisa pela Indonésia, "a arqueologia está em sua infância em nossa ilha". O próprio Kailey acredita que a estátua e uma dúzia de outras semelhantes aqui no Vale Bada têm pelo menos 4.000 anos de idade. [33]Outras estimativas variam entre 5.000 anos
e menos de 1.000 anos [34], mas nenhum deles tem o menor valor, já que nenhuma datação arqueológica definitiva foi feita ou pode ser feita; a intrusão de materiais orgânicos de diferentes culturas que viveram e cultivaram esse va ley por milênios, várias das quais, em diferentes períodos, escavaram *Watu Palindo* em busca de tesouros, significa que nunca chegaremos à verdade. Artefatos de um passado não muito distante
O fato de que o Vale de Besoa distante foi datado com carbono de 2.890 anos atrás [35], mas e daí? Isso não nos diz absolutamente nada sobre a idade do Homem Sábio.

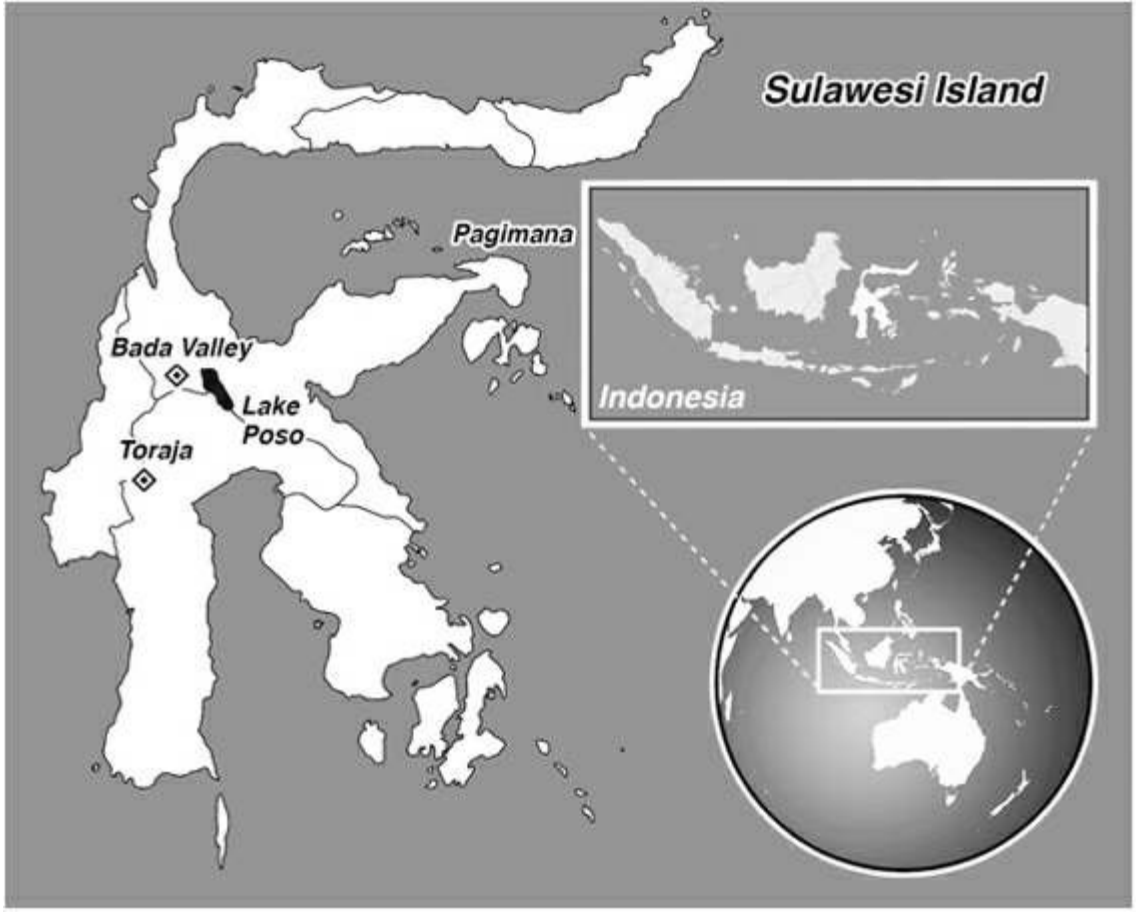


Figura 69: A ilha de Sulawesi em seu contexto regional.

Chegar a Bada Va ley é uma caminhada e tanto. Santha e eu estamos viajando com Danny Hilman Natawidjaja, o geólogo que chamou a atenção do mundo para a misteriosa pirâmide de Gunung Padang, em Java Ocidental (consulte o Capítulo Dois). Também nos acompanha o amigo e colega de Danny, Wisnu Ariastika, que gentilmente cuidou da logística de nossa viagem. Começamos em Jacarta em 26 de maio e voamos para Palu, a capital da província de Sulawesi Central, onde Iksam Kailey se junta a nós na manhã de 27 de maio. Em seguida, dirigimos o dia todo em uma estrada incrivelmente ruim por uma região montanhosa espetacular, chegando à cidade de Tentana, no gigantesco Lago Poso, na mesma noite. No dia seguinte, 28 de maio, dirigimos mais cinquenta quilômetros até o vilarejo de Bomba, no coração do Bada Valley, que, como grande parte da Indonésia, é incrivelmente belo, um amplo platô plano, cercado por montanhas verdes com nuvens prateadas que refletem o brilho mágico dos campos de arroz. Ao chegarmos a Bomba no meio da manhã, nos hospedamos em uma casa de hóspedes básica, mas confortável, e partimos imediatamente para a caça aos megálitos.

Há, essencialmente, dois tipos de megálitos no vale, um deles são cisternas de pedra muito grandes chamadas *Kalamba*, cortadas e escavadas com precisão em seu interior e, em alguns casos, pesando mais de uma tonelada, e o outro são figuras como *Watu Palindo*, que pesam até vinte toneladas. Durante dois dias, caminhamos ao longo das bordas dos campos de arroz alagados e em trilhas irregulares pelas florestas. Em um determinado momento, encontramos uma estátua deitada de costas no meio de uma clareira, olhando para o céu; um pouco depois, encontramos outra, também de costas, deitada no meio de um rio. Ambas mostram as mesmas posições de mãos e braços que *Watu Palindo* , o Sábio. Uma terceira figura com características estranhas, semelhantes a peixes, está enterrada até o pescoço em arroz de águas profundas. Uma quarta figura está solitária em um cume, olhando para uma cadeia de montanhas distante.

O mais frustrante é que não se sabe nada - literalmente nada - sobre esses megálitos. Quem os criou? Quando? Por quê? Tudo é mistério.

Hobbits, dragões e o Dilúvio

Do Bada Valley, fazemos uma longa viagem por estrada até Toraja, no sul de Sulawesi - todas as viagens são longas aqui; Sulawesi é a décima primeira maior ilha do mundo. Passamos alguns dias na região. Há um culto sinistro aos mortos, que envolve desenterrar os corpos dos falecidos uma vez por ano, vesti-los com roupas novas, pentear seus cabelos em decomposição, arrumar seus caixões e enterrá-los novamente. Efígies realistas dos mortos também são colocadas em santuários escavados na rocha no alto de penhascos e há cavernas cheias de ossos.

O que viemos ver aqui não são os mortos, mas os megálitos. No entanto, sendo Toraja, os **megálitos** são sobre os mortos e, diferentemente de outras partes do mundo - e, de fato, de outras partes da Indonésia -, eles não são relíquias de um passado remoto e esquecido, mas parte de um culto vivo, ativo e totalmente funcional. Visitamos Bori Parinding, um local dominado por um conjunto de ta **l** menires semelhantes a agulhas que poderiam ser transplantados sem dificuldade para qualquer um de uma dúzia de locais na Europa e datados com segurança de 5.000 anos ou mais. No entanto, Bori

Parinding tem apenas duzentos anos de idade.

O megálito mais antigo aqui foi erguido em 1817. Cada um deles é um monumento a um falecido Torajan notável e novos menires ainda são extraídos e colocados no lugar todos os anos. Os que são cortados de andesito são extraídos de um depósito próximo e moldados com martelos e cinzéis de metal - um ancião local me mostra como isso é feito. Os cortados de calcário, que pesam, em alguns casos, cerca de 15 toneladas, são trazidos de uma pedreira a cinco quilômetros de distância por equipes de centenas de homens que trabalham em turnos por mais de uma semana e transportam os menires até o local em rolos de madeira.

Estou começando a perceber que a Indonésia é uma terra onde as tradições antigas vivem de forma fascinante e a conexão com o passado remoto está sempre presente.

Essa é uma constatação que me foi trazida ainda mais fortemente em nossa próxima parada, a ilha de Flores. Chegamos a ela dirigindo o dia todo de Toraja a Makassar, onde pegamos um voo para Bali e, em seguida, via Komodo, famosa por seus grandes lagartos predadores conhecidos como "Dragões de Komodo", para Ende, a principal "cidade" de Flores - uma cidade com uma população de apenas 60.000 habitantes. Recentemente, Flores ganhou fama pela descoberta na ilha dos restos mortais do *Homo floresiensis*, uma espécie extinta de ser humano que, na idade adulta, tinha apenas 1,1 metro (3,5 pés) e, por isso, foi apelidado de "o Hobbit". Terei mais a dizer sobre essas criaturas mais tarde, mas, ao aterrissar em Ende depois da escala em Komodo, não posso deixar de refletir que a Indonésia é realmente um lugar mítico - o único país no mundo atual em que dragões e hobbits não são matéria de fantasia, mas de ciência.

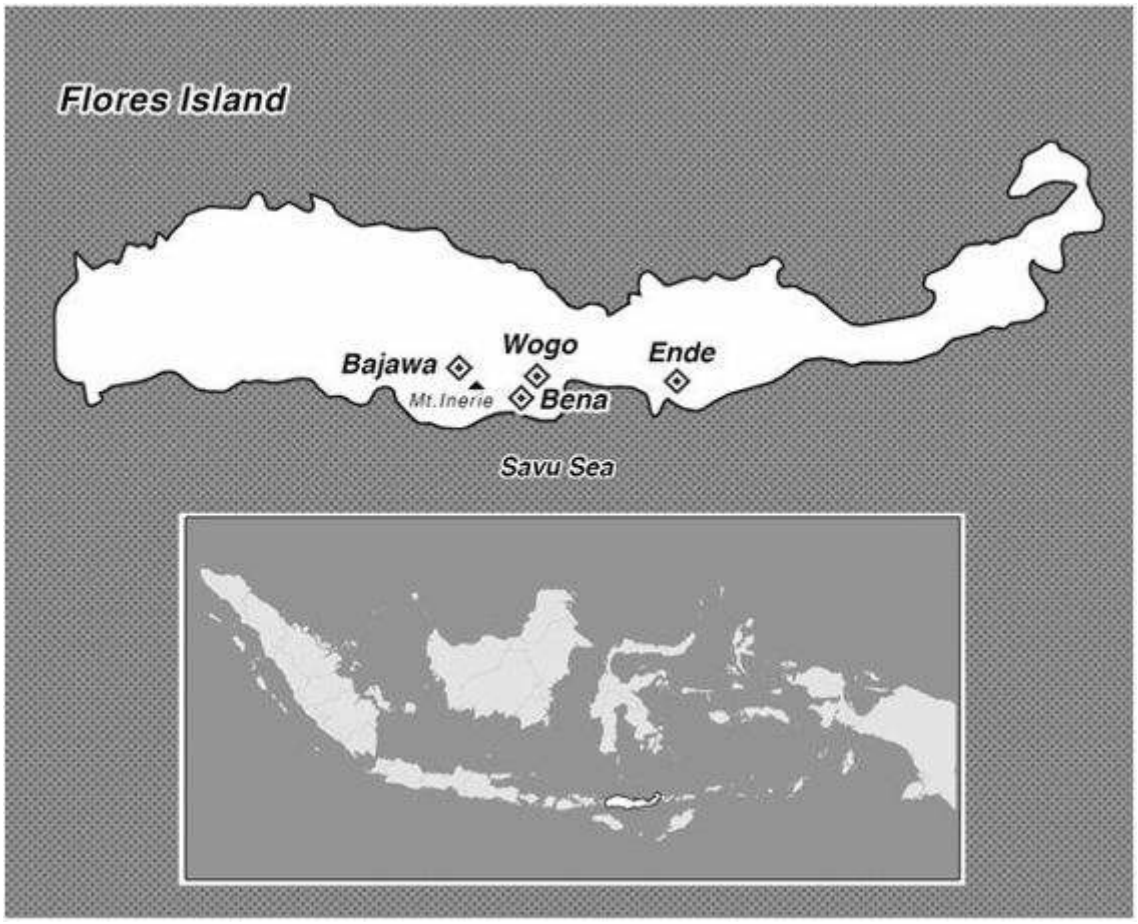


Figura 70: A ilha de Flores em seu contexto regional.

Flores é encantadora, bem no limite do mundo, simples, sem muitas conveniências modernas, mas com um espírito doce e gentil. Ficamos na cidade de Bajawa e, nos dois dias que passamos aqui, visitamos vários vilarejos onde as casas arrumadas de bambu e palha são construídas sobre e ao redor de extensos monumentos megalíticos.

Na aldeia de Bena, a cerca de 16 quilômetros de Bajawa, com vislumbres distantes do Mar de Savu e do Monte Inerie, Joseph, um venerável ancião de 88 anos, nos mostrou os arredores. A aldeia tem duas fileiras paralelas de casas com telhados altos de palha, de seção transversal triangular, que são características da região. As casas são separadas por um longo e amplo espaço público repleto de uma incrível variedade de menires e dólmens que, assim como os menires de Toraja, não pareceriam deslocados se tivessem sido escavados de estratos neolíticos na Europa. Joseph nos conta que os dólmens não são túmulos (como geralmente acontece na Europa), mas altares usados por membros de cada um dos diferentes clãs residentes na **aldeia**. De tempos em tempos, sacrifícios de búfalos são realizados nos altares em homenagem aos notáveis falecidos, e os megálitos têm a função de ajudar na comunicação com os falecidos e de conectar os reinos sobrenatural e terreno.

Essas ideias não combinam muito bem com o cristianismo, que também faz parte da vida cotidiana aqui; de fato, na extremidade da vila há um santuário para a Virgem Maria. Joseph nos conta que dólmens e menires ainda eram erguidos quando ele era jovem, mas que isso não é mais feito e a tradição está morrendo. No entanto, quando lhe pergunto sobre as origens do culto megalítico, ele me conta uma história extraordinária.

"Nossos ancestrais", diz ele, "chegaram aqui em um navio há cerca de 12.000 anos, durante uma grande inundação". De fato, parece que toda a vila foi construída em comemoração a esse navio, que não era movido por velas, mas por um "motor". Joseph me mostra uma câmara megalítica, mais ou menos no meio da vila, que simboliza o local onde ficava a "casa de máquinas" do navio original. Pergunto a ele de onde vêm todos os megálitos e ele me diz que foram trazidos de 20 quilômetros de distância, nas encostas do Monte Inerie, e colocados em posição por "poderes" especiais dos ancestrais. Ele acrescenta que "um acadêmico americano, um certo professor Smith" confirmou a história.

Essa menção ao nome de um pesquisador estrangeiro - cuja identidade e boa-fé não consegui estabelecer posteriormente - levanta a possibilidade incômoda em minha mente de que toda a história pode não ser de origem indígena, mas pode ser uma invenção importada, até mesmo uma fantasia, que Joseph acredita ser verdadeira. Certamente não nos contaram a mesma história em outras aldeias megalíticas de Flores. Em Wogo Baru, por exemplo, os anciãos falaram de um "gigante" chamado Dhake, que era tão grande que, sozinho, carregou os megálitos das encostas do Monte Inerie.

O que todos os relatos parecem ter em comum, no entanto, é um cheiro de maravilha e magia.

Rainha do Oceano Antártico

Saindo de Flores, voamos de Ende via Denpasar, em Bali, para a cidade de Palembang, em Sumatra, e depois fazemos uma viagem rodoviária de dois dias de leste a oeste pelo sul de Sumatra. Novamente, nosso foco são os megálitos, mas a maior parte do que vemos, na forma de grandes figuras humanas e antropomórficas esculpidas, mostra a influência da arte hindu e budista e, portanto, certamente não é pré-histórica. É somente quando chegamos a uma plantação de café nas montanhas perto da cidade de Pagar Alam que encontramos algo realmente interessante - uma série de gigantescas câmaras subterrâneas megalíticas (veja a Placa 81), várias das quais pintadas com desenhos espiralados em cores impressionantes de ocre vermelho e carvão preto, em meio às quais podem ser vistas figuras de animais.

Nenhum trabalho de datação foi feito nelas, mas câmaras semelhantes, como a West Kennet Long Barrow, na Inglaterra, ou a Gavrinis, em Carnac, na Bretanha, têm mais de 5.000 anos, enquanto as cavernas pintadas da França e da Espanha são ainda mais antigas, remontando a 33.000 anos no caso de Chauvet, por exemplo. As pinturas de Sumatra têm muito em comum com as do sul da Europa, sendo profundamente visionárias, com padrões "entópticos" característicos que indicam que os artistas eram xamãs, que haviam experimentado e estavam retratando visões vistas em estados de consciência profundamente alterados, provavelmente induzidos por plantas ou fungos psicodélicos.[36]

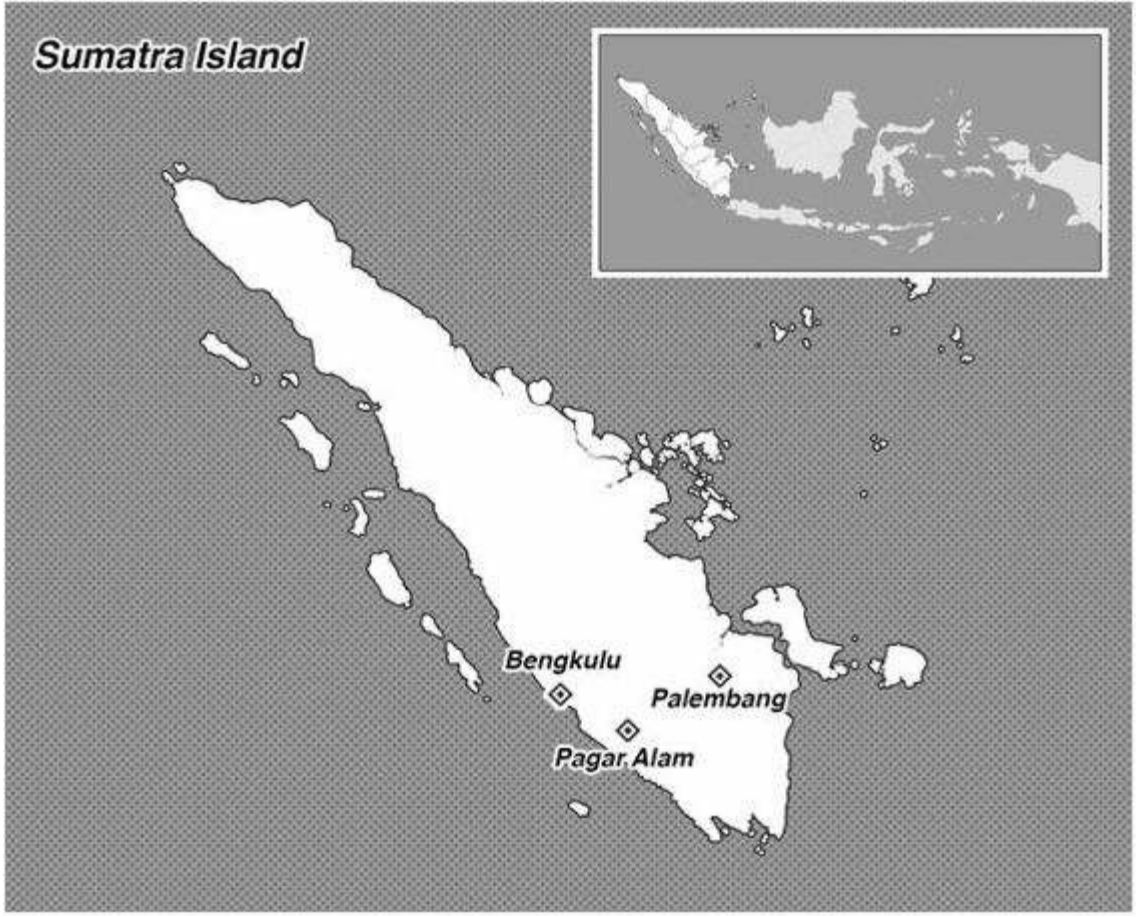


Figura 71: A ilha de Sumatra em seu contexto regional.

Dirigimos até a cidade de Bengkulu e voamos de lá para Jacarta, a enorme e extensa capital da Indonésia, na ilha de Java. Jacarta é como um polvo gigante; uma vez que o enreda nos tentáculos de suas estradas entupidas, é extremamente difícil se libertar. No final da mesma noite, no entanto, finalmente chegamos ao nosso próximo destino, Pelabuhan Ratu, na costa sudoeste de Java, de frente para o Oceano Índico. É apenas uma parada para passar a noite - pela manhã, iremos a outro sítio megalítico no interior -, mas acontece que Pelabuhan Ratu (que significa "Porto da Rainha") é interessante por si só. De fato, o Samudra Beach Hotel, onde estamos hospedados, tem um quarto -Quarto 308 - que ninguém pode reservar porque está permanentemente reservado para a Queen of the Southern Ocean, uma espécie de fada ou deusa do mar, que governa uma cidade submersa e ocasionalmente aparece em terra para interagir com humanos mortais.

Obviamente, estou interessado em cidades submersas, especialmente cidades submersas ao redor das ilhas da Indonésia, que faziam parte de um continente gigante, conhecido pelos geólogos como Sundaland, que estava acima da água e conectado ao restante do Sudeste Asiático até cerca de 11.600 anos atrás. Quando os níveis do mar subiram cataclísmicamente no final do Younger Dryas, essa região perdeu mais terras habitáveis, incluindo uma área de

(36) Embora seja perto da meia-noite, insisto em visitar o quarto 308, que é totalmente decorado e mobiliado como um boudoir real, com pinturas imaginativas de Njai Lara Kidul. [37]Embora já seja perto da meia-noite, insisto em visitar o quarto 308, que é totalmente decorado e mobiliado como um boudoir real, com pinturas imaginativas de Njai Lara Kidul, a rainha do Oceano Antártico.

É uma história romântica e, quem sabe, pode ter um fundo de verdade. Certamente, nenhuma tentativa de desvendar as origens misteriosas da civilização humana pode se dar ao luxo de ignorar o rápido afogamento de Sundaland, que era fértil e bem irrigada por quatro grandes sistemas fluviais [38]De fato, é por causa disso, e porque grande parte da inundação ocorreu há cerca de 11.600 anos, exatamente a data que Platão dá para a submersão de Atlântida, que nosso companheiro de viagem, o geólogo Danny Natawidjaja, acredita que a Indonésia *é* a Atlântida[39]e fez grandes esforços para investigar a extraordinária pirâmide megalítica de Gunung Padang.

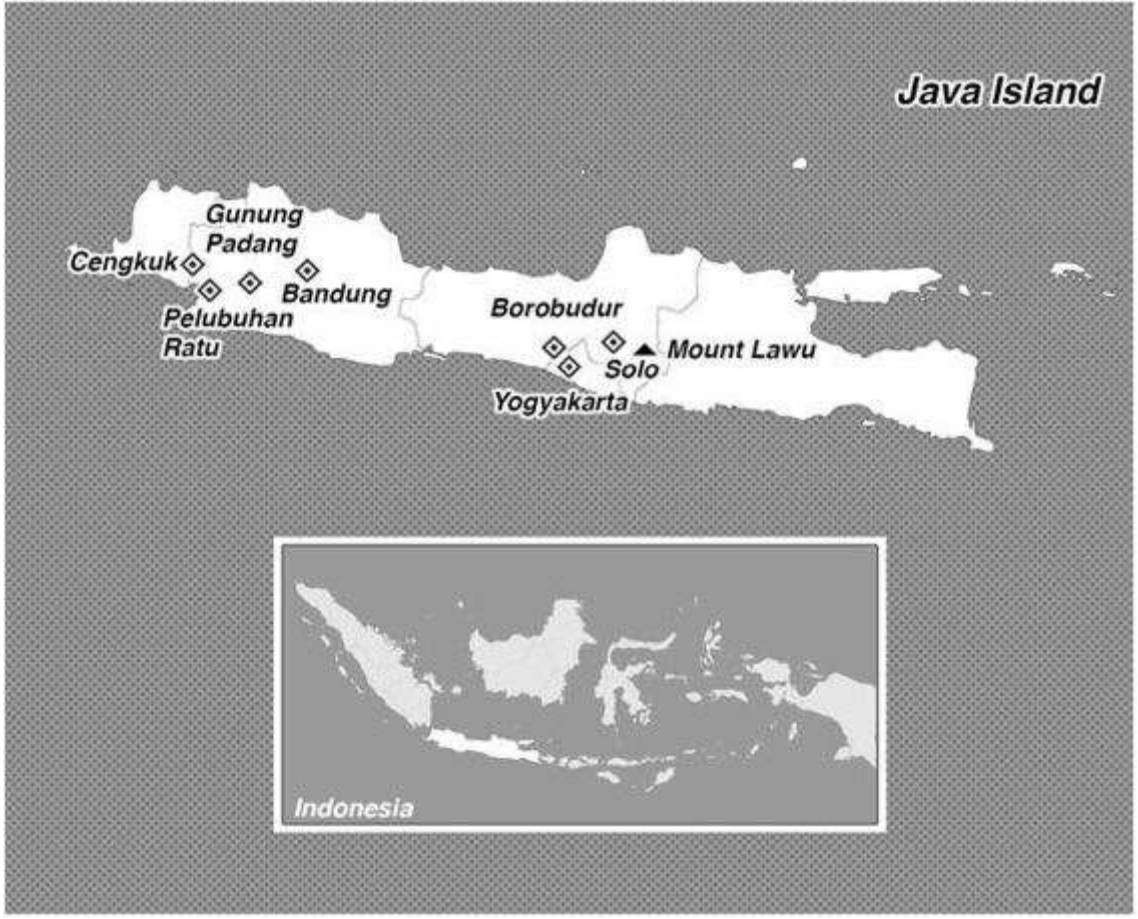


Figura 72: A ilha de Java em seu contexto regional.

Gunung Padang, que visitei pela primeira vez em dezembro de 2013 (descrito no Capítulo Dois), fica 120 quilômetros ao norte de nós, e voltaremos para lá no final desta viagem. Antes disso, porém, há mais um local que queremos ver. Trata-se de Tugu Gede, perto do vilarejo de Cengkuk, 20 quilômetros nas montanhas ao norte de Pelabuhan Ratu.

Partimos pela manhã em outra dessas estradas íngremes e um pouco alarmantes que a Indonésia tem em grande quantidade, mas mais uma vez a viagem vale a pena. Fomos até onde o carro pode nos levar e depois fizemos uma longa caminhada, primeiro por um vilarejo no meio de plantações de banana e depois por uma floresta bastante densa, chegando finalmente a uma clareira mística onde um menir central maciço, com formato nas laterais, chegando a um ponto parecido com um obelisco, se projeta 3 metros para cima da terra. Ele é cercado por um anel de menires menores, alguns caídos, outros ainda de pé, e ao redor há um grande número de outras pedras trabalhadas, muitas com padrões de cúpulas esculpidas nelas, muito semelhantes às cúpulas de Karahan Tepe, na Turquia.

Tugu Gede foi objeto de algumas escavações superficiais, mas parece não haver um consenso claro sobre sua antiguidade. Os megálitos em si são aceitos como pré-históricos, com "milhares de anos", embora ninguém pareça saber exatamente quantos milhares, mas também há camadas de ocupação posteriores que produziram cerâmica e artefatos com apenas algumas centenas de anos e, é claro, o local fica próximo a assentamentos humanos (e sofre o impacto deles até hoje). Um dos achados mais anômalos é uma pequena estátua. Sem uma base muito boa, os arqueólogos supõem que ela seja uma representação do deus hindu Shiva, mas ela não se assemelha a nenhuma imagem de Shiva que eu tenha visto e, pelo menos a meu ver, parece muito mais uma figura egípcia antiga trabalhada de forma rudimentar, com suas mãos cruzadas e cocar característico.

A arqueologia convencional não acredita que os antigos egípcios pudessem ter chegado à Indonésia, portanto, essa possibilidade nunca foi considerada. Entretanto, há evidências convincentes de que viagens oceânicas de longa distância foram realizadas a partir do Egito durante a época faraônica - por exemplo, a presença em nove múmias datadas entre 1070 a.C. e 395 d.C. de cocaína e tabaco, ambas plantas nativas americanas que não se pensava estarem presentes no Velho Mundo antes da época de Colombo. [40]

Essas descobertas de S. Balabanova, F. Parsche e W. Pirsig foram contestadas por outros estudiosos, que consideram as viagens marítimas de longa distância do Egito Antigo como impossíveis *a priori*. De acordo com o egiptólogo John Baines, por exemplo: "A ideia de que os egípcios deveriam ter viajado para a América é um absurdo geral... e também não conheço ninguém que dedique tempo à pesquisa nessas áreas, porque elas não são percebidas como áreas que têm qualquer significado real para o assunto". [41]No entanto, a meu ver, esse comentário de Baines é mais indicativo de um problema profundamente arraigado na própria egiptologia e na arqueologia em geral do que de um problema nas descobertas factuais de Balabanova et al. A arqueologia é muito limitada por um quadro de referência rígido do que é possível e do que não é, e tende a ignorar, desviar ou ridicularizar as evidências que **desafiam** esse quadro de referência. Isso é igualmente verdadeiro quando se trata da defesa de um

civilização perdida da Idade do Gelo, que, mais uma vez, é descartada sem qualquer fundamento, a não ser o fato de ser considerada impossível a *priori*.

Enquanto isso, como a validade das descobertas de Balabanova foi posteriormente confirmada, [42]e, portanto, devemos presumir que os Os antigos egípcios de fato fizeram viagens até as Américas, não vejo nenhuma boa razão para ignorar a possibilidade de que eles também tenham feito viagens na outra direção, para o leste, em direção à Indonésia e além. De fato, inscrições hieroglíficas do Egito Antigo - embora mais uma vez contestadas - foram encontradas em um local selvagem perto da cidade de Gosford, ao norte de Sydney, no leste da Austrália. Eu mesmo tive a oportunidade de estudar esses glifos e não concordo com a visão dominante de que eles podem ser facilmente descartados como farsas do século XX. Pelo contrário, uma decifração recente (outubro de 2014) dos glifos feita pelos especialistas em hieróglifos Mohamed Ibrahim e Yousef Abd'el Hakim Awyan concluiu que:

> Os Glifos de Gosford não são apenas legítimos, mas os escribas usaram com precisão vários hieróglifos antigos e variações gramaticais que, **crucialmente**, não foram sequer documentados em textos hieroglíficos egípcios até 2012, refutando imediatamente todas as teorias de "fraude" de longa data. O estilo específico dos hieróglifos usados também fornece um cronograma linguístico que situa a presença egípcia na Austrália há *pelo menos* 2.500 anos, enquanto o texto traduzido é tão detalhado a ponto de identificar os antigos escribas, pelo nome e pelo nome do autor. ocupação.[43]

Não estou afirmando que o caso já está resolvido; os Glifos de Gosford podem ou não ser uma farsa; muito mais trabalho precisa ser feito para resolver a questão. O que quero dizer, no entanto, é que o uso, por parte dos arqueólogos ortodoxos, de suposições *a priori* sobre o que aconteceu no passado como motivo para não realizar investigações abrangentes sobre o que de fato aconteceu no passado é um estudo deficiente. Em minha opinião, portanto, em vez de simplesmente descartar a possibilidade de os antigos egípcios terem chegado não apenas às Américas, mas também à Indonésia e à Austrália, deveríamos nos perguntar por que, e em que período de tempo, eles poderiam ter feito essas viagens. Em particular, eu me pergunto se é possível que a tradição de uma pátria afogada dos deuses em algum lugar no leste, tão fortemente expressa nos Textos da Construção de Edfu, possa estar ligada a esse mistério.

Para ser mais específico, será que a Indonésia, que já fez parte do continente do Sudeste Asiático e foi dividida em mais de 13.000 ilhas devido ao aumento cataclísmico do nível do mar no final da Idade do Gelo - e talvez particularmente Java, com seus 45 vulcões ativos - poderia ter sido associada na mente dos antigos egípcios à "Ilha do Fogo", que R.T. Rundle Clark descreve como "a terra mística de origem além do horizonte"(44)? horizonte?"[44]

A mesma "Ilha do Fogo", como vimos no Capítulo Onze, de onde *Hike*, a essência vital e mágica, foi trazida pela Fênix para Heliópolis, o centro simbólico e o umbigo da Terra?[45]

A Ilha do Fogo com a qual Hórus de Edfu estava diretamente associado [46]e onde Thoth, o Sábio, o Senhor da Sabedoria, "fez santuários para os deuses e deusas?"[47]

A mão morta da arqueologia ortodoxa

A última parte de nossa viagem à Indonésia em 2014 nos leva de volta a Gunung Padang, a misteriosa pirâmide, que por muito tempo se pensou ser um **buraco** natural, que o geólogo Danny Natawidjaja, por meio de esforços determinados, chamou a atenção do mundo. Não vou descrevê-la novamente, pois já a apresentei ao leitor no Capítulo Dois.

Vimos como o sítio megalítico de basalto colunar visível nos terraços mais altos de Gunung Padang é simplesmente o último episódio de sua longa história e como Danny e sua equipe usaram tomografia sísmica, radar de penetração no solo e outras tecnologias de sensoriamento remoto para mostrar que as estruturas feitas pelo homem estão dezenas de metros abaixo da superfície. A perfuração de núcleos nessas estruturas enterradas foi realizada, produzindo materiais orgânicos com procedência impecável que produziram datações de carbono cada vez mais antigas, chegando a mais de 22.000 anos atrás - antes do fim da última Era Glacial, quando se supõe que nossos ancestrais (de acordo com o modelo arqueológico ortodoxo) não passavam de caçadores-coletores primitivos, incapazes de realizar construções em larga escala e feitos de engenharia. Curiosamente, como também relatei no Capítulo 2, o equipamento de sensoriamento remoto sinalizou a presença, nas profundezas da pirâmide, do que parecem ser três câmaras ocultas, de forma tão retilínea que é muito improvável que sejam naturais. A maior delas fica a uma profundidade entre 21,3 e 27,4 metros (70 a 90 pés) e mede aproximadamente 5,5 metros (18 pés) de altura, 13,7 metros (45 pés) de comprimento e 9,1 metros (30 pés) de largura.[48]

Em nossa visita a Gunung Padang, no início de junho de 2014, as escavações ainda estavam sendo interrompidas por objeções de arqueólogos, mas, em agosto, após uma intervenção decisiva do então presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono, Danny e sua equipe finalmente puderam prosseguir por uma primeira temporada curta. Infelizmente, porém, o trabalho foi interrompido logo depois, em outubro de 2014, quando o presidente Yudhoyono concluiu seu segundo mandato e deixou o cargo. Seu sucessor, o presidente Joko Widodo, até agora não demonstrou o mesmo nível de interesse e entusiasmo pelo projeto, talvez por causa das objeções do chefe do Centro Arqueológico de Bandung, Desril Shanti, que lançou um ataque público às escavações de Gunung Padang no final de setembro de 2014, reclamando que elas não

não seguem os métodos padrão normalmente aplicados em projetos arqueológicos. "Ainda não fui ao local", disse ela, "mas posso julgá-lo por fotografias. Um método de escavação arqueológica não deveria ter sido realizado dessa forma." [49]Ela também se opôs ao fato de ter sido alocado financiamento para o trabalho. Na sua opinião, esse financiamento deveria ter sido destinado ao seu próprio departamento.[50]

No início de outubro de 2014, como o leitor deve se lembrar do Capítulo 2, Danny me escreveu com entusiasmo da seguinte forma:

> O progresso da pesquisa tem sido excelente. Nas últimas semanas, escavamos mais três pontos bem no topo do sítio megalítico, o que fornece mais evidências e detalhes sobre as estruturas enterradas. Descobrimos muitos outros artefatos de pedra nas escavações. A existência de uma estrutura semelhante a uma pirâmide sob o sítio megalítico está agora bem clara; mesmo para os não especialistas, não é muito difícil de entender se eles vierem e virem por si mesmos. Encontramos uma espécie de salão aberto enterrado por um solo de cinco a sete metros de espessura, mas ainda não entramos na câmara principal. Agora, estamos perfurando até a suspeita de que a câmara principal seja a mais alta.
> localização da câmara (com base na geofísica do subsolo) no meio do sítio megalítico.[51]

Apenas alguns dias depois que Danny me enviou essa correspondência, a presidência mudou de mãos e a perfuração e as escavações foram interrompidas. No entanto, a primeira temporada, curta e interrompida, produziu resultados importantes. Como Danny confirmou em sua correspondência comigo, até mesmo a camada relativamente jovem que foi tudo o que eles tiveram tempo de escavar - a segunda camada de rocha colunar artificial abaixo do sítio megalítico visível na superfície - produziu uma data de radiocarbono de 5200 a.C. (ou seja, 7.200 anos atrás, quase 3.000 anos mais antiga do que a datação ortodoxa das Pirâmides de Gizé, no Egito) e há indicações firmes do trabalho original de sensoriamento remoto e perfuração de núcleo de uma data muito mais antiga.
camadas abaixo.[52]Em resumo, agora é evidente para **todos** que Gunung Padang é muito mais antigo do que os 3.000 anos em que os arqueólogos insistiram por décadas. Até mesmo os mais hostis entre eles, portanto, começaram a reformular sua avaliação do local e a se referir a ele como "uma gigantesca tumba em terraços, que fazia parte da maior cultura megalítica do arquipélago".

Mantive contato com Danny durante a redação deste livro. Em 14 de janeiro de 2015, ele me enviou um e-mail para dar a decepcionante notícia que o trabalho de campo adicional ainda não havia sido autorizado. "Ainda estamos aguardando que o novo governo tome providências quanto à continuidade da equipe nacional para Gunung Padang", escreveu ele. Ele estava preocupado, acrescentou, com as atividades de construção que haviam sido realizadas em Gunung Padang nesse ínterim "por Obras Públicas, Departamento de Turismo e outros... Elas são conduzidas sem um plano/desenho claro e sem consulta conosco, portanto, estão destruindo o local". Ele permaneceu otimista, no entanto, de que ele e sua equipe seriam autorizados a continuar com suas escavações em breve. Se assim for, disse ele, "até o final de 2015, espero saber mais sobre a segunda camada (a camada de 7.000 anos de idade)".
construções de um ano atrás) e começar a entender sobre a terceira camada (pré-10.000 anos atrás)."[54]

Em 10 de março de 2015, tive notícias de Danny novamente. Infelizmente, ele só pôde informar que não houve nenhum progresso desde sua mensagem de 14 de janeiro:

> O novo Ministério da Cultura ainda não ativou a equipe nacional. Ainda estamos aguardando e esperando que o novo Ministério tenha uma boa atitude em relação à pesquisa de Gunung Padang.[55]

O tempo dirá, mas os auspícios não parecem bons e, quando *Magicians of the Gods* vai para o prelo, temo que a mão morta da arqueologia ortodoxa possa ter prevalecido mais uma vez, no que quase parece ser uma estratégia deliberada para nos impedir de aprender a verdade sobre nosso passado. Abaixo das camadas datadas de aproximadamente 7.000 e 10.000 anos atrás estão os estratos ainda mais antigos de construções feitas pelo homem em Gunung Padang. Esses estratos, ainda não escavados, ainda inexplorados, identificados apenas por equipamentos de perfuração e sensoriamento remoto, remontam a antes do episódio cataclísmico do Younger Dryas (12.800 anos atrás a 11.600 anos atrás) e profundamente na última Era Glacial, quando a civilização perdida ainda prosperava - a civilização perdida que conhecemos apenas por meio de mitos e tradições e pelas obras de seus sobreviventes, que buscavam recriar "o antigo mundo dos deuses".

A Indonésia deve estar entre as candidatas mais plausíveis em qualquer lugar do planeta para ser o coração onde essa civilização poderia ter evoluído e amadurecido. Em reconhecimento a esse fato, vários pesquisadores sérios, incluindo Danny Natawidjaja e o Prof.
Arysio Santos, apresentaram evidências de que Platão foi mal interpretado quanto à localização da Atlântida no Oceano Atlântico. [56]Segundo eles, **todas** as pistas realmente apontam para o leste e colocam a civilização perdida entre os oceanos Índico e Pacífico, ou seja, no local exato que já foi ocupado pelo continente inundado da Idade do Gelo, Sundaland, do qual as ilhas indonésias são o remanescente. A arqueologia convencional continua se opondo fortemente à noção de *qualquer* civilização perdida, seja qual for o nome, independentemente de sua localização no oeste ou no leste. Em minha opinião, no entanto, já existe suficiente "alta estranheza" antiga na Indonésia para levantar pontos de interrogação sobre esse tipo de pensamento. Alguns exemplos:

- Já mencionei *o Homo floresiensis* , o "Hobbit", muito possivelmente uma espécie humana completamente diferente da nossa [57]
  que sobreviveu por dezenas de milhares de anos depois que nossos outros primos evolucionários, os neandertais e os denisovanos

desaparecido da Terra. É intrigante o fato de que a data de extinção do *Homo floresiensis* parece ter sido por volta de 12.000 anos atrás [58]- exatamente na janela apocalíptica do Younger Dryas.

• Em sua edição de 8 de outubro de 2014, a prestigiada revista acadêmica *Nature* relatou, em um tom de espanto, que elaborou, Pinturas rupestres sofisticadas foram encontradas na ilha indonésia de Sulawesi com uma idade mínima de 39.900 anos, o que torna essa arte tão antiga ou mais antiga do que qualquer coisa comparável já encontrada na Europa - anteriormente considerada o lar exclusivo desse comportamento simbólico avançado e primitivo. [59]

• E foi novamente *a Nature*, em sua edição de 12 de fevereiro de 2015, que relatou a descoberta de gravuras geométricas em Java "geralmente interpretado como indicativo de cognição e comportamento modernos", mas datado de meio milhão de anos atrás, o que é 300.000 anos mais antigo do que a suposta primeira aparição de humanos anatomicamente modernos em nosso planeta.[60]

Se evidências como essa, que reescrevem a história humana, permaneceram sem serem descobertas na Indonésia até recentemente, quanto mais ainda está para ser encontrado e por que a próxima virada de pá dos arqueólogos não revelaria uma civilização até então não reconhecida? Considerando a grande perda de terreno sofrida em toda essa região como resultado de mais de 100 metros de elevação do nível do mar no final da Era Glacial, tudo é possível. É por isso que Gunung Padang é tão importante. E o mais importante de tudo, talvez, seja aquela enorme câmara identificada pelo radar de penetração no solo e outras tecnologias de sensoriamento remoto que se encontra nas profundezas da pirâmide, entre 70 e 90 pés abaixo de seu ápice.

Será o Hall of Records da civilização perdida? Mais uma vez, só o tempo dirá...

Montanhas de fogo e cinzas

Gunung Padang não foi bem o fim de nossa viagem de pesquisa de junho de 2014. Depois de explorar novamente esse local incrível, absorvendo sua atmosfera antiga, suave e um pouco desconcertante e entendendo novamente, ainda mais claramente do que antes, por que ele ainda é conhecido até hoje como a Montanha da Luz pela população local que o ama e reverencia, Santha e eu voltamos para Bandung, a capital regional. De lá, na manhã seguinte, pegamos um trem para a viagem de sete horas até Yogyakarta, em Java Central, onde pretendemos passar alguns dias nos arredores do lendário templo budista de Borobudur.

A viagem de trem é... encantadora, e as vistas intermináveis que ela proporciona dos campos de arroz, das montanhas e das árvores verdes em todos os lugares, repletas de vida, e das pessoas amigáveis e ocupadas, são uma delícia. Já é noite quando chegamos a Yogyakarta, mas na manhã seguinte acordamos às 4h para dirigir até Punthuk Setumbu, uma encosta com vista para o vale onde fica Borobudur. O ar não é frio - nunca faz muito frio aqui - mas é fresco e há uma grande piscina de escuridão abaixo de nós... uma escuridão expectante, porque é lá que fica Borobudur e logo será iluminada pelo sol.

Mas o sol nasce lentamente, com a luz se infiltrando no céu, iluminando gradualmente a encosta da montanha densamente arborizada e o vale abaixo, mostrando-nos as encostas distantes dos imponentes vulcões gêmeos que também têm vista para Borobudur - o Monte Merapi (literalmente "Montanha do Fogo"), que ainda está ativo, e o Monte Merbabu ("Montanha de Cinzas"), que está adormecido. Por volta das 5h da manhã, as árvores densas que cobrem o fundo do vale começam a ficar visíveis, embora envoltas em nuvens baixas, e logo depois um sopro de vento agita a névoa, dando-nos o primeiro vislumbre da forma piramidal maciça e irregular de Borobodur, coroada por uma stupa imponente que parece alcançar os céus, um eixo cósmico perfurando o umbigo da terra para conectar o céu e o submundo. À medida que o sol se eleva, a névoa se agita e se expande, serpenteando e se enrolando entre as árvores, acumulando-se nas partes mais profundas do vale, mas, acima de tudo, Borobodur se destaca claramente, como uma ilha mítica do início dos tempos.

Estamos impacientes para visitá-lo depois desse convite tentador, mas temos outro plano para hoje e dirigimos para o leste de Yogyakarta, indo primeiro para a cidade de Surakata (geralmente chamada pelos moradores de Solo) e depois para o leste, para o Monte Lawu, outro vulcão enorme e adormecido. Parece que toda a ilha de Java está cercada por esses gigantes adormecidos, cujos derramamentos no passado abençoaram a ilha com nutrientes essenciais, tornando seus solos incrivelmente verdejantes, férteis e produtivos.

Subimos as encostas íngremes de Lawu, passando por plantações de chá verdejantes e brilhantes, até que, a uma altitude de 910 metros, com o pico do vulcão ainda se elevando a mais de 2.000 metros acima de nós, chegamos ao pequeno vilarejo onde Danny Natawidjaja recomendou que déssemos uma olhada em Candi Sukuh, um pequeno templo bastante estranho e misterioso. "Parece fora de lugar na Indonésia", ele nos disse. "Parece mais uma pirâmide de degraus maia".

Isso, ao que parece, é absolutamente correto. Sukuh, embora menor, é surpreendentemente semelhante, em sua aparência geral, à pirâmide de degraus de Kukulkan/Quetzalcoatl em Chichen Itza, no Iucatã. Sukuh foi construída no século XV, pouco antes da conversão da Indonésia do hinduísmo e do budismo para o Islã. Entretanto, o motivo pelo qual foi construída ou por que seu estilo é tão distinto e incomum para a Indonésia continua sendo um mistério para os estudiosos. Acredita-se que a pirâmide de Kukulkan, em sua forma atual, embora envolva uma estrutura mais antiga, tenha sido construída entre os séculos IX e XII. Portanto, milhares de quilômetros e centenas de anos separam as duas estruturas e a probabilidade de qualquer influência direta de uma sobre a outra é pequena. Entretanto, à medida que exploro Sukuh - e ela tem um ar místico

realçado por uma névoa de fim de tarde que envolve toda a encosta da montanha, me pergunto se as semelhanças são puro acidente ou se não poderiam ser mais bem explicadas pela influência, em ambas as regiões, da mesma fonte comum remotamente antiga.

O sinal

Certamente essa influência está presente em Borobudur, uma pirâmide-templo que consiste em blocos de andesito vulcânico com 1,6 milhão de metros quadrados, [61]
construído em um período de cinquenta anos, do último quarto do oitavo ao primeiro quarto do nono século [62]Não há nenhuma inscrição de dedicação, na verdade, quase nenhuma inscrição de qualquer tipo. [63]No entanto, este é, sem dúvida, um monumento budista, fato do qual não se pode duvidar, pois seus hectares de relevos primorosamente belos são dedicados, em sua maioria, a histórias da vida de
de Buda. Dentro do pensamento budista, ele deve ser considerado como:

> uma montanha cósmica, uma réplica sagrada do universo projetada para levar o peregrino à realização da plena iluminação, *sambodhi*, pela qual um Bodhisattva se torna um Buda - o objetivo final do budismo ... O devoto segue um caminho até o topo dessa montanha, mantendo seu ombro direito no monumento. Posteriormente, seu caminho o leva ao longo da ... muitas galerias que exibem painéis com cenas em relevo de pedra, cujo caráter budista ficou claro e que foram reconhecidas como representando
> os antigos textos budistas[64].

Ao percorrer o monumento no sentido horário, subindo gradualmente da terra para o céu, você passa por 504 estátuas do Buda em tamanho natural, das quais 432 se encontram nos terraços quadrados com degraus e as 72 restantes nos três terraços circulares no cume que circundam a grande estupa central. Além disso, os cálculos da rota correta do peregrino pelas quatro galerias de baixos-relevos mostraram que a direção do caminho é a mesma:

> O número de vezes que cada galeria deve ser percorrida é determinado pelos baixos-relevos em cada lado da passarela da galeria. Para "ler" a coleção inteira na ordem correta, os fiéis são obrigados a completar um total de dez circuitos ao redor das galerias no sentido horário. Ao fazer isso, cada adorador passa por uma imagem de Buda mais
> 2.160 vezes antes de chegar à entrada da cúpula...[65]

O leitor perceberá imediatamente, como eu percebi quando fiz minhas próprias perambulações por Borobudur, que com esses números voltamos mais uma vez ao código numérico misteriosamente insistente e universal descrito nos capítulos anteriores. Esse código, como vimos, baseia-se no fenômeno difícil de observar da precessão dos equinócios, que se desdobra a uma taxa de um grau a cada 72 anos, que vê o sol equinocial ser abrigado, por sua vez, por cada constelação do zodíaco durante 2.160 anos e que é utilizado para fazer da Grande Pirâmide de Gizé um modelo do nosso planeta em uma escala de 1 para 43.200.

Sua presença também em Baalbek e em Göbekli Tepe, e agora aqui em Borobudur, bem como em mitos e tradições de todo o mundo, só pode ser explicada por uma influência comum remota que se manifesta em **todos** esses lugares e formas - aquela civilização ancestral "quase inacreditável" identificada por Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, que "primeiro ousou entender o mundo como criado
de acordo com o número, o peso e a medida".

Minha intuição, como sugeri em vários pontos ao longo deste livro, é que a civilização perdida procurou enviar um sinal para o futuro -e que a onda portadora desse sinal é o código de precessão.

Dois meios diferentes foram usados para garantir a sobrevivência do sinal ao longo do tempo.

Em primeiro lugar, estava embutido em mitos e lendas e em preceitos matemáticos e arquitetônicos que seriam transmitidos e renovados repetidas vezes pelas diferentes culturas que os recebiam, aumentando assim o sinal e permitindo que ele permanecesse intacto por milhares de anos. Mesmo que aqueles por cujas mãos e mentes o sinal passou não entendessem mais seu significado, o peso da tradição sagrada, envelhecida, garantiria que eles continuassem a transmiti-lo e fariam o máximo para mantê-lo livre de interferências.

Em segundo lugar, o sinal foi conectado a determinados locais megalíticos. Alguns estavam escondidos à vista de todos, como o complexo de Gizé, no qual culturas sucessivas continuaram trabalhando e aperfeiçoando por milhares de anos, de acordo com o cânone "divino". Outros foram enterrados no solo - cápsulas do tempo, como Göbekli Tepe, e talvez como aquela câmara misteriosa nas profundezas de Gunung Padang - e preparados para serem redescobertos no momento certo.

"Haverá memoriais poderosos de suas obras sobre a terra", diz-nos o Sermão Sagrado de Hermes, "deixando um rastro obscuro para trás quando os ciclos forem renovados" [67].

De acordo com G. R. S. Mead, o estudioso pioneiro no campo dos estudos gnósticos e herméticos, essas linhas têm o objetivo de voltar nossa atenção para o passado:

para uma época em que uma raça poderosa, devotada ao crescimento da sabedoria, vivia na Terra e deixou grandes monumentos de sua sabedoria no trabalho de suas mãos, cujos vestígios obscuros podiam ser vistos na "renovação dos tempos"...[68]

Mead encontra nisso um eco da antiga convicção "de que havia períodos alternados de destruição por fogo e água, e de renovação":[69]

No Egito, a crença comum (...) era de que a última destruição havia sido pela água e pelo dilúvio. Antes desse dilúvio (...) havia uma poderosa raça de egípcios, a raça do primeiro Hermes (...) Alguns vestígios tênues das poderosas obras dessa civilização passada, amante da sabedoria, ainda podiam ser vistos (...) (70)

E Mead acrescenta, como poucos estudiosos modernos ousariam:

Eu mesmo estou fortemente inclinado a acreditar nessa tradição e, algumas vezes, especulei sobre a possibilidade de haver enterrados sob uma ou mais pirâmides os restos de alguns edifícios pré-históricos que sobreviveram ao Dilúvio.[71]

Há mais na *Hermética* que aborda esse tema e, muito especificamente, um lembrete dos "Livros de Thoth", de sua criação pelo próprio Thoth-Hermes e de seu propósito:

Pois o que ele sabia, ele gravou em pedra; no entanto, embora tenha gravado em pedra, ele os escondeu principalmente, mantendo um silêncio seguro, embora em discurso, para que cada geração mais jovem do tempo cósmico pudesse procurá-los.[72]

Depositando seus livros, o deus da sabedoria pronunciou as seguintes palavras, admitindo no processo sua própria "perecibilidade" - e assim, talvez, que ele não era um deus, mas um ser humano mortal:

Vós, Livros Sagrados, que fostes escritos por minhas mãos perecíveis, mas que foram ungidos com a droga da imperecibilidade (...) permanecei invisíveis e não descobertos por **todos os** homens que andarem pelas planícies desta terra, até o momento em que o Céu, já velho, gerar organismos dignos de vós (...)(73)

Mead não fornece nenhuma explicação sobre essa estranha palavra "organismos" - às vezes também traduzida como "instrumentos" - mas em sua própria edição do *Hermetica*, Sir Walter Scott o faz. "Depois de longas eras", diz ele, significa que "nascerão homens dignos de ler os livros de Hermes" [74].

Será que esse momento chegou?

Será que, finalmente, somos dignos de ler esses "livros" de sabedoria perdida escondidos antes do Dilúvio?

E, em caso afirmativo, o que eles podem dizer?

Parte VIII

Encerramento

Capítulo 19
A próxima civilização perdida?

Mais de dois mil mitos sobre o dilúvio que chegaram até nós do passado remoto são assustadoramente consistentes em muitos pontos, e em um em particular: o cataclismo não foi um acidente aleatório, segundo nos dizem; nós o provocamos por nosso próprio comportamento.

Nossa arrogância e nossa crueldade uns com os outros, nosso barulho, nossas brigas e a maldade de nosso coração enfureceram os deuses. Deixamos de nutrir o espírito. Deixamos de amar e cuidar da Terra e não mais consideramos o universo com reverência e admiração. Deslumbrados com nosso próprio sucesso, esquecemos como levar nossa prosperidade com moderação.

Assim foi, diz Platão, com os outrora generosos e bons cidadãos da Atlântida, que em tempos passados possuíam "certa grandeza de espírito e tratavam os caprichos da fortuna e uns aos outros com sabedoria e tolerância", mas que se tornaram inchados por um orgulho desmedido de suas próprias realizações e **caíram** no materialismo grosseiro, na ganância e na violência:

> Para os olhos perspicazes, a profundidade de sua degeneração era bastante clara, mas para aqueles cujo julgamento da verdadeira felicidade é defeituoso, eles pareciam estar no auge de sua fama e fortuna, em sua busca por ambição e poder desenfreados.[1]

Se alguma vez foi possível dizer que uma sociedade atende a todos os critérios mitológicos da próxima civilização perdida - uma sociedade que preenche não é óbvio que é a nossa? Nossa poluição e negligência com o majestoso jardim da Terra, nossa violação de seus recursos, nosso abuso dos oceanos e das florestas tropicais, nosso medo, ódio e suspeita uns dos outros multiplicados por uma centena de amargos conflitos regionais e sectários, nosso histórico consistente de não fazer nada enquanto milhões sofrem, nosso racismo ignorante e tacanho, nossas religiões exclusivistas, nosso esquecimento de que **somos** irmãos e irmãs, nosso chauvinismo belicoso, as terríveis crueldades a que nos entregamos em nome da nação, da fé ou da simples ganância, nossa produção e consumo de bens materiais obsessivos, competitivos e movidos pelo ego e a crescente convicção de muitos, alimentada pelos triunfos da ciência materialista, de que a matéria é tudo o que existe - que não existe espírito, que somos apenas acidentes da química e da biologia - **todas** essas coisas e muitas outras, pelo menos em termos mitológicos, não parecem boas para nós.

Enquanto isso, nos tornamos detentores de uma tecnologia tão avançada que parece quase mágica, mesmo quando a usamos constantemente em nosso dia a dia. A ciência da computação, a Internet, a aviação, a televisão, as telecomunicações, a exploração espacial, a engenharia genética, as armas nucleares, a nanotecnologia, a cirurgia de transplante... A lista é interminável, mas pouquíssimos de nós são capazes de entender como funciona mais do que uma pequena fração dela e, à medida que ela se prolifera, o espírito humano se enfraquece e nos envolvemos em "todos os tipos de crimes imprudentes", guerras, roubos e fraudes, e todas as coisas hostis à natureza da alma."[2]

Suponhamos, por um momento, que um cataclismo nos atinja, um cataclismo tão vasto que nossa civilização tecnológica complexa, conectada em rede e altamente especializada entre em colapso - entre em colapso totalmente além de qualquer esperança de redenção. Se tal cenário se desenrolasse, é provável que os mais mansos e marginalizados dos povos que habitam nosso mundo hoje - os caçadores-coletores da selva amazônica e do deserto do Kalahari, por exemplo, que estão acostumados a viver com muito pouco e cujas habilidades de sobrevivência são exemplares - seriam os mais propensos a sobreviver e, portanto, a continuar a história da humanidade em tempos pós-cataclísmicos.

Como seus descendentes se lembrariam de nós daqui a mil ou dez mil anos? Como, por exemplo, algo que consideramos rotineiro, como nossa capacidade de receber notícias da televisão 24 horas por dia, ouvir sons e ver imagens de todas as partes do mundo e até mesmo do espaço sideral, poderia ser lembrado em mitos e tradições? Será que isso não pode ser dito com admiração sobre nós, assim como foi dito sobre "os antepassados" registrados no *Popol Vuh*, o livro sagrado dos antigos maias quiches?

> Eles eram dotados de inteligência; eles viam e instantaneamente podiam ver longe, conseguiam ver, conseguiam saber tudo o que havia no mundo. Quando olhavam, imediatamente viam um **mundo** ao seu redor e contemplavam, por sua vez, o arco do céu e a face redonda da terra. Viam as coisas escondidas ao longe, sem precisar se mover; imediatamente viam o mundo, e assim, também, de onde estavam, o viam. Grande era a sua sabedoria; sua visão alcançava as florestas, os

lagos, os mares, as montanhas e os **vales**.[3]

No entanto, assim como tantas outras memórias que parecem remeter a uma avançada civilização perdida da antiguidade pré-histórica, ficamos sabendo que, no devido tempo, os "antepassados" se tornaram arrogantes e orgulhosos e ultrapassaram seus limites, de modo que os deuses perguntaram: "Será que eles devem ser iguais a nós, seus Criadores? Vamos verificar um pouco seus desejos, porque não é bom o que vemos". [4]O castigo seguiu-se rapidamente:

> O Coração do Céu soprou névoa em seus olhos, o que turvou sua visão como quando se sopra em um espelho. Seus olhos foram cobertos e eles puderam ver apenas o que estava próximo, apenas o que estava claro para eles. Dessa forma, **toda** a sabedoria e todo o conhecimento [dos antepassados] foram destruídos.[5]

É interessante notar os mecanismos usados pelos deuses para manter nossos ancestrais em seus lugares, conforme descrito no *Popol Vuh*:

> Um dilúvio foi provocado pelo Coração do Céu ... Uma pesada resina caiu do céu ... A face da terra escureceu e uma chuva negra começou a cair de dia e de noite ... [6]As faces do sol e da lua foram cobertas ... [7]Houve muito granizo, chuva negra e névoa e um frio indescritível ...[8]

Todos esses fenômenos refletem com muita precisão a natureza complexa do cataclismo que afligiu a Terra há 12.800 anos, no início da época fria do Younger Dryas, quando, como vimos na massa de evidências apresentada na Parte II, muitos cientistas agora têm certeza de que a Terra foi atingida por vários fragmentos grandes de um cometa gigante em desintegração.

Em minha opinião, e de fato é a razão pela qual escrevi este livro, precisamos prestar atenção a esses relatos e aos detalhes universais que os unem, quer tenham chegado até nós do México, do Peru, da Ilha de Páscoa, da Mesopotâmia, do Egito Antigo, da antiga Canaã ou da Turquia. É intrigante, por exemplo, contra o pano de fundo do dilúvio e do cataclismo que ele descreve, que o *Popol Vuh* faz menção a "homens-peixe",[9]exatamente como os sábios Apka lu da Mesopotâmia ("que tinham o corpo inteiro de um peixe, mas embaixo e preso à cabeça do peixe havia outra cabeça, humana, e junto à cauda do peixe, pés como os de um homem").[10]Exatamente como os Apkallu, também esses homens-peixe relatados nas tradições dos antigos maias possuíam poderes mágicos e "realizavam muitos milagres".[11]

Talvez não seja surpreendente, portanto, que Quetzalcoatl, a Serpente Emplumada, o portador da civilização que aparece no *Popol Vuh* sob o nome de Gucumatz[(12)] seja representado, como vimos no Capítulo 1, por uma antiga imagem de La Venta, no Golfo do México, na qual ele segura exatamente o mesmo tipo de bolsa ou balde que os Apka lu seguram nos relevos da Mesopotâmia e que também é figurado no Pilar 43 em Göbekli Tepe, na Turquia. La Venta foi um dos centros da misteriosa civilização primitiva dos olmecas, que deixou para trás esculturas de homens barbudos com feições que não se parecem em nada com as dos nativos americanos, mas se assemelham às figuras barbadas mostradas nos relevos Apkallu da Mesopotâmia e nas estátuas de Kon-Tiki Viracocha em Tiahuanaco, na Bolívia - mais uma vez sugerindo um simbolismo universal associado a um grupo de indivíduos que buscou disseminar as dádivas da civilização em todo o mundo.
Além disso, é amplamente reconhecido que a extraordinária ciência astronômica pela qual os maias são famosos fazia parte de um corpo mais amplo de conhecimento avançado que lhes foi transmitido pelos olmecas e que o próprio calendário maia é provavelmente melhor compreendido como um desses legados olmecas.

Como vimos no Capítulo Quinze, um grande ciclo do calendário maia chegou ao fim em 21 de dezembro de 2012. É uma data final que foi calculada para marcar a conjunção, que ocorre uma vez a cada 26.000 anos, entre o sol do solstício de inverno e o centro da Via Láctea - uma conjunção que, devido ao diâmetro do sol e às limitações da astronomia a olho nu, não é tanto um momento preciso no tempo, mas uma janela de 80 anos que abrange o período de 1960 a 2040. Vimos também como o Pi lar 43 em Göbekli Tepe usa o simbolismo solar e de constelações para representar exatamente a mesma janela pela qual, como qualquer programa de software **astronômico confirmará**, o sol do **solstício** de inverno está transitando hoje.

Minha intuição é que esses dispositivos, tanto o calendário maia quanto o pilar de Göbekli Tepe, são uma tentativa, usando o código de precessão, de enviar uma mensagem para o futuro. Vejo os lineamentos dessa mensagem também no enorme geoglifo astronômico formado pelas pirâmides e pela Grande Esfinge de Gizé. Usando o mesmo código e sua relação com as **constelações** de Órion e Leão, esses monumentos chamam nossa atenção para a época do Younger Dryas entre 12.800 e 11.600 anos atrás e, por meio do simbolismo do retorno da Fênix, para a época que cai meio ciclo precessional depois, ou seja, mais uma vez a nossa própria época (consulte o Capítulo Onze).

O objetivo aqui não é tão preciso quanto o proporcionado pelo pilar Göbekli Tepe e pelo calendário maia, mas também não é a ciência pela qual os impactos que desencadearam o Younger Dryas são datados de 12.800 anos atrás. A resolução da evidência do carbono-14 na qual os cientistas baseiam essa cronologia significa que deve ser permitida uma tolerância de mais ou menos 150 anos. Em outras palavras, a

O cometa Younger Dryas - vamos, por conveniência, nos referir a ele como "a Fênix" - poderia ter atingido a Terra há 12.650 anos (ou seja, em 10.635 a.C., já que estou escrevendo em 2015 d.C.) ou há 12.950 anos (ou seja, em 10.935 a.C.).

Levando em conta que metade de um ciclo de precessão é de 12.960 anos (ou 12.954 anos nos cálculos peculiarmente exatos do retorno da Fênix relatados por Solinus[13]), estamos, portanto, sendo convidados a considerar um período que começa em apenas dez anos a partir do momento em que este texto foi escrito,
ou seja, por volta de 2025 d.C., e que não pode ser considerado como tendo passado com segurança até 2325 d.C., ou seja, até que os 12.960 anos seguintes tenham se passado
após a última data possível para os impactos da "Fênix". O calendário maia e o Pi lar 43 em Göbekli Tepe, entretanto, refinam o cálculo, como vimos. Se entendi a mensagem corretamente, estamos na zona de perigo agora e estaremos até 2040. Lembro-me da tradição Ojibwa citada no Capítulo Três:

> A estrela com a cauda longa e larga destruirá o mundo um dia, quando descer novamente. Esse é o cometa chamado Estrela Escaladora Celestial de Cauda Longa. Ele desceu aqui uma vez, há milhares de anos. Assim como o sol. Ele tinha radiação e calor ardente em sua cauda.
>
> O cometa queimou tudo até o chão. Não sobrou nada. Os povos indígenas estavam aqui antes disso acontecer, vivendo na Terra. Mas as coisas estavam erradas; muitas pessoas haviam abandonado o caminho espiritual. O Espírito Santo os avisou muito tempo antes da chegada do cometa. Os curandeiros disseram a todos que se preparassem.
>
> As coisas estavam erradas com a natureza na Terra... Então, aquele cometa passou por aqui. Ele tinha uma cauda longa e larga e queimou tudo. Ele voou tão baixo que a cauda queimou a terra... O cometa criou um mundo diferente. Depois disso, a sobrevivência foi um trabalho árduo. O clima estava mais frio do que antes...[14]

Será que soa como alarmismo sugerir que o cometa lembrado nesse e em tantos outros mitos e tradições de todas as partes do mundo pode estar prestes a realizar seu "Grande Retorno"?

Será que estou lendo demais em monumentos e calendários antigos e no fato de que em todos os lugares, **universalmente**, em todas as culturas, os cometas sempre foram vistos com medo e aversão e como presságios de desgraça e destruição iminentes?[15]

Não tenho certeza de qual é a resposta certa para essas perguntas. De um ponto de vista pessoal, como pai e avô amoroso, eu preferiria muito que não houvesse esse perigo, mas, ao mesmo tempo, se houver perigo, seríamos tolos se enterrássemos a cabeça na areia e fingíssemos que não há nada com que nos preocupar e que não precisamos tomar nenhuma atitude. Portanto, sou obrigado a salientar que a ciência mais recente sobre esse assunto está em total concordância com a sabedoria antiga.

Há perigo.

A casa da história foi construída sobre a areia

Estamos no meio de uma profunda mudança de paradigma em relação à forma como vemos a evolução da civilização humana. Conforme observado no final do Capítulo 5, os arqueólogos têm o hábito de considerar os impactos cósmicos, que supostamente só ocorrem em intervalos de vários milhões de anos, como amplamente irrelevantes para a história de 200.000 anos dos humanos anatomicamente modernos. Quando acreditávamos que o último grande impacto havia sido o asteroide destruidor de dinossauros de 65 milhões de anos atrás, obviamente havia pouco sentido em tentar relacionar acidentes cósmicos em uma escala quase inimaginável com o período de tempo muito mais curto da "história". Mas o cenário de pesadelo levantado pelo grupo de cientistas por trás da hipótese do impacto do Younger Dryas, e apoiado pela massa de evidências convincentes analisadas na Parte II - ou seja, que um evento enorme, que abalou a Terra e em nível de extinção ocorreu há apenas 12.800 anos, em nosso quintal histórico - muda tudo...

Em primeiro lugar, isso significa que a linha do tempo histórica ensinada como "fato" em **todas as** nossas escolas e instituições de ensino superior, os passos lentos e dolorosos do Paleolítico ao Neolítico, o desenvolvimento da agricultura, o surgimento das primeiras cidades e assim por diante - em suma, todas as conclusões a que a arqueologia chegou sobre as origens da civilização - repousam em bases falsas. Pois que outra palavra além de "falso" pode ser usada para descrever os fundamentos do paradigma histórico existente, quando agora sabemos que eles foram criados sem levar em conta o maior cataclismo que atingiu a Terra desde a extinção dos dinossauros? Esse cataclismo, além disso, ocorreu em um período muito específico e muito recente, o Younger Dryas, entre 12.800 e 11.600 anos atrás, e foi imediatamente seguido pelos primeiros sinais do surgimento da civilização em Göbekli Tepe, na Turquia, e logo depois em muitos outros pontos do globo.

Reconhecer, como os arqueólogos fazem agora, que todos esses primeiros experimentos de vida civilizada ocorreram logo após o "marco de pontuação" do Younger Dryas, mas não levar em conta o enorme trauma e a destruição mundial desencadeados pelos impactos cósmicos que causaram o Younger Dryas, é um verdadeiro lapso acadêmico. *após* o "ponto de pontuação" do Younger Dryas, mas não levar em conta o trauma e a destruição maciça em escala mundial desencadeados pelos impactos cósmicos que *causaram* o Younger Dryas, é um verdadeiro lapso acadêmico. O que é pior, no entanto, é a incapacidade paralela de dedicar um momento sequer de consideração à possibilidade de que capítulos cruciais da história humana - talvez até mesmo uma grande civilização da antiguidade pré-histórica - possam ter sido apagados do registro histórico por esses impactos e pelas enchentes, pela chuva negra e betuminosa, pelo período de escuridão e pelo frio indescritível que se seguiram.

Se nossa própria civilização passasse por uma cascata comparável de impactos gigantes, será que sobreviveríamos?

Tudo indica que não, e é por isso que, na minha opinião, o crescente reconhecimento da realidade do cometa Younger Dryas impõe aos arqueólogos o dever de, *no mínimo,* parar de desprezar ainda mais a "Atlântida" e outros rumores de uma civilização perdida da Idade do Gelo que chegaram até nós do passado. Em vez de fazer tudo o que estiver ao seu alcance para descartar, minimizar e ridicularizar os mitos, os monumentos anômalos e os outros indícios, traços e pistas tentadores de um grande episódio esquecido da história humana, a evidência dos impactos do cometa há 12.800 anos exige que uma investigação completa desses mistérios, utilizando todos os recursos da ciência, seja realizada pela primeira vez.

Agenda?

Será preciso vencer uma grande resistência antes que essa investigação possa ser montada - e pelos mesmos motivos que James Kennett, Allen West, Richard Firestone e os outros principais pesquisadores dos impactos do Younger Dryas enfrentaram resistência de seus colegas gradualistas e "uniformitaristas". Como observou Kennett, a hipótese do impacto do Younger Dryas desafia os paradigmas existentes em uma ampla gama de disciplinas - não apenas a arqueologia, mas também a paleontologia, a paleoceanografia, a paleoclimatologia e a dinâmica do impacto.
dinâmica de impactos[16].

É inevitável que haja oposição quando alguém apresenta novas evidências que pisam em tantos pontos diferentes. No entanto, guerras acadêmicas são uma coisa; manter todos nós no escuro sobre um perigo real e presente que ameaça o futuro humano, simplesmente porque reconhecer a existência desse perigo exige que alguns acadêmicos abandonem posições há muito defendidas, é outra bem diferente.

No entanto, é exatamente isso que parece estar envolvido nos ataques ideológicos, disfarçados de crítica genuína, que foram feitos ao trabalho de Kennett, West, Firestone e outros - ataques, como vimos na Parte II, que eles refutaram repetida e amplamente, mas que se pode esperar que continuem enquanto o territorialismo míope prevalecer na ciência sobre a avaliação racional de novas evidências perturbadoras e, no caso do cometa Younger Dryas, totalmente convincentes.

E pode haver algo mais do que uma simples guerra de território acadêmico - na verdade, algo que se assemelha muito mais a uma conspiração para ocultar verdades desagradáveis. Quando estava pesquisando *Magicians of the Gods*, troquei vários e-mails com Allen West, pois queria verificar os fatos e ele é o membro da equipe listado como autor correspondente na maioria dos artigos acadêmicos sobre o impacto do Younger Dryas. Nossas discussões se tornaram bastante abrangentes e, em um determinado momento, ele escreveu:

> Acho que seu novo livro abrirá a hipótese do cometa para um público muito maior e isso é muito bom para o nosso planeta, porque esse tópico de impacto não é apenas uma história passada interessante. O impacto do Younger Dryas foi devastador, mas outros muito menores podem devastar uma cidade, região ou país hoje em dia, e eles são muito mais frequentes do que o admitido publicamente pela NASA e pela ESA [Agência Espacial Europeia], embora pareça haver uma conscientização crescente.[17]

Retomando essa questão da supressão aparentemente deliberada de informações sobre impactos e, em particular, sobre os impactos do Younger Dryas, enviei o seguinte e-mail a West:

> Depois de ver a maneira desleixada como as ideias catastrofistas foram tratadas repetidamente ao longo dos anos, suponho que não deva me surpreender com a hostilidade combinada de seus críticos, com a forma como eles distorcem as coisas e com a constante alarde sobre o mais recente "réquiem" para a teoria dos cometas - que acaba não sendo um réquiem, mas apenas propaganda básica! Mas, além **disso**, não posso deixar de sentir que há algo estranho na maneira como seus críticos parecem ignorar quase que deliberadamente as evidências cruciais que você apresentou para gerar manchetes como "estudo lança dúvidas sobre o impacto que matou mamutes" ou para dizer coisas como "para o sítio da Síria, a teoria do impacto está descartada", quando ela não está "descartada" de forma alguma!
>
> Será que eles querem desesperadamente que o mundo seja um lugar seguro e previsível e procuram realizar seu próprio desejo falsificando os fatos em seus jornais? Ou há alguma outra agenda em ação?[18]

A resposta de West foi intrigante:

> Esse é certamente um aspecto. Um crítico reclamou comigo: "Bem, se você estiver certo, teremos que reescrever os livros didáticos!" Como se isso fosse uma coisa ruim... [Mas], curiosamente, alguns de nossos críticos mais virulentos estão associados à NASA e ao governo. Um funcionário da NASA me disse que essa atitude de oposição às ameaças de impacto está arraigada na NASA e só agora está começando a mudar lentamente. Quando ficou óbvio para a NASA, décadas atrás, que os asteroides e cometas são uma ameaça séria, seus funcionários foram instruídos por altos funcionários do governo a minimizar o risco. O governo estava preocupado com o fato de que a população entraria em "pânico" por causa das rochas espaciais e exigiria ação, quando a NASA não podia fazer nada a respeito e não queria admitir isso.
> Além disso, a tentativa de mitigar qualquer risco de impacto teria usado o financiamento que eles queriam colocar em outro lugar.[19]

O viajante das trevas

Já em 1990, antes de qualquer evidência física e geológica dos impactos do cometa Younger Dryas ter sido descoberta, o astrofísico Victor Clube e o astrônomo Bill Napier alertaram sobre a visão:

> que trata o cosmos como um pano de fundo inofensivo para os assuntos humanos, uma visão que a Academia agora frequentemente considera como seu dever defender e que a Igreja e o Estado têm o maior prazer em subscrever.[20]

Essa visão, na opinião presciente de Clube e Napier em 1990, era perigosa, pois seu efeito era "colocar a espécie humana um pouco acima do avestruz, aguardando o destino do dinossauro".

Como pode ser visto nas reações de alguns membros da "Academia" à hipótese do impacto do Younger Dryas, essa visão, e o que Clube e Napier **e** a "grande ilusão de segurança cósmica"[22]que ela gera ainda são forças poderosas no mundo atual. No entanto, está em jogo muito mais do que a verdade sobre o nosso próprio passado, pois há uma convergência impressionante entre as descobertas de Clube e Napier, por um lado, e as descobertas de Kennett, West e Firestone, por outro, sobre o que o cometa Younger Dryas realmente significa para a humanidade.

Para entender adequadamente as implicações dessa convergência, será necessário analisar algumas das descobertas feitas por Clube, Napier e outros nas décadas de 1980 e 1990 - descobertas, lembre-se, que são completamente independentes do trabalho posterior da equipe Kennett/West/Firestone sobre os impactos do Younger Dryas. Para resumir a história, como já indiquei no Capítulo Onze, o ônus dessas descobertas é que é possível - na verdade, altamente provável - que ainda não tenhamos terminado com o cometa que mudou a face da Terra entre 12.800 anos atrás e 11.600 anos atrás. O trabalho de Clube e Napier, com contribuições importantes também do falecido Sir Fred Hoyle e do matemático e astrônomo Professor Chandra Wickramasinghe, levantou a possibilidade de que o cometa Younger Dryas fosse apenas um fragmento de um cometa gigante muito maior - talvez com até 100 quilômetros de diâmetro - que entrou no sistema solar interno há cerca de 30.000 anos e foi capturado pelo sol e lançado em uma órbita que cruzava a Terra. Ele permaneceu relativamente intacto durante os 10.000 anos seguintes. Então, há cerca de 20.000 anos, passou por um "evento de fragmentação" maciço em algum lugar ao longo de sua órbita, que o transformou de um único objeto mortal e potencialmente destruidor de mundos em vários objetos com diâmetro de 5 quilômetros a 1 quilômetro ou menos, cada um dos quais **seria** capaz de de causar um cataclismo global.[23]

As evidências são de que foram vários fragmentos nessa escala que atingiram a Terra há 12.800 anos, causando o Younger Dryas [24],que cruzamos o fluxo de detritos do cometa novamente há 11.600 anos, com efeitos igualmente dramáticos que acabaram com o Younger Dryas (25)e, finalmente, que podemos esperar novos encontros com os fragmentos restantes no futuro, [25]e - finalmente - que *podemos esperar novos encontros com os fragmentos restantes no futuro* (26) "Esse complexo único de detritos", escrevem Clube e Napier, "é, sem dúvida, o maior risco de colisão que a Terra enfrenta atualmente".

A corrente de meteoros Taurídeos, assim chamada porque produz chuvas de "estrelas cadentes" que parecem aos observadores no solo como se fossem O cometa gigante original, que se origina na constelação de Touro, é o produto mais conhecido da fragmentação contínua do cometa gigante original. A corrente se espalha completamente pela órbita da Terra - uma distância de mais de 300 milhões **de** quilômetros - cortando-a em dois pontos, de modo que o planeta precisa passar por ela duas vezes por ano: no final de junho e início de julho (quando as "estrelas cadentes" não são visíveis porque são encontradas à luz do dia) e novamente entre o final de outubro e novembro, quando uma espetacular exibição de "fogos de artifício Ha loween" é colocada [28]Como a Terra viaja mais de 2,5 milhões de quilômetros ao longo de sua trajetória orbital todos os dias, e como cada passagem leva aproximadamente doze dias, é óbvio que a corrente de Taurídeas tem pelo menos 30 milhões de quilômetros de "largura" ou "espessura". De fato, o que a Terra encontra durante esses dois períodos é melhor visualizado como uma espécie de "tubo" ou "cano" de detritos fragmentados - um pouco como uma enorme rosquinha.
O termo geométrico para essa forma é "toro".

As "estrelas cadentes" são inofensivas - nada mais do que pequenos meteoros queimando na atmosfera - então por que deveríamos nos preocupar minimamente com uma corrente de meteoros? No caso das cerca de cinquenta correntes de meteoros distintas e separadas que já foram descobertas pelos astrônomos - as Leônidas, as Perseidas, as Andromedidas, etc. - a resposta a essa pergunta é que, na maioria dos casos, provavelmente não há perigo e nada a temer. Como a maioria das partículas que eles contêm é de fato minúscula, eles não representam uma ameaça para a Terra.

Mas a situação é bem diferente com as Taurídeas. Como Clube, Napier, Hoyle e Wickramasinghe demonstraram, a corrente das Taurídeas está repleta de outros materiais muito mais maciços, às vezes visíveis, às vezes envoltos em nuvens de poeira, e **muitos** deles voando pelo espaço a velocidades tremendas e cruzando a órbita da Terra duas vezes por ano, com a mesma regularidade de um relógio, ano após ano. Entre os membros maciços e mortais da família Taurídea está o cometa Encke, que, segundo estimativas, tem um diâmetro de cerca de 5 quilômetros. Mas o cometa Encke não está sozinho. De acordo com Clube e Napier, há também:

> entre um e duzentos asteroides com mais de um quilômetro de diâmetro orbitando dentro da corrente de meteoros Taurídeos. Parece claro que estamos vendo os detritos da quebra de um objeto extremamente grande. A desintegração, ou a sequência de desintegrações, deve ter ocorrido nos últimos vinte ou trinta mil anos, caso contrário os asteroides teriam se espalhado pelo sistema planetário interno e se espalhado pela Terra.

espalhados pelo sistema planetário interno e não seriam mais reconhecíveis como um fluxo.[29]

Além do cometa Encke, há pelo menos dois outros cometas no fluxo - Rudnicki, que também se acredita ter cerca de cinco quilômetros de diâmetro, e um objeto misterioso chamado Oljiato, que tem um diâmetro de cerca de 1,5 quilômetro. [30]Inicialmente, acreditava-se que fosse um asteroide, mas esse projétil extremamente escuro, que atravessa a Terra, às vezes mostra sinais, visíveis ao telescópio, de volatilidade e liberação de gases e, na maioria das vezes, é um cometa de grande porte.

Os astrônomos agora o consideram como um cometa inerte que está em processo de despertar. [31]Sabe-se que o próprio cometa Encke ficou inerte por um longo período, até que subitamente ganhou vida e foi visto pela primeira vez pelos astrônomos em 1876. [32]Hoje se sabe que ele alterna regularmente, em ciclos prolongados, entre seus estados inerte e volátil.

A pesquisa de Clube e Napier os convenceu de que uma *companheira ainda não detectada* do cometa Encke está orbitando exatamente na mesma direção do cometa Encke.

[33]Eles acreditam que esse objeto é de tamanho excepcional, que é um cometa e que, como Encke e Oljiato, às vezes - por períodos muito longos - ele se desliga. Isso acontece quando alcatrões parecidos com piche, que efervescem continuamente de seu interior durante os episódios de desgaseificação, tornam-se tão abundantes que revestem toda a superfície externa do núcleo em uma casca espessa e endurecida e selam o núcleo.

[34]Do lado de fora, tudo fica em silêncio depois que o "coma" incandescente e a cauda desaparecem e o objeto aparentemente inerte rasga silenciosamente o espaço a uma velocidade de dezenas de quilômetros por segundo. Mas, no centro do núcleo, a atividade continua, aumentando gradualmente a pressão. Como uma caldeira superaquecida sem válvula de escape, o cometa eventualmente explode por dentro, dividindo-se em fragmentos que podem se tornar cometas individuais, cada um dos quais ameaça a Terra.

Os cálculos indicam que esse objeto atualmente invisível no coração da corrente de Taurídeas pode ter até 30 quilômetros de diâmetro.[35]Além disso, é provável que outros fragmentos grandes o acompanhem. De acordo com o professor Emilio Spedicato, da Universidade de Bergamo:

> São estimados parâmetros orbitais provisórios que poderiam levar à sua observação. Prevê-se que, em um futuro próximo (por volta do ano 2030), a Terra cruzará novamente a parte do toro que contém os fragmentos, um encontro que, no passado, afetou dramaticamente a humanidade.[36]

Renascimento

O ano de 2030 está, é claro, exatamente na janela de perigo indicada pelo calendário maia e pelo Pilar 43 em Göbekli Tepe. O asteroide que matou os dinossauros há 65 milhões de anos tinha apenas 10 quilômetros de diâmetro, mas desencadeou uma tempestade de fogo global e mudou o mundo para sempre. Uma colisão com um objeto de 30 quilômetros de diâmetro significaria, no mínimo, o fim da civilização como a conhecemos e talvez até mesmo o fim de toda a vida humana neste planeta. Suas consequências, conforme observado no Capítulo Onze, certamente seriam ordens de magnitude maiores do que os impactos do Younger Dryas há 12.800 anos, que tinham mil vezes o poder explosivo combinado de **todos os** dispositivos nucleares estocados no mundo hoje e que nos deixaram como espécie com amnésia, obrigados a recomeçar como crianças sem memória do que aconteceu antes.

No entanto, não precisa ser assim. Antes de mais nada, o universo pode nos poupar. Imagine que atravessar esse toro é um pouco como atravessar uma rodovia de seis pistas, a pé, usando uma venda nos olhos. Felizmente para você, no entanto, não há muito tráfego pesado na estrada, portanto, embora você tenha que atravessar a rodovia duas vezes por ano, normalmente não esbarra em muita coisa. O que torna algumas travessias mais arriscadas do que outras, no entanto, é o fato de que os caminhões grandes e outros tipos de tráfego pesado têm a tendência de se agruparem em alguns lugares. Na verdade, o que Clube e Napier fizeram com seus cálculos, retrocedendo as órbitas de objetos conhecidos na "autoestrada" Taurídea, foi emitir um aviso de que agora e nas próximas décadas, nossas travessias apresentam um risco muito maior de uma série de colisões com um "tráfego pesado" muito ameaçador.

A evidência de que essa série de colisões ocorreu entre 12.800 anos atrás e 11.600 anos atrás e que a fragmentação do cometa gigante progenitor que deu origem a todos os objetos taurídeos foi a causa deveria, no mínimo, concentrar nossas mentes. Não estamos mais lidando com algo que só acontece em intervalos de vários milhões de anos, mas sim com o que parece ser

um processo cataclísmico que ainda está se desenrolando dentro da estrutura do tempo histórico.

Mesmo assim, não precisamos perder a esperança, nem desperdiçar um único momento de nossas preciosas vidas abraçando a tristeza e a desgraça. Embora eu esteja convencido de que uma civilização floresceu durante a Idade do Gelo e dominou ciências avançadas que pareciam mágicas para culturas mais primitivas, não acredito que ela tenha seguido nosso próprio caminho particular de desenvolvimento tecnológico. Esse caminho tem muitas consequências negativas, mas nos equipa com habilidades que a civilização perdida claramente não tinha - em especial, a capacidade de intervir em nosso ambiente cósmico imediato e de desviar ou destruir asteroides e cometas que ameaçam a própria sobrevivência da humanidade.

O que será necessário é o reconhecimento de que somos, afinal de contas, uma espécie, um povo, uma família e que, em vez de desperdiçarmos nossas energias em rixas assassinas em nome de "Deus", ou "país", ou ideologia política, ou ganância egoísta, chegou a hora de o amor e a harmonia substituírem o medo e a turbulência em todos os aspectos de nossas vidas, para que possamos garantir o futuro humano. Se quisermos fazer isso, teremos de

Teremos que parar de buscar nossos próprios reflexos no espelho e aprender a olhar para o cosmos, teremos que banir o ódio e a suspeita e aprender a reunir nossos recursos, nossa inteligência e nossos talentos em um grande esforço para a redenção da humanidade.

Em suma, teremos de despertar para o mistério completo da magnífica dádiva da consciência e perceber que não devemos desperdiçá-la nem mais um instante.

Pois essa também era a promessa do calendário maia - que nós, que estamos vivos hoje, nos encontraremos no limiar de uma nova era da consciência humana. Se conseguirmos fazer com que essa era nasça, com tudo o que ela implica, então evitar que os fragmentos restantes do cometa Younger Dryas devastem a Terra **será** uma brincadeira de criança e, nesse processo, teremos descoberto, talvez pela primeira vez em mais de 12.000 anos, quem realmente somos.

A escolha é nossa.

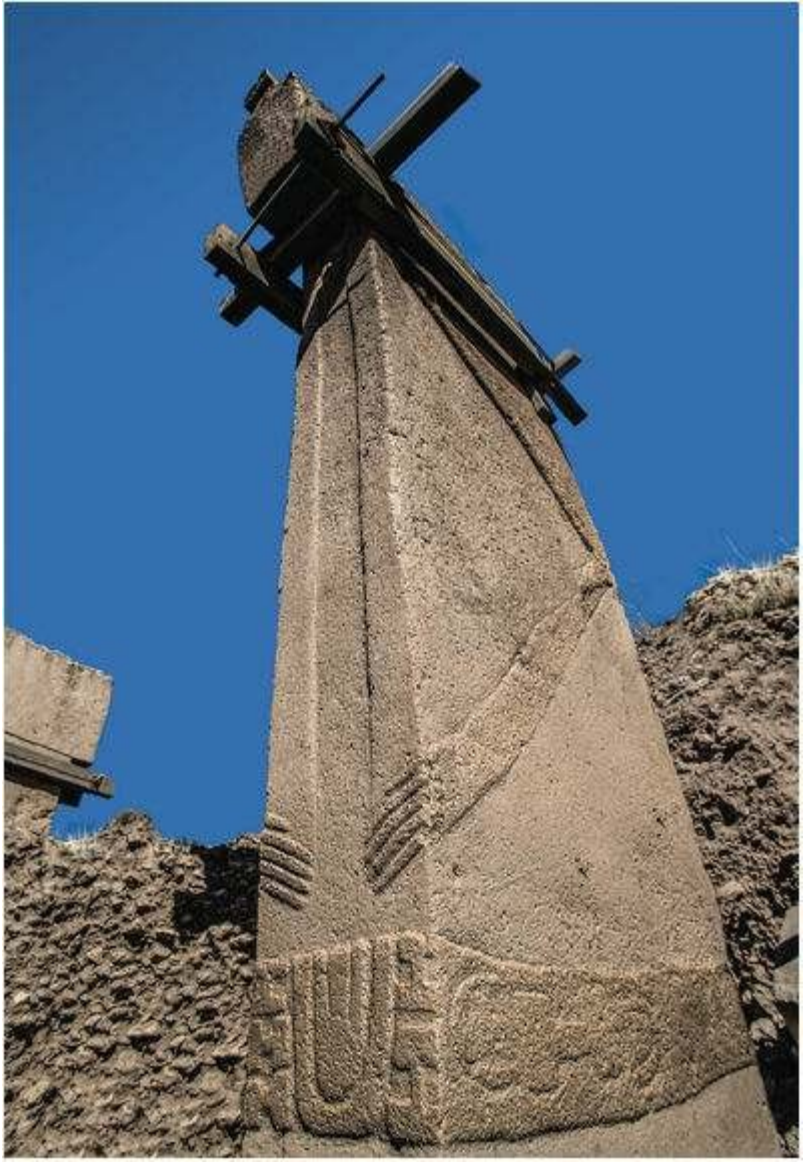
Sempre foi assim.

Nada se interpõe em nosso caminho, a não ser nós mesmos.

1. Visão geral de Gobekli Tepe com o Recinto D em primeiro plano.

2. Recinto D com o enigmático Pilar 43 à esquerda.

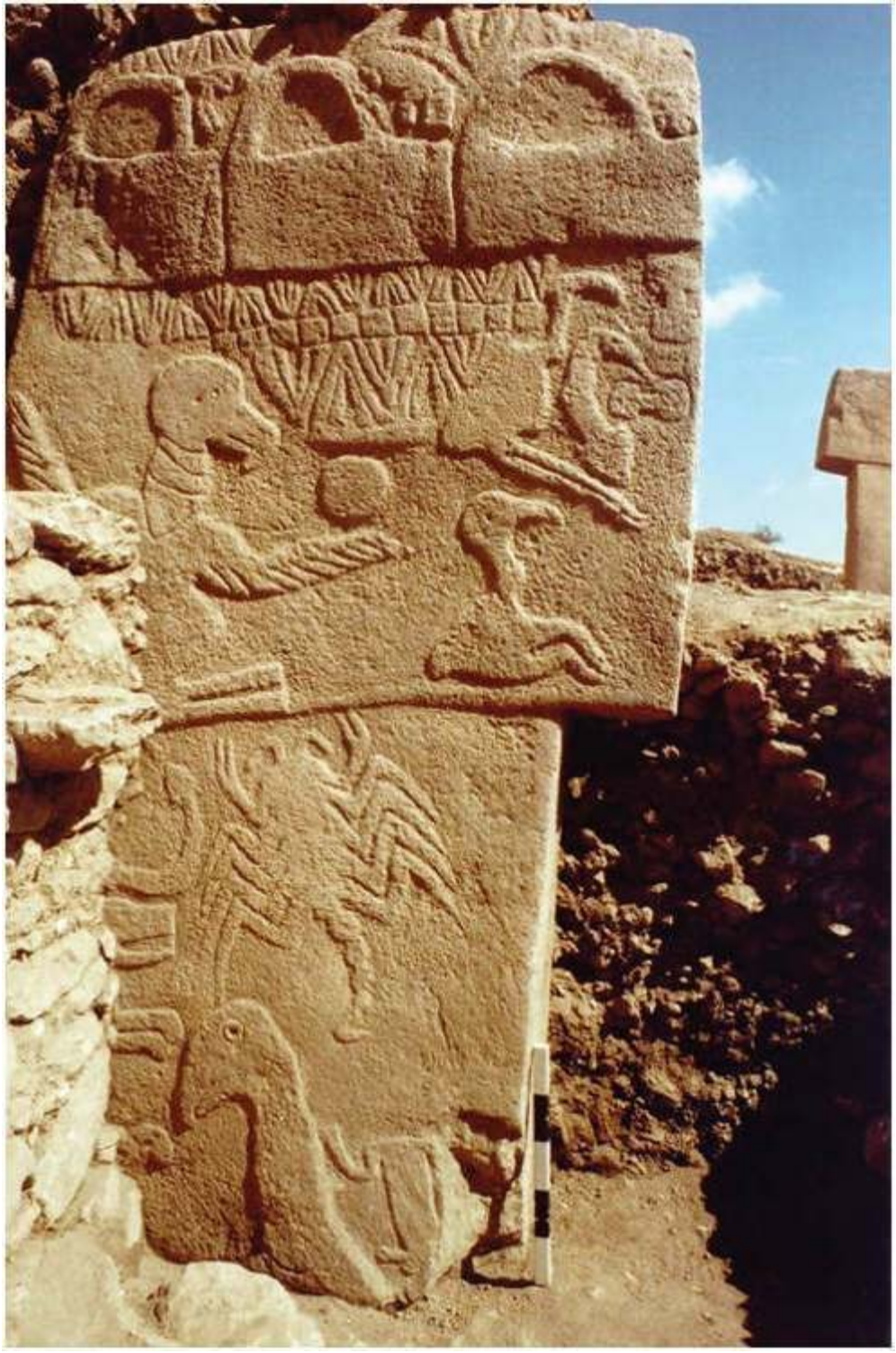
3. O autor com o professor Klaus Schmidt em Gobekli Tepe em 2013. O professor Schmidt (à esquerda da foto) faleceu em 2014.



4. Pilar central oriental, Recinto D.

5. Plinto do pilar.

6. Detalhe do lado oeste do cinturão da figura piloidal.



7. Pilar 43 no Recinto D em Gobekli Tepe. Essa primeira fotografia foi tirada pelo escavador, Klaus Schmidt. Posteriormente, a parte inferior do pilar que mostra o escorpião foi enterrada novamente.

8. Recinto B em Gobekli Tepe.

9. O autor com o pilar em forma de T inacabado abandonado na pedreira em Gobekli Tepe.

10. O autor com os geólogos Robert Schoch da Universidade de Boston (à esquerda) e Danny Natawidjaja (centro) em Gunung Padang, Indonésia, estudando escaneamentos do interior da pirâmide.

11. O autor com Danny Natawidjaja em Gunung Padang.

12, 13. Visão geral dosprincipais terraços em Gunung Padang. Nessa forma, o local é conhecido pela arqueologia há um século. Mas somente quando o trabalho de pesquisa geofísica começou, em 2011, percebeu-se que havia estruturas ocultas e camadas muito anteriores de construção sob os terraços.

14. O autor com Randall Carlson em Dry Falls.

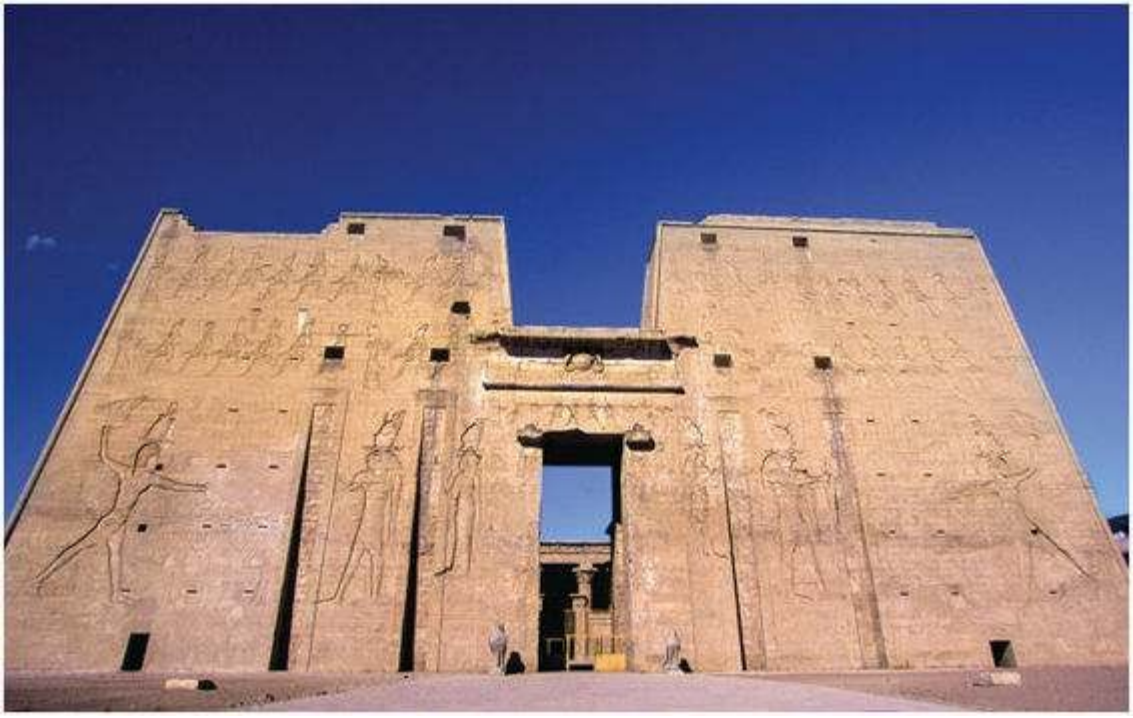
15. Wallula Gap, "o encontro das águas", scabland e as "Twin Sisters" ao fundo.

16. As gigantescas ondulações de correnteza da Camas Prairie, algumas com mais de 15 metros de altura.

17. "Boulder Park", Estado de Washington. Enormes rochas de 10.000 toneladas ou mais foram carregadas para cá em icebergs pelas inundações cataclísmicas no final da Idade do Gelo.

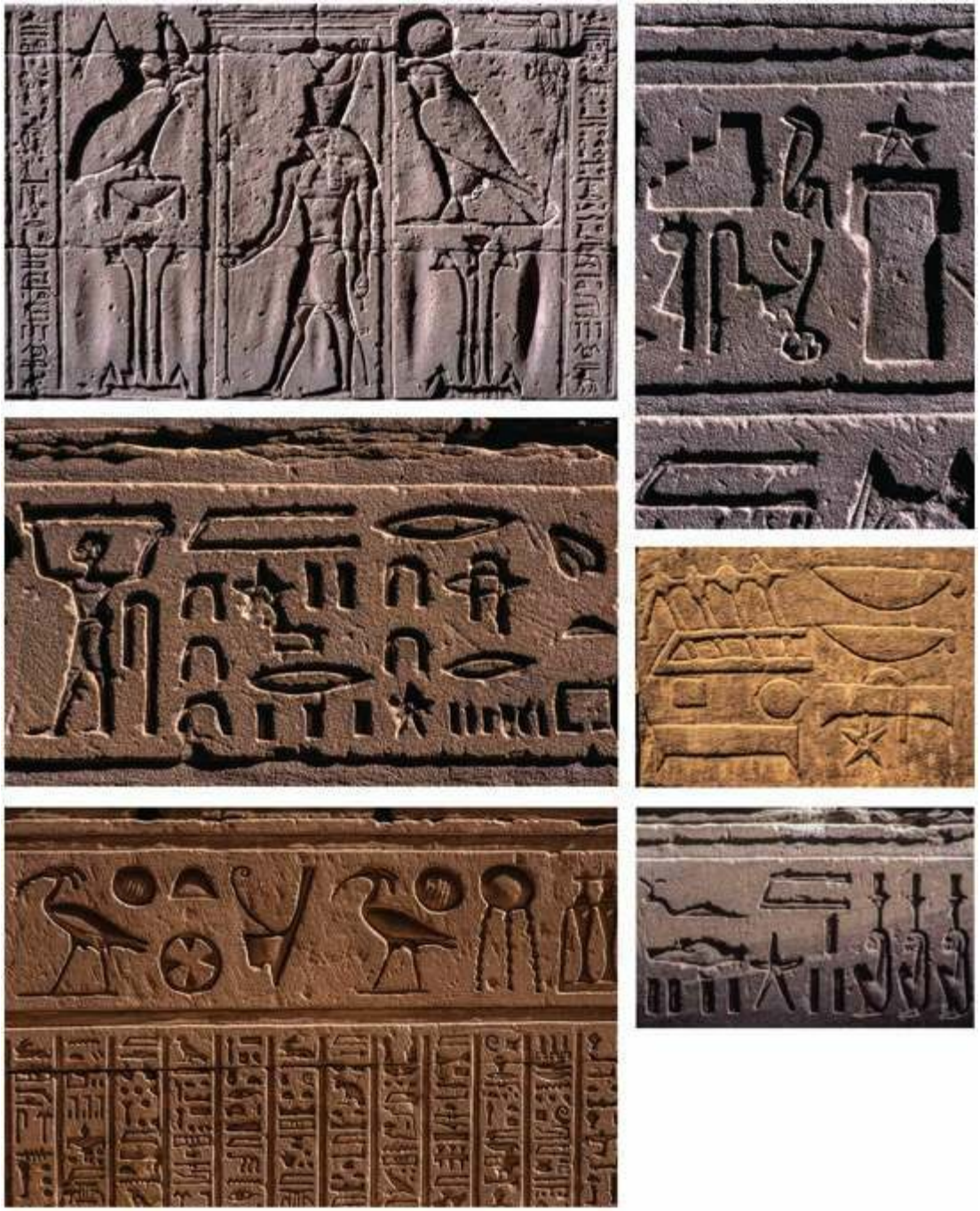
18. Vista do Monte Ararat sobre as ruínas da Catedral de Zvarnots, Armênia.

19. Passagem de entrada e porta de pedra - "cidade" subterrânea de Derinkuyu, Turquia.



20. O Templo de Hórus em Edfu, Alto Egito.

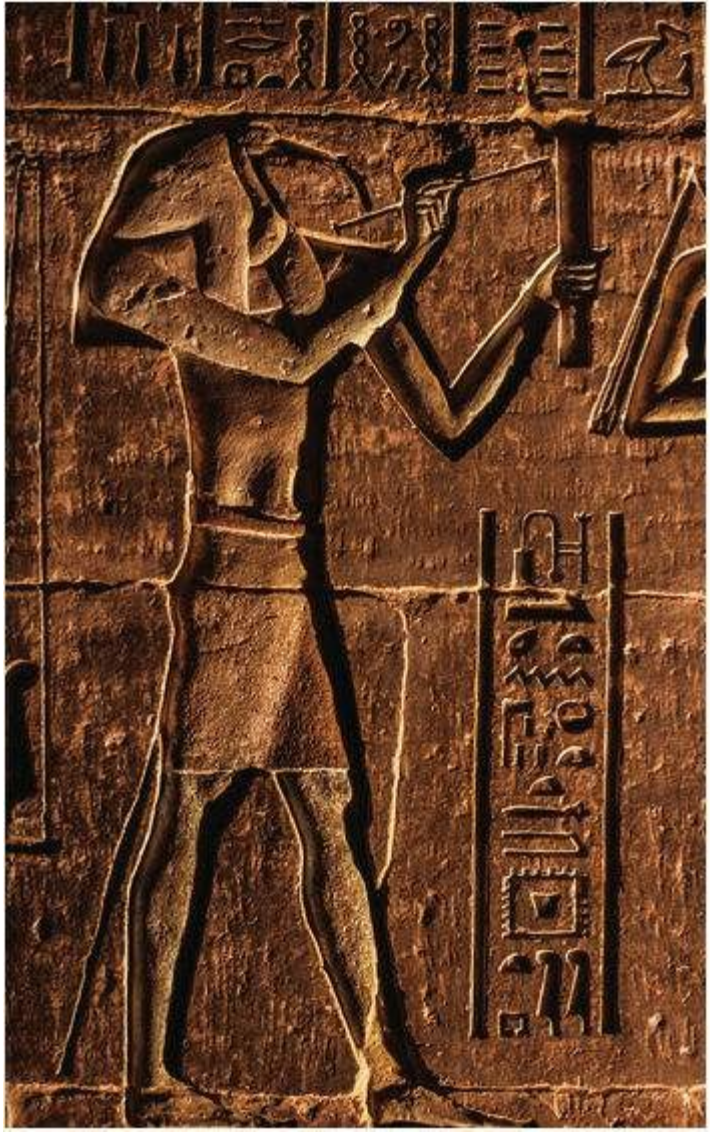
21. Vinheta dos misteriosos Textos da Construção de Edfu. Os textos não nos deixam dúvidas de que os "deuses" da "era primitiva" eram marinheiros e navegadores. Após a destruição de sua ilha natal, diz-se que eles percorreram o mundo em navios.



22-27. Textos enigmáticos de construção e cenas do Templo de Hórus em Edfu.

28. Cena do Templo de Hórus em Edfu. Hórus luta contra seu rival Set, que assume a forma de um hipopótamo.

29. Hieróglifos de Edfu.

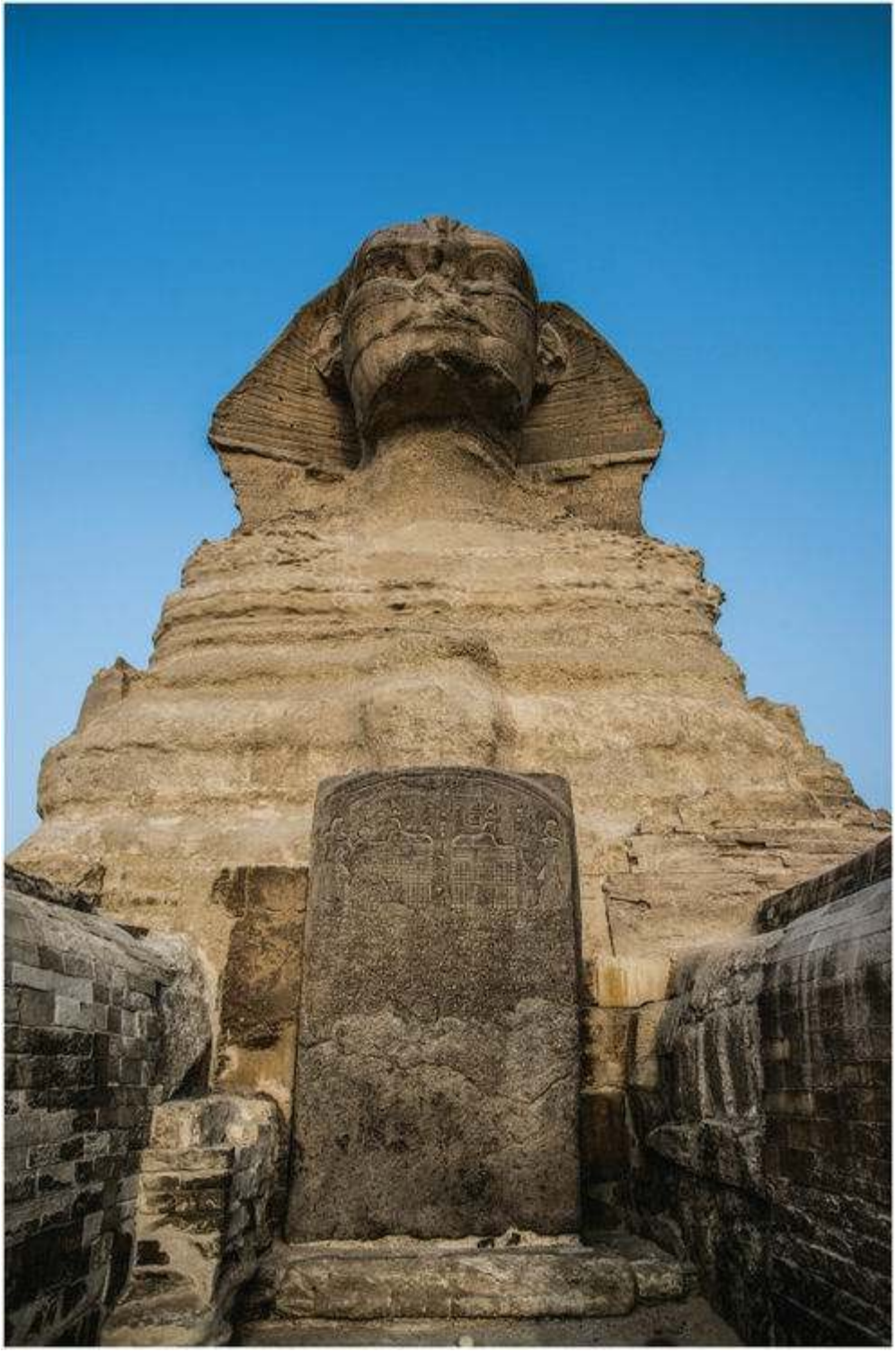


30. Thoth, o escriba dos deuses que escreveu as palavras dos Sete Sábios.

31, 32. Os monumentos alinhados astronomicamente do planalto de Gizé, no Egito: Um "livro descido do céu"?

33. Vista aérea da Esfinge e seus templos.

34. O antigo núcleo de calcário megalítico do "Templo do Vale". Seus blocos pesam até 100 toneladas.



35. A Esfinge com a "Estela dos Sonhos" entre suas patas.

36. Os elementos de granito do "Templo do Vale" foram acrescentados na época dinástica à antiga estrutura de calcário preexistente.

37. Os enormes blocos de calcário do "Templo do Vale" foram extraídos do entorno do corpo central da Esfinge quando ela foi construída e, portanto, são obra da mesma cultura.

38. O autor em Baalbek com o bloco de Trilithon mais ao sul a seus pés. A parede atrás dele, construída sobre o Trilithon, é uma fortificação árabe posterior.

39. Os três enormes blocos do Trilithon no lado oeste da parede megalítica em forma de U que flanqueia, mas não toca, a plataforma do Templo de Júpiter.

40. O pé direito do autor é colocado em frente ao fragmento de um tambor de coluna romana usado como bloco nas fundações sob o Trilithon.

41. O tambor da coluna romana foi escavado e medido pelo Instituto Arqueológico Alemão, que acredita que ele não pode ser o resultado de reparos árabes posteriores nas fundações e que o Trilithon deve, portanto, ser obra dos romanos.

42. Uma **fortificação** foi construída pelos árabes em Baalbek usando materiais romanos reciclados. Observe o tambor da coluna colocado horizontalmente à direita do arco.

43. Close-up do tambor de coluna reciclado na fortificação árabe wa **l**. Observe que o tambor é perfeitamente achatado na parte superior e inferior, exatamente como o tambor de coluna nas fundações sob o Trilithon. Portanto, o argumento de que os árabes não tinham o conhecimento técnico para cortar e encaixar blocos com tanta precisão não faz sentido.

44. Braço norte da parede megalítica em forma de U que circunda a plataforma do Templo de Júpiter. Observe o tamanho menor dos blocos com os quais a própria plataforma (lado direito da imagem) foi construída.

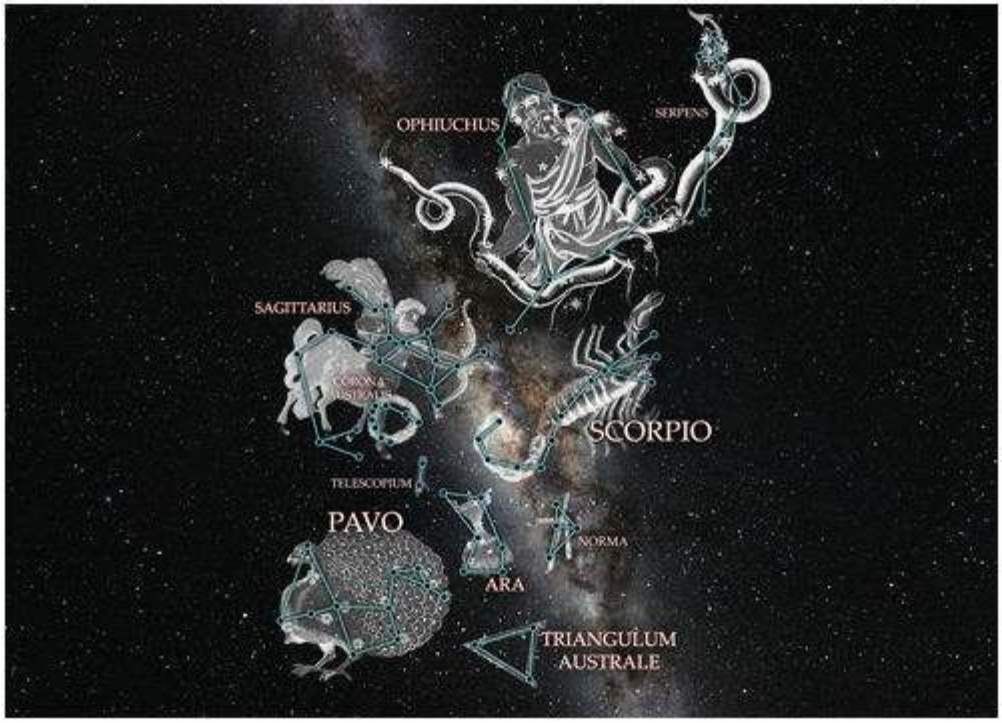
45. O autor em pé no braço sul da parede megalítica em forma de U, com as seis colunas restantes do Templo de Júpiter na borda da plataforma atrás dele.

46. O autor, para fins de escala, em pé sobre a "Pedra da Mulher Grávida", de 970 toneladas, ainda *in situ* nas pedreiras de Baalbek. O bloco visível abaixo dele, à esquerda, foi escavado recentemente em 2014 e estima-se que pese 1.650 toneladas.

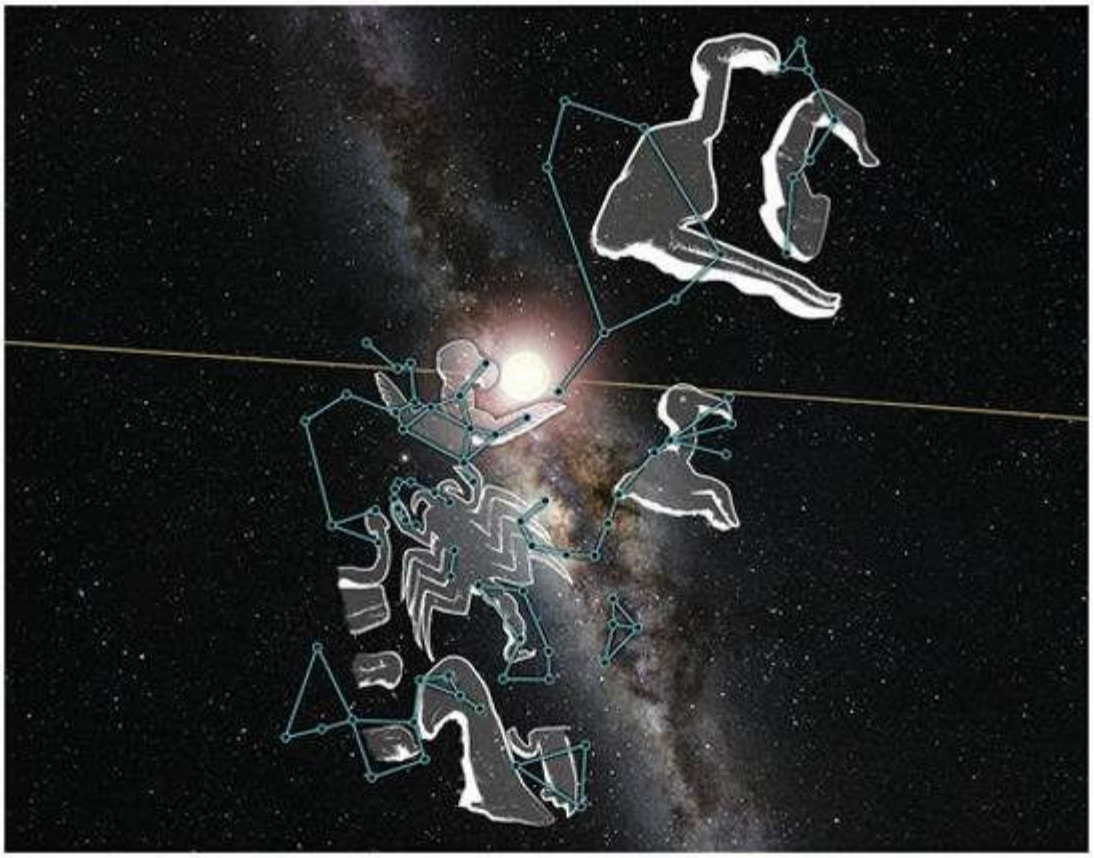
47. Um terceiro bloco nas pedreiras, pesando 1.250 toneladas.

48. As pontas dos pilares megalíticos enterrados se projetam de uma encosta em Karahan Tepe, local irmão de Gobekli Tepe.

49. A "Torre Astronômica" em Harran. Em sua forma atual, ela data doperíodo islâmico, mas ocupa o local de uma torre anterior que ficava dentro de um templo dedicado ao Deus da Lua dos Sabiás.



50. **As constelações**, como as vemos hoje, da área do céu retratada no Pilar 43 em Gobekli Tepe.



51. As mesmas constelações sobrepostas às figuras do Pilar 43 em Gobekli Tepe. Veja a discussão no capítulo 15 e a figura 50.

52. O sinistro "Totem Pole" de calcário de Gobekli Tepe - uma entidade complexa e híbrida.

53. O "Homem de Urfa", a mais antiga escultura tridimensional de uma figura humana que sobreviveu em qualquer lugar do mundo. Ela data do mesmo período de Gobekli Tepe e foi encontrada nas proximidades. Observe que a posição das mãos corresponde às posições das mãos dos piares antropomórficos em forma de T de Gobekli Tepe (veja, por exemplo, a placa 4).

54. Paredes gigantes de "quebra-cabeça" em Sacsayhuaman, construídas milhares de anos antes dos incas, de acordo com Jesus Gamarra.

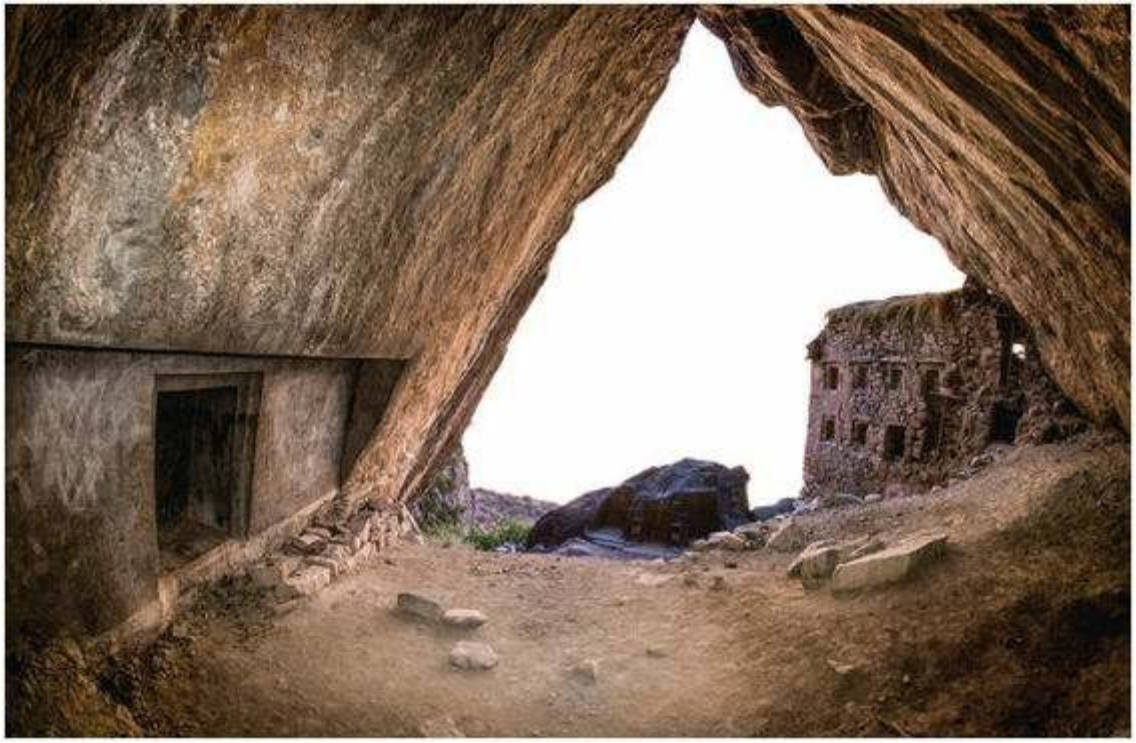
55. Rua Loretto, Cuzco. Diferentes estilos de arquitetura sugerem o trabalho de diferentes culturas.

56. Arquitetura inferior do Templo das Virgens, que se sabe ter sido construído pelos incas.

57. Próximo a Cuzco, Peru.

58. Alaca Hoyuk, Turquia. É possível que a mesma cultura megalítica pré-histórica estivesse trabalhando em ambos os lugares?

59. O autor com Jesus Gamarra em Pisac.



60. Santuário em uma caverna. Os diferentes estilos arquitetônicos evidentes aqui e em Pisac são indicativos do trabalho de diferentes culturas. Na opinião de Gamarra, é absurdo atribuir tudo aos incas.

61. Cutimbo, Peru.

62. Gobekli Tepe, Turquia.

63. Cutimbo.

64. Gobekli Tepe.

65. Cutimbo.

66. Gobekli Tepe.

67. Gobekli Tepe.

68. Cutimbo.

69. O autor estudando a serpente com cabeça peculiarmente grande esculpida em alto relevo no "Templo da Lua" perto de Cuzco.

70. Serpente com cabeça peculiarmente grande esculpida em alto relevo em Gobekli Tepe.

71. Esquerda: Cutimbo. Compare com 72. À direita: Gobekli Tepe.

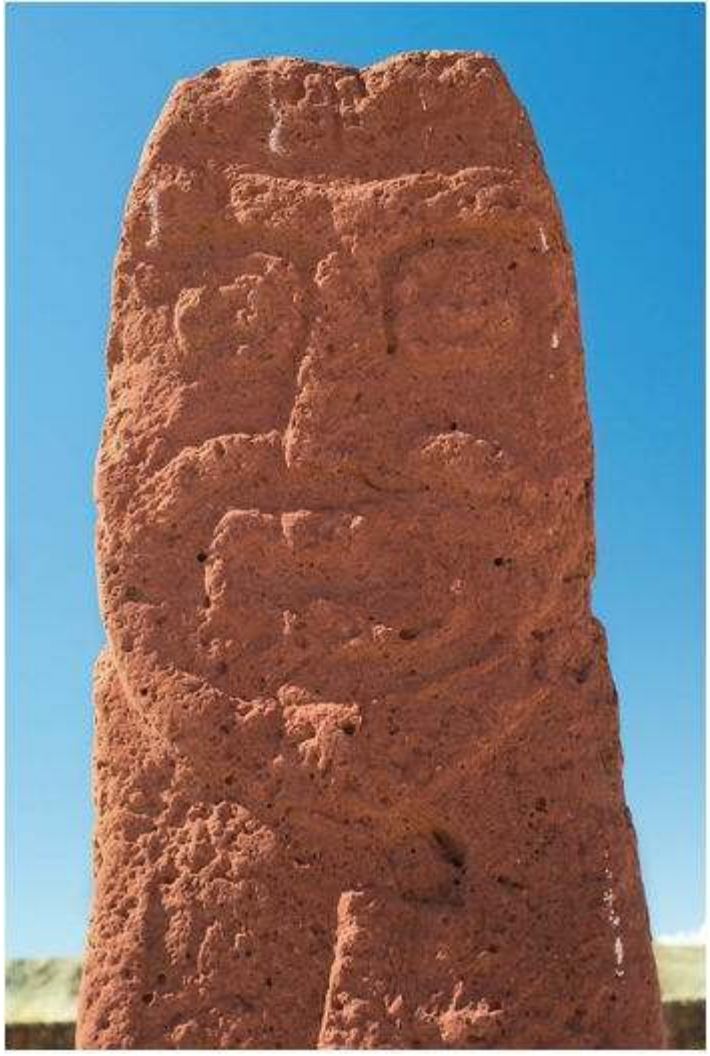
73. Ilha de Páscoa.

74. "Homem de Urfa", Turquia.

75. Blocos "H", Tiahuanaco.

76. Figura do pilar de Gobekli Tepe. Observe as posições semelhantes das mãos em 73, 74 e 76. Observe o motivo "H" em 75 e 76.

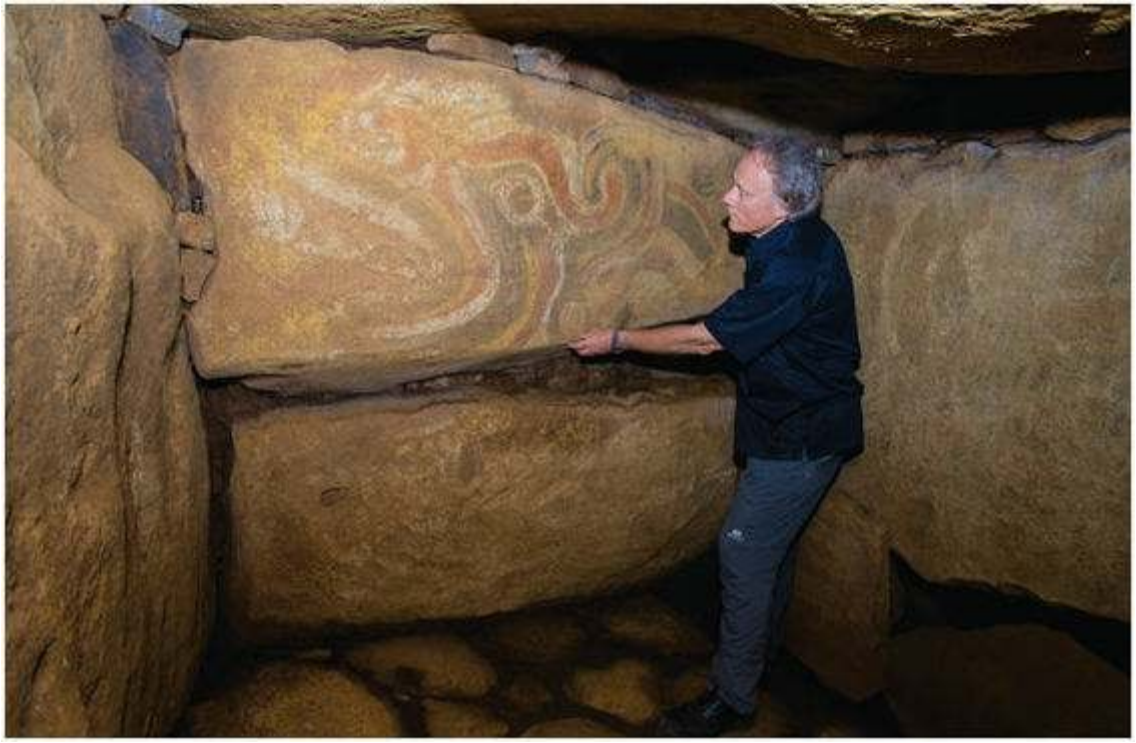
77. A reciclagem de uma antiga cabeça da Ilha de Páscoa como um bloco de construção sugere que a parede é muito mais nova do que as figuras.



78. O rosto barbudo de Viracocha, em Tiahuanaco.

79. Cabeça barbada da Ilha de Páscoa, pedreira de Rano Raraku. Os corpos das figuras na pedreira estão enterrados em até 30 pés de sedimento, o que sugere grande antiguidade.

80. *Watu Palindo,* o "Sábio de Bada Va ley", Sulawesi, Indonésia.



81. Câmara megalítica pintada perto de Pagar Alam, Sumatra.

Apêndices

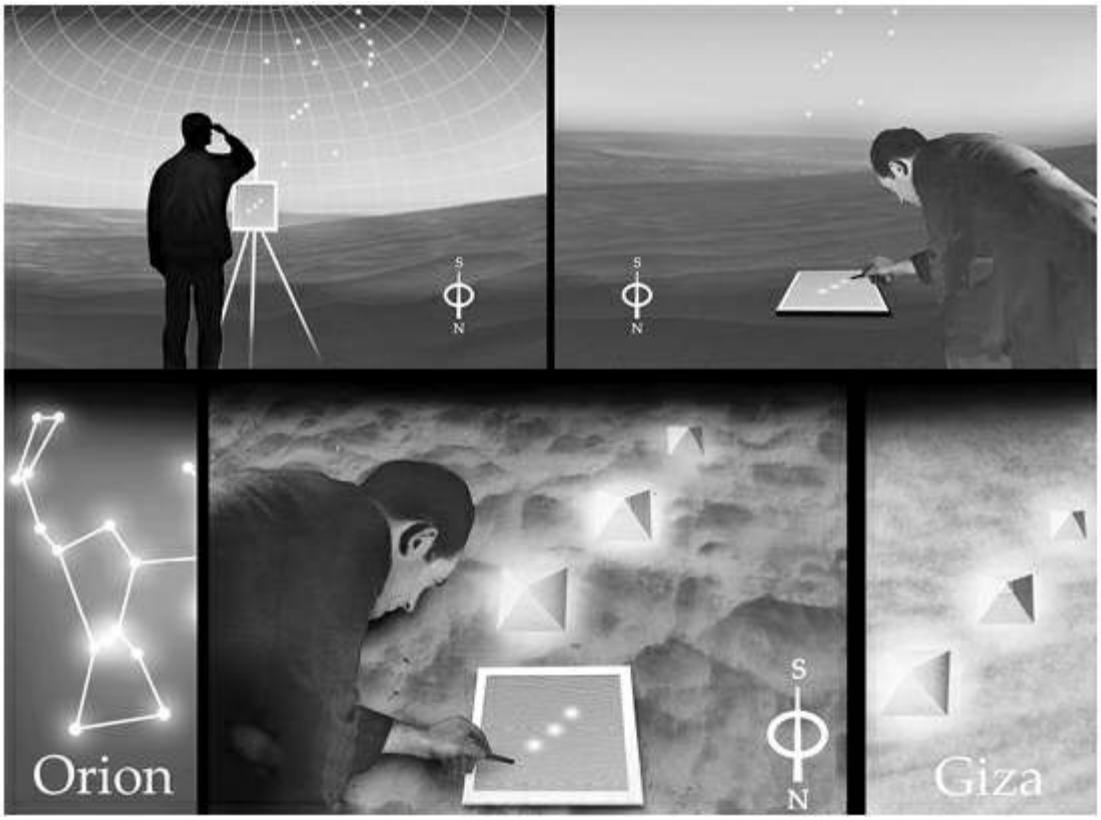


Figura 73: A Correlação de Órion não está "de cabeça para baixo". Se olharmos para ela simplesmente como um projeto artístico - fazer uma pintura (ou modelo tridimensional) das três estrelas do cinturão de Órion e depois colocar essa pintura (ou modelo) da forma mais natural possível à nossa `frente` - descobriremos que ela corresponde/correlaciona exatamente com as posições das três pirâmides no chão.

Apêndice I

A correlação de Órion não está de cabeça para baixo

Os astrônomos modernos veem o céu como uma cúpula curva no alto. Portanto, o pintor no gráfico ao lado está olhando para o sul, para Órion, e a correlação de Órion diz que as três estrelas do cinturão de Órion são representadas pelas três pirâmides no chão. A estrela mais baixa é representada pela Grande Pirâmide, a estrela do meio pela Pirâmide de Khafre (segunda pirâmide) e a estrela mais alta é representada pela Pirâmide de Menkaure (a terceira e menor das pirâmides, assim como a estrela mais alta é visivelmente a menor e menos brilhante das três estrelas).

Agora, a Grande Pirâmide no chão é a mais ao norte das três, a segunda pirâmide está no meio, é claro, e a terceira pirâmide é a mais ao sul das três. A objeção de astrônomos como Ed Krupp, do Observatório Griffiths, em Los Angeles, baseia-se na convenção moderna de que o céu é uma cúpula curva acima da cabeça. Se o céu for visto dessa forma, então a estrela mais alta - que é representada pela Pirâmide de Menkaure, de acordo com a correlação de Órion - é de fato a estrela mais ao norte (lembre-se de que estamos olhando para o sul, o céu é imaginado como se estivesse curvado acima da cabeça - portanto, quanto mais alto você for, mais perto estará do polo norte do céu, que está atrás do pintor no diagrama), e a estrela mais baixa, que é representada pela Grande Pirâmide, de acordo com a correlação de Órion, é de fato a estrela mais ao sul. Mas no solo, a Grande Pirâmide é a pirâmide mais ao norte e a Pirâmide de Menkaure é a pirâmide mais ao sul. Por isso, o Dr. Krupp argumenta que a correlação está "de cabeça para baixo".

O que o diagrama demonstra é que isso só está correto de acordo com a convenção astronômica de que o céu é o interior de uma esfera que se curva sobre a cabeça. Se olharmos para ele simplesmente como um projeto artístico - fazer uma pintura das três estrelas do cinturão de Órion e, em seguida, colocar essa pintura da maneira mais natural possível no chão à nossa frente - descobriremos que ela corresponde/correlaciona exatamente com as posições das três pirâmides no chão.

Referências

Observe que alguns dos links mencionados neste trabalho podem não estar mais ativos.

Capítulo 1

1. "A palavra turca *Göbek* significa umbigo ou barriga." Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe, A Stone-Age Sanctuary in South-Eastern Anatolia* , Ex Oriente, Berlim, 2012, p. 88. Consulte também http://www.ancient.eu/article/234/ e http://archive.archaeology.org/0811/abstracts/turkey.html .
2. Ou "Montanha do Ventre". Consulte Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe, A Stone-Age Sanctuary in South-Eastern Anatolia* (*Göbekli Tepe, um santuário da Idade da Pedra no Sudeste da Anatólia*), op. cit., p. 88.
3. Entrevista com o professor Dr. Klaus Schmidt conduzida por Graham Hancock em Göbekli Tepe, em 7 e 8 de setembro de 2013. Todas as declarações subsequentes do Dr. Schmidt citadas neste capítulo são da mesma entrevista.
4. John Anthony West, *Serpent in the Sky*, Harper and Row, Nova York, 1979, p. 13.
5. Entrevista com Klaus Schmidt, op. cit., e veja também Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe-the Stone Age Sanctuaries: New Results of Ongoing Excavations with a Special Focus on Sculptures and High Reliefs*, em Documenta Praehistorica XXXVII, 2010, p. 243.
6. Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe-the Stone Age Sanctuaries*, op. cit., p. 245.
7. Juan Antonio Belmonte, *Journal of Cosmology*, Vol. 9 (2010), pp. 2052-2062.
8. Consulte o Capítulo Quatorze.
9. Meu amigo Andrew Collins discorre sobre *O* autor da obra*, Göbekli Tepe...*, apresenta essas características humanas da figura do abutre na p. 99 de seu livro *Göbekli Tepe: Genesis of the Gods*, Bear & Co., Vermont, 2014, para o qual escrevi a introdução.
10. Para obter mais detalhes sobre as escavações no Recinto H, consulte *Göbekli Tepe Newsletter 2014*, Instituto Arqueológico Alemão, pp. 5-7. Disponível em pdf aqui: http://www.dainst.org/documents/10180/123677/Newsletter+G%C3%B6bekli+Tepe+Ausgabe+1-2014 .
11. Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe-the Stone Age Sanctuaries*, op. cit., p. 242.
12. Schmidt desenvolve essas ideias em *Göbekli Tepe-the Stone Age Sanctuaries,* op. cit., p. 243.
13. Neil Baldwin, *Legends of the Plumed Serpent: Biography of a Mexican God,* Public Affairs, Nova York, 1998, p. 17.
14. Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, William Heinemann Ltd., Londres, 1995, p. 130.
15. Neil Baldwin, *Legends of the Plumed Serpent* (*Lendas da Serpente Emplumada),* op. cit., p. 17.
16. Gerald P. Verbrugghe e John M. Wickersham (Eds.), *Berossos and Manetho: Native Traditions in Ancient Mesopotamia and Egypt*, University of Michigan Press, 1999, p. 44.
17. Benno Lansberger, "Three Essays on the Sumerians II: The Beginnings of Civilization in Mesopotamia", em Benno Lansberger, *Three Essays on the Sumerians*, Udena Publications, Los Angeles, p. 174; *Berossos e Manetho*, op. cit., pp. 17 e 44; Stephanie Dalley, Myths from Mesopotamia, Oxford University Press, 1990, pp. 182-3, 328; *Jeremy Black e Anthony Green*, Ed, pp. 17 e 44; Stephanie Dalley, *Myths from Mesopotamia* , Oxford University Press, 1990, pp. 182-3, 328; Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia*, British Museum Press, Londres, 1992, pp. 41, 82-3, 163-4.
18. John Biershorst, *The Mythology of Mexico and Central America*, William Morrow, Nova York, 1990, p. 161.
19. North America of Antiquity, p. 268, citado em Ignatius Donnelly, *Atlantis*: *The Antediluvian World*, Dover Publications Inc., Reprint, 1976, p. 165. Reimpressão, 1976, p. 165.
20. Sylvanus Griswold Morley, *An Introduction to the Study of Maya Hieroglyphs* , Dover Publications Inc., Nova York, 1975, pp. 16-17.
21. John Biershorst, *The Mythology of Mexico and Central America*, op. cit., p. 161.
22. Sylvanus Griswold Morley, *An Introduction to the Study of Maya Hieroglyphs*, op. cit., pp. 16-17.
23. Ver Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, op. cit., nota 16, p. 517.
24. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Classics, Londres, 1977, p. 36.

Capítulo 2

1. Ver *New Scientist Magazine*, matéria de capa sobre Göbekli Tepe, 5 de outubro de 2013, "The True Dawn: Civilization is Older and More Mysterious than we Thought".
2. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., p. 36.
3. E-mail de Danny Hilman Natawidjaja para Graham Hancock, 2 de outubro de 2014.
4. Danny Hilman Natawidjaja, *Plato Never Lied: Atlantis in Indonesia*, Booknesia, Jakarta, 2013.
5. Schoch e eu, que n o s conhecemos há muitos anos, fomos convidados a apresentar trabalhos no Gotrasawala Festival and Cultural Conference (dedicado principalmente a discussões sobre Gunung Padang), realizado em Bandung nos dias 5, 6 e 7 de dezembro de 2013. Uma viagem de campo profissional a Gunung Padang, na qual o Dr. Natawidjaja compartilhou suas descobertas, foi organizada como parte da Conferência.
6. Relatado em *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses)*, op. cit., p. 420 e seguintes.
7. Robert M. Schoch Ph.D., "The Case for a Lost Ice Age Civilization in Indonesia," *Atlantis Rising Magazine*, março-abril de 2014, p. 41 e seguintes.
8. "Frequentemente recebo comunicações de pessoas que desejam me consultar sobre suas ideias não publicadas", escreveu Einstein. "É claro que dizendo que essas ideias muito raramente p o s s u e m validade científica. No entanto, a primeira comunicação que recebi do Sr. Hapgood me eletrizou. Sua ideia é original, de grande simplicidade e - se continuar a se provar - de grande importância para tudo o que está relacionado à história da superfície da Terra." Do prefácio de Albert Einstein para Charles H. Hapgood, *Earth's Shifting Crust: A Key to Some Basic Problems of Earth Science*, Pantheon Books, Nova York, 1958, pp. 1-2.

Capítulo 3

1. *Archaeoastronomy: The Journal of the Center for Archaeoastronomy* , Vol. VIII, Nos. 1-4, janeiro-dezembro de 1985, p. 99.
2. Thor Conway em Ray A. Williamson e Claire R. Farrer (Eds.) *Earth and Sky: Visions of the Cosmos in Native American Folklore*, University of New Mexico Press, Albuquerque, 1992, pp. 243-4.
3. Relatado em W. Woelfi e W. Blatensperger, "Traditions connected with the Pole Shift Model of the Pleistocene", em *arXiv: 1009:578vl*, 26 de setembro de 2010, p. 24.
4. Thor Conway em Ray A. Williamson e Claire R. Farrer (Eds.) *Earth and Sky*, op. cit., p. 246.
5. Citado em Richard Firestone, Allen West e Simon Warwick-Smith, *The Cycle of Cosmic Catastrophes: Flood, Fire and Famine in the History of Civilization*, Bear & Co., Rochester, Vermont, 2006, pp. 152-3.
6. Ibid.
7. Castoroides. Seu comprimento médio era de aproximadamente 1,9 metro (seis pés) e podia chegar a 2,2 metros (sete pés). Era o maior roedor conhecido na América do Norte durante o Pleistoceno e o maior castor conhecido.
8. Richard Erdoes e Alfonso Ortiz, *American Indian Myths and Legends*, Pantheon Books, Nova York, 1984, p. 181.
9. Martha Douglas Harris, *History and Folklore of the Cowichan Indians*, The Colonialist Printing and Publishing Company, Victoria, Colúmbia Britânica, 1901, pp. 11-12.
10. Ibid.
11. Ella E. Clark, *Indian Legends of the Pacific Northwest*, University of California Press, Berkeley, 1953, pp. 161-2.
12. Richard Erdoes e Alfonso Ortiz, *American Indian Myths and Legends*, op. cit., p. 474.
13. *New Larousse Encyclopedia of Mythology*, Paul Hamlyn, Londres, 1989, p. 426.
14. Sir J.G. Frazer, *Folklore in the Old Testament: Studies in Comparative Religion, Legend and Law* , Macmillan, Londres, 1923, pp. 111-12.
15. *New Larousse Encyclopedia of Mythology* , op. cit., p. 431.
16. http://www.firstpeople.us/FP-Html-Legends/AlgonquinFloodMyth-Algonquin.html.
17. De Lynd's History of the Dakotas, citado em *Atlantis: The Antediluvian World* , op. cit., p. 117.
18. Para uma discussão mais aprofundada, consulte Gail J. Woodside, *Comparing Native Oral History and Scientific Research to Produce Historical Evidence of Native Occupation During and After the Missoula Floods: A Project submitted to Oregon State University, University Honors College, in partial fulfillment of the requirements for the degree of Honors Baccalaureate in Natural Resources* , 28 de maio de 2008. Woodside conclui que "as histórias orais compartilhadas por povos nativos localizados na área das regiões inundadas, quando comparadas com informações geológicas reais, fornecem evidências de ocupação e capacidade de sobrevivência das populações nativas em regiões inundadas".
19. O site de Carlson é www.sacredgeometryinternational.com.
20. J Harlen Bretz, *The Channeled Scabland of Eastern Washington*, Geographical Review, Vol. 18, No. 3, julho de 1928, p. 446.
21. John Soennichsen, *Bretz's Flood: The Remarkable Story of a Rebel Geologist and the World's Greatest Flood* , Sasquatch Books, Seattle, 2008, p. 17.
22. Ibid., p. 33.
23. Ibid., p. 39.
24. Ibid., p. 43.
25. Ibid., p. 79-90.
26. Ibid., p. 110.
27. Ibid., p. 126.
28. Ibid.
29. J Harlen Bretz, "The Channeled Scablands of the Columbia Plateau", *The Journal of Geology*, Vol. 31, No. 8, Nov-Dez 1923, p. 621-2.
30. Ibid., p. 649.
31. John Soennichsen, *Bretz's Flood*, op. cit., p. 131.
32. David Alt, *Glacial Lake Missoula and its Humongous Floods*, Mountain Press Publishing Company, Missoula, Montana, 2001, p. 17.
33. Ibid., p. 17.
34. Ibid.
35. J Harlen Bretz, "The Spokane Flood beyond the Channeled Scablands", *The Journal of Geology*, Vol. 33, No. 2, fevereiro-março de 1925, p. 98.
36. Citado em Stephen Jay Gould, "The Great Scablands Debate", *Natural History*, agosto/setembro de 1978, pp. 12-18.
37. Citado em Victor R. Baker, "The Spokane Flood Controversy and the Martian Outflow Channels", *Science*, New Series, Vol. 202, No. 4734, 22 de dezembro de 1978, p. 1252.
38. Citado em Stephen Jay Gould, "The Great Scablands Debate", op. cit.
39. Citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 192.
40. Ibid.
41. Ibid.
42. Ibid.
43. Ibid.
44. Bretz, citado em Victor R. Baker, "The Spokane Flood Controversy", op. cit., pp. 1252-3.
45. Bretz, citado em ibid., pp. 1252-3.
46. Victor R. Baker, ibid., p. 1253.
47. Bretz, escrevendo no *Bulletin of the Geological Society of America*, nº 39, 1928, p. 643, citado em Victor R. Baker, "The Spokane Flood Debates: Historical Background and Philosophical Perspective", Geological Society, London, Special Publications 2008, Vol. 301, p. 47.
48. Bretz et al escrevendo no *Bulletin of the Geological Society of America*, 67, 957, 1956, citado em Victor R. Baker, "The Spokane Flood Controversy", op. cit., p. 1249.
49. J Harlen Bretz, "The Spokane Flood beyond the Channeled Scablands, II", *The Journal of Geology*, Vol. 33, No. 3, abril-maio, 1925, p. 259.
50. Bretz, "Outline for a Presentation before the Geological Society of Washington", janeiro de 1927, p. 5, citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood*, op. cit, p. 185.
51. John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 206.
52. Lake Missoula and the Spokane flood [abstracts], *Bulletin of the Geological Society of America*, 1 March 1930, Vol. 41, No. 1, pp. 92-3, citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 185.
53. *The Grand Coulee*, de J Harlen Bretz**,** Nova York, American Geographical Society, 1932, citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 210.

54. Citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 222.
55. Ibid., pp. 222-3.
56. Bretz, "Washington's Channeled Scabland", p. 53, citado em John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 227.
57. John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 229.
58. Stephen Jay Gould, "The Great Scablands Debate", op. cit., p. 229.
59. John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., p. 231.
60. http://en.wikipedia.org/wiki/J_Harlen_Bretz.
61. J Harlen Bretz, "The Lake Missoula Floods and the Channeled Scabland", *The Journal of Geology*, Vol. 77, No. 5, setembro de 1969, pp. 510-11.
62. Victor R. Baker, "The Spokane Flood Debates", op. cit., p. 46.
63. J Harlen Bretz, "The Channeled Scablands of the Columbia Plateau", op. cit., p. 649.
64. J Harlen Bretz, "Presentation of the Penrose Medal to J Harlen Bretz: Response, *Bulletin of the Geological Society of America*, Part II, 91, 1095, citado em Victor R. Baker, "The Spokane Flood Debates", op. cit., p. 48.
65. Veja, por exemplo, a discussão em James E. O'Connor, David A. Johnson et al, "Beyond the Channeled Scabland", *Oregon Geology*, Vol. 57, No. 3, maio de 1995, pp. 51-60. See also Gerardo Benito and James E. O'Connor, "Number and Size of Last-Glacial Missoula floods in the Columbia River Valley," *Bulletin of the Geological Society of America*, 115, 2003, pp. 624–38; Richard B. Waitt Jr., "About Forty Last-Glacial Lake Missoula Jökulhlaups through Southern Washington," *The Journal of Geology*, Vol. 88, No. 6, November 1980, pp. 653–79; E.P. Kiver and D.F. Stradling, "Comments on Periodic Jökulhlaups from Pleistocene Lake Missoula," Letter to the Editor, *Quaternary Research* 24, 1985, pp. 354–6; John J. Clague et al, "Palaeomagnetic and tephra evidence for tens of Missoula floods in Southern Washington," *Geology*, 31, 2003, pp. 247–50; Richard B. Waitt Jr.,
"Case for periodic colossal jökulhlaups from Pleistocene Glacial Lake Missoula", *Bulletin of the Geological Society of America*, Vol. 96, outubro de 1985, pp. 121-128; Keenan Lee, *The Missoula Flood,* Departamento de Geologia e Engenharia Geológica da Escola de Minas, Golden, Colorado, 2009.
66. Vic Baker, em uma entrevista com John Soennichsen, *Bretz's Flood* , op. cit., pp. 251-2.
67. David Alt, *Glacial Lake Missoula and its Humongous Floods*, op. cit., p. 25.
68. Thomas J. Crowley e Gerald R. North, *Palaeoclimatology*, Oxford University Press, 1991, p. 62.
69. Lawrence Guy Strauss et al, *Humans at the End of the Ice Age*, Plenum Press, Nova York e Londres, 1996, pp. 66 e 86. O Younger Dryas é explicitamente um termo para uma fase fria europeia, embora a fase em si tenha sido global. A mesma fase é, portanto, às vezes referida por nomes diferentes em outros lugares; mas também é um termo genérico e é usado como tal aqui.
70. Crowley e North, *Paleoclimatology*, op. cit., p. 63.
71. Adams e Otte indicam a data de início do período frio do Younger Dryas como 12.800 e o final como 11.400 anos civis atrás, *Current Anthropology* , 1999, vol. 40, pp. 73-7, veja 73.
72. Strauss et al, *Humans at the End of the Ice Age*, op. cit., p. 86.
73. Graham Hancock, *Underworld: Flooded Kingdoms of the Ice Age*, Penguin, Londres, 2002, pp. 194-5.

Capítulo 4

1. Veja, por exemplo, US Geological Survey, "Columbia River Basalt Stratigraphy in the Pacific North West": http://or.water.usgs.gov/projs_dir/crbg/ .
2. J Harlen Bretz, "The Channeled Scablands of the Columbia Plateau", *The Journal of Geology,* Vol. 31 No. 8, op. cit., pp. 637-8.
3. Ibid., p. 622.
4. Randall Carlson: My Journey to Catastrophism, www.sacredgeometryinternational.com/journey-catastrophism.
5. Ibid.
6. Todas as citações subsequentes de Randall Carlson neste capítulo são das entrevistas que realizei com ele em nossa viagem de pesquisa em setembro e outubro de 2014.
7. Esses números são confirmados pelo New York State Geological Survey. Consulte: http://www.nysm.nysed.gov/nysgs/experience/sites/niagara/ .
8. Ella E. Clark, *Indian Legends of the Pacific Northwest*, University of California Press, Berkeley, 2003, p. 71.
9. http://en.wikipedia.org/wiki/Lake_Chelan.
10. Consulte Eric Cheney, *Floods, Flows, Faults, Glaciers, Gold and Gneisses, From Quincy to Chelan to Wenatchee,* Northwest Geological Society, Fieldtrip Guidebook No. 24, 13-14 de junho de 2009, p. 18. (http://www.nwgs.org/field_trip_guides/floods,_flows_faults.pdf). "Observe o enorme errático do CRBG n a encosta acima de uma casa." CRBG é uma abreviação de The Columbia River Basalt Group, uma sequência espessa de basalto de inundação do Mioceno que cobriu o norte do Oregon, o leste de Washington e o oeste de Idaho entre 17 e 6 milhões de anos atrás (http://or.water.usgs.gov/projs_dir/crbg/).
11. http://www.wvc.edu/directory/departments/earthsciences/2014NAGT-PNWFieldTrips.pdf .
12. A cifra de 1.200 pés de Randall é confirmada em David K. Norman e Jaretta M. Roloff, "A Self-Guided Tour of the Geology of the Columbia River Gorge", Washington Division of Geology and Earth Resources, Open File Report 2004-7, março de 2004, p. 3: "A crista da enchente em Wallula Gap, no rio Columbia, na fronteira entre Washington e Oregon, foi de cerca de 365 m (1.200 pés), conforme evidenciado pelos erráticos glaciais que ficaram retidos na encosta. A água desceu pela garganta do Columbia e alargou o vale, limpando todo o solo e o tálus até a elevação de 300 m (1.000 pés) até The Dalles, Oregon. Quando chegou a Crown Point, a superfície da última enchente havia caído para uma elevação de cerca de 180 m (600 pés)."
13. Veja a discussão em Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, op. cit., p. 46 e seguintes.

Capítulo 5

1. Keenan Lee, "Catastrophic Flood Features at Camas Prairie, Montana", Departamento de Geologia e Engenharia Geológica, Colorado School of Mines, Golden, Colorado, 2009, pp. 4 e 5.
2. Ibid., p. 5.
3. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP", *The Journal of Geology*, Vol. 122, No. 5 (setembro de 2014), pp. 475-505.
4. Consulte, por exemplo, http://phys.org/news/2014-08-year-old-nanodiamonds-multiple-continents.html, e "Wittke et al, Nanodiamonds and Carbon Spherules from Tunguska, the K/T Boundary, and the Younger Dryas Boundary Layer", trabalho apresentado na American Geophysical Union, Fall Meeting, 2009 (http://adsabs.harvard.edu/abs/2009AGUFMPP31D1392W).
5. Heather Pringle, *New Scientist*, 22 de maio de 2007: http://www.newscientist.com/article/dn11909-did-a-comet-wipe-out-prehistoric-americans.html#.VJqZ88AgA.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. Ibid.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. R.B. Firestone, A. West, J.P. Kennett et al, "Evidence for an extraterrestrial impact 12,900 years ago that contributed to the megafaunal extinctions and the Younger Dryas cooling", *PNAS*, Vol. 104, No. 41, 9 de outubro de 2007, p. 16016.
12. Ibid., p. 16016.
13. Ibid., p. 16020.
14. O paralelo é o cometa Shoemaker-Levy 9, que se dividiu em vários fragmentos que atingiram o planeta Júpiter com um efeito espetacular em 1994.
15. R.B. Firestone, A. West, J.P. Kennett, et al, "Evidence for an extraterrestrial impact 12,900 years ago that contributed to the megafaunal extinctions and the Younger Dryas cooling", op. cit., p. 16020.
16. Ibid., p. 16020.
17. Ibid.
18. Ibid.
19. Ibid., p. 16020-1.
20. Ibid., p. 16021.
21. Ibid., p. 16020.
22. http://en.wikipedia.org/wiki/Tsar_Bomba.
23. http://www.edwardmuller.com/right17.htm.
24. D.J. Kennett, J.P. Kennett, G.J. West, J.M. Erlandson et al, em *Quaternary Science Reviews*, Vol. 27, Issues 27-28, dezembro de 2008, pp. 2530-45.
25. Douglas J. Kennett, James P. Kennett, Allen West, James H. Wittke, Wendy S. Wolback et al, em *PNAS*, 4 de agosto de 2009, Vol. 106, No. 31, pp. 12623-8.
26. Andrei Kurbatov, Paul A. Mayewski, Jorgen P. Steffenson et al, em *Journal of Glaciology*, Vol. 56, No. 199, 2010, pp. 749-59.
27. W.M. Napier em *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society* , Vol. 405, Issue 3, 1 de julho de 2010, pp. 1901-6. O artigo completo pode ser lido on-line aqui: http://mnras.oxfordjournals.org/content/405/3/1901.full.pdf+html?sid=19fd6cae-61a0-45bd-827b-9f4eb877fd39, e baixado como pdf aqui: http://arxiv.org/pdf/1003:0744.pdf.
28. William C. Mahaney, David Krinsley, Volli Kalm em *Sedimentary Geology* 231 (2010), pp. 31-40.
29. Mostafa Fayek, Lawrence M. Anovitz et al, em *Earth and Planetary Science Letters* 319-20, aceito em 22 de novembro de 2011, disponível on-line em 21 de janeiro de 2012, pp. 251-8.
30. Isabel Israde-Alcantara, James L. Bischoff, Gabriela Dominguez-Vasquez et al, em *PNAS*, 27 de março de 2012, Vol. 109, No. 13, pp. E738-47.
31. Ted E. Bunch, Robert E. Hermes, Andrew T. Moore et al, em *PNAS*, junho de 2012, Vol. 109, No. 28, pp. E1903-12.
32. Michail I. Petaev, Shichun Huang, Stein B. Jacobsen e Alan Zindler, em *PNAS*, 6 de agosto de 2013, Vol. 110, No. 32, pp. 12917-20.
33. William C. Mahaney, Leslie Keiser, David Krinsley et al, em *The Journal of Geology*, Vol. 121, No. 4 (julho de 2013), pp. 309-25.
34. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP", op. cit., p. 475.
35. Boslough, Daulton, Pinter et al, "Arguments and Evidence against a Younger Dryas Impact Event", *Climates, Landscapes and Civilizations*, Geophysical Monograph Series 198, American Geophysical Union, 2012, p. 21.
36. Nicholas Pinter, Andrew Scott, Tyrone Daulton et al, "The Younger Dryas Impact Hypothesis: A Requiem", *Earth-Science Reviews*, Vol. 106, Issues 3-4, June 2011, pp. 247-64.
37. Boslough, Daulton, Pinter et al, "Arguments and Evidence against a Younger Dryas Impact Event", p. 21.
38. James H. Wittke, James P. Kennett, Allen West, Richard Firestone et al, "Evidence for Deposition of 10 million tons of impact spherules across four continents 12,800 years ago", *PNAS*, 4 de junho de 2013, p. 2089.
39. Ibid., p. 2089.
40. Malcolm A. Le Compte, Albert C. Goodyear et al, "Independent Evaluation of Conflicting Microspherule Results from Different Investigations of the Younger Dryas Impact Hypothesis," *PNAS*, 30 de outubro de 2012, Vol. 109, No. 44, pp. E2960-9.
41. Ibid., pp. E2960 e E2969.
42. James H. Wittke, James P. Kennett, Allen West, Richard Firestone et al, "Evidence for Deposition of 10 million tons of impact spherules across four continents 12,800 years ago", op. cit., p. 2089.
43. Ibid., p. 2089.
44. Ibid., p. 2088-9.
45. Ibid., p. 2096.
46. Ibid.
47. Citado em Robert Kunzig, "Did a Comet Really Kill the Mammoths 12,900 years ago?" *National Geographic*, 10 de setembro de 2013 (http://news.nationalgeographic.com/news/2013/09/130910-comet-impact-mammoths-climate-younger-dryas-quebec-science/).
48. Ibid.
49. Ibid.
50. Cosmic Tusk, "In desperate hole, Pinter grabs a shovel" []: http://cosmictusk.com/nicholas-pinter-southern-illinois/comment-page-2/.Em um buraco desesperado, Pinter pega uma pá
51. P. Thy, G. Willcox, G.H. Barfod, D.Q. Fuller, "Anthropogenic origin of siliceous scoria droplets from Pleistocene and Holocene archaeological sites in

norte da Síria", *Journal of Archaeological Science*, 54 (2015), pp. 193-209.

52. Ibid., p. 193.
53. "Study casts doubt on Mammoth-Killing Cosmic Impact", *UC Davis News and Information*, 6 de janeiro de 2015: http://news.ucdavis.edu/search/news_detail.lasso?id=11117 .
54. Correspondência pessoal entre Graham Hancock e Allen West. E-mail de West para Hancock datado de 18 de março de 2015.
55. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP", op. cit.
56. Ibid. Veja em particular as pp. 477-8.
57. Citado em Robert Kunzig, "Did a Comet Really Kill the Mammoths 12,900 years ago?", *National Geographic*, 10 de setembro de 2013, op. cit.
58. Por exemplo, veja Mark Boslough et al, "Faulty Protocols Yield Contaminated Samples, Unconfirmed Results", *PNAS*, Vol. 110, No. 18, 30 de abril de 2013, e a resposta na mesma edição de Malcolm A. LeCompte et al, "Reply to Boslough: Prior studies validating research are ignored". Consulte também Annelies van Hoesel et al, "Cosmic Impact or natural fires at the Allerod-Younger Dryas Bounday: A Matter of Dating and Calibration", *PNAS*, Vol. 110, No. 41, 8 de outubro de 2013, e a resposta na mesma edição de James H. Wittke et al, "Reply to van Hoesel et al: Impact related Younger Dryas Boundary Nanodiamonds from The Netherlands". Consulte também David L. Meltzer et al, "Chronological evidence fails to support claim on an isochronous widespread layer of cosmic impact indicators dated to 12,800 years ago", em *PNAS*, 12 de maio de 2014. Fui informado por Allen West (e-mail de Allen West para Graham Hancock, datado de 18 de março de 2015) que um artigo de resposta a Meltzer et al está sendo preparado por 27 coautores, é provisoriamente intitulado "Bayesian chronological analyses consistent with synchronous age of 12,820-12,740 cal BP for Younger Dryas Boundary on Four Continents" e será
enviado em breve. No mesmo e-mail, West observa que há um ponto a acrescentar sobre a datação que já foi publicado (em 18 de março de 2015): "Na camada YDB, encontramos indicadores de alta temperatura, incluindo nanodiamantes, um de um grupo de indicadores que são encontrados em *todos os* eventos de impacto. A evidência é generalizada - nossos locais de YDB se estendem por mais de uma dúzia de países em quatro continentes (América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia). Em dois artigos, Wittke et al. e Kinzie et al. relataram cerca de uma dúzia de datas de radiocarbono de alta resolução, com uma média de 12.800 ± 100 anos civis atrás para a camada YDB. Isso significa q u e , estatisticamente, a camada YDB em todos esses locais *poderia* ter sido depositada no mesmo dia - isso não prova que foi, mas mostra que é possível. No entanto, embora essas datas estivessem *diretamente n a* camada YDB e fossem estatisticamente idênticas, Meltzer et al as rejeitaram por não serem a mesma data. mesmo. Essa rejeição é simplesmente indefensável".
59. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents" (Camada rica em nanodiamantes em três continentes), op. cit., p. 501.
60. Citado por Jim Barlow-Oregon, em "Did Exploding Comet Leave Trail of Nanodiamonds?" *Futurity: Research News from Top Universities* : http://www.futurity.org/comet-nanodiamonds-climate-change-755662/ . Consulte também Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP", op. cit., p. 476.
61. Citado em Julie Cohen, "Nanodiamonds Are Forever: A UCSB professor's research examines 13,000-year-old nanodiamonds from multiple locations across three continents," *The Current* , UC Santa Barbara, 28 August 2014 (http://www.news.ucsb.edu/2014/014368/nanodiamonds-are-forever).
62. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP", op. cit., pp. 498-9.
63. Citado em Julie Cohen, "Nanodiamonds Are Forever: A pesquisa de um professor da UCSB examina nanodiamantes de 13.000 anos de idade em vários locais de três continentes", op. cit., pp. 98-9.
64. Ibid.

Capítulo 6

1. Troy Holcombe, John Warren et al, "Small Rimmed Depression in Lake Ontario: An Impact Crater?", *Journal of the Great Lakes Research* , 27 (4), 2001, pp. 510-17. 510-17.
2. Ian Spooner, George Stevens et al, "Identification of the Bloody Creek Structure, a possible impact crater in southwestern Nova Scotia, Canada" (Identificação da estrutura de Bloody Creek, uma possível cratera de impacto no sudoeste da Nova Escócia, Canadá). *Meteoritics and Planetary Science* 44, No. 8 (2009), pp. 1193-1202.
3. http://en.wikipedia.org/wiki/Corossol_crater.
4. Higgins M.D., Lajeunesse P. et al, "Bathymetric and Petrological Evidence for a Young (Pleistocene?) 4-km Diameter Impact Crater in the Gulf of Saint Lawrence, Canada," 42nd Lunar and Planetary Science Conference, realizada de 7 a 11 de março de 2011 em The Woodlands, Texas. Contribuição LPI No. 1608, p. 1504.
5. Charles R. Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent with Major Cosmic Impact at 12,800 Cal BP," *The Journal of Geology*, Vol. 122, No. 5 (setembro de 2014), op. cit., p. 475.
6. Yingzhe Wu, Mukul Sharma et al, "Origin and provenance of spherules and magnetic grains at the Younger Dryas boundary," *PNAS*, 17 de setembro de 2013, p. E3557. Disponível para leitura on-line aqui: http://www.pnas.org/content/110/38/E3557.full.pdf+html .
7. Mukul Sharma citado em Becky Oskin, "Did ancient Earth-chilling meteor crash near Canada?" http://www.livescience.com/39362-younger-dryas- ,meteor-quebec.html.
8. Veja, por exemplo, W.C. Mahaney, V. Kalm et al, "Evidence from the Northwestern Venezuelan Andes for extraterrestrial impact: The Black Mat Enigma", *Geomorphology* 116 (2010), p. 54.
9. John Shaw, Mandy Munro-Stasiuk et al, "The Channeled Scabland: Back to Bretz", *Geology*, julho de 1999, Vol. 27, No. 7, pp. 605-8. Por exemplo, p. 605: "Apresentamos evidências que sugerem que apenas uma grande inundação no final do Wisconsin está registrada no registro sedimentar e que a sedimentação na bacia do bacia do Lago Glacial Missoula foi independente da sedimentação na sarna canalizada". Para mais discussões e elaboração das implicações do trabalho do professor Shaw e das principais evidências que ele apresenta, consulte Graham Hancock, *Underworld*, op. cit., Capítulo Três.
10. G. Komatsu, H. Miyamoto et al, "The Channeled Scabland: Back to Bretz?": Comment and Reply, *Geology*, June 2000, Vol. 28, pp. 573-4.
11. Jim E. O'Connor e Victor R. Baker, "Magnitudes and implications of peak discharges from Glacial Lake Missoula", *Bulletin of the Geological Society of America*, 1992, 104, No. 3, p. 278.
12. US Geological Survey, "The Channeled Scablands of Eastern Washington", seção sobre o Lago Missoula: http://www.cr.nps.gov/history/online_books/geology/publications/inf/72-2/sec3.htm.
13. C. Warren Hunt, "Inundation Topography of the Columbia River System", *Bulletin of Canadian Petroleum Geology*, Vol. 25, No. 3, p. 472.
14. Consulte Fiona Tweed, Andrew Russell, "Controls on the formation and sudden drainage of glacier-impounded lakes: implications for jökulhlaup characteristics", *Progress in Physical Geography*, março de 1999, Vol. 23, No. 1, p. 91. Reservas sobre a integridade de uma represa de gelo com mais de 3.000 quilômetros de comprimento e sete quilômetros de altura também são expressas pelo geólogo consultor de engenharia Peter James em "The Massive Missoula Floods: An Alternative Rationale", *New Concepts in Global Tectonics Newsletter,* No. 48, setembro de 2008, pp. 5-23.
15. C. Warren Hunt, "Inundation Topography of the Columbia River System", *Bulletin of Canadian Petroleum Geology*, op. cit., p. 468 e p. 472.
16. Ibid., p. 473.
17. Ibid.
18. Ibid., e veja também C. Warren Hunt, "Catastrophic Termination of the Last Wisconsin Ice Advance: Observations in Alberta and Idaho", *Bulletin of Canadian Petroleum Geology*, Vol. 25, No. 3, pp. 456-67. Peter James, em "The Massive Missoula Floods", op. cit., também invoca incursões maciças de água do mar, em seu caso ligadas a uma suposta errância polar. Veja, por exemplo, a p. 17.
19. C. Warren Hunt, *Environment of Violence: Readings of Cataclysm Cast in Stone* , Polar Publishing, Alberta, 1990, p. 137.
20. Ibid., pp. 118-19.
21. Ibid., p. 119.
22. Ibid.
23. Ibid.
24. Ibid., pp. 119-20.
25. Ibid., p. 120.
26. Firestone, West, Kennett et al, "Evidence for an Extraterrestrial Impact 12,900 years ago that contributed to the megafaunal extinctions and the Younger Dryas Cooling", op. cit., p. 16020.
27. Henry T. Mullins e Edward T. Hinchley, "Erosion and Infill of New York Finger Lakes: Implications for Laurentide Ice Sheet Deglaciation", *Geology*, Vol. 17, Issue 7, July 1989, pp. 622-5.
28. Julian B. Murton, Mark D. Bateman et al, "Identification of Younger Dryas outburst flood path from Lake Agassiz to the Arctic Ocean", *Nature* 464 (7289), abril de 2010, p. 740.
29. Alan Condron e Peter Winsor, "Meltwater Routing and the Younger Dryas," *PNAS*, 4 de dezembro de 2012, Vol. 109, No. 49, p. 19930.
30. James T. Teller, "Importance of Freshwater Injections into the Arctic Ocean in triggering the Younger Dryas Cooling", *PNAS*, Vol. 109, No. 49, 4 de dezembro de 2012, p. 19880. Consulte também Claude Hillaire-Marcel, Jenny Maccali et al, "Geochemical and isotopic tracers of Arctic sea ice sources and export with special attention to the Younger Dryas interval", *Quaternary Science Reviews* (2013), p. 6.
31. S.J. Fiedel, "The mysterious onset of the Younger Dryas", *Quaternary International* 242 (2011), p. 263.
32. Andreas Schmittner, John C.H. Chiang e Sydney R. Hemming, "Introduction: The Ocean's Meridional Overturning Circulation", em Andreas Schmittner et al, *Ocean Circulation: Mechanisms and Impacts-Past and Future Changes of Meridional Overturning* , Geophysical Monograph Series 173, 2007, p. 1 (publicado on-line em 19 de março de 2013).
33. Ibid.
34. S.J. Fiedel, "The mysterious onset of the Younger Dryas", op. cit., p. 264.
35. R.B. Firestone, A. West, Z. Revay et al, "Analysis of the Younger Dryas Impact Layer", *Journal of Siberian Federal University, Engineering and Technologies*, Vol. 3 (1), 2010, pp. 30-62 (página 23 do pdf: http://www.osti.gov/scitech/servlets/purl/1023385/).
36. Ibid.
37. J. Tyler Faith e Todd A. Surovell, "Synchronous extinction of North America's Pleistocene mammals", *PNAS*, Vol. 106, No. 49, 8 de dezembro de 2009, p. 20641. As datas da última aparição de 16n dos 35 gêneros caem seguramente entre 13.800 e 11.400 anos atrás, ou seja, agrupadas muito perto d o Younger Dryas. "A análise da cronologia das extinções sugere que o erro de amostragem pode explicar a ausência de datas de última aparição no Pleistoceno terminal para os dezenove gêneros restantes." Em outras palavras, a extinção dos mamíferos do Pleistoceno norte-americano é "um evento sincrônico".

38. Ibid., p. 20641.
39. S.J. Fiedel, "The mysterious onset of the Younger Dryas", op. cit., p. 264.
40. D.G. Anderson, A.C. Goodyear, J. Kennett, A. West, "Multiple Lines of Evidence for a possible Human Population Decline during the Early Younger Dryas", *Quaternary International*, Vol. 242, Issue 2, 15 de outubro de 2011, pp. 570-83.
41. Sanjeev Gupta, Jenny S. Collier, Andy Palmer-Felgate, Graham Potter, "Catastrophic Flooding Origin of the Shelf Valley Systems in the English Channel". *Nature* , Vol. 448, 19 de julho de 2007, pp. 342-5.
42. Don J. Easterbrook, John Gosse et al, "Evidence for Synchronous Global Climatic Events: Cosmogenic Exposure Ages of Glaciations", em Don Easterbrook, *Evidence-Based Climatic Science*, Elsevier, agosto de 2011, Capítulo 2, p. 54.
43. Para uma discussão mais aprofundada sobre essas possibilidades, consulte W.C. Mahaney, V. Kalm et al, "Evidence from the Northwestern Venezuelan Andes for extraterrestrial impact", op. cit, p. 54, e William C. Mahaney, Leslie Keiser et al, "New Evidence from a Black Mat site in the Northern Andes Supporting a Cosmic Impact 12,800 Years Ago", *The Journal of Geology*, Vol. 121, No. 4 (July 2013) p. 317.
44. Veja, em particular, Sir Fred Hoyle, *The Origin of the Universe and the Origin of Religion*, Moyer Bell, Wakefield Rhode Island e Londres, 1993, pp. 28-9. Veja também Fred Hoyle e Chandra Wickramsinghe, *Life on Mars? The Case for a Cosmic Heritage?*, Clinical Press Ltd., Bristol, 1997, pp. 176-7.
45. Sir Fred Hoyle, *The Origin of the Universe and the Origin of Religion* (*A origem do universo e a origem da religião*), op. cit., p. 29.
46. Jeffrey P. Severinghaus et al, "Timing of abrupt climate change at the end of the Younger Dryas interval from thermally fractionated gases in polar ice", *Nature*, Vol. 391, 8 de janeiro de 1998, p. 141.
47. W. Dansgaard et al, "The Abrupt Termination of the Younger Dryas Event", *Nature* , Vol. 339, 15 de junho de 1989, p. 532.
48. Oliver Blarquez et al, "Trees in the subalpine belt since 11,700 cal BP, origin, expansion and alteration of the modern forest," *The Holocene* (2009), p. 143.
49. Paul E. Carrara et al, "Deglaciation of the Mountainous Region of Northwestern Montana, USA, as Indicated by Late Pleistocene Ashes," *Arctic and Alpine Research* , Vol. 18, No. 3, 1986, p. 317.
50. Sir Walter Scott (Ed. e Trans.), *Hermetica: The Ancient Greek and Latin writings which contain Religious of Philosophic Teachings Ascribed to Hermes Trismegistus*, Shambhala, Boston 1993, *Asclepius III*, pp. 345-7.

Capítulo 7

1. O falecido professor Cesar Emiliani, da Universidade de Miami, ganhador da Medalha Vega da Suécia e da Medalha Agassiz da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos, cujos estudos se concentraram extensivamente no aumento do nível do mar, de fato, definiu um número: "Como resultado da inundação que formou o Scabland, o nível do mar subiu muito rapidamente de 100 metros negativos para 80 metros negativos. Há 12.000 anos, mais de cinquenta por cento do gelo havia retornado ao oceano e o nível do mar havia subido para 60 metros negativos." As referências a 100 metros negativos, 80 metros negativos e 60 metros negativos são em comparação com o nível do mar atual. Portanto, antes do dilúvio que formou o Scabland do Planalto de Colúmbia, o nível do mar era 100 metros mais baixo do que é hoje e, após o dilúvio, era 60 metros mais baixo do que é hoje, ou seja, um aumento impressionante de 40 metros ou 131 pés. Consulte Cesare Emiliani, *Planet Earth: Cosmology, Geology and the Evolution of Life and Environment* , Cambridge University Press, 1995, p. 543.
2. Ted E. Bunch, Richard B. Firestone, Allen West, James P. Kennett et al, "Very high temperature impact melt products as evidence for cosmic airbursts and impacts 12,900 years ago", *PNAS*, junho de 2012, Vol. 109, No. 28, op. cit., pp. E1903, 1909-10 e 1912. Consulte também Kinzie et al, "Nanodiamond-Rich Layer across Three Continents Consistent With Major Cosmic Impact 12,800 years ago", *The Journal of Geology*, Vol. 122, No. 5 (setembro de 2014) op. cit., p. 476 e Apêndice B "Site descriptions and dating".
3. Ted E. Bunch, Richard B. Firestone, Allen West, James P. Kennett et al, "Very high temperature impact melt products", op. cit., p. E1912.
4. *Encyclopedia Iranica*, "Zoroaster ii. Pesquisa geral" http://www.iranicaonline.org/articles/zoroaster-ii-general-survey ,.
5. Ibid.
6. Ibid.
7. Ibid.
8. R.C. Zaehner, *The Dawn and Twilight of Zoroastrianism* , Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1961, por exemplo, veja a página 135: "Toda a história da idade de ouro de Yima, sua escavação do Vara, ou retiro subterrâneo, e seu ressurgimento para repovoar a terra (o último episódio ocorre apenas nos livros Pahlavi) deve pertencer a um estrato muito antigo do folclore iraniano totalmente intocado pelos ensinamentos de Zoroastro".
9. J. Darmetester e H.L. Mills, Trans., F. Max Muller, Ed., *The Zend Avesta*, edição reimpressa pela Atlantic Publishers and Distributors, Nova Délhi, 1990, Parte I, p. 5.
10. Ibid., p. 11.
11. Ibid.
12. Ibid., p. 13.
13. Ibid.
14. Relatado por Frank Brown e John Fleagle na *Nature*, 17 de fevereiro de 2005. E veja *Scientific American*, 17 de fevereiro de 2005, http://www.scientificamerican.com/article/fossil-reanalysis-pushes/ .
15. Uma era de ouro na qual "os campos teriam muita grama para o gado: agora, com enchentes que correm, com neves que derretem, parecerá uma terra feliz no mundo..." J. Darmetester e H.L. Mills, Trans., F. Max Muller, Ed., *The Zend Avesta* , op. cit., p. 16. Veja também a seguinte passagem do Yasna, citada em R.C. Zaehner, *The Dawn and Twilight of Zoroastrianism* , op. cit., pp. 92-3: "O rei Yima, de bons pastos, o mais glorioso de todos os homens nascidos na terra, como o sol a ser contemplado entre os homens, pois durante seu reinado ele tornou animais e homens imperecíveis, fez com que as águas e as plantas nunca secassem e que houvesse um estoque inesgotável de alimentos para comer. No reinado de Yima, o valente, não havia calor nem frio, nem velhice, nem morte, nem doença..." "O reinado dourado de Yima, no qual todos os homens eram imortais e desfrutavam de juventude perpétua, durou mil anos."
16. J. Darmetester e H.L. Mills, Trans., F. Max Muller, Ed., *The Zend Avesta*, op. cit., pp. 15-18.
17. E.W. West, Trans., F. Max Muller, Ed., *Pahlavi Texts*, Part I, Reprint Edition, Atlantic Publishers and Distributors, Nova Delhi, 1990, p. 17.
18. J. Darmetester e H.L. Mills, Trans., F. Max Muller, Ed., *The Zend Avesta*, op. cit., p. 5.
19. Citado em Lokmanya Bal Gangadhar Tilak, *The Arctic Home in the Vedas,* edição reimpressa pela Arktos Media, 2011, p. 254.
20. E.W. West, Trans., F. Max Muller, Ed., *Pahlavi Texts*, op. cit., p. 17, nota 5.
21. J. Darmetester e H.L. Mills, trad., F. Max Muller, ed., *The Zend Avesta*, op. cit., p. 18.
22. Ibid.
23. Ibid., p. 20. Veja também a edição americana (1898) da tradução de Darmetester da Vendidad, reimpressa em 1995, editada por Joseph H. Peterson, p. 14, nota 87.
24. R.C. Zaehner, *The Dawn and Twilight of Zoroastrianism*, op. cit., p. 135.
25. J. Darmetester e H.L. Mills, Trans., F. Max Muller, Ed., *The Zend Avesta* , op. cit., p. 17.
26. Ibid.
27. Ibid., p. 20.
28. Ibid., nota 5.
29. Ibid., nota 4.
30. *Encyclopedia Iranica*, op. cit., p. 17. "Jamshid i" (http://www.iranicaonline.org/articles/jamsid-i) e "Jamshid ii" (http://www.iranicaonline.org/articles/jamsid-ii).
31. E.W. West, Trans., F. Max Muller, Ed., *Pahlavi Texts*, op. cit., p. 26.
32. Delia Goetz, Sylvanus G. Morley, Adrian Reconis, trad., *Popol Vuh: The Sacred Book of the Ancient Quiche Maya*, University of Oklahoma Press, 1991, p. 178.
33. Ibid., p. 93.
34. John Bierhorst, *The Mythology of Mexico and Central America*, Quill/William Morrow, Nova York, 1990, p. 41.
35. J. Eric Thompson, *Maya History and Religion*, University of Oklahoma Press, 1990, p. 333.
36. Gênesis 6: 19-20.
37. Gênesis 6: 16.
38. Louis Ginzberg, *The Legends of the Jews*, The Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1988, Vol. I, p. 162.
39. Ibid.
40. Omer Demir, *Cappadocia: Cradle of History*, 12ª Edição Revisada, p. 70.
41. http://en.wikipedia.org/wiki/Derinkuyu_%28underground_city%29.
42. Hurriyet Daily News, 28 de dezembro de 2014 (http://www.hurriyetdailynews.com/massive-ancient-underground-city-discovered-in-turkeys-nevsehir-aspx?PageID=238&NID=76196&NewsCatID=375), *The Independent*, 31 de dezembro de 2014 (http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/vast-5000- yearold-underground-city-discovered-in-turkeys-cappadocia-region-9951911.html).
43. Por exemplo, veja o relatório no *The Independent*, 31 de dezembro de 2014, op. cit.
44. Turkey, Lonely Planet, 2013, p. 478.

45. http://en.wikipedia.org/wiki/Derinkuyu_%28underground_city%29.
46. Omer Demir, *Cappadocia: Cradle of History*, 9ª Edição Revisada, p. 61.
47. Por exemplo, na época proto-hitita, até 2.000 anos antes. Consulte Omer Demir, op. cit., p. 70.
48. Ibid., p. 60.
49. Ibid.
50. Ibid., p. 59.
51. Ibid., p. 61.
52. R.C. Zaehner, *The Dawn and Twilight of Zoroastrianism*, op. cit., p. 135.

Capítulo 8

1. Gênesis 6: 7.
2. Gênesis 6: 8-21.
3. Gênesis 6: 19-20.
4. Gênesis 8: 3.
5. Gênesis 8: 4.
6. Gênesis 8: 13-17.
7. Gênesis 8: 20-1.
8. Gênesis 9: 1-7.
9. Por exemplo, veja Jeremias 51: 27; também Isaías 37: 38; 2 Reis 19: 37.
10. Armen Asher e Teryl Minasian Asher, *The Peoples of Ararat*, Booksurge, 2009, p. 241.
11. Charles Burney e David Marshall Lang, *The Peoples of the Hills: Ancient Ararat and the Caucasus*, Phoenix Press, Londres, 1971, p. 127. Veja também Amelie Kurht, *The Ancient Near East*, Routledge, Londres e Nova York, 1995, Vol. II, p. 550: "Arqueologicamente, o segundo milênio da região é algo em branco no momento."
12. Ibid., p.17.
13. Armen Asher e Teryl Minasian Asher, *The Peoples of Ararat*, op. cit.
14. Moses Khorenatsi, *History of the Armenians*, Caravan Books, Ann Arbor, 2006, pp. 72 e 82 e segs. Diz-se que Haik, também conhecido como Hayk, é filho de Torgomah [T'orgom], que era filho de Tiras [T'iras], que era filho de Gomer [Gamer], que era filho do filho de Noé, Japheth [Yapeth].
15. Arra S. Avakian e Ara John Movsesian, *Armenia: A Journey Through History*, The Electric Press, Califórnia, 1998-2008, p. 47. Veja também Armen Asher e Teryl Minasian Asher, *The Peoples of Ararat*, op. cit., p. 284-5.
16. http://www.armenian-genocide.org/genocidefaq.html.
17. https://www.youtube.com/watch?v=ahoFlLh2Y3E.
18. https://www.youtube.com/all_comments?v=ahoFlLh2Y3E.
19. A citação é de *Requiem for a Nun (Réquiem para uma freira*), de William Faulkner, 1951.
20. Essa foi a inundação que formou as sarças canalizadas do Planalto de Columbia. Cesare Emiliani, *Planet Earth: Cosmology, Geology and the Evolution of Life and Environment,* Cambridge University Press, 1995, p. 543, pesquisou a extensão do aumento do nível do mar envolvido: "Como resultado da inundação que formou o Scabland, o nível do mar subiu muito rapidamente de 100 metros negativos para 80 metros negativos. Há 12.000 anos, mais de cinquenta por cento do gelo havia retornado ao oceano e o nível do mar havia subido para 60 metros negativos." As referências a 100 metros negativos, 80 metros negativos e 60 metros negativos são em comparação com o nível do mar atual. Portanto, antes do dilúvio que formou as scablands, o nível do mar era 100 metros mais baixo do que é hoje e, depois do dilúvio, era 60 metros mais baixo do que é hoje, ou seja, um aumento impressionante de 40 metros ou 131 pés.
21. Cesare Emiliani é PhD pela Universidade de Chicago, onde foi pioneiro na análise isotópica de sedimentos de águas profundas como forma de estudar os climas passados da Terra. Em seguida, mudou-se para a Universidade de Miami, onde continuou seus estudos isotópicos e liderou várias expedições no mar. Ele recebeu a Medalha Vega da Suécia e a Medalha Agassiz da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos.
22. Emiliani, *Earth and Planetary Science Letters*, 41 (1978), p. 159, Elsevier Scientific Publishing Company, Amsterdã.
23. Por exemplo, veja Karl W. Luckert, *Stone Age Religion at Göbekli Tepe* , Triplehood, 2013, p. 101.
24. Joris Peters e Klaus Schmidt, "Animals in the symbolic world of Pre-Pottery Neolithic Göbekli Tepe, southeastern Turkey: a preliminary assessment", *Anthropozoologica* , 2004, 39 (1), pp. 204-5.
25. Karl W. Luckert, *Stone Age Religion at Göbekli Tepe* , op. cit., pp. 100-2.
26. Gênesis 9: 1.
27. Joris Peters e Klaus Schmidt, "Animals in the symbolic world of Pre-Pottery Neolithic Göbekli Tepe", op. cit., pp. 206-8.
28. Samuel Noah Kramer, *The Sumerians: Their History, Culture and Character* , The University Press of Chicago, 1963, p. 33.
29. http://www.penn.museum/collections/object/97591.
30. http://www.schoyencollection.com/literature-collection/sumerian-literature-collection/sumerian-flood-story-ms.-3026.
31. Samuel Noah Kramer, *History Begins at Sumer*, University of Pennsylvania Press, 1991, p. 148ff.
32. Kramer, *History Begins at Sumer*, op. cit., p. 148.
33. http://www.penn.museum/collections/object/97591.
34. http://www.schoyencollection.com/literature-collection/sumerian-literature-collection/sumerian-flood-story-ms.-3026.
35. Ibidem, e veja Irving Finkel, *The Ark Before Noah* , Hodder and Stoughton, Londres, 2014, p. 91.
36. Kramer, *History Begins at Sumer*, op. cit., p. 149.
37. Ibid., p. 149.
38. Ibid.; William Hallow, *Journal of Cuneiform Studies,* Vol. 23, 61, 1970.
39. Citado em Kramer, *History Begins at Sumer*, op. cit., pp. 149-51.
40. Ibid., p. 151.
41. Ibid.
42. http://www.schoyencollection.com/literature-collection/sumerian-literature-collection/sumerian-flood-story-ms.-3026. E, novamente, veja Irving Finkel, *The Ark Before Noah*, op. cit., p. 91.
43. Kramer, *History Begins at Sumer*, op. cit., p. 151.
44. Ibid., p. 152.
45. Ibid.
46. Ibid.
47. Ibid., pp. 152-3.
48. Ibid., p. 153.
49. Ibid., p. 148.
50. Ver discussão em Gerald P. Verbrugghe e John M. Wickersham (Eds.), *Berossos and Manetho* , University of Michigan Press, 1999, p. 15ff.
51. Benno Lansberger, "Three Essays on the Sumerians II: The Beginnings of Civilization in Mesopotamia", em Benno Lansberger, *Three Essays on the Sumerians*, Udena Publications, Los Angeles, p. 174; *Berossos and Manetho* , op. cit., pp. 17, 44; Stephanie Dalley, *Myths from Mesopotamia* , op. cit., pp. 182-3, 328; Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia*, British Museum Press, Londres, 1992, pp. 41, 82-83, 163-4.

52. *Berossos e Manetho* , op. cit., p. 43.
53. Ibid., p. 44.
54. George Smith, com A.H. Sayce, *The Chaldean Account of the Genesis*, Sampson Low, Londres, 1880, p. 33.
55. *Berossos e Manetho*, op. cit., pp. 26 e 34. Veja também George Smith, com A.H. Sayce, *The Chaldean Account of the Genesis*, op. cit., p. 32.
56. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers: A Comparative Study of the Antediluvian Wisdom in Mesopotamian and Jewish Traditions", *Journal of the Study of Pseudepigrapha*, Vol. 19.4 (2010), p. 285.
57. Ibid.
58. Ibid.
59. Ibid., por exemplo, pp. 282, 290, 297, 301, 306. Veja também Jonas C. Greenfield, "The Seven Pillars of Wisdom (Prov 9:1): A Mistranslation", *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 76, No. 1, Essays in Memory of Moshe Held (julho de 1985), p. 16.
60. Ibid., p. 281: "Muitos tipos de ciências e tecnologias mesopotâmicas foram ideologicamente concebidos como originários dos apkallus antediluvianos."
61. Erica Reiner, "The Etiological Myth of the Seven Sages", *Orientalia* NS 30 (1961), p. 10.
62. Jonas C. Greenfield, "The Seven Pillars of Wisdom" (Os Sete Pilares da Sabedoria), op. cit., p. 15.
63. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 289.
64. Jonas C. Greenfield, "The Seven Pillars of Wisdom" [Os Sete Pilares da Sabedoria], op. cit., p. 16.
65. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 289.
66. Ibid., p. 283; veja também: W.G. Lambert, "Ancestors, Authors and Canonicity", *Journal of Cuneiform Studies*, Vol. 11, No. 1, 1957, pp. 8-9: "A soma do conhecimento revelado foi dada de uma vez por todas pelos sábios antediluvianos".
67. Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia* (*Deuses, Demônios e Símbolos da Mesopotâmia*), op. cit., p. 46.
68. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 293.
69. Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia* (*Deuses, demônios e símbolos da Mesopotâmia*), op. cit., p. 46.
70. Ibid., p. 170.
71. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 293.
72. Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia* (*Deuses, demônios e símbolos da Mesopotâmia*), op. cit., p. 171.
73. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 293.
74. Anne Draffkorn Kilmer, "The Mesopotamian Counterparts of the Biblical Nepilim", em E.W. Conrad e E.G. Newing (Eds.), *Perspectives on Language and Text: Essays and Poems in Honor of Francis I. Andersen's Sixtieth Birthday, July 28, 1985* , Eisenbrauns, Winona Lake, IN, p. 41. Sobre Enki/Ea e o Abzu, veja Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia*, op. cit., pp. 75 e 27: "Antigamente acreditava-se que as fontes, poços, córregos, rios e lagos extraíam sua água e eram reabastecidos de um oceano de água doce que ficava sob a terra no abzu (apsu) ... O mar salgado, por outro lado, circundava a terra. O abzu era o reino particular e o lar do sábio deus Enki... Acreditava-se que Enki ocupava o abzu desde antes da criação da humanidade. De acordo com a Epopeia Babilônica da Criação, Apsu era o nome de uma criatura primordial, amante de Tiamat, e quando Ea matou Apsu, ele estabeleceu seu lar no corpo da criatura morta, cujo nome passou a ser transferido para a residência de Ea..."
75. Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia* (*Deuses, demônios e símbolos da Mesopotâmia*), op. cit., p. 75.
76. S. Denning-Bolle, cita em Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 314.
77. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 287.
78. Jeremy Black e Anthony Green (Eds.), *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia* (*Deuses, demônios e símbolos da Mesopotâmia*), op. cit., p. 76.
79. Ibid., pp. 76 e 75: veja também Gwendolyn Leick, *A Dictionary of Near Eastern Mythology*, Routledge, Londres e Nova York, 1998, pp. 4-6.
80. *The Epic of Gilgamesh*, Penguin Classics, Londres, 1988, p. 108.
81. Por exemplo, veja Jeremy Black e Anthony Green, *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*, op. cit., p. 84.
82. *Berossos e Manetho*, op. cit., pp. 49-50. NB. Nesse fragmento de Berossos, preservado por Syncellus, Enki é traduzido como "Cronos". Os tradutores explicam na nota de rodapé 17 que: "Cronos foi o pai de Zeus, assim como Enki foi o pai de Marduk. Berossos ou Syncellus aqui usou o equivalente grego para o deus babilônico".
83. Na Epopeia de Gilgamesh, o sobrevivente do dilúvio, embora seja manifestamente a mesma figura de Zisudra/Xithoutros, é conhecido pelo nome de Utnapishti. Como explica Irving Finkel, Guardião Assistente do Departamento do Oriente Médio do Museu Britânico: O nome Zisudra é muito adequado para um herói imortal do dilúvio, já que em sumério significa algo como "Aquele de Longa Vida". O nome do herói do dilúvio correspondente no épico de Gilgamesh é Utnapishti, com um significado mais ou menos semelhante. Na verdade, não temos certeza se o nome babilônico é uma tradução do sumério ou vice-versa." Irving Finkel, *The Ark Before Noah* (*A Arca Antes de Noé*), op. cit., p. 92.
84. *The Epic of Gilgamesh*, op. cit., p. 111.
85. *Berossos e Manetho* , op. cit., p. 50.
86. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 282; Anne Draffkorn Kilmer, "The Mesopotamian Counterparts of the Biblical Nepilim", op. cit., p. 43.
87. Anne Draffkorn Kilmer, "The Mesopotamian Counterparts of the Biblical Nepilim", op. cit., pp. 39-40.
88. Amar Annus, "On the Origin of the Watchers", op. cit., p. 295.
89. Jeanette C. Fincke, "The Babylonian Texts of Nineveh: Report on the British Museum's Library Project", *Archiv fur Orientforschung* 50 (2003/2004), p. 111.

Capítulo 9

1. John Baines e Jaromir Malek, *Atlas of Ancient Egypt*, Time-Life Books, 1990, p. 76.
2. Ibid. As paredes internas e externas do recinto datam do Reino Antigo, e uma parede posterior que corre fora da parede externa data do Primeiro Período Intermediário (2134-2040 a.C.). Há restos de outras estruturas que foram datadas do Segundo Período Intermediário (1640-1532 a.C.) e do Novo Reino (1550-1070 a.C.).
3. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), Manchester University Press, 1969, p. 8.
4. Ibid., p. 151: "A situação mitológica que estamos analisando revela uma tradição que se originou em outro lugar..."
5. Ibid., pp. 55, 90, 105, 274.
6. Ibid., p. 55.
7. Ibid., pp. 109, 113-14, 127.
8. Por exemplo, ver p. 19 "a tripulação do Falcon". Consulte também as págs. 27, 177, 180, 181, 187, 202. Há repetidas referências nos textos de Edfu às tripulações de navios e à navegação. Assim, p. 180: "Os shebtiw navegaram..." p. 187: "Acreditava-se que eles haviam navegado para outra parte do mundo primitivo".
9. Ibid., p. 190.
10. Ibid., p. 274: "Eles viajaram pelas terras desocupadas da era primitiva e fundaram outros domínios sagrados."
11. Ibid., p. 122.
12. Ibid., p. 134.
13. Ibid., pp. 106-7.
14. Por exemplo, Ibid., pp. 44, 258: "Em Edfu, temos apenas fragmentos. Um número selecionado de relatos, de uma grande e importante história dos templos egípcios".
15. A última inscrição conhecida nos hieróglifos sagrados do Egito Antigo foi feita no Templo de Ísis em Philae, em 394 d.C., e o último exemplo conhecido de grafite demótico também foi encontrado lá, datado de 425 d.C. "Se o conhecimento dos hieróglifos persistiu além dessa época, nenhum registro foi encontrado." John Anthony West, *The Traveler's Key to Ancient Egypt (A chave do viajante para o Egito Antigo*), Harrap Columbus, Londres, 1987, p. 426.
16. Howard Vyse, *Operations Carried on at the Pyramids of Gizeh in 1837, with an Account of a Voyage into Upper Egypt*, James Fraser, Regent Street, Londres, 1840, Vol. I, pp. 67-8.
17. As cronologias mesopotâmica e egípcia são bem conhecidas. Para o Peru, consulte Ruth Shady Solis et al, *Caral: The Oldest Civilization in the Americas*, Proyecto Especial Arqueologico Caral-Supe/INC, 2009.
18. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Classics, 1977, p. 36.
19. Ibid., pp. 34-8.
20. J. Gwynn Griffiths, *Atlantis and Egypt With Other Selected Essays*, Cardiff, University of Wales Press, 1991, pp. 3-30.
21. Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature, Vol. I: the Old and Middle Kingdoms,* University of California Press, 1975, p. 211.
22. Ibid., pp. 212-13.
23. Ibid., p. 215, nota 3.
24. Margaret Buson, *The Encyclopedia of Ancient Egypt*, Facts on File, Nova York, Oxford, 1991, p. 130.
25. Ibid.
26. Ibid.
27. Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, op. cit., p. 213.
28. Ibid., p. 214.
29. Ibid.
30. Platão, *Critias*, Tradução de Benjamin Jowett, Internet Classics Archive, http://classics.mit.edu/Plato/critias.html.
31. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Classics Edition, op. cit., p. 38.
32. J. Gwynn Griffiths, *Atlantis and Egypt*, op. cit., p. 23.
33. https://egyptsites.wordpress.com/2009/03/03/sa-el-hagar/.
34. Ibid.
35. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 324.
36. Ibid., p. 213.
37. Ibid., p. 31.
38. Ibid., p. 111.
39. Ibid., p. 142.
40. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., Crítias, p. 136.
41. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 113.
42. Ibid., p. 109.
43. Ibid., p. 127.
44. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., Timeu, p. 38.
45. Ibid.
46. Ibid., p. 35.
47. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 19.
48. E.W. West, Trans., F. Max Muller, Ed., *Pahlavi Texts*, Part I, Reprint Edition, Atlantic Publishers and Distributors, Nova Délhi, 1990, p. 17.
49. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 113.
50. Ibid., p. 279.
51. Ibid., p. 113.
52. Ibid.
53. *Archaeoastronomy: The Journal of the Center for Archaeoastronomy* , Vol. VIII, Nos. 1-4, janeiro-dezembro de 1985, p. 99.
54. Thor Conway em Ray A. Williamson e Claire R. Farrer (Eds.) *Earth and Sky*, op. cit, p. 246.
55. Platão, *Timaeus e Critias*, op. cit., Timaeus, p. 38.
56. Ignatius Donnelly, *Atlantis: The Antediluvian World*, Dover Publications Inc., Nova York, 1976, p. 23.
57. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., Timeu, p. 37.
58. Platão, *Critias*, Tradução de Benjamin Jowett, Internet Classics Archive, http://classics.mit.edu/Plato/critias.html.
59. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., Crítias, p. 138.
60. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 37.

61. Ibid., p. 220.
62. Ibid., p. 240.
63. Ibid., p. 198.
64. Ibid., p. 108.
65. Ibid.
66. Ibid., p. 109.
67. Ibid., pp. 202, 323-4.
68. Platão, *Timeu e Crítias*, op. cit., Timeu, p. 38.
69. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 171: "Diz-se que uma *terra* pãy se originou depois que o Criador secou a água ao redor de seu local de origem". Ver também p. 172: "A palavra pãy-land descreve uma terra que emergiu da água..."
70. Ibid., p. 162.
71. Ibid., p. 173.
72. Ibid., p. 324.
73. Ibid., p. 194.
74. Ibid., p. 274.
75. Ibid., p. 187.
76. Ibid., p. 274.
77. Ibid., p. 190.
78. Ibid., p. 274.
79. Ibid., p. 190. Consulte também a p. 33.
80. Ibid., p. 33.
81. Ibid., p. 24: "o *Shebtiw* cuja função é descrita como *din iht*, para nomear (= criar) as coisas". Consulte também a p. 180.
82. Ibid., p. 41.
83. Ibid., p. 28.
84. Ibid., pp. 95, 96, 108, 110-11.
85. Ibid., p. 96.
86. Ibid., p. 91.
87. Ibid., p. 92.
88. Ibid.
89. Ibid., p. 25, 41, 289.
90. Ibid., p. 159.
91. Ibid., por exemplo, pp. 28, 66, 236.
92. Ibid., pp. 310-11.
93. Ibid., p. 9.
94. Ibid., p. 48.
95. Ibid., p. 273.
96. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Classics, op. cit., Timaeus, p. 36.
97. Ibid.

Capítulo 10

1. Platão, *Leis* II, em John M. Cooper (Ed.) *Plato: Complete Work s*, Hackett Publishing Company, Indianapolis/Cambridge, 1997, p. 1348.
2. Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, William Heinemann Ltd., Londres, 1995, por exemplo, p. 446 e seguintes, pp. 456-8.
3. Robert Bauval e Adrian Gilbert, *The Orion Mystery*, William Heinemann Ltd., Londres, 1994.
4. Robert Bauval e Graham Hancock, *Keeper of Genesis*, William Heinemann Ltd., Londres, 1996.
5. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay Investigating the Origins of Human Knowledge and its Transmission through Myth* , Nonpareil Books, 1977, reimpresso em 1999, p. 59.
6. Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror: Quest for the Lost Civilization* , Michael Joseph, Londres, 1998.
7. Consulte ibid para uma discussão abrangente.
8. Paolo Debertolis, Goran Marjanovic et al, *Archaeoacoustic analysis of the ancient site of Kanda (Macedonia)* , Proceedings in the Congress "The 3rd Virtual International Conference on Advanced Research in Scientific Areas" (ARSA-2014) Slovakia, 1-5 December 2014: 237-251. Publicado por: EDIS- Publishing Institution of the University of Zilina, Univerzitná 1, 01026 Žilina, Slovak Republic. Artigo disponível on-line aqui: https://www.academia.edu/9818666/Archaeoacoustic_analysis_of_the_ancient_site_of_Kanda_Macedonia_._Preliminary_results .
9.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Richard Guy Wilson, "American Modernism in the West: Hoover Dam". *Images of an American Land*, ed. Thomas Carter. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1997. P. 10, citado em *The Hoover Dam: Lonely Lands Made Fruitful*", http://xroads.virginia.edu/~1930s/display/hoover/modern.html.
13. Por exemplo, veja: https://www.wisdomuniversity.org/ChartresOverview.htm : "Essa é a magia e o mistério de Chartres, local da 'rainha das catedrais'. Esse também é o poder da 'Astronomica', como era conhecida entre os antigos, que marca a última e mais elevada das sete artes liberais, o mais antigo sistema de aprendizado continuamente desenvolvido conhecido pela humanidade, que emanou do Egito Antigo e foi levado ao seu mais alto refinamento pelos mestres chartrianos. A astronomia sagrada está embutida nas pedras e nos vitrais da catedral de Chartres. Ela foi considerada a mais elevada das artes liberais porque contempla sozinha todo o cosmos e busca discernir o significado e o propósito finais de toda a criação."
14. Veja a discussão em Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, op. cit., Capítulo 49, p. 443 e seguintes.
15. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple*, op. cit., p. 134, citado no Capítulo Nove.
16. Michael A. Hoffman, *Egypt Before the Pharaohs*, Michael O'Mara Books Ltd., 1991, pp. 89-90. Veja também Karl W. Butzer, *Early Hydraulic Civilization in Egypt*, The University of Chicago Press, 1876, p. 9.
17. Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods (Impressões digitais dos deuses)*, op. cit., Capítulo 52, p. 497.
18. Para uma discussão sobre a datação geológica da Esfinge pelo professor Robert Schoch, da Universidade de Boston, veja ibid., Capítulo 46, p. 420 e seguintes.
19. L. Liritzis, A. Vafiadou, "Surface Luminescence Dating of Some Egyptian Monuments", *Journal of Cultural Heritage* 16 (2015), Tabela 1, p. 137.
20. Ibid., pp. 134-50.
21. Ibid., p. 134.
22. Ibid., pp. 134-50.
23. Ibid., Tabela 1, p. 137.
24. Ibid.
25. Comunicação pessoal do Professor Robert Schoch por e-mail datado de 20 de janeiro de 2015.
26. L. Liritzis, A. Vafiadou, "Surface Luminescence Dating of Some Egyptian Monuments", *Journal of Cultural Heritage*, op. cit., Tabela 1, p. 137.
27. Comunicação pessoal do Professor Robert Schoch por e-mail datado de 20 de janeiro de 2015.
28. L. Liritzis, A. Vafiadou, "Surface Luminescence Dating of Some Egyptian Monuments," *Journal of Cultural Heritage*, op. cit., Tabela 1, p. 137.
29. Ibid.
30. Por exemplo, veja John Baines e Jaromir Malek, *Atlas of Ancient Egypt*, Time-Life Books, 1990, p. 36.
31. L. Liritzis, A. Vafiadou, "Surface Luminescence Dating of Some Egyptian Monuments", *Journal of Cultural Heritage*, op. cit., p. 147.
32. Ibid.
33. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 187.
34. Toby A.H. Wilkinson, *Early Dynastic Egypt*, Routledge, Londres e Nova York, 1999, p. 325.
35. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 262
36. Ibid., p. 263.
37. Ibid.
38. Ibid.
39. Ibid., p. 262.
40. Reymond (*The Mythical Origin of the Egyptian Temple*, op. cit., p. 263) acaba optando por Saqqara como sua candidata favorita para "o lugar ao norte de Mênfis", onde se acreditava que o livro havia descido do céu. Sua lógica me escapa. Henen-nesut fica na latitude 29:08, Mênfis na latitude 29:84, Saqqara na latitude 29:87, a Grande Pirâmide de Gizé na latitude 29:98 e Dhashur na latitude 29:80. Como quanto maior o número, mais ao norte você está, é óbvio que devemos excluir Henen-nesut e Dhashur: a primeira está localizada a 0,76 de um grau ao sul de Mênfis e a segunda está localizada a 0,04 de um grau ao sul de Mênfis. Saqqara está ao norte de Mênfis, mas por apenas 0:03 de um grau - tão perto que está quase exatamente na mesma latitude. Por outro lado, Gizé fica a 0,14 de um grau ao norte de Mênfis e se encaixa de forma muito mais óbvia.
41. E.A. Wallace Budge, *The Gods of the Egyptians*, Methuen and Company, Chicago e Londres, 1904, reimpresso pela Dover Books, 1969, Vol. I, pp. 467, 468, 473, etc.
42. Selim Hassan, *The Sphinx: Its History in the Light of Recent Excavations*, Government Press, Cairo, 1949, p. 80.
43. Consulte a discussão em Robert Bauval e Graham Hancock, *Keeper of Genesis*, op. cit., pp. 5, 156 e segs., 160 e segs., etc.
44. Rainer Stadelman, "The Great Sphinx of Giza", em Zahi Hawass (Ed), *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century* (Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists, Cairo, 2000; Vol. I: Archaeology), The American University in Cairo Press, Cairo, Nova York, 2002, pp. 464-49.
45. Ibid., p. 465.
46. Selim Hassan, *The Sphinx*, op. cit., p. 75.
47. Ibid., p. 75.
48. Ibid., p. 76.
49. Ibid., pp. 76, 185.

50. Ibid., p. 76.
51. James Henry Breasted, *Ancient Records Of Egypt*, University of Illinois Press, Urbana e Chicago, 2001, Vol. 2, p. 323.
52. Ibid.
53. Ibid., pp. 320, 324.
54. Selim Hassan, *The Sphinx (A Esfinge*), op. cit., p. 76.
55. Gaston Maspero, *The Dawn of Civilization*, SPCK, Londres, 1894, p. 366.
56. Gaston Maspero, *A Manual of Egyptian Archaeology*, Putnam's Sons, Nova York, 1914, p. 74.
57. Selim Hassan, *The Sphinx*, op. cit., p. 222.
58. Para uma tradução do texto completo da Estela de Inventário, consulte James Henry Breasted, *Ancient Records of Egypt*, op. cit., Vol. I, pp. 83-5. Consulte também Selim Hassan, *The Sphinx*, op. cit., pp. 222-7.
59. Selim Hassan, *The Sphinx*, op. cit., p. 225.
60. http://www.guardians.net/hawass/khafre.htm.
61. http://en.wikipedia.org/wiki/Khafra#Valley_Temple .
62. O chamado "Templo Mortuário" atribuído a Khafre. E-mail do professor Stephen Quirke para Graham Hancock, datado de 2 de abril de 2015.
63. I.E.S. Edwards, *The Pyramids of Egypt*, Pelican Books, 1947, reimpresso em 1949, p. 107 e seguintes.
64. Ibid., p.109.
65. I.E.S. Edwards, *The Pyramids of Egypt*, Penguin, 1993, p. 124. Ênfase acrescentada.
66. Kathryn A. Bard (Ed.), *Encylopedia of The Archaeology of Ancient Egypt*, Routledge, 1999, pp. 342-5.
67. Breasted, *Ancient Records of Egypt* , op. cit., Vol. II, pp. 320-1, nota b.
68. Henri Frankfort, *Kingship and the Gods*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1948, 1978, p. 148.
69. William Matthew Flinders Petrie, *Memphis I, The Palace of Apries (Memphis II), Meydum e Memphis III*, Cambridge University Press, 2013, p. 43.
70. Selim Hassan, *The Sphinx*, op. cit., pp. 222-4.
71. Ibid., pp. 224-5.
72. Ibid., p. 223.
73. Ibid.
74. Por exemplo, o Tibete. *Os thotchkas* tibetanos são feitos de ferro meteorítico: "A palavra thokcha é composta de duas palavras: *thog*, que significa acima, primeiro ou raio, e *lcags*, que significa ferro ou metal. O significado de thokcha pode, portanto, ser dado como 'primeiro ferro ou ferro original' ou 'ferro de raio'" (http://en.wikipedia.org/wiki/Thokcha.)
75. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio*), op. cit., p. 10.
76. Ibid., pp. 8-10, 18.

Capítulo 11

1. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Classics, op. cit., pp. 35-6.
2. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 285.
3. Essa noção já é aceita por alguns egiptólogos que "propuseram que o material pré-dinástico e/ou do início da dinastia foi removido na criação das plataformas das pirâmides". Consulte Serena Love, "Stones, ancestors and pyramids: investigating the pre-pyramid landscape of Memphis", em Miroslav Barta (Ed), *The Old Kingdom Art and Archaeology, Proceedings of the Conference held in Prague, 31 May-4 June 2004* , Czech Institute of Egyptology, Prague, 2006, p. 216.
4. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 327.
5. Carta a Robert Bauval datada de 27 de janeiro de 1993, citada em Robert Bauval e Graham Hancock, *Keeper of Genesis*, op. cit., p. 200 e nota 11, p. 333.
6. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 59.
7. Ibid., p. 9.
8. E.A. Wallis Budge, *Egyptian Magic*, Kegan Paul, Trench, Trubner and Co., Londres, 1901, reimpresso por Dover Publications Inc., Nova York, 1971, p. 143.
9. Citado em John Greaves, *Pyramidographia: Or a Description of the Pyramids in Egypt*, George Badger, Londres, 1646, reimpresso por Robert Lienhardt, Baltimore, p. 96.
10. Ibid.
11. Ibid.
12. Ibid.
13. I.E.S. Edwards, *The Pyramids of Egypt*, edição de 1947, op. cit., p. 134.
14. Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, Vol. I, op. cit., pp. 218-19.
15. I.E.S. Edwards, *The Pyramids of Egypt*, edição de 1993, op. cit., p. 286.
16. F.W. Green, *Journal of Egyptian Archaeology*, Vol. XVI, 1930, p. 33.
17. Alan H. Gardiner, *Journal of Egyptian Archaeology* , Vol. XI, 1925, pp. 2-5.
18. E.A.E. Reymond, *The Mythical Origin of the Egyptian Temple (A origem mítica do templo egípcio)*, op. cit., p. 77.
19. Ibid., p. 112.
20. Veja a discussão em Robert Bauval e Graham Hancock, *Keeper of Genesis*, op. cit., pp. 13, 108, 192, 193-6.
21. R.A. Schwaller de Lubicz, *Sacred Science, Inner Traditions* (*Ciência Sagrada, Tradições Internas*), Rochester, Vermont, 1988, p. 104.
22. Ibid., p. 111.
23. Sir Walter Scott (Ed. e Trans.), *Hermetica*, Shambhala, Boston, 1993, p. 343.
24. Veja a discussão em Sylvia Cranston (Ed.), *Reincarnation: The Phoenix Fire Mystery*, Theosophical University Press, Pasadena, 1998, p. 114 e seguintes.
25. R.T. Rundle Clark, *The Origin of the Phoenix*, University of Birmingham Historical Journal (1949-1950), p. 17: "A pedra Benben e o pássaro Bennu devem ter nomes derivados da mesma raiz bn ou wbn. Ambas as palavras são derivadas, portanto não podemos dizer que uma é um atributo da outra. O pássaro e a pedra - se é que é pedra - estão ligados."
26. Henri Frankfort, *Kingship and the Gods*, The University of Chicago Press, 1978, pp. 153-4.
27. Veja, por exemplo, E.A. Wallis Budge *, An Egyptian Hieroglyphic Dictionary* , John Murray, Londres, 1920, reimpresso por Dover Publications Inc., Nova York, 1978, Vol. I, p. 217.
28. Robert Bauval, *Discussions in Egyptology*, Vol. 14, 1989.
29. PT 1652, citado em R.T. Rundle Clark, *The Origin of the Phoenix*, op. cit., p. 14.
30. E.A. Wallis Budge*, An Egyptian Hieroglyphic Dictionary*, op. cit., Vol. I, p. 217.
31. R.T. Rundle Clark, *A origem da Fênix*, op. cit., p. 15.
32. Ibid., p. 18.
33. Graham Hancock, *The Sign and the Seal: A Quest for the Lost Ark of the Covenant (A Busca pela Arca Perdida da Aliança)*, William Heinemann Ltd., Londres, 1992, pp. 67-9.
34. Menahem Haran, *Temples and Temple Service in Ancient Israel*, Clarendon Press, Oxford, reimpresso por Eisenbrauns, Winona Lake, Indiana, 1985, p. 246.
35. Para uma discussão, consulte Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *The Grail Legend*, Coventure, Londres, 1986, p. 148, nota de rodapé 28.
36. Jennifer Westwood (Ed.), *The Atlas of Mysterious Places*, Guild Publishing, Londres, 1987, p. 74.
37. Ibid.
38. W.H. Roscher, *Lexicon der griechischen und romischen Mythologie*, 1884, citado em Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *The Grail Legend*, op. cit., p. 148.
39. Veja ibid., p. 14-16.
40. R.T. Rundle Clark, *Myth and Symbol in Ancient Egypt*, Thames and Hudson, Londres, 1991, pp. 246-7.
41. Ibid.
42. Resumo de Lactantius de Elmer G. Suhr, "The Phoenix," *Folklore* , Vol. 87, No. 1 (1976), p. 30.
43. E.V.H. Kenealy citado em Sylvia Cranston (Ed.), *The Phoenix Fire Mystery* , op. cit., p. 18.
44. R.T. Rundle Clark, *The Origin of the Phoenix*, op. cit., p. 1; Elmer G. Suhr, "The Phoenix," op. cit., p. 31; R. Van den Broek, *The Myth of the Phoenix According to Classical and Early Christian Traditions* , E.J. Brill, 1972, pp. 68-72.
45. R.T. Rundle Clark, *The Origin of the Phoenix*, op. cit., p. 1; Gerald Massey, *The Natural Genesis*, Vol. 2, Black Classic Press, Baltimore, 1998 (Edição de reimpressão), p. 340.
46. M.R. Niehoff, "The Phoenix in Rabbinic Literature" (*A* Fênix na Literatura Rabínica), *The Harvard Theological Review*, Vol. 89, No. 3 (julho de 1996), p. 252.
47. R. Van den Broek, *The Myth of the Phoenix According to Classical and Early Christian Traditions* (*O mito da fênix segundo as tradições clássicas e cristãs primitivas*), op. cit., p. 73.
48. Ver Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, op. cit., capítulos 28 a 32.
49. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill* , op. cit., p. 132.
50. R. Van den Broek, *The Myth of the Phoenix*, op. cit., pp. 73-4.

Capítulo 12

1. Até o momento em que este artigo foi escrito, ainda não havia sido estabelecido de forma satisfatória quem era exatamente o responsável pelos assassinatos. Cinco membros do alto escalão do Hezbollah, o grupo político e militante xiita, foram acusados por um tribunal da ONU. O próprio Hezbollah culpa Israel pelo assassinato. Além disso, há suspeitas de que o presidente Bashar al-Assad da Síria esteja diretamente envolvido. Consulte, por exemplo, http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-13972350 e http://www.bbc.co.uk/news/world-middle-east-25749185 e http://www.jpost.com/Middle-East/Special-Lebanon-Court-permits-prosecutor-to- bring-evidence-against-Assad-in-Hariri-case-381986 e http://www.thenational.ae/world/lebanon/probe-into-hariris-assassination-to-focus-on-al- assad.
2. Incluindo uma incursão de comandos israelenses em 2006 - consulte: http://www.foxnews.com/story/2006/08/02/israeli-commandos-raid-hezbollah-hideout-in-baalbek-hospital/. E veja também: http://www.reuters.com/article/2013/04/26/us-syria-crisis-hezbollah-idUSBRE93P09720130426. Para o ataque com mísseis a Baalbek em junho de 2013, consulte: http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-4386949,00.html e http://www.arabtoday.net/home/also-in-the-news/syrian- missiles-reach-lebanons-baalbek.html.
3. Para conhecer a história do Templo de Salomão e as construções subsequentes no Monte do Templo, consulte Graham Hancock, *The Sign and the Seal*, op. cit., Capítulo 14.
4. Andreas J.M. Kropp e Daniel Lohmann, "'Mestre, veja o tamanho dessas pedras! Analogies in Construction Techniques between the Temples of Heliopolis (Baalbek) and Jerusalem", em *Levant*, Vol. 43, No. 1 (2011), Council for British Research in the Levant, 2011, p. 42-3.
5. Dan Bahat, *Carta's Historical Atlas of Jerusalem* , Carta, Jerusalém, 1989, p. 30.
6. Para uma discussão, consulte Graham Hancock, *The Sign and the Seal*, op. cit., Capítulo Cinco, pp. 91-2.
7. Ibid., p. 95.
8. Para ver o vídeo, consulte: https://www.youtube.com/watch?v=LCFGjSgTzo0 (de aproximadamente 1 minuto e 30 segundos em diante). Para ver as fotografias, consulte: http://survincity.com/2012/07/megaliths-of-israel-the-foundation-of-the-temple/ e http://earthbeforeflood.com/megalithic_blocks_on_the_temple_mount_in_jerusalem.html.
9. Andreas J.M. Kropp e Daniel Lohmann, "Mestre, veja o tamanho dessas pedras!", op. cit.
10. Selim Hassan, *The Great Sphinx and its Secrets: Historical Studies in the Light of Recent Excavations* (*Excavations at Giza 1936-1937*, Vol. VIII), Government Press, Cairo, p. 267.
11. Consulte, por exemplo, ibid., pp. 264-6.
12. Ibid. p. 49.
13. Ibid.
14. Ibid., p. 256.
15. Ibid.
16. Christiane Zivie-Coche, "Foreign Deities in Egypt", em Jacco Dielman, Willeke Wendrich (Eds.), *UCLA Encyclopedia of Egyptology*, Los Angeles, 2011, p. 5. NB: Na passagem citada, Zivie-Coche usa Harmachis, a forma graecianizada do antigo egípcio Hor-em-Akhet, mas tomei a liberdade de traduzi-la simplesmente como Hor-em-Akhet para evitar uma multiplicação ainda mais confusa de nomes!
17. Ibid., p. 6.
18. N. Wyatt, *Religious Texts from Ugarit* (*Textos religiosos de Ugarit*), Sheffield Academic Press, 1998, p. 378 e seguintes.
19. Jacobus Van Dijk, "The Canaanite God Hauron and his Cult in Egypt", *GM* 107 (1989), p. 61. Trabalho apresentado no Quarto Congresso Internacional de Egiptologia, Munique, 26 de agosto a 1 de setembro de 1985. Pdf disponível aqui: http://www.jacobusvandijk.nl/docs/GM_107.pdf.
20. N. Wyatt, *Religious Texts from Ugarit* (*Textos religiosos de Ugarit*), op. cit., p. 385.
21. Ibid., p. 386.
22. Nina Jidejian, *Baalbek: Heliopolis, City of the Sun*, Dar el-Machreq Publishers, Beirute, 1975, p. 5. Consulte também Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, American Press, Beirute, 1951, p. 38, e Friedrich Ragette, *Baalbek*, Chatto & Windus, Londres, 1980, p. 16.
23. Christiane Zivie-Coche, "Foreign Deities in Egypt", op. cit., pp. 2-4 e Figura 4. Consulte também Selim Hassan, *The Great Sphinx and its Secrets: Historical Studies in the Light of Recent Excavations* (*Excavations at Giza 1936-1937*, Vol. VIII), op. cit., p. 278.
24. Friedrich Ragette, *Baalbek*, op. cit., p. 16.
25. Ver David Grene (Trans.), Herodotus, *The History*, Book 2, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1987, p. 132 e seguintes.
26. Friedrich Ragette, *Baalbek*, op. cit., p. 20.
27. Ibid.
28. Ibid., pp. 16-17, 72.
29. Citado em Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, op. cit., p. 65.
30. Ibid.
31. Citado em Ibid., p. 66.
32. Friedrich Ragette, *Baalbek*, op. cit., p. 27.
33. Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, op. cit., pp. 69-70.
34. Ibid., p. 71.
35. Ibid.
36. Ibid., pp. 71-2.
37. Ibid., p. 73.
38. Ibid., p. 74.
39. Dell Upton, "Starting from Baalbek: Noah, Solomon, Saladin, and the Fluidity of Architectural History", *Journal of the American Society of Architectural Historians*, Vol. 68, No. 4 (dezembro de 2009), p. 458.
40. Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, op. cit., p. 86.
41. Veja Dell Upton, "Starting from Baalbek", op. cit., pp. 459-60: "A sensação de que Baalbek era profundamente europeia, um produto da cultura romana sobre a qual 'o Ocidente' se b a s e a v a , passou para a literatura acadêmica quando as escavações arqueológicas alemãs dos primeiros anos do século XX nos deram a Baalbek que conhecemos hoje".
42. Veja, por exemplo, Margarete van Ess e Llaus Rheidt (Eds.), *Baalbek-Heliopolis 10:000 Jahre Stadtgeschichte* [*Baalbek-Heliopolis: 10.000 Year History of The City*], Zabern Philipp Von GmbH, 2014.
43. Margaret van Ess, "First Results of the Archaeological Cleaning of the Deep Trench in the Great Courtyard of the Jupiter Sanctuary", em "Baalbek/Heliopolis: Results of Archaeological and Architectural Research 2002-5", *em Bulletin d'Archaeoligie et d'Architecture Libanaises*

(BAAL), Hors-Serie IV, Beirute, 2008, p. 113. Consulte também Daniel Lohmann, "Giant Strides Toward Monumentality: The Architecture of the Jupiter Sanctuary in Baalbek/Heliopolis", *Bolletino Di Archeologia On Line* , 2010, Volume especial/Sessão de pôsteres 2, p. 29: "Tell Balbek ... foi continuamente habitada desde o período neolítico pré-potâmico".

44. Timothy Hogan, *Entering the Chain of Union: An Exploration of Esoteric Traditions and What Unites Them* (*Uma Exploração das Tradições Esotéricas e o que as Une*), 2012, pp. 238-9, 242-5.
45. Sobre o culto a Mercúrio em Baalbek, consulte Nina Jidejian, *Baalbek Heliopolis*, op. cit., pp. 28, 29, 30, 33, 36, 37, 45, 54-5. Sobre a conexão Thoth-Hermes, consulte Garth Fowden, *The Egyptian Hermes*, Cambridge University Press, 1987, e Patrick Boylan, *Thoth: Hermes of Egypt*, Ares Publishers, Chicago, 1987.
46. Nina Jidejian, *Baalbek Heliopolis*, op. cit., p. 54.
47. Hartoune Kalayan, "Notes on the Heritage of Baalbek and the Beka'a", op. cit., p. 53.
48. Nina Jidejian, *Baalbek Heliopolis*, p. 30.
49. Uma peça identificada como um fragmento do canto norte do frontão do Templo de Júpiter. Eu vi a peça e não discuto o peso de 360 toneladas indicado em Christian e Barbara Joy O'Brien, *The Shining Ones*, Dianthus Publishing Ltd., Cirencester, 2001, p. 272.
50. Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, op. cit., pp. 85-6.
51. Ibid., p. 85.
52. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill*, op. cit., p. 162.
53. Dimensões para comprimento e altura fornecidas por Daniel Lohmann em nossa correspondência pessoal posterior (e-mail datado de 8 de fevereiro de 2015) e veja também Michael M. Alouf, *History of Baalbek*, op. cit., pp. 86-7, que fornece a largura e dimensões ligeiramente diferentes para comprimento e altura.
54. Sou grato ao arquiteto e arqueólogo Daniel Lohmann por me explicar esses detalhes em nossa correspondência pessoal posterior (e-mail datado de 8 de fevereiro de 2015).
55. Dell Upton, "Starting from Baalbek", op. cit: "A documentação escrita antiga é quase inexistente, e a maior parte do que sobreviveu foi escrita séculos após a construção desses edifícios. Não há absolutamente nenhuma evidência, por exemplo, que nos diga quem encomendou, p a g o u ou projetou qualquer parte do complexo."
56. Daniel Lohmann descreve o projeto e a construção do muro como "megalomaníacos" em "Giant Strides Toward Monumentality", op. cit., p. 28.
57. Andreas J.M. Kropp e Daniel Lohmann, "Master look at the size of those stones!" (Mestre, veja o tamanho dessas pedras!), op. cit., p. 38.
58. Ibid., p. 39.
59. Ibid.
60. Ibid, p. 38.
61. Ibid, p. 44.
62. Daniel Lohmann, "Giant Strides Toward Monumentality", op.cit., p. 29.
63. Daniel Lohmann, "Mestre, veja o tamanho dessas pedras!", op. cit., p. 39.
64. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail de 8 de fevereiro de 2015.
65. Jean-Pierre Adam, " *A propos du trilithon de Baalbek: Le transport et le mise en oeuvre des megaliths* ," *Syria,* T. 54 Fasc 1.2 (1977) p. 52.

Capítulo 13

1. H. Kalayan, "The Engraved Drawing on the Trilithon and the Related Problems About the Constructional History of the Baalbek Temples", *Bulletin du Musee de Beyrouth*, XXII (1969), p. 151.
2. Daniel Lohmann, "Drafting and Designing: Roman Architectural Drawings and their Meaning for the Construction of Heliopolis/Baalbek, Lebanon", Proceedings of the Third International Congress on Construction History, Cottbus, maio de 2009.
3. Daniel Lohmann, "Giant Strides Toward Monumentality: The Architecture of the Jupiter Sanctuary in Baalbek/Heliopolis", *Bolletino Di Archeologia On Line*, 2010, Volume especial/Sessão de pôsteres 2, p. 28.
4. http://dictionary.reference.com/browse/podium?s=t.
5. Ibid.
6. http://dictionary.reference.com/browse/stereobate?s=t.
7. Ibid.
8. http://en.wikipedia.org/wiki/Crepidoma.
9. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail de 9 de fevereiro de 2015: "os romanos eram bastante pragmáticos..."
10. H. Kalayan, "The Engraved Drawing on the Trilithon and the Related Problems", op. cit., pp. 151-2.
11. http://www.jasoncolavito.com/blog/ancient-astronauts-at-baalbek. Para sua alegação de ser um desmascarador da ciência marginal e da história revisionista, veja a biografia de Jason Colavito, aqui: http://www.jasoncolavito.com/biography.html .
12. https://gilgamesh42.wordpress.com/about/.
13. https://gilgamesh42.wordpress.com/2013/04/25/moving-the-stones-of-baalbek-the-wonders-of-roman-engineering/. Todo o argumento de Adair é que abaixo das três grandes pedras do Trilithon: "há outras pedras impressionantes que funcionam como base para o Trilithon. Embora não sejam tão maciças quanto o Trilithon Cada uma dessas estruturas de base tem uma massa considerável. Entretanto, abaixo delas foi descoberta uma parte de um tambor de uma coluna. O tamanho do tambor corresponde às colunas usadas para o templo de Júpiter, portanto, essa provavelmente era uma sobra ou uma peça não mais útil de uma dessas colunas. Como está embaixo das pedras da base, esse tambor deve ter sido colocado ali antes de o Trilithon ser colocado no lugar. Além disso, no topo de uma das colunas do Trilithon Nas pedras do Trilithon, há um desenho dos planos para o Templo de Júpiter, que foi construído pelos romanos quando não era mais necessário. Por termos peças do templo de Júpiter abaixo do Trilithon e esses desenhos em cima, podemos ter certeza razoável de que as pedras do Trilithon foram colocadas no lugar contemporaneamente à construção do Templo de Júpiter. Portanto, ao termos as pedras do Trilithon contemporâneas ao templo, já estabelecemos a origem romana da estrutura."
14. Michael Alouf faz referência a essa seção exata da parede em sua *History of Baalbek (História de Baalbek)*, op. cit., publicada originalmente em julho de 1890 e reimpressa várias vezes até 1951. Na pág. 98, ele descreve o Trilithon ("Nenhuma descrição dará uma ideia exata do efeito desconcertante e estupefato desses tremendos blocos sobre o espectador") e, em seguida, observa: "Acima desses blocos estão as fortificações árabes construídas, como já foi dito, com bases de colunas, frisos esculpidos e fragmentos caídos, ainda com uma inscrição que data da época de Bahram Shah".
15. Friedrich Ragette, *Baalbek*, Chatto & Windus, Londres, 1980, pp. 32-3.
16. Por exemplo, além do detalhamento acima na nota 8, consulte Michael Alouf, *History of Baalbek* , op. cit., p. 85, e Nine Jidejian, *Baalbek Heliopolis*, p. 36.
17. Michael Alouf, *History of Baalbek* , op. cit., p. 86.
18. Para a estreita identificação dos fenícios com os cananeus, consulte Gerard Herm, *The Phoenicians*, Victor Gollancz Ltd., 1975 (edição do Book Club Associates), p. 25.
19. Ibid., p. 83.
20. Antes da guerra de Troia. Consulte Harold W. Attridge e Robert A. Oden Jr., *Philo of Byblos: The Phoenician History*, The Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 9, Washington DC, 1981, p. 4.
21. Ibid., pp. 1-3.
22. Ibid., p. 53.
23. Sabatino Moscati, *The World of the Phoenicians*, Cardinal/Sphere Books, 1973, p. 66.
24. E. Richmond Hodges (Ed.), *Cory's Ancient Fragments of the Phoenician, Carthaginian, Babylonian, Egyptian and other Authors*, Reeves and Turner, London, 1876, p. 13. Ênfase adicionada.
25. Miriam Lichtheim, *Ancient Egyptian Literature*, Vol. III, University of California Press, Berkeley, Los Angeles, Londres, 1980, p. 148.
26. David Urquhart, *The Lebanon (Mount Souria): A History and a Diary*, Vol. 2, Thomas Cautley Newby, Londres, 1860, p. 369.
27. Dell Upton, "Starting from Baalbek: Noah, Solomon, Saladin and the Fluidity of Architectural History", *Journal of the Society of Archaeological Historians*, Vol. 68, No. 4 (dezembro de 2009), p. 461.
28. David Urquhart, *History and a Diary*, op. cit., p. 382.
29. Ibid., p. 371.
30. Ibid.
31. Ibid., pp. 370-3.
32. Ibid., p. 373.
33. Ibid., pp. 374-5.
34. Ibid., p. 377.
35. Ibid., pp. 376, 377, 378.
36. Ibid., p. 376.
37. A suposta "tumba de Noé", Karak Nuh, pode ser vista dentro de uma mesquita na cidade de Zahle, na borda do Vale do Bekaa. A "tumba" tem 31,9 metros (105 pés) de comprimento, 2,7 metros (8,7 pés) de largura e 0,98 metros (3,2 pés) de altura.
38. Citado em Michael Alouf, *History of Baalbek (História de Baalbek)*, op. cit., pp. 39-40.
39. Ibid., p. 40.
40. Ibid., p. 41. O manuscrito árabe foi "encontrado em Baalbek".
41. Jean-Pierre Adam, "*A propos du trilithon de Baalbek: Le transport et la mise en oeuvre des mégaliths*", *Syria*, T. 54, Fase 1-2 (1977), p. 52.
42. Ibid., pp. 31-63.
43. Ibid., p. 54.
44. Ibid., p. 56.
45. Ibid., p. 61.
46. Ibid.
47. Ibid.

48. Friedrich Ragette, *Baalbek*, op. cit., pp. 114-19.
49. Ibid., p. 119.
50. Consulte Christian e Barbara Joy O'Brien, *The Shining Ones*, Dianthus Publishing Ltd., Londres, Cirencester, 2001, p. 275.
51. Jean-Pierre Adam, "*A propos du trilithon"*, op. cit., p. 62.
52. A superfície superior do bloco mais ao sul, onde me sentei à sombra, conforme descrito no início deste capítulo, e onde foi encontrado o desenho arquitetônico do frontão do Templo de Júpiter, está suficientemente livre de alvenaria para termos certeza disso. É essa superfície superior, sobre o centro de massa, na qual qualquer buraco hipotético de Lewis teria de ser feito. Como não há furos de Lewis aqui, no maior e mais pesado dos três blocos, é razoável supor que também não haja nenhum nos outros dois.
53. Veja a discussão em Graham Hancock e Robert Bauval, *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith* , Penguin Books, Londres, 2005, pp. 302-5.
54. O peso de 1.250 toneladas do megálito de São Petersburgo é dado em Adam, "*A propos du trilithon*", op. cit., p. 42. Veja também Ragette, *Baalbek* , op. cit., pp. 118-19.
55. Zecharia Sitchin, *The Stairway to Heaven*, Harper, Londres, 2007 (edição reimpressa), p. 241.
56. Ibid., pp. 235, 241.
57. Ibid., p. 310.
58. Elif Batuman, "The Myth of the Megalith", *New Yorker*, 18 de dezembro de 2004, http://www.newyorker.com/tech/elements/baalbek-myth-megalith .
59. Jean-Pierre Adam, "*A propos du trilithon"*, op. cit., p. 52.
60. Erwin M. Ruprechtsberger, "Von Steinbruch zum Jupitertempel von Heliopolis/Baalbek," *Linzer Archaeologische Forschungen* (1999) 30, 7-56.
61. Números do Instituto Arqueológico Alemão, http://www.dainst.org/pressemitteilung/-/asset_publisher/nZcCAiLqg1db/content/libanesisch-deutsches- forscherteam-entdeckt-weltweit-gro%C3%9Ften-antiken-steinblock-in-baalbek.
62. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Daniel Lohmann a Graham Hancock, 8 de fevereiro de 2015.
63. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Graham Hancock a Daniel Lohmann, 8 de fevereiro de 2015.
64. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Daniel Lohmann a Graham Hancock, 9 de fevereiro de 2015.
65. http://www.panoramio.com/photo/46982253 e (vista posterior): http://www.bc.edu/bc_org/avp/cas/fnart/arch/roman/carree02.jpg e uma vista detalhada: http://www.maisoncarree.eu/wp-content/uploads/2012/07/1_1_1_5_DSCN0047-650x487.jpg.
66. https://www.flickr.com/photos/97924400@N00/7421596468/ .
67. Ibid.
68. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Graham Hancock a Daniel Lohmann, 9 de fevereiro de 2015.
69. Ibid.
70. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Daniel Lohmann a Graham Hancock, 13 de fevereiro de 2015.
71. Lohmann forneceu o seguinte link para ilustrar a questão: http://www.unicaen.fr/cireve/rome/pdr_virtuel.php?virtuel=ultor&numero_image=0.
72. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Daniel Lohmann a Graham Hancock, 13 de fevereiro de 2015.
73. Ibid.
74. Ibid.
75. O desenho, com a legenda "Hossn Niha Tempelpodium, Profil", é de Daniel Krencker, Willy Zschietzschmann (Hrsg.), *Römische Tempel in Syrien nach Aufnahmen und Untersuchungen von Mitgliedern der deutschen Baalbekexpedition 1901-1904*, De Gruyter, Berlin/Leipzig, 1938, S. 122-34.
76. Correspondência pessoal com Daniel Lohmann, e-mail enviado por Daniel Lohmann a Graham Hancock, 13 de fevereiro de 2015.

Capítulo 14

1. Ver Yosef Garfinkel, "Neolithic and Eneolithic Byblos in Southern Levantine Context", em E.J. Peltenburg e Alexander Wasse, *Neolithic Revolution: New Perspectives on Southwest Asia in Light of Recent Discoveries on Cyprus (Levant Supplementary)*, Oxbow Books, 2004, p. 182.
2. O leitor deve se lembrar do Capítulo 1, quando o professor Klaus Schmidt colocou o abandono final e o enterro deliberado de Göbekli Tepe em 8200 a.C.
3. Michael Dumper, Bruce E. Stanley (Eds.), *Cities of the Middle East and North Africa: A Historical Encyclopedia,* ABC-CLIO, 2006, p. 104.
4. Ibid.
5. Nina Jidejian, *Byblos Through the Ages*, Dar el-Machreq Publishers, Beirute, 1971, p. 2.
6. Dell Upton, "Starting from Baalbek: Noah, Solomon, Saladin, and the Fluidity of Architectural History", *Journal of the American Society of Architectural Historians*, Vol. 68, No. 4 (dezembro de 2009), p. 457.
7. Ibid.
8. Nina Jidejian, *Baalbek: Heliopolis, City of the Sun*, Dar el-Machreq Publishers, Beirute, 1975, p. 17.
9. Dell Upton, "Starting from Baalbek", op. cit., p. 458.
10. Ibid.
11. Daniel Lohmann, "Giant Strides Toward Monumentality: The Architecture of the Jupiter Sanctuary in Baalbek/Heliopolis", *Bolletino Di Archeologia On Line*, 2010, p. 28.
12. Veja, por exemplo, a discussão em James Bailey, *The God Kings and the Titans: The New World Ascendancy in Ancient Times* , Hodder & Stoughton, Londres, 1973, p. 36ff.
13. Veja a discussão em E.A. Wallis Budge, *Osiris and the Egyptian Resurrection* , Dover Publications Inc., Nova York, 1973 (edição reimpressa), Vol. I.
14. Ibid.
15. Ibid., p. 3.
16. Ibid., pp. 4-5.
17. Ibid., pp. 5-8.
18. Ibid., p. 93.
19. Selim Hassan, *Excavations at Giza*, Vol. VI, Part I, Government Press, Cairo, 1946, p. 11.
20. R.O. Faulkner (Trans. e Ed.), *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford University Press, 1969, edição de reimpressão da Aris & Phillips, Utterance 442, p. 147.
21. Ibid., Utterance 412, p. 135.
22. Ibid., Utterance 442, p. 147.
23. Selim Hassan, *Excavations at Giza*, Vol. VI, Part I, Government Press, Cairo, 1946, p. 45.
24. Ibid.
25. Francis Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1979, p. 49 e seguintes.
26. Tamara Green, *The City of the Moon God: Religious Traditions of Harran* , E.J. Brill, Leiden, New York, 1992, p. 3. Os Sabians são mencionados três vezes no Alcorão como um "povo do livro" - o Alcorão 5:69 (http://www.usc.edu/org/cmje/religious-texts/quran/verses/005-qmt.php#005:069) é particularmente claro, mas veja também o Alcorão 2:62 (http://www.usc.edu/org/cmje/religious-texts/quran/verses/002-qmt.php#002:062) e o Alcorão 22:17 (http://www.usc.edu/org/cmje/religious-texts/quran/verses/022-qmt.php#022:017).
27. Brian P. Copenhaver, *Hermetica: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a new English Translation with notes and introduction*, Cambridge University Press, 1992. Veja também Sir Walter Scott (Ed. e Trans.), *Hermetica: The Ancient Greek and Latin Writings which contain Religious or Philosophic Teachings attributed to Hermes Trismegistus* , Shambhala, Boston, 1993.
28. Manfred Lurker, *An Illustrated Dictionary of The Gods and Symbols of Ancient Egypt*, Thames and Hudson, Londres, 1995, p. 121. Veja também Margaret Bunson, *The Encyclopedia of Ancient Egypt*, Facts on File, Nova York, Oxford, 1991, p. 264.
29. Michael Baigent, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotamia* , Arkana Penguin Books, Londres, 1994, p. 186.
30. Harold W. Attridge e Robert A. Oden Jr., *Philo of Byblos: The Phoenician History*, The Catholic Biblical Quarterly Monograph Series 9, Washington DC, 198, p. 29.
31. Nina Jidejian, *Byblos*, op. cit., p. 10.
32. Bahattin Celik, "Karahan Tepe: A New Cultural Center in the Urfa area of Turkey", *Documenta Praehistorica*, XXXVIII (2011), pp. 241-53.
33. Ibid., p. 242.
34. Giulio Magli, "Sirius and the Project of the Megalithic Enclosures at Göbekli Tepe", http://arxiv.org/pdf/1307:8397.pdf, 2013. O artigo de Magli atraiu considerável atenção e foi discutido em um artigo da revista *New Scientist*, "World's Oldest Temple Built to Worship the Dog Star," *New Scientist*, 16 de agosto de 2013, http://www.newscientist.com/article/mg21929303.400-worlds-oldest-temple-built-to-worship-the-dog-star.html#.VOID7bCsXG8, e em outros lugares, p o r exemplo, http://www.science20.com/science_20/gobekli_tepe_was_no_laughing_matter-120278.
35. Giulio Magli, "Sirius and the Project of the Megalithic Enclosures at Göbekli Tepe", op. cit., p. 2.
36. Ibid.
37. Ibid.
38. Robert M. Schoch, *Forgotten Civilization, Inner Traditions (Civilização Esquecida, Tradições Internas*), Rochester, Vermont, 2012, pp. 54-5.
39. Andrew Collins, *Göbekli Tepe: Genesis of the Gods*, Bear & Co., Rochester, Vermont, 2014, p. 81ff.
40. A. De Lorenzis e V. Orofino (2015) "New Possible Astronomic Alignments at the Megalithic Site of Göbekli Tepe, Turkey," *Archaeological Discovery*, 3, p. 40. doi: 10:4236/ad.2015:31005.
41. Ibid., pp. 40-50.
42. Juan Antonio Belmonte, "Finding our Place in the Cosmos: The Role of Astronomy in Ancient Cultures", *Journal of Cosmology*, Vol. 9, 2010, p. 2055.
43. Alexander A. Gurshtein, "The Evolution of the Zodiac in the Context of Ancient Oriental History", *Vistas in Astronomy* , Vol. 41, No. 4, 1998, p. 521.
44. Ibid. Veja também Alexander A. Gurshtein, "The Origins of the Constellations", *American Scientist*, Vol. 85, No. 3 (maio-junho de 1997), p. 268.
45. Michael A. Rappengluck, "The Pleiades in the 'Salle des Taureaux,' Grotte de Lascaux. Does a Rock Picture in the Cave of Lascaux show the Open Star Cluster of the Pleiades at the Magdalenian Era (ca 15,300 BC)?" em C. Jashek e F. Atrio Barendela (Eds.), *Actas del IV Congresso de la SEAC* , Universidad de Salamanca, 1997, pp. 217-25.
46. Ibid.
47. Michael A. Rappengluck, "Palaeolithic Timekeepers Looking at the Golden Gate of the Ecliptic", *Earth, Moon and Planets*, 85-86, 2001, p. 391.
48. Ibid.
49. Ibid., pp. 401-2.

50. http://freebook.fernglas-astronomie.de/?page_id=879. Veja também: http://www.analemma.de/jupisat.html. Enviei um e-mail para Michael Rappengluck em 17 de fevereiro de 2015 e recebi sua confirmação em 18 de fevereiro de 2015 de que ele estava de fato se referindo às Plêiades e às Híades quando escreveu sobre a "Porta Dourada da Eclíptica". Ele acrescentou: "No caso das Plêiades e das Híades, é importante ter em mente que a Lua pode passar por ambos os aglomerados abertos durante seu período dracônico de 18,36: Eles estão a apenas ca. 5° de distância da eclíptica, indicando a órbita lunar com suas posições extremas. É por isso que ambos os aglomerados abertos foram reconhecidos como muito importantes e por que esse 'portal' é único."
51. O plano orbital da lua é inclinado em relação ao plano da eclíptica em apenas cerca de 5,1 graus. Portanto, seus movimentos estão confinados bem próximos ao plano da eclíptica e sempre dentro d a s constelações zodiacais.
52. Juan Antonio Belmonte, "Finding our Place in the Cosmos", op. cit., p. 2054.
53. Ibid.
54. http://www.grahamhancock.com/forum/BurleyP1.php .
55. John Major Jenkins, *Maya Cosmogenesis*, 2012, Bear & Company, Rochester, Vermont, 1998, p. 113.
56. Na mitologia maia, por exemplo - veja ibid., p. 51ff e também, John Major Jenkins, *The 2012 Story*, Tarcher/Penguin, Nova York, 2009, p. 138ff. E na mitologia inca - veja, por exemplo, William Sullivan, *The Secret of the Incas*, Crown, Nova York, 1996, p. 30 e seguintes. E na mitologia germânica: http://www.germanicmythology.com/ASTRONOMY/MilkyWay2.html .

Capítulo 15

1. Veja as Figuras 4 e 5 aqui: http://www.grahamhancock.com/forum/BurleyP1.php .
2. Nick Kollerstrom, "The Star Zodiac of Antiquity", *Culture and Cosmos*, Vol. 1, No. 2, outono/inverno de 1997.
3. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill* , Nonpareil, Boston, 1969, pp. 216-17.
4. E.C. Krupp, *In Search of Ancient Astronomies*, Chatto & Windus, Londres, 1979, pp. 199-200.
5. Troca de e-mails com Paul Burley, 14 de fevereiro a 17 de fevereiro de 2015.
6. Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac (A Origem do Zodíaco)*, Dover Publications Inc., 2001, p. 167.
7. Veja a discussão de Kathryn Slanski, "Classification, Historiography and Monumental Authority: The Babylonian Entitlement Narus (Kudurrus)", *Journal of Cuneiform Studies* 52 (2000), pp. 95-114. Por exemplo, p. 114: "Recategorizar os *Kudurrus* como monumentos associados ao templo, em vez de marcadores de limites nos campos, fornece um contexto que torna esses objetos e seus aspectos materiais, textuais e iconográficos inteligíveis em relação à sua função."
8. Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac (A origem do zodíaco)*, op. cit., p. 167.
9. Veja aqui, por exemplo: http://en.wikipedia.org/wiki/Nebuchadnezzar_I#mediaviewer/File:Nabu-Kudurri-Usur.jpg .
10. Rupert Gleadow, *The Origin of the Zodiac*, op. cit, p. 167.
11. Giulio Magli, "Sirius and the Project of the Megalithic Enclosures at Göbekli Tepe", http://arxiv.org/pdf/1307:8397.pdf, 2013.
12. Algumas fotografias e mais descrições podem ser encontradas aqui: http://traveltoeat.com/babylonian-kudurru-at-the-louvre-2/. Consulte também Jeremy Black e Anthony Green, *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia: An Illustrated Dictionary*, British Museum Press, Londres, 1992, pp. 16-17, 113-14.
13. John Major Jenkins, *Maya Cosmogenesis*, 2012, Bear & Company, Rochester, Vermont, 1998, p. 111; John Major Jenkins, *Galactic Alignment*, Bear & Company, Rochester, Vermont, 2002, p. 19.
14. John Major Jenkins, *Maya Cosmogenesis*, op. cit., p. 107.
15. Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods* (*Impressões digitais dos deuses*), op. cit., p. 107. Veja, em particular, o Capítulo 21, "A Computer For Calculating The End of the World" (Um computador para calcular o fim do mundo).
16. Ibid., p. 105.
17. Os números mais precisos estão em Andrew Collins, *Göbekli Tepe, Genesis of the Gods*, Bear & Co., Rochester, Vermont, 2014, pp. 78-9. Esses números também são usados por A. De Lorenzis e V. Orofino (2015) "New Possible Astronomic Alignments at the Megalithic Site of Göbekli Tepe, Turkey", *Archaeological Discovery* , 3, p. 40. doi: 10:4236/ad.2015:31005.

Capítulo 16

1. Kay Prag, "The 1959 Deep Sounding at Harran in Turkey", *Levant* 2 (1970), pp. 71-2. "É certo que o local foi ocupado em uma data antiga." No entanto, a arqueologia limitada, até o momento, sustenta isso com apenas um item, um pedaço de cerâmica do estilo Samarra Ware, por volta de 5000 a.C., encontrado em uma sondagem profunda da antiga Tell de Harran.
2. Seton Lloyd e William Brice, "Harran", *Anatolian Studies*, Vol. I (1951), p. 87.
3. Selim Hassan, *Excavations at Giza*, Vol. VI, Part I, Government Press, Cairo, 1946, p. 45.
4. A inscrição hieroglífica datada de 394 d.C. está no Templo de Ísis em Philae. O último exemplo conhecido de grafite demótico é datado de 425 d.C. "Se o conhecimento dos hieróglifos persistiu além dessa época, nenhum registro foi encontrado." John Anthony West, *The Traveler's Key to Ancient Egypt (A chave do viajante para o Egito Antigo)*, Harrap Columbus, Londres, 1987, p. 426. A tradução de Kurt Sethe dos Textos das Pirâmides, na qual o culto estelar em torno das pirâmides fica claro, foi publicada em 1910; Breasted incorporou muitas citações do texto de Sethe em seu *Development of Religion and Thought in Ancient Egypt*; a edição definitiva de R.O. Faulkner dos Textos das Pirâmides só foi publicada em 1969. Consulte a discussão em R.O. Faulkner, *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford University Press, 1969, p. v.
5. http://jqjacobs.net/blog/gobekli_tepe.html.
6. Tamara Green, *The City of the Moon God: Religious Traditions of Harran* , E.J. Brill, Leiden, New York, 1992, p. 25.
7. Ibid., p. 52.
8. Ibid., p. 21.
9. Ibid.
10. Ibid., pp. 97, 121.
11. Ibid., pp. 95-7.
12. Ibid., p. 100.
13. Os arqueólogos que escavaram o monte ou túmulo Hoyuk de Harran em 1985 sentiram-se confiantes de que estavam "perto do templo do deus Sin", mas não consegui encontrar nenhum relato posterior de descobertas reais de seus restos mortais. Consulte M. Olus Arik et al, "Recent Archaeological Research in Turkey", *Anatolian Studies*, Vol. 36 (1986), p. 194.
14. Veja Michael Baigent, *From the Omens of Babylon: Astrology and Ancient Mesopotamia* , Arkana, Londres, 1994, p. 189. Veja também Lawrence E. Stager, "The Harran Project" (Universidade de Chicago): http://oi.uchicago.edu/sites/oi.uchicago.edu/files/uploads/shared/docs/ar/81-90/82-83/82- 83_Harran.pdf.
15. Veja, por exemplo, *Hurriyet Daily News*, 26 de julho de 2012: http://www.hurriyetdailynews.com/harran-rises-once-more-with-dig.aspx?pageID=238&nID=26318; e 4 de setembro de 2012: http://www.hurriyetdailynews.com/ancient-bath-remains-found-in-harran.aspx?pageID=238&nID=71288&NewsCatID=375; e: 7 de dezembro de 2012: http://www.hurriyetdailynews.com/roman-traces-found-in-harran.aspx?pageID=238&nID=36271&NewsCatID=375.
16. Kay Prag, "The 1959 Deep Sounding at Harran in Turkey", op. cit., pp. 71-2.
17. Seton Lloyd e William Brice, "Harran", op. cit., p. 110.
18. Cidade das Civilizações, Harran, T.C. Harran Kaymakamligi (publicação oficial do Governo de Harran), p. 5.
19. Tamara Green, *The City of the Moon God*, op. cit., p. 183-4. Veja também Sir Walter Scott (Ed. e Trans.), *Hermetica: The Ancient Greek and Latin Writings which contain Religious or Philosophic Teachings attributed to Hermes Trismegistus*, Shambhala, Boston, 1993, p. 101. A descrição de Enoque como "o sétimo depois de Adão" é encontrada em Judas 1:14. E veja Gênesis 5: 1-32, "O Livro das Gerações de Adão". Os dez patriarcas listados são Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jarede, Enoque, Matusalém, Lameque, Noé (https://www.biblegateway.com/passage/?search=Gênesis+5&version=KJV). Frequentemente há confusão entre Enos, o terceiro patriarca, e Enoque, o sétimo patriarca. No entanto, nenhuma inteligência, habilidade ou qualidade especial é atribuída a Enos, enquanto que, ao contrário, Enoque "andou com Deus" (Gênesis 5:24) e misteriosamente desapareceu da Terra "porque Deus o tomou" (Gênesis 5: 24). O livro de Hebreus explica (Hebreus 11: 5): "Pela fé, Enoque foi levado para que não visse a morte, e não foi encontrado, porque Deus o havia tomado; pois antes de ser tomado, ele tinha o testemunho de que agradava a Deus."
20. Gênesis 5: 19-30.
21. Por exemplo, veja Tamara Green, *The City of the Moon God*, op. cit., p. 170.
22. Citado em ibid., p. 137.
23. Citado em ibid., p. 138.
24. Selim Hassan, *Excavations at Giza*, Vol. VI, Parte I, op. cit., p. 45. É digno de nota que, embora Tamara Green tenha relatado muitas especulações eruditas em sua monografia autorizada, *The City of the Moon God*, op. cit., pp. 106, 117, etc., sobre a origem do nome Sabian, ela parece desconhecer a elegante solução proposta por Selim Hassan.
25. Gênesis 5: 24. Veja também Hebreus 11:5: "Pela fé, Enoque foi levado para que não visse a morte, e não foi encontrado, porque Deus o havia levado; pois antes de ser levado, ele tinha o testemunho de que agradava a Deus."
26. Por volta dos séculos III a II a.C. Ver R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, SPCK, Londres, 1987, Introdução, p. xiii.
27. Escrevi extensivamente sobre James Bruce e sobre suas viagens e aventuras na Etiópia em meu livro *The Sign and the Seal: A Quest for the Lost Ark of the Covenant*, William Heinemann Ltd., Londres, 1992.
28. H.F.D. Sparks (Ed.), *The Apocryphal Old Testament* , Clarendon Paperbacks, Oxford, 1989, p. 170: "Entre os manuscritos da Etiópia que Bruce trouxe de volta havia três que continham o que hoje é conhecido como '1 Enoque' ou 'Enoque Etíope'. Um desses manuscritos (agora na Biblioteca Bodleian em Oxford) continha apenas '1 Enoque'; o segundo (também na Bodleian) continha '1 Enoque' seguido de Jó, Isaías, 'Os Doze', Provérbios, Sabedoria, Eclesiastes, Cânticos e Daniel; o terceiro (agora na Bibliotheque Nationale em Paris) é uma transcrição do segundo."
29. Kenneth Mackenzie, *The Royal Masonic Cyclopedia*, publicado pela primeira vez em 1877, edição de reimpressão da Aquarian Press, 1987, p. 201.
30. Ibid.
31. Ibid., p. 202.
32. Ibid., por exemplo, pp. 40, 114, etc.
33. R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, op. cit., p. 37.
34. Ibid.
35. Ibid.
36. Ibid., p. 31.
37. Ibid., pp. 35, 37, 89, etc.
38. Ibid., pp. 35-6.
39. Ibid., p. 39.

40. Ibid., p. 40.
41. Ibid., p. 39.
42. Ibid.
43. Ibid.
44. Ibid., pp. 34-5.
45. Ibid., p. 46.
46. Ibid.
47. Ibid., p. 40.
48. Ibid.
49. Graham Hancock, *Supernatural: Meetings with the Ancient Teachers of Mankind* , Century, Londres, 2005.
50. É notável que, em capítulos posteriores do Livro de Enoque, depois que os maus Vigilantes foram admoestados e receberam sua punição, os bons Vigilantes revelam a Enoque muitos dos segredos, principalmente a sabedoria astronômica, que os maus Vigilantes foram condenados por revelar. Veja, por exemplo, R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, op. cit., Capítulo 41, p. 60 e segs., Capítulo 71, p. 93 e segs., Capítulo 72, p. 95 e segs., etc. Talvez seja por possuir esse conhecimento restrito que Enoque acaba desaparecendo da Terra - "levado por Deus", como diz a Bíblia em Gênesis 5:24.
51. R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, op. cit., p. 35.
52. Por exemplo, veja os parágrafos finais deste artigo: http://www.dailymail.co.uk/news/article-2513866/A-GI-Christmas-How-American-soldiers-bearing-gifts- extra-rations-proved-festive-hit-British-families-WWII.html.
53. R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, op. cit., p. 37.
54. Ibid., p. 34.
55. Ibid., p. 36.
56. Ibid., p. 35.
57. Ibid.
58. Ibid., p. 36.
59. Ibid., p. 37.
60. Ibid.
61. Ibid.
62. Gênesis 6: 4, versão King James.
63. Gênesis 6: 4, Nova Versão Internacional.
64. Gênesis 6: 5-8, Nova Versão Internacional. A versão King James diz o seguinte: "E viu Deus que era grande a maldade do homem na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. E arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e isso lhe pesou no coração. E disse o Senhor: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como o animal, o réptil e as aves do céu; porque me arrependo de os haver feito. Mas Noé achou graça aos olhos do Senhor."
65. Zecharia Sitchin, *The 12th Planet*, Harper, Nova York, 1976, reimpresso em 2007, p. 171. Para ser justo, Sitchin não é o único a cometer esse erro. Vários estudiosos bíblicos genuínos também o cometem. Escrevendo no *The Jewish Quarterly Review* em 1985, por exemplo, Jonas C. Greenfield descreve os nefilins como "anjos caídos" (Jonas C. Greenfield, "The Seven Pillars of Wisdom", *The Jewish Quarterly Review*, New Series, Vol. 26, No. 1, p. 19). Da mesma forma, em um artigo no *Journal of Biblical Literature* publicado em 1987, Ronald S. Hendel nos diz que: "Nefilim significa literalmente 'os caídos' ... É uma ... formação adjetiva passiva da raiz *npl* ('cair') ... Usos similares do verbo *napal* e seus derivados são encontrados em outras partes da Bíblia Hebraica" (Ronald S. Hendel, "Of Demigods and the Deluge: Toward an Interpretation of Genesis 6: 1-4," *Journal of Biblical Literature*, Vol. 106, No. 1, March 1987, p. 22).
66. http://www.sitchiniswrong.com/nephilim/nephilim.htm.
67. Números 13: 32-3.
68. http://www.sitchiniswrong.com/nephilim/nephilim.htm.
69. Ibid.
70. Zecharia Sitchin, *The 12th Planet*, op. cit., p. 257.
71. Ibid., p. 172.
72. Ibid., p. 267.
73. R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch* (*O Livro de Enoque*), op. cit., p. 267.
74. Ibid., por exemplo, 7: 2 e 7: 4, p. 35; 9:9, p. 36; 15:3, p. 42.
75. Michael A. Knibb (Ed.), *The Book of Enoch: A New Edition in the Light of the Aramaic Dead Sea Fragments [A Nova Edição à Luz dos Fragmentos Aramaicos do Mar Morto*], Oxford University Press, 1979.
76. George W.E. Nickelsburg e James C. VanderKamm, *1 Enoch: The Hermenia Translation* , Augusburg Fortress, Minneapolis, 2012.
77. R.H. Charles (Trans.), *The Book of Enoch*, op. cit., p. 36.
78. http://clavisjournal.com/the-shadow-of-harran/.
79. Lucas 3: 36.
80. R.H. Charles, *The Book of Jubilees [O Livro dos Jubileus*], SPCK, Londres, 1927, pp. 71-2.
81. http://jqjacobs.net/blog/gobekli_tepe.html.
82. Conforme demonstrado em Peter Tompkins, *Secrets of the Great Pyramid [Segredos da Grande Pirâmide*], Harper & Row, Nova York e Londres, 1978, pp. 101-3.
83. Einar Palsson, *The Sacred Triangle of Pagan Iceland (O Triângulo Sagrado da Islândia Pagã*), Mimir, Reykjavik, 1993, p. 32.
84. Ibid.
85. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay Investigating the Origins of Human Knowledge and its Transmission through Myth*, Nonpareil Books, 1977, reimpresso em 1999, p. 132.
86. O funcionamento detalhado pode ser encontrado em Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods*, William Heinemann Ltd., Londres, 1995, pp. 434-6.
87. Tamara Green, *The City of the Moon God*, op. cit., p. 19.
88. http://jqjacobs.net/blog/gobekli_tepe.html.
89. Ibid.
90. Ibid.
91. Ibid.
92. 850 d.C. a 929 d.C. - http://www-history.mcs.st.-andrews.ac.uk/Biographies/Al-Battani.html.
93. Nicholas Kollerstrom, "The Star Temples of Harran", em Annabella Kitson (Ed.), *History and Astrology: Clio and Urania Confer*, Unwin, Londres, 1989, p. 57.

94. http://www-history.mcs.st.-andrews.ac.uk/Biographies/Al-Battani.html.
95. http://www.physics.csbsju.edu/astro/newcomb/II.6.html.
96. http://www-history.mcs.st.-andrews.ac.uk/Biographies/Al-Battani.html.
97. Ibid. citando Y. Maeyama, "Determination of the Sun's orbit (Hipparchus, Ptolemy, al-Battani, Copernicus, Tycho Brahe)", *Arch. Hist. Exact Sci.* 53 (1) (1998), 1-49.
98. http://www-history.mcs.st.-andrews.ac.uk/Biographies/Al-Battani.html.
99. Complete Dictionary of Scientific Biography (2008), citado em http://www.encyclopedia.com/doc/1G2-2830900300.html.
100. Citado em Sir Walter Scott, *Hermetica*, op. cit., p. 105.
101. Tamara Green, *The City of the Moon God*, op. cit., p. 114.
102. Ibid., p. 12.
103. Ibid., p. 114.
104. Sir Walter Scott, *Hermetica*, op. cit., pp. 97-9.
105. Descrevo a exploração da Grande Pirâmide por Ma'mun com certa profundidade em *Fingerprints of the Gods*, op. cit., pp. 296-9.
106. Peter Tompkins, *Secrets of the Great Pyramid* (*Segredos da Grande Pirâmide*), op. cit., p. 5.
107. Ibid., p. 6.
108. Para possíveis conexões mandeanas com os sabianos, veja, por exemplo, Tamara Green, *The Temple of the Moon God*, op. cit., pp. 103, 119, 194-5, 205ff.
109. "O fato de que os pagãos harranianos, quando solicitados a nomear uma Escritura, escolheram a Hermética, prova que em 830 d.C. uma coleção de Hermética era conhecida e lida na Síria... Pode-se inferir, a partir da ocorrência dos nomes Tat, Asclépio e Amon em conjunto com o de Hermes em escritos árabes, que esses harranianos tinham em sua posse *libelos* herméticos nos quais os alunos eram assim nomeados; e entre eles havia presumivelmente alguns que agora estão perdidos, bem como aqueles que chegaram até nós. No século IX, os documentos herméticos eram provavelmente conhecidos por alguns
estudiosos de Harran no original grego; mas os Hermetica provavelmente foram traduzidos para o siríaco muito antes dessa época, e sem dúvida eram lidos em siríaco pelos harranianos..." Walter Scott, *Hermetica*, op. cit., pp. 101-2.
110. Frances A. Yates, *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*, The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1964, reimpresso em 1979, pp. 12-13.
111. Ibid., p. 13.
112. Essa é a tese principal de meu livro *Talisman*, em coautoria com Robert Bauval. Consulte Graham Hancock e Robert Bauval, *Talisman: Sacred Cities, Secret Faith (Cidades Sagradas, Fé Secreta*), Penguin Books, Londres, 2005.
113. Amar Annus, "On the Origin of Watchers: A Comparative Study of the Antediluvian Wisdom in Mesopotamian and Jewish Traditions", *Journal for the Study of Pseudoepigrapha*, Vol. 19. 4 (2010), p. 283.
114. Ibid., p. 291.
115. Ibid., p. 280-1.
116. Veja, por exemplo, ibid., pp. 277-320, e Anne Draffkorn Kilmer, "The Mesopotamian Counterparts of the Biblical Nepilim", em E.W. Conrad e E.G. Newing (Eds.), *Perspectives on Language and Text: Essays and Poems in Honor of Francis I Andersen's Sixtieth Birthday July 28, 1985* , Eisenbrauns, Winona Lake, IN, pp. 39-44. Da mesma forma, há referências aos Vigilantes nos Textos da Pirâmide do Antigo Egito. Veja, por exemplo, R.O. Faulkner (Ed. e Trans.) *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Oxford University Press, 1969, reimpresso por Aris & Phillips Ltd. Veja, por exemplo, Utterance 373, p. 124 e Utterance 667A, p. 281.
117. Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe: A Stone Age Sanctuary in South-Eastern Anatolia* (*Um santuário da Idade da Pedra no Sudeste da Anatólia*), Ex Orient e.V., Berlim, Alemanha, 2012, p. 191.

Capítulo 17

1. Graham Hancock, *Fingerprints of the Gods [Impressões digitais dos deuses*], William Heinemann Ltd., Londres, 1995, p. 51.
2. Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror (Espelho do Céu)*, Michael Joseph, Londres, 1998, p. 288.
3. J. Alden Mason, *The Ancient Civilizations of Peru*, Penguin Books, Londres, 1991, p. 163: "Antigamente, acreditava-se que a alvenaria megalítica, que empregava pedras imensas de tamanho e forma irregulares, era pré-incaica (...), enquanto a alvenaria de blocos de pedra de tamanho relativamente uniforme, dispostos em cursos, era típica dos incas. Mas agora é consenso geral que ambos os tipos foram construídos pelos incas e que todos os grandes edifícios e estruturas de alvenaria na região de Cuzco, incluindo Sacsayhuaman, Ollantaytambo, Machu Picchu e Cuzco".
4. John Hemming, *The Conquest of the Incas*, Macmillan London Ltd., 1993, p. 191.
5. J. Alden Mason, *The Ancient Civilizations of Peru*, Penguin Books, Londres, 1991, p . 163. Consulte também http://www.roughguides.com/destinations/south-america/peru/Cuzco-and-around/inca-sites-near-Cuzco/sacsayhuaman/ e http://www.andeantravelweb.com/peru/destinations/Cuzco/sacsay huaman.html e http://www.world-mysteries.com/mpl_9.htm e http://gosouthamerica.about.com/od/perucuzco/ig/Sacsayhuaman-/Sacsayhuaman- Rock-Wall.htm#step-heading.
6. Para obter detalhes completos, consulte o documentário de Jesus Gamarra*, The Cosmogony of the Three Worlds*, http://www.ancient-mysteries-explained.com/archaeology- proofs.html#dvd.
7. http://www.bbc.co.uk/news/science-environment-31664162.
8. A. Kruzer, "The Question of the Material Origin of the Walls of the Saqsaywaman Fortress" http://isida-,project.ucoz.com/publ/my_articles/peru/the_question_of_the_material_origin_of_the_saqsaywaman_.fortress/2-1-0-2.
9. Ibid.
10. Ibid.
11. Sir Clements Markham, *The Incas of Peru*, Smith, Elder & Co., Londres, 1911, p. 33.
12. Garcilaso de La Vega, *The Royal Commentaries of the Inca Garcilaso de La Vega, 1539-1616,* The Orion Press, 1961, pp. 233, 235.
13. Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror* , op. cit., pp. 285-6.
14. Consulte Graham Hancock e Robert Bauval, *Keeper of Genesis*, William Heinemann Ltd., Londres, 1996.
15. Peter Frost, *Exploring Cuzco*, Nuevas Imagenes, Lima, Peru, 1989, p. 63.
16. William Sullivan, *The Secret of the Incas*, Crown, Nova York, 1996, p. 118.
17. Ibid., p. 119.
18. Garcilaso de La Vega, *The Royal Commentaries*, op. cit., pp. 4-5.
19. Ibid., pp. 5-6.
20. A caverna é conhecida localmente como *Naupa Iglesia*. Em quíchua, a língua inca, *Naupa* significa antigo, enquanto *Iglesia* é a palavra espanhola para igreja - portanto, "igreja antiga". É claro que não há nada de igreja no local, mas não há dúvida de que se trata de um antigo local sagrado, um antigo santuário. Veja aqui uma mainstream interpretação: http://elcomercio.pe/peru/lima/naupa-iglesia-merece-revalorizado-segun-especialistas-noticia-1519677.
21.
22. Ibid.
23. Bolivia Detects Buries Pyramid at Tiahuanaco Site, http://barbaricum.net/news/2334689254286557840 e http://latino.foxnews.com/latino/entertainment/2015/03/27/bolivia-detects-buried-pyramid-at-tiahuanaco-site/.
24. Constantino Manuel Torres, David B. Repke, *Anadanenthera: Visionary Plant of Ancient South America* , The Haworth Herbal Press, Nova York, Londres, 2006, p. 35 e seguintes.
25. Consulte, por exemplo, Martti Pärssinen, Denise Schaan e Alceu Ranzi (2009). “Pre-Columbian geometric earthworks in the upper Purús: a complex society in western Amazonia,” *Antiquity*, 83, pp. 1084–95; and Ranzi et al, “Internet software programs aid in search for Amazonian geoglyphs,” *Eos*, Vol. 88, No. 21, 22 May 2007, pp. 226, 229; e Carson et al, "Environmental impact of geometric earthwork construction in pre-Columbian Amazonia," *PNAS*, 22 de julho de 2014, Vol. 111, No. 29, pp. 10497-502; e "Ancient Earthmovers of the Amazon," *Science*, Vol. 321, 29 de agosto de 2008, p. 1148ff; e Denise Schaan et al, "New radiometric dates (2000-700 BP) for pre-Columbian earthworks in western Amazonia, Brazil, *Journal of Field Archaeology* , 2012, Vol. 37, No. 2, p. 132ff; e Anjos et al, "A New Diagnostic Horizon in WRB for Anthropic Topsoils in Amazonian Dark Earths (South America)," The 20th World Congress of Soil Science, 8-13 June 2014, Jeju, Korea; Michael Heckenberger e Eduardo Goes Neves, "Amazonian Archaeology," *The Annual Review of Antiquity*, 2009, 38, pp. 251-66; e Heckenberger et al, "Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes, and the Future of the Amazon," *Science*, Vol. 321, 29 de agosto de 2008, p. 1214ff.
26. Garcilaso de La Vega, *The Royal Commentaries*, op. cit., pp. 132-3.
27. Ibid., p. 384.

Capítulo 18

1. Mircea Eliade, *The Myth of the Eternal Return*, Princeton University Press, p. 16.
2. Mircea Eliade, *The Sacred and the Profane: The Nature of Religion* , Harcourt Inc., Nova York, 1987, p. 44.
3. Lewis Ginzberg (Ed.), *The Legends of the Jews*, Jewish Publication Society of America, Philadelphia, 1988, Vol. I, p. 12.
4. Citado em Micrea Eliade, *The Sacred and the Profane* (*O Sagrado e o Profano*), op. cit., p. 44.
5. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay Investigating the Origins of Human Knowledge and its Transmission through Myth* , Nonpareil Books, 1977, reimpresso em 1999, p. 57.
6. New Larousse Encyclopedia of Mythology, Paul Hamlyn, Londres, 1989, p. 91.
7. Kenneth McCleish, *Myth*, Bloomsbury, Londres, 1996, p. 684.
8. Thor Heyerdahl, *Easter Island: The Mystery Solved*, Souvenir Press, Londres, p. 77; Thor Heyerdahl, *The Kon-Tiki Expedition* , Unwin Paperbacks, Londres, 1982, pp. 140, 142; Father Sebastian Englert, *Island at the Center of the World* , Robert Hale and Company, Londres, 1972, p. 30; Francis Maziere, *Mysteries of Easter Island*, Tower Publications, Nova York, 1968, p. 16.
9. William Sullivan, *The Secret of the Incas*, Crown, Nova York, 1996, p. 119.
10. Thor Heyerdahl, *The Kon-Tiki Expedition*, op. cit., p. 141.
11. Relatado por David Hatcher Childress em *Lost Cities of Ancient Lemuria and the Pacific*, Adventures Unlimited Press 1988, p. 313.
12. Relatado por Harold Osborne em *Indians of the Andes: Aymaras and Quechuas*, Routledge and Keegan Paul, 1952, p. 64.
13. Thor Heyerdahl, *The Kon-Tiki Expedition*, op. cit., p. 140.
14. Ibid.
15. Ibid., p. 140.
16. Veja minha entrevista com Heyerdahl em Graham Hancock, *Underworld*, Michael Joseph, Londres, 2002, pp. 35-6.
17. Tepe significa colina no idioma turco e "a palavra turca *Göbek* significa umbigo ou barriga", Klaus Schmidt, *Göbekli Tepe, A Stone-Age Sanctuary in South-Eastern Anatolia*, Ex Oriente, Berlim, 2012, p. 88. Consulte também https://narinnamkn.wordpress.com/2013/12/04/portasar-or-gobekli-tepe-portasaris- the-old-name-of-what-now called-gobekle-tepe-which-is-a-direct-translation-of-armenian-portasar/ e http://www.ancient.eu/article/234/ e http://archive.archaeology.org/0811/abstracts/turkey.html .
18. Para uma discussão mais detalhada sobre a datação arqueológica dos Moais da Ilha de Páscoa, veja Graham Hancock e Santha Faiia, *Heaven's Mirror* , Michael Joseph, Londres, 1998, pp. 227-8.
19. Padre Sebastian Englert, *Island at the Center of the World: New Light on Easter Island (Nova luz sobre a Ilha de Páscoa*), Robert Hale & Co., Londres, 1970, p. 45.
20. Francis Maziere, *Mysteries of Easter Island*, op. cit., p. 40.
21. Ibid., p. 41.
22. Science News, Vol. 89, No. 15, 9 de abril de 1966, p. 239.
23. Ibid.
24. Ibid.
25. R. Menzies, Laboratório Marinho da Duke University e Edward Chin, Laboratório Marinho da Texas A&M University, *Cruise Report, Research Vessel Anton Bruun, Cruise 11*, citados aqui: http://huttoncommentaries.com/article.php?a_id=59 e http://huttoncommentaries.com/article.php? a_id=59#Footnotes.
26. Robert M. Schoch, PhD, *Forgotten Civilization: The Role of Solar Outbursts in Our Past and Future* [Civilização esquecida: *o papel das explosões solares em nosso passado e futuro*], Inner Traditions, Rochester, Vermont, 2012, p. 77.
27. Ibid.
28. Ver Thor Heyerdahl, *Easter Island: The Mystery Solved* (*O mistério resolvido*), Souvenir Press, Londres, 1989, pp. 234-5.
29. A Ilha Pitcairn (área de 47 quilômetros quadrados) e Mangareva (área de 15,4 quilômetros quadrados) estão mais próximas, a primeira a uma distância de 2.075 quilômetros e a segunda a uma distância de 2.606 quilômetros, mas isso ainda é muito longe para que essas pequenas ilhas tenham contribuído para a carga de sedimentação recebida pela Ilha de Páscoa.
30. Robert M. Schoch, PhD, *Forgotten Civilization* , op. cit., pp. 78-9.
31. Para uma discussão, consulte Thor Heyerdahl, *Easter Island: The Mystery Solved*, op. cit., p.80ff.
32. As traduções do nome de Watu Palindo como "The Entertainer" (O artista), fornecidas em várias fontes da Internet, são falsas. "O homem sábio" é a tradução correta. tradução correta. Consulte Iksam, "The Spread of Megalithic Remains in Central Sulawesi as Part of Austronesian Heritage", apresentação no National Museum of Prehistory, Taitung, Taiwan, 12 de março de 2012.
33. Comunicações pessoais durante a viagem de pesquisa com Iksam Kailey.
34. http://www.megalithic.co.uk/article.php?sid=26496.
35. Iksam, "The Spread of Megalithic Remains" (A disseminação dos vestígios megalíticos), op. cit.
36. Para argumentos de apoio sobre a conexão desse tipo de arte com experiências psicodélicas, consulte Graham Hancock, *Supernatural: Meetings with the Ancient Teachers of Mankind* , Century, Londres, 2005.
37. Tubagus Solihuddin, "A Drowning Sunda Shelf Model during Last Glacial Maximum and Holocene: A Review", *Indonesian Journal of Geoscience*, Vol. I, No. 2, agosto de 2014, pp. 99-107.
38. Ibid., p. 102.
39. Ver Danny Hilman Natawidjaja, *Plato Never Lied: Atlantis in Indonesia*, Booknesia, Jakarta, 2013.
40. http://www.faculty.ucr.edu/~legneref/ethnic/mummy.htm .
41. Citado em http://www.faculty.ucr.edu/~legneref/ethnic/mummy.htm .
42. http://www.faculty.ucr.edu/~legneref/ethnic/mummy.htm .
43. http://wakeup-world.com/2014/10/14/hieroglyphics-experts-declare-ancient-egyptian-carvings-in-australia-authentic/.
44. R.T. Rundle Clark, *Myth and Symbol in Ancient Egypt*, Thames & Hudson, Londres, 1959, p. 222.
45. Ibid., pp. 246-7.
46. Ibid., p. 140.
47. Patrick Boylan, *Thoth: The Hermes of Egypt*, Londres, 1922, edição reimpressa pela Ares Publishers, Chicago, 1987, p. 155.
48. Comunicação pessoal de Danny Natawidjaja, PhD.
49. "Archaeologists slam excavation of Gunung Padang Site," *Jakarta Post*, 24 de setembro de 2014: http://www.thejakartapost.com/news/2014/09/24/archaeologists-slam-excavation-gunung-padang-site.html.
50. Ibid.

51. E-mail de Danny Hilman Natawidjaja para Graham Hancock, 2 de outubro de 2014.
52. Ibid.
53. "Archaeologists slam excavation of Gunung Padang Site," *Jakarta Post*, 24 de setembro de 2014: http://www.thejakartapost.com/news/2014/09/24/archaeologists-slam-excavation-gunung-padang-site.html.
54. E-mail de Danny Hilman Natawidjaja para Graham Hancock, 14 de janeiro de 2015.
55. E-mail de Danny Hilman Natawidjaja para Graham Hancock, 10 de março de 2015.
56. Danny Hilman Natawidjaja, *Plato Never Lied*, op. cit. e Professor Arysio Nunes dos Santos, *Atlantis: The Lost Continent Finally Found*, Lynwood, WA, EUA, 2011.
57. Michael Carrington Westaway, Arthur C. Durband et al, "Mandubular Evidence supports Homo floresiensis as a distinct species," *PNAS*, Vol. 112, No 7, 17 de fevereiro de 2015, pp. E604-5.
58. M.J. Morwood, R.P. Soejono et al, "Archaeology and age of a new hominin from Flores in eastern Indonesia", *Nature* (431), 28 de outubro de 2004, pp. 1087-91.
59. M. Aubert, A. Brumm et al, "Pleistocene Cave Art from Sulawesi, Indonesia," *Nature* (514), 9 de outubro de 2014, pp. 223-77.
60. Josephine C.A. Joordens, Francisco d'Errico et al, "Homo erectus at Trinil on Java used shells for tool production and engraving," *Nature* (518), 12 de fevereiro de 2015, pp. 228-31.
61. Phil Grabsky, *The Lost Temple of Java (O Templo Perdido de Java)*, Orion, Londres, 1999, p. 16.
62. Luis Gómez e Hiram W. Woodward Jr., *Barabudur: History and Significance of a Buddhist Monument*, Berkeley Buddhist Studies Series, 1981, p. 21.
63. Phil Grabsky, *The Lost Temple of Java* (*O Templo Perdido de Java*), op. cit., p. 17.
64. Jan J. Boeles, *The Secret of Borobudur*, J.J.B. Press, Bangkok, 1985, p. 1 e XIX.
65. Caesar Voute, Mark Long, Fitra Jaya Burnama, *Borobudur: Pyramid of the Cosmic Buddha (Pirâmide do Buda Cósmico)*, D.K. Printworld Ltd., Delhi, 2008, p. 198.
66. Giorgio de Santillana e Hertha von Dechend, *Hamlet's Mill: An Essay Investigating the Origins of Human Knowledge and its Transmission through Myth*, Nonpareil Books, 1977, reimpresso em 1999, p. 132.
67. G.R.S. Mead, *Thrice Greatest Hermes: Studies in Hellenistic Theosophy and Gnosis*, Samuel Weiser Inc., York Beach, Maine, 1992 (edição reimpressa em um volume), *Livro II: A Translation of the Extant Sermons and Fragments of the Trismegistic Literature* , p. 55.
68. Ibid.
69. Ibid.
70. Ibid.
71. Ibid.
72. Ibid., *Livro III: Excertos e Fragmentos*, p. 60.
73. Ibid., p. 61. Mead traduz essa passagem da seguinte forma: "Ó livros sagrados, que foram feitos por minhas mãos imortais, pelos feitiços mágicos da incorrupção, livres da decadência por toda a eternidade, permanecem e são incorruptos desde o tempo! Tornai-vos invisíveis, incontáveis, para todos aqueles cujos pés pisarem as planícies desta nossa terra, até que o velho Céu traga instrumentos adequados para vós..." E s c o l h i , aqui, usar a mesma passagem do livro de Sir Walter Scott
Tradução - Sir Walter Scott (Ed. e Trans.), *Hermetica: The Ancient Greek and Latin Writings which contain Religious or Philosophic Teachings attributed to Hermes Trismegistus*, Shambhala, Boston, 1993, p. 461.
74. Ibid., p. 461, nota de rodapé 4.

Capítulo 19

1. Platão, *Timaeus and Critias*, Penguin Books, Londres, 1977, *Critias*, p. 145.
2. Sir Walter Scott (Ed. e Trans.) *Hermetica*, Shambhala, Boston, 1993, p. 345.
3. Delia Goetz e Sylvanus G. Morley (Eds.) a partir da tradução de Adrian Recinos, *Popol Vuh: The Sacred Book of the Ancient Quiche Maya*, University of Oklahoma Press, 1991, p. 168.
4. Ibid., p. 169.
5. Ibid.
6. Ibid., p. 90.
7. Ibid., p. 93.
8. Ibid., p. 178.
9. Ibid., p. 155.
10. Gerald P. Verbrugghe e John M. Wickersham (Eds.), *Berossos and Manetho* , University of Michigan Press, 1999, p. 44.
11. Delia Goetz e Sylvanus G. Morley (Eds.), *Popol Vuh* , op. cit., p. 156.
12. Ibid., p. 78, nota 3.
13. R.T. Rundle Clark, *The Origin of the Phoenix*, op. cit., p. 1; Gerald Massey, *The Natural Genesis*, Vol. 2, Black Classic Press, Baltimore, 1998 (Edição de reimpressão), p. 340.
14. Archaeoastronomy: The Journal of the Center for Archaeoastronomy, Vol. VIII, Nos. 1-4, janeiro-dezembro de 1985, p. 99.
15. Veja, por exemplo, Gerrit L. Verschuur, *Impact: The Threat of Comets and Asteroids* , Oxford University Press, Nova York e Oxford, 1996, p. 55. Veja também Duncan Steel, *Rogue Asteroids and Doomsday Comets*, John Wiley and Sons, Nova York, 1995, p. 15 e seguintes.
16. Citado em Julie Cohen, "Nanodiamonds Are Forever: A UCSB professor's research examines 13,000-year-old nanodiamonds from multiple locations across three continents," *The Current* , UC Santa Barbara, 28 August 2014. Consulte http://www.news.ucsb.edu/2014/014368/nanodiamonds-are-forever.
17. Correspondência pessoal com Allen West. E-mail de West para Hancock datado de 19 de dezembro de 2014.
18. Ibid., e-mail de Hancock para West datado de 8 de janeiro de 2015.
19. Ibid., e-mail de West para Hancock datado de 8 de janeiro de 2015.
20. Victor Clube e Bill Napier, *The Cosmic Winter (O inverno cósmico*), Basil Blackwell, Londres, 1990, p. 12.
21. Ibid., pp. 12-13.
22. Ibid.
23. W.M. Napier, "Palaeolithic Extinctions and the Taurid Complex," *Monthly Notices of the Royal Astronomical Society* , Vol. 405, Issue 3, 1 July 2010 pp. 1901-6. O artigo completo pode ser lido on-line aqui: http://mnras.oxfordjournals.org/content/405/3/1901.full.pdf+html?sid=19fd6cae-61a0-45bd-827b- 9f4eb877fd39, e baixado em pdf aqui: http://arxiv.org/pdf/1003:0744.pdf. Victor Clube e Bill Napier, *The Cosmic Winter*, op. cit., pp. 150-3. Veja também Gerrit L. Verschuur, *Impact*, op. cit., p. 136.
24. Veja W.M. Napier, "Palaeolithic Extinctions and the Taurid Complex", op. cit., p. 150-3. Consulte também William C. Mahaney, David Krinsley, Volli Kalm, "Evidence for a Cosmogenic Origin of Fired Glaciofluvial Beds in the Northwestern Andes: Correlation with Experimentally Heated Quartz and Feldspar", *Sedimentary Geology* 231 (2010), pp. 31-40.
25. Quanto à alta probabilidade de que tanto o início quanto o fim do Younger Dryas tenham sido causados por impactos de diferentes fragmentos do mesmo cometa gigante, consulte Fred Hoyle e Chandra Wickramsinghe, *Life on Mars? The Case for a Cosmic Heritage*, Clinical Press Ltd., Bristol, 1997, pp. 176-7. Veja também Gerrit Verschuur, *Impact*, op. cit., p. 139.
26. Victor Clube e Bill Napier, *The Cosmic Winter*, op. cit., pp. 244, 275-7. Veja também Duncan Steel, *Rogue Asteroids and Doomsday Comets*, op. cit., pp. 132-3.
27. Victor Clube e Bill Napier, *The Cosmic Winter*, op. cit., p. 153.
28. Ibid., p. 147.
29. Ibid., pp. 150-1.
30. Ibid., pp. 149-50.
31. Ibid., p. 149.
32. Jacqueline Mitton, *Penguin Dictionary of Astronomy*, Penguin Books, Londres, 1993, pp. 84-5; Duncan Steel, *Rogue Asteroids and Doomsday Comets*, John Wiley and Sons, 1995, p. 133.
33. Victor Clube e Bill Napier, *The Cosmic Serpent*, Faber and Faber, Londres, 1982, p. 151; Bailey, Clube, Napier, *The Origin of Comets*, Butterworth-Heinemann Ltd., 1990, p. 398; Clube e Napier, *The Cosmic Winter*, op. cit., p. 150.
34. Sir Fred Hoyle, *Lifecloud: Origin of the Universe*, Dent, 1978, pp. 32-3.
35. Emilio Spedicato, *Apollo Objects, Atlantis and other Tales*, Università degli studi di Bergamo, 1997, p. 12.
36. Ibid., pp. 12-13.

Índice

O índice que apareceu na versão impressa deste título não corresponde às páginas do seu e-book. Use a função de pesquisa em seu dispositivo de leitura eletrônica para procurar termos de interesse. Para sua referência, os termos que aparecem no índice da versão impressa estão listados abaixo.

A
Abu Hureya site
Adair, Aaron Adam,
Jean-Pierre Airyana
Vaejo Akapana
Al-Battani Al-
Masudi
Alden, W.C.
Alouf, Michael
Alt, David
teorias dos antigos astronautas
Egito Antigo
Annus, Amar conhecimento
antediluviano Apkallu ver
Sete Sábios Ariastika,
Wisnu
Asagi Yarimca eras
astrológicas
astronomia
Atlântida
Equinócio de outono, Göbekli Tepe
Ayahuasca

B
Baalbek Vale
de Bada
Baines, John
Baker, Victor R.
Balabanova, S.
Bar Hebraeus, Gregory
Batuman, Elif
Bauval, Robert Belmonte,
Juan Antonio Benben
Berossos
betyls
Black Mat impact
black rain
Black Stone, of the Ka'aba
Bloody Creek Structure
Bolling-Allerod interstadial
Book of Jubilees
Local de Bori Parindang
Templo de Borobudur
Boslough, Mark
Breasted, James Henry
Bretz, J Harlan Broecker,
Wallace Bruce, James
Deuses construtores

Burley, Paul
Byblos

C
datação calibrada
Templo Candi Sukuh
Carlson, Randall
geologia catastrofista
Charity Shoal Charles,
R.H.
Chehab, Emir Maurice
chullapas
Clark Fork ice dam
mudança climática
Clovis people Clube,
Victor Colavito,
Jason Collins,
Andrew Columbia
Plateau coluna de
tambores
teoria do impacto do cometa *veja* cometa cometa
Younger Dryas cometas
Constantino, Imperador
deriva continental
Conway, Thor
perfuração de núcleo
Templo de
Coricancha Cratera
de Corossol
crepidoma Sítio de
Cutimbo Cuzco

D
Pergaminhos do Mar
Morto Delfos
Demir, Omer
Dendara Deneb
Sítio de
Derinkuyu
Dijk, Jacobus van
Dome of the Rock
Douaihy, Estfan El
Dry Falls

E
deslocamento/instabilidade da crosta
terrestre medição da terra
Ilha de Páscoa
Edfu Building Texts
Edwards, I.E.S.
Monólito de El Fraile
Emiliani, Cesare
Enki
Enlil
Enoque
Ambiente de violência
Epopeia de Gilgamesh pôr
do sol do equinócio
erráticos
eugênicos
eventos de extinção

F
Faiia, Santha
Fiedel, S.J. finger
lakes
Fingerprints of the Gods
Firestone, Richard
inundações

Lenda do Egito Antigo
Lenda da Ilha de Páscoa
Lenda da Ilha das Flores
Lenda hebraica
e comportamento humano
Lenda maia Lenda
mesopotâmica Lenda
suméria Lenda zoroastriana
Conexão friccional da
Maçonaria com os
framboides da Ilha das
Flores

G
Gamarra, Jesus
Garcilaso Gardiner,
Sir Alan
Pesquisas geofísicas
gigantes na terra
Gilluly, James
Estudo de datação por luminescência da superfície
de Gizé cataclismos globais
mudança de temperatura global (período Younger Dryas)
Sítio de Göbekli Tepe
Portão Dourado da eclíptica
pedra do umbigo dourado
Glifos de Gosford
Grande monte primitivo
Grande pirâmide de Gizé
Grande esfinge de Gizé
Grande ano
Green, F.W. Núcleos de
gelo da Groenlândia
Griffiths, John Gwyn
Sítio de Gunung Padang
Gurshtein, Alexander

H
Haik
Hakem, Ibn Abd El Hale,
Rodney
pós alucinógenos de DMT Hamlet's Mill
Período de Hanan Pacha
Hansen, Oscar Hapgood,
Charles Haran, Menahem
Harran
Túnel Hasmoneano
Hassan, Selim Hawass,
Zahi Espelho do Céu
Heiser, Michael S.
Heliópolis
Henen-Nesut (Heracleópolis) Hermes
Hermetica
Heyerdahl, Thor
Higgins, M.D.
Hobbits (Homo floresiensis)
Hogan, Timothy
Holcombe, Troy
Homeland of the Primeval Ones (Pátria
dos Primitivos) Represa Hoover
Hórus
casas no céu
Hoyle, Fred
história humana

Hunt, C. Warren

I
Idade do
Gelo Idris
Inca de La Vega, Garcilaso
Incas
Irmandades iniciáticas
Intihuatana Inventário de
rochas Inventário de
edifícios Estela
Ilha do Ka Ilha do
Fogo
Itoh, Kazumasa

J
Jacobs, James Q.
Java
Jenkins, John Major
jökulhlaups

K
Kailey, Iksam
Kalamba
Kalasasaya
Kalayan, Haroutune
Karahan Tepe site
Guardião do Gênesis
Kennett, James
Khorenatsi, Moses Khufu
Kinzie, Carles R.
Knibb, Michael A.
Komatsu, Goro
Kronos
Krupp, Ed Pedras
de Kudurru
Kunzig, Robert

L
La Venta site
Lactantius
Lake Nasser
Lascaux site
Le Compte, Malcolm A.
Dispositivos Lewis
Libanius Lichtheim,
Miriam pilares de
leões
Liritzis, Ionnis Lohmann,
Daniel Lorenzis,
Alessandro De Luckert,
Karl
Lupakas

M
Machu Picchu
Macróbio Magli,
Giulio
Homem na escultura da
serpente Mansfield, G.R.
Mariette, Auguste
Markham, Sir Clements
Mashar, Abu Maspero,
Gaston Mayans
Mead, G.R.S.
Meinzer, O.E.

minerais derretidos
Menzies, Robert J.
Mesopotâmia
mensagem, de monumentos
meteoritos
Milne-Edwards Deep
Miyamoto, Hideyaki Morley,
Sylvanus Griswold Monte
Ararat
Monte Hermon Montanha
da Luz Muyuc Marca

N
nanodiamantes
Napier, Bill
Natawidjaja, Danny Hilman
Lendas/profecias dos nativos americanos
umbigos da terra
Nefilim Site
Nevali Cori
Nickelsburg, George W.
Arca de Noé
Inundação da calota de gelo da América do Norte

O
Oannes O'Connor,
Jim Oljiato
Ollantaytambo
orichalcum
Correlação de
Órion
O mistério de Órion
Orofino, Vincenzo Osiris
Ouranos

P
Pedra de Palermo
Palsson, Einar
Pardee, J.T.
pareidolia Parsche,
F.
Pelabuhan Ratu
Fenícios Fênix
Pilar (Göbleki Tepe)
Pinter, Nicholas Pirsig,
W.
Platão
Pisac
Plêiades
PNAS (Anais da Academia Nacional de Ciências) Estrela Polar
Monólito de Ponce
Popol Vuh livro sagrado
ciclo/números de precessão
Puma Punku
Pirâmide de Khafre
Pirâmide de Khufu
Textos das pirâmides
Pirâmides de Gizé

Q
Terreno de Quebecia
Rainha do Oceano Antártico Quetzalcoatl
Quirke, Stephen

R
datação por radiocarbono
Ragette, Friedrich
Rappengluck, Michael
Reymond, Anne Elizabeth
amaciamento/aquecimento de
rochas habilidades de
construção romanas Rundle
Clark, R.T.

S
Sabians
Sacsayhuaman
Sanchuniathon
Sanginés, Carlos Ponce
Sanliurfa
Santillana, Giorgo de
Santos, Arysio Scablands
Schmidt, Klaus
Schoch, Robert
Mudança no nível
do mar Selo de
Salomão
processo de selamento e
datação Sete Sábios
xamanismo Shanti,
Desril Sharma,
Mukul Shaw, John
Shetiyah megalito
sinais, em código de precessão
Sitchin, Zecheria Soennichsen,
John Templo de Salomão
Olho sonoro
de Sólon
agências espaciais
Spedicato, Emilio
spherules Spooner,
Ian
Equinócio da primavera, Göbekli Tepe
Stadelmann, Rainer
namoro com estrelas
adoração às estrelas
software Stellarium
stereobates Stevens,
George
Pedra da Mulher Grávida datação
estilística
teoria do reservatório
subglacial Ilha de Sulawesi
Sumatra
solstício de verão, Göbekli Tepe
Sundaland
Sobrenatural
datação por luminescência de superfície

T
Taautos
Conto do Marinheiro Náufrago Fluxo de
meteoros taurídeos
Local de Tell Idris
Templo de Baco
Templo de Hórus
Templo de Júpiter
Templo da Lua
Templo do Deus da Lua Monte
do Templo, Jerusalém Templo
da Fênix Templo de Sais

Templo de Vênus
Teodósio
teriantropos Thoth
Relação triangular
3:4:5 Thy, Peter
Tiahuanaco Toraja
Torres, Constantino Manuel
Tosaka, Hiroyuki
Pólo de totem, Göbekli Tepe
Toxodon
Trilithon (Baalbek)
Tugu Gede Evento
de Tunguska
Turan, Mehmet Ergun
Complexos subterrâneos turcos

U
Parede em forma de U,
Baalbek Período Ukun
Pacha Submundo
Unver, Hasan
Uoke
Idade do Paleolítico
Superior Upton, Dell
Ur
Período Uran Pacha
Urquhart, David

V
Vafiadou, Asimina
VanderKam, James C.
Viracocha, Kon-Tiki von
Dechend, Hertha Vyse,
Howard

W
Observadores
Wegener, Alfred
Well of Souls
West, Allen
West, John Anthony Westcar
Papyrus Wickramasinghe,
Chandra Wild Nile
solstício de
inverno O Sábio
Wood, Robert

X
Xenofonte

Y
Yardimci, Nurettin
Yima
Impacto do cometa Younger Dryas
Período do Younger Dryas

Z
Zend Avesta
Zep Tepi Zeus
Zisudra/Xisouthros Zivie-
Coche, Christiane
Constelações zodiacais
Lenda zoroastriana

Créditos de fotos e gráficos:

Créditos das fotos:

Todas as fotos de **Santha Faiia**, exceto:
Placas 1 e 62, **Nico Becker**, Instituto Arqueológico Alemão, Departamento do Oriente. Placa 7,
Klaus Schmidt, Instituto Arqueológico Alemão, Departamento do Oriente.
Placa 41: **Daniel Lohmann**, que também foi o escavador do tambor da coluna.
As interpretações astronômicas do Pilar 43 em Gobekli Tepe, Placas 50 e 51, foram renderizadas em formato gráfico por **Luke Hancock**.

Créditos dos gráficos:

Camron Wiltshire (www.sacredgeometryinternational.com): Figuras aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui (com Randall Carlson), aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui, aqui,

Sobre o autor

Graham Hancock é autor de grandes best-sellers internacionais de não ficção, incluindo *The Sign and the Seal* e *Fingerprints of the Gods.* Seus livros venderam mais de sete milhões de cópias em todo o mundo e foram traduzidos para trinta idiomas. Ele é conhecido por suas palestras públicas, aparições no rádio e na TV - incluindo a série de TV *Quest For The Lost Civilization* e *Underworld: Flooded Kingdoms of the Ice* Age - *e por* sua forte presença na Internet. Ele reside no Reino Unido. Você pode se inscrever para receber atualizações por e-mail aqui.

Obrigado por comprar este
ebook da St. Martin's Press.

Para receber ofertas especiais, conteúdo de bônus e informações sobre novos lançamentos e outras leituras excelentes,
inscreva-se em nossos boletins informativos.

Ou visite-nos on-line em
us.macmillan.com/newslettersignup

Para receber atualizações sobre o autor por e-mail, clique aqui.

Conteúdo

Página de título
Aviso de direitos
autorais Dedicação
Agradecimentos
Introdução

Parte I
Anomalias

1 "Há tanto mistério aqui..."
2 A Montanha da Luz

Parte II
Cometa

3 Uma parede de água verde que destrói tudo em seu caminho...
4 Viagem pelas Scablands
5 Nanodiamantes são para sempre
6 Impressões digitais de um cometa

Parte III
Sábios

7 O fogo da próxima
vez
8 Os Antediluvianos

Parte IV
Ressurreição

9 Ilha do Ka
10 Monastério dos Sete Sábios
11 Os Livros de Thoth

Parte V
Pedras

12 Baalbek
13 E Então Veio o Dilúvio ...

Parte VI
Estrelas

14 Os portões do sol
15 O local da criação
16 Escrito nas estrelas

Parte VII
Distância

17 Montanha
18 Oceano

Parte VIII
Encerramento

19 A próxima civilização perdida?

Fotografias
Apêndice
Referências
Índice
Créditos de fotos e gráficos
Sobre o autor Direitos autorais

THOMAS DUNNE BOOKS.
Uma marca da St. Martin's Press.

MAGOS DOS DEUSES. Copyright © 2015 por Graham Hancock. Todos os direitos reservados. Para obter informações, dirija-se à St. Martin's Press, 175 Fifth Avenue, New York, N.Y. 10010.

www.thomasdunnebooks.com www.stmartins.com

Design da capa por Rob Grom

Fotografias da capa: Göbekli Tepe© Berthold Steinhilber/Redux Pictures; mapa astronômico celestial © Architecteur/Shutterstock Os dados de

catalogação em publicação da Biblioteca do Congresso estão disponíveis mediante solicitação.

e-ISBN 9781466846067

Nossos e-books podem ser adquiridos em grandes quantidades para uso promocional, educacional ou comercial. Entre em contato com o Departamento de Vendas Corporativas e Premium da Macmillan pelo telefone 1-800-221-7945, ramal 5442, ou pelo e-mail .MacmillanSpecialMarkets@macmillan.com

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha pela Coronet, uma marca da Hodder & Stoughton, uma empresa da Hachette

UK Primeira edição nos EUA: Novembro de 2015